REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

VOLUME X



Imprensa da Universidade
Coimbra, 1927

Sala A
Est. 2
Tab. 10
N.º 10

REVISTA

DA

Universidade de Coimbra

VOL. X, N.os 1-4

REVISTA

da

Universidade de Coimbra.

REVISTA

DA

Universidade de Coimbra

VOLUME DÉCIMO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1927

Comissão de redacção

QUE DIRIGIU A PUBLICAÇÃO DÊSTE VOLUME

PRESIDENTE

Reitor da Universidade de Coimbra

VOGAIS

Da Fac. de Letras...	Prof. Joaquim de Carvalho, *secretário*
Da Fac. de Direito...	Prof. José Alberto dos Reis
Da Fac. de Medicina .	Prof. João Serras e Silva Prof. Álvaro de Almeida Matos
Da Fac. de Sciências.	Prof. Júlio Augusto Henriques, *vice-presidente* Prof. Francisco Miranda da Costa Lobo
Da Fac. de Farmácia.	Prof. Manuel José Fernandes Costa Prof. José Cipriano Rodrigues Denís.

Amato Lusitano

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Amato Lusitano nos Países Baixos

Muito há que ampliar, corrigir e modificar no que escrevemos há quinze anos acêrca dos anos que Amato passou em Antuérpia [1].

Insiste êle em notar que voluntàriamente havia saído de Portugal, visto que a confissão da sua fé nos ritos mosaicos não só ali o podia prejudicar como na Itália onde escreveu as passagens em que nos baseamos.

Das impressões que recebeu deixou nas suas obras vestígio bastante. A importância comercial que Antuérpia havia adquirido é atestada pelos seus dizeres: *Antuerpiam celeberrimum totius Europae emporium* [2] ou, se acham pouco, pela sua afirmação: *Hodie omnium civitatum facile regina* [3]; e, salientando o papel que os portugueses desempenharam no desenvolvimento da cidade, escrevia com justiça: *ad quos (antuerpienses) regiae Lusitanorum classes ex India redeuntes divertere solent* [4].

Os habitantes dos Países-Baixos também lhe deixaram gratas recordações do seu trato. Tinha-as na conta de *politici et civiles* [5], em outra parte diz que os alemães eram dotados do probidade e ilustração: *Sunt certe Germani viri probi et doctissimi* [6]; mas ao mesmo tempo que os elogiava não se eximia a censurá-los quando o mereciam. Assim, chama bárbaros aos brabanções porque em todas as

---

[1] *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra.* Porto, 1907.

[2] Cur. I, cur. 2.ª. Já escrevera no seu *Index Dioscoridis: in hanc urbem Antuerpiensem tanquam celeberrimum emporium* (fol. 3).

[3] *Dioscoridis,* lib. II, enarratio 171, pág. 276 da edição-príncipe.

[4] Cent. III, cur. 67.ª.

[5] Cent. III. cur. 1.ª.

[6] *Dioscoridis,* lib. I, en. 137, pág. 135.

doenças reputavam nociva a limpeza e lavagem do leito, deixando os doentes deitados em lençóis sujos e não mudados [1].

Apesar do grande número de passagens que no capítulo III do nosso livro juntamos, a respeito de produções indígenas e procedentes do nosso domínio ultramarino, Amato ao saír da península pouco sabia de botânica e de história natural das drogas. Êle o confessa no princípio do seu *Index Dioscoridis: Dolet mihi non mediocriter quod non maiorem noscendis simplicibus in Lusitania juxta atque Hispania operam navaverim* [1], palavras que repete na primeira edição do *In Dioscoridis Anasarbei de materia medica libros quinque.* Venetis, 1553.

Foi em Antuérpia que ampliou muito os seus conhecimentos sôbre êste assunto, e já no nosso livro apontamos os recursos que para isso encontrou e aproveitou. Na freqüência da Casa de Portugal, em conversas com homens ilustrados, no convívio com farmacêuticos esclarecidos como aquele Simão de Sousa, elogiado por Laguna e Daza Chacon, e dos mercadores portugueses que buscavam o pôrto, se desenvolveu e ilustrou.

Certo é que êle afirma que não descurava meio algum de colher notícias exatas sôbre assunto que tanto o interessava, como o estudo das simplices medicinais: *apud quos (antuerpienses), magna diligentia, simplicia medicamenta investigabam* [2].

A demonstrar os seus escassos conhecimentos botânicos ficou o *Index Dioscoridis*, de que mais uma vez examinamos o único exemplar conhecido no país, o que pertence à Biblioteca de Evora, por extrema deferência do sr. Júlio Dantas, a quem gostosamente protestamos o nosso reconhecimento.

Projectava João Rodrigues Castelo Branco, nome com que assina a obra, comentar os quatro primeiros livros de Dioscorides, mas, ausente de Antuérpia, confiou a revisão a alguém que desempenhou a missão com tão pouco escrúpulo e cuidado que o autor pensou em sacrificar toda a edição, ao que alguns amigos obstaram [3].

---

[1] *Stragula quoque albissima sint decet, et minime sordida, quae sæpe immutari debent, quanquam id Teutones hodie Barbanti dicti detestentur, non solum in hoc sed quovis alio morbo, quos nos sua barbarie hoc præsertim in re detentos, rejicimus.* (Cent. III, cur. 1.ª).

[2] *Dioscoridis*, lib. IV, en. 180, pág. 463.

[3] Ne forsan mireris optime lector, quonam consilio factum sit, ut tantum duos nunc priores libros emittamus, cum tamen quatuor omnis me emissurum in præfactione pollicerer, Scato á nobis non temere id factum fuisse, adeo enim liber á quodam (nomen subticebo) cui corrigendi absens provinciam demandaram, depravatus erat, ut parum absuerit, quin in totum suppremeremus. Ne tamen omnino opus

O que dissemos a respeito dêste livro, a pág. 71 do *Amato*, não carece de rectificação alguma. As informações que dá a respeito das substâncias de que Dioscorides tratou nas duas primeiras partes da sua *Matéria Médica*, a pouco se reduzem, e muitas vezes apenas se limita o nosso médico a apresentar os termos correspondentes em diferentes línguas às designações em grego.

Algumas plantas menciona que crescem em Portugal, mas ao passo que, nos *Comentários a Dioscorides*, que publicou anos depois, indica o seu *habitat* com rigor, aqui em geral apenas escreve que se conheciam na nossa pátria. Das substâncias exóticas trazidas a cada passo a Antuérpia pelas naus portuguesas, não se mostra tão curioso como depois o veiu a ser. Certo é que afirma que a gran de paraíso a trazem os navios lusitanos da Guiné, que o linhaloes vem do Pegu e da China, que o plátano é oriundo da Guiné e do Brasil, que a pimenta branca é trazida em grande quantidade da Índia, mas se então conheceu *de visu* estes produtos, não dá a seu respeito informações desconhecidas. Também não manifesta a mesma diligência que teve mais tarde em interrogar os que em paragens distantes haviam conhecido os simplices medicinais, embora uma ou outra vez o faça, como quando ouve de alguém que vivera vinte anos em Ceilão alguns pormenores acêrca do cinamomo.

Das pessoas que conheceu nos Países-Baixos, também não são muitas as que menciona no *Index Dioscoridis*. O mais notável de todos é o valenciano Luís Vives, *viro ut in summa dicam inter græcos latinissimo, inter latinos græcissimo, inter utrosque optimo* (fl. 24).

Amato já então se relacionara com o opulento banqueiro Diogo Mendes, a respeito de quem dissemos algumas palavras no nosso livro. No seu jardim viu a *lactuca sylvestris* [1].

À lista dos médicos e cirurgiões que foram das relações de João Rodrigues, juntamos um mais que, mencionado no *Index Dioscoridis*, nos passou desapercebido nas *Enarrationes*, o do cirurgião Martinho, que vivia em Antuérpia e tinha um jardim, onde Amato viu o *Arphodelus* que ali já conhecia de Portugal e Espanha [2].

Cremos que é possível dizer para onde o nosso médico se ausentara emquanto corria a impressão do *Index Dioscoridis*. Uma ode do

---

jam dice ab aliquot amiculis petitum, illis quasi invidere viderer, permisimus ut cumque hos duos exire, tu vero lege libenter et cœteras in dies expecta *(Ad lectorem)*.

[1] *Nostra silvestris Lactuca est, quam semel hic Antuerpiæ, in horto nobibis Domini Diodoci Mendi vidi* (fl. 45 v.).

[2] *Hic tamen Antuerpiæ semel eam vidi, non nisi satam, in horto Martini Chirurgici* (fl. 52 v.).

seu parente Diogo Pires, publicada nos seus *Carmina*, intitula-se *Ad Joannes Rodericum medicum Lovanium petiturus* e uma passagem dos *In Dioscoridis Anasarbei de medica materia líbros quinque enarrationes* refere-se a ter visto a *colutea* em Lovania [1] João Rodrigues residiu ou passou por aquela cidade.

Dos produtos que de Portugal afluíam a Antuérpia alguma coisa dissemos no nosso livro, baseados no testemunho de Guicciardini. Podemos hoje aferir estas notícias por outras colhidas directamente pelo sr. Braamcamp Freire no exame dos documentos da feitoria portuguesa em Antuérpia e registadas no seu excelente estudo sôbre *Maria Brandoa a do Crisfal*. Comparando as informações de uma e outra procedência, vê-se que Guicciardini conhecia bem o assunto de que tratou. Com efeito, as substâncias medicinais que o sr. Braamcamp afirma documentalmente que constituíam objecto de comércio nos Países Baixos, eram o açúcar, o anil, o azeite, o aloès socotorino, o azougue, o pau brasil, a canela, o chumbo, o cobre, confeitos, amêndoas e conservas, o cravo, a herva lombrigueira, o estanho, o gengibre, a goma, a malagueta, o marfim, os mirobalanos, a noz-moscada, o pastel, a pimenta (da Guiné, da Índia, longa, molhada), a prata, o ruibarbo, o salitre, os sandalos, os tamarindos, o vermelhão e o vinho [2].

Identificamos a medo no nosso livro com Jerónimo Dias, que a Inquisição de Goa queimou em 1543, o médico Jerónimo a quem Amato *encontrou em Antuérpia e de quem diz: aderat quoque eo tempore nobiscum Hieronymus Lusitanus medicus qui hodie apud Indos, regis Lusitaniae mandato, magna cum gloria artem medicam exercet* [3]. E talvez fôsse o mesmo a quem se refere quando fala no médico que assistiu à mulher de um Gaspar Centurião Genovês em companhia de Dionísio e de quem diz: *Alter magni juxta nominis, Lusitanus, apud ipsos Antuerpienses diu agens* [4].

Jerónimo foi de Antuérpia para Ancona, onde Amato o introduz num diálogo que intercala na cent. I, cur. 91 e em que lhe põe na boca as seguintes palavras: *Nam et apud Indos, ubi diu artem medicam exerceo* e noutro que faz parte da cur. 98 da mesma *Centuria*.

Foi uma das incorrecções do nosso livro. Não podia ser o mesmo

---

[1] *Et Lovanium bonarum literarum nobilem academiam vidi* (*Dioscoridis*, lib. III, en. 82, pág. 325.

[2] *Arquivo Histórico*, VI, pág. 408.

[3] *Dioscoridis*, liv. IV, en 191 e 192, pág. 468.

[4] Cent. I, cur. 2.ª.

homem queimado em 1543 em Goa e estar vivo e de saúde em Ancona em 1549.

Pensamos hoje que a êste Jerónimo se refere uma denúncia que a Inquisição de Lisboa recebeu em 20 de Novembro de 1557 por parte de Gaspar Lopes, cristão velho que estava preso no cárcere. As suas declarações referiram-se aos judeus que tinha visto na Itália no ano de 1549. Tinha estado em Ferrara, em Veneza e em Ancona, e na raínha do Adriático encontrara Manuel Jerónimo, cristão novo, filho de mestre Jerónimo de Torres Novas, de 24 anos, alto e loiro da barba. A acreditar-se Gaspar Lopes, o denunciado vivia agora em Lisboa, no bêco do Chancudo. Quando os esbirros inquisitoriais procuraram êste e outros cristãos novos para os colherem, já se tinham ausentado.

Ao enunciarmos as pessoas ilustradas com quem Amato grangeou relações durante o tempo que se demorou nos Países Baixos, puzemos em primeiro lugar o célebre Erasmo, de quem ouvira de viva voz afirmar que o bacalhau corresponde ao que Plínio chama *Bacchus* e celebrar as virtudes que tem o vinho e o proveito que dêle se tira para combater a acção de alguns tóxicos [1].

Não afirmamos onde se deu o encontro com o grande humanista, mas julgamos provável que o conhecesse em Lovânia, onde existia o famoso colégio trilingue que Erasmo elevara ao mais alto gráu de esplendor. Não devia ser assim. Pela correspondência de Erasmo podemos saber onde êle residiu nos últimos anos da sua vida, quási dia a dia. Ora, desde a chegada de Amato aos Países Baixos até ao meado de 1535 o ilustre sábio viveu em Friburgo em Brisgau, onde durante quatro ou cinco meses se hospedou em sua casa Damião de Gois; desde 18 de Agôsto até à morte residiu em Basileia. Em qualquer das duas cidades se avistaria com êle, tratando-se de uma visita que a reputação de que gozava o contendor de Lutero justificava de sobra.

Dissemos a pág. 77 do nosso livro que era provável que de todas as relações de Antuérpia as que mais frequentasse fôssem as do seu amigo Luís Nunes que chegara àquela cidade quando Amato já lá residia. Lendo a biografia de Luís Nunes, tal como a publicamos a pág. 24, vê-se claramente que isto era impossível. Luís Nunes ainda em 17 de Outubro de 1541 foi nomeado lente de Terça, em que

---

[1] Sed quod asellus ut diximus pisce iste, in foris piscatoris vacchalhao dictis, sit, ab Erasmo Roterodamo, viro omnium consensu maximo viva voce accepimus. (*Dioscoridis*, lib. II, en 21, pág. 177). Vinum sapore, colore dignoscitur. & ut Erasmus Roterodamus olim viva voce superaddebat. (*Id.*, lib. V, en 7, pág. 471).

também se leu Avicena, na Universidade de Coimbra, e só em 1544 a abandonou para ir para Antuérpia onde publicou uma edição do *Dicionário* de Nebrija que ficou ultimada em Junho do ano seguinte. Os colóquios entre os dois médicos a que nos referimos na página que estamos examinando, fantasiados embora, só podiam ter lugar em Itália. ¿ Quando ?

Vejamos o que está apurado de sciência certa a respeito do lente da Universidade de Coimbra desde a sua saída de Portugal. Nos idos de Junho (13 de Junho) de 1545 estava em Antuérpia, datando dêsse dia a dedicatória a Diogo de Murça da sua edição de Nebrija. Laguna no seu *Dioscorides* (terminado em 1555) escreve: «Ayudaran-me oportunamente... el Doctor Luys Nuñez, Excellente Medico de la Serenissima Reyna de Francia».

Numa carta de Francisco Pereira, publicada por Sousa Viterbo, há uma referência a êle, dizendo que residia em Antuérpia gozando de grande crédito e já em París, onde estivera alguns anos depois que saíra do reino, trouxera essa nomeada. Os anos foram posteriores a 1545; a carta de Francisco Pereira é de 11 de Novembro de 1558.

Examinemos agora as referências de Amato. O médico judeu introduz no comentário *(enarratio)* 135 do livro I do seu *Dioscorides* um *Ludovicus* que à margem tem esta nota *Ludovicus Minius Santarenensis* com quem conversa a respeito das tâmaras e dos mirobalanos.

Dessa conversa conclui-se que os dois tenham sido companheiros em Salamanca, e o interlocutor de Amato lamentava que os seus professores tão pouco lhes tivessem ensinado a respeito das simplices medicinais e chegassem a alcunhar de simplices os que de simplices se ocupavam, etc.

Êste *Ludovicus Minius Sanctarenensis* não pode ser outro senão Luís Nunes, visto que êste era natural de Santarém e tinha sido condiscípulo de Amato. Uma simples gralha tipográfica teria feito de *Nunius* um *Minius*.

Duas páginas volvidas, tem lugar um novo colóquio entre Ludovicus e Amatus; nenhuma indicação nova encontramos à margem, mas trata-se evidentemente de Luís Nunes. Na sua boca põe Amato as palavras: *Hanc ipsam plantam quam Galenus intelligit et Dioscoridem intellexisse, Scholasticis meis, quum publice Colimbriae interpretarer, saepe dixi* [1].

Amato responde-lhe: «muito bem sei que quando ambos de Salamanca, nobre ginásio de Espanha, voltamos a Portugal, tu ensinaste

[1] *Dioscoridis*, en 137, pág. 134.

publicamente a medicina em Coimbra por nomeação régia». Essas duas passagens concordam com o que sabemos a respeito de Luís Nunes, com uma ligeira correcção aos dizeres de Amato. Quando os dois regressaram a Portugal, Luís Nunes ensinou na Universidade de *Lisboa*, e os alunos a que êle se refere em Coimbra são os que teve depois da transferência desta por ordem de D. João III, visto que êle ensinou primeiro na capital e depois em Coimbra.

Ainda nessa conversa diz que residia em Antuérpia: *quibuscum (germanorum) hodie Antuerpiae felicissime diversor.*

A dúvida que ainda possa restar no ânimo de qualquer leitor nímiamente escrupuloso dissipar-se há desde que notemos que Amato faz referência, nos comentários seguintes, à epístola que o seu interlocutor após ao *Dicionário* de Nebrija impresso em Antuérpia [1].

Outro médico português conheceu Amato em Antuérpia, Manuel Reinel, se já o não conhecia de Portugal. Não nos passou desapercebido o seu nome, mas supozemo-lo médico belga.

No *Dioscorides* diz a seu respeito que êle conheceu perfeitamente a sofisticação que os mercadores lisbonenses faziam da cysocola por meio do tincal.

Dêle forma o conceito que era médico douto e afirma que estava estabelecido em Antuérpia [2].

A primeira menção dêste nome que depois encontrámos foi na eleição para a cadeira de artes que vagou pela ausência do licenciado Orta, o justamente célebre Garcia de Orta em 9 de Novembro de 1534 e êsse documento foi publicado pelo Dr. Teixeira de Carvalho na sua memória sôbre Garcia de Orta inserta na *Revista da Universidade de Coimbra de 1914*. Um dos candidatos foi o licenciado Manuel Reinel que apenas alcançou dois votos em 18.

Nada mais sabemos dêle até à referência que lhe fez Amato nos seus *Comentários a Dioscorides* cuja primeira edição é de Veneza, 1553, mas cuja dedicatória ao Senado de Ragusa tem a data de Roma, 15 de Maio de 1551.

Completam-se as nossas informações com a denúncia feita perante a inquisição de Lisboa por Luís Franco em 10 de Dezembro de 1574 de que se publicou um resumo incompleto no *Arquivo Histórico Português*, vol. VII, pág. 160.

Segundo o que Luís Franco afirmou, Manuel Reinel era natural

---

[1] Quae tu postea in ea epistola, quam Lexico Nebrissensis Antuerpiae excuso apposuisti, ad memoriam revocasti (*Dioscoridis*, lib. I, en 138, pág. 137).

[2] Ut perfecte novit Manuel Reinelius, vir medicus doctus, qui hodie apud Antuerpienses agit (*Id.*, lib. V, en 64, pág. 487.

de Lisboa, devia ter cinqüenta e cinco anos quando o encontrara na Turquia e era muito universal nas sciências [1].

Amato Lusitano em Ferrara

O capítulo v do nosso livro sôbre Amato é consagrado à residência do médico judeu em Ferrara.

É esta parte em que o Sr. Salomon pôde juntar mais amplas ilustrações do que se colhe da leitura das obras do nosso compatriota. Em compensação afigura-se-nos que encontramos muitos elementos aproveitáveis em Joseph Ha Cohen e em Salomon Usque, desconhecidos do ilustre biógrafo alemão [2].

Hoje, além do muito que aprendemos com êste, alguma coisa também coligimos em nossas incessantes leituras. Cremos bem que, se tivessemos de refazer o nosso livro, o capítulo que substituísse o que agora comentamos se tornaria realmente interessante.

Adote-se em relação ao ano em que Amato se fixou nos domínios de Hércules d'Este a data que se julgar mais suficientemente provada, foi 1541 o primeiro ano que aí passou. Não nos deteremos em desenrolar o que escrevemos em relação às condições que Ferrara oferecia para o estudo e ao incremento que ela tomara. Bastar-nos há salientar o que Amato escreveu a tal respeito.

A quem desejasse obter conhecimento exacto dos simplices, assim como adquirir notícia completa do estado da medicina, aconselhava que fôsse a Ferrara. Os médicos daquela cidade, por influência celeste, eram doutíssimos e diligentíssimos conhecedores das coisas naturais.

Ferraria, ad quam, quicunque de re herbaria, veluti de bona medicina exactam notitiam habere desiderat, accedit consulo: .Sunt enim Ferrarienses coelesti quodam influxu favente medici doctissimi, ac rerum naturaliuum cognoscendarum diligentissimi [3].

Em outra passagem afirmara já que muito ali tinha aprendido com homens esclarecidos em anatomia e matéria médica: *multa a viris doctissimis, in re anatomica et herbaria, didicimus* [4].

---

[1] *Livro de denunciações do ano de 1560 n.º 106,* fl. 302 v.º, no Arquivo da Torre do Tombo.

[2] Não conheciamos, ao publicar o nosso livro, esta excelente memória *Amatus Lusitanus und seine Zeit,* publicada em 1900.

[3] *Dioscoridis,* lib. IV, en 3, pág. 374.

[4] *Id.,* lib. I, en 137, pág 134.

Aqui também diz que ensinou medicina, camo já escreveramos: *ubi quoque publicé artem medicam professi sumus* [1].

A universidade de Ferrara era uma das mais completas da Itália, o que é provado exuberantemente pelo Sr. Dr. Max Salomon. O seu estatuto era de grande liberdade e tolerância. Basta para o provar a seguinte disposição, tal como a resume o Sr. António Bottoni: *Nessun dovere religioso era quindi prescritto ai professori ed agli scolari, nessun freno a dottrine nuove, e liberi si lascivano il che é meglio dell'ammeterlo — il pensiero, la parola e le persone* [2].

A universidade tinha grande número de cadeiras, calculando-se que os seus professores não fôssem menos de 50. Tão elevada cifra não só prova o zêlo com que os príncipes velavam pelos estudos, mas ainda que era grande o concurso de estudantes não só da Itália, como da Alemanha, da França e da Inglaterra. Refere-se que muitas universidades italianas, por causa da retirada de professores célebres que eram chamados para Ferrara, perderam grande parte dos escolares, visto que êles acompanhavam ou seguiam os seus mestres. Isto foi sobretudo verdade para a faculdade de medicina que gosou de uma grande consideração, devida sobretudo aos insignes anatómicos que teve no seu seio, mas ainda aos professores que ensinavam a botânica médica, a cirurgia e a medicina [3].

Amato afirma que em Ferrara interpretou Galeno e Hipocrates, na mesma ocasião em que ensinou o grande jurisconsulto Alciato [4] que D. João III quís chamar a Coimbra, escusando-se êle a aceder ao convite, alegando a idade e os incómodos de uma viagem longa [5].

A afirmação do nosso compatriota levou-nos a procurar qual era o regimen dos estudos médicos em Ferrara. Pelo trabalho do Sr. Max Salomon o pudemos averiguar. Da obra de Borsetti *Historia almi*

---

[1] *Dioscoridis*, lib. I, en 137, pág. 134.

[2] *Cinque Secoli d'universitá á Ferrara*. Bologna, 1892, pág. 160. O Sr. Salomon também apresenta esta passagem.

[3] Max Salomon, *Amatus Lusitanus und seine Zeit* in *Zeitschtift fur Kliniske Medizin*, de 1900, pág. 482. O sr. Salomon baseia-se em testemunhos impressos, nenhum dos quais pudemos examinar.

[4] Oculi ingentes, foras prominentes, ut Alciatus, jurisperitissimus doctor, hac nostra aetate phoenix, habebat, qui Ferrariae leges publicé propitebatur, eo tempore, quo et nos Galenum et Hippocratum eisdem in scholis interpretabamus (Cent. VI, cur. 24).

[5] *Corpo diplomático português*, cit. por Teófilo Braga, *História da Universidade*, II, págs. 135 e 136.

Ferrariae Gymnasii, Ferrariae, 1735, transcreve êle o trecho seguinte:

«De lectura et ordine librorum legendorum. Statutum LVII.

«In Medicina, in primo anno primo legatur Liber Tegni, pro secunda lectione in mane primo legatur Liber Pronosticorum; in Nonis primo legatur Primus Avicennae excepta Anathomia et exceptis capitulis De naturis temporum secundae Fen, et excepta Tertia Fen, praeter capitulum De regimine ejus, quod comeditur, et bibitur. In secundo vero sequenti anno, pro prima lectione de mane in Medicina primo legatur Liber Aphorismorum, excepta Tertia particula, pro secunda lectione de mane primo legatur Secundus Canon Avicennae, in Nonis legantur Liber Tegni. In tertio sequenti anno, primo legatur pro prima lectione de mane Liber primus Avicennae, exceptis Anathomia, et caeteris, ut supra, pro secunda lectione legatur Quarta Fen Primi Avicennae.

Pro Lectura autem Practicae Medicinae ordinaria, infrascripto modo procedatur, videticet; In primo anno legatur Nonus Almansoris, et Fen de Stomaco Fen 2 de Matrice cototus...

«Avicennae solum illo anno legatur.

«Extraordinarie vero legatur Nonus Almansoris, quo lecto, legatur Fen de Stmaco, et Fen secunda de Matrice, sive trans Avicennae.

«Reliqui vero Fen legantur pro secunda Lectione, vel extraordinarie, prout Rectori, et Consiliariis visum fuerit.

«De modo legendi in Cirurgia. Statutum XXXXVII. Idem statuerunt, quod Doctores legentes in Cirurgia debeant legere secundum subscriptum modum, videlicet; Quod omni a principio Studii incipiant legere pro prima lectione Cirurgiam Dini, qua lecta legatur Cirurgia Galieni; pro secunda lectione legatur Septimus Almansoris» [1].

Vê-se desta longa transcrição dos estatutos da universidade de Ferrara que Avicena tinha uma grande parte no ensino. Ora, sabe-se pelas *Centúrias* que Amato escreveu um comentário à quarta Fen do livro primeiro do médico árabe, ao qual freqüentemente se refere. Assim, diz êle ter minuciosamente provado serem insustentáveis as ideas de Vesalio e Leonardo Fuchs sôbre o lugar da sangria na pleurisia, nos seus comentários sôbre a Fen quarta do livro primeiro

[1] Max Salomon, *op. cit.*, pág. 486.

de Avicena que tinha sido traduzido fielmente por Jacob Mantino, e que êle próprio, Amato, revira e pusera em melhor latim [1].

Disto colige o Sr. Max Salomon, e parece nos legítima a inferência, que Amato, além de preleccionar sôbre Galeno e Hipocrates, também teve como texto das suas lições uma parte de Avicena.

Já, porém, o dissemos no nosso livro e repetimo-lo agora: uma das sciências que Amato mais estudou com Ferrara foi a botânica médica. A cidade não tinha um jardim botânico como o que a república veneziana construira em Pádua: *In eo horto quem Illustrissima Respublica Venetorum, Herbis & fruticibus dicavit, ut in eo tanquam in promptuario quodam, omnes quoad fieri possit, plantae satae, ab omnibus videantur, et temporis necessiatate, contra quemvis morbum, eas carpere possint* [2].

O exemplo da república veneziana só fôra imitado pela Universidade de Pisa e em Ferrara supriam a sua falta os jardins dos fidalgos curiosos da botânica. Notámos já no Amato que nos jardins do magnífico Marcos Pio e do não menos ilustre Azzaioli mostrava *diligentissimis discipulis nostris* [3], ou *scholasticis* [4], respectivamente lírios de diferentes espécies, e a onosma e o helleboro negro.

Ainda hoje não sabemos quem era êste Marcos Pio, mas o nobre Azzaioli era o primeiro chanceler do duque de Ferrara, e o seu verdadeiro nome Acciaiuoli [5].

Para ampliar os seus conhecimentos buscava o convívio das pessoas que tinham feito da botânica estudo profundo.

O que primeiro nomeamos foi o ilustre anatómico Gabriel Fallopio que ainda não entrara no professorado oficial, mas já ensinara botânica médica em Ferrara. O aprêço em que o médico judeu o tinha evidencia-se ao chamar-lhe *philosophus doctissimus et cui ob plures ejus doctes, ac variam doctrinam, hodié publicé Dioscoridem interpretandi munum est Ferrariae* [6]. Há nestas palavras uma

---

[1] Cent. V, cur. 70. De Jacob Mantino conhecemos apenas o livro *Avicennae primi libri Fen prima nunc primum per Magistrum Mantinum Medicum Hebraeum ex hebraico in Latinum traslata et diligentius nuper emendata.* Patavii, Bernardinus Brindonis et Jacobus Fabianus Socii excudebant, 1547. O livro é oferecido a M. António Contareno, embaixador da república veneziana junto de Paulo III.

[2] *Dioscoridis*, lib. IV, en 153 e 154, pág. 448.

[3] *Id.*, lib. I, en 1, pág. 3.

[4] *Id.*, lib. III, en 144, pág. 358.

[5] Matthioli, *I discorsi di P. Pietro Andrea Matthioli nelle sei libri de Pedacio Dioscoride Anazarbeo della materia medicinale.* Dedicatória à princesa D. Joana, arquiduquesa da Áustria.

[6] *Dioscoridis*, lib. III, en 78, pág. 322. No texto Gabriel Falopio é designado

inexatidão. Amato escrevia em 1551, e ao tempo Falopio já não estava em Ferrara, onde também não estava o médico judeu.

Afirma-o o Sr. Max Salomon, baseando-se no testemunho de Borsetti que encontrou o seu nome no *Rotulus in Memoriali anni 1548*. Tendo nascido em 1523 em Modena, foi discípulo de Brasavola e nomeado professor de botânica no ano acima apontado. No ano seguinte foi para Pádua, onde ensinou botànica e anatomia e onde morreu a 9 de Outubro de 1562, com 39 anos de idade [1].

Não vale a pena procurar nos contemporâneos o que eles escreveram a seu respeito, visto que todos são conformes em lhe manifestar consideração pelo talento e carácter.

Faremos excepção para o médico espanhol André Laguna, que o conheceu em Pádua, para Matthioli cujo feitio azedo e atribiliário lhe concitou amargas censuras e prejudicou o mérito real e a par dêstes citaremos o seu gratíssimo Guilandinus.

Laguna deve ter passado em Pádua em 1549. Admirou a universidade, sobretudo pela diligência que manifestava em cultivar no jardim botânico todas as medicinas simples do universo e em promover freqüentes dissecções anatómicas, o que êle desejava que se imitasse em Espanha.

Em casa de Fallopia, excelente professor de medicina, viu êle uma concreção formada pela salsugem sêca e o professor modenense presenteou-o com uma porção [2].

Quanto a Matthioli, repetem-se os testemunhos de consideração acêrca de tão ilustre professor. Na dedicatória do seu imenso trabalho sôbre *Dioscorides* refere-se êle a Fallopia «leccellentissimo M. Gabriele Faloppia Modenese» que pela raridade da experiência e do engenho ensinava no florescentíssimo estudo de Pádua explicando não só tudo quanto respeitava à fábrica do corpo humano mas o que se referia à história e notícia das plantas [3].

Mas no corpo do livro testemunhos análogos surdem a todo o passo. A respeito do cardo montano diz que da sua opinião era o doutíssimo Fallopia, homem verdadeiramente raro nos nossos tempos [4].

---

por Gabriel Mutinensis, mas no índice é mencionado como Gabriel Fallopius Mutinensis. O Sr. Max Salomon identificou-o sem que a edição de que se serviu o desvendasse.

[1] Salomon, *op. cit.*, pág. 491.

[2] *Pedacio Diocoridis Anasarbeo acerca de la materia medicinal*, ed. de Salamanca, 1566, pág. 227 e 556.

[3] *I discorsi di M. Pietro Andrea Matthioli nelle sei libri di Pedacio Dioscoride Anasarbeo della materia medicinale.* Venetia, Appresso Vincenzo Valgrisi, 1568.

[4] *Id.*, pág. 38.

O desenho de uma planta tinha-lhe sido mandado pelo excelentíssimo Fallopia, médico famoso dos nossos tempos [1].

Um ramo sêco de ameixieira brava fôra-lhe mandado pelo claríssimo médico [2]. E porque é necessário pôr um têrmo a tantos louvores, transcrevemos esta última passagem em que o médico de Siena manifesta a admiração e respeito de que era capaz: *Del che riferisco e referiró sempre gratie all eccelentissimo e gratissimo medico M. Gabriele Fallopia Modenese, il quale con infinite lodi e maraviglia di tutti legge hoggi nella famosa academa di Padova la materia de simplici e del corpo humano a cui veramente per il singulare amore e affetione che egli mi porta e per l'humanitá, quale usa verso tutti é virtuosi e sinceri, mi ritrovo molto piu obligato di quello che corresponder gli possa con fatti e con parole* [3].

Ouçamos finalmente Guillandino: *Salve Gabriel Fallopi scholae Patavinae medicorum omnium, omnibus numeris longe absolutissimé: ingeniorum liberalis educator; artiumque et utriusque linguae perite: ac unice verae virtutis aestimator. Salve iterum anatomicorum, atque herbariorum coriphae, cum te vivente, non Italia modo tua, sed omnis quoque Europa salutari et admiranda prorsus doctrina fluruorit scilicet ut mox orbata te doctore, et vindice, in densissimam obscuritatis caliginem, et veteras illas tenebras inciderit. Salve etidem qui feliciter et exercuisti medicinam et loculenter docuisti in clarissimis Italiae gymnasios annos XIIX detectis, damnatis, proscriptos, é medio sublatis errorum millibus multis, aequato non modo Herophili rerum fulgore, sed etiam prope et magni Asclepiadis. Verum satis tibi non erat tot nominibns ad aeternam gloriam contendisse nisi etiam Melchiorem Guilandinum gravi aere obstrictum, ex manibus Numidorum, Maurorumque gratis redimeres* [4].

Outro botânico de valor conheceu Amato em Ferrara, o viajante inglês João Falconer, a respeito de quem nenhumas informações conhecemos, além das que se encontram na obra do médico judeu. São repetidas as referências que lhe faz, salientando todas o alto conceito que dêle formava, mas as que mais importam são as que falam no herbário que êle possuía: *Cum nomnulis viris doctissimis et rerum naturalium inquisitoribus, inter quos, mihi nominandi ve-*

---

[1] *I discorsi di M. Pietro Andrea Matthioli nelle sei libri di Pedacio Dioscoride Anasarbeo della materia medicinale.* Venetia, Appresso Vincenzo Valgrisi, 1568, pág. 237.

[2] *Id.*, pág. 287.

[3] *Id.*, lib. III, cap. 122, pág. 898.

[4] Melchioris Guilandini, *Papyrus hoc est commentariis in tria C. Plinii maioris de papyro capita.* Venetiis apud M. Antonium Ulmum, 1572, págs. 110 e 111.

niunt Joannes Falconerius Anglus, vir mea sententia cum quovis doctissimo herbario conferendus et qui pro dignoscendis herbis, varias partes orbis perlustraverat, quorum flores et varias, miro artificio, codici cuidam consitas, ac agglutinatas afferebat [1].

Algumas páginas volvidas escrevia:

Semel mihi tantum polycnemonem herbam, videre contigit et eam quidem, apud Joannem Falconerium Anglum, quem libro suo variis referta agglutinatam habebat [2].

E por último:

Ex herbis, quas Joannes Falconerius Anglus secum afferebat symphytum petraeum erat [3].

Estas passagens já as notamos no nosso livro, mas ignorávamos o valor que elas tinham. Foi necessário que lessemos o comentário que mereceram ao mais competente dos historiadores da botânica, Ernst H. F. Mayer, cujo livro só conhecemos através da citação do Sr. Dr. Max Salomon.

A minúcia da descrição do herbário do viajante inglês mostra bem que ao médico judeu era desconhecido até então êste processo de coleccionar plantas e que êle lhe reconheceu o valor que havia de ter. Porque Mayer afirma que êste herbário é o primeiro, não só da Inglaterra mas de todo o mundo, o primeiro no género de que pôde obter notícia precisa [4].

Também o Sr. Salomon alguma coisa averiguou a respeito daquele Gabriel de Gabrielis, nobre patavino, muito versado no conhecimento dos simplices e que veiu a ensinar pùblicamente em Ferrara a botânica médica, a quem nos referimos no *Amato*. Nada sabiamos a seu respeito à data da publicação do nosso livro e todavia já o Sr. Max Salomon dera algumas notícias a seu respeito. Encontrou o médico berlinês o seu nome no *Rotulus in memoriale anni 1538* publicado por Borsetti. Possuia vastos conhecimentos da língua grega e morreu em Pádua em 1553. Posteriormente encontramos lembranças suas numa obra de Brasavola que êle chama ilustre filósofo e versado no grego e na filosofia natural [5].

---

[1] *Dioscoridis*, lib. III, en 78, pág. 322.

[2] *Id.*, lib. III, pág. 340.

[3] *Id.*, lib. IV, en 10, pág. 377.

[4] Max Salomon, *op. cit.*, pág. 484.

[5] Brasavoli, *In libros aphismorum Hippocratis et Galeni Commentaria et annotationes*. Basileae, ex offisina Frobeniana. 1541. Dedicatória a Galeazzo Gonzaga. Em Vander Linden e Mercklin encontramos notícia de uma obra sua In *Quaestionem Hieronymi Boniperti, Novariensis*, de Materiae imminutione in principio morbi,

Mais amplas informações deparamos na *História da medicina*, de Renzi, e o seu nome já figurava no *Lindenius renovatus*, de Mercklin. Nasceu em Pádua em 1496, exerceu a medicina em Ferrara, depois na terra natal, mais tarde em Porto Gruaro e morreu em Pádua em 1553.

Nada acrescentaremos a respeito do homem mais notável que no domínio da medicina ensinava então em Ferrara, António Musa Brasavola. Os seus serviços e a muita amisade que unia os dois médicos ficaram suficientemente notados no nosso livro.

Amato aproveitava ainda para os seus estudos de matéria médica as farmácias de Ferrara, e dois farmacêuticos sobretudo mencionava que lhe deram informações de valor, Tomás Lucense e Nicolau Nicolucio.

A respeito do primeiro, que mostrava a Amato o aloes de Rhodes ou aspalalho, apenas sabiamos, baseados no seu testemunho, que Manardo confessa nas suas epístolas que muito aprendeu com êle [1], mas Brasarola formava dêle o melhor juízo: *pharmacopola egregius* lhe chama no seu *Examen omnium simplicium*, a pág. 257.

Acêrca de Nicolau Nicolucio, pudemos alguma coisa mais ainda apurar. A ajuízar de uma passagem de Amato parece que êle ensinou botânica em Ferrara, como Gabriel de Gabrielis: *publice rem herbariam apud Ferrarienses profitentur* [2]. Dos seus conhecimentos já ficou notada a perfeição com que preparava o azul ultramarino que vendia por elevado preço [3]. Não é, porém, só nas obras de Amato que o distinto farmacêutico é mencionado: Brasavola refere-se-lhe por mais de uma vez. Fôra êle que descobria o psílio nas vizinhanças de Ferrara e por alguns anos o exportou para Veneza com avultado lucro, e obteve de um moiro uma boceta de maná líquido que produzia maravilhosos efeitos [4] Matthioli também se lhe refere, embora o não conhecesse; apesar das referências de Brasavola e Amato, não tinha a certeza de que fôsse um boticário de Ferrara: *penso spetiale in Ferrara* [5].

Não ficavam nisto ainda as suas diligências para adquirir conhecimentos botânicos, e todavia há-de confessar-se que não eram poucas.

Discolutiones. Ejusdem de totius eracuandae materiae ratione. Explicatio, Patavii, apud Jacobum Fabrianum, 1550, in 4.°.

[1] *Dioscoridis*, lib. I, en 69, pág. 36.

[2] *Id.*, lib. I, en 3, pág. 9.

[3] *Id.*, lib V, en 16, pág. 488.

[4] *Examen omnium Simplicium medicamentorum, quorum in officinas usus est.* Lugduni, Apud Joannem Pullonum è Tridino MDXLIIII, págs. 190 e 333.

[5] Matthioli, *op. cit.*, pág. 105.

Mandava vir de longe plantas que não encontrava em Ferrara. Assim, por exemplo, o fez a respeito do *meum* e à face do exemplar estudava os seus caracteres e conferia-os com os scientistas de Ferrara: *ut simile videre contigit in quodam herba é montibus Bononiensibus ad nos delata, quam Meum esse deprehendimus, cujus radices infimae ita in spicas divaricabantur, ut spicam nardum esse, omnes videntes dicerunt, inter quos erat Gaspar de Gabrielibus, nobilis Patavinus* [1].

Se Amato estudou e ensinou a botânica e a matéria médica em Ferrara e aproveitou os meios de estudo que esta cidade lhe oferecia pela forma que vimos, consagrou-se igualmente com a mesma dedicação aos estudos anatómicos de companhia com João Baptista Canani. Já ficou isto escrito no nosso livro, mas alguma coisa nos parece conveniente aditar.

Borsetti [2] afirma que o anatómico ferrarense foi colocado como professor da universidade em 1541, pouco mais ou menos na época em que Amato apareceu em Ferrara. Brasavola refere-se-lhe neste mesmo ano, nos termos seguintes: *Accedatis et vos duo Canani, Jacobe et Joannes Batista, juvenes cum quibusvis nostra aetate in hac arte conferendi* [3].

O ensino da anatomia fazia-se pela forma seguinte: emquanto um professor dissecava o cadáver e ia notando os diferentes órgãos, outro professor, colocado num púlpito, ia prelecionando sôbre o que a dissecção ia descobrindo, apoiando-se ordinàriamente num capítulo de Galeno. Foi êste o papel que Amato desempenhou emquanto Canani manejava o escalpelo. Não tinhamos notado a passagem que confirma estes dizeres, mas ela merece destacar-se. Dirigindo-se ao seu amigo, Amato escreve: *quod ultimis iis tribus diebus mensis Novembris latitaverim minimeque ia publicum exierim, ut corpori saltem humano per te dissecto ut fieri solet, praesisterem, ac ea quae inter dissecandum dixeras, praetexta oratione, illico assistentibus resumerem, ut tenacius ea tenerunt* [4].

O Sr. Max Salomon fez notar que nenhuma dúvida pode subsistir a êste respeito, porquanto, na tempo da impressão da primeira centúria, ainda era vivo Canani que com certeza faria alguma reclamação se a narração de Amato se afastasse da verdade.

Êste método de ensinar a anatomia era seguido por toda a parte. O italiano Vidus Vidius, quando ensinou em Paris, também perorava

---

[1] *Dioscoridis*, lib. I, en 6, pág. 17.

[2] Cit. por Max Salomon, *op. cit.*

[3] *In octo libros aphorismorum etc. Dedicatoria a Galeazzo Gonzaga.*

[4] Cent. I, cur. 29.

na cátedra, e eram os barbeiros, que não tinham repugnância em sujar as mãos, os prosectores de anatomia [1].

Também se não pode por em dúvida que neste ramo dos conhecimentos médicos Amato manifestasse a maior diligência.

Durante o tempo que permaneceu em Ferrara, além dos doze cadáveres que fez dissecar para a determinação das válvulas das veias, o que sucedeu em 1547, no mesmo ano em que saíu daquela cidade, menciona a autópsia de uma mulher grávida, a que assistiu Canani [2], a de um castor efectuada na farmácia de Nicolau Nicolùcio, em 1541: *integrum castorem habuimus et eum circa testes dissecuimus* [3]; a da cabeça de um crocodilo realizada por Canani [4] e uma dissecação feita por um irmão de Vésale em que Amato igualmente colaborou:

Quum semel Ferrariae frater quidam Andreae Vesali anatomici insignis, coram me diligentissime corpus humanum dissecaveret, arrepto cultro quo probus ille juvenis secabat [5].

Não averiguámos quem era êste irmão do grande anatómico no nosso livro. Diga-se a verdade, também os vestígios da sua actividade são muito poucos. O Sr. Salomon diz que era o irmão mais novo do grande anatómico e que morreu em idade pouco adeantada. Pouco mais ou menos é o que Burggrave escreve na sua monografia sôbre Vesale. Êste irmão chamava-se Francisco e estudou igualmente anatomia; condescendendo com a vontade dos pais, consagrou-se primeiro ao direito, mas cedendo a uma vocação irresistível, voltou aos estudos médicos, não lhe permitindo uma morte prematura que os terminasse [6].

Mais do que qualquer dos dois, escreveu de si Francisco Vesale na dedicatória da obra de seu irmão *Epistola rationem modumque propinandi radicis chinae* a Cosme de Medicis e datada de Ferrara aos 3 dias de Agôsto de 1566.

Depois de ter afirmado que se demorou em Pádua alguns meses, acrescenta: *Ego nunc, qui subinde juris studio contra animi ad medica proclivis sustententiam, á parentibus adhibitis et rursus ab illo*

---

[1] Malgaigne, *Oeuvres completes d'Ambroise Paré*, I, Introdution, pág. CCXLI. O mesmo se colige do *Anatomica methodus* de André Laguna que também estudou em Paris.

[2] Cent. I, cur. 27.

[3] *Dioscoridis*, lib. II, en 23, pág. 178.

[4] *Id.*, lib. II, en 59, pág. 302.

[5] Cent. I, cur. 61.

[6] *Histoire de l'anatomie*, 3.ª edition. Paris, 1880, pág. 35.

semper resiliens multisque peregrinationibus, quibus nihil praeter variam linguarum peritiam comparavi [1].

A confirmar as relações entre Amato e Francisco Vesale, encontrou o Sr. Max Salomon uma referência na obra de André *Anatomicorum Gabrielis Falopii observationum Examen Venet,* 1564, a pág. 84, que apenas conhecemos na edição de Boerhave: *Amatus namque, internarum venarum com externis proponit, quae a me nunquam sectione est animadversa... Verum, mox deprehendi, illum fratris mei piae memoriae autoritate (ut is mihi praesens enarravit) abuti, et venas ex thoracis cavitate por costarum intervalla excidentes et ad musculos qui thoraci passim insternuntur digestas, perperam ipsi illarum propaginum loco haberi.*

Do que fica transcrito apenas retemos que o irmão de Vesale claramente falou nas relações que teve com Amato. Não merece detenção a insinuação de que o nosso compatriota abusou da autoridade de Francisco Vesale e só pode resultar de um equívoco de André, porque nunca Amato invocou o testemunho de Francisco na questão em que se empenhou.

Mencionamos no nosso livro os médicos com quem Amato estabeleceu relações em Ferrara; o Sr. Salomon apenas indicou muito poucos e relativamente aos farmacêuticos curiosos de investigar as substâncias medicinais em que acima falámos nem sequer há menção.

Um dos médicos que lhe não mereceram uma palavra foi o físico de Renata, duquesa de Ferrara, António Luceus. Também, a não ser a nota de Amato, nenhumas informações obtivemos a seu respeito.

Não logrou igualmente uma lembrança do ilustre médico berlinense o nome de Vicente Caprili de quem Amato faz menção, escrevendo: *Ut olim senex bonus Vincentius Caprilis medicus Ferrariensis mecum contendebat* [2].

Não merecia tal esquecimento um homem que tanto apreciavam Manardo e Brasavola. O primeiro dirigiu-lhe três das suas epístolas em 1522; na de 1 de Julho escrevia-lhe:

Quis enim á laudato viro laudatus non laetitur ?

Não reputava menos o seu colega o médico de Hérculos II. Para o facto do polemonio de Dioscorides ser coisa diferente da arruda chamara a sua atenção o seu professor Leoniceno e Brasavola notava que o tinha confirmado o doutíssimo Vicente Caprili [3]. Discutia com

---

[1] Edição de Boerhave, II, pág. 620.

[2] *Dioscoridis*, lib. III, en 82, pág. 325.

[3] *Examen omnium simplicium medicamentorum quorum in officinis usus est.* Lugduni, 1544, pág. 99.

êle se a matricaria era o partenio e manifestava satisfação por terem chegado a acôrdo em que o não era [1].

Mais passagens encontramos em que António Musa lhe confessa consideração e respeito, e sempre que o nomeia é para lhe chamar *doutíssimo*.

Passou-nos desapercebido no nosso livro um homem ilustre que Amato conheceu em Ferrara e o mesmo sucedeu ao Sr. Max Salomon: João Sinapius. Quando o médico português se lhe refere é para notar que êle aceitava o modo de ver do Pandetario, *cujus opinionem Joannes Sinapius Germanus vir rara eruditione praedictus, tanquam veram, quum mecum de hac re disererit, afirmavit* [2].

Era efectivamente alemão, como afirma o nosso compatriota, natural de Schweinfurt na Franconia e morreu em 1562. Percorreu a Itália onde obteve a confiança de Hércules d'Este que o nomeou seu primeiro médico. Na mesma qualidade passou depois ao serviço do bispo de Wurtzburgo. Nenhum trabalho médico publicou, afirmando uns que escreveu uma história da sua terra e Van der Linden que traduziu em latim alguns livros de Luciano [3].

Manardo formava dêle o mais elevado conceito. Louvava-lhe a erudição linguística e dizia que poucos na Itália se lhe podiam comparar no conhecimento da medicina [4].

Brasavola mais de uma vez se refere ao seu ilustre colega. Chama-lhe conhecedor das belas letras e seu discípulo em filosofia natural [5].

Em outro livro reforça o conceito que estas palavras traduzem [6].

Andavam no século XVI freqüentemente aliadas as sciências às letras.

Lilio Giraldi fala em João Sinapius e afirma que ninguém com tanta fidelidade vertia canções toscanas [7].

Em compensação, a respeito do cirurgião Francisco Magnífico

---

[1] *Examen omnium simplicium medicamentorum*, pág. 111.

[2] *Dioscoridis*, lib. I, en 70, pág. 68.

[3] Dechambre, *Dictionnaire Encyclopedique*, 3.ª série, IX, pág. 742. Podemos confirmar a asserção de Van de Linden, visto que numa edição das obras de Luciano (Biblioteca Municipal do Pôrto) encontramos a versão da *Tragopodaga*, feita por João Simpius em versos latinos.

[4] Manardo, *Epístolas* (edição de Basilea, 1511), pág. 564.

[5] *Examen omnium simplicium medicamentorum*, pág. 491.

[6] *In octo libros aphorismorum. Hippocratis et Galeni, Comentaria et annotationes*. Dedicatória a Galeazzo Gonzaga.

[7] Lilii Gregorii Gyraldi, *De historia poetarum dialogus quintus*. Ferrariae, 1541, II, pag. 409.

de quem confessamos no Amato que nada sabiamos, encontrou o Sr. Salomon meio de o identificar. O nosso compatriota reputava-o *insigne* na referência que lhe faz a respeito do tratamento de um tumor mamário [1]. O cirurgião era João Francisco Rossi, célebre doutor em filosofia e medicina, discípulo de Brasavola e em 1537 era reitor da Universidade [2].

No nosso empenho de conhecer as pessoas de distinção que Amato conheceu em Ferrara mencionamos Diana d'Este que fazia parte da família do duque de Ferrara. Afirma o médico judeu que a conheceu, mas quem lhe prestou socorros numa abundante hemorragia nasal foi Brasavola. É o próprio Amato que o afirma: *Dianam Estensem novimus, a cujus naribus sanguinis librae viginti duae prodierunt et tauricè valet: ut quoque illius Brasavola Commentariis Aphor. ter meminit* [3].

Não encontramos a passagem citada pelo nosso compatriota, mas no *Examen omnium simplicium medicamentorum* há uma referência à *ilustrem Dianam Estensem Contrariam, mulierem dignam ut altiori tuba decantetur á fluxu sanguinis narium immunem feci* [4].

Notamos também o nome de Ariosto, não o do grande poeta do Orlando furioso, visto que êste falecera em 1533.

O passo que lhe diz respeito é êste: *Ut ea (framboesa) ad ripas Padi, vigentique milliaribus a Ferraria gustavimus, praesertim quum Ariostum doctissimum et gravissimum ac Herculis illustrassimi ducis Ferrariae negotiatorem, Milliarii oppido á morbo liberavimus* [5].

Identificamos o Ariosto a quem Amato se refere com um irmão do poeta de nome Galorso que foi embaixador do duque de Ferrara em Ingolstadt. Temos hoje algumas dúvidas a tal respeito. Amato refere-se em outra passagem a um jazigo de petróleo que existia próximo de Modena, principalmente no monte Gilio. Se Milliarium corresponde a Sassuolo, nas faldas dêsse monte, é mais provável que se quizesse referir a Francisco degl'Ariosto, chamado Princivalle e que gosou fama de filósofo, médico e jurisconsulto exímio [6].

Interessam-nos muito mais os compatriotas que por lá se encontraram com o médico judeu.

Apontamos no nosso livro Diogo Pires que em 1543 estava em

---

1 Cent. I, cur. 31.

2 Salomon, *op. cit.*, pág. 493.

3 Cent. II, cur. 100.

4 Pág. 80.

5 *Dioscoridis*, lib. IV, en 40, pág. 393.

6 Renzi, *Storia della medecina in Italia*, II, Napoli, 1843, pág. 318.

Veneza e antes em Ferrara. Nas suas *Enarrationes* introduz Amato um interlocutor de nome *Pyrrhus Lusitanus doctissimus et Amati consanguineus* [1].

No mesmo colóquio entra Brasavola, e portanto não pode haver dúvida de que é em Ferrara que a scena se passa, o que outras passagens confirmam. Existe na Biblioteca Municipal do Pôrto uma obra raríssima de Diogo Pires [2] e nela há uma dedicatória a Baptista Egrantio datada de Ferrara nas calendas de Fevereiro de 1543. Aqui encontramos confirmação do encontro dos dois primos.

Na Centuria I topamos com a observação de uma *Ana consanguinea, Stephani Pyrrhi uxor...* [3]. Supuzemos da identidade do apelido que Estevão Pires fôsse irmão do Diogo acima citado, mas nada pudemos até hoje averiguar a tal respeito.

Outros nomes de portugueses residentes em Ferrara se encontram nos livros de Amato, mas nenhum obteve notoriedade que lhe mereça tirá-lo do esquecimento. Há, porém, uma familia Pinto que talvez justifique algumas indagações que não estamos em circunstâncias de empreender com proveito. Esta familia estava relacionada com os ricos banqueiros de Antuérpia, Mendes, a quem nos referimos, mas ainda voltarão a ocupar-nos. Um dêsses Pintos, Sebastião, devia ser um negociante rico e generoso. Em vida de Diogo Mendes mandou-lhe de Ferrara por conselho de Amato, *meis votis*, uma porção de conserva de rosas, mas não se limitava a êle o presente, enviava-o a outros magnates, *tamquam donum praecipuum et sanitate humanae deserviens* [4].

Além disto, devia ser homem ilustrado, porquanto o poeta Diogo Pires lhe chama homem doutíssimo e em sua casa recitou o seu poema latino que se refere à infeliz campanha de Carlos V na Algéria [5]. Amato tratou-lhe da mulher que em seguida a um parto foi acometida por um tumor maligno do seio, a que sucumbiu.

De outro Pinto, Dionísio, de cujas relações de parentesco com o primeiro nada sabemos, tratou de um filho que morreu de dezoito meses de uma estomatite ulcerosa [6] e da mulher a quem assistiu a um parto, em que as secundinas tinham alguma semelhança com uma rã [7].

---

[1] *Dioscoridis*, lib. I, en 148, pág. 143.

[2] Didaci Pyrrhi Lusitani, *Carmina liber unus*. Apud Franciscum Rubrum. Ferrariae, 1545.

[3] Cent. I, cur. 27.

[4] *Dioscoridis*, lib. I, en 120, pág. 121.

[5] *Carmina*.

[6] Cent. I, cur. 17.

[7] Cent. I, cur. 27.

Também dissemos no nosso *Amato* que o médico judeu se encontrou ali com Samuel Abrabanel, membro da ilustre família que bracejou por toda a Europa, depois de fugida de Portugal. Samuel Abrabanel, o filho mais novo de Isaac, foi efectivamente fixar-se em Ferrara em 1540 ou 1541, depois de ser permitido aos judeus viverem sem que trouxessem sinais distintivos [1].

Todavia o Samuel Abrabanel de quem Amato nos conta a morte derivada da ingestão de umas pílulas de escamoneia tomadas intempestivamente: *et Ferrariae in Samuele Abarbanelio, qui ob epotas sic pilulas vitam cum morte commutavit* [2] não podia ser o patrono dos seus irmãos em crença cuja vida sumàriamente expuzemos no nosso livro.

Êste morreu em Ferrara em 1551, quer dizer, quatro anos depois de se ter ausentado Amato daquela cidade.

Amato Lusitano em Veneza

Temos outra inexatidão no que afirmámos ao dizer que Amato se dirigiu a Veneza posteriormente à sua saída de Ferrara. O Sr. Max Salomon incidiu no mesmo êrro. Não foi assim; foi de Ferrara que êle passou a Veneza e a Ferrara voltou.

Veneza é para êle, como outras cidades que visitou, a rainha de todas as cidades, mas acrescenta, o que não diz a respeito de outras: *inter mundi habita mirabilia merito digna* [3].

Escrevemos que o nosso compatriota aí conheceu e tratou o famoso embaixador de Carlos V, Diogo Hurtado de Mendoza, o que é verdade, mas as poucas palavras que a seu respeito escrevemos, além de insuficientes, contém algumas asserções erradas. O *Lazarillo do Tormes* que lhe atribuímos não é obra sua, e a própria *Guerra de Granada* também há hoje quem lh'a conteste.

Tivemos ensejo, no nosso *André Laguna*, de publicar algumas informações mais circunstanciadas acêrca do ilustre embaixador.

Alguma coisa mais se encontrará no que segue.

Ficaram notadas no nosso livro as passagens de Amato que se lhe referem.

---

[1] Graetz, *Histoire des juifs*, V, Paris, 1897, pág. 74.

[2] *Dioscoridis*, lib. IV, en 171, pág. 458.

[3] Cent. III, cur. 74.

João Rodrigues fôra a Veneza onde encontrou doente o embaixador de Carlos V, tratou-o e curou-o [1].

Nessa ocasião viu uma colecção de pedras raras que o embaixador reünira. Um irmão dêle que fôra vice-rei de Novo Mundo trouxera-lhe, entre outras, um ídolo feito de thyite, jaspe verde de que Laguna afirma que se faziam os almofarizes [2].

O ídolo tinha quási um côvado de altura e era vasado com um buraco profundo, de largura não superior à palma da mão [3].

Em outra passagem afirma que o embaixador espanhol possuía um espelho de jaspe que mandara fazer de um bloco de que lhe fizera presente o irmão serrando-o e obtendo três lâminas brilhantes e polidas. O jaspe era duríssimo e o canteiro que o lavrara exigira avultado estipêndio pelo seu trabalho [4].

Citadas estas passagens, digamos o que hoje sabemos de Diogo Hurtado de Mendoza. Nasceu em Granada em 1503 e pertencia a uma das famílias mais ilustres da Espanha que descendia do Cid Campeador. O bisavô fôra o célebre marquês de Santillana; o avô embaixador junto da Santa Sé e o pai o famoso marquês de Mondejar e de Tendilla, que se assinalou na guerra de Granada e foi nomeado governador e capitão-general da mesma cidade. O moço Diogo que era o mais novo de cinco irmãos (o segundo era António, marquês de Cañete, vice-rei e capitão general da Nova-Espanha e do Peru) recebeu a sua primeira educação na terra natal, onde teve por companheiro de estudos um pobre rapaz que havia de ser conhecido pelo nome de Fr. Luís de Granada, e freqüentou depois Sala-

---

[1] *Nam Venetias fueram, ubi divum Didacum Mendocium Caroli Quinti imperatoris, apud ipsos Venetos vigilantissimum oratorem aegrotantem, inveni et curavi.* (Cent. I, cur. 31).

[2] *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal*, Salamanca, 1566, lib. VI, cap. CXI, pág. 562.

[3] *Cum annis superioribus Venetiis apud ilustrem et magnificum dominum Didacum Mendozam Hurtadum, in ea republica vigilantissimum oratorem caesareum agerem, frater ejus Prorex apud Novum orbem, ad eum nonnullos lapillos misit, inter quos idolum quoddam erat de thyite lapide fabrifactum, quid incolae illi pro Deo adorabant.* (*Dioscoridis*, lib. V. en 113, pág. 509).

[4] *Jaspidis plures et variorum colorum species communissimae sunt, ex quorum altera pellucida, inter lapillos illos, quos Dominus Didacus Mendocius Hurtadus, à fratre Prorege acciperat, speculum erat, quod non aliud quam jaspis lapis erat, et ille quidem crassus, quem ob id generosissimus vir ille bis per medium secare jubebat, ut ex uno lapide, tria evidérent specula non nisi clariora, ac magis pellucida. Erat enim lapis ille, si recte teneo, comunioris jaspidis colore, sabstantia durissimus: qua de causa, lapicida eum secare, nisi magna pecunia esset donatus recusabat, plures enim serras in eo rumpi, inculcabat.* (*Dioscoridis*, lib. V, en 110, pág. 510).

manca, onde além do grego, estudou o direito civil, com o propósito de seguir a carreira eclesiástica. Dessa passagem por Salamanca encontramos, nos seus versos, lembranças fugídias:

Mas allá en la corrente
Del Tormes caudaloso
Cantó con Nemoroso

Apesar de ter recebido ordens menores, não o impediu isso de entrar na vida do século.

Pretende-se que assistiu à batalha de Pavia (1525) e dois anos mais tarde foi em missão a Veneza, o que o ilustre historiador da literatura espanhola James Fitz Maurice Keller considera erróneo [1]. Bateu-se ao lado de Garcilasso em Tunis, onde manifestou uma grande intrepidês e em 1537 foi mandado como embaixador extraordinário a Inglaterra para negociar um casamento entre Henrique VIII e a duquesa de Milão, e outro entre Maria Tudor e o nosso infante D. Luís, irmão de D. João III.

Não foi bem sucedido nesta missão e a sua residência em Inglaterra deixou-lhe dolorosa impressão:

Maldije el viento porque te llevaba
Maldije á Tamisa con sua ondas;
Maldije la ribera que bañaba.
Dije: hundiese me en las aguas hondas,
Y no bubiese memoria de que fui;
Que es de mi bien? Tamisa no le escondas...

Da Inglaterra passou aos Países Baixos e há cartas suas datadas de Breda a 14 de Setembro de 1538. Recebeu depois a missão de substituir em Veneza o embaixador D. Lopo de Soria, tendo as instruções que recebeu a data de 19 de Abril de 1539.

Desempenhou êste cargo ao menos desde Outubro dêste ano e a sua embaixada, muitas vezes interrompida por missões especiais em Trento, em Siena e outras partes, continuou até 1547.

Foi por 1546 que êle se relacionou com o médico português. Depois ainda teria uma longa carreira a desempenhar.

Nomeado representante de Carlos V no concílio de Trento, a sua energia deu lugar ao rumor de que receberia um bispado do imperador e um cardinalato do papa Paulo III. Não sucedeu assim; ficou em Roma até ao fim do pontificado de Júlio III (1550-1555). Seguindo Lopez de Gomara, o seu procedimento nos negócios de Siena deu motivo para desagrado, o que parece não se confirmar;

---

[1] *Litterature espagnole*, 2.e edition. Paris, 1913, pág. 199.

segundo outros, maguou o amor próprio de Júlio III pelos seus modos imperiosos.

O médico espanhol André Laguna ofereceu-lhe em 1 de Dezembro de 1548 as suas *Annotationes in Galeni interpretes*, quando o ilustre diplomata estava acreditado junto de Paulo III, ao agitar-se a grave questão da transferência do concílio de Trento para Bolonha em que o papa resistia tenazmente às instâncias do representante do imperador e em que ambos sustentavam as causas que defendiam com a mesma teimosia, a mesma acrimonia e a mesma violência. Mas as dificuldades da missão que desempenhava não o faziam esquecer do seu amor às letras. Diz D. Francisco de Portugal que Mendoza indo para Roma pela posta levava na mala o *Amadis de Gaula* e a *Celestina*, em que encontrava mais substância que nas *Epistolas de S. Paulo* [1].

Laguna, enumerando os motivos que o levavam a oferecer-lhe o seu livro, punha em relêvo que os estudiosos o tinham por único patrono das letras, apreciavam a sua variada erudição e admiravam as suas insignes qualidades que raro se encontravam reünidas num só homem.

Não era lisonja, era justiça. Mendoza mandava vir de Veneza uma colecção de manuscritos gregos que passavam de mão em mão e assim se formou uma espécie de academia aristotélica, visto que o filósofo stagirita era o autor predilecto. Êle mesmo traduziu a *Mecânica* de Aristóteles que só recentemente foi publicada [2].

Regressando a Espanha, ainda foi empregado em algumas missões e entre elas numa ao nosso país que não sabemos com que objecto, nem precisamente em que época. D. Francisco de Portugal conta uma anedota em que o faz assistir ao jantar do cardeal D. Henrique, inquisidor geral. De resto, quando estava em Itália, a nossa acção diplomática junto da Santa Sé esteve sempre subordinada à do diplomata espanhol [3].

Tudo, porém, é incerteza nos últimos anos da sua vida que se diz terminada em Abril de 1575.

Fizemos notar que ao embaixador espanhol deveu Amato conhecer Jacob Mantino, acêrca do qual publicamos algumas noticias, colhidas principalmente em Kaiserling, confrontando os seus dizeres

---

[1] D. Francisco de Portugal, *Arte de galanteria*, Lisboa, 1679, pág. 49.

[2] *Revue hispanique*, V, pág. 367.

[3] Corpo diplomático português, Carta de Baltazar de Faria a D. João III, de Roma, 12 de Junho de 1549; instruções ao comendador mór D. Afonso de Lencastre, de 13 de Agôsto de 1550.

com o que escreveu o médico português. Hoje alguma coisa mais podemos dizer a seu respeito baseados em Graëtz, no artigo que lhe consagrou Isaac Broydé na *Jewish Encyclopedia* e ainda na *Geschichte der Juden in Rom*, do Dr. Paul Rieger.

O seu nome completo era Jacob ben Samuel Mantino e procedia de Tortosa donde a família saíu por ocasião da expulsão dos judeus da península e onde êle próprio talvez nascesse. Estudou medicina e filosofia em Pádua e Bolonha e depois de graduado estabeleceu residência nesta última cidade e consagrou os seus ócios à tradução de obras scientíficas de hebreu em latim que lhe deram grande reputação e lhe conquistaram o aprêço dos altos dignitários da côrte do papa Clemente VII.

A guerra de 1527 obrigou Mantino a abandonar os estados pontifícios e foi para Verona onde o novo bispo Gilberto o protegeu. No ano seguinte, Gilberto abandonou Verona e Mantino decidiu-se a estabelecer residência em Veneza onde o Conselho dos Dez o isentou de trazer o barrete indicativo da sua origem hebrea, privilégio que a princípio lhe foi concedido por alguns meses, perante a representação dos embaixadores de França e da Inglaterra, e de outros dignitários que êle contava entre os seus doentes. Ao expirar o praso prescrito, Mantino encontrou um protector influente num outro cliente Teodoro Trivulce, marechal de França e governador de Génova, que, alegando os próprios serviços à República veneziana, insistiu em que o Conselho lhe concedesse isenção perpétua.

Os esforços de Henrique VIII para anular o seu casamento com Catarina de Aragão, sob o pretexto de que êle era contrário à lei bíblica e que a dispensa obtida de Júlio II era destituída de valor, acarretaram dificuldades a Mantino. O rei de Inglaterra mandou Ricardo Croke à Itália para obter opinião favorável à sua pretenção e êle dirigiu-se ao sábio judeu, assim como a diversos letrados cristãos. Clemente VIII, pelo seu lado, consultou Mantino que decidiu contra Henrique. Esta decisão criou ao médico numerosos inimigos em Veneza, mas Croke encontrou favorável opinião no famoso médico e letrado Elijab Menahem Halfam, entre outros. Entretanto o visionário messiânico Salomão Molko, a quem Mantino enèrgicamente se opôs quando êle estava em Veneza foi para Roma seguido por êle. Tendo muitos amigos e protectores na curia romana, Mantino cedo adquiriu naquela cidade grande influência que êle empregou para perseguir Molko, chegando Graëtz a dizer que a sua condenação pela inquisição da capital da Igreja se deve ao encarniçamento do médico. Mantino atingiu a máxima influência ao subir ao sólio pontifício Paulo III que o nomeara seu médico. Esta alta situação não

o impediu de se envolver nos negócios da comunidade judia de Roma, em cujos arquivos aparece como membro do rabinado com o título de «Gaon». Mantino, por motivos desconhecidos, voltou para Veneza, onde já não era obrigado a trazer distintivos judaicos.

Cinco anos depois, acompanhou, na qualidade de médico, o embaixador veneziano a Damasco onde morreu logo depois da chegada.

Amato escreve a êste respeito:

Faxint dii, ut nobis aliquem Arabicé et Latiné loquentem mittant medicum, qui Avicennam latiniorem ac incorruptiorem faciat, conficerat enim opus hoc Jacobus Mantinus Hebraeus vir multarum linguarum peritissimus, ac medicus doctissimus, qui jam nonnullas partes Avicennae doctissime interpretatus fuerit, Veluti primam Fen primi libri et quartam primi, et primam Fen quarti ac nonnullae aliae, nisi malus quidem genius eum à tam felici successu retraxisset. Convocaveram enim ego hominem, quum Venetiis agerem, ad hoc complendum opus, et jam in hanc meam haeresim hominem traxeram, nisi patricius quidem Venetus Damascum Syriae civitatem petens, ut ibi publicus esset negotiator secum duxisset, a quo itinere Divus Didacus Mendocius, Caroli Quinti imperatoris apud Venetos vigilantissimus orator, illum nunquam retrahere potuit, ubi intra paucos dies vitam cum morte commutavit [1].

Mantino traduziu os seguintes comentários de Averroes: *Paraphrasis Averroes de partibus et generatione animalium*, com o *Comentário de Levi ben Gersbon* (dedicado ao papa Leão X, Roma, 1521); *Comentário sôbre a Metafísica*, de Aristóteles; *Comentários sôbre a Isagoge e os livros I e IV dos Tópicos e Poética* (Veneza, 1550); *Comentário sôbre a República*, de Platão; proémio ao largo comentário sôbre a *Física* de Aristóteles; *Comentário sôbre o terceiro livro de Aristóteles sôbre a alma;* proémio ao livro XII da metafísica do mesmo filósofo e ainda o comentário sôbre a *Física* do mesmo autor. Traduziu também o *Colliget* de Averroes; o primeiro livro do *Canon*, de Avicena e o *Shemonak Perakim*, de Maimonides.

Dêstes livros apenas conseguimos ver o *Avicennae primi liber fen prima nunc primum per Magistrum Mantinum Hebraeum ex hebraico in Latinum translata et diligentius nuper emendata.* Patavii, Bernardinus et Jacobus Fabrianus Socii excudebant MXLVII. A obra é oferecida a M. António Contareno, embaixador da república veneziana junto de Paulo III.

---

[1] Cent. I, cur. 1.ª.

As relações de Amato com Jacob Mantino ficaram suficientemente notadas no nosso livro (pág. 102).

Não assim as que manteve com o anjo tutelar dos judeus, a benemérita Gracia Nasi, a respeito da qual demos os traços biográficos principais.

Sôbre o encontro do médico português com ela apenas notamos que ela tinha adquirido por cento e trinta ducados de oiro uma pedra bazar quási do tamanho de um ôvo a um nobre português que tinha sido vice-rei da Índia [1].

Há outra referência àquela senhora. Um médico de Veneza prescreveu-lhe um purgante não muito diferente do xarope das nove infusões do qual disse Laguna que é a mais saúdável e católica medicina de quantas Deus criou e da qual Amato escreveu que era o mais seguro e prestante purgativo. A medicina, produziu, porém, em Beatriz de Luna, nome que Gracia Nasi usava na Itália, excoriações na língua e nas fauces e erosões no estômago. Vacilou a doente sôbre se devia atribuir estas lesões à doença ou ao medicamento. Amato, que sabia que êste às vezes era tóxico, *ferè venenum*, aconselhou-lhe que se abstivesse do seu uso [2].

Notamos que Amato prestou em Veneza serviços diários a uma mulher casada com o probo varão Afonso da Cavalaria [3], provàvelmente português. Não era. Os Cavalarias eram nativos do Aragão; diz Amador de los Rios que formaram uma família ilustre e poderosa, não só pela sua riqueza e sciência, mas também pela claridade da sua estirpe e pela sua numerosa prole. Entre os seus membros, vemos notado em 1331 um Iudas de la Caballaria, médico de quem a raínha D. Leonor, sabedora de que as ordenanças de Saragoça, relativas à clausura da Judiaria, eram obstáculo para que de noite acudisse em socorro de muitos doentes cristãos que reclamavam o seu auxílio, concedia que pudesse a deshoras sair daquele recinto, mandando com êsse fim aos jurados que se abrisse um postigo mais perto da sua casa [4].

Na sua maioria, os membros desta família converteram-se ao cristianismo. À data da conversão, a família compunha-se de dois ramos; de um dêles era chefe Dom Bienvenis e seu filho D. Vital, que tomou no baptismo o nome de Gonçalo; do outro era cabeça

---

[1] *Dioscoridis*, lib. II, en 39, pág. 188.

[2] *Id.*, lib. I, en 120, pág. 121.

[3] Cent. 3; cur. 32.

[4] D. José Amador de los Rios, *Historia social, politica y religiosa de los judios de España*, III, pág. 98.

Dom Bonafós que foi grandemente respeitado no cristianismo com o nome de Micer Pedro de la Caballeria.

A falta de sucessão masculina pôs termo à influência de Gonçalo que passou para a família dos Paternoys, oriundos do partido de Verdun; a numerosa prole de D. Bonafós e de seus irmãos aumentou e perpetuou no segundo ramo a antiga preponderância, mercê de muitos serviços prestados ao estado e dos seus vantajosos enlaces.

Eram oito os irmãos de D. Bonafós e ao tomar êste a inciativa da conversão todos a aceitaram. Tais foram D. Simuel que recebeu, como Dom Bonafós, o nome de Pedro; D. Achab, que se chamou Mosen Felipe; D. Simuel Aben Jehudad, João; D. Isahak, Fernando; D. Abraham, Francisco; D. Selemoh, Pedro Paulo e Luís, cujos nomes hebraicos não chegaram a registar-se, porque receberam muito crianças o baptismo. Dêstes ilustres conversos Pedro (Simuel) gosou de grande autoridade no clero, como prior de Egea; Mosen Felipe alcançou a representação de cavaleiros e infanções nas Côrtes do reino; Fernando recebeu a mesma honra do braço das Universidades, depois da sindicatura e procuração que lhe foi concedida pela cidade de Saragoça, e Luís foi designado pelo rei da Navarra para o cargo de Tesoureiro-mór. Menos felizes, João, Pedro Paulo e Francisco lograram, todavia, riquezas apreciáveis e com elas nobres alianças.

A figura primacial da família ficou sendo Micer Pedro de la Caballeria, o antigo D. Bonafós. Iniciado desde criança no estudo das línguas latina, caldea, arábica e hebrea deu-se ao estudo do direito civil e canónico, até receber o título de Doutor em decretais, e realizada a conversão, empregou estes conhecimentos na ilustração dos livros sagrados. Davam-lhe os seus conhecimentos fácil acesso à côrte e ao da própria raínha, D. Maria. Tratando-se de eleger comissário nas côrtes gerais de Monzon e de Alcaniz (1436 e 1437), recebia a honra de ser designado pelos quatro braços, com outros ilustres conversos, juíz árbitro da nação, para fixar definitivamente as pautas das portagens e alfândegas.

Sabedor dêstes serviços, o rei D. Afonso mandou-lhe de Gaeta, a 20 de Fevereiro de 1438, um privilégio em que o conquistador de Nápoles lhe confirmou todas as isenções, imunidades e foros que os reis seus predecessores haviam concedido aos Caballerias quando viviam segundo a lei talmudica, e declarou todos os seus descendentes aptos para obterem todas as honras, dignidades, prerogativas, benefícios e ofícios seculares e eclesiásticos. Micer Pedro de la Caballeria foi quatro anos depois novamente nomeado pela raínha D. Maria,

com outros conversos, juiz comissionado para formar a tabela da cúria, começando pelo tribunal e chancelaria da justiça.

Desde a sua conversão, não descurou Pedro de la Caballeria ensejo algum para dar largas manifestações do seu zêlo de neófito, disputando pùblicamente ora com ulemas sarracenos, ora com rabinos hebreus. Por fim, decidiu-se a escrever um livro em que deu conta da sua acendrada piedade e do ódio profundo que lhe inspiravam judeus e mahometanos.

Começando a sua obra em 1460, só a concluiu catorze anos depois, e intitulou-a *Zelus Christi contra judaeos et sarracenos*, em que os seus antigos correligionários são tratados com aspereza: geração perversa, filhos infiéis, semente maldita e filhos do diabo não são os únicos qualificativos afrontosos que lhes dirige. Não dispomos de espaço e tempo para a análise da obra, nem isso nos interessa agora.

Micer Pedro de Caballeria foi assassinado em 26 de Outubro de 1465 na sua própria cama, dando a voz pública por autores do crime Juan Ximenez Cerdan, senhor de Castelar, e Jaime, seu filho e por motivos a sentença que aquele dera contra Cerdan por causa do assassínio de um camponês.

Outros Caballerias se encontram mencionados na história de Espanha. Aquele outro Pedro, irmão do precedente, que tivera em judeu o nome de Simuel e depois era designado pelo moço para o distinguir do irmão mais velho, era escolhido para passar a Castela para negociar o casamento de D. Fernando, rei da Sicília, com a princesa D. Isabel que um dia haviam de ser os reis católicos. Partiu de Saragoça em Junho de 1469, com o segrêdo, actividade e descrição que o caso reclamava, avistou-se com o arcebispo de Toledo, Afonso Carrilho, visitou depois Alonso Enriquez, tio do príncipe, e D. Pedro de Velasco, primogénito do conde de Haro, concertou-se com o de Tendilla, D. Iñigo Lopez de Mendoza, e com seu irmão o marquês de Santillana, e vencendo por último o bispo de Siguenza, futuro cardial de Espanha, que se mostrava contrário ao projecto; tanto fez que, sabendo D. Isabel da conformidade e aprovação de pessoas de tamanha importância deu a preferência a seu primo D. Fernando sôbre o rei de Portugal D. Afonso V e sôbre o duque de Berri, seus pretendentes.

Pedro foi depois um dos recebedores das rendas públicas. Logrado o difícil propósito da sua embaixada, era êle o primeiro aragonês que apresentava os seus respeitos a D. Isabel, entregando-lhe o riquíssimo colar que D. Fernando lhe mandava em sinal de arras, e sôbre cujo valor divergem as apreciações.

Os filhos de Pedro de la Caballeria o velho desempenharam cargos evidentes do Aragão. Afonso, que vemos tomar parte nas côrtes de Fraga em 1461 e nas de Calatayud um ano depois, eleito pelos *ricos-hombres*, foi conselheiro do rei D. João II e vice-chanceler do Aragão e como tal conseguiu a prorogação das côrtes de 1484 e mais tarde, como juiz mór e cabeça da irmandade daquele reino, a reforma do direito da manifestação, um dos foros mais importantes de que a coroa desejava a abolição. Jaime foi também conselheiro do mesmo soberano e acompanhou o rei católico a Nápoles com ostentação verdadeiramente principesca; Luís é apontado igualmente como conselheiro de D. João II.

Um outro membro da mesma família, Martinho, alistou-se como capitão da armada levantada em Maiorca pelos reis católicos.

De tamanha altura foram precipitados pela inquisição. Por denúncias arrancadas na tortura a um francês, Vidal de Uranso, o próprio vice-chanceler do Aragão foi perseguido, embora conseguisse escapar. Outros membros da mesma família sofreram mais. Nem os óssos de um dêles, Juan de la Caballeria, puderam descançar em paz; foram relaxados em 8 de Junho de 1491. O sexo também os não pôs a coberto de perseguições. Uma Branca Clemente de la Caballeria foi penitenciada em 20 de Janeiro de 1489; Beatriz de Ribas Altas, mulher de João de la Caballeria, em 17 de Julho; a última de que obtivemos notícia, Aldonça, em 14 de Janeiro de 1496. Homens, encontramos entre os penitenciados, um Fernando, em 15 de Maio de 1491; um Luís, camareiro da Sé e um Pedro, em 17 de Julho do mesmo ano; um Gaspar, em 16 de Setembro de 1492.

Dos que passaram á Itália, como aquele que Amato encontrou em Veneza, não temos outra notícia.

Demos conta dos médicos venezianos a quem Amato se refere, embora nos não pareça que tivesse trato com êles. Numa das observações das suas *Centúrias medicinais*, a 31.ª da 1.ª *Centúria*, fala numa doente já citada, a mulher de Sebastião Pinto, que se transferiu a Veneza, depois de tratada por Amato em Ferrara e na raínha do Adriático teve por assistentes três médicos ilustres: João Baptista Montano, Víctor Trincavella e Bartolomeu Abioso. Outra referência se encontra a estes médicos venezianos na Cent. II, cur. 74). Também o doente, antes de ser tratado pelo nosso compatriota, consultou Victor Trincavella, Bartolomeu Labioso e Orsato.

Algumas palavras dissemos acêrca de João Baptista Montano e de Victor Trincavella. A respeito do primeiro notamos que a obra que Amato lhe atribui e considera o seu principal título de glória, a não encontramos citada pelos bibliógrafos. Era uma tradução de

Aecio: *Intrepretatio Latina Lib. IV Medicinae ex Veteribus contractae Aetii Amideni*, Basileae apud Frobenium 1535, in fol. De Bartolomeu Abioso ou Labioso nada averiguamos, O *Orsato* é possìvelmente o médico Paulo Orsato a quem se refere com elogio Jacom, António Cortuso numa carta publicada nos comentários de Matthioli.

Dissemos que na curta demora que o médico português teve na cidade dos doges não era provável que pudesse colher grande número de informações sôbre os produtos que ali aparecessem. Todavia, a lista que apresentamos pode ser aumentada consideràvelmente. Amato procurava com diligência as substâncias medicinais nas farmácias mais acreditadas.

Assim encontramos indicadas a *aromatária oficina* que tinha um anjo por emblema [1]; a farmácia que tinha por insígnia um coral [2]; conheceu uns irmãos boticários que tinham na sua oficina por taboleta uma corôa tríplice [3].

Veneza pela sua importância comercial, embora decadente, era um grande mercado de drogas medicinais; *ubi maximus herbarum et simplicium confluxus est* [4].

Dissemos que não era crível que na sua curta demora naquela cidade colhesse Amato grande número de informações sôbre produtos que aí aparecessem. Mas não é verdade que a muito pouco se reduz o que a tal respeito nos diz. Mencionamos notícias acêrca dos gatos de algalia, do maná, do betume da Judeia, dos melões de cheiro, do trevo aquático, e a isto juntamos com prudente etc.

O etc. contém mais do que o que foi mencionado. Próximo do Rialto, onde ao que parece havia um mercado, teve ensejo de ver a junça avelanada à qual os venezianos chamavam *trasi* [5]; o mel ácreo ou resina da terra era colhido abundantemente em Ragusa e depois trazido a Veneza [6]; nos jardins viu o lentiscos que alguns confundiam com o verdadeiro terebinto, no que erravam, na opinião do nosso

---

[1] In ea praecipue aromataria officina cui Angelus pro symbolo est (*Dioscoridis*, lib. I, en 6, pág. 15).

[2] Ut Venetiis aliquando vidimus, in ea praecipuè officina cui Coralium pro symbolo est (*Id.*, lib. I, en 25, pág. 45).

[3] Fratres pharmacopolae Venetiis praestantes in officina triplici corona insignita (Cent. V, cur. 45).

[4] *Dioscoridis*, lib. III, en 29, pág. 302.

[5] Hanc quoque radicem, apud pontem Ripaealtem, vaenalem videre est, quam ibi sua voce Trasi vocant (*Id.*, lib. I, en 4, pág. 10).

[6] Quae quoque multis in locis hodie super arboribus cadit, ut apud Rhagusium, unde quoque colligitur et Venetias .. affertur (*Id.*, lib. I, en 76, pág. 74).

compatriota, porque as fôlhas se não pareciam com as dêste [1]; as pultegas, a que se atribuía grande virtude nas doenças do estômago e do fígado, encontravam-se com freqüência nas farmácias, vindas da Itália, da Dalmacia e das regiões circunvizinhas [2]. É grande o número de espécies de peixes que teve ocasião de ver em Veneza e cujos nomes locais se não esquece de mencionar.

A pastinaga (trygon), peixe plagiostomo que tem a singularidade de possuir um aguilhão caudal vulnerante, era chamado em Veneza peixe pombo, nome que também lhe dá André Laguna, afirmando que se não encontra em Espanha [3], ao salmonete davam os venezianos o nome de barbo e tinha efeitos terríveis no dizer do médico espanhol, porque se se bebesse vinho em que algum se tivesse afogado, ficavam os homens impotentes e as mulheres estéreis [4]; outros nomes venezianos de peixes se encontram notados em Amato: *varolum*, dado ao robalo [5]; *giroli*, dado ao girulus [6]; *goo* dado ao cadoz pela corrução da primeira sílaba do seu nome latino *gobius* [7].

Deixemos os peixes para enumerar outras substâncias que aí teve ocasião de examinar. Nenhuma mais admirável do que os dois cornos de unicórnio, da grossura de um braço (?) e do comprimento de dois côvados que se guardavam no tesoiro de S. Marcos em Veneza e no dia da Ascenção eram com outros objectos preciosos expostos às vistas do público [8].

Não era porém apenas esta excrescência que tinha virtudes notáveis. Ao próprio corno de veado as atribui êle. Um mercador veneziano expunha à venda dois pombos, pedindo por êles dois mil ducados. A um tinham sido ministradas duas onças de corno de veado e assim resistiu cinco horas à aplicação do arsénio, ao passo que o outro dentro de uma hora morreu [9].

---

[1] Venetiis quoque arborem istam in borto excultam nonnulli contendebant; mea tamen sententia falluntur, quum folium a vero terebintho multum distet, illius praecipue arboris quum terebinthum esse credebant (*Id.*, lib. I, en 82, pág. 81).

[2] Venetiis enim apud officinas frequenter conspicitur quae ex Illyrico et Dalmatia regionibus que circumvicinis portatur (*Id.*, lib. I, en 117, pág. 114).

[3] Eam Veneti hodie piscem columbum apellitant (*Id.*, lib. II, en 19, pág. 175).

[4] Venetiis et aliis variis locis... barbone illum vocant (*Id.*, lib. II, en 21, pág. 176).

[5] Hodie vero Veneti varolum, hispani autem robalum nominant (*Id.*, lib. II, en 21, pág. 177).

[6] Veneti vero giroli (*Id.*, lib. II, en 27, pág. 180).

[7] Veneti voce depravata, hoc est prima tantum syllaba mutilata *gro* (*Id.*, lib. II, en 29, pág. 181).

[8] *Dioscoridis*, lib. II, en 29, pág. 196.

[9] *Id.*, lib. II, en 52, pág. 197.

Nas lagoas de Veneza viu duas espécies de scincos cuja carne era apreciada como afrodisíaca e diurética [1]; aí lhe lembraria a pátria o açúcar de S. Tomé que refinado e de uma alvura notável era exposto à venda [2]; em alguns jardins venezianos viu a fava egípcia [3] e a própria pimenta. Outras plantas medicinais aí se encontravam: o gengibre, em calda de açúcar [4]; o rosmaninho [5]; o ameos [6]; o visco [7]; o astragalo [8]. O ópio vinha da Apúlia e Veneza [9].

Tudo, porém, o interessava e ao falar de uma alga marinha afirmava que não era essa a que em Murano se aproveitava para a preparação de vasos de vidro [10].

Junho de 1922.

MAXIMIANO LEMOS,

Professor de história da medicina na Faculdade de Medicina do Pôrto.

---

[1] Porro illius loco Venetiis species quaedam in lacubus vicinis nascens venditur, minor tamen et viribus iguavior (*Dioscoridis*, lib. II, en 59, pág. 202).

[2] Ex quo Venetiis albissimum, refinatum dictum, praecipuè paratur (*Id.*, lib. II, en 77, pág. 217).

[3] Venetiis faba haec Aegyptia in nonnullis amenissimis hortis sata cernitur (*Id.*, lib. II, en 100, pág. 228).

[4] Quanquam Venetiis et variis aliis locis sic cum zeniber lexivio emollitum prius, Saccaro quoque paratur (*Id.*, lib. II, en 154, pág. 266).

[5] Imó Venetus ubi maximus herbarum et simplicibus confluxus est (*Id.*, lib. II, en 29, pág. 302).

[6] Nam Venetiis, in omnibus ferè officinis jam hodie prostat (*Id.*, lib. III, en 68, pág. 316).

[7] Verum ex Syria viscum quoque Venetias in magna copia affertur (*Id.*, lib. III, en 101, pág. 337).

[8] Prope Venetias nasci audio (*Id.*, lib. IV, pág. 405).

[9] Lachrima sive lac ex papavere nigro cultro inciso, destillans, ac concretum est, quod ex Apulia hodie Venetias afferunt (*Id.*, lib. IV, en 68, pág. 408).

[10] Phycos Thalattios alga marina est, non ea tamen qua apud Muranum Venetiis vitrea vasa parantur. (*Id.*, lib. IV, en 101, pág. 426).

LABORATÓRIO DO SERVIÇO DO PROF. FRANCISCO GENTIL (LISBOA)
INSTITUTO DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA (COIMBRA)

Dez casos de anomalias útero-vaginais

Elaborando êste pequeno trabalho [1] a nossa pretensão reduz-se a publicar alguns casos interessantes de anomalias, considerando-as ùnicamente sôbre o ponto de vista anatómico, pondo de parte os factos clínicos, cujos detalhes ignoramos nuns casos e noutros apenas conhecemos deficientemente, e a aumentar a contribuïção portuguesa para êste estudo, tão digno de interêsse sôb vários pontos de vista.

Na nossa literatura médica encontram-se alguns casos de anomalias do útero e da vagina, de fácil resenha porque são pouco numerosos.

O caso mais antigo, de que encontramos menção, data de 1861: neste ano Furtado (1) descreve a observação clínica de um caso de obliteração total da vagina numa mulher de 25 anos, seguida de intervenção operatória.

Em 1871 Alves Branco (2), numa comunicação feita à *Sociedade de Sciências Médicas de Lisboa* descreve dois casos: o primeiro refere-se a uma mulher de 25 anos em que a intervenção cirúrgica demonstrou a ausência de vagina e a situação de útero a 6-7 centímetros acima do períneo; no segundo a obliteração da vagina era parcial e a obtura-la encontrava-se um septo membranoso, completo, distendido e adelgaçado pela compressão exercida pela acumulação de produtos menstruais na parte superior do canal vaginal.

Na tese de Nunes Bonfim (3) encontram-se quatro casos do Prof. Azevedo Maia: *a*) Observação clínica de um caso de *uterus foetalis*, cujo colo estava muito atrofiado, numa mulher de 21 anos. *b*) Observação clínica, completada pela autópsia, de um outro caso de *uterus foetalis* numa mulher de 21 anos. *c*) Observação clínica de um terceiro caso

[1] Seis dêstes casos foram objecto de uma comunicação à *Sociedade Portuguesa de Sciências Naturais*, na sua sessão de 18 de Março de 1918.

de *uterus foetalis* numa mulher de 24 anos. *d*) Observação clínica seguida de intervenção cirúrgica, numa mulher de 27 anos, cujo útero era rudimentar, faltando por completo a vagina.

Em 1907 Ribeiro (4) publica um caso de atrésia congénita da vagina, com hematometria e hematocolpos, numa mulher de 23 anos.

Um pouco mais tarde o Prof. Cabeça (5) descreve um caso notável de útero unicórnio, ao qual, pelo seu interêsse, faremos especiais referências.

Morais Frias (6) estuda em 1911 dois casos de anomalias uterinas reconhecidas durante a dequitadura artificial: o primeiro observado numa multípara de 30 anos, dizia respeito a um *uterus subseptus* um pouco cordiforme; o segundo era um *uterus bipartitus* numa mulher de 23 anos, primípara.

Farinha Pereira (7), na sua tese apresentada em 1911 à Faculdade de Medicina de Lisboa, descreve o caso de uma virgem de 22 anos, cuja vulva apresentava numerosas deformações congénitas, com atrésia da parte inferior da vagina, provocando hematocolpometria.

Em 1912 o Prof. Cabeça (8) descreve um caso de estenose vaginal numa mulher de 35 anos, em que a vagina estava reduzida a um fundo de saco com 2–3 centímetros de profundidade, apresentando no fundo dois orifícios que faziam comunicar esta cavidade com uma cavidade superior, e um outro caso de atrésia da vagina numa mulher de 25 anos.

Em 1913 Morais Frias (9) publica um caso de vagina dupla observado numa mulher de 25 anos: um septo de 5 milímetros de espessura dividia a vagina em todo o seu comprimento, terminando na vulva por uma coluna carnuda de 6 milímetros de espessura; o seu bôrdo superior tocava o colo do útero.

Em 1917 Martins Barbosa (10) observa uma rapariga de 18 anos em que a vagina, muito curta, estava fechada em fundo de saco, cujo fundo se podia deprimir até 7 centímetros de profundidade; na exploração não foi encontrado o útero nem as trompas.

Maia Mendes (11) publica em 1918 a observação clínica de um caso de útero bilocular, cujos colos foram vistos ao *speculum*.

A série acaba com a publicação em 1918 (12) dos nossos casos de: *a*) Atrésia completa congénita da vagina. Aplasia útero-ovárica. ¿Ausência total da vagina, útero e anexos? *b*) Atresia completa congénita da vagina. *c*) Útero fetal numa mulher de 20 anos. *d*) Útero infantil numa mulher de 60 anos.

CASO I

Fig. 1.

Foi observado no cadáver de uma virgem de 27 anos, caquética, com lesões tuberculosas nos pulmões, na bexiga, em todo o aparelho urinário e apresentando ainda degenerescência gorda do fígado e do coração.

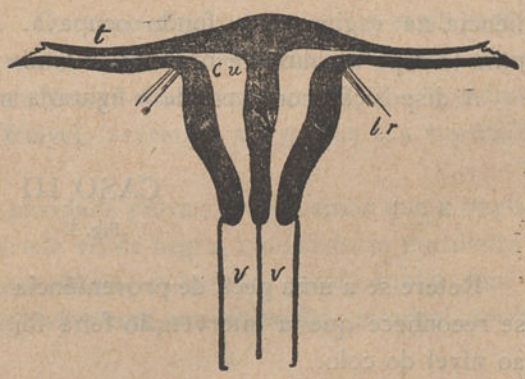
A vulva era bem conformada e o hímen semilunar.

Ao fazer o exame do conteúdo pélvico, depois da abertura da cavidade abdominal, nada poderia levar à suspeita da existência de uma anomalia uterina, pois que o útero era único, bem conformado, de volume correspondente à idade. Foi sòmente na ocasião de fazer a evisceração pélvica que verificamos a existência de dois canais na vagina.

Como se pode apreciar pela figura, a vagina era dividida em todo o seu comprimento e de diante para traz, por um septo muito resistente que em baixo quási tocava o hímen, formando o seu bordo inferior um arco de direcção ântero-posterior, e em cima se unia ao focinho de tenca.

Neste septo não existiam perfurações.

A cavidade vaginal direita é um pouco mais larga do que a esquerda. As pregas são muito nítidas e prolongam-se para o septo mediano. Há dois orifícios cervicais, muito pequenos, correspondendo um a cada vagina.



Esquema 1.

Os focinhos de tenca fazem um insignificante relêvo e os fundos de saco são apagados. O útero tem de comprimento 62 milímetros, dos quais 17 milímetros pertencem ao colo. Abrindo-o, vê-se que existem duas cavidades, bem limitadas em todo o seu comprimento, quási iguais, contendo substância caseosa.

A disposição bilocular é extremamente nítida e do mesmo modo a divisão da vagina (Esquema 1) [1].

---

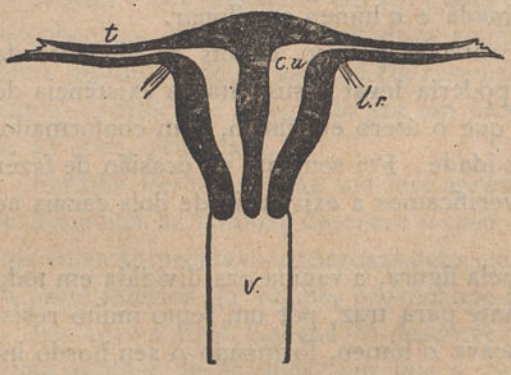
[1] Indicações comuns a todos os esquemas: *V.* — vagina; *C. u.* — cavidade uterina; *l. r.* — ligamento redondo; *t.* — trompa de Fallopio.

CASO II

Fig. 2.

Êste caso corresponde a uma observação clínica inédita do Prof. Custódio Cabeça [1].

Trata-se de uma virgem de 12 anos, hospitalizada por hemosalpingometria direita. A observação e a intervenção operatória (ooforo-salpingectomia por via abdominal e destruïção do septo uterino por via vaginal) demonstraram a disposição seguinte: O útero tinha duas cavidades, a esquerda muito pequena, quási normal pelas suas dimensões, assim como a trompa do mesmo lado; à direita não havia orifício do colo e a cavidade estava enormemente distendida por sangue, de tal modo que a parede uterina estava muito adelgaçada e o sangue tinha impelido para cima o fundo do útero e em baixo a bôlsa sanguínea fazia saliência na vagina, cujo fundo ocupava. A esta cavidade seguia-se uma trompa igualmente muito distendida por sangue.



Esquema 2.

A disposição corresponde à figurada no Esquema 2.

CASO III

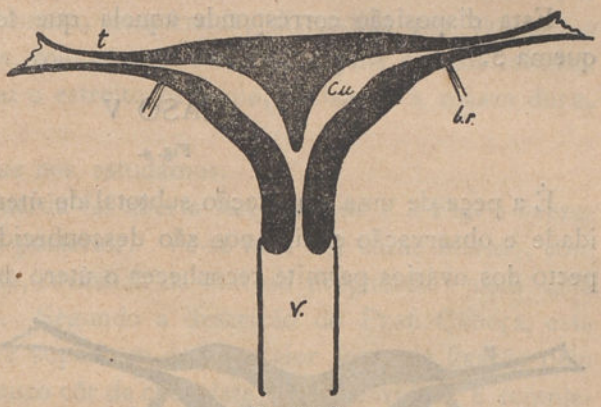
Fig. 3.

Refere-se a uma peça de proveniência operatória. Pelo seu exame se reconhece que a intervenção feita foi uma histerectomia subtotal ao nível do colo.

Existiam duas cavidades que foram abertas no sentido do seu comprimento e vê-se que elas se reunem em *V* ao nível do colo uterino. A cavidade esquerda é mais ampla do que a direita; tem 49 milímetros de comprimento e a sua mucosa é espessa, enrugada e bem desenvolvida. A cavidade direita é um pouco mais pequena

[1] Aproveitamos a ocasião para pùblicamente agradecer a S. Ex.ª os apontamentos que, sôbre êste caso e o VII, nos forneceu para esta publicação, assim como ao Director do Instituto de Anatomia Patológica as facilidades que nos concedeu para o estudo e publicação dos casos arquivados no seu Museu.

(42 milímetros de comprimento); os seus limites são menos nítidos depois da secção; é mais estreita e a mucosa é adelgaçada. A parede muscular é muito mais espessa à esquerda e, depois da fixação no Kaiserling, retraiu-se formando na parte superior um borrelete, que não se observa à direita. Esta saliência determinada pela fixação deforma o útero, cujo fundo não apresenta sulco que revele a biloculação. (Esquema 3).



Esquema 3.

CASO IV

Foi observado na autópsia de uma mulher de 37 anos, falecida por infecção puerperal poucos dias depois de hospitalisada.

Á abertura da cavidade abdominal via-se que o útero era muito volumoso, excedendo o plano horizontal do limite superior da sínfise púbica, e muito irregular. O corpo alongava-se muito mais para a direita do que para a esquerda, indo o prolongamento direito unir-se à parede abdominal por aderências pouco resistentes. Todo o útero era mole, avermelhado, friável, revestido de pus na sua superfície serosa.

Feita a evisceração da cavidade pélvica, verificamos que a vagina estava dilatada, tinha a parede verde-negra, com inducto purulento e que o focinho de tenca era único, volumoso, muito mole, com a mesma côr da parede vaginal e com um só orifício cervical, muito dilatado e irregular.

A abertura da cavidade uterina explicava a irregularidade da forma exterior, muito mais evidente no útero isolado: no fundo do útero existia um septo muscular, com 3,5 centímetros de comprimento, adelgaçado para baixo, que dividia o fundo da cavidade em duas porções muito desiguais, uma longa e larga à direita, outra muito menor à esquerda; a parede da primeira é muito menos espessa do que a da segunda e especialmente no vértice que correspondia à zona de aderências à parede abdominal. A cavidade da direita parece continuar a cavidade do colo, tendo a esquerda, pela

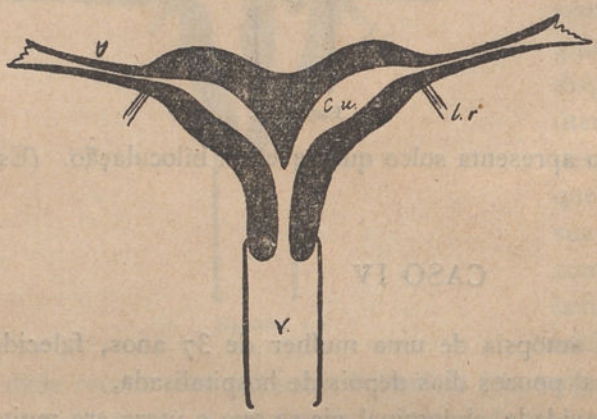
sua menor capacidade, o aspecto de um divertículo de primeira. Em ambas a mucosa estava destruída e o músculo uterino infiltrado de pus.

Esta disposição corresponde àquela que foi reproduzida no Esquema 3.

CASO V

Fig. 4.

É a peça de uma amputação subtotal do útero, numa mulher cuja idade e observação clínica nos são desconhecidas. Entretanto o aspecto dos ovários permite reconhecer o útero de uma mulher adulta.



Esquema 4.

No fundo do útero existe um sulco bem nítido que revela a existência de duas cavidades e forma dois cornos bem aparentes. A superfície da secção, feita na intervenção cirúrgica, toca precisamente a extremidade inferior do septo mediano. O corno esquerdo é mais desenvolvido do que o direito, a sua cavidade é um pouco mais ampla e a sua parede mais espessa.

Nas trompas existia congestão, especialmente intensa à direita (Esquema 4).

CASO VI

Fig. 5.

É o caso já publicado pelo Prof. C. Cabeça, que nos permitiu o estudo da peça e a publicação de detalhes, que o ilustram, como êle merece pela sua relativa raridade.

Tratava-se de uma multípara de 27 anos, que foi hospitalisada por doença dos anexos esquerdos. Na intervenção operatória viu-se que na pelve, inclinado para a direita, existia um corpo alongado, com o volume do polegar de um adulto. Detidamente examinado reconheceu-se um corpo uterino de pequeníssimo colo, que se continuava na mesma direcção com uma trompa rudimentar, tendo ao lado um pequeno ovário escleroquístico. Quási ao nível do orifício uterino do colo existia um pequeno cordão, cujo diâmetro era com-

parável ao de um lápis, que ligava êste corpo uterino a uma massa volumosa, dura, que apresentava na extremidade oposta uma trompa, igualmente muito volumosa, contornada, distendida por sangue; o ovário dêste lado era volumoso e continha alguns quistos serosos. O Prof. Cabeça cortou o estreito pedículo, excisando a massa dura, a trompa e o ovário.

É êste conjunto que nós estudamos.

A massa dura esquerda foi aberta lateralmente e a Fig. 5 representa-a vista pela face posterior. Vê-se nela um corno uterino, com uma pequena cavidade, revestida da mucosa pregueada e com uma parede muito espessa. Segundo a descrição do Prof. Cabeça, esta cavidade, que se deve supôr um pouco maior antes da fixação pelo Kaiserling, continha muco côr de chocolate. Esta cavidade é completamente fechada do lado da sua inserção ao pedículo cortado, cujos vestígios são muito pequenos e quási irreconhecíveis. Depois de fixado, êste corpo uterino tem 54 milímetros de comprimento; a trompa está muito distendida, apresentando circunvoluções que ocultam o ovário (Esquema 5).

O Prof. C. Cabeça classifica esta anomalia do útero unicórnio de corno rudimentar.

CASO VII

Fig. 6.

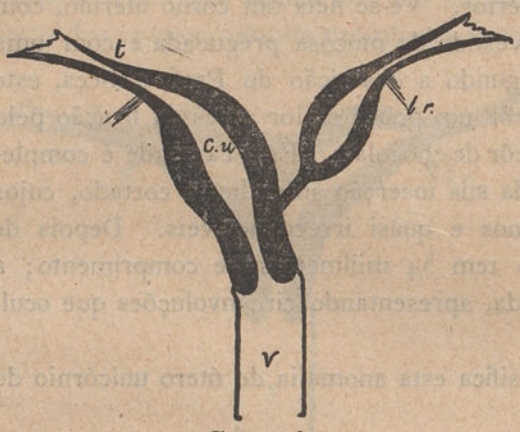
Mulher de 35 anos, hospitalisada em 13-VI-1922 na 1.ª Clínica Cirúrgica do Hospital Escolar (Serviço do Prof. Francisco Gentil), por hemorragias muito abundantes desde há dois anos, operada pelo Prof. F. Gentil em 3-VIII-922 [amputação uterina supra-vaginal (Kelly) sob anestesia geral pelo éter (Ombredanne)].

Do exame da peça operatória (N.º 959) fizemos o relatório seguinte:

O corpo do útero é formado de duas porções muito desiguais, que formam entre si um ângulo de abertura superior e esquerda, se colocarmos a porção mais volumosa em posição anatómica descritiva. Esta porção é a direita; é alongada, fusiforme, continuando-se a extremidade superior directamente com a trompa; medindo o seu comprimento, desde o orifício de secção do colo até ao ponto em que deixa de se apalpar a dureza característica do tecido uterino, limite que aqui é extremamente nítido, vê-se que êste é de 6 centímetros. É perfeitamente arredondado em tôda a sua superfície, tendo na sua parte mais larga um perímetro de 8,8 centímetros; à sua superfície há restos de aderências lamelosas.

A porção esquerda é formada de duas partes: uma distal, fusi-

forme, com 3 centímetros de comprimento e 3,5 centímetros de perímetro na parte média, com a consistência própria do tecido uterino; outra proximal com 1,5 centímetros de comprimento, cilíndrica, com a forma de um pedículo estreito. Ao longo de tôda esta porção e na sua parte inferior vê-se a superfície de secção do ligamento largo que se continua com a superfície de secção do colo. Continuando o eixo da porção distal fica a trompa esquerda; é grossa, sendo o engrossamento cada vez maior para o lado do pavilhão que está obliterado, formando a primeira porção da trompa um quisto de parede delicada e conteúdo hemático, o que dá ao conjunto da trompa a forma característica de uma retorta. Abrangido na ansa fica o ovário com pequenos quistos.



Esquema 5.

A trompa direita é mais grossa do que a esquerda; o seu trajecto é só apreciável em pequena extensão; na porção restante faz corpo com um volumoso quisto, com o tamanho de uma laranja, em cuja parede se distingue o ovário achatado e outros quistos pequenos de conteúdo seroso; a parede é desigualmente espessa, o conteúdo gelatinoso e esverdeado. Duas grandes e espessas lamelas unem êste quisto ao corpo direito do útero.

Esta disposição pode ser representada também pelo Esquema 5.

CASO VIII

Fig. 7.

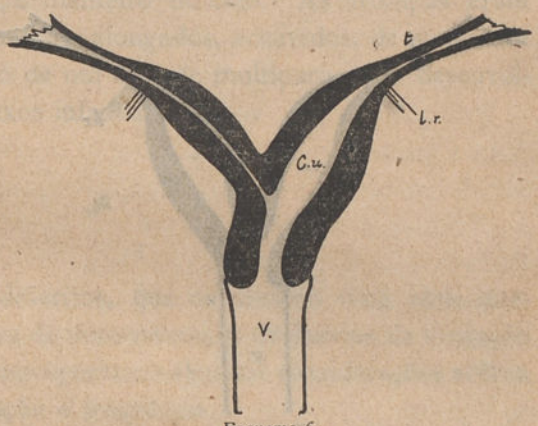
Caso por nós observado no cadáver de uma mulher de 32 anos, falecida em caquexia por tuberculose pulmonar cavernosa, com piopneumotorax-esquerdo e lesões tuberculosas do jejuno-ileon e da laringe.

Aparentemente, no exame dos órgãos pélvicos, tratava-se de um útero em versão com uma grande e grossa trompa à direita. Feita a evisceração o estudo do útero e anexos fazia reconhecer o valor da disposição anómala existente.

É notável a diferença de volume do colo em relação ao corpo, o primeiro muito volumoso. O ístmo tem 12 milímetros de diâmetro

transverso. O colo na linha média tem 27 milímetros de comprimento; o focinho de tenca é pouco volumoso; o orifício do colo muito pequeno, punctiforme, situado no fundo de um pequeno infundíbulo, muito regular; em tôda a extensão da face anterior não há revestimento peritoneal.

O corpo tem uma forma anómala. A partir do ístmo, o seu diâmetro vai-se reduzindo, ao mesmo tempo que se alonga para a esquerda, de maneira que o vértice do cone, assim formado parece continuar-se directamente com a trompa; tem 3,5 centímetros de comprimento.



Esquema 6.

No ponto de união do seu bordo direito com o bordo direito do colo, ao nível do istmo, implanta-se um cordão com 7 a 9 milímetros de diâmetro e 4 centímetros de comprimento, muito duro, resistente, revestido de peritoneu em tôda a sua extensão, excepto numa linha correspondente ao bordo inferior, que corresponde à linha de secção do ligamento largo; o extremo distal dêste cordão continua-se com a trompa, que tem um diâmetro menor e é mais mole; neste cordão encontra-se a estrutura microscópica do músculo uterino.

As trompas têm sensìvelmente o mesmo tamanho; são delgadas e muito ligeiramente flexuosas; o pavilhão da trompa direita estava em via de obliteração. Ovários compridos, achatados, muito lisos. (Esquema 6).

CASO IX

Fig. 8.

Peça proveniente da autópsia de uma mulher, cuja idade real não é conhecida, sendo a idade aparente 35 anos. No exame das suas vísceras encontrou-se: Hemorragia sub-memingea dos lobos parietais. Hidropisia e calculose da vesícula biliar. Degenerescência gorda do fígado e retenção biliar. Gastro-enterite aguda, hemorrágica. Nefrite aguda bilateral.

Aparentemente esta mulher tinha dois úteros. Esta aparência era reforçada por uma interessante disposição do peritoneu pélvico: a

excavação pélvica era dividida em duas cavidades, uma direita e outra esquerda, aproximadamente iguais, por um septo formado por dois folhetos peritoneais, separados por tecido conjuntivo com gordura. Esta prega peritoneal nascia na face posterior da bexiga e, dirigindo-se de diante para traz, reflectia-se na parede posterior da pelve, continuando pelo seu limite inferior um dos ligamentos útero-sagrados. Esta prega é falciforme no seu limite superior e em baixo reflecte-se ao nível dos istmos dos corpos uterinos; cada um dêstes tem assim uma posição bem definida, numa cavidade bem delimitada. Um exame mais completo leva a reconhecer que os dois úteros são unidos pelos seus colos e verifica-se a existência de uma vagina única.



Esquema 7.

Os corpos uterinos são bem isolados, bem conformados, de istmos bem nítidos e de volume aproximadamente igual. Têm de comprimento 7 centímetros, de diâmetro máximo 32 milímetros e de diâmetro mínimo, ao nível do istmo, 22 milímetros. As paredes são muito espessas e a cavidade esquerda, a única que foi aberta (pela sua face posterior) é muito pequena e contém sangue. Os orifícios internos dos colos são muito estreitos; o direito só com grande dificuldade deixa passar uma sonda fina.

A cavidade cervical é comum sòmente no seu terço inferior, reunindo-se os canais cervicais a 1 centímetro do orifício externo do colo. Êste orifício é muito mais largo do que o orifício da cavidade esquerda.

Por esta descrição se reconhece que êste útero tem dois corpos inteiramente isolados e duas cavidades, tendo um canal cervical comum muito curto; é o tipo representado pelo Esquema 7.

CASO X

Observação no cadáver de uma mulher de 54 anos, cujas lesões principais eram: Tuberculose pulmonar crónica bilateral, esteatose hepática grave, hiper-pigmentação da cortical das supra-renais, nefrite sub-aguda bilateral, degenerescência gorda do miocardio.

O útero era muito pequeno, mais volumoso no colo do que no corpo. O colo, de limite superior muito nítido, era tão longo como largo e representava quási o dôbro da largura do corpo; o focinho de tenca era pouco saliente, o orifício do canal cervical muito pequeno, punctiforme. O corpo do útero, além de estreito, era muito mais achatado de diante para traz do que o colo.

A cavidade uterina era virtual.

Hímen com cicatrizes de rasgaduras antigas. O diâmetro da vagina está em relação com o diâmetro do colo. As trompas eram muito delicadas, lisas; os ovários alongados, achatados, de superfície lisa. O aspecto geral era o de um colo de multípara, bem desenvolvido, com um corpo e anexos infantis.

A propósito dos casos descritos, que constituem uma série interessante sob o ponto de vista de documentação de desvios da evolução normal útero-vaginal, achamos oportunas algumas considerações acêrca da sua patogenia, classificação e freqüência.

Todos os casos, excepto o último, provêm de anomalias da evolução dos canais de Müller.

Qualquer que seja a origem e a evolução dêstes canais, pondo de parte a exposição das opiniões diversas que a êste propósito têm sido emitidas, sabe-se que, pelo meio do terceiro mês da vida intra-uterina, êstes canais se prolongam até ao seio uro-genital, maciços na sua extremidade inferior e um pouco divergentes. Segundo Tourneux e Kölliker as porções dos canais de Müller, situados para baixo do ligamento de Hunter encostam-se e soldam-se, a princípio na parte média e depois nos sentidos cranial e caudal; o septo desaparece depois pouco a pouco por reabsorção, resultando o canal utero-vaginal. É à custa do segmento inferior dêste canal que se formam o corpo do útero e tôda a vagina, emquanto que os cornos do útero são representados pelas porções dos canais de Müller, compreendidos entre os ligamentos de Hunter e o vértice do cordão genital, isolados, segundo alguns autores, ou soldados aos segmentos inferiores dos canais de Wolff, segundo outros.

Ao mesmo tempo que se faz a reabsorpção da parede interna dos canais de Müller, desenvolve-se a camada mesenquimatosa elevando-se pouco a pouco e o fundo estende-se lateralmente sôbre os cornos que vão desaparecendo de dentro para fora e de baixo para cima. Assim no útero, que é bicórneo até ao fim do terceiro mês, os cornos redu-

zem-se pouco a pouco, e do mesmo modo vai desaparecendo lentamente a disposição bilocular da sua cavidade.

Quási no fim do quarto mês o útero deixa de ser bilocular. O fundo do útero mantem-se durante algum tempo horizontal, mas o desenvolvimento progressivo da camada mesenquimatosa determina a formação da convexidade.

A delimitação do focinho de tenca faz-se no comêço do quinto mês, um pouco para cima da transição epitelial, à custa de um gomo lameloso, semelhante a uma ampola achatada, que penetra na espessura do cordão maciço que resulta da soldadura das paredes epiteliais da parte vaginal dos canais de Müller.

Posteriormente a multiplicação muito activa das celulas que enchem a vagina determina a dilatação transversal do canal vaginal e o seu alongamento provoca a impulsão para cima dos fundos de saco que limitam o focinho da tenca e a descida da extremidade inferior afastada da vagina para o vestíbulo.

Depois de completamente formado, o útero tem no feto e na creança o colo mais desenvolvido do que o corpo, representando aquele cêrca de três quintos do comprimento total do útero. Depois da época da puberdade e na nulípara o corpo tem volume igual ou superior ao colo; na multípara o corpo tem dimensões muito maiores do que o colo.

Vamos aplicar aos nossos casos estas considerações embriológicas, expostas sucintamente. Justificaremos assim a sua classificação.

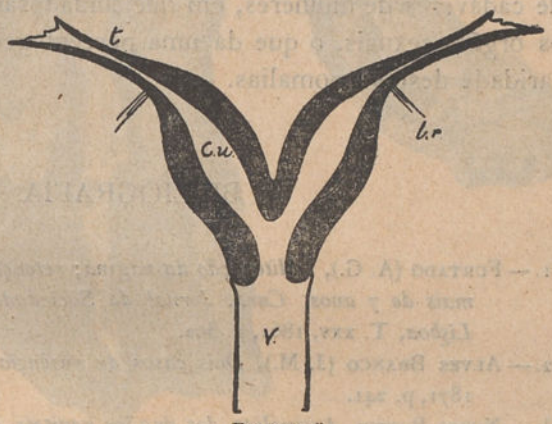
A justa-posição dos canais de Müller pode fazer-se totalmente, mas a parede interna primitiva dêstes canais não se reabsorver, formando-se o envólucro mesenquimatoso mas de maneira que êste e a evolução do epitelio, das pregas, do focinho de tenca, da vagina, se fazem isoladamente e de modo igual em cada um dos canais até ao vestíbulo.

É o que se deu no Caso I — *Uterus duplex septus cum vagina septa.*

A reabsorpção da parede divisória dos canais de Müller, depois da sua união, pode fazer se só no segmento vaginal, persistindo o septo no útero, donde resulta a divisão completa da cavidade uterina, sem sinais exteriores desta biloculação. A esta disposição corresponde o Caso II — *Uterus septus duplex, vagina simplex.*

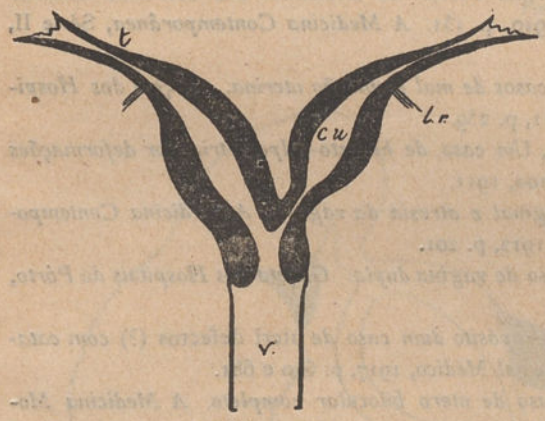
No decurso do terceiro mês da vida intrauterina a biloculação pode persistir pela ausência de reabsorpção total do segmento intrauterino das paredes unidas dos canais de Müller, continuando a evolução da camada mesenquimatosa, de modo que não fica vestígio algum desta

biloculação (Casos III e IV — *Uterus introrsum arcuatus subseptus*) ou ficam vestígios mais ou menos acusados da disposição bicórnea fetal (Caso V — *Uterus bicornis introrsum arcuatus subseptus*). Se a evolução do envólucro mesenquinatoso se não faz por igual nos dois cornos uterinos isolados e é mais extensa e completa em um dêles, ficando o outro atrófico, resultará a disposição observada no Caso VIII *(Uterus bicornis unicollis)* em que há notável hipoplasia do corno direito.



Esquema 8.

Os canais de Müller podem unir-se sòmente nos seus segmentos vaginais e numa extensão muito pequena dos segmentos uterinos; a reabsorpção da parede intermediária pode fazer-se em tôda a extensão da justaposição; o envolvimento mesenquimatoso fazer-se isoladamente e por igual nos dois cornos uterinos. É o Caso IX *(Uterus bicornis unicollis, vagina simplex)*. Se o desenvolvimento fôr desigual, se um dos cornos sofrer uma paragem de desenvolvimento, fica menos volumoso, alongado, constituindo o segmento proximal dêste corno um pedículo mais ou menos longo que pode obliterar-se, como se entre a forma primitivamente bicórnea (Esquema 8) e a forma definitiva (Esquema 5) se encontrasse a disposição figurada no Esquema 9. (Casos VII e VI — *Uterus bicornis unicollis, com hipoplasia e atresia do corno esquerdo*).



Esquema 9.

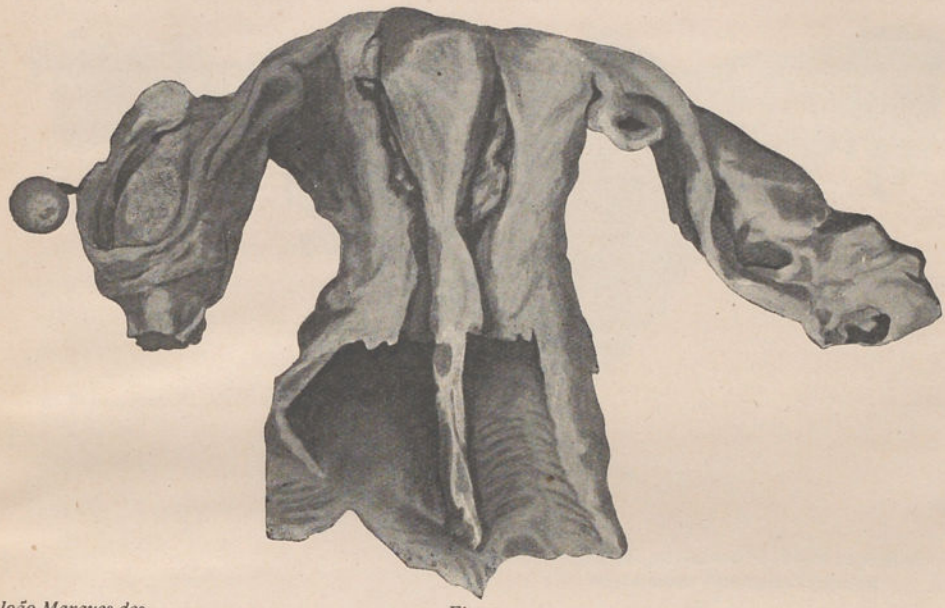
Durante o desenvolvimento do indivíduo o útero pode deter-se no seu desenvolvimento e o indivíduo ficar durante tôda a vida com o útero apresentando os caracteres do útero infantil. É esta anomalia que representa o nosso caso X.

Dos casos que descrevemos em 1918, dois eram achados de autópsia. Dos actuais, cinco foram igualmente encontrados em cadáveres. Estas observações foram por nós feitas em 683 autópsias de cadáveres de mulheres, em que cuidadosamente foram observados os órgãos sexuais, o que dá uma percentagem de *um*, indicativa da raridade destas anomalias.

BIBLIOGRAFIA

1. — Furtado (A. G.), *Obliteração da vagina; retenção do produto catamenial por mais de 7 anos. Cura. Jornal da Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa*, T. xxv, 1861, p. 302.
2. — Alves Branco (J. M.), *Dois casos de ausência da vagina. Idem*, T. xxxv, 1871, p. 241.
3. — Nunes Bonfim, *Anomalias dos órgãos genitais da mulher por suspensão do desenvolvimento.* Tese, Pôrto, 1889.
4. — Ribeiro (A), *Um caso de ginatresia congénita. Gazeta dos Hospitais do Pôrto*, T. i, 1907, p. 308.
5. — Cabeça (C.), *Útero unicórnio. Jornal da Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa*, T. lxxiv, 1910, p. 131. *A Medicina Contemporânea*, Série II, Vol. xiii, p. 165.
6. — Morais Frias (M.), *Dois casos de mal formação uterina. Gazeta dos Hospitais do Pôrto*, T. v, 1911, p. 259.
7. — Farinha Pereira (A. A.), *Um caso de hemato-colpometria por deformações congénitas.* Tese, Lisboa, 1911.
8. — Cabeça (C.), *Estenose vaginal e atresia da vagina. A Medicina Contemporânea*, Série II, T. xv, 1912, p. 201.
9. — Morais Frias (M), *Um caso de vagina dupla. Gazeta dos Hospitais do Pôrto*, T. vii, 1913, p. 58.
10. — Martins Barbosa (J.), *A propósito dum caso de* uteri defectus (?) *com catamênio vicariante. Portugal Médico*, 1917, p. 640 e 681.
11. — Maia Mendes (A), *Um caso de útero bilocular completo. A Medicina Moderna*, Vol. ix, 1918, p. 28.
12. — Geraldino Brites, *Quatro casos de anomalias útero-vaginais. Portugal Médico*, Vol. iv, N.º 8, 1918.

GERALDINO BRITES.



João Marques des.

Fig. 1

Uterus duplex septus, vagina septa

Exemplar do Museu de 1.ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

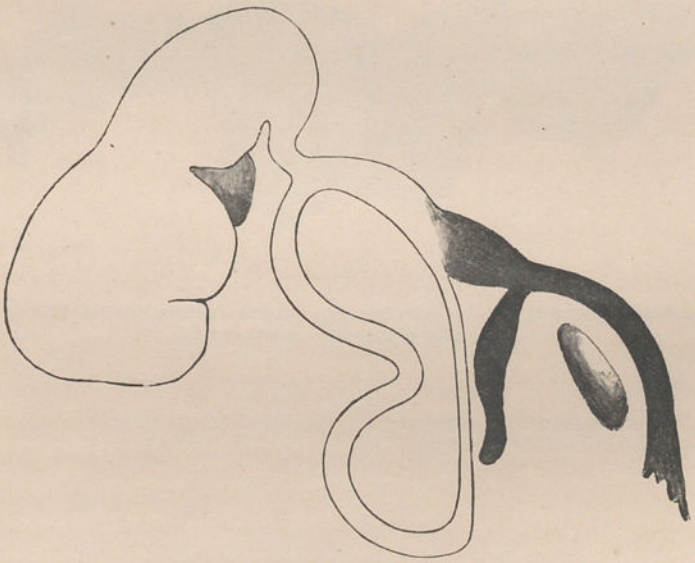


Fig. 2

Uterus duplex septus, vagina simplex.
Obliteração do orifício externo do colo uterino direito com *hematometrium*



G. Brites, des.

Fig. 3

Uterus introrsum arcuatus subseptus

Exemplar pertencente ao Museu do Instituto de Anatomia Patológica de Lisboa.



G. Brites, des.

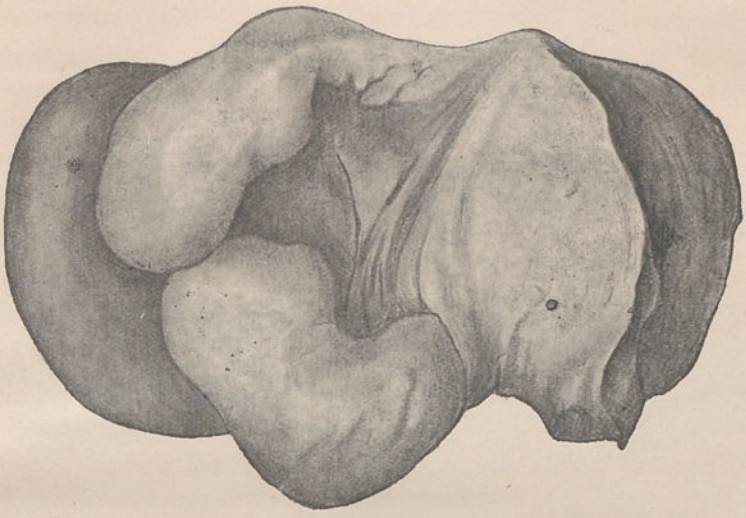
Fig. 4

Uterus bicornis introrsum arcuatus subseptus, visto pela face posterior; a superfície de secção rasou a extremidade inferior do septo

Exemplar pertencente ao Museu do Instituto de Anatomia Patológica de Lisboa.





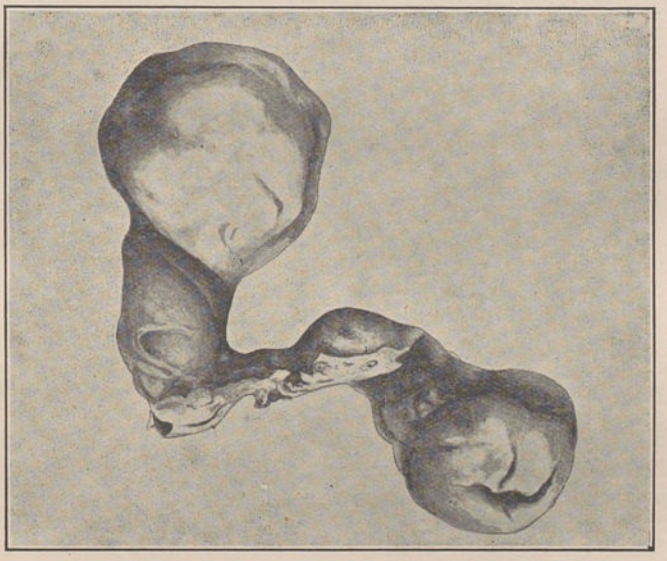


G. Brites, des.

Fig. 5

Uterus bicornis unicollis, com hipoplasia e atresia do corno esquerdo.
Corno rudimentar e trompa distendida por sangue, vistos pela sua face posterior

Exemplar pertencente ao Museu de 2.ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

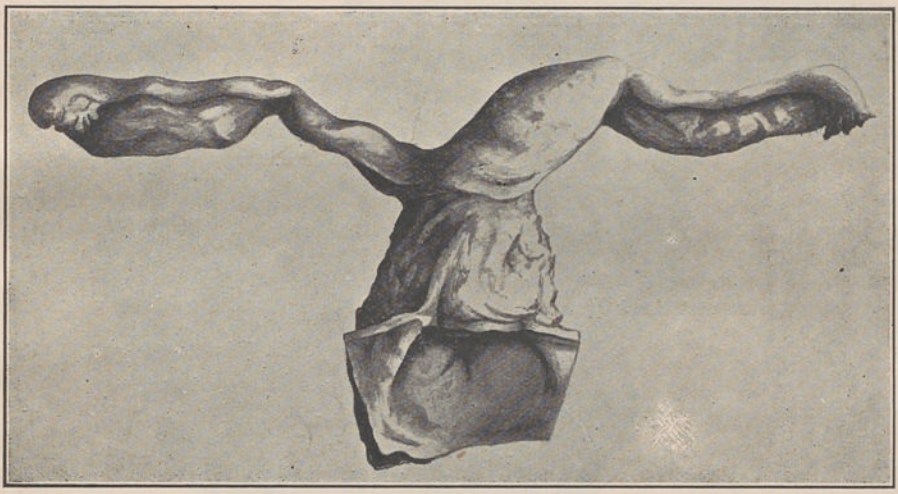


G. Brites, des.

Fig. 6

Uterus bicornis unicollis, com hipoplasia e atresia do corno esquerdo

Exemplar pertencente ao Museu de 1.ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa



G. Brites, des.

Fig. 7

Uterus bicornis unicollis, com hipoplasia do corno direito

Exemplar do Museu do Instituto de Histologia e Embriologia de Coimbra.





João Marques, des.

Fig. 8

Uterus bicornis unicollis, vagina simplex

Exemplar pertencente ao Museu do Instituto de Anatomia Patológica de Lisboa.

A — Ponto de união das duas cavidades uterinas.
B. B — Prega pertoneal que isola os cornos uterinos.



Studien zum «Roteiro» der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama 1497-1499

VORBEMERKUNG

Es ist mir eine Ehre und aufrichtige Freude zugleich, dass eine portugiesische Zeitschrift von der wissenschaftlichen Geltung der *Revista da Universidade de Coimbra* den nachfolgenden «Studien zum Roteiro der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama» ihre Spalten öffnet, und als besondere Freude und Genugtuung empfinde ich es sie in der Sprache hier veröffentlichen zu dürfen, in der sie von Anfang an gedacht und geschrieben worden sind. Wenn diesseits wie jenseits des Meeres in der Atmosphäre, die der Weltkrieg hinterlassen hat, noch manches nachzittert, was unbefangenem wechselseitigen Verstehen auch in wissenschaftlichen Fragen im Wege steht, war mir um so wohltuender und erfreulicher die Erfahrung liebenswürdigsten und verständnisvollsten Entgegenkommens, tatkräftiger Förderung, die ich in meinen Arbeiten zur portugiesischen Geschichte bei hervorragenden Gelehrten dieses Landes im Lauf der letzten Jahre so gut wie früher zu jeder Zeit gefunden habe. Dass die *Revista da Universidade de Coimbra* nun die drei Studien, die ich hier vorlegen möchte, in deutscher Sprache zum Abdruck bringt, ist mir ein neuer, tröstlicher Beweis für die völkerverbindende Kraft der Wissenschaft.

Als ich im Jahre des «Centenario da India» mein Buch über «Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien» (München 1898) herausgab, wurde es «als ein bescheidener Beitrag zu diesem Feste und als ein Ausdruck dankbarer Erinnerung an das schöne unter dem sonnigen Himmel Portugals verlebte Jahr» dargeboten. Fast ein Menschenalter ist seit diesem Aufenthalt in Portugal (1893-94) vergangen, aber die Bilder, die ich damals, in den Tagen jugendlich starker Eindrucksfähigkeit, mit überströmender Freude an Natur und Leben, dem vergangenen wie dem gegenwärtigen, in mich

aufgenommen habe, sind nicht verblasst, die Farben in der Erinnerung nur tiefer und leuchtender geworden, und so ist trotz allem, was dazwischenliegt, die Liebe für Land und Volk von Portugal unverändert dieselbe in mir geblieben. Meinen wissenschaftlichen Studien aber hat das Jahr, das ich im Hause des damaligen deutschen Gesandten in Portugal, Grafen von Bray-Steinburg, teils in Lissabon teils am Meer in Estoril verleben durfte, haben die genussreichen Fahrten und Wanderungen in dem schönem Lande mit seinen eindrucksvollen geschichtlichen Denkmälern die entscheidende Richtung gegeben. Die Grabkapellen der Königsgeschlechter, die in Alcobaça und Batalha zur Ruhe gegangen sind, das Schloss des Christusordens in Thomar, Kirche und Kreuzgang von Belem und so manches unvergesslich Schöne, was ich sonst gesehen, blieben gleichsam als stimmungsvoller Hintergrund für die Bilder der geschichtlichen Ereignisse, Taten und Leiden, von denen die Chronisten des 15. und 16. Jahrhunderts Kunde gaben; im Anblick des Ozeans aber, der in Meeresstille und Sturm, unter schwarzem Gewitterhimmel und als Spiegel der tiefsten, leuchtenden Ätherbläue mit immer gleicher Macht und Erhabenheit wirkte, erwuchs der Sinn für das schlichte, zähe Heldentum des Seefahrers und Entdeckers, für den glänzenden Heroismus des überseeischen Eroberers, für die ganze glorreiche Geschichte des Heldenzeitalters von Portugal, und seitdem ist die Beschäftigung mit dieser Epoche seines nationalen Daseins mir einer der besten und reinsten Genüsse gewesen, hat in Tagen des tiefsten persönlichen und nationalen Leides über so manche graue und schwere Stunde hinweggeholfen.

Soviel über mein Verhältnis zu Portugal. Es sei mir nun gestattet, bevor ich in die Behandlung meines Stoffes eintrete, noch ein Wort über die Entstehung der vorliegenden «Studien zum Roteiro der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama» zu sagen. Da die zwei portugiesischen Ausgaben des «Roteiro» längst vergriffen und in deutschen Bibliotheken selten anzutreffen sind, hatte ich in meinem «Vasco da Gama» zu dem darstellenden Text und den Quellenuntersuchungen eine deutsche Übersetzung dieser wichtigsten Quelle hinzu gefügt, von dem geographisch-kommerziellen und dem sprachlichen Anhang aber, den jener unbekannte Begleiter des Entdeckers seiner Erzählung der denkwürdigen Fahrt beigegeben hat, dabei abgesehen, weil er für meine Zwecke nicht wichtig schien und ich die Probleme der Wörter-und Phrasensammlung aus dem Malayāḷam damals doch nicht hätte lösen können. Ein Versuch des englischen Bischofs Speechly, der in G. Ravensteins trefflicher englischen Ausgabe des «Roteiro» (A journal of Vasco da Gama's first voyage, London 1898)

diesen sprachlichen Teil kurz behandelte, fiel flüchtig und unkritisch aus. Da ermöglichte es mir 1912 ein glücklicher Zufall, die schon länger geplante und teilweise bereits in Angriff genommene Übersetzung und neue wissenschaftliche Behandlung auch des Anhangs zum «Roteiro» zur Ausführung zu bringen: ich lernte in München, wo ich damals lebte, einen vornehmen und hochbegabten jungen Tamulen aus Trivandrum in Travancore kennen, Herrn Padmanabha Pillay, der an der Münchener Universität Forstwissenschaft studierte. An der Grenze der Sprachgebiete von Tamiḷ und Malayāḷam geboren und von Kindheit auf gewohnt mit der vorwiegend aus Malayāḷi bestehenden Dienerschaft des Hauses in ihrer Sprache zu verkehren, beherrschte er das eine wie das andere der beiden nahe verwandten Idiome und zeigte sich, ebenso liebenswürdig wie geistig regsam und voll Interesses für wissenschaftliche Fragen, sofort bereit mit mir den Rätseln nachzuspüren, welche die Transskriptionen der Malayāḷam-Worte in dem Abschnitt über «die Sprache von Calecut» aufgaben. Die sichere Grundlage dafür boten gute Photographieen der zwei Seiten der Handschrift, die das Wörterverzeichnis enthalten; Frau Professor Dr. C. Michaelis de Vasconcellos hatte sie mir freundlichst nach dem Original in der Bibliothek zu Porto aufnehmen lassen. In den ersten Zusammenkünften mit Herrn Padmanabha wurde nach den Transskriptionen des «Roteiro» und den Lautwerten, die sie für einen Portugiesen um 1500 darstellten, mit Hilfe der von dem Autor in portugiesischer Sprache angegebenen Bedeutungen in einer längeren Reihe von günstig gelagerten Fällen Identifizierung mit den Malayāḷam-Worten vorgenommen, die zweifellos damit gemeint sind, alsdann die Wiedergabe der einzelnen Laute der fremden Sprache durch den Verfasser des «Roteiro» von mir genauer untersucht und an der Hand dieses Materials für die Identifizierung in anderen Fällen Anhaltspunkte gewonnen. Auf dieser Grundlage weiterarbeitend und sie immer wieder verbreiternd, kamen wir schliesslich dazu, für die weitaus meisten Fälle sichere Deutungen zu finden. Unsere Transskriptionen der Malayāḷam-Worte prüfte auf meine Bitte noch Herr Professor Dr. Simon, damals Dozent für Sanskrit an der Universität München, an der Hand des malayāḷisch-englischen Wörterbuches von Gundert nach, und auf Grund des so gewonnenen Stoffes habe dann ich unter Benutzung der besten wissenschaftlichen Hilfsmittel, vor allem von Caldwells «Comparative grammar of the Dravidian languages» und von Griersons «Linguistic Survey of India» die Ergebnisse unserer gemeinsamen Untersuchungen selbständig verarbeitet. Um aber meiner Sache völlig sicher zu sein — der Gegenstand lag ja ganz ausserhalb meines eigentlichen Studiengebietes —

legte ich die fertige Arbeit einem der besten Kenner des Malayāḷam in Deutschland, Herrn Dr. Nau (Chemnitz), vor, der sieben Jahre in dem Teile Südindiens, in dem es gesprochen wird, als Missionar tätig gewesen und mit der Umgangs- wie mit der Literatursprache von Malayāḷam und Tamiḻ vertraut ist. Sein günstiges Urteil darüber gab die erfreuliche Sicherheit, dass die Arbeit, die ich mit Herrn Padmanabhas Hilfe dem Wörterverzeichnis gewidmet habe, nicht umsonst aufgewendet worden ist. Ich lege nunmehr das Ergebnis derselben als ersten Teil der «Studien zum Roteiro» hier vor. Der zweite wird dem Juden Gaspar da Gama, dem mutmasslichen Gewährsmann für den geographisch-kommerziellen Teil des Anhangs zum «Roteiro», gewidmet, der dritte eine Auseinandersetzung mit der Kritik sein, die von Herrn F. D. d'Ayalla im *Oriente Portuguez* (Nova Goa), vol. II, N.° 11 und 12 (1905) und vol. III, N.° 1 und 2 (1906) und früher schon in dem kleinen Buch «Vasco da Gama. ¿Quando partiu?», Alemquer 1898 an dem «Roteiro» geübt worden ist und diese wichtigste Quelle der Entdeckungsfahrt als Fälschung verdächtigt. Meine ursprüngliche Absicht, mit diesen Studien einen fortlaufenden Kommentar zu der deutschen Übersetzung des ganzen Anhangs zu verbinden, lasse ich fallen, da ja Herr Professor Dr. Luciano Pereira da Silva demnächst die längst zur Notwendigkeit gewordene neue Ausgabe des gesamten «Roteiro» veranstalten wird und jede ernsthafte Arbeit dann natürlich auf das Original und den Kommentar dieses berufenen Forschers zurückgreifen muss.

I

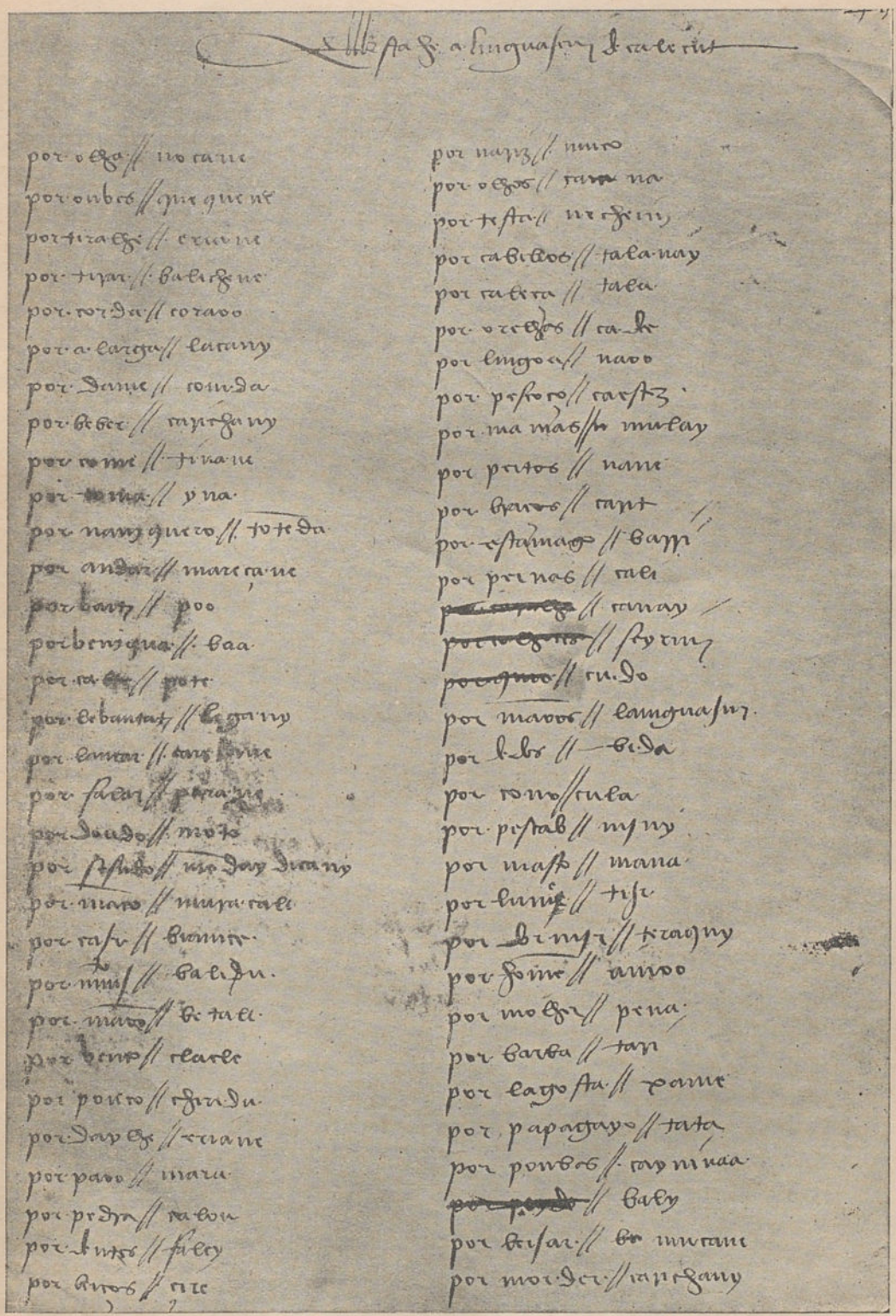
Das Wörter-und Phrasenverzeichnis aus dem Malayaḷam[1]

«ESTA HE A LINGUAJEM DE CALECUT»

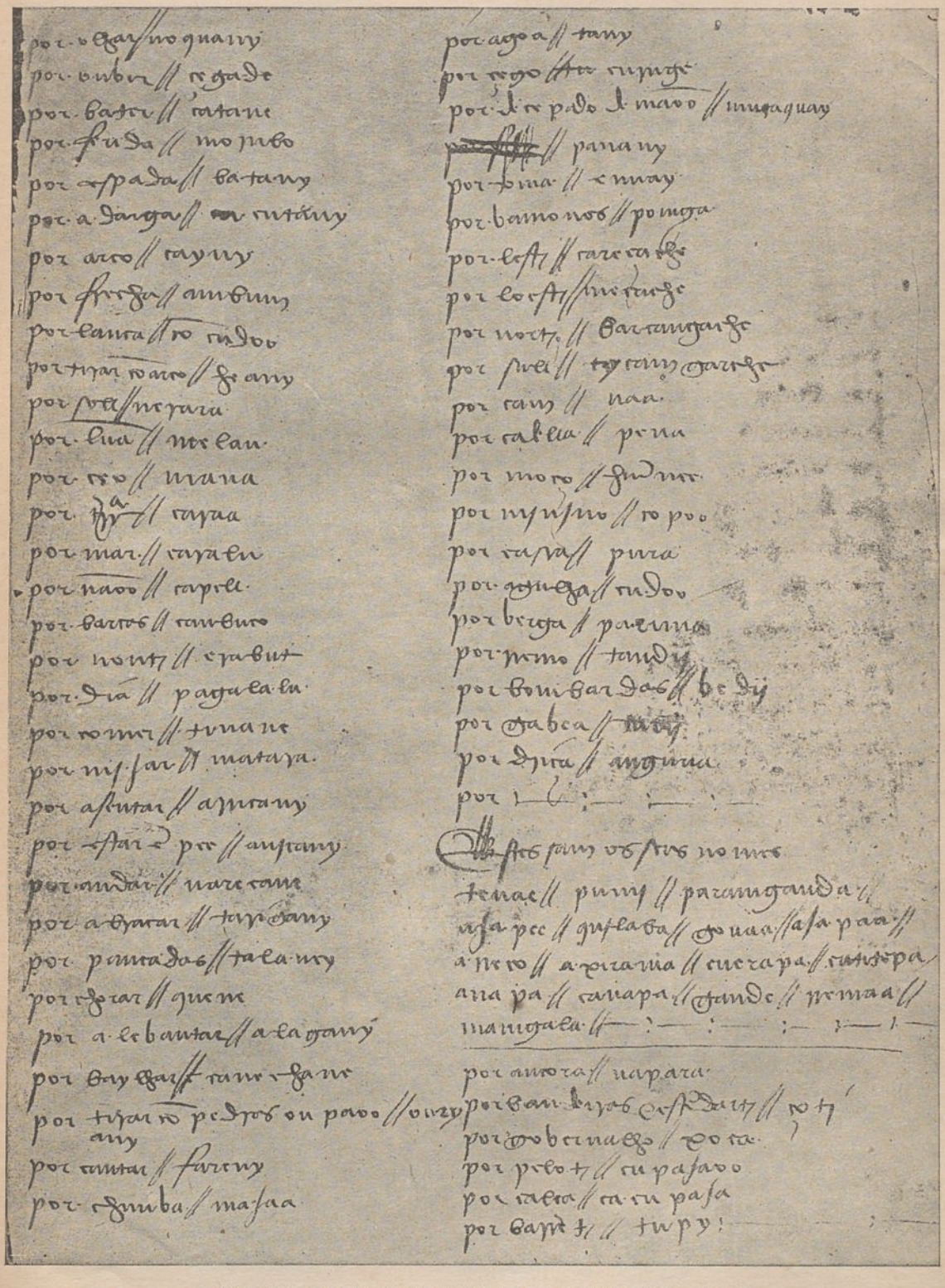
(DIES IST DIE SPRACHE VON CALECUT)

1.	por olha (sieh!)	nocane	nōkkunnu
2.	por ouves (hörst du?)	que que ne	kēkkunnu (= kēḷkunnu)
3.	por tiralhe (schiess auf ihn!)	eriane	eṟiyyunnu
4.	por tirar (ziehen)	balichene	valikkunnu
5.	por corda (Seil)	coraoo	kayaṟu
6.	por alarga [mach weiter (e. Platz)! oder lass los!]	lacany*	iḍakkunnu oder iḷakunnu?
7.	por dame (gib mir!)	comda	koṇḍā

[1] * bedeutet, dass die Überlieferung falsch oder zweifelhaft ist.



LICHTDRUCK DER ERSTEN SEITE DES ANHANGS ZUM *ROTEIRO*
MIT VOKABELN IN DER SPRACHE VON CALECUT.



LICHTDRUCK DER ZWEITEN SEITE DES ANHANGS ZUM *ROTEIRO*.

8.	por beber (trinken)	carichany	kuḍikkunnu
9.	por come (iss!)	tinane	tinnunnu
10.	por toma (nimm!)	y na	innā
11.	por nam quero (ich will nicht)	totenda	toḍēṇḍā
12.	por andar (gehen)	mareçane *	naḍakkunnu
13.	por vaite (geh weiter!)	poo	pō
14.	por vem qua (komm her!)	baa	vā
15.	por calte (schweig still!)	pote	pōḍu
16.	por levantate (steh auf!)	legany	iḷakunnu
17.	por lancar * (müde werden)	carecane	kaḷekkunnu
18.	por falar (sprechen)	para ne	paṟayunnu
19.	por doudo (dumm)	moto	mūḍhaṇ?
20.	por sesudo (verständig)	monday dicany	moyai miḍukkanu
21.	por manco (hinkend, lahmend)	mura call	muḍa kāl
22.	por cajr (fallen)	biamçe *	vīḻunnu?
23.	por mujto (viel)	balidu	valitu
24.	por mãoo (Hand)	betall *	viral
25.	por vento (Wind)	clacle *	kāṟṟu
26.	por pouco (wenig)	chiredu	chiṟutu
27.	por daylhe (gebt ihm!)	eriane	eṟiyyunnu
28.	por paoo (Holz)	mara	maram
29.	por pedra (Stein)	calou	kallu (= kal)
30.	por dentes (Zähne)	faley	pallu (= pal)
31.	por beiços (Lippen)	çire	chiṟi
32.	por nariz (Nase)	muco	mūkku
33.	por olhos (Augen)	cana	kaṇṇa (= kaṇ)
34.	por testa (Stirn)	necheim	neṟṟi
35.	por cabelos (Haare)	talanay	talanār
36.	por cabeça (Kopf)	tala	tala
37.	por orelhas (Ohren)	cadee	kātu
38.	por lingoa (Zunge)	naoo	nāvu (= nā)
39.	por pescoço (Hals)	caestez *	kaḻuttu
40.	por mamas (Brüste)	mulay	mulay (= mula)
41.	por peitos (Brust)	nane	neññu (= neñju)
42.	por braços (Arme)	carit *	kai oder kayyi
43.	por estamago (Bauch)	barri	vayaṟu (vayiṟu im Tamiḻ)
44.	por pernas (Beine)	cali	kālu (= kāl)
45.	por caralho (männliches Glied)	canay	kaṇay (= kaṇa)?
46.	por colhões (Hoden)	seyrim *	
47.	por quu (Hinterteil)	cudo	kūti
48.	por mãoos (Hände)	languaim *	iḍaṅgai
49.	por dedos (Finger)	beda	viral

50.	por cono (weiblicher Geschlechtsteil)	cula	kuḷa ?
51.	por pescado (Fische)	mjny	mīnu (= mīn)
52.	por masto (Mastbaum)	mana *	maram
53.	por lume (Feuer)	tijr	tī
54.	por dormjr (schlafen)	teraquy *	uṟakku
55.	por homem (Mann)	amoo *	āṇṇu (= āṇ)
56.	por molher (Frau)	pena	peṇṇu (= peṇ)
57.	por barba (Bart)	tari	tāḍi
58.	por lagosta (Seekrebs)	xame	chemmīn
59.	por papagayo (Papagei)	tata	tatta
60.	por ponbas (Tauben)	cayninaa	mainaiṇā ?
61.	por peydo (Furz)	baly	vaḷi
62.	por beijar (küssen)	mucane *	muttunnu od. mukaṟunnu
63.	por morder (beissen)	carichany	kaḍikkunnu
64.	por olhar (sehen)	noquany	nōkkunnu
65.	por ouvir (hören)	çegade	chekiḍu
66.	por bater (schlagen)	catane	kottunnu
67.	por ferida (Wunde)	morubo	muṟuvu (= muṟi)
68.	por espada (Schwert)	batany	veṭṭunnu ?
69.	por adarga (Schild)	cutany	kuttunnu ?
70.	por arco (Bogen)	cayny	kaviṇu
71.	por frecha (Pfeil)	ambum	ambu
72.	por lança (Lanze)	(com) cudoo *	kundam
73.	por tirar com arco (mit Bogen schiessen)	heany	eyyunnu
74.	por soll (Sonne)	nerara	ñāyaṟu
75.	por lūa (Mond)	neel'an *	nilā
76.	por ceo (Himmel)	mana	mānam
77.	por terra (Land = Küste)	caraa	kara
78.	por mar (Meer)	caralu	kaḍalu
79.	por naoo [nãoo steht da] (Schiff)	capell	kappal
80.	por barcas (Barken)	çambuco [cambuco steht da]	chambokku
81.	por noute (Nacht)	erabut	iravu
82.	por dia (Tag)	pagalala *	pakalu
83.	por comer (essen)	tinane	tinnunnu
84.	por mijar (pissen)	matara *	mūtaram (= mūtram)
85.	por asentar (sich setzen)	arricany	irikkunnu
86.	por estar em pee (stehen)	anicany	nikkunnu (= nilkunnu)
87.	por andar (gehen)	narecane	naḍakunnu
88.	por abraçar [abracar steht da] (umarmen)	tarigany	taḻukunnu

89.	por pancadas (Stösse)	talaney	tallunnu
90.	por chorar (weinen)	que ne	kēḷunnu
91.	por alevantar (aufstehen)	alagany	iḷakunnu
92.	por baylhar (tanzen)	canechane	kuṇikkunnu
93.	por tirar com pedras ou paoo (werfen mit Steinen od. Stock)	ouryany	eṛiyyunnu
94.	por cantar (singen)	fareny	pāḍunnu
95.	por chuuva (Regen)	ma jaa	maḷa, vulgär maya
96.	por agoa (Wasser)	tany	taṇṇīr, vulgär taṇṇi
97.	por çego (blind)	curuge	kuruḍi od. kuruṭṭu
98.	por decepado de mãoo (verstümmelt an der Hand)	muraquay	muḍakai
99.	por foder (den Geschlechtsakt vollziehen)	panany	paṇṇunnu
100.	por toma (nimm!)	ennay	innā
101.	por vamonos (gehen wir!)	pomga	pōkām
102.	por leste (Ostwind)	carecache [careçache steht da]	kiḷakkāṟṟu
103.	por loeste (Westwind)	mecache	mēkkāṟṟu (= mēlkkaṟṟu)
104.	por norte (Nordwind)	barcangache	vaḍakkaṅgāṟṟu
105.	por sull (Südwind)	tycamgarche	tekkaṅgāṟṟu
106.	por cam (Hund)	naa	nā (= nāy)
107.	por cadella (Hündin)	pena	peṇ nā
108.	por moço (jung)	hum nee	yuvanu
109.	por mjnjno (Knabe)	co poo *	kochchu
110.	por casa (Haus)	pura	pura
111.	por agulha (Magnetnadel)	cudoo	kūḍu?
112.	por verga (Segelstange, Rahe)	parima	parimaram
113.	por rremo (Ruder)	tandij	taṇḍu
114.	por bombardas (Bombarden)	vedij	veḍi
115.	por gavea (Marssegel)	talij	talīl
116.	por driça (Hisstau)	angtaa	āwang?
117.	por ancora (Anker)	napara *	maṅgūram
118.	por bandeiras e estendarte (Fahnen und Standarte)	coti [çoti steht da]	koḍi
119.	por governalho (Steuerruder)	xoca	chukkāṇ
120.	por pelote (Pelote = ärmelloses Oberkleid)	cupajaoo	kuppāyam
121.	por calça (Strumpf, Hose)	cacupaja	kālkuppāyam
122.	por barrete (Mütze)	tupy	toppi

ESTES SAM OS SEUS NOMES [1]

(DIES SIND IHRE NAMEN)

123.	Tenae	tanaya ?
124.	Pumi	pum ?
125.	Paramganda	Paramagandha
126.	Uja pee	kochchappi ?
127.	Quilaba	kiḻavaṇ ?
128.	Gouaa	Gōva
129.	Aja paa	Ayyappā
130.	Arreco	Arakkaṇ
131.	Axirama	Ādirāma
132.	Cuerapa	Kuṟavaṇ ?
133.	Cutotopa	Kuttappā ?
134.	Anapa	aṇṇappā ?
135.	Canapa	Kaṇṇappā
136.	Gande	Gandha
137.	Rremaa	Rāma
138.	Mamgala	Maṅgalam od. Maṅgalā

Die im britischen Indien von der über 300 Millionen zählenden Bevölkerung heute gesprochenen Sprachen gliedern sich in fünf grosse Familien: die arische, die dravidische, die Muṇḍa-, die Mon-Khmer- und die tibetochinesische Familie. Der hieraus sich ergebenden sprachlichen Gruppierung der gewaltigen Völkermasse entspricht die ethnologische bloss teilweise. Um nur *ein* Beispiel anzuführen, so erscheint als Trägerin indoarischer Sprachen zwar im Panjab und in Rajputana eine den mutmasslichen arischen Typus ziemlich rein darstellende Bevölkerung von meist hoher Gestalt und heller Hautfarbe, mit Langschädel und schmaler, vorragender Nase, in Hindustan und Bihar dagegen eine Bevölkerung, deren Typus deutlich auf lange Mischung indoarischen und dravidischen Blutes hinweist, in Niederbengalen und Orissa aber in den Mongolodravidas ein Kreuzungsprodukt dravidischer und mongolischer Elemente, nur mit einer Spur indoarischen Blutes in den höheren Schichten, mit ausgesprochenem

[1] Die Handschrift schiebt die Namen zwischen N.° 116 und 117 des Wörterverzeichnisses ein. Auf por driça // anguaa folgt dort zuvor noch ein por und Striche; konnte der Kopist, was dastand, nicht lesen ?

Breitschädel, von dunkler Hautfarbe, mittlerer Grösse und mittlerer, aber zum Breiten neigender Nase; anderseits ist zwischen den Trägern der anscheinend nicht miteinander verwandten dravidischen und Muṇḍa-Sprachfamilie ein ethnologischer, im Rassentypus zutage tretender Unterschied nicht nachweisbar: beide zeigen die charakteristischen Merkmale des von dem nördlichen Ceylon bis ins Gangestal verbreiteten, durch Beimischung fremden Blutes mehr oder minder modifizierten dravidischen Typus, die kurze, untersetzte Gestalt, die relativ langen Vorderarme, die tiefdunkle Hautfarbe, das volle Haar, die dunklen Augen, den Langschädel, die breite, an der Wurzel zuweilen eingedrückte Nase. Die auf diese ethnologische Tatsache gegründete Anschauung, dass alle Träger dieses Typus Abkömmlinge einer *einheitlichen* vorarischen Urbevölkerung Indiens seien, wird also durch den linguistischen Befund, die Unterschiede der dravidischen und Muṇḍasprachen, wozu noch die Verwandtschaft des Muṇḍa mit den Mon-Khmersprachen Hinterindiens käme, nicht gestützt.

Zu den nach dem Zensus von 1901 von etwa 57 Millionen Menschen gesprochenen dravidischen Sprachen gehört das Idiom, mit dem als erster indischer Sprache die portugiesischen Entdecker in Berührung kamen, die «Sprache von Calecut» und von Malabar überhaupt, das Malayāḷam. Es ist heute nach dem Telugu und dem ihm näherstehenden Tamiḷ und Kanaresischen die meistgesprochene dravidische Sprache und war 1901 bei 6 Millionen Menschen im Gebrauch. Sie wohnten fast sämtlich in dem zwischen den Abhängen der Westghats im Osten und der Arabischen See im Westen von Kasargodu in Südkanara bis gegen Trivandrum im südlichen Travancore sich hinziehenden, rund 30–80 km breiten, wohlbewässerten Küstenstreifen, der in seinem Innern ein malerisches Berg- und Waldland darstellt, während die fruchtbare Ebene längs der See üppige Felder und Haine von Areca-und Kokospalmen bedecken, wechselnd mit uralten Wäldern, die Küstenlinie aber durch zahlreiche Flussmündungen und weite Strandseen, die sich über mehr als 360 km erstrecken, vielfältig und schön gegliedert ist und Ruinen von Handelsniederlassungen fremder, seefahrender Nationen daran erinnern, dass an diesen Gestaden jahrhundertelang der Handel des Ostens seinen Mittelpunkt hatte.

Der Name «Malayāḷam» wird von Bischof Caldwell, dem grossen Forscher auf dem Gebiete der dravidischen Sprachen, im Sinn von «Berggegend» gedeutet, würde also nach dieser übrigens nicht unbestrittenen Erklärung eigentlich das Land, nicht die Sprache bezeichnen. Erst im 9. Jahrhundert hätte sich nach Caldwells auch nicht

allgemein angenommener Ansicht das Malayāḷam von dem ihm noch heute sehr ähnlichen Tamiḷ, der Sprache des nördlichen Ceylon und des südlichen Vorderindien bis hinauf nach Mysore und Madras, abgezweigt. Grierson sieht in ihnen Schwesterdialekte der gleichen älteren Sprache. Das Malayāḷam tritt in zwei Formen auf, von denen eine die in der alten Literatur gebräuchliche, die andere die Umgangssprache ist. Eine eigene Malayāḷam-Literatur gibt es nach Gundert seit dem 13. oder 14. Jahrhundert; sie folgte zunächst dem Vorbilde der tamulischen Poesie, kam aber später unter die Herrschaft «der geheiligten Sprache des arischen Indiens» und erlebte ihre klassische Epoche im 17. Jahrhundert. Von allen dravidischen Literatursprachen hat das Malayāḷam die grösste Zahl von Lehnwörtern aus dem Sanskrit. Im übrigen ist der bemerkenswerteste Zug der Sprache, dass im Lauf einer Entwicklung, die etwa im 14. Jahrhundert einsetzt, fast in ihrem ganzen Gebiete die Personalendungen der Verba verloren gegangen sind. Dieser Prozess war am Ende des 15. Jahrhunderts, in der Zeit also, aus der das Wörterverzeichnis des «Roteiro» stammt, eben abgeschlossen.

Wie ist nun dieses Verzeichnis zustande gekommen? Der Verfasser sagt es nicht ausdrücklich; wir sind somit auf Vermutungen angewiesen. Arabisch, die Sprache, in der sich Vasco da Gama mit dem Samorin durch Dolmetscher verständigte, hat er selber, wie zwei Stellen seines Berichtes zeigen, nicht gekonnt. Wo er von den Informationen spricht, die sie in Moçambique über den Reichtum der indischen Länder erhielten, fügt er hinzu: «Und das alles verstand ein Seemann, den der Kommandant mithatte, der schon Gefangener von Mauren gewesen war und daher die verstand, die wir hier fanden». In der Schilderung des kurzen Aufenthaltes aber, den die Entdecker auf der Rückreise in Melinde machten, heisst es: «Und der Kapitän... liess ihm durch einen unserer Leute — es war der, der Arabisch sprechen konnte — sagen» u. s. w. Die Möglichkeit einer Verständigung in arabischer Sprache durch Vermittlung dritter Personen wird natürlich dadurch nicht ausgeschlossen. Dass, wie anscheinend für die Nachrichten über indische Reiche und Handelsverhältnisse, der Jude Gaspar da Gama auch für den sprachlichen Teil des Anhangs der Gewährsmann gewesen ist, wäre an sich ebenso denkbar. Hatte er, wie Girolamo Sernigi in seinem zweiten Briefe aus Lissabon (1499) sagt, 1498 Weib und Kinder in Calicut, so mochte er auch mit dem Malayāḷam vertraut sein, das übrigens schon als Sprache des grössten Handelsplatzes von Vorderindien dem Schiffseigentümer und Kaufmann vielleicht bekannt war. Dass der Spanisch sprechende Maure von Tunis, Monçaide, der am 28. August 1498 an Bord von

Gamas Schiffen flüchtete und mit nach Portugal ging, die Landessprache einigermassen verstand, ist zwar nicht sicher, aber wahrscheinlich. An sich könnte also auch er als Gewährsmann in Betracht kommen. Prüft man indes die Liste genauer, so gewinnt man mehr den Eindruck, dass Verständigung nicht in einem beiden Teilen geläufigen Idiom oder durch Vermittlung eines Dolmetschers, sondern durch Gebärden, und direkter Verkehr mit Einheimischen dem Verfasser des «Roteiro» das Material geliefert hat.

An Gelegenheit dazu fehlte es nicht. Nachdem am 24. Juni 1498 die portugiesischen Waren von Pandarane nach Calicut geschafft und damit die Beziehungen zum Samorin in bessere Wege geleitet waren, spann sich ein lebhafter Verkehr zwischen den Schiffen und der Stadt an; in Gruppen von zwei und drei erhielten die Mannschaften Landurlaub, betrieben dabei ihre kleinen Geschäfte und wurden von der niederen Bevölkerung überall freundlich aufgenommen: «Alle freuten sich sehr, wenn einer in ihre Häuser kam und dort ass oder schlief»; anderseits strömten massenhaft kleine Händler und bettelndes armes Volk an Bord, «so viel, dass es uns unangenehm war; denn oft war's dunkle Nacht und wir konnten sie nicht aus den Schiffen hinausbringen». So ging das etwa sieben Wochen, dann erfolgte der Bruch mit dem Samorin, Gama liess eine Anzahl Inder auf den Schiffen ergreifen und fuhr nach allerlei Hin und Her am 28. August, einen Teil von ihnen mitnehmend, nach Portugal ab. So hatte unser Autor bei Landurlauben wie an Bord vor Pandarane und vor allem auf der fast ein Jahr dauernden Heimreise jedenfalls die Möglichkeit im Verkehr mit Indern sein Verzeichnis zusammenzubringen. Dass dies meist Leute niederen Standes waren, macht schon die starke Abneigung des Inders höherer Kaste gegen Berührung mit Fremden, vor allem gegen ein Essen oder Trinken mit ihnen, wahrscheinlich; und bezüglich der Gefangenen sagt der «Roteiro» selbst, dass Gama die sechs vornehmen unter ihnen am 28. August freigegeben habe.

Für die Annahme einer derartigen Entstehung scheint mir, wie gesagt, der Inhalt zu sprechen. Was enthält die Liste? Eine Reihe Verba, die alltägliche oder durch eine Geste leicht zu bezeichnende Tätigkeiten angeben, wie sehen, hören, reden, essen, trinken, schlafen, geben, nehmen u. a.; Bezeichnungen der Körperteile und der Behaftung mit auffallenden Leibesschäden, Wörter für Mann und Frau, Kind und junger Mann, Tag und Nacht, Sonne und Mond, Land und Meer, Wasser und Feuer, Holz und Stein; Bezeichnungen für die wichtigsten Kleidungsstücke, Waffen und Schiffsteile oder -geräte und ein paar Eigennamen, das alles, wenn auch zum Teil in gewissen Ideenverbindungen, doch ohne strengere Ordnung und nicht ohne

Wiederholungen wohl so aufgeschrieben, wie es der Autor bei Gelegenheit hörte oder erfragte.

Auf Verständigung durch Gebärden und mit Beziehung auf konkrete Einzelfälle oder -gegenstände scheint aber vor allem eine Reihe von Missverständnissen zu deuten. Für «hörst du?», Mal. kēḷkunnu, gesprochen meist kēkkunnu, wird gleich anfangs richtig que quene (2) geboten, später aber kommt für «hören» die Form çegade (65), die zweifellos mit chekiḍu «Ohr» identisch ist. Die Entstehung des Irrtums ist klar: der Fragende deutet auf das Ohr und will das Wort für «hören» wissen, der andere versteht die Gebärde als Frage nach dem Namen des Organs und gibt eine Bezeichnung für «Ohr». Oder der Portugiese fragt, indem er eine Hand hinstreckt, nach dem Namen dieses Körperteils, schreibt, was der andere sagt, unter der Bezeichnung «Hände» (48) auf; iḍaṅgai aber, das, wie unten noch darzulegen sein wird, in dem überlieferten unmöglichen languaim vermutlich steckt, heisst «linke Hand»; die hat er eben zufällig hingehalten.

Ganz ähnlich liegt der Fall bei māoo «Hand» (24), wofür betall geboten wird. Das t ist zweifellos verschrieben für r, mit dem es in den Handschriften des 16. Jahrhunderts sehr leicht zu verwechseln ist; anlautendes b entspricht in unserem Verzeichnis einem v des Malayāḷam; dass unser Gewährsmann ein b tatsächlich gehört und diesen Laut damit hat bezeichnen wollen, kann allerdings nicht unbedingt verneint werden: in der Gegend, aus welcher er seine Informationen schöpfte, wurde das Malayāḷam schon nicht mehr rein gesprochen, sondern war bereits mit Kanaresisch versetzt. Das dem betall zugrunde liegende Malayāḷam-Wort wäre viral oder seine kanaresische Form beraḷu, was aber beides nicht «Hand», sondern «Finger» bedeutet. Die Gebärde hat zum Missverständnis geführt.

Für portugiesisch muito «viel» (23) und pouco «wenig» (26) erscheint als Übersetzung balidu und chiredu, Mal. valitu aus valiyatu und chiṟutu, beides nicht Adjektiva, sondern Substantive oder denominative Verba, zusammengesetzt aus val oder valiya, das «stark», «mächtig», «gross», bezw. chiṟu, das «klein» bedeutet, und Suffix tu, das in dem Pronomen atu «es», «jenes» begegnet und zur Bildung von Substantiven und denominativen Verben ebenso gebraucht wird wie Maskulinum aṉ (vergl. avaṉ «er») und Femininum aḷ (vergl. avaḷ «sie»), sodass valitu und chiṟutu die Bedeutung «grosses» bezw. «kleines Ding» haben oder die Aussage enthalten; «es», d. h. ein Neutrum im Sinne des Malayāḷam, «ist gross» bezw. «ist klein», keinesfalls aber «viel» und «wenig» bedeuten. Wie leicht aber anderseits bei einer Verständigung durch Gebärden «gross» und «viel», «klein» und «wenig» verwechselt werden können, ist klar.

Das portugiesische Wort manco (21) bedeutet «lahm», «hinkend»; als Übersetzung dafür wird muracall, Mal. muḍa kāl, geboten, das, wie unten darzulegen sein wird, «lahmes Bein» heisst. Die vollkommen analoge Bildung muḍa kai (muraquay) «lahme Hand» übersetzt aber der Portugiese (98) «verstümmelt an der Hand» (decepado von cêpo «(Baum-) Stumpf» gebildet) und bringt damit einen Begriff hinein, der in dem Wort an sich gar nicht liegt und offenbar dadurch hineingekommen ist, dass eine durch Verstümmelung einer Hand verursachte Lahmheit unserm Autor die Gelegenheit bot das Wort kennen zu lernen, ohne dass er doch den Sinn genau erfasst hätte.

Ein Substantiv der fremden Sprache ist durch Verbum wiedergegeben bei matara (84), wofür der Portugiese «pissen» angibt. Das Malayāḷamwort, das er meint, ist wohl zweifellos mūtram, in der Umgangssprache vielfach mutaram gesprochen, das «Urin» bedeutet. Das matara wäre dann für mutara verschrieben, und wie leicht in der Tat a und u verwechselt werden, zeigt in unserer Handschrift tala, das die portugiesischen ersten wie zweiten Herausgeber tabu gelesen haben. Über den Wegfall des auslautenden m wird weiter unten noch zu sprechen sein. Ein gleiches, Verwechslung von Substantiv und Verbum, läge vor, wenn, wie schliesslich denkbar, biamçe (22) das der «Roteiro» als «fallen» gibt, identisch wäre mit vīḻcha, tam. vīḻchai, gesprochen vīḻchäi, das «Fall» bedeutet. ç für den Mal.-Laut ch findet sich z. B. auch in çire (31) «Lippen», Mal. chiṟi, und den ihm fremden Laut des cerebro-palatalen l(ḻ) hätte er, wenn die Deutung richtig ist, durch nasaliertes a — das ist portugiesisch das am — wiedergegeben; wahrscheinlich freilich ist, dass in biamçe Verschreibung für bianee vorliegt und es einem vīḻunnu «ich falle» («du fällst» etc.) des Malayāḷam — das Kanaresische hat auch hier b im Anlaut — entspricht, wobei dann das u durch ee ausgedrückt wäre, wie in cadee (37) = kātu «Ohr» oder humnee (108) = yuvanu «junger Mann». Das ḻ wäre in diesem Falle gar nicht bezeichnet. Dass e und c vielfach nicht zu unterscheiden sind, zeigt deutlich unsere Handschrift. Der Abschreiber unseres Wörterverzeichnisses — es liegt uns nur in einer Kopie aus dem Beginn des 16. Jahrhunderts vor — mochte bezüglich des Buchstabens seiner Vorlage im Zweifel gewesen sein und könnte, um bei seiner Abschrift einen solchen auszuschliessen, die an sich überflüssige Cedilha unter das c gesetzt haben. Wenn sodann, wie ich annehme, teraquy (54), wofür der Portugiese «schlafen» angibt, aus uraquy verschrieben ist, so würde es eher Mal. uṟakku «Schlaf» entsprechen als einer Form des zugehörigen Verbums uṟaṅṅuka.

Zweifellose Verwechslung von Substantiv und Verbum liegt vor

in talaney (89) «Schläge», wo ein anderes Malayāḷamwort als tallunnu «ich schlage» («du schlägst» etc.) nicht wohl gemeint sein kann.

«Schweig still!» wird mit poté (15), Mal. pōḍu, gegeben. In Wirklichkeit bedeutet aber das aus poyviḍu (Kompositum von pōka und viḍuka), vulgär auch poyyiḍu, zusammengezogene Wort «geh weg!» Auch comda (7), Mal. koṇḍā, heisst nicht eigentlich «gib mir!» (Mal. enikku tā), sondern, aus konjunktivem Partizip koṇḍu und Imperativ vā von varika zusammengezogen, bedeutet es: «mitbringend komm her!» Das totenda aber (11), Mal. toḍēṇḍā, gebildet durch Zusammenziehung von Infinitiv toḍuka «berühren» und ēṇḍā, in voller Form vēṇḍā «es ist nicht erwünscht», heisst nicht, wie der Autor meint, «ich will nicht», sondern «bitte, nicht berühren!» oder «berühren Sie nicht!» und drückt je nach dem Tonfall und der begleitenden Geste Bitte sowohl wie barschen Befehl aus. Auf gewisse einzelne Situationen bezogen können die angeführten Malayāḷam-Ausdrücke genau dasselbe besagen wie die dafür angegebenen portugiesischen, von diesen Situationen losgelöst decken beide sich gegenseitig nicht mehr.

Gelegentlich und ohne bestimmtes System hat der Verfasser des «Roteiro» sein Verzeichnis zusammengebracht; daher die Wiederholung einzelner Ausdrücke.

«Nimm!» begegnet zweimal (10 und 100): in einem Fall bietet er als Übersetzung y na, im andern ennay (portugiesisch gesprochen innay), identische Formen. Für «gehen» begegnet mareçane (12) und narecane (87), das erste vermutlich eine Verschreibung — ein entsprechendes Wort für «gehen» ist im Malayāḷam nicht nachweisbar —: im Gebrauch der Cedilha herrscht in fast allen portugiesischen Handschriften des 16. Jahrhunderts die grösste Lässigkeit, sodass Hinzufügung oder Weglassung derselben überhaupt kaum als Änderung gelten kann, und das m ist für n verschrieben. Das zugrunde liegende Malayāḷam-Wort ist naḍakkunnu. Von der Doublette «Hand» — betall (24), «Hände» (48) — languaim war oben bereits die Rede. Mehrfach begegnet das gleiche Verbum portugiesisch in verschiedenen Formen: «sieh!» — nocane (1) und «sehen» — noquany (64); «hörst du?» — que que ne (2) und «hören» (65) — çegade (s. oben!); «iss» (9) und «essen» (83) — tinane; «schiess auf ihn!» — eriane (3), «schiessen mit Steinen oder Stock» — ouryany (93), beides offenbar Transskriptionen für eine und dieselbe Form von eṛiyyuka «werfen», «schleudern» (gesprochen yeṛiyyuga); «gib mir!» (7) comda (siehe oben!) und «gebt ihm!» (27) — eriane (nicht criane). Ich habe vermutet, dass das Wort verschrieben sei aus ceiane, das einem cheyyunnu (siehe unten!) entspräche. Dies Verbum bedeutet im Malayāḷam heute «tun». Es war denkbar, dass Missverständnis vorläge, dass der Autor ein allge-

meines «tu!» «mach vorwärts!» aus bestimmter Situation heraus als «gebt ihm!» aufgefasst habe. Nun fand ich aber in Griersons Linguistic Survey of India, Band IV, Seite 659 f. in dem Wörter-und Phrasenverzeichnis aus den dravidischen Sprachen, dass im Kurukh chi'a, im Malto chiya, beide mit unserem cheyya etymologisch anscheinend identisch, «geben» bedeuten; und dass auch im älteren Malayāḷam, mindestens in der Umgangssprache, cheyya diesen Sinn gehabt haben könnte, legte mir eine Sprachprobe aus dem 17. Jahrhundert nahe. Sie rührt von dem holländischen Geistlichen Philipp Balde (Baldaeus) aus Delft her, der Jahre hindurch in Ceylon und Südindien gewirkt und in einem 1672 erschienenen Werk über die Küsten Malabar und Koromandel sowie die Insel Ceylon auch eine «kurze Anleitung zu der Malabarischen Sprachkunst» nebst einer Übersetzung des Vaterunser und des Glaubensbekenntnisses ins Tamiḷ gegeben hat. An der Stelle: «Unser täglich Brot gib uns heute» scheint dort das «gib» mit cheyuma übersetzt (ma Respektform des Imperativs, hier in der Anrede an Gott). Hätte hiernach das Verbum auch im älteren Tamiḷ «geben» bedeutet, dann würde man für das damals noch mehr als heute ihm nahestehende Malayāḷam ein gleiches unbedenklich annehmen dürfen und der Portugiese hätte, wenn die Konjektur ceiane für das überlieferte eriane in der Tat das Richtige träfe, mit seinem «geben» vollkommen recht. Aber weder Herrn Padmanabha Pillay noch Herrn Dr. Nau ist das entsprechende Tamiḷ-Wort seyya in der älteren Sprache in dem Sinne «geben» vorgekommen und auch das Malayāḷam-Wörterbuch von Gundert führt diese Bedeutung bei cheyya nicht auf. Zudem hat Baldaeus selbst weder Tamiḷ noch Malayāḷam gekonnt. Solange also bei eingeborenen Schreibern das Wort im Sinn «geben» nicht nachgewiesen ist, würde man die Frage unentschieden lassen müssen. Nun gibt mir aber Herr Dr. Nau eine sehr einleuchtende Erklärung: eriane ist auch hier gleich Mal. eṟiyunnu «ich werfe», «du wirfst» u. s. w. und unser Gewährsmann hat insofern recht, als bei der Strenge der Kastenbräuche, die eine körperliche Berührung von Leuten verschiedener Kasten verbieten, das Geben sehr oft die Form des Zuwerfens der Gabe annimmt. Über «steh auf» (16) und «aufstehen» (91) siehe unten!

Schon die bisherigen Ausführungen über das Wörterverzeichnis haben gezeigt, dass relativ oft Verderbnisse anzunehmen sind. Ein zusammenhängender Text in einer dem Kopisten bekannten Sprache ist solchen naturgemäss viel weniger ausgesetzt: eben der Zusammenhang gibt ihm hier eine Kontrolle. Unser Text enthält in Portugiesisch und Malayāḷam fast nur einzelne Wörter; wo die Lesart unsicher war,

fehlte für den Abschreiber eine wertvolle Handhabe, das Richtige zu erkennen. Die portugiesischen Wörter wird er immerhin im allgemeinen entsprechend wiedergegeben haben; nur in *einem* Fall ist Verderbnis auch hier sehr wahrscheinlich: das lancar (17), das die portugiesischen Herausgeber mit lançar «werfen» aufgelöst haben, an sich durchaus einleuchtend, ist meines Erachtens aus cançar, einer älteren Schreibung für cansar «ermüden» (transitiv und intransitiv), verdorben; denn das als Übersetzung gebotene carecane entspricht ganz offenbar Mal. kaḻekkunnu, das «(körperlich) schmerzen» und «müde sein», z. B. vom Kopf, den Beinen u. s. w., bedeutet. Zweifellos aber muss (79) statt nãoo («nein», «nicht») naoo «Schiff» gelesen werden. Dagegen scheint des Autors Transskription der Malayāḻam-Wörter in vielen Fällen ungenau wiedergegeben zu sein: die Wörter waren eben ein totes Konglomerat von Buchstaben für den Abschreiber. Lehrreich ist, wie vielfach auch die modernen Herausgeber, und zwar die zweiten wie die ersten, hier verlesen haben. Das comda (7), wo sie cornda geben, ist vollkommen zweifellos, desgleichen (20) monday dicany (nicht decany), (25)clacle (nicht clarle), (36) tala (nicht tabu), (48)lamguaim (nicht lamguajem: vgl. in der Überschrift des Abschnittes linguajem!), (63)carichany «beissen» (nicht canchany), (72)com cundoo oder com cudoo (nicht concudoo), (88) tarigany (nicht traigany), (89) talaney (nicht talancy: den Grundstrich des c stellt der Schreiber nich so schräg). Zweifelhaft kann eriane (3) gleich am Anfang sein: sie lesen criane, aber man vergleiche das zweifellose e in morder «beissen» (63) und nehme dazu die sichere Identität mit Mal. eṟiyyunnu, so gibt das den Ausschlag. Wo sie das zweitemal (27) criane lesen, scheint mir eriane zweifellos.

Verschreibung liegt sicher vor in (24) betall (siehe oben!) = Mal. viral; in (25) clacle = Mal. kāṟṟu, wo der Portugiese ursprünglich chache oder cache (siehe unten) mochte geschrieben haben; in caestez «Hals» (39), das kaum einem andern Wort als Mal. kaḻuttu entsprechen kann und vielleicht in der Urschrift caritey lautete; war dabei die lange Form des i angewandt, wie sie in cajr (22), mjny (51), dormjr (54) und anderen Wörtern unserer Handschrift begegnet, so war Verwechslung mit s sehr leicht möglich, und die Geläufigkeit des Wortausgangs ez in der portugiesischen Sprache mochte die Verschreibung der Schlussilbe begünstigen. Dass teraquy (54) aus uraquy verschrieben scheint, wurde oben erwähnt. Das amoo (55) «Mann» wird wohl ursprünglich anoo gelautet haben.

Für «Tauben» gibt die Handschrift cayninaa (60); ein dem entsprechendes Wort für das Tier war im Malayāḻam nicht nachzuweisen,

vielleicht ist aber die folgende Deutung denkbar: In dem letzten Bestandteil des Wortes könnte iṇa «Paar» stecken — dazu würde der Plural «Tauben» wohl passen — im ersten Bestandteil aber das c für m verhört oder, was allerdings an sich nicht gerade wahrscheinlich ist, aus m durch Schreibfehler verderbt und das zugrunde liegende Malayāḷamwort mainaiṇa «ein Paar Mainas» sein. Die Maina (Acridotheres tristis), schwarz, zimtbraun und weiss gefärbt, ist verwandt mit unsern Staren, nur wenig kleiner als unsere Taube und einer der gemeinsten Vögel in Indien; sie nistet fast ausschliesslich in Menschennähe, unter Dächern, in Mauerhöhlen, in Töpfen, die die Eingeborenen für sie aushängen; in Trupps von vier, sechs und mehr picken die Tiere in den Ortschaften die Abfälle des menschlichen Haushalts, besonders gekochten Reis, auf, haben also mit unsern Tauben mancherlei Ähnlichkeit, sodass eine Verwechslung wohl möglich ist.

mana (52) «Mast» ist aus mara=Mal. maram verderbt, carit=Mal. kayyi (42) vielleicht aus einem carij (entsprechend dem (114) vedij oder (113) tandij); doch kann es auch das Ursprüngliche sein: vgl. (81) erabut=Mal. iravu.

Deutlich ist die Verschreibung, wie schon gesagt, bei dem Malayāḷamwort für «Lanze», wo (72) com cundoo oder com cudoo in der Handschrift steht, jenachdem man das Til über dem co noch auf das cu mitbezieht oder nicht. Die «Lanze» heisst im Malayāḷam kundam, wofür der Portugiese wohl cundão (cũdão) oder cunda (cũda) geschrieben hatte. Das com (cõ) «mit» ist aus den portugiesischen Worten der folgenden Zeile, tirar com arco (73) «mit Bogen schiessen», heraufgerutscht, vielleicht herbeigezogen durch den verwandten Anlaut cũ; und das oo am Wortende (portugiesisch gesprochen u) wird aus ão oder ãoo entstanden sein.

Wenn für «Tag» pagalala (82) geboten wird, Mal. zweifellos pakala (pakalu) so liegt einfach Schreibversehen vor; der Autor oder der Kopist hat die letzte Silbe doppelt geschrieben.

Offenbar verderbt ist auch (109) das co poo (portugiesisch gesprochen kopu) «Kind»: p ist verschrieben für x, womit es sehr leicht verwechselt werden konnte, und coxoo entspricht einem Malayāḷamwort kochchu «Kleiner», das für «Kind» sehr gebräuchlich ist.

Für napara (117) «Anker» stand vermutlich nagura, vielleicht sogar nãgura in der Originalhandschrift: es entspricht zweifellos einem naṅgūram.

In der ersten wie in der zweiten Ausgabe des «Roteiro» fehlt die portugiesische Bedeutung in acht Fällen: fünfmal sind die Herausgeber durch den Tatbestand der Handschrift bis zu gewissem Grade

gerechtfertigt, indem die betreffenden Wörter dort ausgestrichen, freilich ohne Mühe noch lesbar sind. Ein Besitzer des Manuskriptes hat offenbar an ihnen Anstoss genommen; es sind auch durchaus vulgäre, zum Teil obszöne Ausdrücke: caralho (45) «männliches Glied», colhões (46) «Hoden», (47) quu (heute cú geschrieben) «Hinterteil», peydo (61) «Furz» und foder (99) «den Geschlechtsakt vollziehen». In den drei andern Fällen hat lediglich eigene wunderliche Prüderie sie abgehalten den Inhalt der Handschrift vollständig wiederzugeben. Da lassen sie aus: por mamas (40) «für Brüste», por cono (50) «für weiblichen Geschlechtsteil» und por mijar (84) «für pissen». Die sichere Deutung der für diese Ausdrücke von dem Portugiesen angegebenen acht Wörter ist nicht durchweg gelungen; das zweifelhafte canay (45) scheint aber mit Mal. kaṇa (älter kaṇay: vgl. mulay) identisch — im Tamiḻ lautet est noch heute kaṇay —, das einen kleinen Bambusstengel, einen Holzlöffelstiel, auch Pfeil bezeichnet. Das «tertium comparationis» wäre klar: vgl. unser «Rute»! cula (50) könnte mit Mal. kuḻa identisch sein, das «Höhlung», «Öffnung» bedeutet und z. B. für das Nadelöhr, für die Öffnung in der Axt oder Hacke gebraucht wird, durch die man den Stiel steckt. Auch hier läge der Vergleichspunkt klar zutage. Für seyrim (46) vermag ich nichts Befriedigendes vorzuschlagen; übrigens ist die Form des Wortes auch verdächtig: s kommt im Malayāḻam als Anlaut fast nur in Fremdwörtern vor und ein solches ist für «Hoden» doch wenig wahrscheinlich. Das Verbum paṇṇuka (99), mit Substantiv paṇi «Werk», «Arbeit» zusammenhängend, heisst eigentlich «machen», «arbeiten», ist aber für den Geschlechtsakt im Mal. gebräuchlich.

Das lebhafte Interesse, das der Autor der Erkundung gerade dieser ziemlich stattlichen Wortgruppe zugewandt hat, ist bezeichnend für seine Geschmacksrichtung; es stimmt vollkommen dazu, wenn er bei dem Bericht über die Vorgänge in der Skt. Helena-Bucht nördlich vom Kap der Guten Hoffnung mit schmunzelndem Behagen erzählt, dass er sich als Andenken die Lederscheide eingetauscht habe, die einer der Buschmänner, mit denen sie in Berührung kamen, am Geschlechtsteil trug.

Zum Verständnis des Lautlichen im Wörterverzeichnis sei bemerkt, dass in allen dravidischen Sprachen die Neigung vorhanden ist hinter jedem Endkonsonanten einen sehr kurzen Vokal von nicht ganz bestimmter Färbung nachklingen zu lassen. Wie dieser Tendenz entsprechend im Tamiḻ auf jedes am Wortende stehende k, ṯ, t, p, ṟ ein kurzes u folgen *muss* und in der gesprochenen Sprache auch nach den möglichen Endkonsonanten oft steht, wie im Kanare-

sischen und im grammatisch geschriebenen Telugu ein kurzes u an jeden Endkonsonanten angefügt wird, das in der Umgangssprache vielfach abfällt, so begegnet auch im Malayāḷam häufig ein solcher Endlaut und zwar erscheint er hier als u, vielfach mit dem Lautwert eines ganz kurzen offenen ö, bald als a; im nördlichen Teil des Sprachgebiets ist er kaum hörbar. Aus der verschiedenen Aussprache erklären sich manche Verschiedenheiten zwischen der Transskription Bischof Speechlys und der meinigen (Caldwell, Comparative grammar of the Dravidian languages p. 17 f.).

Auf diesem nachklingenden Laut beruht es, wenn der Portugiese caralu (78) «Meer» für kaḍal (kaḍalu), (108) humnee (ee = ĕ; um ist nur nasaliertes u im Portugiesischen) für yuvan (yuvanu), pena (56) für peṇ (peṇṇu) schreibt. Die Kürze und schwache Hörbarkeit des Lautes ist die Ursache, dass er in so verschiedenen Formen bei ihm auftritt. Er erscheint hier als

1. A: (74) nerara (ñāyaṟu), (56) pena (peṇṇu), (82) pagala (pakalu), (33) cana (kaṇṇu);

2. U, geschrieben bald u (bezw. ut): (78) caralu (kaḍalu), (81) erabut (iravu), bald o (oo): (5) coraoo (kayaṟu), (32) muco (mūkku), (38) naoo (nāvu = nā; v ist euphonisch: Caldwell a. a. O., S. 71), (55) amoo (āṇṇu = āṇ), (67) morubo (muṟuvu = muṟi), (80) çambuco (chambokku);

3. OU: (29) calou (kallu);

4. E (ee): (37) cadee (kātu), (41) nanc (neñchu), (65) çegade (chekiḍu), (108) humnee (yuvanu);

5. EY: (30) faley (pallu);

6. I: (ij, y): (20) monday dicany (moyai miḍukkanu), (51) mjny (mīnu), (70) cayny (kaviṇu), (43) barri (vayaṟu), (113) tandij (taṇḍu).

Bezüglich des Anlauts ist es heute Gesetz, dass kein Wort, es sei denn ein Lehnwort, mit weichem Konsonanten beginnen kann. Von weichen Konsonanten begegnet an dieser Stelle in unserem Wörterverzeichnis in der Tat nur b und das entspricht hier in allen Fällen anlautendem v des Malayāḷamwortes, ist auch ausser in (114) vedij (veḍi) für diesen Anlaut immer angewandt. Wenn im Inlaut ein v des fremden Idioms mit b transskibiert wird, wie in morubo (67), erabut (81), so lässt sich der Schluss, dass der Autor ein b gehört haben müsste, nicht ohne weiteres ziehen: denn sein morubo stand um 1500, portugiesisch ausgesprochen, einem moruvu nicht ferner als heute. Ein eigentliches b zwischen Vokalen gibt es im Portugiesischen beim Sprechen überhaupt nicht, es ist hier immer leicht frikativ (Gonçalvez Vianna, Portugais, Leipzig 1903, Seite 19), im nördlichsten Portugal reines v (= unserem w) und wechselt in

dieser Stellung auch orthographisch nicht selten mit dieser Frikativa; so schreibt unser Autor im erzählenden Teil des «Roteiro» taboado Seite 32 neben retavollo Seite 46 und tavollachinhas Seite 32, obwohl alle auf lateinisch tabula zurückgehen.

Gesetzt aber, er hörte in muṟuvu und iravu wirklich ein reines b, so konnte er es auch nur mit dem gleichen Buchstaben b ausdrücken. Anders liegt der Fall im Anlaut: hier wird zwar im Nordportugiesischen zwischen b und v in der Aussprache und bei ungebildeten Leuten vielfach auch im Schreiben nicht richtig unterschieden (Cornu, Grammatik der portugiesischen Sprache, 2. Auflage, Strassburg 1906, Seite 70), bei unserem Autor aber findet sich nirgends ein Beispiel, dass er in portugiesischen Wörtern an dieser Stelle b und v verwechselte; in den Transskriptionen der Malayāḷamwörter schreibt er dagegen für anlautendes v ausser in (114) vedij überall b: (4) balichene (valikkunnu), (14) baa (vā), (23) balidu (valitu), (24) berall (viral), (43) barri (vayaṟu), (61) baly (vaḷi), (104) barcangache (vaḍakkaṅgāṟṟu). Im Inlaut ist es, wie gesagt, zweimal, in (67) morubo (muṟuvu) und (81) erabut (iravu), mit b, in (38) naoo (nāvu), (70) cayny (kaviṇu), (108) humnee (yuvanu) gar nicht wiedergegeben. Im ganzen gewinnt man daraus doch den Eindruck, dass der Laut, den er hörte, im Anlaut dem b näher lag als dem v. Denkbar wäre das: im Malayāḷam steht zwar heute das anlautende v nach Caldwell, Comparative grammar of the Dravidian languages, 2. Auflage, Seite 58, in der Aussprache zwischen englischem v und w, aber im Kanaresischen ist es durchweg verhärtet zu b; so heisst Mal. viral «Finger» im Kanaresischen und Tuḷu beraḷu, Mal. vīḻuka «fallen» bīḷu bezw. būru, im Telugu biddu. Zu sicheren Schlüssen reicht ja wohl das Material nicht aus, aber dass kanaresischer Einfluss hier wirksam gewesen ist, liegt doch sehr nah. Auch bei der Umschreibung des malayāḷischen unnu in ane und ene ist er nicht unwahrscheinlich.

Einfacher Konsonant in der Mitte eines einfachen oder zusammengesetzten Wortes ist weich, desgleichen nach Nasal. Wo daher zwischen Vokalen einfaches k, ṭ, t oder p geschrieben ist, spricht man statt dessen g bezw. ḍ, d und b (Caldwell a. a. O., S. 21, 26, 65), so in (101) pōkām, (82) pakal, (37) kātu, (23) valitu, (26) chiṟutu, (47) kūti, (65) chekidu, (88) taḻukunnu, wo die Transskription des Portugiesen auch überall weichen Konsonanten aufweist. Durchaus richtig kommt die Erweichung des k zu g nach einem Nasal mehrfach zum Ausdruck, so in (104) barcangache = vaḍakkaṅgāṟṟu, zusammengesetzt aus vaḍakkaṇ «nördlich» und kāṟṟu «Wind», in (105) tycamgarche = tekkaṅgāṟṟu aus tekkaṇ «südlich» und kāṟṟu «Wind», in (48)

languaim = iḍaṅgai (über die Identifizierung siehe unten) aus iḍam «linke Seite» und kai «Hand».

ḷk und lk wird, wie mir Herr Padmanabha sagt, in der Umgangssprache beides oft als kk gesprochen, kēḷkunnu ist also = kēkkunnu, mēlku = mēkku, nilkunnu = nikkunnu, sodass die portugiesischen Transskriptionen (2) quequene, (103) mecache (mēkkārru) und (86) anicany das Richtige treffen.

Ein f kennt das Malayāḷam so wenig wie die andern dravidischen Sprachen ausser dem Tuda; wo in unserem Verzeichnis f steht, d. h. in (30) faley und (94) fareny, entspricht dasselbe ebenso einem pallu und pāḍunnu wie portugiesisch fanão einem paṇam. Der Anlaut ist von Interesse: f anstatt Mal. p findet sich an dieser Stelle des Wortes nämlich überall in den Transskriptionen indischer Namen, die auf die Araber zurückgehen. Mal. paṭṭanam «Stadt», portugiesisch patam, hat dort stets die Form fattan; für Panane, wie die Portugiesen den Namen einer Stadt südlich von Calicut schreiben, steht z. B. in dem Seespiegel Moḥîṭ die Form Fanânî, für port. Pandarane Fandarîna, für Perim Fêram, für Pedir Fêdûr, für Pulo Pinam Fulô Finang u. s. f. Das arabische Alphabet hat den Buchstaben p nicht und ersetzt ihn, wo er in fremden Wörtern vorkommt, durch f. Daraus würde dann mit Wahrscheinlichkeit folgen, dass unser Autor die genannten Malayāḷamworte (pallu, pāḍunnu) aus einem ans Arabische gewöhnten Munde gehört hätte, und dann würden sie wohl durch Monçaide oder den Juden Gaspar an ihn gekommen sein. Sonst hat er für Mal. p im Anlaut stets auch ein p: (13) poo = pō, (15) pote = pōḍu, (18) parane = paṟayunnu, (82) pagala = pakalu, (99) panany = paṇṇunnu, (101) pomga = pōkām, (56, 107) pena = peṇṇu bezw. peṇ nā, (110) pura = pura, (112) parima = parimaram, (125) Paramganda = Paramagandha u. s. w.; ebenso entspricht dem Mal. pp im Inlaut auch bei ihm stets ein p: (79) capell = kappal, (120) cupajāoo = kuppāyam, (121) cacupaja = kālkuppāyam, (122) tupy = toppi, (129, 133, 135) apa = appaṇ oder appā in den Eigennamen.

Wenn f in der Sprache der Malabaren überhaupt fehlt, so kommen l und r als *anlautende* Konsonanten in einheimischen Malayāḷamwörtern nicht vor (Caldwell a. a. O., S. 27). In der Tat bietet unser Verzeichnis ein r als Anlaut nur (137) in dem Eigennamen Rremaa, und der ist aus dem Sanskrit entlehnt: Rāma. Dagegen kommt l als anlautender Konsonant dreimal vor, nämlich in (6) lacany, (16) legany, (48) languaim. Das letztere ist, wie oben erwähnt, identisch mit iḍaṅgai «linke Hand», das noch heute im Tamiḷ die gebräuchliche Bezeichnung für den Gegenstand ist, während im Malayāḷam jetzt gewöhnlich iḍatu kai statt dessen gesagt wird. Die

Identifizierung bedarf einer Begründung. Zunächst das gu: Zahlreiche Fälle beweisen, dass unser Autor auch in portugiesischen Wörtern mit gu und g als Zeichen für g vor o ebenso regellos wechselt wie mit qu und c vor o und a: z. B. loguo und logo S. 48, consiguo und comsygo S. 54, triguo S. 39 und trigo S. 67. Vor a schreibt er ein gu statt g nur in guayvotas S. 5 = gaivotas. Auch dieser Wechsel ist aber in den Handschriften des 16. Jahrhunderts häufig: in den Briefen des Affonso d'Albuquerque (Coll. de mon. ined. para a historia das conquistas dos Portuguezes em Africa, Asia e America, tom. x, Lisboa 1884) findet sich auf den ersten vier Seiten gastar und guastar, afogar und afoguar, azagayo und azaguayo, adarga und adargua, wo das gu überall g bedeutet. Das «im» in languaim ist nasaliertes i: für ein auslautendes i des Malayāḷamwortes begegnet diese Schreibung in unserem Verzeichnis auch in (34) necheim = nerṟi; schwerlich wird nur persönliche Eigenheit des Sprechenden sie veranlasst haben: diese Nasalierung ist bei portugiesischen Transskriptionen von Malayāḷam-Namen vielmehr sehr häufig; es genügt an Cochim = Kochchī zu erinnern. Der zweite Bestandteil, gai, ist also zweifellos; was den ersten betrifft, so wird in dem l Verschreibung für d vorliegen: wie ähnlich beide Buchstaben sein können, zeigt das Beispiel von (49) .dedos «Finger» in unserer Handschrift. Das zerebrale ḍ ist in den übrigen Fällen mit d, t oder r wiedergegeben, nur in (97) curuge, wenn es für kuruḍi steht, mit g; das anlautende i vor iḍaṅgai hat der Autor überhört.

Ganz der gleiche Fall liegt vor, wenn das portugiesische alarga (6), was nicht mit absoluter Sicherheit gesagt werden kann, einem «mach weiter!» «erweitere!» (einen Platz nämlich) entspricht: in diesem Fall ist das lacany, ebenfalls verderbt aus dacany, identisch mit Mal. iḍakkunnu. Dies Wort führt Gundert aus dem 1. Teil der «sehr schätzbaren» alten Wörterbücher des Malayāḷam und Portugiesischen an, die 1746 vollendet auf Material beruhen, das portugiesische und italienische Missionare von Verapoli im 17., teilweise vielleicht auch schon im 16. Jahrhundert gesammelt haben, den sogenannten Verapoli-Wörterbüchern, die mir leider nicht zugänglich waren. Sollte aber alarga, worauf die vorausgehenden zwei Wörter, (4) «ziehen» und (5) «Strick», «Seil», weisen könnten, gleich larga sein, was immerhin möglich, wenn auch ungewöhnlich wäre, und bedeuten «lass locker!» dann würde es vielleicht einem iḷakunnu entsprechen, das eigentlich «bewegen» heisst, aber auch «fahren lassen» bedeuten kann.

Dass in dem legany (16) «steh auf!» iḷakunnu steckt, das «sich bewegen» und als Ausdruck der Jagd «aufgescheucht werden» bedeutet, ist mir sehr wahrscheinlich. Ein «rühr dich!» hätte der Por-

tugiese dann als «steh auf!» aufgefasst; e statt Malayāḷam a findet sich auch in (87) narecane = naḍakkunnu (vgl. portugiesisch areca für aḍakka «Betelnuss»).

Die gleiche Form iḷakunnu steckt wohl auch in dem alagany (91) unseres Autors, das er für portugiesisch levantar bietet. Das letztere heisst transitiv «heben», wird aber auch intransitiv gebraucht: «in die Höhe gehen», «steigen» und vor allem reflexiv alevantar-se «sich erheben», «aufstehen». Vielleicht stand in der Urschrift des «Roteiro» alevantate «steh auf!» statt alevantar an dieser Stelle. Vielleicht wollte auch der Autor levantar im Sinne von alevantar-se verstanden wissen. Dass legany (16) und alagany das gleiche Wort wiedergeben, ist mir jedenfalls sehr wahrscheinlich.

Anlautendes e wird als ye (= deutsch jë), ē als yē (deutsch jē) ausgesprochen; geschriebenes eyyunnu, das in dem heany (73) «mit Bogen schiessen» steckt, ist also zu sprechen yeyyunnu. Dass der Autor hier und in (108) humnee für yuvanu mit dem h, das er am Anfang schrieb, den ihm fremden Anlaut y bezeichnen wollte, ist möglich, freilich nicht sicher. In portugiesischen Wörtern wurde und wird h am Wortanfang nicht gesprochen. In eriane (3) «schiess auf ihn!» und ouryany (93) «mit Steinen oder Stab werfen», beides = eṟiyyunnu, ist der gleiche Anlaut ganz verschieden wiedergegeben: das erste lautet portugiesisch gesprochen iriane, das zweite oriany.

ch wird gesprochen wie deutsch tch, nach n sehr weich, sodass diese Konsonantenverbindung etwa wie deutsch nj lautet, so in (41) neñchu, wofür Gundert neññu schreibt. Im Anlaut ist zweimal in unserem Wörterverzeichnis das ch bei Fremdwörtern, die das Mal. übernommen hat, Ersatz für s, das kein Malayāḷam-Buchstabe ist und in der Sprache vielfach durch ch ersetzt wird: (80) chambokku, in der portugiesischen Transskription çambuco (in anderen Quellen auch sambuco, zambuco), entspricht arabisch-persischem sanbūq «Fischerboot»; chukkān «Steuerruder», von unserem Autor (119) xoca (portugiesisch gesprochen schukā) geschrieben, ist arabisch sukkān. Was die Transskription betrifft, so hat der Portugiese den seiner Sprache fremden und für ihn nicht genau ausdrückbaren Malayāḷamlaut bald mit c (ç) wiedergegeben so in (31) çire (65) çegade, (80) çambuco, bald durch ch (in portugiesischer Aussprache = deutschem sch), so in (26) chiredu, bald durch x (portugiesisch gesprochen wie deutsches sch), wie in (58) xame, (119) xoca und (109) coxoo, wenn dem letzteren das copoo der Handschrift entspricht. Gar nicht ausgedrückt ist der Buchstabe in (41) nane = Mal. neñchu (neññu).

Für Mal. k bezw. kk begegnet, wenn man von den oben erwähnten Fällen des einfachen k (= g) im Inlaut von Malayāḷamwörtern

absieht, c, qu und ch. Wenn vor a, o, u für die beiden Laute ein c, vor e und i ein qu geschrieben wird, so ist das die im Portugiesischen noch jetzt übliche Schreibung; auch wenn vor a, o, u das k oder kk mit qu gegeben wird, wie in (98) muraquay, (64) noquany, hat das nichts Auffallendes; diese Orthographie findet sich in den Texten jener Zeit hundertfältig auch bei portugiesischen Wörtern: so schreibt der Autor nebeneinander barcas und barquas S. 55, ancoras S. 39 und anquora S. 42, Quayro und Cairo S. 88, de cando em quando S. 98 u. s. w. Ungewöhnlich ist das ch in dieser lautlichen Bedeutung; aber die Identifizierungen (4) balichene = valikkunnu, (8) carichany = kuḍikkunnu bezw. kaḍikkunnu sind so zweifellos, dass der Lautwert des ch als k hier gesichert ist. Das führt mich zu der Vermutung, dass auch in (25) clacle «Wind» der Anlaut ursprünglich ch = Mal. k war; das zweite cl in dem Wort ist wenigstens sicher für ch verschrieben, das aber hier einen ganz anderen Laut bezeichnet als an erster Stelle, nämlich verdoppeltes zerebrales r (r̤), das in der Verdoppelung halbdental ist, von Caldwell a. a. O., S. 29 als ttr seiner Aussprache nach beschrieben und von Gundert mit t͟t wiedergegeben wird.

Diesen seinem Ohr fremden Laut hat der Portugiese regelmässig mit ch wiedergegeben. Dem necheim (34) «Stirn» entspricht zweifellos Mal. neṟṟi. Zur Nasalierung des auslautenden i vgl. oben languaim! Das zweite e würde nach portugiesischer Aussprache kaum hörbar sein. Die Windbezeichnungen (104) barcangache = vaḍakkaṅgāṟṟu und (105) tycamgarche = tekkaṅgāṟṟu sind als Zusammensetzungen aus vaḍakkaṉ «nördlich» bezw. tekkaṉ «südlich» und kāṟṟu «Wind» schon oben angeführt worden; die entsprechenden Ausdrücke für «Ost-» und «Westwind» kiḻakkāṟṟu und mēkkāṟṟu (= mēlkkāṟṟu) lauten in seiner Transskription (102) carecache und (103) mecache. Demnach wird er das einfache kāṟṟu entweder als cache oder, was man nach dem doppelten cl vermuten könnte, als chache geschrieben haben.

Zerebrales d (ḍ) wird in fast ebenso vielen Fällen mit r wie mit d wiedergegeben, mit d in (7) comda, (11) totenda, (20) monday dicany, (65) çegade, (113) tandij, (114) vedij, (111) cudoo (?), mit r in (8) carichany, (87) narecane, (57) tari, (78) caralu, (94) fareny, (104) barcangache, mit t in (11) totenda, (15) pote, (118) coti.

Das zerebro-palatale ḻ erscheint ebenfalls als r in (17) carecane, (88) tarigany, (102) carecache, als j (portugiesisch gesprochen wie in französisch jeune) in (95) majaa, als .l vielleicht in (50) cula = kuḻa.

Palatales r (ṟ), sonst immer mit r gegeben, ist bei (35) talanār im

Auslaut mit y: talanay, in (49) beda = viral «Finger» mit dem leicht frikativen, sehr weichen intervokalischen d des Portugiesischen, in (24) berall dagegen mit r ausgedrückt. Das l scheint der Autor im ersten Fall, beda, überhört zu haben.

Auslautendes m des Malayāḷam behandelt er in seiner Transskription verschieden. Das Portugiesische kennt in der Aussprache konsonantisches m als Auslaut nicht; wo es geschrieben wird, ist es nur Zeichen der Nasalierung des vorausgehenden Vokals, z. B. in sim «ja», in unserem Verzeichnis in (34) necheim = nerṟi, (48) languaim = iḍaṅgai; in port. compram «sie kaufen», in port. um «ein», in unserem Verzeichnis in (71) ambum = ambu; in port. em «in», tom «Ton». Statt am findet sich in portugiesischen Wörtern vielfach ão, wofür unser Autor nach dem Brauche der Zeit auch ãoo schreibt, z. B. Ilheos chãoos «die flachen Inseln» (S. 15) neben cham «Boden» (S. 75), irmãoo (S. 1) neben irmão (S. 23), emtam (S. 10) neben emtão (S. 7) u. s. w. Für Mal. am findet sich ãoo (aoo steht in der Handschrift, aber das Til wird so oft ausgelassen, dass seine Hinzufügung als Änderung kaum gelten kann) in (120) cupajãoo = kuppāyam und wenn die Konjektur (72) cũdão für cõ cudoo richtig ist, in dieser Transskription des kundam; sonst aber bleibt das auslautende m des Malayāḷamwortes durchweg unausgedrückt: (28) mara (maram), (76) mana (mānam), (84) mutara (mūtram), (101) pomga (pōkām), (112) parima (ṗarimaram), (117) nãgura (naṅgūram), (121) cacupaja (kālkuppāyam), vielleicht auch in (138) Mamgala (Maṅgalam). Dass er hier regellos verfährt, zeigt der Vergleich von cupajãoo und cacupaja.

Auch auslautendes n bleibt unberücksichtigt: in (58) xame (chemmīn), (119) xoca (chukkāṉ), vielleicht auch in (129, 133, 134, 135) apa in den Eigennamen (= appaṉ). Wenn umgekehrt für Mal. nilā in der Handschrift (75) neelan begegnet, so wird das wohl Schreibfehler für neelaa sein.

Welche besondere Form eines Malayāḷamwortes der Verfasser wiedergeben wollte, lässt sich nicht in jedem Falle sicher bestimmen. Verbalformen endigen bei ihm mit wenigen Ausnahmen auf ane, any, ene, eny. Von (89) talaney, (65) çegade, (22) biamçe und (54) teraquy war oben bereits die Rede; das (10) yna bezw. (100) ennay, das an zwei Stellen als Übersetzung für «nimm!» begegnet, gehört nicht hierher: Mal. innā, das es wiedergibt, ist nicht Verbalform, sondern entspricht unserm «he!», «hier!» ist also derbe Aufforderung etwas zu nehmen. Man ruft damit z. B. Tiere zum Füttern.

Transskribierte Malayāḷamformen auf ane entsprechen portugiesischem Infinitiv 8 mal, Imperativ Singular 3 mal, Imperativ Plural

einmal; Formen auf any portugiesischem Infinitiv 10 mal; Imperativ Singular 2 mal; Formen auf ene portugiesischem Infinitiv ein- oder, wenn man quene (90) «weinen» einrechnet, 2 mal, portugiesischem Indikativ des Präsens Singular 2. Person einmal; eine Form auf eny portugiesischem Infinitiv einmal. Nun geht bei der Mehrzahl der Verben die Infinitivform im Malayāḷam auf ka aus; in den Formen auf ane, any, ene, eny kann das natürlich nicht stecken; Bischof Speechly vermutet wenig überzeugend, dass das ne (ny) teils das Pronomen nī «du» teils nur «an expressive ending» sei. Mir ist wahrscheinlich, dass in allen oder mindestens doch in den weitaus meisten Fällen einfach das indefinite Tempus des Malayāḷam, das sogenannte Präsens, darin steckt, das in allen Personen des Singular und Plural auf die Suffixe unnu oder kunnu ausgeht, deren auslautendes u ein ähnlich wie unser unbetontes e, etwas dumpfer vielleicht klingender Laut ist, dem in der Aussprache des täglichen Verkehrs auch das vorhergehende u nicht sehr fernliegt. Wenn diese Deutung der Transskription des Autors richtig ist, dann würde sein (87) narecane «gehen» einem naḍakkunnu entsprechen, das je nach dem hinzutretenden Pronomen heissen kann: «ich gehe (ñāṉ naḍakkunnu), «du gehst» (nī naḍakkunnu), «ihr geht» (niṅṅaḷ naḍakkunnu) u. s. w. Die Personalendungen der Verbalformen hatte ja schon um 1500 das Malayāḷam abgestossen. Zu betonen wäre in diesem Falle die Transskription des Portugiesen narécane (das unbetonte a der Portugiesen klingt vor dem n etwas nach e hinüber). Ein paarmal ist dies Suffix infolge rascher und undeutlicher Aussprache mit der letzten Wurzelsilbe verschmolzen: (18) parane entspricht offenbar Mal. paṟayunnu, ist also auf der vorletzten Silbe zu betonen (paráne): (90) quene «weinen» ist aus kēḷunnu zusammengeschmolzen; einen ähnlichen Vorgang könnte man bei (62) mucane vermuten: es würde dann mukarunnu zu mucáne zusammengezogen sein; freilich wäre in diesem Fall mugáne zu erwarten, da einfaches k zwischen Vokalen nach dem oben mitgeteilten Lautgesetz als g gesprochen wird; es kommt hinzu, dass bei mukarunnu das «küssen» nicht die eigentliche Bedeutung ist, und so möchte ich eher annehmen, dass mucane aus mútane verschrieben ist und einem muttunnu des Malayāḷam entspricht, das im eigentlichen Sinn «küssen» heisst.

Wenn das für kēkkunnu (= kēḷkunnu) gebotene portugiesische ouves (2), wie wahrscheinlich, nicht «du hörst», sondern «hörst du?» bedeuten soll, dann würde vulgäres kēkkunnō für kēḷkunnuvō das Entsprechende sein, mit dem Ton auf der letzten Silbe (Caldwell a. a. O., S. 335); das aber hat der Autor nach seiner Transskription zu urteilen nicht gehört; es stimmt also hier, wie auch bei den Im-

perativen, dann die Form nicht genau. Von (15) pōḍu, (7) koṇḍā, (11) toḍēṇḍā war oben die Rede.

Der Wortausgang any, mit dem 12 mal Verbalformen schliessen, der ausserdem noch in (20) monday dicany (moyai miḍukkanu) vorkommt, begegnet sonst nur in den zwei angeblichen Substantiven (68) batany «Schwert» und (69) cutany «Schild». Entsprechende Malayāḷambezeichnungen für diese Begriffe haben sich nicht nachweisen lassen; auffällig ist aber, dass batany (nach dem oben Ausgeführten wohl zu sprechen als vatany) der Form nach mit veṭṭunnu identisch sein könnte (wie (87) narecane mit naḍakkunnu), einem Verbum, das «hauen», «abhauen» bedeutet und wie das zugehörige Substantiv veṭṭu «Hieb» gerade vom Weghauen mit dem Schwerte gern gebraucht wird und auch «fechten» heisst; der im Malayāḷam und Tamiḻ für «Schwert» gebräuchliche Ausdruck ist Sanskrit paṭṭayam. Das cutany (69) des Portugiesen würde in der Form vollständig einem kuttunnu entsprechen, von dem Verbum kuttuka, das «durchstechen», «durchbohren» bedeutet. Sollten dem batany und cutany Bildungen von diesen Wurzeln zugrunde liegen oder am Ende Missverständnisse untergelaufen und beide mit veṭṭunnu und kuttunnu einfach identisch sein? Das letztere ist allerdings bei so konkreten Begriffen wie Schild und Schwert schwer zu glauben.

Mit ein paar Worten sei auf die oben erwähnte Erscheinung der appellativen oder denominativen Verba oder konjugierten Nomina hingewiesen, die sich ausser in den dravidischen Sprachen auch in der finnisch-ungarischen Gruppe findet. Jedes dravidische Substantiv und Adjektiv kann in den älteren Dialekten, und in gewissen Verbindungen selbst in den heutigen Umgangssprachen, in ein Verbum verwandelt werden durch einfache Anhängung der üblichen Pronominalsuffixe. Diese appellativen Verba werden durch alle Numeri und Personen konjugiert, sind aber auf das indefinite Tempus beschränkt. Valutu und (23) valiyatu (valitu) «es ist gross», valiyaṉ «er ist gross» u. s. w. sind von der Basis val «gross» einfach durch Hinzufügung der Pronominalsuffixe tu (atu) und aṉ (avaṉ) gebildet worden, wobei als Bindeglied im einen Fall noch das iya eingeschoben ist (Caldwell a. a. O., S. 368 f.).

Was die Substantive betrifft, so findet Unterscheidung des grammatischen Geschlechtes im Malayāḷam nur in beschränktem Masse statt. Es ist eine spezielle Eigentümlichkeit der dravidischen Sprachen, dass die Substantiva von diesem Gesichtspunkt aus in zwei Klassen geteilt werden, von denen die erste die Bezeichnungen für vernunftbegabte Wesen, Menschen und Götter, die zweite alle übrigen Nomina umfasst. Tamiḻ-Grammatiker nennen die Wörter der ersten

Klasse Nomina hoher Kaste, die der zweiten kastenlose. Nur bei der ersten Gruppe kann durch Hinzufügung von Pronominalsuffixen grammatisches Geschlecht bezeichnet werden. Im Plural sind dieselben für Maskulinum und Femininum gleich, im Singular haben Tamiḻ, Malayāḷam und Kanaresisch besondere Suffixe für die beiden Genera. Fürs Maskulinum Singular lautet dasselbe im Malayāḷam aṉ (vgl. das Demonstrativ avaṉ «er», «dieser Mann»), fürs Femininum Singular aḷ (vgl. die Demonstrativform avaḷ «sie»; «diese Frau») oder auch atti bezw. tti oder i (Caldwell a. a. O., S. 120 ff.). Durch Anhängung dieser Suffixe wird ein Abstraktum oder sonstiges Neutrum (kastenloses Nomen) zu einem konkreten, geschlechtlich bezeichneten Appellativum, z. B. aus Neutrum und Abstraktum miṭukku «Stärke», «Tätigkeit», «Geschicklichkeit» wird Maskulinum Singular und Konkretum miṭukkaṉ (20), Femininum miṭukki und miṭukkatti, wörtlich «Geschicklichkeit = Er», «Geschicklichkeit = Sie» oder «ein geschickter Mann», «eine geschickte Frau»; ebenso verhält sich kuruṭu «Blindheit» zu kuruṭaṉ «blinder Mann» und «kuruṭi» blinde Frau». Dass in dem (97) curuge das letztere steckt, ist mir einigermassen wahrscheinlich, weil im Portugiesischen vor und nach der präpalatalen Frikativa ein e wie i gesprochen wird, hier also das ge wie französisch gi mit ganz kurzem i (Gonçalves Vianna a. a. O., S. 38 f.); dass das Wort so wenig wie miṭukkaṉ eigentlich adjektivisch ist, ergibt sich aus dem Gesagten. Wie miṭukkaṉ zu miṭukku, kuruṭaṉ zu kuruṭu verhält sich auch moñjaṉ (Femininum moñjatti) «ein kräftiger, hübscher Bursch» zu moñju «Schönheit». Wenn für «verständig», «klug» der Portugiese in seinem (20) monday dicany offenbar die Zusammenstellung moñjaṉ (das ist moyai) miṭukkaṉ bietet, so ist nicht etwa das eine von beiden Wörtern im Sinn eines Attributes zu dem andern zu fassen, sondern wahrscheinlich wollte der Gewährsmann durch zwei selbständige, einfach nebeneinander gestellte appellative Substantive eine Person nach zwei verschiedenen Richtungen, Schönheit und Klugheit, bezeichnen, also sagen «ein schöner Kerl, ein gescheiter Kerl». Ein solches Substantiv «hoher Kaste», chu'ṅgāraṉ = chukkāṅgāraṉ aus chukkāṉ «Steuerruder» und kāraṉ «der mit etwas zu tun hat» (cherippukāraṉ «Schuhmacher» und «der Schuhe trägt»), in portugiesischer Transskription etwa xocangara, müsste als drittletztes Wort in unserm Verzeichnis dastehen, wenn Ravensteins Übersetzung des portugiesischen pelote (120), womit das ärmellose altportugiesische Obergewand bezeichnet wird, richtig wäre: er verwechselt aber pelote mit piloto und übersetzt pilot «Lotse», «Steuermann», ein Irrtum, den ausser der Ähnlichkeit beider Wörter wohl auch das vorausgehende (119) «Steuerru-

der» (xoca = chukkāṉ) veranlasst hat. In der gleichen Weise wie diese Maskulin- und Femininsuffixe wird zur Bildung neutraler Appellativwörter das Suffix tu gebraucht (vgl. atu «jenes» und itu «dieses»), das uns in (23) balidu = valitu und (26) chiredu = chiṟutu «grosses» bezw. «kleines Ding» bereits begegnet ist. Statt valitu aus valiyatu könnte es ebensogut valutu, aus valu (= val) und tu, und statt chiṟutu auch chiṟitu von chiṟiyatu heissen (vgl. Caldwell a. a. O., S. 371).

Das natürliche Geschlecht kennzeichnet man bei vernunftlosen lebenden Wesen, wenn eine Unterscheidung nötig ist, durch Präfix, d. h. Davorsetzen von Wörtern, die «Männchen» oder «Weibchen» bedeuten; das Wort bleibt darum grammatisch gleichwohl (kastenlos) neutral (Cadwell a. a. O., S. 127). So entspricht in unserem Text dem nā, im geschriebenen Mal. heute nāy «Hund», in der Transskription des Portugiesen ein (107) pena, im geschriebenen Mal. heute peṇ nāy «Hündin»: peṇ oder peṇṇu heisst eben «Weib», «Mädchen».

Von den (kastenlosen Nomina) Neutra wird in den dravidischen Sprachen ein Plural, obwohl es einen solchen gibt, nur selten gebraucht (Caldwell a. a. O., S. 129 f.), am meisten noch in gepflegter Prosa; den Numerus ergibt bei ihnen im allgemeinen nur der Zusammenhang. Wenn daher unser Autor für sein (30) «Zähne», (31) «Lippen», (37) «Ohren», (42) «Arme», (44) «Beine», (51) «Fische», (118) «Fahnen» u. s. w. immer Singularformen bietet, so ist das nach dem Sprachgebrauch, ganz besonders der niederen Klassen, vollkommen richtig. Ein Dual, wie er im Sanskrit und in den Muṇḍasprachen sich findet, fehlt dem Malayāḷam wie den dravidischen Sprachen überhaupt.

Das dravidische Adjektiv ist nach Bildung und Gebrauch von dem der indoeuropäischen Sprachen grundverschieden. Die Adjektiva im eigentlichen Sinne sind hier Substantive, die eine Eigenschaft oder ein Verhältnis bezeichnen und die adjektivische Bedeutung nur dadurch bekommen, dass sie ohne irgend welche Strukturänderung und ohne ihr Wesen aufzugeben, höchstens unter gewissen phonetisch begründeten Assimilationserscheinungen, vor Substantive treten. So ist (48) iḍaṅgai, «linke Hand», Zusammensetzung aus iḍam «linke Seite» und kai «Hand».

Auch Participien von Verben und Nomina mit angefügten participbildenden Elementen werden als Adjektiva reichlich gebraucht (Caldwell a. a. O., S. 203 ff.).

Aus dem Sanskrit abgeleitete Substantive der Eigenschaft, die auf am ausgehen, werden Adjektive, wenn sie mit Abfall des auslautenden m vor andere Nomina gesetzt werden. Bei rein dravidischen

Worten dieser Art findet solche Adjektivbildung nach Caldwell (a. a. O., S. 205) selten statt. Wenn unser Text «hinkend» mit (21) mura call gibt, so liegt in dem letzteren eine Erscheinung dieser Art wohl vor; der portugiesische und der Malayāḷamausdruck decken sich nicht: muḍa kāl heisst nicht «lahm am Bein», sondern «lahmes Bein», ebenso wie muḍa kai, das in dem (98) muraquay des Portugiesen steckt, «lahme Hand» bedeutet. Der erste Bestandteil beider Verbindungen ist ein abstraktes Substantiv muḍam, das «Kontraktion von Gliedern, wie bei Landwind» — so Gundert — und dann «Lahmheit» bezeichnet und, mit kāl «Bein» und kai «Hand» in der angegebenen Weise zusammengestellt, Adjektivbedeutung hat.

Über die unserem Wörterverzeichnis beigefügten Eigennamen lässt sich nur wenig Sicheres sagen. Da man nicht bestimmt wissen kann, ob es sich um Personennamen, Götternamen, um Orts-, Kastenbezeichnungen oder ähnliches handelt, so hängt die Erklärung vielfach in der Luft; immerhin ist einiges wohl mit Sicherheit festzustellen: Gouaa (128) wird der Name der Stadt sein, des späteren Mittelpunktes des portugiesischen Kolonialreichs im Osten, der bei den Einheimischen genau Gōva lautet. Da die Portugiesen vom 19. September bis 5. Oktober nur 120 km von der grossen Stadt entfernt bei Anjediva vor Anker lagen und der Jude Gaspar im Dienste des Statthalters von Goa stand, so wäre es verwunderlich, wenn der Name dem Autor nicht bekannt geworden wäre. Mamgala (138), dem Stamme nach dem malabarischen Maṅgalam entsprechend, das «gedeihlich» «günstig» bedeutet, kommt als Ortsname oder Bestandteil von solchen öfter vor (Maṅgalapuram «Mangalur»). Maṅgalā ist aber auch Personenname. Axirama (131) könnte Ādirāma (Held des Volksepos), Rremaa (137) Rāma, (130) Arreco (verschrieben aus Arreca?) gleich Arakkaṉ sein, dem Namen des Hauptdämons Rāvaṇa, den jedes Kind in Indien kennt, (125) Paramganda und (136) Gande einem Paramagandha und Gandha entsprechen. Das als Ausgang von Namen mehrfach (129, 133, 134, 135) vorkommende apā wird wohl mit appaṉ «Vater» bezw. appā, der Rufeform des Wortes, identisch sein, das als ehrende Beifügung zu Götterbezeichnungen sich findet: (129) Ajapaa würde dann vermutlich Rufeform von Ayyappaṉ sein, das der Name der Jagdgottheit ist, (135) Canapa vielleicht von Kaṇṇappaṉ — Kaṇṇaṉ ist Bezeichnung des Gottes Kṛṣṇa; ob freilich die beiden Worte zu dieser Form verschmelzen können, weiss ich nicht bestimmt, vermute es nur, da Ayyappaṉ zweifellos aus ayyaṉ «Vater», «Herr» und appaṉ zusammengesetzt ist (Gundert, S. 46). Anapa (134) könnte allenfalls Rufeform des Kompositums von aṇṇaṉ und appaṉ sein. Unter aṇṇaṉ wird sowohl der ältere Bruder als auch

der ältere Vetter verstanden. Aṉṉappā könnte somit «he, Vetter!» bedeuten und wäre dann kein Eigenname.

Bei Ujapee (126) wäre nicht ausgeschlossen, dass ein beliebter Jungenname, Kochchappi, sich darin verbirgt; rasch gesprochen geht dessen o in u über; das anlautende K müsste der Verfasser des «Roteiro», was freilich nicht sehr wahrscheinlich ist, überhört oder der Kopist die Wortform falsch wiedergegeben haben. Die übrigen Namen vermag ich nicht zu deuten, doch liegt bei Quilaba (127) der Gedanke an einen Irrtum des Autors nahe: kiḻavaṉ, das ihm entsprechen könnte, eigentlich «ein Niedergehender», heisst «alter Mann»: könnte der Verfasser des «Roteiro» nicht das Appellativum als Eigennamen aufgefasst haben? Ganz der gleiche Fall würde vorliegen, wenn Tenae (123) einem Mal. tanaya entspräche, das «Tochter» bedeutet, und wenn in Pumi (124) ein pum «männlich» steckte. Doch ist das alles nicht viel mehr als Vermutung.

Am Schluss mögen noch ein paar Bemerkungen kulturgeschichtlichen Inhaltes Platz finden, zu denen das Wörterverzeichnis unseres Autors Anlass bietet.

Kaviṉu, mit dem das (70) cayny «Bogen» zweifellos identisch ist, bezeichnet den Kugelbogen, wie er zum Schiessen mit Steinen bei den Malabaren in Gebrauch war: er hatte mehrere Sehnen, die an den Enden wie bei einem Saiteninstrument auseinandergehalten wurden und in der Mitte durch ein Leder verbunden waren, in das der Stein gelegt und mit den gespannten Sehnen zurückgezogen wurde.

Charakteristisch dafür, dass die Malabaren nicht von Haus aus ein seefahrendes Volk waren, ist die Tatsache, dass die Bezeichnungen für Schiffe und Schiffsgerät in unserem Verzeichnis grossenteils Fremd- oder Lehnwörter sind. Wenn kappal, in der Transskription des Portugiesen (79) capell, das im eigentlichen Sinne ein Schiff mit Deck bezeichnet, auch im Malayischen vorkommt (kapâl), so ist es allerdings hier nach Caldwell (a. a. O., S. 501) wahrscheinlich, dass die Malayen des östlichen Archipels das Wort aus dem Tamiḻ entlehnt haben, sei es nun, dass die Klings oder Kalingas, die sich dort in einer sehr frühen Epoche ansiedelten, oder die arabischen Kaufleute der späteren Zeit es von Malabar nach jenen Gegenden brachten; aber (80) çambuco (sambuco, zambuco) ist das arabisch-persische Wort sanbūq, das «Fischerboot» bedeutet. In der Form chambokku bezw. chambakku steht es nach Gundert in den alten Verapoli-Wörterbüchern angeführt. Arabischen Ursprungs ist auch die Bezeichnung chukkāṉ «Steuerruder» (arabisch sukkān), die in (119) xoca steckt; fremder Herkunft, vielleicht von persisch langar gebildet, auch der Ausdruck für «Anker», naṉgūram, der in

dem überlieferten (117) napara steckt. Für das parima (112) «Segelstange» unseres Verzeichnisses, vielleicht Verschreibung für parimara, bietet das erste der Verapoli-Wörterbücher parimaram: im Tamil begegnet dafür heute parumal: die Etymologie scheint unsicher. In (115) talij «Marssegel» wird wohl wieder ein arabisches Wort stecken: bei Iohnson, Dictionary, Persian, Arabic, and English, London 1852, p. 821 finde ich das Wort talīl, das eine Palmfasermatte bezeichnet, und ebenda talal «Segel eines Schiffes». Die Segel sowohl der arabischen wie der malabarischen Schiffe waren nun in der Tat Palmfasermatten; der einheimische Malayāḷamausdruck für «Segel» heisst auch pāy, das ist «Matte»; unter diesen Umständen halte ich die Erklärung des talij als arabisch talīl für gesichert. Dem (116) anguaa «Hisstau» könnte vielleicht ein persisches Wort zugrunde liegen: bei Iohnson a. a. O., S. 187 findet sich persisch āwang «eine Leine, an der Kleider oder Trauben zum Trocknen aufgehängt werden», dann «irgend etwas Aufgehängtes», ferner āwangān «schwebend, hängend»: sollte nicht dies oder ein verwandtes Wort in dem anguaa — über gu = g siehe oben — enthalten sein?

Für «Magnetnadel» bietet der Portugiese (111) cudoo (gesprochen wie ich annehme, kūdu); einen dem entsprechenden Ausdruck gibt es dafür, soviel ich sehe, weder im Arabischen noch im Persischen. Die arabischen Seefahrer im Mittelmeer gebrauchten für «Kompass» busla oder bushla von italienisch bussola; in den östlichen Gewässern ist diese Bezeichnung aber selten. Im Roten Meer heisst er dairah («Zirkel», «Kreis») oder beit el ibrah («Haus der Nadel»), im Persischen Golf meist kiblah-nâmeh (Travels of Ludovico di Varthema ed. G. P. Badger, London, 1863, p. 32). Auch im Malayāḷam haben wir eine dem cudoo entsprechende Bezeichnung für «Magnetnadel» nicht nachweisen können, dagegen heisst kūḍu «Behältnis», «Kästchen». Der Portugiese könnte den Kompass gezeigt haben um das Wort dafür zu erfahren und dabei die Nadel im Auge gehabt, der Inder aber die Kapsel bezeichnet haben. Ähnlich soll im Italienischen der Kompass nach der bussola genannt worden sein. Unbekannt brauchte er übrigens dem Inder nicht zu sein; denn nach dem «Roteiro» gebrauchten um 1498 die arabischen Seefahrer im Indischen Ozean bereits genuesische Magnetnadeln. Für den ferneren Osten bestätigt den Gebrauch des Kompasses auch der gleichzeitige Ludovico di Varthema (a. a. O., S. 248 f.). Des Hypothetischen dieser Erklärung bin ich mir natürlich bewusst.

Eines und das andere in dem Wörterverzeichnis bleibt somit unklar, im allgemeinen aber ist die Deutung der Transskriptionen des «Ro-

teiro» wohl in ganz anderem Masse erreicht und gesichert, als das in dem Versuch des Bischofs Speechly der Fall ist. Mancherlei Missverständnisse sind dem Portugiesen untergelaufen, aber es schien mir nicht ohne Reiz, gerade den Irrtümern und Unzulänglichkeiten seiner Wiedergabe nachzugehen. Möglich war die Lösung der Aufgabe freilich nur durch die überaus wertvolle Mitarbeit des Herrn Padmanabha und durch die freundliche Hilfe, die mir Herr Professor Dr. Simon geleistet hat, denen ich auch hier am Schlusse noch einmal meinen herzlichen Dank zum Ausdruck bringe, ebenso wie Herrn Dr. Nau, dem ich einige wertvolle Fingerzeige verdanke.

II

Der Jude Gaspar da India und der geographisch-kommerzielle Anhang des «Roteiro»

1. Der geographisch-kommerzielle Anhang des «Roteiro» und die Frage des Gewährsmannes

Die Erzählung, die der «Roteiro» von der Entdeckungsfahrt des Vasco da Gama gibt, ist nicht ganz vollständig. Am 20. März 1499, wird berichtet, hatten die zwei noch übrigen Schiffe des Entdeckungsgeschwaders, «Gabriel» und die Karavelle, das Kap der Guten Hoffnung auf der Heimreise umfahren, 27 Tage hatte ein günstiger Wind ihnen die Segel geschwellt, schon war man von der Kapverden-Insel Santiago nicht mehr weit entfernt, da trat eine längere Windstille ein; mit Benutzung von ein paar Gewitterstürmen segelte man, so gut es ging, bei dem Winde um festzustellen, wo man war, und «an einem Donnerstag», heisst es weiter, «— es war der 25. April — fanden wir bei 25 Faden Tiefe Grund, und selbigen ganzen Tag fuhren wir selbigen Weg, und die geringste Tiefe waren zwanzig Faden, und doch konnten wir kein Land in Sicht bekommen, und die Steuerleute sagten, dass wir auf den Untiefen des Rio Grande seien...». Damit bricht der Reisebericht jäh ab, auf f. 40^{r} unserer Handschrift in der Bibliothek zu Porto; die Vorderseite dieses Blattes ist schon zur Hälfte weiss, die Rückseite ganz; f. 41^{r} aber beginnt ein mit der Erzählung der Entdeckungsfahrt nicht unmittelbar zusammenhängender geographisch-kommerzieller Anhang, dem auf f. 49$^{r\ und\ v}$ das im I. Teil dieser «Studien zum Roteiro» behandelte Wörterverzeichnis aus dem Malayāḷam folgt. Schon dem Historiker der Entdeckung und Eroberung Indiens, Fernão Lopes de Castanheda, der sich in

seiner Darstellung der Entdeckungsfahrt an den «Roteiro» zum Teil fast wörtlich anschliesst, hat der Bericht über die Reise selber nur in dem Umfang vorgelegen, in dem die Handschrift der Portuenser Bibliothek ihn bietet. Diese selbst, übrigens nicht originale Niederschrift des Verfassers, sondern Kopie aus dem Anfang des 16. Jahrhunderts, kann nicht, wie die portugiesischen Herausgeber vermutet haben, seine Vorlage gewesen sein [1]; möglicherweise war also der «Roteiro» von Haus aus unvollendet geblieben. Der Anhang aber scheint nach Stil und Inhalt von demselben Verfasser wie der Reisebericht herzurühren. Ich gebe im folgenden eine Übersetzung, die den vulgären Charakter des Originals und die Unbeholfenheit des Ausdrucks nach Möglichkeit zu wahren sucht.

a) Der Text in Übersetzung

«Die hier unten verzeichneten Namen sind von gewissen Reichen, die von Calecut gegen Süden liegen, und die Dinge, die jedes Reich hat und wie viel sie kosten. Selbiges hab' ich mit aller Sicherheit von einem Mann erkundet, der unsere Sprache verstand und 30 Jahre vorher von Alexandrien in diese Gegenden gekommen war.

Zuerst *Calecut*, wo wir gewesen sind; hierher kommen alle unten verzeichneten Waren, und desgleichen nehmen in dieser Stadt Calecut die Schiffe von Mekka ihre Ladung ein. Dieser König, welchen sie Çamolim nennen, wird 100000 Kriegsleute zusammenbringen können und das mit Hilfe, die er hat; denn unter seiner Gerichtsbarkeit hat er nur ganz wenig Volk.

Dies sind die Waren, welche die Schiffe von Mekka herbringen; selbige kosten in diesem ganzen Indien:

Kupfer: selbiges kostet, die Farazalla, die ungefähr 30 Pfund hat, 50 Fanão, was 3 Cruzados sind.

Bezoarstein, welcher sein eigen Gewicht in Silber kostet.

Messer: selbige kosten jedes Stück einen Fanão.

Rosenwasser kostet die Frazalla 50 Fanão.

Alaun kostet die Frazalla 50 Fanão.

Kamelott kostet das Stück 7 Cruzados.

Rotes Tuch kostet ein Pequy, was 3 Handlängen sind, 2 Cruzados.

Quecksilber kostet die Farazala 10 Cruzados.

---

[1] Vgl. Hümmerich, *Vasco da Gama*, München 1898, S. 129 f.

Ein ander Reich

Quorongoliz ist christlich und der König ein Christ; es ist von Calecut 3 Tage Seefahrt mit gutem Wind dorthin. Dieser König wird 4000 Kriegsleute zusammenbringen können; hier gibt es viel Pfeffer und es kostet hier eine Farazalla 9 Fanão und in Calecut kostet sie 14.

Ein ander Reich

Coleu, christlich. Es ist von Calecut 10 Tage Seefahrt mit gutem Wind dorthin. Dieser König wird 10000 Mann zusammenbringen können; in diesem Lande gibt es viel Baumwollzeug, Pfeffer wenig.

Ein ander Reich

Caell. Der König selbigen Landes ist Maure und das Volk ist christlich und es ist dahin von Calecut 10 Tage Seefahrt; dieser König wird 4000 Kriegsleute zusammenbringen können und 100 Kriegselefanten; hier gibt es viele Perlen.

Ein ander Reich

Chomandarla ist christlich und der König ein Christ; selbiger wird 100000 Kriegsleute zusammenbringen; hier gibt es viel Lack und er kostet 2 Farazallen einen Cruzado; und desgleichen hat es viel Baumwollzeug.

Ein ander Reich

Ceylon. Selbiges ist eine sehr grosse Insel und christlich und der König ein Christ; es ist dahin von Calecut 8 Tage Seefahrt mit gutem Wind; dieser König wird 4000 Mann zusammenbringen können und desgleichen hat er viel Elefanten für den Krieg und zum Verkaufen; hier gibt es allen feinen Zimmet, den es in diesem Indien gibt, und desgleichen viel Safire und sie sind besser als andere aus anderen Ländern, und Rubine, nur wenig, aber sie sind gut.

Çamatarra ist christlich; es ist dahin von Calecut 30 Tage mit gutem Wind; dieser König wird 4000 Kriegsleute zusammenbringen können und hat 1000 zu Pferd und 300 Kriegselefanten. In diesem Land gibt es viel Seide in Faden und die Farazalla kostet 8 Cruzados; auch gibt es viel Lack im Lande und es kostet ein Bachar, das 20 Farazallen hat, 10 Cruzados.

Xarnauz ist christlich und der König ein Christ; es ist dahin von Calecut 50 Tage mit gutem Wind; dieser König wird 20000 Kriegsleute zusammenbringen und 4000 zu Pferd. Und er hat 400 Kriegs-

elefanten; in diesem Lande gibt es viel Benzoë und die Farazalla kostet 3 Cruzados und es gibt dort viel Aloë und die Farazalla kostet 25 Cruzados.

Tenaçar ist christlich und der König Christ; es ist dahin von Calecut 40 Tage mit gutem Wind. Dieser König wird 10000 Kriegsleute zusammenbringen können und hat 500 Kriegselefanten; in diesem Lande gibt es viel Brasilholz; selbiges gibt ein sehr feines Rot, ebenso wie Kermes, und ein Bachar kostet hier 3 Cruzados und in Kairo kostet es 60; auch Aloë gibt's hier, aber wenig.

Bemgala. In diesem Reiche gibt es viel Mauren und wenig Christen und der König ist Maure; selbiger wird 20000 Kriegsleute zusammenbringen und 10000 zu Pferd; in diesem Lande gibt es viel Baumwoll- und Seidenstoffe und viel Silber; es ist dahin von Calecut 40 Tage mit gutem Wind.

Ein ander Reich

Melequa ist christlich und der König ein Christ; es ist dahin von Calecut 40 Tage mit gutem Wind; dieser König wird 10000 Kriegsleute zusammenbringen können, nämlich 200 zu Pferd und die andern zu Fuss; von hier kommt alle Gewürznelke und ein Bachar kostet hier 9 Cruzados, und desgleichen kostet die Muskatnuss ein Bachar auch 9 Cruzados, und es gibt viel Porzellan und viel Seide und viel Zinn, wovon sie Münzen schlagen, aber die Münzen sind gross und gelten wenig; denn 3 Farazallen gelten einen Cruzado. Hier gibt es viel grosse Papageien, die ganz feuerrot [1] sind.

Peguo ist christlich und der König ein Christ und sie sind alle weiss wie wir; selbiger (König) wird 20000 Kriegsleute zusammenbringen können, nämlich 10000 zu Pferd und die andern zu Fuss, und 400 Kriegselefanten. Hier gibt es allen Moschus der Welt. Dieser König hat eine Insel, wohin vom festen Land ungefähr 4 Tage mit gutem Wind ist; auf selbiger Insel leben Tiere so wie Hirschkühe;

---

[1] Das entscheidende Wort an dieser Stelle ist in der Handschrift stark verblasst, auch undeutlich geschrieben und daher die Lesart nicht ganz sicher. Unmöglich ist die in der ersten Ausgabe des «Roteiro» von Köpke vorgeschlagene und in der zweiten von Herculano nicht verbesserte Lesung: vermelhos como «arcem». Eine Substantivbildung von dem veralteten Conj. Praes. arça oder von Ind. Praes. arço < ardeo ist nicht denkbar, noch dazu eine solche auf em. Frau Dr. C. Michaelis de Vasconcellos, die so liebenswürdig war den Text für mich nachzuvergleichen, teilt mir die schöne Konjektur mit: vermelhos como «ascuas» (ascuas = brasas «glühende Kohlen», «Feuer») und darnach übersetze ich.

selbige tragen Beutel am Nabel, in denen dieser Moschus ist, und in einer bestimmten Jahreszeit reiben sie sich an Bäumen und dabei fallen ihnen diese Beutel ab und die Leute im Land gehen in dieser Zeit hinaus um ihn zu sammeln. Und es ist so viel, dass sie für einen Cruzado 4 Beutel geben von den grossen, und von den kleinen 10 und 12, die einen grossen Kasten ausfüllen könnten. Und auf dem festen Lande gibt es viel Rubinen und viel Gold; denn für 10 Cruzados kannst du hier Gold kaufen, für das man dir in Calecut 25 gibt. Und es gibt hier viel Lack und Benzoë von 2 Arten, weisse und schwarze; die Farazalla von der weissen kostet 3 Cruzados, die von der schwarzen 1 ½; und Silber, dass man euch für 10 Cruzados in Calecut 15 gibt. Nach diesem Lande ist es von Calecut 30 Tage mit gutem Wind.

Bemguala hat einen Mauren zum König und die Leute im Land sind Mauren und Christen und es ist von Calecut 35 Tage mit gutem Wind. Hier wird es 24000 Kriegsleute geben, nämlich 10000 zu Pferd und die andern zu Fuss, und 400 Kriegselefanten; in diesem Land gibt es diese Waren: viel Weizen und viel Tücher von hohen Werten, und wer hier um 10 Cruzados kauft von diesen Tüchern, wird in Calecut 40 dafür bekommen; und viel Silber.

Conimata hat zum König einen Christen und so ist auch das Volk; es ist dahin von Calecut 50 Tage mit gutem Wind; dieser König wird 5 oder 6000 Kriegsleute zusammenbringen können und hat 1000 Kriegselefanten. In diesem Lande gibt es viel Safire und viel Brasilholz.

Pater ist christlich und der König Christ und in diesem Reiche gibt es keinen Mauren; dieser König wird 4000 Kriegsleute zusammenbringen können und hat 100 Kriegselefanten; in diesem Lande gibt es viel Rhabarber und es kostet hier eine Farazalla 9 Cruzados; und es gibt hier viel Spinelle und viel Lack und es kostet ein Bachar 4 Cruzados. Es ist dahin von Calecut 50 Tage mit gutem Wind.

Wie die Elefanten in diesem Lande kämpfen

Man macht ein Holzhäuschen, in welchem 4 Leute Platz haben, und dies Häuschen steht auf dem Rücken des Elefanten mit besagten 4 Leuten darin und diesem Elefanten sind an jedem Zahn 5 Schwerter befestigt, sodass er an beiden Zähnen zusammen 10 Schwerter trägt, derart, dass sie so furchtbar sind, dass niemand ihnen standhält, wenn er vor ihnen flüchten kann. Und alles, was die Leute auf sei-

nem Rücken ihm befehlen, das tut er so vollständig, als wenn's ein vernünftiges Geschöpf wäre; denn wenn sie ihm sagen: «Mach den dort tot!» oder: «Tu dies oder das!» dann tun sie's.

Von der Art, die sie haben sie zu fangen, wenn sie wild im Walde hausen

Wenn sie irgend einen wilden Elefanten fangen wollen, so nehmen sie ein zahmes Weibchen und machen, wo der Elefant haust, eine sehr grosse Grube und bedecken ihre Öffnung mit Zweigen und sagen zu selbigem Weibchen: «Geh, und wenn du irgend einen Elefanten findest, dann bring ihn an diese Grube her, derart, dass er hineinfällt, und du gib Obacht, dass du nicht hineinfällst!» Dann geht es und so, wie man's ihm befiehlt, so tut es und, wenn es ihn trifft, bringt es ihn wohl so zur Stelle, dass er hineinfällt; und die Grube ist so tief, dass er von sich allein nie wieder herauskommen kann.

Von der Art, die man hat sie aus der Grube herauszuziehen und zu zähmen

Nachdem der Elefant in dieser Grube liegt, vergehen erst 5 oder 6 Tage, bis man ihm zu fressen gibt, und nachdem besagte Tage herum sind, bringt ein Mann ihm ein klein wenig Futter und jeden Tag mehr, bis er zum Fressen herankommt, und so geht's einen Monat weiter, bis die Leute, die ihm das Futter bringen, ihn allgemach zähmen, bis sie ihm Erde in die Grube werfen; und das tut er so viel Tage, bis er sich's gefallen lässt, dass er ihm die Hand auf die Zähne legt; und dann steigt er hinunter und legt ihm sehr dicke Ketten um die Füsse, in denen man ihn abrichtet, derart, dass ihm nichts weiter fehlt als sprechen zu können, und man hält sie in Ställen wie Pferde, und ein guter Elefant kostet 2000 Cruzados.

Dies ist der Preis, um den die Spezereien in Alexandrien verkauft werden:

Erstens: ein Quintal Zimmet kostet	25	Cruzados	XXV ✠ os
Ein Quintal Gewürznelke kostet.	20	»	XX ✠ os
Das Quintal Pfeffer	15	»	XV ✠ os
Das Quintal Ingwer	11	»	XI ✠ os

und in Calecut kostet ein Bachar, das 5 Quintal hat, 20 Cruzados.

Das Quintal Muskatnuss kostet	16	Cruzados	XVI ✠ os
Das Quintal Lack kostet. . .	25	»	XXV ✠ os
Das Quintal Brasilholz kostet	10	»	X ✠ os
Das Pfund Rhabarber kostet .	12	»	XII ✠ os
Das Mitikal Moschus kostet. .	1	Cruzado	I ✠ o

Das Pfund Aloëholz kostet . .	2 Cruzados	II ✠ os
Das Pfund Benzoë kostet. . .	1 Cruzado	I ✠ o
Das Quintal Weihrauch kostet	2 Cruzados	II ✠ os

und in Mekka, wo es ihn gibt, kostet ein Bachar 2 Cruzados.

b) Die Frage des Gewährsmannes

«Die hier unten verzeichneten Namen sind von gewissen Reichen, die von Calecut gegen Süden liegen, und die Dinge, die jedes Reich hat und wieviel sie kosten. Selbiges hab' ich mit aller Sicherheit von einem Mann erkundet, der unsere Sprache verstand und 30 Jahre vorher von Alexandrien in diese Gegenden gekommen war», so beginnt unser Anhang. Wer ist der Gewährsmann gewesen, von dem hier die Rede ist?

Kein einheimischer Inder – denn er war 30 Jahre zuvor von Alexandrien gekommen: schon das allein würde verbieten an Davane zu denken, den Makler von Cambaya, der nach Correa[1] auf der Hinreise unweit Sofala den Entdeckern angeblich in die Hände fiel, sich auf der Fahrt rasch mit ihnen befreundete und in kurzer Zeit ihre Sprache erlernte[2]; im übrigen ist aber auch, wie ich in «Vasco da Gama», S. 139 f. dargelegt habe, für diesen Mann im Rahmen der Entdeckungsfahrt von 1497-99 kein Raum. Als «mythical personage» bezeichnet ihn denn auch Ravenstein in «A journal of the first voyage of Vasco da Gama, 1497-99» (Works issued by the Hakluyt Society, N.° 99), S. 181.

In Betracht kommen tatsächlich nur zwei Personen, der Maure Monçaide (nach Burton, Camoens IV, S. 432 vielleicht El-Mas'úd, «der Glückliche»), den die Entdecker in Calicut kennen lernten, und der Jude, der auf Anjediva ihr Gefangener wurde, der spätere Gaspar da Gama (Gaspar da India).

Am Freitag den 18. Mai 1498 war die indische Küste in Sicht gekommen, am 20. abends lagen die drei Schiffe des Entdeckers zwei Meilen nördlich Calicut 1 ½ Leguas von der Küste entfernt vor Anker; Montag den 21. Mai liess Gama mit indischen Barken, die vom Ufer herüberkamen, einen seiner Verbannten nach der Stadt gehen und dort sah sich derselbe, von einen Haufen neugierigen Volkes geführt, unvermutet sehr bald zwei Mauren von Tunis gegenüber, die nach den Worten des Roteiro «Kastilianisch und Genuesisch»

---

[1] *Lendas*, Bd. I, S. 32 f.

[2] a. a. O., S. 43.

sprachen. Der eine von ihnen—die portugiesischen Historiker des 16. Jahrhunderts nennen ihn Monçaide—begleitete den neuen Ankömmling an Bord von Gamas Schiff, das er mit dem blumenreichen Grusse betrat: «Willkommen, willkommen! Viel Rubinen, viel Smaragden! Danket Gott auf den Knieen, dass er euch in ein Land gebracht hat, wo des Reichtums so viel ist!» «Wir waren so überrascht», fährt unser Berichterstatter fort, «dass wir ihn sprechen hörten und doch nicht glauben wollten, dass es so weit von Portugal einen Menschen gäbe, der unsere Sprache verstünde». «Unsere Sprache»—gemeint kann damit nach dem Vorhergehenden nur das «Kastilianische», nicht das Portugiesische sein: der gleiche Ausdruck in den einleitenden Worten unseres Anhanges würde also nicht ausschliessen, dass man in Monçaide den Gewährsmann für die Nachrichten über indische Reiche und Handelsverhältnisse sähe. Seinem Berufe nach bezeichnet ihn Barros [1] als Warenmakler (corrector de mercadorias); als solcher mochte er auch mit den kommerziellen Verhältnissen des Indischen Ostens genügend vertraut sein um dem Autor des «Roteiro» die in dem Anhang enthaltenen Aufschlüsse geben zu können. Grosses Gewicht möchte ich freilich auf die Angabe nicht legen, da der Bericht des Barros hier mit dem, was der «Roteiro» sagt, nicht übereinstimmt und stark stilisiert erscheint. Monçaide hat den Entdeckern, solange sie vor Calicut lagen, wertvolle Dienste geleistet, ist dann, von den arabischen Kaufleuten verfolgt, am 28. August an Bord geflüchtet und mit nach Portugal gegangen, wo er zum Christentum übertrat.

Die Historiker des 16. Jahrhunderts bezeichnen ihn übereinstimmend als Mauren von Tunis, mit alleiniger Ausnahme Correas, der einen zum Islam übergetretenen Kastilianer von Sevilla aus ihm macht und ihn Alonso Perez nennt [2]; aber Correa ist, wie ich in «Vasco da Gama», S. 130 ff. nachgewiesen habe, für Gamas Entdeckungsfahrt eine unbrauchbare Quelle. Was Goes [3], Castanheda [4] und Barros a. a. O. von der Heimat dieses Monçaide sagen, bestätigt der Brief König Manuels an den Kardinal-Protektor in Rom, D. Jorge da Costa, vom 28. August 1499, wonach Gama «5 oder 6 Jnder von Calicut, dazu einen Mauren von Tunis» mitbrachte [5]. Mit der tunesischen Herkunft Monçaides liesse sich die Angabe unseres Autors,

---

[1] *Asia*, Dec. I, l. IV, c. 8.

[2] *Lendas*, Bd. I, S. 79 und 112 f.

[3] *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Emmanuel*, p. I, c. XXXIX.

[4] *Historia do descobrimento e conquista da India*, l. I, c. XV.

[5] *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, VI (1886), S. 674.

dass sein Gewährsmann von Alexandria nach Indien gekommen sei, schliesslich noch vereinigen; der natürliche Weg von Tunis dorthin geht über Ägypten und das Rote Meer; unvereinbar mit der Annahme, dass die Informationen auf ihn zurückgehen, scheint mir aber, was Barros, Goes und Castanheda von einer vor 1498 liegenden Bekanntschaft des Mauren mit den Portugiesen erzählen. Danach wäre er mit ihnen in Oran (Goes und Castanheda) oder Tunis (Barros) in Berührung gekommen zu der Zeit, wo König João II (1481–1495) Schiffe zum Ankauf gewisser Handelsartikel regelmässig dorthin entsandte. An der Richtigkeit dieser Angabe zu zweifeln haben wir keinen Grund; trifft sie aber zu, dann kann Monçaide nicht 30 Jahre vor Ankunft der Portugiesen in Indien dorthin gekommen, also auch der Gewährsmann unseres Autors nicht gewesen sein, man müsste denn dem Texte Gewalt antun und die Stelle so deuten wollen, dass ein *ununterbrochener* 30 jähriger Aufenthalt in Indien nicht notwendig daraus zu folgern sei.

Es bliebe also Gaspar da Gama. Was wissen wir von ihm?

2. Der Jude Gaspar da Gama

a) Lebensgeschicke und Persönlichkeit

Vom 23. September—5. Oktober 1498 lag Gama bei dem Hauptinselchen der Anjediva-Gruppe (14° 45′ n. Br. und 74° 10′ ö. L.) an der indischen Küste, etwa 120 km von Goa, vor Anker und liess «Gabriel» und «Berrio» überholen und vom Bohrwurm reinigen. Da erschien nach dem «Roteiro» eines Tages, gegen die Landessitte von oben bis unten in Leinwand gekleidet, einen Turban auf dem Kopf und einen Stutzsäbel an der Seite, «ein Mann von 40 Jahren, der sehr gut Venezianisch sprach» und nach herzlicher Begrüssung der Kapitäne erzählte, dass er von Haus aus Christ, aus der Levante gebürtig und ganz jung nach Indien gekommen sei; er habe hier äusserlich den Islam angenommen—nach einer andern Quelle [1] hiess er seitdem Mahmet—und stehe jetzt im Dienst eines mächtigen muhamedanischen Fürsten, der ein Kriegsheer von 40000 Mann zu Pferd unterhalte. Sein Herr habe von der Ankunft der «Franken» in Indien gehört, ihn selbst habe die Sehnsucht ergriffen wieder einmal heimatliche Laute zu hören und so sei er gekommen und biete ihnen im Namen des Fürsten alles an, was sie etwa brauchten: Schiffe,

[1] Ca Masser im *Archivio Storico Italiano*, Appendice, II (1845), S. 14.

Lebensmittel und, wenn sie es wünschten, Wohnsitze im Land. Vasco da Gama war zunächst geneigt ihm zu glauben, aber bei der unruhigen Lebhaftigkeit des Fremden kamen Widersprüche zutage; Erkundigungen, die Gamas Bruder bei ein paar Indern, die man sich durch Freundlichkeit verpflichtet hatte, über ihn einzog, verstärkten den Argwohn und unter der Peitsche gestand der Mann, dass er als Spion gekommen sei und rings in den Buchten zahlreiche Geschwader bereit lägen die Portugiesen zu überfallen. Auf hoher See ergänzte er das Geständnis später dahin, dass sein Auftrag darin bestanden habe die Fremden in den Machtbereich seines Herrn zu locken, wo dieser sie dann zu Gefangenen hätte machen und sich ihrer für seine Kriege bedienen wollen.

Der Fürst, von dem hier die Rede ist, war nach den genannten Historikern der Beherrscher der Inselstadt Goa, die, in der ersten Hälfte des 15. Jahrhunderts noch zu dem grossen südindischen Reiche von Vijayanagar gehörig, etwa ein Menschenalter vor der Ankunft der Portugiesen in den Besitz der muhamedanischen Bahmānī-Sultane von Dekan übergegangen war und nun, Haupthafenplatz des Teilreiches von Bījapur, unter dessen mächtigem und fast unabhängigem Statthalter Yūsuf Ādil Schāh stand, der sich kurz danach bei der Auflösung des dekanischen Binnenreiches vollkommen selbständig machte [1]. Die portugiesischen Quellen nennen ihn Sabayo, weil er angeblich aus Saba im nordwestlichen Persien stammte [2], und berichten, dass er zahlreiche Fremde, Araber, Perser, Türken und ein paar levantinische Renegaten, in seinem Dienst gehabt und ihnen grosse Solde und Gehälter bezahlt habe [3].

Ein paar weitere Daten über den Fremden von Anjediva geben uns die Historiker des 16. Jahrhunderts und zeitgenössische Dokumente. Correa weicht auch hier von den andern ab und widerspricht überdies sich selbst, wenn er ihn als Juden von Granada einerseits im Jünglingsalter durch die Eroberung dieser Stadt, also 1492, heimatlos werden, anderseits aber 1498 vor Gama als schneeweissen alten Mann erscheinen lässt, was im übrigen durch den Bericht des Augenzeugen widerlegt wird, der ihn als Mann von 40 Jahren bezeichnet. Der bereits erwähnte Brief König Manoels an den Kardinal-Protektor vom 28. August 1499 nennt ihn «einen zum Christentum

---

[1] *Lodovico di Varthema* ed. Badger, London 1863, S. LIX f.; Castanheda, l. III, c. VIII.

[2] Vgl. Barros, *Asia*, Dec. II, l. V, c. 2; eine andere Version über seine Herkunft bei Badger a. a. O.

[3] Vgl. auch *Lodovico di Varthema* ed. Badger, S. 116.

übergetretenen Juden, Kaufmann und Edelsteinhändler, guten Kenner der Küstenländer von Alexandrien nach dort zu und von Indien nach dem Binnenlande und der Tartarei bis ans Grössere Meer». Mit der «Tartarei» ist das damals in eine Reihe von Khanaten zerspaltene ehemalige Kiptschak-Reich der Tataren im südöstlichen Russland und in Turan gemeint [1]; das «Grössere Meer» (Mare Maius) ist ein bis ins 17. Jahrhundert vorkommender Name für das Schwarze Meer [2].

Von weiten Reisen Gaspars weiss Vespucci zu berichten, oder wer sonst etwa der Verfasser jenes Briefes vom 4. Juni 1501 sein mag, der, vom Grünen Vorgebirge datiert, unter dem Namen des Florentiners geht, zuerst von Baldelli Boni [3] veröffentlicht, danach von Varnhagen [4] sowie von Vignaud [5] wieder abgedruckt worden ist und von der Reise Pedralvares Cabrals, mit dem Gaspar eben in Indien gewesen war, eine bis in Einzelheiten richtige Darstellung gibt [6]. Vespucci hatte am Cabo Verde zwei Schiffe von Cabrals auf der Heimkehr begriffenem Geschwader getroffen und dabei die Mannschaften wie auch Gaspar persönlich über ihre Erlebnisse und über die Länder des Ostens befragt. Nachdem er die Häfen am Persischen Meerbusen aufgezählt hat, wie sie ihm dabei genannt worden waren, fährt er fort [7]: «Diese Angaben machte mir ein vertrauenswürdiger Mann (uomo degno di fede), der Guaspare hiess; er war gereist von Kairo bis zu einer Provinz, die Molecca heisst und an der Küste des Indischen Meeres liegt. Ich glaube, dass es die Provinz ist, die Ptolemäus Gedrosien nennt». . . «Es bleibt mir nun noch von der Küste zu sprechen, die von der Enge des Persischen Meeres gegen das Indische Meer verläuft, nach dem, was viele mir erzählten, die bei der besagten Flotte waren, und besonders besagter Guasparre, der viele Sprachen kannte (sapeva di molte lingue) und den Namen von vielen Provinzen und Städten. Wie ich sage, ist er ein sehr glaubwürdiger Mann (uomo molto altentico), weil er zweimal

---

[1] In diesem Sinne z. B. *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque*, p. IV, c. XLI, XLII, XLIII.

[2] Belege z. B. bei Yule, *Cathay and the way thither*, London 1866, Bd. I, S. 44.

[3] *Il Milione di Marco Polo*, Firenze 1827, Bd. I, S. LIII–LIX.

[4] *Amerigo Vespucci*, Lima 1865, S. 78–82.

[5] *Améric Vespuce*, Paris 1917, S. 403 ff.

[6] Humboldt, *Kritische Untersuchungen über die historische Entwickelung der geographischen Kenntnisse von der Neuen Welt, übersetzt von Ideler*, Berlin 1852, Bd. III, S. 52–72.

[7] Baldelli Boni a. a. O., S. LVI.

die Reise von Portugal nach dem Indischen Meer gemacht hat». Es folgt die Aufzählung der Häfen an den Küsten Vorderindiens von Dabul bis Conimat, dem äussersten Punkte, den die Flotten der Portugiesen erreicht hätten, und danach fährt Vespucci fort [1]: «Dieser Guasparre, der mir die oben mitgeteilten Dinge erzählte — und viele Christen waren darüber mit ihm einig, weil sie an einem oder dem andern dieser Orte gewesen sind —, sagte mir dann das Folgende: er sagte, dass er im Innern Indiens in einem Königreich gewesen sei, das das Reich vor Perlicat heisst; es ist ein sehr grosses Land und reich an Gold und Perlen und Juwelen und edeln Steinen; und er erzählte, dass er drinnen im Lande gewesen sei, in Mailepur und in Gapatan und in Melata und in Tanaser und in Pego und Starnai und in Bencola und in Otezen und in Marchin. Und dies Marchin, sagt er, liege nah an einem grossen Flusse, Enparlicat genannt. Und dies Enparlicat ist eine Stadt, wo der Leib des hl. Apostels Marcus liegt, und es gibt dort viele Christen. Und er sagte mir, dass er auf vielen Inseln gewesen sei und besonders auf einer, die Ziban heisst: er sagt, dass sie 300 Leguas Umfang hat und dass das Meer... weitere 400 Leguas von ihr zerstört habe. Er sagte mir, dass es eine Insel sei, die sehr reich ist an Edelsteinen und Perlen und Spezereien aller Art und Drogen und andern Schätzen, wie Elefanten und Pferden, sodass ich glaube, es ist die Insel Taprobana, nach der Darstellung, die er mir gibt. Und weiter sagte er mir, dass er Taprobane niemals in jener Gegend habe erwähnen hören, obwohl es doch, wie Ihr wisst, gerade gegenüber dem obengenannten Flusse liegt.

Des weiteren sagte er mir, dass er auf einer andern Insel gewesen sei, die Stamatara heisst; sie ist so gross wie Ziban und Bencomarcano (?) und ist auch ebenso reich wie dieses; wenn daher Ziban nicht die Insel Taprobana ist, wird es Scamatarra sein».

Von Kairo bis Malacca (Molecca, im «Roteiro» Melequa, alte Schreibung für Melecca) also behauptete danach Gaspar gegenüber Vespucci den Indischen Ozean befahren zu haben und auch im Inneren Vorderindiens gewesen zu sein. Was in diesem Zusammenhang Vespucci an Namen nennt und wie er es tut, legt die Annahme von Missverständnissen und von Irrtümern infolge nachträglicher Aufzeichnung oder infolge Ausarbeitung von Notizen Vespuccis durch einen andern nahe.

Das Binnenreich von «Perlicat» wird wohl kaum etwas anderes sein als das grosse südindische Reich von Vijayanagar (Bisnagar, Narsinga), hier nach seinem Hafenplatz Pulikat an der Ostküste, dem

---

[1] a. a. O., S. LVII.

Paleacate der Portugiesen, genannt, wo von Pegu grosse Mengen Rubine und Spinelle eingeführt, geschliffen und gehandelt wurden und besonders billig zu kaufen waren [1]. Dass der Juwelenhändler Gaspar — als solchen lässt ihn Almeida [2] die Perlen des Coje Atar schätzen und Correa [3] ihn Rubinen im Werte von 40000 Cruzados von der Königin von Coulão kaufen — nach dieser Stadt in der Tat gekommen war und zwar auf dem Landweg, da auch im Innern von Vijayanagar viel Edelsteine gefunden wurden (Hyacinthe, Amethyste, Saphire) [4], ist durchaus wahrscheinlich; dass er auf dieser Reise das etwas südlicher als Pulikat, dicht bei dem heutigen Madras gelegene, damals allerdings längst verödete und in Trümmer gesunkene Mailapur [5], die angebliche Grabstätte des Apostels Thomas, berührt hätte, wenigstens nicht ausgeschlossen, wenn auch zweifelhaft: welches Interesse konnte das für den einstigen Juden haben? Und kam er nach beiden Orten zu Land, von der Westküste her, so verliert auch der bei dem seenahen Mailapur sonst auffällige Ausdruck, «dass er drinnen im Lande gewesen sei, in Mailapur», einen Teil des Anstössigen. Bei dem «Gapatan», von dem der Brief vom Cabo Verde weiter spricht, wird man an das wiederum etwas südlichere Negapatam denken; aber was dann folgt, erregt hinsichtlich der Art, wie es der Briefschreiber mit dieser vorderindischen Landreise Gaspars in Verbindung bringt, starke Bedenken: er hat die Orte, die sein oder Vespuccis Gewährsmann ihm genannt, offenbar alle in dem südindischen Binnenreich gesucht und damit Gaspars Mitteilungen völlig unzutreffend wiedergegeben; denn «Melata» ist zweifellos Malakka, der Name vielleicht nur vom Kopisten aus Melaca verschrieben; t und c sind in den Handschriften des 16. Jahrhunderts oft leicht zu verwechseln. «Tanaser» ist Tenasserim, «Pego» Pegu, «Starnai» ohne Frage das «Sarnau» des Giovanni da Empoli, d. h. Siam [6]:

---

[1] Duarte Barbosa in *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 360.

[2] Castanheda a. a. O., l. II, c. 94.

[3] a. a. O., Bd. I, S. 616.

[4] Duarte Barbosa a. a. O., S. 296.

[5] ebd., S. 359 f.

[6] Vgl. *Archivio storico Italiano*, Appendice, III (1846), S. 54 und 80. Pedir in Sumatra, so berichtet dort S. 54 der Italiener, werde von Dschunken besucht; «so heissen die Schiffe von Bengalen, Pecu (Pegu), Martamam (Martaban), Sarnau und Tanazzar (Tenasserim)»; an der andern Stelle, S. 80, erscheint es in Verbindung mit Tenasserim allein als Herkunftsstätte der feinsten weissen Benzoë, von Lack u. a. und zwischen Tenasserim und Pegu gelegen. Unter dem Namen «Xarnauz» begegnet es im Anhang unseres «Roteiro» zwischen «Çamatarra» (Sumatra) und «Tenaçar» (Tenasserim), 50 Tagereisen mit gutem Wind von Calicut entfernt, 10

«Bencola» ist Bengalen, «Otezen» unser Orissa, für das die Portugiesen des 16. Jahrhunderts auch Otiça oder Otisa schreiben[1] — als einheimische Form des Namens gibt Longworth Dames[2] Oḍīsā oder Oṛīsā an. Aber was ist «Marchin»?

Betrachtet man die auf Gapatan folgende Aufzählung im Zusammenhang, so sieht man, dass sie, von Malakka als südöstlichstem Punkt ausgehend, entlang dem Meerbusen von Bengalen Tenasserim, Pegu, Siam, Bengalen, Orissa in einer im ganzen richtigen Reihenfolge anführt. Das nun folgende «Marchin», offenbar an der Koromandelküste zu suchen, wird mit einer Stadt Enparlicat in Verbindung gebracht, in welcher der Leib des hl. Apostels Markus liege. Dass mit diesem nur der Apostel Thomas gemeint sein kann, ist klar; dessen legendäre Grabstätte aber war eine kleine Kirche in dem von Gaspar dem Briefschreiber ebenfalls genannten Mailapur, und der Irrtum bezüglich des Ortes wird wohl kaum dem ersteren zur Last gelegt werden dürfen. Die Stadt «Enparlicat» aber ist sicher keine andere als Pulikat (port. Paleacate) nördlich von Madras, mit deren Namen in der Form «Perlicat» unmittelbar vorher das Reich bezeichnet worden ist, zu dem sie gehörte. Aber nicht genug damit: ausser Stadt und Reich wird der Name «Enparlicat» von dem Briefschreiber auch noch einem grossen Flusse beigelegt, an dem Marchin liegen soll. Von einem andern Fluss ist in dem ganzen Zusammenhang keine Rede; so kann denn auch nur an diesen gedacht werden, wenn im folgenden Vespucci sagt, dass die von Gaspar nach seinen Mitteilungen besuchte Insel «Ziban» — nach Namen und Erzeugnissen ohne Frage Ceylon —, die Vespucci mit dem antiken Taprobana gleichsetzt, «ganz dem obengenannten Fluss gegenüberliegt». Der grosse Fluss wird demnach kaum ein anderer

---

Tagereisen weiter als Malakka, und auch hier wird der Reichtum an Benzoë, daneben an Aloëholz hervorgehoben; beides aber nennt als Handelswaren von «Sarnau», das er als Stadt bezeichnet, auch Lodovico di Varthema (ed. Badger, S. 212). Da nun Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*, Lisboa 1762, S. 272) bezeugt, dass «Sornau» ein anderer Name für Siam war (Odiá, que he Metropoli deste Imperio Sornau, a que o vulgar daquelas partes chama Sião), was Badger (a. a. O., S. 213 Anm.) ohne ersichtlichen Grund bezweifelt, und die Lage dazu in allen Fällen passt, so scheint mir die Identität von Starnai» und Siam sicher. Was den Namen anlangt, so ist er Wiedergabe des persischen Shahr-i-Nao «Neustadt» und bezieht sich ursprünglich auf Yuthia oder Ayodhya, die um 1350 am Menam gegründete neue Hauptstadt des Landes (vgl. Yule-Burnell, *Hobson-Jobson*, London 1903 s. v. Sarnau).

[1] Vgl. Duarte Barbosa a. a. O., S. 361.

[2] *The book of Duarte Barbosa*, Bd. II, London 1921, S. 133.

sein als der Kāveri, von dessen Delta die südlichsten Arme gegenüber der Nordspitze Ceylons münden. «Der Cauvery», heisst es nun bei Yule-Burnell in der mir vorliegenden 3. Auflage von *Hobson-Jobson*, London 1903, S. 176 unter Cauvery, «scheint in den ältesten europäischen Berichten und Karten unbekannt zu sein». Das traf 1903, soviel ich sehe, vollkommen zu; seitdem aber ist eine von den Geographen verloren geglaubte, wertvolle Weltkarte von 1516 bekannt geworden, die den Namen an der Koromandelküste, allerdings mit Beziehung auf eine Stadt, aufweist — man könnte dabei an Kāveripaṭṭanam denken, das freilich im 14. Jahrhundert durch Überschwemmung zerstört wurde, aber auf portugiesischen Karten des 16. Jahrhunderts vorzukommen scheint [1]. Wenn bei dem Zeichner dieser Karte eine Beziehung zu dem Juden Gaspar sicherstünde, könnte auch unsere Deutung des Flusses «Enparlicat» als zweifellos gelten. Und wenn auf der gleichen Karte gleich nördlich von «Caberi» ein Stadt «Agapaten» und wieder ein Stückchen nördlicher eine Stadt «Nagor» eingezeichnet, diese Namen aber auf Nāgaipaṭṭanam, unser Negapatam, und auf das heutige Nagur (Nagore), beides Städte des Kāveri-Deltas, zu deuten wären, dann würde zweifellos sein, dass in Vespuccis «Marchin», zu dem diese Orte nach seiner Angabe um 1500 gehörten, ein Name des Orissa südlich benachbarten Reiches von Vijayanagar gesucht werden müsste, und das wäre dann portugiesisch «Narsinga», etwa in der Form «Narcinc». Eine verwandte Schreibung, «Narçenck», findet sich tatsächlich in dem Auszug eines portugiesischen Berichtes über die Indienfahrt des Vizekönigs Francisco d'Almeida vom Jahre 1505, der (wohl 1506) von dem deutschen Buchdrucker Valentin Ferdinand in Lissabon gefertigt und in der nach ihm genannten Handschrift der Bayerischen Staatsbibliothek in München (cod. Hisp. 27) erhalten ist [2]. Über die angeführte Karte, insbesondere die darauf gegebene Topographie der Koromandelküste und ihre Beziehung zu Gaspar da India, wird weiter unten ausführlicher zu sprechen sein.

In einem Punkte stimmt das, was der Brief vom Cabo Verde berichtet, mit dem nicht überein, was wir aus anderer Quelle über die von Gaspar den Portugiesen gegebenen Informationen wissen. Der unbekannte Verfasser des «Roteiro» hat die Inder in ihrer grossen

---

[1] Vgl. Bittner und Tomaschek, *Die topographischen Kapitel des indischen Seespiegels Mohit*, Wien 1897, Tafel XVIII.

[2] Ausgabe von Hümmerich in *Abhandlungen der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, philologisch-historische Klasse*, XXX. Band, 3. Abhandlung, S. 133.

Menge für Christen, ihre Tempel oder Pagoden für christliche Kirchen, die Bilder der Hindugottheiten darin für Darstellungen christlicher Heiligen gehalten und in diesem Irrtum sehen wir sogar König Manuel noch in den Briefen befangen, die er im Juli 1499 an die Katholischen Könige (Ferdinand und Isabella) und im August an den Kardinal-Protektor D. Jorge da Costa in Rom schreibt. Dagegen berichtet der in Lissabon ansässige florentinische Kaufmann Girolamo Sernigi in seinem zweiten, nach der Ankunft Gaspars da India in Portugal an einen florentinischen Edelmann geschriebenen Brief: «Er (d. h. Gaspar) sagt, dass es in jenen Ländern sehr viel Heiden, d. h. Götzenanbeter, und nur wenig Christen gibt, dass die vermeintlichen Kirchen und Glockentürme in Wahrheit Tempel von Götzenanbetern und die gemalten Bilder darin die von Götzen und nicht von Heiligen sind». Vespucci aber will von Gaspar gehört haben, dass es in der Stadt, «wo der Leib des hl. Apostels Markus liegt», viele Christen gebe. Möglich, dass hier der Briefschreiber Mitteilungen des Juden und solche von anderer Seite zusammenwirft — er hatte nach seiner Angabe viele befragt, die auf Cabrals Flotte waren —, möglich auch, dass Gaspar über diese Frage nun anders dachte als vorher; denn was das Christentum im Osten anlangt, so hatte man 1500/01 neue Informationen durch die zwei «Thomaschristen», beides Priester von Cranganor erlangt, die in Cochin an Bord der portugiesischen Schiffe gekommen waren um mit diesen nach Europa zu gehen und Rom und Jerusalen zu besuchen; von ihnen starb einer auf der langen Seereise, der andere, Joseph, gelangte glücklich nach Portugal, brach im Januar 1502 von dort nach Rom auf und kam mit einem Begleiter, den ihm König Manuel mitgegeben hatte, im Juni dieses Jahres nach Venedig um von da die Fahrt nach dem Heiligen Lande anzutreten. In Venedig hat er auf Befragen die Auskünfte über Länder, Völker und Erzeugnisse, über Glauben und Sitte des indischen Ostens gegeben, die im 6. Buche der 1507 zu Vicenza erschienenen «Paesi novamente retrovati», c. 129–142 zuerst veröffentlicht worden sind. Dort werden nun die Völker von «Cataio» als Christen bezeichnet und hinzugefügt, dass sie «Malasines» heissen, d. h. Völker von Mahāchīna, «Grosschina». Es wird erzählt, dass ihre Kaufleute vor 80–90 Jahren regelmässige Handelsbeziehungen mit Calicut unterhalten und daselbst einen Fondaco gehabt hätten; es seien ihnen dann durch den Raja Beleidigungen zugefügt worden, mit starker Seemacht hätten sie bald nachher die Stadt angegriffen und zerstört und seitdem seien ihre Kaufleute nicht mehr dorthin gekommen, vielmehr nur noch zu einer Stadt «des Königs Narsindo, die Mailapet heisst, ungefähr 900 Meilen gegen Osten auf dem Wege zum Indusfluss... Es soll bis

zu ihrem Lande (dem der Malasines) 6000 Meilen von Calicut sein» (c. 139).

Bei dem Namen Indus ist, wie ein Vergleich mit c. 142 zeigt, hier wie dort an den Ganges zu denken; der König Narsindo ist Narasiṇha, der Rao von Vijayanagar, und Mailapet ohne Frage Mailapur, die Grabstätte des Apostels Thomas. Bis dahin also wären nach Josephs Darstellung die Chinesen auch um 1500 noch gekommen. Im Kapitel 142 heisst es dann, dass am «Golf von Oriza», d. h. am Bengalischen Meerbusen, eine Stadt auf einer Landzunge am Meer liege mit Namen «Milapar: in dieser Stadt ist eine Kirche des grossen hl. Thomas wie die von S. Giovanni und Paolo in Venedig; darinnen liegt der Leib des hl. Thomas bestattet, der viel Wunder tut; und Heiden und Christen halten ihn in hoher Verehrung». Dass das hier genannte «Milapar» das Gleiche ist wie oben «Mailapet» ist klar. Es wird nicht ausdrücklich von Pilgerfahrten der Chinesen dorthin gesprochen, aber da die «Malasines» als Christen bezeichnet sind, Heiden und Christen aber den Leib des Apostels hoch verehren und die Chinesen nach Mailapur kommen, so liegt es nah anzunehmen, dass der Priester Joseph wohl nicht bloss an Handels-, sondern auch an Pilgerfahrten aus Mahā-chīna zum Grab des Apostels gedacht hatte.

Nun war Joseph, bevor er nach Rom und Venedig kam, von Ende Juli 1501 [1] bis Januar 1502 in Lissabon gewesen und es ist gewiss kein Zufall, wenn der Inhalt des Briefes, den König Manuel am 29. Juli 1501, nach der Rückkehr Cabrals, von Santarem aus an die Katholischen Könige schreibt und der uns in einer spanischen und einer italienischen Fassung vorliegt [2], in wesentlichen Punkten mit dem Berichte des Priesters Joseph übereinstimmt. Dort ist aber von Pilgerfahrten der Christen nach Mailapur ausdrücklich die Rede. In der spanischen Kopie des Briefes lautet der Text [3]: «Y allí halló cierta noticia donde yace el cuerpo de Santo Tomás que es ciento y cincuenta leguas de allí en la costa de la mar, en una ciudad que se llama Mailapur, de poca poblacion, y me trujo tierra de su sepultura, y todos los cristianos, é así los moros é gentiles por los grandes mi-

---

[1] Nach dem Berichte des Steuermanns (Paesi nov. retr., l. III, c. 81), zweifellos aber vor dem 29. d. M.; denn unter diesem Datum ist der Brief D. Manuels an die Katholischen Könige geschrieben, der über Cabrals Reise berichtet. Danach sind die Angaben der Historiker des 16. Jahrhunderts zu berichtigen.

[2] Navarrete, *Coleccion de los viages*, Bd. III, S. 94-101 und Copia de una littera del Re da Portagalo mandata al Re de Castella, Roma 1505.

[3] Navarrete a. a. O., III, S. 99.

lagros que hace van á su casa en romería ... Y tambien supe (nämlich el mi capitan) nuevas ciertas de grandes gentes de cristianos, que son allende de aquel reino de Chochim, los cuales vienen en romería á la dicha casa de Santo Tomás, y tienen reyes muy grandes, los cuales obedecen á uno solo y son hombres blancos y de cabellos loros, é habidos por fuertes, é llámase la tierra Malchima [1], de donde vienen las porcelanas é amisle é ámbar é ligno aloe, que traen del rio Gange, que es acuende de ellos, y de las porcelanas hay vasos tan finos que uno solo vale allá cien cruzados». Joseph scheint, nach dieser Stelle zu schliessen, die Chinesen in ihrer Gesamtheit für Christen gehalten und auch bei König Manuel diesen Glauben erweckt zu haben. Es wäre nicht zu verwundern, wenn Gaspar auf Grund der Aussagen des malabarischen Priesters seine Meinung über die Verbreitung des Christentums in der östlichen Welt geändert hätte. Die Kunde von Nestorianern, die in der Zeit der toleranten Mongolenherrschaft von christlichen Sendboten aus dem Westen wie auch von Marco Polo im Reich der Mitte zahlreich angetroffen worden waren, mochte, wenn man aus Josephs Angaben einen Schluss ziehen darf, auch nach der Abschliessung Chinas für die Fremden, in Indien so wenig erloschen sein wie im Abendlande. Gleichwohl wird am Ende der 15. Jahrhunderts die Zahl der chinesischen Christen kaum mehr grösser gewesen sein als am Ende des 16., wo die Jesuitenmissionare zweifeln konnten, ob es in China überhaupt jemals Christen gegeben habe. Eigene Kenntnis des Landes aber hat Gaspar sich gegenüber Vespucci nicht zugeschrieben. Das wäre nun freilich der Fall, wenn Yule und Burnell in *Hobson-Jobson* s. v. Macheen den in der oben behandelten Stelle des Vespuccibriefes vorkommenden Namen Marchin mit Recht als eine Verderbnis für Māchīn ansähen. Es ist aber dargelegt worden, dass der Zusammenhang dort eine andere Deutung erfordert, dass, wenn der letztere richtig wiedergegeben ist, Gaspar jedenfalls bei dem Namen, den er hier nannte, an etwas ganz anderes gedacht hat. Das schliesst allerdings nicht aus, dass dem Briefschreiber Māchīn dabei vorschwebte.

Der Brief vom Cabo Verde ist nicht originale Niederschrift Vespuccis. Zu den Vaglienti-Handschriften der Biblioteca Riccardiana in Florenz gehörig, wird er von einem Teil der Vespucci-Forscher auch nicht für authentisch gehalten. Baldelli Boni und Humboldt haben ihn, der letztere auf Grund eingehender Untersuchung seines Inhaltes, für unzweifelhaft echt angesehen, der Visconde de Santarem Bedenken gegen die Authentizität erhoben; Varnhagen hat ihn im

[1] In der italienischen Fassung «Malchina».

Hinblick auf die Unsicherheit der Herkunft und die Beschaffenheit der Handschrift sowie auf die von Vespuccis Stil abweichende Sprache für apokryph erklärt; Uzielli, Hugues, Trübenbach haben mit gleicher Entschiedenheit wieder seine Echtheit verfochten, aber in die Raccolta Colombiana ist er nicht aufgenommen worden. Harrisse hat sich zu der Frage nicht bestimmt geäussert, Fiske die auch von Vignaud als annehmbar bezeichnete Meinung ausgesprochen, dass der Brief in der vorliegenden Form nicht von Vespucci herrühre, sehr wahrscheinlich aber auf echte Aufzeichnungen desselben gegründet sei [1]. Nimmt man das an, so lässt sich ein darin enthaltener Widerspruch gegen die zwei sicher bezeugten Berichte des Florentiners über seine dritte Reise, in deren Anfang die Begegnung mit zwei Schiffen Cabrals am Grünen Vorgebirge zu setzen ist, sowie auch die Verschiedenheit des Stils zwanglos erklären. Dann war auch schon in der ersten Niederschrift unseres Briefes der und jener Name, den Vespuccis Notizen über seine Unterredung mit Gaspar enthielten, der Verderbnis ausgesetzt und es ist nicht unmöglich, dass der, welcher den Brief als solchen redigierte, eigene Auffassungen einmischte und etwa die Bezeichnung für Narsinga, die er dort, undeutlich geschrieben, las, mit dem ihm bekannten Māchīn in Beziehung brachte, wie übrigens auch Vespucci selber, besonders bei nachträglicher Aufzeichnung dieses Teils seiner Unterredung mit Gaspar, bereits auf den Gedanken verfallen sein kann. So mag man auch die Verwirrung im Gebrauch des Namens Enparlicat auf Rechnung des Notizen verarbeitenden Redaktors setzen, desgleichen die aus dem Zusammenhang nicht zu erklärende Wendung «wie Ihr wisst» an der Stelle, wo es heisst, dass Taprobane dem Fluss Enparlicat gerade gegenüberliege.

Ausser dem Festland von Vorder- und Hinterindien sowie der Insel Ceylon hatte Gaspar, um auf seine Reisen noch einmal zurückzukommen, Sumatra besucht — Stamatara und Scamatara ist in dem Brief dafür geschrieben, ähnlich wie Çamatarra im «Roteiro». Das im Texte von Baldelli Boni offenbar als Inselname gemeinte «Bencomarcano» wird, wie von anderer Seite schon vermutet worden ist, «ben comarcana» zu lesen sein und die Stelle bedeuten: Sumatra ist so gross wie Ceylon und nahe benachbart und auch ebenso reich. Die Angabe der Lage ist allerdings auffällig, wenn Gaspar beide Inseln besucht hatte, möglicherweise liegt aber auch hier ungenaue Wieder-

[1] Trübenbach, *Amerigo Vespuccis Reise nach Brasilien in den Jahren 1501-1502*, I (Programm v. Plauen i. V., 1898), S. 15 ff. und Vignaud, *Américc Vespuce*, S. 64.

gabe vor. In Bezug auf Gaspars Angabe der Zertrümmerung eines Teils von Ceylon durch das Meer sei auf Humboldt a. a. O., S. 28 f. verwiesen.

Wie König Manoel so bezeichnet auch der Florentiner Girolamo Sernigi, der 1499 zur Zeit der Rückkehr von Gamas Schiffen als Kaufmann in Lissabon ansässig war (über ihn und seine Berichte vgl. Ravenstein a. a. O., S. 119 ff.), in dem zweiten seiner Briefe an einen florentinischen Edelmann, abgedruckt in den «Paesi novamente retrovati», Vicenza 1507, c. LX–LXII, den Gefangenen als «einen Juden, geboren in Alexandria oder jenen Gegenden», der sehr jung zu Lande nach Indien gegangen sei und in Calicut Weib und Kinder habe; er sei Besitzer von vier Schiffen und einige Male auf See gewesen. Ob er uraltem Brauch entsprechend mit dem Seehandel auch Seeraub verband, ist ungewiss. Im «Roteiro» bezeichnen ihn die Inder auf Anjediva, bei denen Paulo da Gama Erkundigungen über ihn einzieht, als den «Seefreibeuter» oder den «Kaperkapitän» (o armador)—im letzteren Falle doch wohl des Sabayo, wenn auch Castanheda [1] die Stelle anders aufgefasst hat—, der gekommen sei die Fremden hier anzugreifen. Sein Verhältnis zu dem Herrn von Goa wäre dann so aufzufassen wie das des Timoja und Raogi zum Raja von Onor, die vom Ertrag ihres Seeraubs an diesen eine Abgabe von 4000 Cruzados entrichteten und dafür den Schutz seines Hafens genossen [2]. Bei seinem Geständnis trennt aber der Jude von der eigenen Person den «Freibeuter» oder «Kaperkapitän» ausdrücklich: sein Herr habe ihn gerade deshalb abgesandt die Portugiesen ans Festland (Goa) zu locken, weil er befürchtete, dass, wenn der Kaperkommandant sie überwältige, er ihm keinen Anteil geben werde. Barros macht Gaspar zum «xabandar» des Sabayo, was nach dem Zeugnis der *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque*, p. II, c. XXVI soviel bedeutet hätte wie das portugiesische «almoxarife da ribeira», also Obereinnehmer der Seeimportzölle. Nach Yule-Burnell, *Hobson-Jobson* s. v. Shabunder hiess Shāh-bandar in allen Häfen des Indischen Ozeans der Beamte, mit dem als höchster Autorität die fremden Kaufleute und Schiffsherrn zu verhandeln hatten, und er war in der Tat oft auch oberster Zollbeamter.

Wie Gaspar, als Jude geboren, in Indien den Islam angenommen, so hat er sich in der neuen Umgebung mit grosser Geschwindigkeit auch zum christlichen Glauben bekehrt; da ihn Manoel am 28. Au-

---

[1] a. a. O., l. I, c. XXVI.

[2] Hümmerich, *Erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*, München 1922, S. 75.

gust 1499 als zum Christentum übergetretenen Juden bezeichnet, hat er anscheinend bereits auf der Fahrt — denn die «Gabriel» wird nur wenig vorher in Lissabon angekommen sein — den Glauben gewechselt. In der Taufe erhielt er, wie die Historiker berichten, den Vornamen Gaspar, vermutlich nach einem der hl. drei Könige aus Morgenland, wie sein Sohn später den Namen Balthasar, und von Vasco da Gama, der sein Taufpate war, den Familiennamen der Gama. In den folgenden Jahren wird er auch als Gaspar da India — «Gaspar de las Indias» sagt mit Beziehung auf die «India maior» und «minor» oder eine andere Einteilung Correa in *Lendas*, Bd. I, S. 142 — wiederholt erwähnt [1]. Die Identität beider bezeugt Correa a. a. O. und ein Vergleich von Barros, *Dec.* I, l. V, c. 4 mit Goes, *Chron.* p. I, c. LVIII. Wie bezüglich des Glaubens hätte er nach Correa seine Anpassungsfähigkeit auch hinsichtlich des Namens bewährt: in den *Lendas*, Bd. I, S. 539 wird er für 1505 bezeichnet als «der Dolmetscher Gaspar da Gama, der sich jetzt Gaspar d'Almeida nannte, aus Liebe zu dem Vizekönig», den er damals nach Indien begleitete. Ob das richtig ist, darf bezweifelt werden: er selbst unterzeichnet sich in einem Brief an König Manuel vom 16. November 1506 jedenfalls als Gaspar da India [2] und sein Siegel auf einem Brief, den er etwa im Dezember 1505 von Cochin dem König schreibt, trägt die Aufschrift «Gaspar de Gama de India» [3].

---

[1] z. B. bei Barros, Dec. I, l. V, c. 4, 5, 8; l. VI, c. 2.

[2] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. II, S. 380.

[3] Ebd., Bd. III, S. 204. — Nicht dieselbe Person ist der in den *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque*, besonders im ersten Teil, vielfach erwähnte Dolmetscher Gaspar Rodriguez, mit dem ihn W. de Gray Birch in der englischen Ausgabe des Werkes (Works issued by the Hakluyt Society, N° 53, 55, 62, 69), Bd. II, S. 27 identifiziert. Gaspar war 1505–9 bei Almeida in Indien und nicht bei dem ein Jahr nach Almeidas Ausreise abgesandten Geschwader des Affonso d'Albuquerque. In den *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque* beruft sich 1509 der Raja von Cochin gegenüber diesem und dem Marschall von Portugal auf Gaspar da India: derselbe wisse sehr gut, dass er jedes Jahr 4–5 Monate ins Binnenland gehe um mit dem Samorin Krieg zu führen; das setzt voraus, dass Gaspar die letzten Jahre in seiner Nähe gewesen ist. In der Umgebung des Vizekönigs zeigt ihn auch Castanheda, l. II, c. XCIV, wo Almeida im Dezember 1508 nach der ersten Begegnung mit Albuquerque in Cananor die Perlen des Coje Atar von ihm abschätzen lässt. Vor allem aber wird jener Gaspar Rodriguez, wo er vorkommt, überall so, oder was dasselbe ist, Gaspar Rõiz genannt (vgl. Correa, *Lendas*, Bd. I, S. 794; *Commentarios do gr. A. d'A.*, p. I, c. 20; Castanheda a. a. O., l. II, c. LIII; Goes, *Chron.*, p. II, c. 31; Barros, *Dec.* II, l. III, c. 2, auch *Dec.* II, l. II, c. 1; vgl. auch Correa, *Lendas*, Bd. I, S. 817 mit *Commentarios do gr. A. d'A.*, p. I, c. 29); und Castanheda (a. a. O., l. II, c. LIII) würde, wo er das erstemal von ihm spricht, gewiss nicht sagen: «*hum* lingoa chamado Gaspar Rodriguez», wenn er den be-

Weniger wandlungsfähig als Gaspar da Gama wäre nach Correa dessen Frau gewesen, die 1498 in Indien zurückblieb, am wahrscheinlichsten in Goa, wo der einstige Jude im Dienste des Herrschers stand; Barros spricht wenigstens von einem Sohn, den Gaspar 1498 dort zurückgelassen habe [1]. Sernigi sagt allerdings in der oben mitgeteilten Stelle, dass der Jude in *Calicut* Weib und Kinder habe. Aber es ist nicht zu erweisen, dass er, wie Ravenstein ohne weiteres annimmt [2], die Informationen seines zweiten Briefes von Gaspar unmittelbar und persönlich erhalten hat. Die Fassung in den «*Paesi novamente retrovati*» lässt es durchaus zweifelhaft, der Schlusssatz des Briefes bei Ramusio aber [3], wenn er ursprünglich ist, spräche dagegen. «Das ist es, was ich von ein paar Personen von Urteil habe erfahren können, die mit dieser Flotte zurückgekommen sind», würde Sernigi kaum geschrieben haben, wenn er den Fremden selbst gesprochen hätte. Es ist auch bei der Vorsicht, womit man in Lissabon das Geheimnis des Indienhandels, zumal gegenüber den Italienern als möglichen Konkurrenten, zunächst hütete, nicht gerade wahrscheinlich, dass Informationen von Gaspar so ohne weiteres zu erhalten waren. Ein Irrtum bez. des Ortes, wo dessen Familie zurückgeblieben war, ist also sehr wohl möglich, besonders, da derselbe den Florentiner kaum interessieren konnte. Er weiss auch über den Geburtsort Gaspars nichts Bestimmtes und wirft den letzteren im zweiten Brief wie im ersten mit dem Lotsen von Melinde zusammen. Nach Correa [4] aber, mit dem bez. des Ortes Castanheda [5] übereinstimmt, lebte Gaspars ehemalige Frau mindestens 1506 in *Cochin*. Der Vorgang, in dessen Zusammenhang Correa von ihr spricht, ist nicht ohne Interesse.

Mit der Flotte des Vizekönigs Francisco d'Almeida war 1505 ein Sohn des «corregedor da corte» Dr. Martim Pinheiro nach Indien gekommen. Er brachte von Portugal eine Truhe voll hebräischer Thorarollen mit, die sein Vater entweder selbst hatte schreiben lassen oder, was wahrscheinlicher ist, bei der Vernichtung der Synagogen in Portugal, die mit der 1497 erfolgten Austreibung oder gewaltsamen

---

kannten und wiederholt bei ihm erwähnten Gaspar da India meinte. Dagegen ist bei Barros, *Dec.* II, l. II, c. 3, wie der Vergleich mit Castanheda a. a. O., l. II, c. LXII Anfang wahrscheinlich macht, statt «Gaspar Pires que servia de lingua» wohl «Gaspar Rõiz» zu lesen.

[1] Dec. I, l. IV, c. 11.

[2] a. a. O., S. 179.

[3] *Navigationi et Viaggi*, Bd. I, f. 132r.

[4] *Lendas*, Bd. I, S. 656.

[5] l. I, c. XXVI.

Bekehrung der portugiesischen Juden zusammenhing, an sich gebracht hatte. Nach der Ankunft in Cochin verkaufte auf Grund der Ermächtigung durch einen Alvará des Königs Manuel [1] der junge Mann in der Tat eine Anzahl derselben für schweres Geld an die verhältnismässig zahlreich in der Stadt ansässigen Juden; aber der Vizekönig erfuhr zum Unglück von der Sache, liess in ehrlicher Entrüstung über den Handel, der seinem strenggläubigen Gemüt als ein Frevel gegen Gott selbst erschien, sofort die verkauften Exemplare durch Vermittlung des Rajas wieder einziehen, das dafür bezahlte Geld an die Juden zurückgeben, die Kiste mit den Thorarollen aber versiegeln und unterbreitete den Fall dem König. Manuels Entscheidung fiel, wie ein paar resignierte Sätze in einem von Correa [2] mitgeteilten Bericht Almeidas vom Jahre 1508 erkennen lassen, gegen diesen aus.

Im Zusammenhang mit diesem Vorfall erfahren wir, dass damals in Cochin die ehemalige Frau Gaspars lebte. Nach Correa hatte er sie niemals bewegen können zum Christentum überzutreten; sie sei, fügt der Schriftsteller hinzu, eine grosse Schriftgelehrte gewesen und ihr Zureden habe die Juden veranlasst jene Thorarollen zu kaufen, damit die Rabbiner dann nach ihnen predigen könnten. Dass sie in der Tat im religiösen Leben der Judengemeinde von Cochin eine Rolle gespielt hat, beweist die erwähnte Stelle in dem Bericht Almeidas, wo es heisst: «Ich versichere Ew. Hoheit, dass die hiesigen Juden solche nur vom Hören waren: mit ein paar Lügen, die Gaspars Weib wusste, brachte diese sie dazu blindlings an ihr Gesetz zu glauben; aber jetzt sind sie durch die Lehren dieser Bibeln vollständige Gelehrte».

Auf den Neuchristen Gaspar wirft der Vorgang ein charakteristisches Licht insofern, als der Handel mit den Thorarollen durch seine ehemalige Frau *ihm* zur Kenntnis gekommen war und *er* ihn in echtem Renegateneifer dem Vizekönig entdeckte. Über den Verlust dieser Frau hatte er sich übrigens getröstet; denn Lunardo da Cá Masser, der im heimlichen Auftrag der Signoria von Venedig 1504 nach Lissabon kam, sagt in einem 1506 abgefassten Bericht an seine Regierung [3], dass er sich in der Zwischenzeit mit einer portugiesischen Adeligen verheiratet hatte. Von Interesse ist an der von Correa mitgeteilten Geschichte die Tatsache, dass es 1506 eine offenbar

---

[1] Vgl. die Inhaltsangabe von Almeidas Bericht vom 27. Dezember 1506 in *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. II, Lisboa, 1898, S. 394, wo statt «indeos» zu lesen ist «judeos»; der Verkäufer wird dort João Cotrim genannt.

[2] *Lendas*, Bd. I, S. 900.

[3] *Archivio Storico Italiano*, Appendice II (1845), S. 14 f.

ganz ansehnliche jüdische Gemeinde in Cochin gab. Als fremdes Element inmitten der heidnischen Inder der Stadt erwähnt die Juden auch der Deutsche Balthasar Sprenger, der mit Almeidas Flotte Ende Oktober 1505 nach Cochin kam und sich zwei Monate dort aufgehalten hat [1]. Danach ist die Ansicht von Day [2], wonach es um 1500 in Cochin keine Juden gegeben hätte, nicht zutreffend.

Jüdische Ansiedelung grösseren Massstabs hat an der Malabarküste bereits in sehr früher Zeit stattgefunden; wann, ist allerdings ungewiss. Die eigene Tradition der indischen Juden schwankt und führt eine Einwanderung geschlossener jüdischer Volksmassen bald auf die Zerstörung ihres nördlichen Reiches durch Sargon I. von Assyrien (722 v. Chr.), bald auf die des südlichen durch die Neubabylonier unter Nabuchodonosor (586 v. Chr.), bald auf die Zerstörung ihres zweiten Tempels durch Kaiser Titus (70 n. Chr.) zurück; auch die moderne Forschung ist nicht zu unbestrittenen Ergebnissen gelangt. Die wichtigste Niederlassung der Juden in Malabar war die zu Cranganor (25 km nördlich von Cochin), in den Anfängen unserer Zeitrechnung dem Anscheine nach der bedeutendsten Stadt des ganzen Küstenstrichs. Erst in der zweiten Hälfte des 16. Jahrhunderts wird, vielleicht infolge mehrfacher Zerstörung von Cranganor, Cochin ihr Hauptsitz, dessen Raja damals wegen der Menge seiner jüdischen Untertanen nach João de Lucena [3] den Spottnamen «König der Juden» führte. Unsicher wie die Zeit ihrer Einwanderung ist auch das Alter der noch erhaltenen wichtigen Urkunde, die ihre Privilegien in Malabar bestimmt: die Datierung schwankt vom 4. bis zum 10. nachchristlichen Jahrhundert.

Dass auch in Calicut um 1500 eine grössere jüdische Kolonie bestand, macht einerseits die Bedeutung der Stadt als Handelsplatz, anderseits eine Stelle bei Correa [4] wahrscheinlich, wo er erzählt, dass 1536 der Samorin ein Korps von 2000 Büchsenschützen aufstellte, das aus Mauren und Juden bestand, «die es in Calicut zahlreich gab». Dass sie in den Heeren malabarischer Fürsten auch sonst Verwendung fanden, bezeugt eine weitere Stelle Correas [5], wonach der Raja von Cochin in einem Krieg, den er mit portugiesischer Hilfe 1550 führte, eine Schlacht an einem Samstag nicht liefern wollte, weil an diesem Tag die Juden nicht kämpfen würden, «die kriegs-

---

[1] Hümmerich, *Quellen und Untersuchungen*, S. 124.

[2] *The land of the Permauls, or Cochin*, Madras 1863, S. 352.

[3] *Vida de S. Francisco de Xavier*, S. 54.

[4] *Lendas*, Bd. III, S. 762.

[5] *Lendas*, Bd. IV, S. 708.

tüchtigsten Leute, die er bei sich habe». Ihre Kriegstüchtigkeit bestätigt eine auch sonst recht interessante Stelle bei Barros [1]: «Es gibt hier (in Malabar) auch viele im Land geborene Juden, deren Eigenart infolge ihres Verkehrs mit den Muhamedanern und Heiden durchgehends durch Sitte und Brauch der letzteren verwässert ist, sodass sie weniger von ihrem Gesetz wissen als von denen der andern. Sie sind Handelsleute, und überall, wo sie leben, suchen sie den Schatten der Fürstengunst, weil sie beim Volke verhasst sind. Gleichwohl sind die in diesen Gegenden tapfere Männer und wissen sehr gut zu kämpfen». An reinrassige Semiten wird man in all diesen Fällen nicht zu denken brauchen: wie im 18. Jahrhundert und heute werden sich die malabarischen Juden auch im 16. Jahrhundert in weisse oder Jerusalem-Juden, dunkelfarbige Inder mosaischen Glaubens und Mischlinge geteilt haben, von denen die erstgenannten infolge ständiger Zuwanderung von Volksgenossen aus anderen Teilen der Welt ihre Rasseneigentümlichkeiten bewahrt hatten [2].

Ein zugewanderter Jude war, wie schon gesagt, auch Gaspar da Gama, und wir können seine Herkunft noch über Alexandrien hinaus verfolgen. Nach Goes [3] stammte er aus «der Stadt Posen im Königreich Polen, ... Hauptstadt und Bischofssitz von Grosspolen, einer grossen und gut befestigten Stadt, wohlversehen mit Lebensmitteln». Barros aber weiss noch mehr zu sagen [4]: «Im Jahre des Herrn 1450», erzählt bei ihm der Jude, «habe der König von Polen eine öffentliche Bekanntmachung in seinem ganzen Reich ergehen lassen, dass alle Juden, die es darin gebe, innerhalb 30 Tagen Christen werden oder sein Reich verlassen sollten; und wenn der Termin verstrichen sei, sollten alle, die man noch finde, verbrannt werden. So sei es gekommen, dass der grössere Teil der Juden das Land in verschiedenen Richtungen verlassen habe, und bei diesem Auszug seien sein Vater und seine Mutter auch gewesen, die in einer Stadt mit Namen Posen gewohnt hätten. Sie seien nach Jerusalem gekommen und von da nach Alexandrien gegangen, wo er geboren worden sei».

Ein Edikt, das die Juden zum Übertritt oder Verlassen des Landes gezwungen hätte, ist in Polen in diesem ganzen Jahrhundert nicht ergangen. Graetz [5] nimmt daher an, Gaspar habe «dem Admiral

---

[1] *Dec.* I, l. IX, c. 3.

[2] Linschoten, *Itinerario*, c. 43; *Historia dos Portugueżes no Malabar* por Zinadim, ed David Lopes, Lisboa, 1898, S. LXXXI-XC; Francis Day, *The land of the Permauls, or Cochin*, Madras 1863, S. 336-354.

[3] *Chron.*, p. I, c. XLIV.

[4] *Dec.* I, l. IV, c. 11.

[5] *Geschichte der Juden*, Bd. VIII, S. 417, Note 5.

etwas aufbinden wollen». Möglich ist das gewiss, möglich aber auch, dass ein Missverständnis des Barros vorliegt, dass er ein Ereignis aus der Geschichte der polnischen Juden, von dem er vage Kenntnis hatte, im Sinne von Vorgängen aus der Geschichte der iberischen Halbinsel deutete, die für ihn noch nicht weit zurücklagen. Hier war unter Ferdinand und Isabella 1492 in Spanien und 1497 unter Manuel in Portugal gegen die Juden mit Zwangsbekehrung und Ausweisung vorgegangen worden. Was Gaspars Eltern aus Polen möglicherweise vertrieben hat, war indes eine Massregel ganz anderer und weit weniger einschneidender Art.

Die Rechtsverhältnisse der polnischen Juden hatte für das ganze Reich zuerst Kasimir der Grosse geordnet, indem er ein Jahr nach seiner Thronbesteigung, am 9. Oktober 1334, das von Boleslaw dem Frommen, Herzog von Kalisch, 1264 für sie erlassene Schutzprivileg mit Zustimmung der Starosten auf alle der polnischen Krone unterstehenden Landesteile ausdehnte. Ihre Lage war dadurch, obwohl auf Drängen des Adels im Jahr 1347 einige Beschränkungen ihrer Rechte stattfanden, doch immer noch besser, als sie in andern Ländern, z. B. Deutschland, seit den Tagen Innozenz, III. sich gestaltet hatte [1].

Als nun 1447 ein Brand die damals schon bedeutende Stadt Posen grossenteils einäscherte und dabei das Original der Urkunde Kasimirs angeblich verloren ging, erlangten die Juden von dem Jagellonen Kasimir IV. eine Erneuerung ihres Statuts, die in einzelnen Bestimmungen, vielleicht auf Grund gefälschter Kopieen, die sie dem König vorlegten, über das Mass der ihnen bisher gewährten Rechte beträchtlich hinausging. Gegen diese Privilegien erhob sich ein scharfer Widerstand seitens der Geistlichkeit, deren Wortführer vor allem der einflussreiche Krakauer Kardinal Zbygniew Olesnicki war. Ganz in dessen Sinn eiferte dagegen auch der fanatische Reiseprediger, Ketzerbekehrer und Inquisitor Johann von Capistrano, der auf Einladung Zbygniews von August 1453 bis Mai 1454 in Krakau sein Wesen trieb, mit seinen Volksrednerkünsten den Massenfanatismus gegen die polnischen Hussiten und Juden zu entflammen und persönlich wie brieflich den König zur Zurücknahme der Judenrechte zu bestimmen suchte. Kasimir erklärte indes an seinem Worte festhalten zu wollen. Da erlitt im September 1454 das polnische Heer im Kampfe gegen die Deutschherren bei Konitz eine schmähliche Niederlage; die Geistlichkeit beeilte sich dieselbe vor der öffentlichen Mei-

---

[1] Graetz, *Geschichte der Juden*, Bd. VII, S. 379; Caro, *Geschichte Polens*, 2. Teil, 1863, S. 535 ff.

nung als Strafe Gottes für des Königs Unbotmässigkeit gegen die Kirche und für seine Begünstigung der Juden darzustellen, und auf dem Reichstag zu Nessau a. d. Weichsel musste er im November 1454 das Judenstatut in aller Form für ungültig erklären. 13 Jahre später, nach dem endgültigen Sieg Kasimirs IV. über den Orden, wurde es wieder in Kraft gesetzt [1].

Die Aufhebung der Judenprivilegien durch Art. 41 des Statuts von Nessau (Nieszawa) müsste, wenn jene Aussage Gaspars da Gama bez. seiner Eltern auf Wahrheit beruhte, der Anlass zu ihrer Auswanderung aus Polen gewesen sein. Belege dafür, dass mehr Juden damals das Land verlassen oder sich bekehrt hätten, gibt es freilich ausser der Stelle bei Barros nicht. Wenn aber 1455 — der Reichstag von Nessau fällt in den November 1454 — die Eltern Gaspars aus Posen auswanderten und über Jerusalem nach Alexandrien gingen und der Sohn dort geboren wurde, so würde dazu die Angabe des «Roteiro», dass dieser 1498 ein Mann von 40 Jahren war, trefflich stimmen, und da er nach dem Zeugnis Sernigis und der Historiker des 16. Jahrhunderts sehr jung nach Indien kam, kann er bei der Ankunft der Portugiesen sehr wohl auch schon 30 Jahre dort gewesen sein; nach Cá Masser [2] waren damals 32 Jahre vergangen, seit er von Kairo zu Lande nach Mekka aufgebrochen und über viele anderen Orte nach Indien gekommen war.

Über seine weiteren Schicksale wissen wir nicht allzu viel. Für die Vermögensverluste, die er durch seine gewaltsame Fortführung von Indien erlitt, hat ihn König Manuel, dessen Gunst er gewann und dem er vermöge seiner Vertrautheit mit den Verhältnissen des Ostens wie vermöge seiner Sprachenkenntnis manch wertvollen Dienst im folgenden Jahrzehnt geleistet hat, mit Gnadengehalten, Besoldungen und Ämtern entschädigt, von denen er nach Goes bis an sein Ende reichlich leben konnte. Auch zum Ritter seines Hauses hat D. Manuel ihn gemacht. Lunardo da Cá Masser spricht von einem Gehalt von 170 Dukaten jährlich, das er vom König erhalte, und Correa (*Lendas*, Bd. I, S. 149) berichtet, dass er von D. Manuel für Cabrals Fahrt mit einem «alvará de livre e forro» («Freibrief»), d. h. der Erlaubnis, eine gewisse Menge indischer Waren unter gewissen

---

[1] Graetz a. a. O., Bd. VIII, S. 195 ff.; Caro a. a. O., 4. Teil (1875), S. 455 ff.

[2] a. a. O., S. 14: e have provision da questo Serenissimo Re de ducati 170 de intrada all' anno per suo viver, per aver dato lui tall' informazione dell' India, essendo stato ditto Gaspar delli anni trentadue dapoi che partì dal Caiaro per terra alla Mecha, e per molti altri lochi in quelle parti d'India.

Bedingungen abgabenfrei in Portugal einzuführen, ausgestattet und ihm für Unterhalt an Land 10 Cruzados monatlich bewilligt waren.

Von den Indienfahrten des ersten Jahrzehntes nach der Entdeckung hat er die Reise Cabrals 1500–1501 mitgemacht [1] und ihn nach dem Portugiesenmord in Calicut und dem Bruch mit dem Samorin veranlasst Ladung in Cochin zu suchen, hat Vasco da Gama 1502–1503 auf seiner zweiten Fahrt nach dem Osten begleitet [2] und von 1505–1509 dem Vizekönig Francisco d'Almeida in Indien kaufmännische und Dolmetscherdienste getan [3].

Aus dieser Zeit stammen die Schriftstücke, die wir von seiner Hand besitzen, alle drei Briefe aus Cochin an König Manuel. Der undatierte erste [4] berichtet über die Fahrt von Lissabon bis Cochin (25. März bis 1. November 1505) und war bestimmt mit den ersten Gewürzschiffen, d. h. dem Geschwader des Fernão Suares, das am 2. Januar 1506 von Cananor aus die Heimreise antrat und am 22. Mai bezw. 3. Juni Lissabon erreichte, nach Portugal abzugehen [5], ist also im November oder Dezember 1505 geschrieben. Der zweite [6] scheint, wenn nicht ein Versehen des Herausgebers vorliegt, vom 16. November 1505 datiert zu sein [7], ist aber, wie der Inhalt zeigt, am 16. November 1506 abgeschlossen; so wird in der Überschrift des Druckes auch richtig angegeben. Gaspar berichtet darin vor allem über Unterschlagungen, die zum Nachteil der Krone von Kapitänen der Armada von 1505 und von Almeidas Freund, dem Kastilianer Guadelajara, Burgvogt von Cananor, an der Beute von Quiloa und Mombaça begangen und in Almeidas Auftrag von ihm und Gaspar Pereira, dem Sekretär des Vizekönigs, aufgedeckt worden, von verbotenem Handel Guadelajaras und anderer mit Waren, die der Krone vorbehalten sind. Der dritte Brief [8] ist mit den Schiffen des Tristão da Cunha nach Lissabon abgesandt worden, wie der Vermerk der königlichen Kanzlei darauf zeigt: «De Gaspar de Indea que (der

---

[1] Barros, *Dec.* I, l. V, c. 4, 5, 8; Goes, *Chron.*, p. I, c. LVIII; Castanheda, *Hist. do descobr.*, l. I, c. XL.

[2] Barros, *Dec.* I, l. VI, c. 2; Correa, *Lendas*, Bd. I, S. 279 und sonst.

[3] Correa, *Lendas* Bd. I, S. 539 und vielfach sonst; Goes, *Chron.*, p. II, c. II und VIII; Castanheda, *Hist. do descobr.*, l. II, c. III, VII, XCIV; Barros, *Dec.* I, l. VIII, c. 9; l. IX, c. 4; auch *Commentarios do gr. A. d'A.*, p. II, c. VI.

[4] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. III, S. 200–204.

[5] a. a. O., S. 203: pareceme bem que quando chegarem as *primeiras* naaos, que vosa alteza hordene guardas de bom rrecado.

[6] a. a. O., Bd. II, S. 371–380.

[7] a. a. O., S. 380.

[8] a. a. O., Bd. III, S. 195–197.

Brief nämlich) veo na armada de tristam da cunha». Diese Schiffe sind nach Goes[1] am 7. Dezember 1507 von Cananor in See gegangen und grösstenteils im Juli 1508 in Lissabon angekommen. Gaspar weist darin unter Berufung auf Ratschläge, die er früher dem König gegeben hat, auf das Verkehrte der Anlage einer Feste in Sokotora, auf das verspätete Eintreffen der Flotte von 1506 hin, die erst gegen Ende des August 1507 in Cananor eingetroffen ist, und auf die Verluste, die der Krone daraus wie aus allerlei Missbräuchen und Fehlern im Handelsbetrieb erwachsen, und bittet ihm selbst im Hinblick auf seine nunmehr fast zehnjährigen Dienste die Rückkehr nach Portugal zu gestatten. In kleinen Zügen wird das Bild, das man aus diesen Schriftstücken von dem Menschen und seiner Tätigkeit gewinnt, durch ein paar gereizte Ausfälle gegen ihn ergänzt, die sich in zwei aus Cochin datierten Briefen des Pero Fernandes Tinoco vom 21. November 1505 und 15. Januar 1506[2] finden.

Aus dem ersten von ihnen erfahren wir, dass das eigentliche Amt, welches Gaspar bekleidete, das eines Dolmetschers für die Lebensmittelversorgung (lyngoa dos mantymentos) war. In Ausübung dieses Amtes zeigt ihn sein eigener erster Brief in Quiloa, wo er, tagsüber durch andere Pflichten in Anspruch genommen, zur Nachtzeit die Insel durchstreift und Hämmel und andere Lebensmittel für die mit dem Festungsbau beschäftigten Portugiesen beischafft. Von Mombaça fährt er auf dem Schiff des Neuchristen Fernando de Noronha nach Melinde voraus und stellt Hühner und Hämmel, Früchte und Wasser für die nachkommenden Fahrzeuge des ersten Geschwaders bereit, wie er auch in Anjediva und Cananor für Lebensmittel sorgt. Aber damit ist seine Tätigkeit keineswegs erschöpft. In Quiloa führt er Verhandlungen mit dem von Almeida nach Entthronung des Emirs Ibrahim eingesetzten neuen Herrscher und mit den Arabern und erreicht, dass sie während des Aufenthaltes der Flotte täglich 200 Arbeitskräfte für den Festungsbau zur Verfügung stellen. Mit den muhamedanischen Kaufleuten in Cananor und dem Raja der Stadt trifft er ein Abkommen, wodurch der dem portugiesischen Handelsagenten am Ort abverlangte übermässige Pfefferpreis herabgesetzt und günstige Bedingungen für die Zahlung—halb in europäischer Ware, halb in Geld—zugestanden und die fast abgebrochenen Beziehungen der einheimischen Handelsherrn zur portugiesischen Faktorei wieder in Gang gebracht werden. Auch dass der Raja Zimmerleute und Maurer für den Bau der Feste Santangelo zur Ver-

[1] *Chronica*, p. II, c. XXIV.

[2] *Cartas de A. d'A.*, Bd. II, S. 341-344 und Bd. III, S. 170-177.

fügung stellt, weiss er zu erreichen. Die Erregung, die infolge der gewalttätigen Übergriffe des João Homem und Antonio de Sá in Coulão und des Portugiesenmordes daselbst der Vizekönig auch in Cochin bei seiner Ankunft am 1. November 1505 vorfindet, verstehen Gaspar und sein Sohn durch geschicktes Unterhandeln zu besänftigen und die muhamedanischen Kaufleute zur Pfefferlieferung zu bestimmen.

Dass der Gewinn der kaufmännischen Unternehmungen der Krone durch verbotene private Handelsgeschäfte, Schmuggel und Zollhinterziehung von seiten portugiesischer Kapitäne und Edelleute vielfach beeinträchtigt wird, ist dem Kaufmann, in dem sich der jüdische Handelsgeist nicht verleugnet, ein Dorn im Auge. Er mahnt den König, bei Ankunft der Gewürzschiffe in Lissabon nach Edelsteinen, Perlen, kostbaren Hauben und anderen leicht zu verbergenden Gegenständen an Bord scharf spüren zu lassen. Ununterbrochen, heisst es im zweiten Brief, macht er im Auftrag des Vizekönigs die Runde durch die Häfen von Malabar und Canara und sorgt, dass die Moplah nicht von den bezüglich des Handels mit ihnen getroffenen Vereinbarungen abweichen; in Verbindung damit aber stellt er, zusammen mit Almeidas Sekretär Gaspar Pereira, im September und Oktober 1506 Untersuchungen an, welche Kapitäne der Flotte von 1505 sich widerrechtlich Gold und Silber oder andere Gegenstände aus der Beute von Mombaça angeeignet haben, prüft die Geschäftsführung und Ehrlichkeit der portugiesischen Handelsagenten, forscht unbefugtem Vertrieb dem König vorbehaltener Waren nach und kommt bei seiner Kenntnis der Landessprachen und des Arabischen gar manchem Missbrauch auf die Spur. Allen voran — so berichtet er darüber dem König — steht, was Übertretungen anlangt, der Kastilianer Guadelajara: er hat Korallen und Gott weiss was noch aus Portugal eingeschmuggelt und in Indien verkauft; sein Amt als «quadrilheiro» bei der Beute von Mombaça hat ihn reich gemacht — Gott und die Welt weiss, woher das viele Geld stammt, das er jetzt hat. Auf vier Blatt Papier würden all die Dinge nicht gehen, in denen er als Burgvogt von Cananor mit den Moplah handelt. Der König soll nur keinen Kastilianer mehr nach dem Osten schicken: sie sind seine Feinde, suchen nur ihren Vorteil um reich zu werden und dann nach Kastilien zurückzukehren. Soweit hier von Guadelajara die Rede ist, mag Neid gegen den Freund Almeidas bei Gaspar mit im Spiele sein; die Verallgemeinerung wird einigermassen dadurch gerechtfertigt, dass unter den Sündern noch ein zweiter kastilianischer Edelmann sich befindet, Fernando Bermudez [1] — Belmudes nennt ihn Gas-

[1] vgl. über ihn Goes, *Chron.*, p. II, c. 1.

par. Er hat in Baticala Korallen von fünf Sorten an einen muhamedanischen Handelsherrn verkauft, dazu Messer mit silberner Scheide, wiewohl jede Abgabe von Waffen an Muhamedaner und Ungläubige durch päpstliches und königliches Verbot untersagt war [1]. Durch einen andern muhamedanischen Kaufmann der Stadt hat er Gold aus der Beute von Mombaça verkaufen lassen, ohne einen Auftrag des Vizekönigs eigenmächtig einer Anzahl muhamedanischer Schiffsherrn Sicherheitspässe ausgestellt und sie sich bezahlen lassen, in einem Fall aber ein Schiff gekapert, dem sein Schreiber Diogo Velho, natürlich vollends unberechtigt, gegen Geld unter Verhöhnung von Treu und Glauben einen vermeintlichen Geleitsschein gegeben hatte. Über den portugiesischen Kapitän Ruy Freire hat Gaspar in Erfahrung gebracht, dass er für 700 Cruzados Gold und Silber aus der Beute von Mombaça an einen Muhamedaner in Cananor verkauft und Juwelen und Perlen sowie feine Baumwollstoffe (sinabaffos) dafür in Zahlung genommen hat, Dinge, die in Lissabon nach Gaspars Schätzung 3000 Cruzados wert sind; bei dem gleichen Kaufmann hat Diogo Correa, Kapitän der «Lionarda», silberne Armringe, Frauenschmuck aus Mombaça, und Korallen im Werte von 72 Cruzados gegen Perlen und Edelsteine umgesetzt, die der Jude auf 1000 Cruzados in Lissabon schätzt. Mit Korallen hat in Baticala auch João Serrão gehandelt, Kapitän einer portugiesischen Galeere für Küstenbewachung. Gaspar hat von diesen Vergehen dem Vizekönig Anzeige erstattet, aber D. Francisco antwortet ihm, man könne es mit all den Leuten in Indien nicht so genau nehmen, und er selbst muss zugeben, es geht nicht anders: viele suchen nur ihren Vorteil und denken nicht an den Dienst des Königs; ihn zu bestehlen ist keine Sünde, sagen sie; und wenn der Vizekönig alle strafen wollte, die sich durch Handel mit verbotener Ware strafbar gemacht, und die weiteren, die viel Gold und Silber aus der Beute von Mombaça gestohlen haben, so müsste er die Mehrzahl der Portugiesen in Indien vom Erdboden vertilgen und hätte dann vielleicht keine Kapitäne und Kriegsleute mehr da, um gegen die Mauren zu kämpfen. Der König selber muss, so meint Gaspar, an einigen bei der Rückkehr ein Exempel statuieren und durch empfindliche Vermögensstrafen von diesen Verfehlungen abschrecken; er muss aber vor allem nicht junge Leute als Kapitäne nach Indien schicken, bloss deshalb, weil sie von Adel sind; Edelleute oder Ritter sollen es sein, aber ältere, verständige Männer; das wird auch zur grösseren Sicherheit der Schiffe beitragen. Beliebt, das weiss Gaspar wohl, macht er sich mit dieser inquisitorischen

[1] Instruktion Almeidas in *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. II, S. 292.

Tätigkeit, die im übrigen doch wohl auch seinen Neigungen entsprochen hat, bei den portugiesischen Fidalgos nicht; er nimmt an, dass man ihn bei Hofe verleumden und anschwärzen wird; gewisse Leute haben ihm bereits drohen lassen, dass sie ihn in Cochin oder in Lissabon erschlagen würden, aber er hört darum nicht auf S. Hoheit in allem zu dienen, was ihm notwendig scheint, und er tut es bei Tag und Nacht mit grösster Uneigennützigkeit, wie er ein gleiches von D. Francisco d'Almeida und dessen Sohn D. Lourenço sowie von Gaspar Pereira rühmt.

Geht schon aus den angeführten Aufträgen, die ihm Almeida gegeben hat, dessen Wertschätzung für den rührigen, klugen und energischen Menschen hervor, so erkennt man dieselbe besonders deutlich aus dem Vorgang, den er am Schlusse des Briefes vom 16. November 1506 erzählt, mag man auch die Abzüge machen, die der selbstgefällige Stolz des Briefschreibers und die Absicht, seine Aufopferung der eigenen Person im Dienste des Königs ins Licht zu setzen, ja gewiss nahelegt. Am Tag, wo er den langen Brief abschliesst, hatte ihn Almeidas Sohn D. Lourenço, Kommandant der an der Westküste Vorderindiens stationierten Flotte, kommen lassen und eine Unterredung mit ihm gehabt, deren Verlauf und Ergebnisse er dem König folgendermassen schildert: «Ihr werdet wissen, Gaspar», — so hat D. Lourenço nach dem Bericht begonnen — » dass ich nach Ceylon gefahren bin und als Dolmetscher Miguel (er schreibt Mygel) mitgenommen habe, weil ich zu der Zeit, wo ich im Begriff war nach Ceylon abzufahren, keinen anderen Dolmetscher fand: Euer Sohn war im Dienste des Königs, unseres Herrn, nach Malakka abgefahren und Euch sandte mein Vater in andern Geschäften nach dem Hafen Baticala, und so kam ich in den Hafen von Ceylon und ich hätte gut 10.000 Cruzados Tribut für den König, unsern Herrn, mitbringen können, aber weil mir ein Mann fehlte wie Ihr, der alles versteht, brachte ich nichts mit; denn der ganze Zimmet, den ich gebracht habe, ist in Indien 250 Cruzados wert. Ebenso werdet Ihr wissen, dass mein Vater mich jetzt mit der Flotte gegen Ormus schickt; ich bitte Euch freundlichst mitzugehen und wir wollen dem König, unserm Herrn, dienen und viel Ehre gewinnen». Ich antwortete ihm folgendermassen: «Ew. Gnaden weiss sehr wohl, dass ich immer dem König, unserm Herrn, in allen Dingen diene, worin ich kann; aber Ihr wisst, es ist jetzt erst 14 Tage her, dass ich von dem Hafen Baticala zurückgekommen bin, und ich komme sehr krank wieder, wie alle Welt weiss; aber ich will mit Eurem Vater sprechen, weil er selber weiss, dass ich sehr krank bin». Er gibt mir zur Antwort, dass er mich bitte vor seinem Vater zu sagen, ich sei's zufrieden

sogleich mit ihm zu fahren. Ich ging zur Stunde und sprach mit seinem Vater D. Francisco d'Almeida und sprach mit ihm in der Weise, dass D. Lourenço, sein Sohn, mit mir in der oben geschriebenen Weise gesprochen habe. Er antwortete mir, wie ich darüber dächte; ich antwortete ihm, S. Gnaden wisse wohl, dass ich stets, bei Tag und Nacht, den Wunsch hätte dem König, unserm Herrn, zu dienen, dass ich aber jetzt sehr krank und vor noch nicht 14 Tagen von auswärts gekommen sei; sodann, dass mein Sohn Balthasar bestimmt sei auf diese Fahrt als Dolmetscher mitzugehen, dass er genüge, sintemalen er ein besserer Dolmetscher sei als ich und in vielen Dingen auch so viel verstünde wie ich. D. Francisco d'Almeida antwortete mir: «Es ist wahr, Euer Sohn ist ein tüchtiger Dolmetscher und ein tüchtiger Mann; aber die ganze Flotte sind junge Leute; drum scheint es mir gut, dass Ihr mitgeht; denn Ihr seid Dolmetscher und Berater. Es ist ein grosses Beginnen mit Ormus, dass man sie auf den Weg bringt anzufangen und tüchtigen Tribut zu zahlen. Aber wenn Ihr so krank seid, dass Ihr glaubt, es geht nicht, so soll lieber der Dienst des Königs Schaden leiden, als dass Ihr Euch Schaden tut». Ich antwortete und sprach zu ihm so: da S. Gnaden gemeint habe, dass ich auf dieser Reise so nötig sei, so wolle ich, krank wie ich sei, dennoch lieber mitgehen, als dass der Dienst des Königs durch mich zu Schaden komme. So, Herr, habe ich mich entschlossen, mit D. Lourenço gegen Ormus in See zu gehen mit sechs Schiffen und zwei Galeeren und der Brigantine und mein Sohn mit mir, um Krieg mit Ormus zu führen, bis sie uns Tribut zahlen, der Ew. Hoheit Nutzen bringt, und morgen wollen wir fahren. Den 16. November 1506. Gaspar da India, Ew. Herrlichkeit Sklave für immer».

Auf eine gewisse Vertraulichkeit im Verkehr Gaspars mit Almeida weist es hin, wenn Pero Fernandes Tinoco in dem ersten der oben erwähnten verärgerten Briefe aus Cochin sich darüber aufhält, dass der Vizekönig mit diesem abfällige Witze über Narsinga mache, wohin Tinoco gern als Gesandter König Manuels geschickt sein möchte, der Vizekönig aber niemanden schicken will, wobei Gaspar «mit ihm im Rate sitze». Vielleicht will der letztere Denunziationen von Tinocos Seite im voraus die Spitze abbrechen, wenn er in dem ersten seiner Briefe an D. Manuel von den schweren Wirren im Reiche von Vijayanagar spricht, über die sein Sohn Balthasar ihm berichtet hat und dem König der Bruder Luis berichten kann, der in den schlimmen Zeiten zweimal dort gewesen ist. Die Unklarheit der Verhältnisse in dem grossen Binnenreich lud zur Anknüpfung von Beziehungen gerade im Augenblick sicher nicht ein und so mag er in

diesem Sinn Almeida geraten haben. Dass der letztere Gaspars reiche Erfahrung in Dingen des Ostens während der Dauer seiner Amtszeit in Indien ungern vermisst hätte, geht aus dessen drittem Brief (etwa Ende 1507) klar hervor: er bittet den König Almeida zu befehlen, dass er ihn nach Hause zurückkehren lasse. Der Vizekönig also hat ihn dort gehalten.

Was Gaspars Verhältnis zum König anlangt, so wird man es nicht als Zeichen kriechender Unterwürfigkeit betrachten dürfen, wenn er sich in den drei erhaltenen Briefen als «Sklave» S. Hoheit («escravo de vossa alteza») unterzeichnet. Portugiesische Art ist das freilich nicht gewesen; dagegen unterschreibt sich so ein zum Christentum übergetretener, aus Kastilien gebürtiger, aber offenbar im Orient aufgewachsener Jude, Francisco d'Albuquerque, am Ende eines langen Briefes [1] an D. Manuel, den er am 20. Oktober 1513 an Bord der «Bastiaina» vor Dabul abschliesst, und er gibt auch selber die Erklärung dafür. «Ich antwortete ihm» — Affonso d'Albuquerque ist gemeint —, «dass ich mich für glücklich hielte Sklave Ew. Hoheit zu sein; dass in diesen Ländern (Indien) angesehen überhaupt nur die Sklaven der Könige und Herren seien». Im Osten aufgewachsen, eine Zeitlang im Dienst eines orientalischen Herrschers, hat auch Gaspar an der Bezeichnung anscheinend keinen Anstoss genommen. Im übrigen ist bei aller Ehrerbietung, die er dem König bezeigt, doch der Freimut bemerkenswert, womit er Massnahmen des Königs tadelt, wenn sie ihm unzweckmässig erscheinen oder gar schädlich. Er hat sich gewundert, schreibt er in dem Briefe von 1507, dass eine Festung auf Socotora angelegt worden ist. Wie S. Hoheit in Erinnerung sein wird, hat er immer geraten eine solche nur im Eingang der Meerenge oder innerhalb derselben zu bauen, nicht auf Socotora; es würde dort kein Überwintern von Schiffen, keine Instandsetzung von lecken Fahrzeugen, es würde auch keine Unterbindung des arabischen Seehandels zwischen dem Roten Meer und Indien von der Insel aus möglich sein; die Erfahrungen des Jahres 1507 hätten ihm darin völlig recht gegeben; S. Hoheit vergeude nur das Geld, das der Sold für die Besatzung verschlinge. Die Voraussage, dass der neue Stützpunkt keinerlei Nutzen haben werde, ist übrigens in Erfüllung gegangen und schon 1511 ist die Insel wieder geräumt, die Feste geschleift worden. Tristão da Cunha, heisst es weiter in dem Brief, hat mit Bewilligung des Königs 1507 solche Mengen Kupfer und andere Waren nach Indien mitgebracht und umgesetzt, dass die der Krone unverkäuflich waren; die besten Er-

[1] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. III, S. 357-376.

zeugnisse des Ostens aber, Gewürznelke, Lack, Muskatblüte u. a., hat er gekauft; derartige Lizenzen müssen den Handel der Krone zugrunde richten: die königlichen Beamten in Indien werden bei Kauf und Verkauf in erster Linie die Interessen der Kapitäne der jährlichen Gewürzflotten wahrnehmen, damit diese vor dem König gut von ihnen reden, und die Bestechung wird auf dessen Kosten gehen. Ein Gewissen wird man sich nicht daraus machen: der Reichtum des Königs, denken die Leute ja doch, ist so gross wie Indien. Die Krone verliert und alle Welt gewinnt bei dieser Art Handel.

Im Hinblick auf den Hass und die Feindschaft vieler bei Hof angesehener und einflussreicher Männer, die ihm die eifersüchtige Wahrung der Kronrechte im indischen Handel, sein Spürsinn im Aufdecken der vielen gesetzlosen Missbräuche zuziehen musste, darf man sich nicht wundern, wenn er immer wieder den König bittet sein Ohr nicht denen zu leihen, die ihn verleumden, zum mindesten erst den Vizekönig und Gaspar Pereira über ihre Beschuldigungen zu hören, fast die einzigen Leute, die ihm wohlwollen und dem König in Indien uneigennützig dienen: er ist ein Landfremder, hat niemanden, der für ihn sprechen, geschweige denn für ihn bitten könnte. Auch das Wohl seiner Frau legt er dem König warm ans Herz: sie ist Waise, hat keinen anderen Vater als S. Hoheit; er bittet ihr sein Gehalt und seinen Freigutpfeffer durch das Mina- und Indienhaus richtig anweisen zu lassen: sie hat kein anderes Einkommen, wird sonst Hungers sterben und verloren gehen, ja, seine eigene Ehre wird gefährdet werden; denn es ist eine schlimme Sache, wenn eine junge Frau nichts zu essen hat.

Wärmere Töne noch als hier findet er, wo von seinem Sohn Balthasar die Rede ist. Als Neunzehnjährigen hat er ihn 1498 bei seiner gewaltsamen Entführung durch Vasco da Gama in Indien zurückgelassen und erst 1505 bei der Ankunft in Cananor wieder Kunde von ihm erhalten. Wie es scheint, gut begabt und gleich seinem Vater sprachenkundig, ist der junge Mann in Indien inzwischen weit herumgekommen, hat in dem Reiche von Vijayanagar einen portugiesischen Mönch, den Bruder Luis, kennen gelernt und ist mit diesem nach Cananor gekommen, bald nachdem der Vater im Verlauf der zweiten Indienfahrt Vascos da Gama am 20. Februar 1503 von dort nach Portugal in See gegangen war[1]. Er hat daselbst die Taufe

[1] Dass er am 5. Februar 1503 mit dem Bruder Luis in Cananor angekommen wäre, wie Gaspar in seinem ersten Briefe schreibt (a. a. O., Bd. III, S. 202), wird danach kaum richtig sein. Das Datum von Vasco da Gamas später Abfahrt ist

genommen, nach einem der heiligen drei Könige aus Morgenland den Namen Balthasar erhalten und in der Faktorei in Cananor Dolmetscherdienste geleistet. Dort hat ihn Lopo Suares, der 1504 eine Flotte nach Indien führte, kennen und seine Fähigkeiten schätzen lernen; er hat ihn nach dem als Ladehafen wichtigeren Cochin mitgenommen und hier trifft ihn Gaspar nach siebenjähriger Trennung wieder, als er mit dem Vizekönig am 1. November 1505 vor der Stadt ankommt. Er selbst schreibt darüber Ende 1505 an den König: «Und ferner, Herr, — gelobt sei Gott in alle Ewigkeit! — in diesem Hafen (Cananor) fand ich Nachrichten von meinem Sohn, dass er in diesem Hafen am 5. Februar 1503 angekommen und sogleich zu unserem heiligen Glauben übergetreten sei und Ew. Hoheit in Cananor acht Monate Dolmetscherdienste getan habe; dann kam Lopo Suares und fand ihn als Menschen so tüchtig und als Dolmetscher so gut, dass er ihn nicht in Cananor lassen wollte und ihn nach Cochin mitnahm, wo das grössere Ladegeschäft ist, . . . und gewiss, Herr, mein Sohn hat sich entschlossen Ew. Hoheit sein Leben lang zu dienen, aus Liebe und nicht um Sold, den ihm der Handelsagent hier zahlt; denn die Bezahlung ist gering. Darum küsse ich die Hände Ew. Hoheit, Ihr wollet Euch seiner erinnern, dass er ein sehr tüchtiger Mensch ist und ein junger Mann, der die Eigenschaften besitzt Ew. Hoheit in allem zu dienen, was Ew. Hoheit befiehlt». Je mehr der alternde Gaspar die eigene Kraft nachlassen fühlt und sich nach Ruhe sehnt, um so heisser ist sein Wunsch für diesen Sohn das Interesse des Königs zu wecken und ihm dessen Gnade zu sichern; so schreibt er in dem letzten uns erhaltenen Brief: «Herr, ich küsse die Hände Ew. Hoheit; ich tue Ew. Hoheit zu wissen, dass ich an die zehn Jahre Ew. Hoheit sehr gut diene; und jetzt diese sehr lange Reise mit viel Arbeit, und alles tue ich sehr gern im Dienste Ew. Hoheit. Darum wolle Ew. Hoheit Sich erinnern, dass ich alt und müde bin, und ferner, dass ich mich in diesem Jahr körperlich aufgerieben, wie der Vizekönig weiss; darum bitte ich Ew. Hoheit, Ihr wollet in Gnaden dem Vizekönig befehlen, dass er mich heimkehren lasse, was mir nur billig und recht erscheint; diene ich doch Ew. Hoheit annähernd zehn Jahre. Und nun bin ich alt und müde; und Gott hat mir grosse Gnade erwiesen, indem ich meinen Sohn Balthasar fand und» — im folgenden sind ein paar Worte unleserlich und der Zusammenhang unklar — «Ew. Hoheit, dass er den lebhaftesten Wunsch hat Ew. Hoheit so sehr zu dienen wie ich; und der Vize-

---

sichergestellt durch Thomé Lopes in *Coll. de Noticias*, Bd. II, S. 208 und die Angaben des Matteo di Begnino in Hümmerich, *Vasco da Gama*, S. 201 f.

könig weiss, dass er ein so tüchtiger Mann ist wie ich und mehr Sprachen kann als ich; und ein junger Mensch von 28 Jahren, wünscht er sich Ew. Hoheit einmal zu sehen und Euch die Hände zu küssen und Ew. Hoheit sein ganzes Leben hindurch zu dienen. Ich küsse die Hände Ew. Hoheit. Gaspar da India, Sklave Ew. Hoheit».

Das ist das letzte Schreiben von seiner Hand, das wir besitzen. Es zeigt, dass die rastlose Tätigkeit der Jahre 1506 und 1507 seine Gesundheit geschwächt hatte und dass der viel Umgetriebene sich nach Ruhe sehnte. Aber noch war sie ihm nicht gegönnt: über zwei Jahre noch hat er in Indien aushalten müssen. Er hat die unerquicklichen, erbitterten Streitigkeiten zwischen den zwei grossen und hochverdienten portugiesischen Kolonialhelden Francisco d'Almeida und Affonso d'Albuquerque um die Statthalterschaft in Indien miterlebt. Seine Anwesenheit während derselben bezeugt ein undatierter, Ende 1509 geschriebener Brief des Rajas von Cochin an König Manuel [1]; er übermittelt da die gereizten Botschaften des Rajas über die Behandlung des Affonso d'Albuquerque und über die Gefangensetzung des Gaspar Pereira und Ruy d'Araujo dem Vizekönig und dessen scharfe Antworten dem indischen Fürsten, offenbar mit Takt und ohne persönliche Parteinahme, wie das sein gegenüber dem der Streitenden niederer Rang und seine Stellung als Dolmetscher erforderte. Wie sein Verhältnis zu Almeida sich in diesen letzten Zeiten gestaltet hatte, wissen wir nicht. Mit den drei Schiffen, auf deren einem am 19. November 1509 der glänzende Seeheld von Cochin abfuhr um in der Saldanha-Bucht von Buschmännerhand eines elenden Todes zu sterben, hat er die Heimreise nicht gemacht; offenbar hat er sich am letzten Dezember dieses Jahres mit dem Marschall von Portugal, D. Fernando de Coutinho, in Cochin eingeschifft, hat nach den Angaben der Chronisten diesen Tollkühnen, sicher mit Widerstreben, am 3. Januar 1510 zum Angriff auf den Palast des Samorin durch Calicut geführt, mit dessen Örtlichkeiten er vertraut war, und nach dem Tode des Marschalls der Abteilung des Affonso d'Albuquerque auf dem verlustreichen Rückzug zu den Schiffen den Weg durch die Stadt gezeigt [2]. Von da aus wird er am 4. Januar mit dem aus drei Schiffen bestehenden Geschwader des Pedraffonso d'Aguiar nach Portugal zurückgekehrt sein; denn in dem oben erwähnten Brief des Rajas von Cochin, den der Marschall dem

---

[1] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. IV, S. 42–45.

[2] Correa, *Lendas* Bd. II, S. 17 und 20; Goes, *Chron.*, p. II, c. XLIII; Barros, *Dec.* II, l. IV, c. 1; *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque*, p. II, c. 13 und 15.

König überbringen und durch mündliche Mitteilungen ergänzen sollte, übermittelt der indische Fürst die Bitte der Handelsherren und alles Volkes in seinem Land, D. Manuel möge ihnen Gaspar Pereira und Gaspar wieder nach Cochin schicken, Männer, die die Sitte des Landes kännten. Er hat also ein gutes Andenken dort hinterlassen. Nehmen wir zu seinen Gunsten an, dass es besser begründet war als bei dem ränkevollen Gaspar Pereira, bei dem wohl mehr sein Gegensatz gegen Almeida als die Wertschätzung seiner Person das Urteil des Rajas beeinflusst hat! Ob Gaspar da Gama noch einmal nach Indien zurückgekehrt ist, erfahren wir nicht, wie er überhaupt nach 1510 von den Historikern nicht mehr erwähnt wird. Die Gnade des Königs ist ihm, wie es scheint, erhalten geblieben; denn nach Goes [1] konnte er von den Gnadengehalten, Besoldungen und Ämtern, die D. Manuel ihm verliehen hatte, bis an sein Ende reichlich leben. Als Beispiel, was ein mit Sprachen und Handelsverhältnissen des Ostens vertrauter Mann, auch als Jude, im Dienste der Krone Portugal in Indien werden könne, hält ihn daher auch Affonso d'Albuquerque den beiden 1510 bei Cananor auf einem arabischen Schiff gefangenen, aus Spanien gebürtigen Juden vor, deren einer, Çufo, als Christ Alexandre d'Ataide, dem Statthalter bis zu seinem Tod wertvolle Dolmetscherdienste geleistet hat und in seine geheimsten Absichten eingeweiht war [2]. Der andere von den beiden, mit seinem Christennamen Francisco d'Albuquerque, schreibt darüber in dem oben erwähnten Brief vom 20. Oktober 1513: «Deshalb versprach er uns viel Gnadenbeweise und erzeigte uns viel Wohlwollen und wies uns auf das Beispiel des Gaspar das Indias hin, und dass, wenn wir ihm gut dienten, Ew. Hoheit uns viel Gnade erweisen werde, mehr noch als Gaspar».

b) Gaspar als Gewährsmann des geographisch-kommerziellen Teiles des Anhangs

Das ist alles, was sich über Persönlichkeit und Lebensverhältnisse des Gaspar da Gama ermitteln lässt. In ihm ist wohl mit Sicherheit der Gewährsmann für die Nachrichten über indische Reiche, ihre Entfernung von Calicut, ihre Machtmittel und Handelsverhältnisse zu suchen, die der erste Anhang des «Roteiro» von Gamas Reise enthält. Nur eine Angabe desselben scheint nach dem ersten Blick auf den Juden nicht zu passen: «Selbiges habe ich», sagt der Verfasser

---

[1] *Chron.*, p. I, c. XLIV.

[2] Correa, *Lendas*, Bd. II, S. 134 f.

in der Überschrift, «von einem Manne erkundet, der unsere Sprache verstand»; an der Stelle aber, wo von der Gefangennahme Gaspars erzählt wird, heisst es nur, dass derselbe sehr gut «Venezianisch» sprach; von einer Kenntnis des Portugiesischen oder Spanischen, worauf der Ausdruck «unsere Sprache» doch wohl allein bezogen werden kann, ist nirgends die Rede. Dies Bedenken ist indes leicht zu beheben: da zwischen der Gefangennahme des Juden (in den Tagen zwischen dem 23. September und 4. Oktober 1498) und der Heimkehr der «Gabriel», auf der er sich nach Sernigis zweitem Brief befand (zwischen 10. Juli und 28. August 1499), 10–11 Monate lagen, hatte er reichlich Zeit das Portugiesische während der Fahrt zu erlernen, was ihm bei seiner Kenntnis des Italienischen und der Sprachbegabung, die er nach dem Vespucci-Brief und Correa [1] besass, keine Schwierigkeiten machen konnte.

Dass Gaspar da Gama eine beträchtliche Kenntnis der östlichen Länder und Handelsverhältnisse besass, darin stimmen portugiesische und italienische Quellen überein; dass er sie auch schriftlich niedergelegt hatte, berichtet uns glaubwürdig ein deutscher Geograph des beginnenden 16. Jahrhunderts: Martin Waldseemüller nennt unter den modernen Entdeckungsberichten, die seiner Carta marina von 1516 zugrunde liegen, eine «relatio Casparis judei indici, cuius itinerarii liber regi Portugallie mandatus est atque descriptus», ein Routenbuch also, das dem König von Portugal gewidmet und mit Karte versehen war (descriptus). Gaspar selbst aber sagt [2] in dem Brief, den er Ende 1505 von Cochin aus an den König schreibt: «E senhor sabera vosa alteza que todolos portos da jndia eu escrevi pera lembrar com ajuda de deus, pera lhos amostrar a dom francisco dalmeida noso capitão moor, pera fazer guerra com eles ate que pagem pareas pera vosa alteza». Alle Häfen Indiens also hat er aufgeschrieben, damit er sie Almeida ständig vor Augen halten kann und dieser Krieg mit ihnen führt, bis sie Tribut an den König zahlen. Nur Küstenpunkte waren danach in dem Verzeichnis enthalten. Ob es sich in beiden Fällen um die gleiche Arbeit Gaspars handelt, wird mit Gewissheit nicht auszumachen sein; nimmt man es an, so ist immerhin auffällig, wenn er in dem Brief an den König von dieser D. Manuel gewidmeten Arbeit sagt, dass er alle Häfen Indiens aufgezeichnet habe «um sie D. Francisco d'Almeida vor Augen zu halten, damit er Krieg gegen sie führe». Dieser Wortlaut weist mehr auf ein eigens für Almeida hergestelltes Verzeichnis. Dann wäre die

[1] *Lendas*, Bd. I, S. 149.

[2] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. III, S. 204.

von Waldseemüller angeführte Schrift vermutlich früher entstanden. Die für die Weltkarte von 1507 und die Carta marina von 1516 von dem Geographen von St. Dié benutzten portugiesischen Seekarten, nämlich die Canerios und eine Karte vom Hamy-Typus, zeigen den Stand der geographischen Kenntnis der Portugiesen im Jahr 1502, und Herzog René II. von Lothringen († 10. Dezember 1508), der sie Waldseemüller zur Verfügung stellte, hatte doch wohl die Schrift Gaspars mit diesen Seekarten zugleich aus Portugal erhalten — wann, ist freilich nicht sicher zu bestimmen; tiefer als 1504 wird man aber bei der rasch sich erweiternden Kenntnis des Ostens mit der Absendung der zwei Karten aus Portugal kaum herabgehen dürfen. Das Kommando über die Indienflotte von 1505 hat Almeida erst zu Anfang dieses letzteren Jahres erhalten [1] und danach erst wird Gaspar sein Verzeichnis der indischen Häfen für ihn zusammengestellt haben. War dasselbe noch vor der Ausreise der grossen Armada (25. März 1505) begonnen worden, so konnte auch König Manuel Kenntnis davon haben, was die Stelle in Gaspars Brief voraussetzt. Jene frühere Arbeit von ihm wird man sich dann am wahrscheinlichsten 1498/99 noch an Bord von Gamas Schiffen entstanden denken. Wie durch den Übertritt zum Christentum schon während der Fahrt mag der Kluge sich auch durch Verwertung seiner Kenntnis des Ostens die Wege im Dienst seines künftigen Herrn zum voraus geebnet haben. Der geographisch-kommerzielle Anhang des «Roteiro» wird in diesem Fall auf gelegentlichen Mitteilungen Gaspars aus dieser im Werden begriffenen Schrift beruhen. Eigenes schriftliches Material kann Gaspar dafür kaum zur Verfügung gestanden haben; denn er war unvorbereitet von Vasco da Gama auf Anjediva festgenommen und mitgeführt worden; aber es wäre nicht unmöglich, wenngleich bei den von Anfang an gespannten Beziehungen zu den Muhamedanern von Calicut nicht wahrscheinlich, dass der Entdecker sich während seines Aufenthaltes in dem östlichen Welthafen, etwa durch Monçaide, eine arabische Seekarte oder ein Pilotenbuch, einen Seespiegel zu verschaffen gewusst hatte, der eine Grundlage abgeben konnte. Sei dem, wie es wolle, bei der Ausdehnung seiner Reisen musste Gaspar auch ohne solche Hilfsmittel imstande sein den Neulingen im Osten höchst wertvolle Aufschlüsse über die indischen Länder zu geben.

Auf die Vermutung eines Zusammenhanges zwischen dem «itinerarii liber regi Portugallie mandatus atque descriptus» und dem Anhang des «Roteiro» führt eine Legende auf Waldseemüllers Carta

---

[1] Goes, *Chron.*, p. I, c. XCIII.

marina von 1516. Während die Weltkarte von 1507 nach den Feststellungen von Fischer und Wieser [1] noch «ptolemäisch» in Projektion und Länderdarstellung ist, kann die Carta marina als eine allerdings verbesserte und in Bezug auf das Innere der Kontinente stark vermehrte Druckausgabe der handschriftlichen Canerio-Karte von 1502 gelten [2]. Die durchgreifendste Veränderung, die Waldseemüller gegenüber seiner Vorlage hier durchgeführt hat, ist die Belebung des Innern der Festländer durch topographische Einzelheiten und zahlreiche Legenden, die er z. T. älteren Reiseberichten, in besonderem Mass aber modernen Entdeckungsberichten entnahm. In Indien sind auch die Küstennamen zum grösseren Teil aus Buchquellen, zum geringeren nur aus der Canerio-Karte abgeleitet. Die wichtigsten seiner Quellen führt er auf Blatt XXIII der Carta marina selber an, darunter das Itinerar des «indischen Juden Kaspar». Ein grosser Teil der dort genannten Schriften über die neuen Entdeckungen ist in den «Paesi novamente retrovati» enthalten, einer Sammlung von Reiseberichten, die in italienischer Sprache 1507 in Vicenza erschienen ist und die er in der Originalausgabe benutzt hat. Für Vorder-und Hinterindien, das in unserem Zusammenhang allein in Betracht kommt, hat er, häufig die Angaben seiner Quellen kombinierend, besonders Lodovico di Varthema, dann den Bericht von Cabrals Steuermann, den des Thomaschristen Joseph von Cranganor u. a. zu Grunde gelegt. *Eine* Legende nun lässt sich hier auf keine der von ihm genannten und uns erhaltenen Quellen zurückführen: es ist die über Orissa. Varthema kennt es nicht einmal dem Namen nach; Joseph bezeichnet es [3] als «citá grandissima, apresso laqual passa lo fiume Indo» — hier liegt Verwechslung mit dem Ganges vor, wie Waldseemüller richtig erkannt hat —, sonst weiss Joseph auch nichts darüber zu sagen. Woher also hat der Kartograph die Legende bei seinem «Regnum Oriza», in das er nach Joseph «Oriza civitas» einzeichnet: «Sunt ydolatre caffrani. Rex huius regni nulli est tributarius» (dieser Satz wird von Waldseemüller herrühren, bei dessen Legenden die Angabe von Selbständigkeit oder Abhängigkeit eines Königs stehend ist), «invadit hostes 100 elephantibus et 100000 pensionariis equitum et peditum. Hic est habundancia in prisilio, serico, porcelana et bladis»? Gleicht das nicht aufs Haar den Angaben über die einzelnen

---

[1] *Die älteste Karte mit dem Namen Amerika aus dem Jahre 1507 und die Carta marina aus dem Jahre 1516 des M. Waldseemüller (Ilacomilus)*, Innsbruck 1903, S. 24 f.

[2] a. a. O., S. 29.

[3] *Paesi nov. retr.*, c. 142.

Reiche im geographisch-kommerziellen Anhang des «Roteiro»? Bekannt aber war dem Juden das grosse Reich von Orissa, mindestens im Jahr 1501, wie aus seiner Erwähnung gegenüber Vespucci hervorgeht. Wir werden also vermuten dürfen, dass die Waldseemüller vorliegende Schrift Gaspars in der Art unseres Anhangs gehaltene kurze Notizen über indische Länder und Städte enthielt, soweit sie das Meer berührten.

Dass er von den Küsten mindestens Vorderindiens eine gründliche, teils aus eigener Anschauung teils wohl auch aus orientalischen Pilotenbüchern geschöpfte Kenntnis besass, ergibt sich aus dem Verzeichnis von Hafenplätzen und Orten in Seenähe, das Vespucci in dem Brief vom Cabo Verde auf Grund seiner Mitteilungen zu geben vermochte [1]. Es beginnt mit Zabule, offenbar Dabul; dann folgt Goosa, anscheinend verschrieben für Goga, wie z. B. Varthema [2] statt Goa (Gôwa-Sindabûr im Mohît) schreibt. Zedeuba, der nächste Hafenplatz, könnte identisch sein mit dem Sayûra des *Mohît*, in dem Tomaschek das Cintacora der Portugiesen am Nordufer des Kalinadi beim Carwar-Vorgebirge vermutet [3]. Nui wird verschrieben sein für Nur und dem Onor der Portugiesen entsprechen, Honûr im *Mohît*. Bacanut ist ohne Zweifel Bacanur (Bacanor), Salut wohl das unmittelbar nördlich davon gelegene Baçalor (Basarur) der Portugiesen, das Bâsalûr des *Mohît*, Mangalut Verschreibung für Mangalûr wie das zweitfolgende Calnut für Calnur (Kannanûr im *Mohît*). Die Reihenfolge der Namen entspricht in diesem Teil der Aufzählung der wirklichen Lage der Orte nicht durchweg genau; die richtige Anordnung wäre: Onor, Batecala, Baçalor, Bacanor, Mangalor, Cananor. Das nun folgende Dremepetam ist das Tramapatam der Portugiesen, Fandorana das Fandarîna des Tohfut el Mojahidîn und Pandarane der Portugiesen — das P der Malayāḷamwörter erscheint bei den arabischen Umschreibungen als F —, Catat deren Capocate. Der Name Belfur gleich südlich von Caligut — so schreibt Vespucci an dieser Stelle — bezeichnet den am Nordufer des Beypoor-Flusses gelegenen gleichnamigen Ort; Stailat ist das Chaliate (Chaliam) portugiesischer Karten, Sâlîât im *Mohît*, am Südufer des genannten Flusses; Remond vermag ich nicht zu deuten. Paravrangari entspricht dem Purpûr-angâri des Tohfut, dem Parangale des Barros [4]; das

---

[1] a. a. O., S. LVII.

[2] Ramusio, *Navigationi et Viaggi*, Venezia 1550, f. 170r.

[3] Bittner und Tomaschek, *Die topographischen Kapitel des indischen Seespiegels Mohit*, Wien 1898, Tafel XIII.

[4] *Dec.* I, l. IX, c. 1.

«Sommario de regni, citta et popoli orientali» bei Ramusio[1] enthält den Namen gleichfalls, doch sind die Worte falsch getrennt: zu verbinden ist Parapurancori, Tanor aber als gesonderter Name zu schreiben, entsprechend dem bei Vespucci nun folgenden Tanui, das wohl für Tanur verschrieben ist und dem Tanûr des Tohfut entspricht. Für Propornat weiss ich keine sichere Deutung; möglich, dass es nur Missverständnis und Wiederholung von Paravrangari ist: es klingt in seinem ersten Teil verdächtig an Purpûrangâri an. In Cuninam scheint das Funan des Tohfut[2], Fanâni des *Mohit*, das Panane (Ponani) der Portugiesen in verderbter Form enthalten zu sein; und auch hier liegt der Gedanke einer Doublette nah; denn das folgende Lonam ist kaum etwas anderes als Ponani: mit l beginnt kein Malayāḷamwort, ni aber ist von m vielfach gar nicht zu unterscheiden. In Belingut, vielleicht wiederum Verschreibung für Belingur, ist das Balian-kôt-kôr des Tohfut, das Baliancor der Portugiesen, deutlich erkennbar. Palur findet sich in dieser Form auf portugiesischen Karten gleich nördlich von Cranganor (Koḍuṅgalūr), dem das nun folgende, vermutlich wieder aus Gloncolor verschriebene Gloncoloi entspricht, das Quorongoliz des «Roteiro». Cochin und Kayan Kulam, bei den Portugiesen Calecoulão, sind in den nächsten zwei Namen (Cochin, Caincolon) leicht zu erkennen. Ein Name, der dem Coleu des Anhangs zum «Roteiro» entspräche, womit ohne Frage Coulão (Kollam) gemeint ist, fehlt in dem Vespucci-Brief. Cain ist zweifellos Kāyal an der Mündung des Tamraparni gleich jenseits von Kap Komorin, portugiesisch Cail und Cael, im «Roteiro» Caell geschrieben; das nun folgende Coroncoram aber wird kaum etwas anderes sein als das Quilicare des Duarte Barbosa[3], das Calecare des Barros[4], heute Kilakaray zehn englische Meilen südlich von Rāmnād. Stomondel ist Coromandel, das Chomandarla des «Roteiro», der Landstrich vom Kap Calimere bis zur Kistna, Nagaitan zweifellos Nāgai-ppaṭṭanam, Negapatam, an anderer Stelle mit Gapatan in dem Bericht wiedergegeben; dass es sich in beiden Fällen um denselben Ort handelte, hat der Briefschreiber nicht erkannt. Delmatan könnte allenfalls das Tevenapatam portugiesischer Karten[5], das Triminapatam des Barros[6] sein, von Tomaschek identifiziert mit Porto Novo,

---

[1] a. a. O., f. 357v.
[2] Yule-Burnell, *Hobson-Jobson* s. v. carrack, S. 166.
[3] *Coll. de Noticias*, II, S. 357.
[4] *Dec.* I, l. IX, c. 1.
[5] Tomaschek a. a. O., Tafel XVIII.
[6] *Dec.* I, l. IX, c. 1.

32 englische Meilen südlich von Pondicherry — ob mit Recht, kann zweifelhaft sein —, Carepatan entweder das wenig südlichere Kāverippaṭṭanam oder minder wahrscheinlich, wenn auch nach der Reihenfolge besser entsprechend, das Calopate (Calapate) der Portugiesen nördlich von Pondicherry, wenig südlich von dem in unserem Verzeichnis zuletzt genannten Conimat, dem Conhomeira des Barros [1], Canhuneira (Canhimeira?) Correas [2], das von Yule-Burnell (*Hobson-Jobson* s. v. Canhameira) mit Kanyimeḍu oder Kunimeḍu, 13 englische Meilen nördlich von Pondicherry, identifiziert wird.

Mit dem Namen Conimat hat es eine besondere Bewandtnis: er kommt, während er sonst in den portugiesischen Schriftquellen, soviel ich sehe, in dieser Form überhaupt nicht nachweisbar ist, als Conimat in dem Vespucci-Brief, als Conimata im «Roteiro», als «Conymate» in dem Briefe vor, den Gaspar selbst am 16. November 1506 von Cochin an König Manuel schreibt; in den zwei letzten Fällen scheint allerdings die Lesung nicht ganz sicher zu sein, an allen drei Stellen aber ist Beziehung zu Gaspar ohne weiteres gegeben oder doch höchst wahrscheinlich. Ob es sich in dem Brief aus Cochin um den gleichen Ort handelt wie in dem vom Cabo Verde, kann, wenn er in dem letzteren an der richtigen Stelle genannt ist, nicht mit unbedingter Sicherheit behauptet werden, hat aber grosse Wahrscheinlichkeit. Der Zusammenhang ist der folgende. D. Manuel hat mit dem Schiffe «Juliôa» dem Vizekönig Nachricht zukommen lassen, dass er sich freuen würde, wenn unmittelbare Handelsbeziehungen mit Malakka von ihm angeknüpft werden könnten. Die dazu notwendigen kaufmännischen sowie sprachlichen Kenntnisse besitzen nur Gaspar and sein Sohn Balthasar. Ein portugiesisches Schiff steht für die Fahrt nicht zur Verfügung, auch hätte man keinen mit derselben vertrauten Steuermann. Balthasar und die zwei Portugiesen, die Francisco d'Almeida mit ihm absendet, benutzen also das Fahrzeug eines muhamedanischen Kaufmanns aus Cochin, Nine Mercar. Am 22. August 1506 gehen sie von dort in See, kommen «zu dem Hafen von Cholomender», d. h. von Coromandel, oder «zu dem Hafen Cholomender» — beides kann des portugiesische «ao porto de cholomender» bedeuten —, «etwa 200 Leguas von Cochin», und kehren im

---

[1] *Dec.* I, l. IX, c. 1.

[2] *Lendas*, Bd. II, S. 567 und 578, nicht identisch mit der «terra que se chama Canhameira» in Bd. II, S. 722 und der «grande enseada que se chamava a Canhameira» in Bd. III, S. 556, wo beide Male Calimere gemeint ist, das der Herausgeber anscheinend als identisch mit Canhuneira angesehen hat, da im Index Canhuneira und Canhameira nicht getrennt werden. Sollte übrigens Canhuneira nicht für Canhimeira verlesen sein oder ursprünglich so gelautet haben?

Hause des Bruders von Nine Mercar ein. Aber sobald ihre Ankunft bekannt wird, rotten sich 2000 Muhamedaner zusammen um sie zu töten. Ebenso viele aber bringt ihr Gastgeber, ein einflussreicher Kaufmann der Stadt, zu ihrem Schutze zusammen; es werden auf beiden Seiten drei oder vier Leute erschlagen, und da der Bruder des Nine Mercar für das Leben seiner Gäste fürchtet, flüchtet er sie heimlich in der Nacht auf ein Schiff; sein Haus wird geplündert und ausgeraubt, aber er und die drei entrinnen dem Tod und die letzteren halten sich längere Zeit «in einem Hafen verborgen, den sie Conymate» — das Wort scheint nicht ganz sicher lesbar — «nennen, auf der anderen Seite von Cholomender, soweit vorwärts wie Ceylon» (da outra banda de cholomender, tanto avante como ceylão); sie warten dort auf Fahrgelegenheit nach Malakka oder Cochin und kommen an letzterem Ort am 8. November 1506 unverrichteter Dinge wieder an.

Was ist «o porto de cholomender»? Gab es um 1500 einen Hafen Coromandel an der Küste, die man so nannte? Nach dem Bericht Varthemas könnte man es annehmen; denn dieser fährt von Ceylon «ad una cita/ la qual se chiama Cioromandel» [1]. Aber die Kenntnis der Ostküste Vorderindiens gründet sich in dieser Zeit noch durchaus auf die Kunde der Araber, und deren Brauch ist es eine Hauptstadt mit dem Namen des Landes zu nennen [2]. In unserem Falle deuten alle Anzeichen darauf hin, dass Negapatam gemeint ist, damals schon eine bedeutende Stadt, in deren Hafen Gaspar Correa «oftmals mehr als 700 Schiffe Reis für Indien hat laden sehen, die mehr als 20000 móios (zu je 828 l.) Reis luden und soviel Hühner, dass alle Schiffe deren soviel luden, als sie wollten, und ihrer 8, 7 und 6 für einen Fanão kauften, der weniger als 30 Reis gilt» [3]. Da Gaspar nach dem Vespucci-Brief Kenntnis von ihrem Namen gehabt zu haben scheint, könnte es auffallen, dass er ihn hier nicht gebraucht; aber er schreibt an König Manuel, dem er möglicherweise nicht bekannt war; auch mochte ihm die arabische Art der Bezeichnung geläufiger sein.

Aber wo haben wir Conymate zu suchen, das «auf der anderen Seite von Coromandel» liegt? Geht die Flucht Balthasars und der zwei Portugiesen gegen Kap Komorin zu oder nach Norden? Fasst man die Angabe Gaspars ins Auge, wonach Conymate «soweit vorwärts wie Ceylon», natürlich von Cochin aus, gelegen haben soll, so

---

1 *Paesi novamente retrovati*, f. LXIIIIr.

2 Yule-Burnell, *Hobson-Jobson*, S. 257b.

3 *Lendas*, Bd. IV, S. 131 f.

möchte man an das erstere glauben; aber es liegt, sagt Gaspar wiederum, «auf der anderen Seite von Cholomender»: das kann doch wohl auch nur von Cochin aus gemeint sein und diese Angabe weist nach Norden; Negapatam, von dem vorher, wenn die Deutung des «porto de cholomender» zutrifft, die Rede war, gehört zu den südlichsten Städten des Küstenstreifens. Ich halte es unter diesen Umständen für sehr wahrscheinlich, dass mit Conymate das Conhomeira der portugiesischen Seekarten (Kanyimeḍu, Kunimeḍu) gemeint ist. Die Lage zu Ceylon hätte dann Gaspar, als er den Brief an König Manuel schrieb, sich nicht ganz richtig vorgestellt. Das gleiche ist aber der Fall in einer Angabe, die der Vespucci-Brief ihm zuschreibt: Ceylon, hatte er danach gesagt, liege in seiner ganzen Ausdehnung (tutta) dem «Fluss Enparlicat», d. h. dem Kāveri, gegenüber; auch da erscheint also die Insel nicht unbeträchtlich nach Norden verschoben.

Ein ganz anderer Ort muss dagegen das Conimata des «Roteiro» sein. «Es hat zum König einen Christen und so ist auch das Volk; es ist dahin von Calecut 5o Tage mit gutem Wind . . . In diesem Lande gibt es viel Safire und viel Brasilholz». G. Ravenstein [1] ist geneigt anzunehmen, dass «Conimata» für «Sumatra» stehe, vermutet also doch wohl, dass der Name in der Originalhandschrift etwa «Çommata» oder «Çommatra» gelautet habe. Da die Cedilha in den Handschriften dieser Zeit mit grosser Lässigkeit behandelt wird, ni von m aber vielfach kaum zu unterscheiden ist, so erscheint diese Annahme graphisch durchaus möglich. Auch dass dann Sumatra zweimal in dem Verzeichnis vorkäme, würde nicht ohne weiteres gegen die Deutung geltend gemacht werden können; denn Bengalen kommt als Bemgala und Bemguala — in der Aussprache beides gleichbedeutend — auch zweimal kurz nacheinander vor; das Verzeichnis beruht eben auf gelegentlichen, zu verschiedenen Zeiten gemachten Mitteilungen Gaspars. Dazu ist dem Conimata unseres Textes die gleiche Entfernung von Calicut wie dem folgenden «Pater» zugeschrieben, in diesem aber glaubten die portugiesischen Herausgeber des «Roteiro» Pedir auf Sumatra wiederzuerkennen. Nun ist aber diese letzte Deutung der Sprachform nach doch recht zweifelhaft; und auch wenn man in dem Pater, was mir immer noch wahrscheinlicher vorkäme, Verderbnis für Pacej oder Pacē sehen und es auf das Pacem der Portugiesen, eine damals ansehnliche Stadt im nördlichen Sumatra, deuten wollte, würden wie bei Pedir in den Angaben über die am Orte gehandelten Waren gerade die wichtigsten Exportartikel

[1] *A journal of the first voyage of Vasco da Gama*, London 1898, S. 101 Anm. 3.

der zwei einander nahe benachbarten Häfen fehlen: runder und langer Pfeffer sowie Benzoë[1]. Die Berufung darauf aber, dass Bengalen ebenfalls zweimal in dem Länderverzeichnis des «Roteiro» vorkommt, ist doch nicht ganz stichhaltig; denn da wird beide Male, nur mit ein paar bei schätzungsweisen Angaben leicht begreiflichen, unbedeutenden Abweichungen, das gleiche von dem Land ausgesagt; dagegen braucht man nach dem «Roteiro» von Calicut bis «Çamatarra» 30 Tage mit gutem Wind, nach «Conimata» aber 50; und über diese Verschiedenheit der Entfernungsangaben kommt man auch durch die im übrigen zweifellos richtige Deutung nicht hinweg, dass mit Çamatarra nicht die Insel im ganzen, sondern eines der kleinen Reiche an ihrer Küste gemeint sei; denn ein solches dürfte schwerlich wo anders als in unmittelbarer Nähe von Pedir und Pacem an der Nordküste gesucht werden[2]. Als Erzeugnisse von Çamatarra werden ferner im «Roteiro» Seide in Faden und Lack, als Erzeugnisse von Conimata dagegen Safire und Brasilholz angegeben. Eine sichere Deutung von Conimata scheint mir nicht möglich, auch deshalb, weil der Name in der Handschrift nicht mit Sicherheit lesbar ist. Frau Dr. Carolina Michaelis de Vasconcellos, die auf meine Bitte dieselbe freundlichst eingesehen hat, hält «Conimara» für die wahrscheinlichere Lesung. In diesem Fall wäre es immerhin denkbar, dass Verschreibung für «Commara» vorliegt und ein bei Ibn Batuta und in andern arabischen Quellen vorkommender Name für die Westküste von Kamboja, nämlich Komâr oder Kamârah, darin zu suchen ist, der das Land des Khmer- oder Kamboja-Volkes bezeichnet[3]. Dazu würde erstens die Angabe stimmen, dass es 50 Tage mit gutem Wind von Calicut dorthin sei; denn dieselbe Zahl gibt der «Roteiro» für die Reise nach dem nordwestlich wenig entfernten Xarnauz. Dass König und Volk «Christen» waren, ist ebenfalls zutreffend, wenn man den Irrtum der ersten Entdecker im Auge behält, in allen, die von den Muhamedanern als Kâfir (portugiesisch «cafres»), d. h. Ungläubige vom Standpunkt des Islam, bezeichnet wurden, Christen zu sehen, weil man gewohnt war selbst von den Muhamedanern als Kâfir bezeichnet zu werden. Brasilholz (Caesalpinia sappan), das als Erzeugnis von Conimata angegeben wird, kam in Mengen von dem westlich unmittelbar benachbarten Siam aus in den Handel[4] und Hinterindien überhaupt besitzt grosse Waldungen davon[5], wie

---

[1] Duarte Barbosa a. a. O., S. 375 und Varthema ed. Badger, S. 233.
[2] Duarte Barbosa ed. Longworth Dames, Bd. II, S. 183.
[3] Yule-Burnell, *Hobson-Jobson* s. v. Comar.
[4] Linschoten, *Voyage* ed. Burnell-Tiele, Bd. I, S. 121.
[5] K. Ritter, *Erdkunde*, Bd. IV, S. 1099 und Bd. V, S. 115 und 145.

von wertvollen Hölzern gerade Kamboja und das östlich angrenzende Champa auch das wohlriechende Aloëholz in seiner feinsten Sorte (Calambac) lieferten [1]. Vorkommen von Edelsteinen, allerdings nicht Safiren, sondern angeblich Diamanten, minder hart als die von Vijayanagar, erwähnt Duarte Barbosa in seinen freilich verschwommenen Angaben über Champa [2], und auf der Karte des Nicolas de Canerio von 1502 findet sich bei «Nagaragoy» an der Westküste des Golfs von Siam die Legende: «aqui a tudo que outras, nomeadamente rubīs e outras pedras de grande vallor». In dem Namen des Ortes aber scheinen Lugor und Cuy zu einem zusammengeschmolzen zu sein [3].

Nachdem die Frage, was unter «Pater» im «Roteiro» zu verstehen ist, mit der Deutung von «Conimata» nun einmal in Zusammenhang gebracht werden musste, seien auch darüber ein paar Worte angefügt! Es «ist christlich und der König Christ, und in diesem Lande gibt es keinen Mauren». Auf Pedir bezogen widerspricht das dem, was wir aus anderen Quellen über dieses kleine Reich an der Nordküste Sumatras wissen. Sumatra, so lesen wir z. B. bei Duarte Barbosa [4], hat viele und sehr reiche Seehäfen; die meisten sind von Mauren bevölkert, einige von Heiden; im allgemeinen aber leben die Heiden im Innern» — genau wie heute; «*einen* maurischen Hafen», fährt er fort, «nennen sie Pedir. Es wächst dort viel und schöner Pfeffer, . . . auch viel Seide wird erzeugt». Ganz das gleiche gilt von dem benachbarten Pacem. Demgegenüber bezeichnet der «Roteiro» die Bevölkerung von Pater als «christlich», Rhabarber, Lack und Spinelle als die Waren, die in grösseren Mengen hier gehandelt wurden. Rhabarber kostete die Fārsala, ein Gewicht, das im Osten je nach Ort und Warengaltung zwischen 20 und 30 Pfund schwankte, dort 9 Cruzados, in Alexandrien, wie die Übersicht über die Spezereipreise am Schluss unseres Anhangs zeigt, das Pfund 12 Cruzados; vom Lack handelte man das Bahar, ein ebenfalls schwankendes Gewicht von etwa 4 Zentnern, mit 4 Cruzados in Pater, in Alexandrien einen Zentner mit 25 Cruzados.

Spinelle, um damit zu beginnen, wurden nach Duarte Barbosa [5] in Pegu gefunden. Von dem Gummilack des mittelalterlichen Handels kamen die grössten Mengen und feinsten Qualitäten aus Pegu, Martaban, Tenasserim und ihren Hinterländern Birma und Siam

---

[1] Linschoten a. a. O., Bd. I, S. 120 und Bd. II, S. 103.

[2] a. a. O., S. 381.

[3] Bittner und Tomaschek, *Mohît*, S. 46.

[4] a. a. O., S. 375.

[5] a. a. O., S. 386.

sowie aus Sumatra. Die an unserer Stelle in Betracht kommende Rhabarber kann wohl nur chinesisch-tibetanisches Erzeugnis, Pater einer ihrer Stapelplätze am Meer, nicht die Stätte der Produktion gewesen sein; denn die Angabe Pigafettas [1], dass in Campaa (Champa, heute Binh Thuān im Südosten Cochinchinas) im 16. Jahrhundert Rhabarber gewachsen wäre, ist bei dieser Hochgebirgspflanze doch recht zweifelhaft, wenn sich auch bei Marco Polo die gleiche Angabe bezüglich der Berge von Sigui (Su-tschau) südlich von der Mündung des grossen Kiang-Flusses findet; ihre Richtigkeit wird von Yule mit gutem Grund auch für diese Gegend angezweifelt. Berücksichtigt man weiter, dass nach dem «Roteiro» von Calicut bis Pater 50 Tage Fahrt mit gutem Wind war, ebensoviel also wie nach Xarnauz, dass nach Tenasserim und Malakka 40 Tage angegeben werden, so wird man auf eins der kleinen, unter siamesischer Oberhoheit stehenden Reiche an der Ostküste der Malayischen Halbinsel geführt und möchte vermuten, dass in dem Pater vielleicht der Name von Patani zu suchen ist, das bei Barros als «ansehnlicher Ort» (notavel povoação) [2], als «Seehafenstadt» (cidade porto de mar) [3] und als «Königreich» (náos dos reynos de Sião, de Camboja, Patane e de outras partes) [4] bezeichnet wird. War das Wort in der Vorlage, die unserer Handschrift des «Roteiro» zugrunde liegt, etwa «Patēj» geschrieben, so konnte daraus leicht Pater werden. Eine gewisse Bedeutung im Handel des Ostens hatte Patani tatsächlich schon vor dem Erscheinen der Portugiesen im Indischen und Stillen Ozean gehabt: Barros [5] nennt es unter den vier grossen Pfefferhäfen, von denen aus der Osten bis China, wie von Malabar aus der Westen, mit diesem Gewürz versorgt wurde. Es waren das Quedda an der Westküste der Malayischen Halbinsel, Sumatra, das Sunda genannte westliche Drittel von Java und endlich Patane. Wenn aber Patani für diese Handelsware ein so wichtiger Stapelplatz gewesen ist, dann mussten sich naturgemäss auch die anderen Produkte Hinterindiens sowie Chinas hier ansammeln, zwischen denen beiden seine Lage ihm eine Vermittlerrolle zuwies. In seinem Hafen, sagt in der Tat Barros, «kommen viele Schiffe von China, Liu-Kiu, Java und all jenen Nachbarinseln zusammen, weil er im Handelsverkehr sehr belebt ist; und jetzt wird er unseretwegen, infolge der Eroberung von Malakka, reich beschickt

---

[1] Ramusio a. a. O., Bd. I, f. 396v.
[2] *Dec.* I, l. IX, c. 1.
[3] *Dec.* III, l. II, c. 5.
[4] *Dec.* III, l. VI, c. 2.
[5] *Dec.* IV, l. I, c. 12.

mit den gesamten Waren dieser Gebiete» [1]. In geringerem Umfang wird das auch vorher schon der Fall gewesen sein.

Die Beziehungen zwischen der Carta marina Waldseemüllers und dem «Itinerarium» Gaspars, von denen die vorausgehenden Untersuchungen über das Städteverzeichnis in dem Vespucci-Brief sowie über Conimata und Pater abgeführt haben, sind aber wohl noch nicht erschöpft. Von den uns vorliegenden Seekarten der ersten Jahre nach Entdeckung des Seewegs enthält, soviel ich sehe, keine an der Coromandelküste den Namen des Kāveri oder der Städte Kāveri-ppaṭṭanam und Negapatam. Diese Namen finden sich aber sicher oder allem Anscheine nach, in Verbindung mit dem von Nagore, dort in einer sehr charakteristischen Anordnung auf der Waldseemüllerschen Karte. Von Kap Komorin («C. Cumari») nordostwärts liest man zunächst «quirquira», das schon genannte Quilicare des Duarte Barbosa, das weder bei Varthema noch in einer der von Waldseemüller sonst angegebenen Quellen vorkommt, wohl aber nach der Reihenfolge der Orte in dem «Coroncoram» des Vespucci-Briefes vermutet werden durfte. Es folgt «Zoromandel civit(as)», das «Cioromandel» Varthemas und von diesem als Stadt bezeichnet. Wieder etwas weiter nach Norden steht bei einer Stadt mit Kirche und Kreuz darauf: «Milipar. Hic sepultus est S. Thomas». Varthema nennt den Namen der Stadt nicht, sagt aber, dass 12 Miglien von seinem Cioromandel (Negapatam?) entfernt der Leib des hl. Thomas ruhe [2]. Das hat dem Kartographen offenbar den Anhaltspunkt für die Lokalisierung gegeben, während er den Namen in der Form «Milapar» und die angebliche Lage «sopra una ponta in mare», die auf der Karte deutlich erkennbar wird, bei Joseph angegeben fand. Wieder etwas weiter nördlich ist «Peleachat civitas» eingezeichnet; bei Varthema lautet der Name «Paleachet». Die Insel Ceylon ist zu weit nach Norden geschoben, «Milipar» etwa einen Grad südlicher als deren Nordspitze eingezeichnet, während in der Tat Mailapur heute ein Stadtteil von Madras ist und Pulicat auf 13° 25′ liegt. Und nun folgen sich auf Waldseemüllers Karte etwa vom 16. bis zum 21. Grad n. Br. als Städtebezeichnungen die Namen «Caberi» (Kāveri-ppaṭṭanam? Fluss Kāveri?), «Agapatan» (Nāgai-ppaṭṭanam, Nagapatam), «Anapaten» (Tevenapatam?) und «Nagor» — das letztere schon nördlich eines grossen Flusses, der auf der ebenfalls 1502 in Lissabon entstandenen und der Canerios nahe verwandten Cantino-Karte mit «gudarim» bezeichnet als Godavari leicht kenntlich ist —, Orte, die

---

[1] *Dec.* III, l. II, c. 6.

[2] *Paesi nov. retr.*, f. LXIIII^{v}.

in den Bereich des Kāveri-Deltas gehören und somit südlich von Mailapur so gut wie von Pulicat liegen oder lagen. Woher diese Verwirrung? Die Lösung ist einfach: Waldseemüller hat die sechs Namen aus verschiedenen Quellen entnommen, die ihm für die richtige gegenseitige Anordnung der Städte keine Handhabe boten oder gar wie Varthemas Angabe der Entfernung zwischen Mailapur und Negapatam in die Irre führten, und ist so zu falschen Lokalisierungen gekommen. Erinnert man sich nun der «Stadt Enparlicat» mit dem Apostelgrab, von der Gaspar angeblich dem Vespucci gesprochen hatte, und des «Flusses Enparlicat», der gegenüber Ceylon münden sollte, und des «ganz grossen Reiches Perlicat» im Innern von Indien, wo es Gold und Perlen und Juwelen und edle Steine gab, und jenes «Marchin» (Narcinc?) an dem genannten Flusse, wo doch offenbar Gedächtnisfehler Vespuccis oder unrichtige Auffassungen des Redaktors des Briefes vom Cabo Verde vorliegen, so kommt man zu der Meinung, dass Gaspar von dem Flusse Kāveri und der Stadt Kāveri-ppaṭṭanam, von Pulicat und Narsinga gesprochen hatte, und wenn in enger Verbindung damit in dem Vespucci-Briefe von «Mailepur» und «Gapatan» die Rede und unmittelbar vorher in Verbindung mit «Stomondel», dem «Chomandarla» des «Roteiro» (Coromandel), ein «Nagaitan» genannt ist, so wird man Gaspar die Kenntnis auch des Namens von Negapatam und, wenigstens für 1501, von Mailapur kaum absprechen können. Dann liegt aber nichts näher als der Schluss, dass jenes von Waldseemüller unter seinen Quellen genannte Itinerarium Gaspars ihm die in keiner andern seiner Buchquellen und, soviel wir sehen, auch in keiner seiner Kartenvorlagen enthaltenen Namen des Kāveri und der Städte Negapatam und Nagore geliefert hat. Von Mailapur wird der Muhamedaner gewordene ehemalige Jude vor der Reise mit Cabral (1500/01) überhaupt keine Kenntnis gehabt haben; von Thomaschristen spricht auch weder König Manuel in den Briefen vom Jahr 1499 an die Katholischen Könige und an den Kardinal-Protektor noch Sernigi in den gleichzeitigen Briefen nach Florenz. Auch Paleacate braucht in Gaspars erster Niederschrift und Karte von 1498/99 nicht vorgekommen zu sein, so dass für Waldseemüller der Anhaltspunkt fehlte die hier genannten Plätze zu den bei Varthema und Joseph genannten in die richtige örtliche Beziehung zu setzen.

Man fühlt sich versucht noch andere Namen in Indien, die sich in keiner der von Waldseemüller benutzten Buchquellen finden und auch nicht in seinen Kartenvorlagen, soweit wir diese kennen, auf Gaspar zurückzuführen. Woher z. B. hat der lothringische Kartograph die Namen «Nagrasch» und «Cosmir» an der Westküste Hin-

terindiens? Der erste steht bei einer Stadt an tief einschneidender Bucht, in die ein Fluss einmündet, ist aber unzweifelhaft der Name des Kaps Negraes der Portugiesen, das im Mohîṭ «Nagarâsî» heisst. Ein Vorgebirge springt in der Tat auch westlich der Stadt auf unserer Karte weit ins Meer vor. «Cosmir» ferner, das auf der Karte ein wenig südlich von «Pego civitas reg(alis)» als Hafenplatz erscheint, ist nichts anderes als Cosmin, das Cosmim der portugiesischen Karten, eine sehr alte Stadt im westlichen Teil des Irawady-Deltas an der Stelle des heutigen Bassein, von Kap Negraes nicht weit entfernt, freilich in ganz anderer Richtung, als das unsere Karte zeigt, und in anderer Lage zu Pegu. Aber woher stammen die Namen? Man wird die Möglichkeit nicht bestreiten können, dass sie aus dem Itinerar Gaspars abgeleitet sind, aber da hier eine Stütze in dem Vespucci-Brief oder im «Roteiro» nicht vorhanden ist, auch nicht weiter in der Behauptung gehen dürfen.

Wir stehen am Ende unserer Untersuchung. Hinter den knappen und einförmigen, aber für die Entdecker des Seewegs doch so aufschlussreichen Notizen über Indien, die uns der Anhang des «Roteiro» aufbewahrt hat, ist das Bild des Gewährsmannes hervorgetreten mit den Schicksalen eines vielbewegten, arbeitsreichen Lebens, und es haben sich von ihm Fäden angesponnen über das Grüne Vorgebirge zu Vespucci, über Lissabon und Nancy zu dem berühmten Geographen des Gymnasium Vosagense in St. Dié, dem Deutschen Martin Waldseemüller. Mag dabei vieles hypothetisch bleiben, das Bild des Menschen Gaspar tritt aus seinen Briefen in einer gewissen Rundung und mit den Farben des Lebens hervor. Die Züge des Heimatlosen und Entwurzelten sind nicht gerade anziehend, aber es sind die eines rastlos tätigen und geistig nicht unbedeutenden Menschen. Sein Schicksal wird ihm z. T. schon vor der Geburt durch das der Eltern bestimmt. Die Linie führt aus dem deutsch-jüdischen Hause in Posen über Jerusalem nach Alexandrien, wo er das Licht der Welt erblickt; der Weg des Knaben geht über Mekka nach Indien; er wird Kaufmann und Schiffsherr, durchreist als Edelsteinhändler das Binnenreich von Vijayanagar und befährt die See bis Malakka, seine Kenntnis der östlichen Länder und Handelsverhältnisse aber reicht bis Siam und vielleicht Kamboja. Im Dienste des Ādil Schāh von Bījapur steigt er dann zu der ansehnlichen Stellung des Schāh-bandar von dessen wichtigstem Hafenplatz Goa auf, und nun tritt die folgenschwere Wendung in seinem Leben ein: bei dem Versuch sich Vascos da Gama und seiner Schiffe zu bemächtigen wird er Gefangener der Portugiesen und aus seinem bisherigen Lebenskreis unsanft herausgerissen und in völlig neue Verhältnisse hineingestossen. Aber

mit der ihm eigenen Elastizität weiss er aus der veränderten Lage sogleich seinen Vorteil zu ziehen. Er wird, noch bevor er europäischen Boden betritt, mit derselben Wandlungsfähigkeit Christ, mit der er im Orient aus dem Juden zum Muhamedaner geworden war. Seine Kenntnis der östlichen Länder, Handelsverhältnisse, Sprachen ebnet ihm den Weg im Dienste seines neuen Herrn; er wird zum Ritter des königlichen Hauses erhoben, erhält ein Gnadengehalt und Anrecht auf Freigut, solang er der Krone in Indien dient. Sein klares Urteil und sein Geschick im Verhandeln, seine kaufmännische Begabung und Vertrautheit mit Sitte und Brauch des Ostens, sein geschäftiger, nicht unbedingt erfreulicher Eifer bei Wahrung des Vorteils der Krone im indischen Handel ermöglichen ihm den Portugiesen bei Begründung ihrer Handelsherrschaft im Indischen Ozean während des ersten Jahrzehntes nach Auffindung des Seewegs wertvolle Dienste zu leisten und während Almeidas Statthalterschaft als dessen Dolmetscher und Berater vor allem in Handelsangelegenheiten eine nicht unbedeutende Rolle zu spielen. In Cochin aber hinterlässt er, als ihn 1510 sein Weg in die neue Heimat zurückführt, bei den Indern ein gutes Andenken.

Schon während der unfreiwilligen ersten Reise nach Portugal fasst er anscheinend das kleine Schriftchen ab, das, mit Karte versehen und dem König Manuel gewidmet, in Abschrift dem Herzog René II. von Lothringen aus Lissabon zugesandt, durch diesen dem Kartographen von St. Dié zugänglich gemacht worden ist und Spuren auf dessen Carta marina von 1516 hinterlassen zu haben scheint, wie wir anderseits in dem geographisch-kommerziellen Anhang des «Roteiro» Mitteilungen einzelner Stücke daraus wiederzuerkennen glauben. Ähnlichen Charakters, wahrscheinlich aber reichhaltiger, mag das Verzeichnis aller indischen Häfen gewesen sein, das Gaspar für den Vizekönig Francisco d'Almeida 1505 angefertigt hat. Dass er eine bis ins einzelne gehende Kenntnis derselben besass, beweisen die Mitteilungen, die er Vespucci 1501 am Grünen Vorgebirge gemacht hat. Den Eindruck des Florentiners, dass seine Angaben vertrauenswürdig seien, hat die Einzeluntersuchung dessen, wofür ihn Vespucci als Gewährsmann ausdrücklich bezeichnet, in vollem Umfang bestätigt.

III

Verfasser und Echtheit des «Roteiro». «Roteiro» oder Entdeckungsbericht der «Lendas da India»?

1. Die Entwicklung des quellenkritischen Problems.

Unter den wissenschaftlichen Arbeiten, die aus Anlass des Centenario da India in Portugal veröffentlicht worden sind, findet sich ein auf den «Roteiro» bezügliches zum Nachdenken und Nachprüfen anregendes kleines Buch von Frederico Diniz d'Ayalla: «Vasco da Gama. Quando partiu?» Alemquer 1898. Seine erste Auflage war anscheinend rasch vergriffen und so ist im «Oriente Português» (Nova Goa) 1905 und 1906 ein Neudruck des Schriftchens erschienen. Von dieser zweiten Ausgabe waren mir die Teile II und III durch die liebenswürdige Vermittlung von Frau Professor Dr. Carolina Michaelis de Vasconcellos bekannt und zugänglich geworden; der I. Teil war nicht in ihre Hände gelangt und fehlte 1913, wo ich ihn vergeblich zu erlangen suchte, selbst im Britischen Museum und in der Bibliothek des India Office in London, während II und III auch dort vorhanden waren. Vor kurzem ist nun, dank der freundlichen Bemühungen des Herrn Professors Dr. Luciano Pereira da Silva, die Ausgabe von 1898 in meinen Besitz gekommen. Ein Vergleich der beiden Texte in den Teilen, für die der Druck im «Oriente Português» mir zur Verfügung gestanden hat, zeigte, dass eine irgendwie wesentliche Änderung bei der zweiten Ausgabe hier nicht stattgefunden hat, und so darf ich ein gleiches vielleicht auch bezüglich des ersten Teiles vermuten; jedenfalls muss ich mich für diesen ausschliesslich auf die Fassung von 1898 stützen; auf sie beziehen sich durchweg auch die Seitenangaben für die im folgenden zitierten Stellen.

Den Titel «Vasco da Gama. Wann hat er seine Fahrt angetreten?» hat Ayalla gewählt im Hinblick auf die von ihm vertretene Ansicht, dass das portugiesische Centenario da India von 1898 an einem historisch nicht nur nicht gesicherten, sondern sogar nachweislich falschen Datum gefeiert worden sei. Dieser Titel verrät im übrigen nichts von Fülle und Gewicht der quellenkritischen Probleme, die in der Schrift zur Behandlung kommen sollen, lässt nicht erwarten, dass der Verfasser darin die gesamte Frage der Überlieferung von Gamas Entdeckungsfahrt aufrollt, die Berichte über dies weltgeschichtliche Unternehmen bei allen Historikern des 16. Jahr-

hunderts ausser Correa sowie nahezu die Gesamtheit der modernen Darstellungen als fehlerhaft in den wesentlichen Punkten der Chronologie darzutun sucht, den «Roteiro», nach der herrschenden Anschauung unsere wichtigste Quelle und zugleich die einzige erster Hand, als eine Fälschung etwa des 17. Jahrhunderts erweisen und von den portugiesischen Geschichtsschreibern des 16. Jahrhunderts als verlässigen Gewährsmann für die Entdeckungsfahrt nur Gaspar Correa gelten lassen will. Für all das aber sucht in der Tat Ayalla den Beweis darin zu erbringen. In der Begründung, die er seinen Thesen gibt, ist eine Reihe treffender Beobachtungen enthalten; seine Einwände gegen die herrschende Ansicht sind z. T. überraschend, interessieren, auch wo sie zum Widerspruch herausfordern. Da nun die in meinem Buche «Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien», München 1898, Beilage I, S. 109–148 über die Quellen zur ersten Indienfahrt ums Kap angestellten Untersuchungen zu gerade entgegengesetzten, von der Kritik aber, soweit sie mir bekannt geworden ist, angenommenen Ergebnissen geführt haben, die ich in allen Hauptpunkten auch heute noch für richtig halte, so sei es mir gestattet hier die Gründe darzulegen, aus denen ich mich Ayallas Schlussfolgerungen nicht anschliessen kann. Das wird nun freilich nicht möglich sein, ohne dass noch einmal die Gesamtheit der den «Roteiro» betreffenden Fragen zur Sprache kommt, doch benutze ich gerne diese Gelegenheit meine früheren Ausführungen in einzelnen Punkten zu ergänzen, in einigen minder wichtigen auf Grund inzwischen erworbener neuer Erkenntnisse zu berichtigen.

Zunächst ein paar Worte über die Vorgeschichte der von Ayalla vertretenen Auffassung, soweit letztere den Quellenwert von Correas Darstellung der Entdeckungsfahrt in den «Lendas da India» betrifft. Als im Jahr 1838 Diogo Köpke und Antonio da Costa Paiva den «Roteiro» aus der Portuenser Handschrift, der einzigen, in der er uns erhalten ist, mit einer gründlichen und wertvollen Einleitung und gediegenem sachlichen Kommentar zum erstenmal veröffentlichten, waren die «Lendas» noch ungedruckt; 1861, als ihn Alexandre Herculano und der Baron von Castello de Paiva zum zweitenmal herausgaben, lagen von der sorgfältigen Akademie-Publikation des Correaschen Werkes die Bände I (1858) und II (1860) bereits vor, und da die Darstellung der Entdeckungsfahrt in den «Lendas» fast Punkt für Punkt von der des «Roteiro» abwich, Correa sich aber nach seinem eigenen Zeugnis (*Lendas,* Bd. I, S. 134 und III, S. 8) gerade hier auf den Bericht eines Teilnehmers der Reise gestützt hat, so hätten die Herausgeber zu dem neu erwachsenen, immerhin doch bedeutsamen Problem wohl bestimmtere Stellung nehmen müssen.

Aber wie ihre Ausgabe einen nennenswerten Fortschritt gegenüber der ersten überhaupt nicht bedeutet, so begnügten sie sich auch hier mit einer allgemeinen Bemerkung, die nicht nur die Erkenntnis nicht gefördert, sondern geradezu Schaden gestiftet hat. S. VIII heisst es bei ihnen: «Die Verschwörung gegen Vasco da Gama und die Niederwerfung der Verschworenen ist umständlich von Gaspar Correia in den *Lendas da India* erzählt, und wenn Castanheda, Barros und Goes darüber schweigen, so erklärt sich das leicht aus der wenig einsichtsvollen Furcht, den Ruhm der Begleiter Vascos da Gama damit zu beflecken» ... und S. IX: «Wir haben oben auf die *Lendas da India* des Gaspar Correia angespielt. Die von der Akademie in Angriff genommene Veröffentlichung dieses Werkes hat sozusagen den Wert des Roteiro der Reise Vascos da Gama noch erhöht. Die *Lendas*, der Form nach unter den Dekaden des Barros und, wenn man will, sogar unter der holperigen Geschichtsdarstellung des Castanheda stehend, sind, was das Wesentliche des Inhalts betrifft, den ersteren überlegen, sind es selbst der bescheidenen, aber augenscheinlich lauteren Erzählung Castanhedas. Neben der höheren Autorität eines Mannes, der grossenteils Zeuge der Ereignisse gewesen war, die er schildert, und der lange eine Stellung eingenommen hatte, die der richtigen Würdigung der Vorgänge in Indien günstig war, verbindet sich in dem Buche Correias mit der Wahrhaftigkeit, die in seinen schlichten Satzgefügen durchschimmert, eine Zuverlässigkeit und Natürlichkeit in der Darstellung der Tatsachen, die Vertrauen im höchsten Grad einflössen. *In Bezug auf die Entdeckungsfahrt übertreffen, wie bezüglich so vieler anderer Punkte unserer indischen Geschichte, die Lendas entschieden das, was Barros und Castanheda schreiben.* Das innere Leben der Menschen, die dies höchst gewagte Unternehmen auf sich genommen und zu Ende geführt haben, die moralischen Phasen, die Peripetieen der Expedition, das Ringen der menschlichen Leidenschaften auf dem eng begrenzten Schauplatz von drei Schiffen, all das wird mit lebhaften Farben und festen Umrissen in Gaspar Correias Bericht dargestellt. Aber die — um es so auszudrücken — äusserlichen Tatsachen des Unternehmens sind hier vielfach schwankend, lässig und unbestimmt gegeben. Der Roteiro ist es, der die Arbeit des Chronisten ergänzt und der mit ihr zusammen einen der Hauptgegenstände der modernen Völkergeschichte in all seinen Umständen heute vollkommen bekannt macht». Die Vermutung liegt nahe, dass dies Urteil Alexandre Herculanos bei seiner hohen Autorität als Geschichtsforscher nicht zum wenigsten der Anlass gewesen ist, der Henry E. J. Stanley dazu geführt hat in Correa den schlechthin glaubwürdigsten Gewährsmann für die Entdeckungsfahrt Gamas

zu sehen und in «The three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty (Works issued by the Hakluyt Society, I. series, N.° 42), London 1869, die einschlägigen Kapitel der *Lendas* als verlässigste Quelle für diese wie für die zweite Reise und das kurze Vizekönigtum des Vasco da Gama weiteren Kreisen zugänglich zu machen [1]. Die hohe Einschätzung der *Lendas* von seiten des englischen Gelehrten hat dann Sophus Ruge irregeführt, sodass er in der «Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen», Berlin 1881, seine Darstellung der ersten Indienfahrt Gamas, wenn auch nicht ausschliesslich, doch im wesentlichen auf Correas Bericht gründete, während Oskar Peschel in seinem gleichnamigen schönen Werke dem «Roteiro» und den daraus abgeleiteten, in der Hauptsache zuverlässigen Berichten des Barros und Goes gefolgt war. Dass auch zur Bildung von Frederico Diniz d'Ayallas Ansicht das Stanleysche Buch den Anstoss gegeben hat, ist nicht unwahrscheinlich, da er S. 52 ff. wiederholt mit anerkennenden Worten Bezug darauf nimmt. Übrigens ist seine Beweisführung vollkommen selbständig und ergänzt die Stanleys gerad in dem Kardinalpunkte des Problems, den dieser bezeichnenderweise überhaupt nicht berührt hat: Ayalla setzt sich mit dem «Roteiro» kritisch auseinander.

---

[1] Die Übersetzung Stanleys beruht für die erste und zweite Reise Vascos da Gama auf einer Kopie des verlorenen ersten Bandes von Correas Originalhandschrift der *Lendas*. Diese Kopie war 1869 Eigentum des Herzogs von Gor, an den sie aus dem Besitz des Herzogs von Torrepalma gekommen war. Sie scheint nach Stanleys Angabe von dem gleichen Schreiber herzurühren wie die Lissaboner Handschrift des ersten Bandes, die in der Akademie-Ausgabe als «Handschrift des Archivs» bezeichnet wird, und ist schon deshalb nicht ohne Belang, weil sie ein Blatt enthält, das dort fehlt. Dem portugiesischen Herausgeber war sie anscheinend unbekannt geblieben und das Fehlen des Blattes in dem besten der drei von ihm benutzten Manuskripte — ob es auch in den zwei andern fehlt, sagt Stanley nicht — war ihm entgangen. Kapitel VI und VII des Originals sind bei ihm dadurch eins geworden. Auf S. 15 der Akademie-Ausgabe sollte sich zwischen das Satzende «a seus officios» und den Satzanfang «Aos casados» in Zeile 13 der Schluss von Kapitel VI des Originals und die Hauptmasse von Kapitel VII desselben einschieben. Die Kapitel VII-X der Akademie-Ausgabe entsprechen den Kapiteln VIII-XI der Handschrift des Herzogs von Gor und der Urschrift Correas sowie der Stanleyschen Übersetzung; von XII an stimmen die Kapitelzahlen wie in I-VI wieder bei allen überein, weil die «Handschrift des Archivs» von Kapitel X, ohne dass eine Lücke im Text vorläge, gleich zu Kapitel XII überspringt. Übersetzt hat Stanley ausser der auf Correa zurückgehenden Inhaltsangabe von Band I der *Lendas*, die sich auf der Titelseite der Handschrift des Herzogs von Gor findet, und dem in der «Handschrift des Archivs» fehlenden Blatte das, was die Akademie-Ausgabe in Band I, S. 1–144, 226–339 und Band II, S. 815–823 und 827–846 enthält.

2. Die Vermutungen über den Verfasser des «Roteiro»

An der Echtheit dieser Quelle für die Entdeckungsfahrt zu zweifeln war bis dahin keinem Forscher in den Sinn gekommen. Was sich über die Herkunft der Handschrift in Porto ermitteln lässt, haben die ersten Herausgeber mit gewissenhafter Scheidung des sicher Feststellbaren und des bloss Hypothetischen in ihrer Einleitung dargelegt. Das Manuskript des «Roteiro» stammt aus der Klosterbücherei von Santa Cruz in Coimbra und ist mit den sonstigen Handschriftenbeständen dieser alten und wertvollen Sammlung bei der Aufhebung der Klöster im vorigen Jahrhundert an die Portuenser Bibliothek übergegangen. Es ist nicht die Originalniederschrift des Verfassers, sondern Kopie von unbekannter Hand; denn auf S. 64 sagt der Abschreiber, auf eine sachliche Lücke in seiner Vorlage hinweisend: «Wie diese Waffen aussehen, ist dem Verfasser dieses Buches in der Federspitze stecken geblieben». Immerhin deutet der Charakter der Schriftzüge auf den Anfang des 16. Jahrhunderts. Das Papier, auf das der Text geschrieben ist, das losgelöste Pergamentblatt, das der flüchtig gebundenen Handschrift als Deckel gedient hat, die etwas verblasste Tinte der trotzdem noch gut lesbaren Schrift, alles ist unverdächtig. Dagegen findet sich allerdings in den älteren portugiesischen Bibliographieen keine sicher nachweisbare Beziehung auf unser Manuskript. Da aber sein Fundort Coimbra war, die Stadt, in der Fernão Lopes de Castanheda seine «Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes» geschrieben und von 1551 an veröffentlicht hat, da ferner Castanhedas Bericht über die Entdekkungsfahrt fast völlig auf den «Roteiro» gegründet ist und zum Teil wörtlich mit diesem übereinstimmt, die Herausgeber zudem eine Verwandtschaft zwischen den Schriftzügen des Manuskriptes und denen einer Unterschrift zu erkennen glaubten, worin sie die des genannten Chronisten vermuteten, kamen sie auf den Gedanken, dass dasselbe von Castanheda geschrieben und ein Teil der umfangreichen Stoffsammlungen für sein Werk sein könne, an die er nach eigenem Zeugnis 20 Jahre seines Lebens sowie Vermögen und Gesundheit gesetzt hatte. Diese Vermutung ist, wie ich in «Vasco da Gama», S. 129 f. gezeigt habe, unhaltbar. Im ersten Buch seines Werkes, Kapitel 16, an der Stelle, wo erzählt wird, wie Vasco da Gama sich von Pandarane, dem Ankerplatz seiner Schiffe, zur Audienz bei dem Samorin nach Calicut begibt, heisst es nämlich: «Nachdem Vasco da Gama in diese Sänfte eingestiegen war, brach er mit dem Catual, der in einer andern den Weg zurücklegte, nach einem Orte auf, von

dem ich den Namen nicht erfahren konnte, und an dem Ort, von dem ich spreche, assen sie, er in einer Herberge und Vasco da Gama in einer andern». Nun steht aber in unserer Handschrift [1] in voller Übereinstimmung mit dem, was wir nach den portugiesischen Karten des 16. Jahrhunderts und den Berichten der Historiker als gesichert ansehen dürfen, dass Gamas Weg nach Calicut über Capocate ging, das der «Roteiro» Capuá nennt, und dass dort die Mittagsrast stattfand, von der Castanheda spricht. Dass das Capuá des «Roteiro» mit Capocate identisch sei, wusste der Chronist, wie ein Vergleich zwischen Buch I, Kapitel 13 seines Werkes mit S. 50 der zweiten Ausgabe des «Roteiro» ergibt. Der Bericht des letzteren (S. 55) ist nach der Lage der Orte völlig einwandfrei und Castanheda konnte sachliche Bedenken gegen ihn nicht haben; wenn er also erklärt, er habe den Namen nicht erfahren können, so kann unsere Kopie des «Roteiro», die denselben enthält, sein Handexemplar nicht gewesen sein.

Bleibt sonach der Schreiber unserer Handschrift unbekannt, so haben über den Verfasser des «Roteiro» die Herausgeber etwas fester begründete Vermutungen angestellt. Zu den Kapitänen und Steuerleuten gehörte er nicht: er unterscheidet sie deutlich von seiner Person. S. 7 z. B. heisst es [2]: «Und wir waren noch beim Essen; und als wir ihn vernahmen, hörten sogleich die Kapitäne mit Essen auf und wir andern mit ihnen»; S. 106 lesen wir [3]: «Und die Steuerleute sagten, dass wir auf den Untiefen des Rio Grande seien». Wenn aber die Herausgeber daraus den Schluss ziehen, dass er ein einfacher Seemann oder Soldat gewesen sei, so ist das nicht zwingend; warum z. B. nicht Schiffsmeister? Kunst der Darstellung wird man bei ihm ja gewiss vergeblich suchen, aber mag sein Stil unbeholfen und holperig sein, er besitzt doch immerhin die Fähigkeit sich schriftlich auszudrücken und das weist für diese Zeit im allgemeinen schon auf einen etwas höheren Bildungsgrad. Dass er Geistlicher gewesen sein sollte, ist unwahrscheinlich, nach dem gesamten. Inhalt und Ton seines Berichtes wie besonders nach den Stellen S. 27 [4]: «und wir kamen zu ankern eine Legua im Meer in der Nähe einer Insel, damit *sie* am Sonntag Messe läsen», und S. 30 [5]: «wir warfen

---

[1] Vgl. die 2. Ausgabe, S. 55.

[2] e nós estavamos ainda ceando, e quando ho ouvimos leixaram loguo os capitães de comer e nós outros com elles.

[3] e os pilotos diziam que eramos nos baixos do Rio grande.

[4] e viemos pousar huuma legoa em maar junto com huuma ilha, pera que ao domingo disesem misa.

[5] pousámos junto com a ilha onde nos dyseram misa o domingo d'amte pasado,

Anker in der Nähe der Insel, wo *sie* uns am vorhergehenden Sonntag Messe gelesen hatten». Damit steht die andere Stelle [1] nicht in Widerspruch: «wir (d. h. die Portugiesen) lasen am Sonntag unsere Messe unter einem hohen Baumschlag» (S. 28). Proviantmeister (despenseiro) war unser Berichterstatter auch nicht, wie S. 17 [2] zeigt: «wir hatten kein Trinkwasser mehr und bereiteten das Essen nur noch mit Salzwasser zu, und zu trinken gab *man* uns bloss noch einen Schoppen». Am besten würden die vielfachen Angaben über Wind und Fahrtrichtung, Segelmanöver u. ä. zu einem Schiffsmeister (mestre-velas) passen, so besonders auch, wenn man nicht an einen Matrosen denken will, die Stelle auf S. 17 [3]: «Am selbigen Tage fanden wir beim Setzen eines Beisegels, eine Elle unter dem Mastkorb, einen Riss im Mast und selbiger Riss öffnete und schloss sich». Wer so schreibt, hatte doch wohl den Schaden genauer angesehen; die Aufgabe des mestre-velas aber bestand gerade in der Sorge für Masten, Takel- und Segelwerk und in der Anordnung der Segelmanöver. Jedoch ist auch das nur Vermutung und die Annahme, dass etwa dem Schreiber eines der drei Schiffe der «Roteiro» zu verdanken sei, wie der wertvollste Bericht über die zweite Indienfahrt Vascos da Gama dem Schiffsschreiber Thomé Lopes [4], ist wenigstens nicht ohne weiteres abzuweisen; doch muss der Erörterung dieser Frage die Beantwortung der anderen vorangehen, auf welchem der drei Schiffe unser Autor die Entdeckungsfahrt mitgemacht hat.

Aus seinen eigenen Angaben haben die Herausgeber geschlossen, dass er zur Besatzung der «Rafael» gehörte. Diese Ansicht begründen sie indes nicht genauer, und so konnte Pereira Caldas ihn in dem gelegentlich des Centenario da India zum zweitenmal erschienenen Schriftchen «Alvaro de Braga e não Alvaro Velho como autor plausivel do Roteiro» (Braga 1898) einem andern Schiff zuteilen und das Verdienst der Abfassung des «Roteiro» für Alvaro de Braga, den Schreiber der «Berrio», statt für Alvaro Velho von der «Rafael» in Anspruch nehmen.

Um feststellen zu können, welcher Schiffsbesatzung der Verfasser des «Roteiro» angehörte, müss man genau unterscheiden, wo es sich in seiner Erzählung um dauernde, wo um bloss vorübergehende An-

---

[1] ao domingo disémos nosa misa em a ilha debaixo de huum arvoredo muito alto.

[2] nam tinhamos já agoa que bebesemos nem faziamos já de comer senam com aguoa salgada, e pera noso beber nom nos davam senam huum quartilho.

[3] Em este dia... metendo huuma moneta, achámos o masto com huuma fenda abaixo da gavea huuma braça, a quall fenda abria e cerrava.

[4] *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 167.

wesenheit auf einem der Fahrzeuge handelt. Diese Frage lässt sich bei vorsichtiger Prüfung mit Sicherheit beantworten. Das Geschwader besteht bei der Ausfahrt aus fünf Schiffen: «Gabriel» (Vasco da Gama), «Rafael» (Paulo da Gama), der Karavelle «Berrio» (Nicolao Coelho), sodann dem Proviantschiff der Expedition, das in der Bucht von S. Bras zerstört wird, und der Karavelle des Bartolomeo Dias, der in ihrer Gesellschaft nach Mina fuhr. In der Nacht vom 17. auf 18. Juli war es nach dem «Roteiro» so dunkel, «dass Paulo da Gama sich von dem Gesamtgeschwader weg nach dem einen Ende verlor und nach dem andern der Kommandant (Vasco da Gama). Und als es Morgen wurde, hatten wir weder Sicht von ihm noch von den andern Schiffen... Am folgenden Sonntag bei Tagesanbruch hatten wir Sicht von Ilha do Sal, und gleich eine Stunde darnach kamen drei Schiffe in Sicht, die wir einzuholen suchten; und wir fanden das Proviantschiff und Nicolao Coelho und Bartolomeo Dias..., die ebenfalls den Kommandanten verloren hatten;... und wir fuhren in Windstille bis zum Mittwoch Morgen. Und an dem Tag um 10 Uhr kam ungefähr fünf Leguas vor uns der Kommandant in Sicht»[1]. Es ist klar, dass der Berichterstatter sich bei Paulo da Gama auf der «Rafael» befand. «Eines Tages», heisst es dann S. 3[2], «als wir mit Südwind fuhren, brach dem Kommandanten die grosse Rahe... und wir lavierten mit Fock- und Besansegel zwei Tage und eine Nacht». Das «wir lavierten» bezieht sich auf ein gemeinsames Manöver aller Schiffe; die drei unbeschädigten verlangsamen die Fahrt um mit dem Admiralschiff zusammenzubleiben. Wenn der Berichterstatter sodann gelegentlich des Aufenthaltes in der S. Helena-Bucht (S. 5)[3] sagt: «wir brachten ihn (den gefangenen Buschmann) auf das Schiff des Kommandanten, der ihn zu sich an den Tisch setzte, und von allem, was wir assen, ass auch er», wenn er also bei diesem Anlass wie auch einige Tage später (S. 6 f.) auf der «Gabriel» isst, so steht

---

[1] que se perdeo Paullo da Gama de toda a frota per huum cabo e pello outro o capitam moor. E depois que amanheçeo, nom ouvemos vista delle, nem dos outros navios... Ao domingo seguinte em amanhecendo ouvemos vista da Ilha do Sall, e loguo dii a huuma ora ouvemos vista de tres navios, os quaees fomos demandar, e achámos a naoo dos mantimentos e Nicollao Coelho, e Bertolameu Diz que hia em nosa companhia até a Mina, os quaees tambem tinham perdidos o capitam moor... e andámos em calmaria até a quarta feira pella manham. E aas dez oras do dia ouvemos vista do capitam moor avante nós obra de cinquo legoas.

[2] e hindo huum dia com sull quebrou a verga ao capitam moor... e pairámos com o traquete e papafigo dous dias e huuma noute.

[3] e levámollo á naoo do capitam moor, o quall o pôs comsiguo aa mesa, e de todo que nós comiamos comia elle.

das zu dem oben gezogenen Schluss, wonach er zu der Besatzung der «Rafael» gehörte, nicht in Widerspruch: er ist eben dort vorübergehend beschäftigt. Dass wir ihn zur Besatzung des Admiralschiffes auch in diesem Stadium der Fahrt nicht rechnen dürfen, zeigt deutlich eine Stelle auf S. 9. Das Geschwader liegt seit dem 25. November, Samstag, in der Bucht von S. Bras (Mosselbucht); am 1. Dezember erscheinen die ersten Eingeborenen am Ufer; «und wir waren», erzählt er, «um diese Zeit alle oder doch zum grösseren Teil auf dem Schiff des Kommandanten» [1]; für gewöhnlich also hat man ihn dort nicht zu suchen. Auch zur Besatzung der Karavelle gehörte er nicht, wie sich aus S. 15 [2] ergibt. «Am Vorabend von S. Lucia», heisst es da, «hatten wir einen grossen Sturm, ... und auf selbiger Fahrt verloren wir Nicolao Coelho; ... und als es auf Sonnenuntergang zuging, sahen sie ihn vom Mastkorb .... Wir machten daher Feuerzeichen und legten uns vor Anker, und als die erste Wache zu Ende ging, vereinigte er sich wieder mit uns». Zum gleichen Schluss führt die Erzählung von der Einfahrt in die Quilimane-Mündung des Sambesi (S. 20) [3]: «Und an einem Donnerstag fuhren wir abends ein, nachdem die «Berrio» schon seit dem andern Tage darinnen lag». Wenn es S. 22 [4] heisst: «Und *wir* reinigten die Schiffe und *sie* besserten (man besserte) den Mast der «Rafael» aus», so will der Wechsel der Person nur besagen, dass die Schiffszimmerleute oder irgendwelche andere die Reparatur vornahmen, der Berichterstatter selbst aber bei der Arbeit nicht beteiligt war. Wo die erste Einfahrt in die Bucht von Mosoril (Moçambique) berichtet wird, liest man (S. 23) [5]: «Am Freitag Morgen fuhr Nicolao Coelho in selbige Bucht ein, verfehlte aber die Fahrstrasse und fand Untiefen; und indem *sie* zu den andern Schiffen zurückfuhren ..., sahen sie aus besagter Insel

---

[1] E nós estavamos todos ou a mayor parte de nós a este tempo na naoo do capitam moor.

[2] vespora de Santa Luzia, ouvemos huuma grande tormenta ... e nesta rroota perdemos Nicollao Coelho, e .. quando vêo ao sol posto viram-o da gavea... fezemos foreos e estevemos a corda. E acabando-se o quarto primeiro elle vêo ter comnosco».

[3] e huuma quinta feira á noute entrámos, estando já o navio Berrio dês do outro dia.

[4] e alimpámos os navios e corregeram ao Rafaell o masto.

[5] Á sesta feira pella manham, indo Nicollao Coelho por dentro daquella amgra errou o canall e achou baixo, e em virando pera os outros navios... viram viir huuns barcos á vélla de dentro daquella ylha..., o qual foy com muito prazer a salvar o capitão moor e a seu irmão... E imdo Nicollao Coelho pera emtrar foy dar na pomta daquella ilha e quebrou o governalho, e asy como deu asy sayo pera o alto, e eu era alii com elle.

einige Segelbarken hervorkommen .... und er fuhr voller Freude hin um den Kommandanten und seinen Bruder zu begrüssen». Die drei Kapitäne halten nun, nachdem man die an Bord gekommenen Araber bewirtet hat, Rat und beschliessen noch denselben Tag in die Bucht einzulaufen, Nicolao Coelho voran, um das Fahrwasser zu sondieren. «Und indem Nicolao Coelho sich aufmachte zur Einfahrt» (S. 24), «hielt er auf die Spitze besagter Insel zu und es zerbrach sein Steuerruder; und wie er darauf hinhielt, kam er in tiefes Fahrwasser, und ich war dort bei ihm». Erst nach der Beratung also — das sieht man deutlich — ist der Berichterstatter, offenbar zu irgendwelcher Dienstleistung, auf die Karavelle gekommen, und ausdrücklich betont er, dass er «dort» (alii), d. h. bei eben dieser Gelegenheit, bei Nicolao Coelho gewesen sei; sonst also war das nicht der Fall. Solchen gelegentlichen Schiffswechsel sehen wir zu besonderem Zweck einmal selbst Paulo da Gama vornehmen (S. 27), wo er auf der «Berrio», dem beweglichsten der drei Fahrzeuge und dem vom geringsten Tiefgang, den zwei portugiesischen Booten, die dem flüchtigen arabischen Lotsen in der Bucht von Mosoril nachsetzen, gegen den Angriff feindlicher Barken zu Hilfe kommt. Zum Missverständnis kann eine Stelle auf S. 36 Anlass geben. Die «Rafael» ist auf den nach ihr benannten Untiefen bei Mtangata aufgelaufen; «Gabriel» und die Karavelle ankern einen Bombardenschuss entfernt von ihr. «Während das Schiff aufsass», heisst es nun S. 36[1], «kamen zwei Boote *zu ihm und zu uns*, die viele sehr gute Orangen brachten, besser als die portugiesischen, und es blieben auf dem Schiffe zwei Mauren, die am nächsten Tage mit uns nach einer Stadt mit Namen Mombaça fuhren». «Zu ihm und zu uns», «a elle e a nós» — bedeutet das, wie Pereira Caldas[2] annimmt: zur «Rafael» und dem Schiff des Berichterstatters? Gewiss nicht. Man vergegenwärtige sich die Situation! Sobald die «Rafael» aufsitzt, werfen die zwei andern Fahrzeuge Anker und setzen zur Hilfeleistung die Boote aus. Als bei Eintritt der Ebbe das Schiff ganz auf dem Trockenen liegt, werden von den Booten aus zahlreiche Anker ausgelegt. Dabei sind die der «Rafael» so gut beteiligt wie die der andern, wenn es auch der Autor nicht ausdrücklich sagt. Ein Teil der «Rafael»-Mannschaft also ist an Bord, der andere bei dieser Arbeit beschäftigt. Zu dem Schiff wie

---

[1] Estando o navio em seco vieram duas almadias a elle e a nós, as quaees trouxeram muitas laranjas muito boas, milhores que has de Portugall, e ficaram em o navio dous mouros, que foram ao outro dia comnosco a huuma cidade que se chama Mombaça.

[2] a. a. O., S. 36 Anm. 2.

zu den ausgebooteten Mannschaften aller Fahrzeuge kommen die arabischen Barken. Der Berichterstatter ist bei den letzteren. Dem widerspricht es nicht, wenn er in der dritten Person von denen spricht, die die Anker auswerfen; er selbst braucht bei dieser Arbeit nicht unmittelbar beteiligt gewesen zu sein, so wenig wie am Sambesi bei der Ausbesserung des Mastes (s. o.). Diese Auffassung legt auch der zweite Teil des Satzes nahe, dessen «em o navio» doch sehr unklar wäre, wenn es sich nicht auf die «Rafael» beziehen sollte, von der im Vorhergehenden längere Zeit allein die Rede gewesen ist. Wie Paulo da Gama gelegentlich auf der «Berrio», so ist (S. 38) während der ersten Nacht, die man auf der Aussenreede von Mombaça liegt, Vasco da Gama, wie es scheint an Bord der «Rafael» zu denken[1]: «Und als sie *dahin* kamen, *wo der Kommandant war*, wollten sie mit den Waffen an Bord kommen; und er wollte das nicht, und es kamen nicht mehr als vier oder fünf der Angesehensten von ihnen aufs Schiff; und sie hielten sich etwa zwei Stunden *bei uns* auf, dann gingen sie; und was wir von diesem Besuch dachten, war, dass sie gekommen wären um zu sehen, ob sie irgend eines dieser Schiffe nehmen könnten». Auf der «Rafael» finden wir Vasco da Gama auch in Melinde gelegentlich des ersten Besuches, den die indischen Christen dem Schiff abstatten, und auch an dieser Stelle spricht das «vieram» (nicht «foram») und anderes dafür, dass unser Autor der Besatzung dieses Schiffes angehörte. Die Erzählung von dem nächtlichen Überfall in Mombaça auf «Berrio» und «Rafael» zeigt ihn deutlich auf dem letztgenannten Schiffe[2]: «Um Mitternacht kamen zwei Boote mit vielen Menschen, die sich ins Wasser warfen und schwammen, und die Boote blieben in der Ferne; und sie schwammen (eig. «*gingen*») zu dem Schiffe «Berrio» und andere *kamen* zur «Rafael». Die beiden Verba scheinen mir das in dieser Zusammenstellung klar zu erweisen.

Nach der Gesamtheit der angeführten Stellen — es sind alle, die einen Schluss in der vorliegenden Frage ermöglichen — halte ich es für ausgeschlossen, dass als Verfasser des «Roteiro» Alvaro de Braga,

---

[1] e como chegaram onde o capitam mor estava, quiseram emtrar com as armas, e elle nam quis, e nam emtraram mais de quatro ou cinquo dos mais honrados delles e esteveram obra de duas horas comnosco, e emtam se foram, e o que nos pareçeo desta vinda foy que elles vinham pera verem se poderiam tomar alguum destes navios.

[2] á mêa noute vieram duas almadias com muitos homens, os quaees se lançaram a nado, e as almadias ficaram de largo e *se foram* ao navio «Berrio», e outros *vieram* ao «Rafaell».

der Schiffsschreiber der «Berrio», in Betracht kommen könnte, wie Pereira Caldas will; im übrigen erfahren wir durch Barros (*Dec.* I, l. IV, c. 10), dass Alvaro de Braga als Faktoreischreiber mit dem als Handelsagent amtierenden Diogo Dias, dem Schreiber der «Gabriel», zum Vertrieb der portugiesischen Waren in Calicut an Land gesetzt, von den muhamedanischen Kaufleuten zugleich mit diesem gefangen genommen wurde; die beiden Gefangenen aber scheidet der Verfasser des «Roteiro» unzweideutig von seiner Person [1]. Von den Schreibern bliebe also nur einer, aber gerade der des Paulo da Gama, João de Sá, übrig. Die Gründe, derentwegen die Herausgeber des «Roteiro» es für unmöglich gehalten haben, dass der Bericht von ihm herrühren könnte, scheinen mir nicht ganz stichhaltig. Erstens, meinen sie, ist der Autor ein einfacher Seemann oder Soldat gewesen (und wahrscheinlicher Seemann), wie die Ausdrücke ergeben, die er braucht, wenn er im allgemeinen von seinesgleichen im Gegensatz zu den Kapitänen spricht und dabei einige Male sagt: «wir andern», «einige von uns andern». Aber schliessen diese Wendungen wirklich einen Schreiber oder Schiffsmeister aus? Unser Autor, sagen sie weiter, wird zu Diensten verwendet wie Sondieren (S. 3, 24 und 106), die eher für einen Seemann passen als für einen Schreiber. Aber dass *er* die Sondierungen in der Bucht von Mosoril vorgenommen habe (S. 24), sagt er nicht; nur dass er bei der Einfahrt auf der «Berrio» war, erfahren wir von ihm; und die Wendung «*wir* fanden Grund» (S. 3 und 106) braucht nicht *notwendig* auf persönliche Beteiligung bezogen zu werden, wenn eine solche auch wahrscheinlicher ist. Im übrigen ist gerade João de Sá, worauf die Herausgeber selbst aufmerksam machen, anscheinend auch Seemann gewesen; denn nach der Verbrennung der «Rafael» mit Paulo da Gama wohl auf die «Gabriel» übernommen, ist er auf der Kapverden-Insel Santiago während der Heimfahrt von Vasco da Gama mit der Führung des leckgewordenen und ausbesserungsbedürftigen Schiffes betraut worden, als dieser sich entschloss auf einer gecharterten Karavelle seinen todkranken Bruder so rasch wie möglich nach Portugal zu bringen. Stil und Erzählungsart, wenden sie sodann gegen die Autorschaft des João de Sá ein, scheinen auf eine niedere Stellung des Verfassers hinzudeuten. Ein unsicherer Beweisgrund, wie so manche

[1] Vgl. José Machado, *Alvaro de Braga. Reflexões ao snr. Pereira Caldas*, Braga 1900, S. 76. Das Schriftchen ist mir erst nach Abschluss meines Manuskriptes durch Herrn Professor Dr. Luciano Pereira da Silva bekannt und zugänglich geworden. Dass ich völlig unabhängig von Machados Arbeit zu dem gleichen Ergebnis gekommen bin, ist mir ein Beweis für die Richtigkeit desselben.

der in der Akademie-Ausgabe der *Cartas de Affonso de Albuquerque* oder in *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo* abgedruckten Schriftstücke von Männern höheren Standes zeigen. Eines freilich spricht, wenn es als sicher bezeugt angesehen werden darf, gegen João de Sá: Köpke («Roteiro», S. XXVIII) weist auf die von Castanheda, l. I, c. 16 über ihn mitgeteilte kleine Geschichte hin, die zeigt, dass der Schreiber der «Rafael» von dem Christentum der Inder nicht so ganz überzeugt war, an dem unserem Autor ein Zweifel anscheinend nicht gekommen ist. Als João de Sá nämlich in dem brahmanischen Tempel in Calicut die vielarmigen, langgezähnten, scheusslichen Götzenbilder sah, die dem Verfasser des «Roteiro» als Heilige, in fremdartiger Bildung freilich, erschienen, da wandte er sich, auf den Knieen liegend, zu Vasco da Gama und sagte leise zu ihm: «Wenn das da Teufel sind, so bete ich hier zu dem wahren Gott». Unbedingt möchte ich wegen des anekdotenhaften Charakters auch auf dies Argument nicht bauen und so schiene mir die Autorschaft des Schreibers der «Rafael» nicht von vorneherein ausgeschlossen, wenn auch ohne jeden positiven Anhaltspunkt. Ebensowenig wäre aber auch die eines einfachen Seemanns unmöglich: aus der Schreibstube und ihren engen Wänden hat damals so gut wie heute und in Portugal so gut wie anderswo die Abenteuerlust und der Tatendrang so manchen auf die See hinausgetrieben, der eine etwas bessere Bildung ins Leben mitbekommen hatte.

Seinen Namen nennt der Autor des «Roteiro» nicht, wie er seine Person überall bescheiden im Hintergrunde hält; bisweilen aber spricht er in der ersten Person von sich, so S. 6:[1] «ich tauschte mir da für einen Pfennig eine Scheide ein, die einer von ihnen (den Buschmännern) an seinem Geschlechtsteil trug», und S. 24 in der oben zitierten Stelle:[2] «und ich war dort bei ihm» (Nicolao Coelho). Was wir ausser solchen Kleinigkeiten von ihm erfahren, ist (S. 54), dass er zu den auserwählten 13 oder nach Castanheda (l. I, c. 16) 12 Leuten gehörte, die Vasco da Gama gelegentlich der Audienzen beim Samorin von Calicut mit an Land nahm. Aus dieser Tatsache haben die Herausgeber des «Roteiro» durch Vergleich seiner Darstellung der kritischen ersten Tage an Land mit der des Castanheda, der hier noch eine andere Quelle als unseren Bericht vor Augen gehabt haben muss, seinen Namen zu ermitteln gesucht. Sie schliessen S. XXV-XXXI folgendermassen: Castanheda nennt von den Beglei-

[1] onde eu rresgatey huuma baynha que huum delles trazia em sua natura per huum ceitill.

[2] e eu era alii com elle.

tern des Vasco da Gama in Calicut 1. dessen Schreiber Diogo Dias, 2. Fernão Martins, den Dolmetscher für Arabisch, 3. den Haushofmeister (veador) des Vasco da Gama, dessen Name nicht genannt wird, 4. João de Sá, späteren Schatzmeister des Indienhauses, 5. einen Seemann namens Gonçalo Pires, der in Gamas Haus aufgezogen war (que fora de sua criação), 6. «einen gewissen Alvaro Velho» und 7. Alvaro de Braga, der nachher Schreiber des Zollamtes in Porto war. Nun steht durch die fast wörtliche Übereinstimmung beider Darstellungen fest, dass für Castanhedas Schilderung der Entdeckungsfahrt unser «Roteiro» die Grundlage gewesen ist, wenn der Chronist auch in Einzelheiten noch aus anderer Quelle geschöpft haben muss. Da Castanheda schon ein Menschenalter nach der Entdeckung das Material für sein Werk in Indien zu sammeln begonnen und hier wie später in Portugal eine seltene Sorgfalt daran gewandt hat die Wahrheit der Tatsachen möglichst vollständig zu ergründen, so ist die Annahme wohl gestattet, dass er von dem Autor unseres «Roteiro» den Namen wusste; und da derselbe nach seinem eigenen Bericht zu dem Gefolge des Vasco da Gama bei dessen Besuch in Calicut gehörte, so wird er unter den von Castanheda bei dieser Gelegenheit Genannten schwerlich übergangen sein. Nun schliesst aber die Erzählung des «Roteiro» ohne weiteres aus, dass sein Verfasser Diogo Dias sein könnte oder Fernão Martins oder der Haushofmeister des Vasco da Gama oder Alvaro de Braga. Die Gründe, die Köpke zur Ausschliessung auch des João de Sá geführt haben, sind oben bereits dargelegt. Es blieben also von den sieben nur noch Gonçalo Pires und Alvaro Velho. Sollte der erstgenannte mit dem Gewährsmann des Lissaboner Buchdruckers Valentin Ferdinand für dessen Beschreibung der Inseln São Thomé und Anno bom identisch sein (s. u.), so könnte man an sich recht wohl an ihn denken; denn Valentin Ferdinand bezeichnet ihn als einen Seemann, der nach São Thomé und andern Inseln oftmals gefahren war, einen reifen und glaubwürdigen Mann; aber die Erzählung des «Roteiro» zwingt auch ihn ausser Betracht zu lassen. Setzt man nämlich die Stellen, an denen bei Castanheda von Gonçalo Pires die Rede ist, nebeneinander und vergleicht damit die Darstellung unseres Berichtes, so ergibt sich klar, dass der Autor des «Roteiro» diesen von seiner Person trennt[1]. Als Verfasser unseres Reiseberichtes kann danach, wenn wir von João de Sá absehen, nur Alvaro Velho in Betracht kommen. Klar ist — und das betonen auch die Herausgeber — dass

[1] Den Nachweis im einzelnen s. im «Roteiro», S. XXIX f. und bei Hümmerich, *Vasco da Gama*, S. 127 f.

diese Kette von Schlussfolgerungen lediglich unter zwei Voraussetzungen zutrifft: erstens muss Castanheda den Namen unseres Autors gewusst und genannt haben — denn andernfalls könnte er auch unter den fünf oder sechs ungenannten Begleitern Gamas zu suchen sein — und zweitens muss der Chronist über die Einzelheiten dieser Tage noch aus anderer Quelle gut unterrichtet und in der Wiedergabe der Ereignisse ebenso gewissenhaft wie sonst im allgemeinen gewesen sein.

3. Der Verfasser des «Roteiro» Gewährsmann Valentin Ferdinands?

«Hum Alvaro Velho», «ein gewisser Alvaro der Alte» — mehr sagt Castanheda von dem vermuteten Autor des «Roteiro» nicht; Näheres über seine Person scheint er nicht gewusst zu haben. Auch Goes [1] nennt nur den Namen. Nun weist schon Georg Ravenstein in der englischen Ausgabe des «Roteiro» darauf hin [2], dass der Deutsche Valentin Ferdinand (Valentim Fernandes), einer der frühesten Buchdrucker in Portugal, in seiner Beschreibung der Westküste Afrikas als Gewährsmann wiederholt einen Alvaro Velho von Barreiro erwähnt, der acht Jahre an der Sierra Leone-Küste gelebt hatte. Sollte er mit dem unseren identisch sein? Ein unmittelbares Zeugnis dafür fehlt zwar, vielleicht wird man aber den folgenden Erwägungen ein gewisses Mass von Wahrscheinlichkeit zuerkennen.

Auf S. 48 f. des «Roteiro» findet sich mit Beziehung auf das ostafrikanische Melinde, die Araberstadt, in der die Entdecker freundliche Aufnahme und einen Lotsen gefunden hatten, der folgende Satz [3]: «Selbige Stadt Milynde liegt an einer Bucht und ist längs eines Strandes angelegt; und die Stadt lässt sich mit Alcouchete vergleichen». Das hier genannte portugiesische Städtchen liegt am Ostufer der Bucht von Lissabon und ist ein unbedeutender Ort. Unwillkürlich kommt man auf den Gedanken, dass irgend eine persönliche Beziehung des Autors zu Alcochete ihm den Vergleich nahegelegt hat, und nun sehen wir, dass jener von Valentin Ferdinand erwähnte Alvaro Velho aus Barreiro stammt, einem Orte, der etwa 7 km in südöstlicher Richtung entfernt Lissabon gegenüber am Südufer der gleichen Bucht liegt, etwa 14 km südwestlich von Alcochete. Sollte wirklich

---

[1] *Chronica do ... rey D. Emanuel*, Coimbra, 1790, Bd. I, c. XXXIX (S. 90).

[2] *A journal of the first voyage of Vasco da Gama*, London, 1898, S. 178.

[3] Esta villa de Milynde está em huma angra e está assemtada ao lomguo de huma praya, a quall villa se quer pareçer com Alcouchete.

hier blosser Zufall walten? Es wäre doch ein seltsames Zusammentreffen, wenn jene beiden Alvaro Velho nicht die gleiche Person wären, wo der eine aus Barreiro stammt, der andere sich in Melinde an das dem Heimatstädtchen des ersten unmittelbar benachbarte Alcochete erinnert fühlt, wenn sich zwischen dem aus völlig anderen Erwägungen heraus als Verfasser des «Roteiro» erschlossenen Begleiter Gamas und dem Gewährsmann Valentin Ferdinands nur ganz von ungefähr ausser dem gleichen Namen auch noch diese Beziehung ergäbe. Hier haben wir, was bei João de Sá fehlt, einen nicht unbedingt beweisenden, aber immerhin bemerkenswerten positiven Anhaltspunkt.

Die Handschrift, in der uns Valentin Ferdinands Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Afrika (und Indien) erhalten ist und die als Cod. Hisp. 27 heute zu den Kostbarkeiten des Handschriftenbestandes der Bayerischen Staatsbibliothek in München gehört, stammt aus dem Nachlass des Augsburger Humanisten Konrad Peutinger. Mit den Welsern verwandt, stand dieser vielseitig gebildete Mann, seitdem die Handelsbeziehungen der grossen Augsburger Kaufherren zu Portugal angeknüpft worden waren (1503), mit Valentin Ferdinand in Verbindung. Die Handschrift ist zum weitaus grössten Teil in den Jahren 1506 und 1507 entstanden; nur ein loses Blatt berichtet ein Ereignis des Jahres 1508 und zu den laut Überschrift im Dezember 1506 aufgezeichneten mündlichen Mitteilungen des Gonçalo Pires über die Insel S. Thomé ist von Valentin Ferdinand im Jahr 1510 noch ein Nachtrag gemacht worden; denn auf f. 203^{r} oben rechts ist diese Jahreszahl von seiner Hand eingetragen [1]. Die Niederschrift umfasst einerseits

---

[1] Der Inhalt bestätigt, was die Jahreszahl vermuten lässt. Auf f. 200^{v} heisst es nämlich: «Ho capitam do anno presente fernam do (sic) mello tem huum lagarto muy grande e muy temeroso»; f. 204^{v} aber liest man: «Ho capitam fernam de mello fidalgo tem molher e filhos em a ylha E seriam (sic) capitam ja dez annos. E he sua de jurdiçam». Zehn Jahre also war Fernando de Mello schon ungefähr Gouverneur von S. Thomé, als Valentin Ferdinand diese Sätze, oder mindestens, als er den zweiten davon schrieb. Nun ist, wie Herr Pedro de Azevedo mir auf Befragen gütigst mitteilte, die Urkunde D. Manuels in der Torre do Tombo, durch die an Fernando de Mello die capitania da ilha de S. Tomé vergabt wird (*Chancelaria de D. Manoel*, liv. 13, fl. 16), vom 11. Dezember 1499 datiert, und am 15. des gleichen Monats und Jahres hat er (*ebd.* liv. 13, fl. 16^{v}) die alcaidaria mor der Insel erhalten; eine weitere Urkunde aber (*Chancelaria de D. João III*, liv. 51, fl. 24) vom 26. November 1521 zeigt, dass er damals, Ende 1521, noch immer Gouverneur — die Amtsbezeichnung capitam oder capitam mor ist gleichbedeutend mit der Bezeichnung governador — auf der Insel gewesen ist. Im Jahr 1510, das wir auf f. 203^{r} der Handschrift lesen, war er also tatsächlich ungefähr ein Dezennium im Amt.

Materialsammlungen für eine Beschreibung der von den Portugiesen in Afrika und Indien entdeckten Länder, anderseits einzelne auf Grund dieses Materials bereits ausgearbeitete Stücke mit jeweiliger Angabe der Zeit, in der beides zustande gekommen ist. Die Beschreibung der Westgestade Afrikas von Ceuta bis zur Sierra Leone, die uns hier interessiert, ist 1507 abgefasst [1]. Die Quelle, die der Darstellung der Sierra Leone-Küste zu grunde liegt, kennen wir nicht, aber zweimal beruft in Bezug auf Einzelheiten Valentin Ferdinand sich darin, wie gesagt, auf Erlebnisse des Alvaro Velho von Barreiro, der nach f. 140^{r} «einige acht Jahre» dort gewesen war. Wann, wird nicht gesagt. Da nun zwischen der Rückkehr der Gamaschen Schiffe (1499) und der Abfassung von Valentin Ferdinands Beschreibung (1507) acht Jahre liegen, so kann man ebensowohl an die Zeit nach als vor der ersten Indienfahrt ums Kap denken. Die Entdeckung der Sierra Leone-Küste durch Pedro de Cintra fällt in die rund zwei Jahre zwischen dem Tode des Infanten Heinrich des Seefahrers am 13. November 1460 und Ca da Mostos Abreise aus Portugal am 1. Februar 1463 [2]; in den Zeitraum von 1463–1497 oder den von 1499–1507 müsste somit der Aufenthalt Alvaro Velhos in Afrika gesetzt werden, wenn man nicht die nach dem Wortlaut wenig wahrscheinliche Auffassung zulassen will, dass auch ein achtjähriger Aufenthalt mit Zwischenräumen gemeint sein könne. In welcher Eigenschaft er dort gewesen ist, sagt Valentin Ferdinand nicht. Kunstmann [3] vermutet, dass er an einer Reise nach der Serra Leoa beteiligt gewesen sei, die, zeitlich nicht bestimmbar, nach der des Pedro de Cintra stattgefunden und ihre Spuren in Valentin Ferdinands Beschreibung dieser Küste hinterlassen habe; denn deren Ortsnamen seien von den bei Ca da Mosto überlieferten grossenteils verschieden; Alvaro Velho sei dann als Handelsagent (feitor) dort geblieben. Die Hauptquelle wäre also nach Kunstmanns Ansicht ein von unbekannter Hand stammender schriftlicher Reisebericht gewesen und Alvaro Velho hätte denselben durch mündliche Mitteilungen ergänzt. Diese Auffassung scheint mir einer Nachprüfung an der Hand des Textes zu bedürfen.

---

[1] Kunstmann, *Abhandlungen der Bayer. Akad. der Wissensch.*, III. Kl., VIII. Bd., I. Abt. (München 1856), S. 13 f.

[2] *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 73 und 78. Duarte Pacheco, der den Pedro de Cintra noch gekannt hat, sagt allerdings (*Esmeraldo*, l. I, c. 33), dass dieser auf Befehl des Infanten die Serra Leoa-Küste entdeckt habe, also spätestens 1460; doch wird das Irrtum sein.

[3] Kunstmann, *Abh. der Bayer. Akad. der Wissensch.*, III. Kl., IX. Bd., 1. Abt. (München 1861), S. 126.

Die Beschreibung der Serra Leoa-Küste füllt in der gebundenen Handschrift f. 128r–140r und wird ergänzt durch zwei der zahlreichen lose eingelegten Blätter, f. 348r und v und 349r, in denen Notizen enthalten sind, die dem Inhalte nach vor dem ersten Satz von f. 128r einzuschieben sind, also ungefähr da, wo Kunstmann f. 349r — denn f. 348r und v ist von ihm als zugehörig anscheinend nicht erkannt oder übersehen worden — in seinem ausführlichen Exzerpt [1] eingesetzt hat. Ich gebe weiter unten den, soviel mir bekannt, bisher nicht veröffentlichten Text dieses und der unmittelbar vorausgehenden Teile der Handschrift unter Wahrung der orthographischen Eigentümlichkeiten und Unregelmässigkeiten des Originals wieder.

Auf eine Entdeckungsfahrt weisen in Valentin Ferdinands Beschreibung der Serra Leoa-Küste nur wenige Stellen, und diese stehen sämtlich auf zwei lose beiliegenden Blättern (f. 348v und 349r), von denen das erste eine in dem gebundenen Teile der Handschrift deutlich fühlbare Lücke ausfüllt und zweifellos zur Einfügung in den zusammenhängenden Text bestimmt war. Blatt 127v führt dort nämlich die Beschreibung der Westküste Afrikas bis zum Cabo de Sagres und den Ilhas dos Idolos, f. 128r aber beginnt nach der kurzen zusammenfassenden Bemerkung, dass man als Serra Leoa gewöhnlich das ganze Gebiet von der genannten Inselgruppe bis zum Cabo do monte bezeichne, eine Schilderung der Sitten der dort wohnenden Negerstämme, die bis zum Schluss des Ganzen reicht und in der von einer Küstenbeschreibung völlig abgesehen ist; Namen von Küstenpunkten enthält sie fast gar nicht, nur beiläufig wird Cabo Ledo, das Löwengebirge und der Rio das palmas genannt. Hier treten nun ergänzend f. 348 r und v und f. 349r ein. Die auf die Entdeckung des Serra Leoa-Gebietes hinweisenden Stellen sind die folgenden. Blatt 348v: «Alem do cabo roxo faz se como golffo / e alem delle esta o ryo de sancta maria achado dia de Senhora nossa das neves»; «C(abo) de S. anna / achado no seu dia»; «Ryo dos ryos E esto quando o virom nom virom al em aquella costa se nom ryos que vinha(m) da terra fir(me) /». In der rechten unteren Ecke steht noch: C(abo) do monte, und f. 349r schliesst daran lückenlos an: «Cabo do monte tem huum monte sobre ho cabo e por ysso he chamado assi / Cabo cortes cabo pequeno e no alto tambem se mostra nelle huum monte / E a primeyra noyte quando chegarom hy virom muytos fogos por causa dos navios christãos que jamais aviam vistos / Quatro legoas alem esta huma mata de grandes arvores e muytas que cheguam ate o mar / os que o descubrirom ancorarom / e lhes vierom .3. alma-

[1] a. a. O., IX. Bd., I. Abt. (München 1861), S. 127–142.

dias para as caravellas cada huma com 3 homens nuus(.) delles traziam paos agudos como azagayas e delles agomias curtas / e arcos com frechas ervadas com duas adargas redondas E traziam as orelhas furadas e delles os narizes / e nom os entenderom as linguas / E entrarom 3. em huma caravella / e os portuguezes prenderom huum delles / E esto lhes foy mandado delrey de portugal que da ultima terra que descubrissem que os nom podessem entender que por força ou grado trouvessem alguum delles para portugal para aprender a lingoa». Darunter steht: «Esto foy anno de Christo .1463».

Für den gesamten Inhalt der zwei Blätter ist nun die Quelle ohne weiteres nachweisbar: er stammt aus Ca da Mostos Bericht über die Fahrt des Pedro de Cintra. Ich gebe die den oben angeführten Stellen der Valentin Ferdinand-Handschrift entsprechenden Teile dieses Reiseberichtes in der portugiesischen Übersetzung, die der zweite Band der *Collecção de Noticias* auf S. 73–78 bietet. Auf S. 76 lesen wir dort: «e passado este cabo (roxo — der Übersetzer gibt das italienische «rosso» mit «vermelho» wieder) faz-se a modo de hum golfo, dentro do qual desemboca hum rio grande, a que pozerão o nome de Santa Maria das Neves, porque neste dia he que foi descoberto»; Valentin Ferdinand hat lediglich das italienische «nella sacca (= curvatura) delquale» («dentro do qual») ungenau mit «alem delle» übersetzt. Der zweiten Stelle unserer Handschrift entspricht bei Ca da Mosto (a. a. O., S. 76 f.) der Satz: «e alem della (nämlich der ilha dos bancos) ha hum Cabo grande a que appellidarão de Santa Anna, porque neste dia foi descoberto»; in der dritten ist Valentin Ferdinand ein Missverständnis, vermutlich infolge flüchtiger Arbeit, untergelaufen: statt «Rio de fumi» hat er «Rio de fiumi» gelesen und so aus einem «Rio dos fumos» einen «Ryo dos ryos» gemacht. Die Stelle lautet in der *Collecção de Noticias*, S. 77: «e passando daqui (d. h. von dem Rio das palmas), obra de setenta milhas adiante, se acha outro rio pequeno, a que pozerão o nome de rio dos Fumos, e isto porque quando o descobrirão, por toda aquella costa não se via outra cousa em terra senão fumos, que faziam os naturaes do paiz». Blatt 349^{r} beruht auf dem folgenden Abschnitte des Ca da Mostoschen Berichtes (a. a. O., S. 77 f.): «Mais além vinte e quatro milhas pela praia se acha hum Cabo, que se encrava muito pelo mar, e sobre elle apparece hum monte alto; e assim lhe chamárão o Cabo do monte. Ao diante, continuando pela praia cousa de sessenta milhas, se acha outro Cabo pequeno e baixo; o qual mostra ter em cima hum pequeno monte, e a este pozerão o nome de Cabo cortez, ou mizurado: aqui virão muitos fogos naquella primeira noute, tanto em cima das arvores como pela praia, feitos pelos Negros quando

houveram vista dos nossos Navios, nunca até então por elles conhecidos. Continuando a navegar dezaseis milhas junto á praia, ha hum bosque grande com muitas arvores verdissimas, que se estendem até ao mar, ao qual derão o nome de bosque ou arvoredo de Santa Maria, e por traz delle surgirão as Caravellas; ás quaes vierão algumas pequenas almadias de Negros com dous ou tres homens cada huma, todos nús. Trazião elles nas mãos páos aguçados na ponta, que parecião huma especie de dardos, e alguns estavão armados de huns cutellos pequenos, tendo todos duas adargas de couro com tres arcos; e assim vieram ás Caravellas. As suas orelhas erão todas furadas ao redor; e igualmente o nariz da banda debaixo; e alguns tinhão ao pescoço humas enfiadas de dentes que parecião de homem. Os Negros que estavam nas Caravellas fallárão-lhes diversas lingoas; mas nunca lhes entenderão huma só palavra, nem nós a elles cousa alguma. Tres destes Negros entrárão em huma das Caravellas, e destes tres retiverão hum os Portuguezes, e deixárão hir os outros; e isto para cumprir com a ordem d'El Rei, que lhes determinou, que na ultima terra aonde chegassem, não querendo passar mais avante, se por ventura os seus turcimães não fossem entendidos da gente della, tratassem de lhe trazer ou por bem ou por mal alguns dos Negros daquelle paiz, para poder fazer nelles averiguações por via dos muitos Interpretes Negros que se achão em Portugal; ou mesmo para pelo tempo adiante aprenderem elles a fallar Portuguez; e assim darem noticia dos seus paizes». Der Schluss des italienischen Berichtes über die Fahrt des Pedro de Cintra sagt, dass bis zu der Abreise Ca da Mostos von Spanien, d. h. von der Iberischen Halbinsel, am 1. Februar 1463, kein Schiff an der Westküste Afrikas über den südlichsten von Pedro de Cintra erreichten Punkt hinausgekommen war. Auf diese Angabe mag die irrtümliche Bemerkung Valentin Ferdinands zurückgehen, dass die von Ca da Mosto beschriebene Reise in das Jahr 1463 falle: «Esto foy anno de Christo 1463». Wie der deutsche Buchdrucker die *zwei ersten* Entdeckungsberichte Ca da Mostos für seine Beschreibung der Westküste von Afrika vielfach benutzt hat, so ist klar, dass die losen Blätter 348 und 349 aus dem *dritten* derselben von ihm ausgezogen worden sind. Die drei Reisebeschreibungen des Italieners haben Valentin Ferdinand in einem handschriftlichen Text vorgelegen, da ihre erste Druckausgabe die in den «Paesi novamente retrovati», Vicenza 1507, ist und die letzteren erst Anfang November dieses Jahres die Presse verlassen haben [1]. Möglich, dass

[1] Kunstmann a. a. O., VIII. Bd., III. Abt., S. 785 f.

der Irrtum bezüglich des Rio dos Fumos bereits in dieser handschriftlichen Vorlage stand.

Wenn alles, was die Entdeckung der Serra Leoa-Küste betrifft, ebenso wie fast alle Namen der Vorgebirge, Buchten und Flussmündungen südlich vom Rio Grande sich auf Ca da Mostos dritten Reisebericht gründet, so muss doch einzelnes auch davon auf eine andere Quelle zurückgehen. Die Gruppe der Bissagos-Inseln kommt unter dem Namen ilhas de buam in unserer Handschrift vor, dem der des heutigen Boulam entsprechen wird. Der Gewährsmann des Venezianers für die Fahrt des Pedro de Cintra nennt 40 Miglien (10 Leguas) jenseits der Mündung des Rio Grande, offenbar der meerbusenartig erweiterten Mündung des heutigen Rio Geba, einen *Rio* de Bessegue [1], vermutlich das Ästuar, das heute Rio Grande heisst; Valentin Ferdinand sagt, dass drei Leguas von der Mündung des Flusses von Buguba eine bewohnte *Insel* Byxegue liege. Der Name is der gleiche, er bezeichnet aber bei beiden verschiedene Dinge. Wenn mit Buguba der moderne Name Boubah zusammenhängen sollte, dürfte man in dem Flusse von Buguba wohl das genannte Ästuar sehen. Nach Alvares d'Almada [2] gehören sowohl Biguba wie Bissegue—so lauten bei ihm die beiden Namen—den Biafaren; Biguba lag nach seiner Angabe innerhalb des Rio Grande an der Nordseite des Flusses, Bissegue war ein Land an dessen südlichem Ufer, dessen Bewohner im Inneren an die Naluns grenzten. Die Ilhas dos Idolos kennt Valentin Ferdinand unter diesem Namen und in der Zahl von drei, während bei Ca da Mosto kein Name genannt und nur zwei erwähnt werden. Zwischen dem Rio Grande aber und Cabo do monte bietet unsere Handschrift ausser den bei dem Venezianer nicht vorkommenden Völkernamen der Çapijs, der Beaffares, Chocholys, Bolões und Temynis eine Reihe von Ortschaften und Flüssen, die Ca da Mosto nicht hat, gar nicht zu reden von den sonstigen Nachrichten über Sitte und Brauch der Neger dieser Gebiete, die nicht auf die Beschreibung der Reise des Pedro de Cintra zurückgeführt werden können. Wo es sich nur um Namen handelt, wie bei dem ryo de pichel, ryo de cristal, ryo de fary, ryo das pedras, ryo seco, könnte man an Herkunft aus einer Seekarte denken [3],

[1] a. a. O., S. 74, Besegue in *Paesi novamente retrovati*, l. II, c. XLVIII und bei Ramusio, *Navigationi et Viaggi*, Venezia 1550, Bd. I, f. 120r.

[2] *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo-Verde*, Porto, 1841, S. 64 f. Vgl. auch Pimentel, *Arte de Navegar*, Lisboa, 1712, S. 240.

[3] Dass Valentin Ferdinand solche benutzt hat, sagt eines der lose Blätter seiner Handschrift (f. 350), das vorläufige Studien über die Inselgruppe des Golfs von Guinea enthält: «Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear com seus ylheos».

für das übrige aber muss zweifellos Buchquelle angenommen werden, sei es eine oder mehrere.

Kunstmann hält diese Nachrichten, wie gesagt, für das Ergebnis einer Reise, die nach der des Pedro de Cintra, d. h. später als etwa 1462, nach der Serra Leoa-Küste unternommen worden sei, zeitlich aber nicht genauer festgelegt werden könne; an dieser Reise sei Alvaro Velho beteiligt gewesen und als Faktor im Lande zurückgeblieben, worauf sein ungefähr achtjähriger Aufenthalt daselbst hinweise [1]. Valentin Ferdinand habe einen schriftlichen Bericht über diese Erkundungsfahrt vor sich gehabt und dessen Darstellung nach mündlichen Mitteilungen des Alvaro Velho vervollständigt. Für den Verfasser des Reiseberichtes, den Kunstmann als Quelle Valentin Ferdinands voraussetzt, will er also den Alvaro Velho offenbar nicht gehalten wissen, dagegen hat er in ihm allem Anscheine nach den Gewährsmann für die Schilderung gesehen, die die Münchener Handschrift von dem Götzendienste der Bolões und Temynis gibt; denn von dieser sagt er in unmittelbarem Anschluss an die Erwähnung von Alvaro Velhos etwa achtjährigem Aufenthalt im Lande, sie könne nur aus der Anschauung eines Augenzeugen entstanden sein — eine zweifellos richtige Beobachtung. Danach wäre aber schon ein ganz erklecklicher Teil des Berichtes über die Serra Leoa-Küste auf Alvaro Velho zurückzuführen (f. 129^{v}, 130$^{r\ und\ v}$, 131$^{r\ und\ v}$, 139$^{r\ und\ v}$, 140^{r}). Und was von den Nachrichten über diesen Götzendienst gilt, sollte das nicht auf die Schilderung des Bestattungsbräuche (f. 132$^{r\ und\ v}$ und 133^{r}), die Mitteilungen über Ehe und Erbrecht (f. 133^{v}), Strafrechtspflege (f. 135^{v}) und anderes genau ebenso zutreffen? Setzt das nicht alles längere Beobachtung voraus, als sie auf einer Erkundungsfahrt längs der Küste möglich gewesen wäre, die zu ganz anderen Zwecken unternommen war als zu ethnographischen Forschungen?

Und weiter — wenn ein Reisebericht hier der Darstellung Valentin Ferdinands zu grunde läge, müsste man nicht erwarten, dass wenigstens an einer oder der anderen Stelle auf ein Ereignis derselben, auf ein Erlebnis des Berichterstatters Bezug genommen wäre? Mögen immerhin Valentin Ferdinand vor allem die ethnographischen Verhältnisse interessiert haben — dass er die Tatsachen des von Kunstmann vorausgesetzten Entdeckungsberichtes bis auf die letzte Spur getilgt haben würde, ist höchst unwahrscheinlich. Wenn er bei der zweimaligen Erwähnung des Alvaro Velho aus der Schilderung des Zuständlichen völlig unvermittelt in die Erzählung übergeht (f. 129^{v} und 140^{r}), so wäre das, um gelegentlich dies oder jenes charakteri-

[1] a. a. O., IX. Bd., I. Abt. (München 1861), S. 125 f.

stische Erlebnis der Entdecker einzufügen hier wohl ebenso geschehen wie f. 348 und 349 bezüglich der Fahrt des Pedro de Cintra; oder er hätte wie an anderen Stellen seiner Beschreibung der Westküste Afrikas einleitend gesagt, von wem und wann die genauere Erforschung dieses Küstenstriches durchgeführt worden war. Als Beispiel einer derartigen Erwähnung an anderem Orte mag die Stelle auf dem eingeklebten Blatt 104$^{r\ und\ v}$ dienen, wo vom Gambia erzählt wird, er sei im Jahre 1455 durch einen Diener des Infanten entdeckt worden, den zwei Kaufleute, ein Genuese Antoniotto und ein Venezianer Luis de Mosto, jeder auf eigener Karavelle, begleitet hätten. Es wird nach Ca da Mosto ihr feindlicher Zusammenstoss mit Negern und dann der zweite Besuch im Jahre 1456 und die Anknüpfung freundlicher Beziehungen mit dem Batimansa 15 Leguas flussaufwärts berichtet und der Name der Flussinsel Santo André erklärt, auf der ein zu dem kleinen Geschwader gehöriger Seemann mit Namen André sein Grab gefunden hatte [1]. Um aber die Herkunft der bei Ca da Mosto nicht vorkommenden Ortsnamen in der 1507 abgeschlossenen Länderbeschreibung des Lissaboner Buchdruckers zu erklären braucht man doch nicht einen jahrzehntealten Entdeckungsbericht zu konstruieren: dass er für die Gegend etwa vom Gambia südwärts über eine Quelle neuesten Datums verfügte, zeigen die Angaben über die grausame Justiz des Mansa Falup, des gefürchteten Negerkönigs im Casamansa-Gebiet, von der ein paar Fälle aus dem Jahr 1500 erzählt werden. Stammen dieselben aus einer schriftlichen Quelle, so kann diese erst nach 1500 entstanden sein; dass sie aber auf mündlichen Mitteilungen beruhten, dafür fehlt jeder Anhaltspunkt.

Von zwei Stücken seiner Handschrift, die er auf solche gegründet hat, sagt Valentin Ferdinand das ausdrücklich: erstens von den Nachrichten über die Insel Arguim und das benachbarte Festland, zweitens von seinen Aufzeichnungen über die Inseln São Thomé und Anno bom. Im ersten Falle lautet die Überschrift (f. 64): «De arguym ylha e seu castello e trauto e da terra firme della e deserto della e da cidade de oaden e do sal e outros lugares e das gentes destas terras e desertos, e animalias e aves e hervas e arvores E assy das (sic) custumes da gente della Escrita por mym valentym ffernandez em tomar estando elrey alli anno de 1506 aos 18 de Junho *de palavra de Joham rodriguez* reposteyro do dito Senhor que por aquellas terras foy enviado delrey D. Joham ho segundo no anno de 1493 e naquelle tempo esteve la dous annos / E despois foy la por muytas vezes». Im zweiten Fall heisst es einleitend: «Ho seguinte

[1] Vgl. *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 53 ff. und S. 62.

escrevi eu valentym fernandez alemam de gonçalo piriz marinheyro que foy a esta e outras ylhas / muytas vezes / homem maduro e de credito [1] anno de 1506 / no Dezembro». Die Stelle kann nicht wohl anders als von mündlichen Mitteilungen verstanden werden; wenigstens drückt sich Valentin Ferdinand, wo er nach eigener Angabe einen schriftlichen Bericht über die Reise des Vizekönigs D. Francisco d'Almeida 1505 und über die Heimkehr der ersten Gewürzschiffe seiner Flotte (Mai 1506) wiedergibt, anders aus: «Do Viagem de dom francisco dalmeyda primeyro visorey de India E este quaderno foy *trelladado* da nao sam raffael» u. s. w. lesen wir f. 2r; f. 3r heisst es: «Viagem e cousas de dom francisco viso rey de India *escrito* na nao sam raffael do porto / capitam fernam suares»; und seinen Auszug aus der Chronik des Gomes Eannes de Azurara schliesst er mit den Worten: «Deus seja louvado. Anno de 1506 aos 14 dias de novembro acabey aqui de escrever e *trelladar* esta historia de guynee — valentym fernandez alemam». Zu allem Überfluss aber sagt er f. 201v in der Beschreibung der Insel S. Thomé: «*disse me* gonçalo piriz marinheyro que aqui tomaram huum peixe feo com grandes dentes» u. s. w. Das ist unzweideutig und schliesst jeden Zweifel an der Aufzeichnung nach mündlichem Bericht aus.

Dass *Alvaro Velho* ihm mündliche Mitteilungen über die Serra Leoa-Küste gemacht habe, wie Kunstmann annimmt, sagt nun Valentin Ferdinand an keiner Stelle; und doch müsste, wenn die Ansicht des um unsere Handschrift so verdienten Gelehrten richtig wäre, ein beträchtlicher Teil der Nachrichten über diesen Küstenstrich auf solche zurückgehen. Sollten etwa, wie der von ihm vermutete Entdekkungsbericht, sich bei näherem Zusehen auch diese mündlichen Mitteilungen als Täuschung oder mindestens als unerweisbar herausstellen?

Zweimal wird Alvaro Velho in der Handschrift genannt, das erstemal f. 129v: «Alle Dörfer der Serra Lyoa», heisst es dort, «haben *einen* Glauben und sie sind Götzenanbeter. Und sie glauben, dass die Götzen ihnen beistehen und ihnen helfen können in ihren Nöten. Und sie haben viele Götzen, aber jedes Dorf hat einen allen gemeinsamen Götzen, den sie Cru nennen.

Dieser Cru ist ein einzelner sehr alter Baum, der bei ihnen Manipeyro heisst und dick und ästig ist. Und es ist ein weiches Holz und hat Dornen. Seine Blätter sind wie die von Olivenbäumen. Und

---

[1] Sollte dieser Seemann nicht mit dem obengenannten gleichnamigen Begleiter des Vasco da Gama bei dem Besuch in Calicut ebenso identisch sein wie die beiden Alvaro Velho es miteinander sein werden?

die Frucht sieht aus wie weisse Pflaumen (almexias). Und diesen Baum sehen sie in allen Dörfern als ihren Gott Cru an. Und ungeachtet dessen, dass es von dieser Art Bäume noch viele andere im Lande gibt, hat doch jedes Dorf einen auserwählten von alter Zeit her, den sie zu ihrem Götzen gehabt haben. Und dieser Baum steht gemeiniglich auf dem Dorfplatz oder nahe beim Hause des Königs. Und tritt der Fall ein, dass von diesen Bäumen einer vertrocknet, so wächst unfehlbar an besagter Stelle ein anderer, neuer aus den Wurzeln hervor, so dass sie ihren Götzen Cru immer an dem gleichen Platz haben wie ihre Vorfahren und jeder sich ihn nur dort erinnern kann.

Alvaro Velho fragte einen alten Neger, warum sie an dies Holz glaubten und nicht an Gott, der Himmel und Erde u. s. w. geschaffen habe. Der Alte antwortete und sagte, dass sie von diesem Gott recht wohl wüssten und an dies Holz glaubten, weil sie wüssten, dass es von oben gesandt sei; und eine andere Antwort gab er nicht.

Einen andern Götzen haben sie, den alle anbeten; er ist aus Ton gemacht. Selbiger ist das Scheusslichste, was man machen kann. Und sie machen ihn mit grossen Zähnen. Und die meisten von ihnen setzen ihm ganze Zähne von Elefanten ein; und er ist gemacht nach dem Bilde der Sonne und heisst Bemthema».

Die zweite Stelle, an der Alvaro Velho genannt wird, steht f. 140r. Jenseits der Serra Leoa gegen den Rio das palmas zu liegt ein Land Hatschinck (nicht Hatschivel, wie Kunstmann las). Dort gibt es, so führt Valentin Ferdinand aus, einen in all diesen Landen verehrten Götzen mit Namen Tschyntschyn (Chinchin). Er steht bei dem Dorfe Catell in einem Wäldchen, hat Menschengestalt und -grösse und einen Speer in der Hand. Gekleidet ist er in buntscheckige, hemdartige Gewänder, trägt eine gelbe und rote Mütze mit Karneolschmuck auf dem Kopf und Goldringe in der Nase und in den Ohren. Zu diesem Götzen wallfahrtet man von weither und bringt ihm Ziegen und Hühner sowie etwas Gold zum Opfer dar. Das Priestertum bei ihm ist erblich in einer Familie mit Namen Tangomãas. Das Blut der Opfertiere lecken grosse in dem Wäldchen hausende Schlangen auf, die Wächter des Heiligtums und der kostbaren Karneole, wie man sagt. Wer ausser dem Priester den geweihten Bezirk betritt, den töten und verzehren sie, so heisst es. «Die Opfer, die die Pilger darzubringen haben, bringen diese z. T. mit, z. T. kaufen sie dieselben im Dorfe für Gold oder Eisen oder für Lebensmittel.

Alvaro Velho von Barreiro, der einige acht Jahre in diesem Lande war, ist zu besagtem Priester gegangen um den obengenannten Götzen Chinchyn und die Schlangen zu sehen. Und er hat ge-

sagt, dass er sich niemals in so grosser Gefahr befunden, aber besagter Priester machte ihm immer wieder Mut und sagte, er solle sich nicht fürchten.

[Mit Abstand auf derselben Seite] Die Menschen in diesem Lande sind Neger, die eine kunstfertige Hand haben, Salzfässer von Elfenbein und Halsbänder herzustellen wissen; und so schnitzen sie, was man ihnen aufzeichnet, in Elfenbein».

Lassen diese Stellen nun wirklich den Schluss zu, dass Alvaro Velho durch mündliche Mitteilungen einen anderen, schriftlichen Bericht ergänzt habe? Zweifellos ist, dass im ersten Fall seine Frage und die Antwort des Negers von dem ganzen Bericht über den Götzen Cru so wenig getrennt werden können wie seine Äusserung im zweiten Fall von den Mitteilungen über den Götzen Chinchin, den heiligen Hain und die Schlangen. Das «disse (Alvaro Velho)», «(Alvaro Velho) hat gesagt» an dieser Stelle (f. 140^{r}) aber kann ebenso gut wie auf eine mündliche Aussage des Gewährsmannes auch so gedeutet werden, dass Alvaro die damit eingeführte Bemerkung in einem schriftlich niedergelegten Bericht über Erlebnisse und Beobachtungen an der Westküste Afrikas gemacht hatte. Das erstere angenommen, würde man, da von persönlichen Mitteilungen des Alvaro Velho vorher nicht die Rede gewesen ist, eher ein «disse *me*» erwarten, wie in der oben angeführten Stelle f. 201^{v} «disse *me* gonçalo piriz marinheyro» und in einer andern, f. 79^{r}, wo es heisst: «disse *me* Joham rodriguez que ouvira dos alarves que dhy a .3oo. legoas avia huma gente que guardava muyto ho domingo. porem todos creyam em maffomede». Wenn es in der Fortsetzung der Mitteilungen über den hässlichen Fisch auf f. 201^{v} der Handschrift zwei Zeilen weiter heisst: «E disse que o navio fera do dito peixe mais de xx dias», das «me» also fehlt — ebenso wie f. 206^{v}: «E dixe gonçalo piriz que vira xv homens cortar em huma arvore sem verem huuns a outros» —, so liegt hier die Sache doch anders: dass es sich dabei um mündliche Übermittelung durch Gonçalo Pires handelt, sagt ja die Überschrift des ganzen Berichtes über S. Thomé. Nicht so in unserem Falle. Der Eindruck, den Kunstmann aus den beiden Alvaro Velho betreffenden Stellen gewonnen hat, ist nur dadurch veranlasst, dass Valentin Ferdinand unvermittelt und stilistisch wenig geschickt aus der Schilderung des Zuständlichen für einen Augenblick in die Erzählung übergeht. Er tut das ohne zu sagen, wer Alvaro Velho war und wie er auf ihn kommt; gerade das scheint mir aber den Schluss nahezulegen, dass für den Schreiber eine natürliche und selbstverständliche Ideenverbindung zwischen seinem Bericht und der Person des Genannten bestand. Trifft diese Auffassung zu und gehen, was mir höchst

wahrscheinlich ist, nicht nur die Angaben über den Cru und Chinchin, sondern auch die Nachrichten über die anderen Götzen, und was sonst oben angeführt wurde, auf Alvaro Velho zurück, dann drängt sich, wie mich dünkt, ein anderer Schluss auf: Alvaro Velho ist der Verfasser jener ganzen schriftlichen Quelle gewesen, auf der Valentin Ferdinands Bericht über die Sierra Leone-Küste beruht.

Es gilt nun den Versuch, zu bestimmen, ob diese Quelle sich auf Darstellung der Küste im angegebenen Umfang beschränkte, und wenn nicht, für welche Teile der westlichen Gestadeländer Afrikas wir in Alvaro Velho den Gewährsmann Valentin Ferdinands vermuten dürfen. Wenn der letztere ganz am Schlusse seiner Beschreibung, nachdem er von dem Götzen Tschyntschyn im Lande Hatschinck jenseits des Leoa-Gebirges gegen den Rio das palmas zu gesprochen hat, von Alvaro Velho aus Barreiro sagt, dass er «in diesem Lande» (nesta terra) einige acht Jahre gewesen war, so ist dabei natürlich nicht nur an die bloss im Vorbeigehen genannte Teillandschaft Hatschinck im Bezirke der Temynis (Timmene) zu denken, wie auch der einzige mit Abstand auf dem Blatte noch folgende Satz, der Schluss der ganzen Beschreibung Westafrikas, der von der Kunstfertigkeit der Bewohner in Elfenbeinschnitzereien spricht, sich offenbar auf das ganze Serra Leoa-Gebiet, nicht bloss auf Hatschinck bezieht. Er ist nur Wiederholung dessen, was f. 136^{r} schon gesagt ist. Alvaro Velhos *Kenntnis* der Negerländer braucht sich darum auch auf *diesen* Teil der Küste noch nicht beschränkt zu haben: er kann recht wohl an der Sierra Leone seinen Sitz gehabt haben, aber etwa als Handelsagent, Kapitän oder Schiffsmeister einer Tauschhandelskaravelle von dort aus weiter herumgekommen sein. Wenn also inhaltliche Kriterien wahrscheinlich machen sollten, dass die Schrift von ihm, der Valentin Ferdinand gefolgt ist, auch noch die nördlich an jenen Küstenstrich angrenzenden Gebiete auf Grund eigener Anschauung behandelte, so wird man die Angabe, dass er länger «in diesem Lande» gewesen war, dagegen sicher nicht geltend machen können.

Um in der vorliegenden Frage zu einigermassen gesicherten Ergebnissen zu kommen wird es nötig sein Valentin Ferdinands Schilderung der verschiedenen westafrikanischen Negerländer und -völker auf Charakter und Herkunft in Kürze zu untersuchen.

Was von den Jolofferstämmen Senegambiens in der Handschrift gesagt wird, stammt nach Kunstmann [1] zum grossen Teil noch aus den Berichten Ca da Mostos, obwohl der Besuch des Venezianers im Lande des Budomel damals gut ein halbes Jahrhundert zurücklag,

[1] a. a. O., Bd. VIII, Abt. III (1860), S. 783 f. und mehrfach sonst.

und aus Gomes Eannes de Zuraras Chronik der Entdeckung und Eroberung der Guinea, deren Entstehung gleichfalls über ein Menschenalter früher anzusetzen ist als Valentin Ferdinands Beschreibung der Negerländer und die er bis zum Grünen Vorgebirge benutzen konnte; er hat selbst einen Auszug aus Zuraras Werk gemacht, der einen Bestandteil der Valentin Ferdinand-Handschrift bildet. Neben diesen beiden hat der deutsche Buchdrucker noch eine oder mehrere andere Quellen für das Gebiet vom Senegal bis zum Gambia gehabt; einer solchen folgt er nach Kunstmann z. B. in seiner Schilderung der staatlichen Verhältnisse des Jolofferreiches, die übrigens für die Gegenwart des Schreibenden auch bereits nicht mehr zutraf. Was die Chroniken aus der Zeit Joãos II. über die nach Mitte des 15. Jahrhunderts dort eingetretenen politischen Veränderungen enthielten, ja sogar das, was er in den Mitteilungen des Diogo Gomes, Schlosshauptmanns von Cintra, an Martin Behaim vorfand, die er mit der Überschrift «De prima inventione Guineae» in seine Handschrift aufgenommen hat, lässt er unberücksichtigt. Aus einer moderneren Quelle als Ca da Mosto und Zurara hat er offenbar auch Teile seiner Küstenbeschreibung vom Cabo Verde bis zum Gambia entnommen: er hat z. B. genauere Kenntnis von der Palmeninsel (Gorée) am Grünen Vorgebirge, von dem durch Diogo d'Azambuja 1481 dort erbauten, strohgedeckten steinernen Kirchlein und den riesigen Affenbrotbäumen, von deren säuerlichem Fruchtmark, noch heute dem wichtigsten Antidysentericum der Senegalneger, er weiss, dass es sehr gut gegen Durchfall ist. In der gleichen Quelle mag er auch einzelnes gefunden haben von dem, was er über Glauben und Zauberbrauch der Joloffer mitteilt; es ist freilich nicht allzuviel.

Ungleich mehr hat er über die Gebiete südlich des Gambia bis zur Sierra Leone zu sagen. Die Entdeckung des Stromes wird zwar auf einem eingeklebten Blatte nach Ca da Mostos Berichten über seine zwei Reisen in den Jahren 1455 und 1456 erzählt und auch sonst ist einzelnes wohl noch aus dieser Quelle geschöpft, aber im ganzen haben wir es bei Valentin Ferdinands Schilderung von Land und Leuten, Pflanzen- und Tierwelt, Klima und Anbau, Siedelung und materieller Kultur, Handelsverhältnissen und -gegenständen, Sitte und Religion dieser Länder mit einer Darstellung zu tun, die jahrzehntelangen Verkehr der Portugiesen mit denselben voraussetzt und deren Zustände um die Zeit der Entstehung unserer Handschrift beschreibt.

Die Kenntnis von Valentin Ferdinands Gewährsmann beschränkt sich dabei nicht auf die Küste; er weiss von dem grossen Mandingokönig, dem Mandimansa im Innern, zu berichten, von den Häuptlin-

gen der vielen Ortschaften von 5000—10000 Einwohnern, die beständig miteinander im Krieg liegen und ihre Gefangenen längs der Küste an die Portugiesen, im Innern an die Araber verkaufen, von ihren Beschäftigungen und iher Herrschgewalt, ihren festlichen Aufzügen und Begräbnissen. Er zählt die Ausfuhrwaren der Mandingogebiete auf: grüne Papageien, etwas Gold, männliche und weibliche Sklaven, Baumwolltücher, Schilfmatten, Leder in geringeren Mengen, Zibeth und Zibethkatzen, nennt als Gegenstände der portugiesischen Einfuhr Armreife von Bronze, kleine Glasware, rotes Tuch, wollene Decken aus dem Alemtejo, Baumwolle, die die Schiffe auf dem schwerlich vor 1460 entdeckten und damals noch unbewohnten Archipel der Kapverden luden — sie muss also zu der Zeit, in der Valentin Ferdinands Quelle entstanden ist, dort bereits in grösserem Massstab angebaut worden sein — und endlich Pferde, deren eines im Tausch gegen 7 Negersklaven gegeben wurde. Von den Mandingo weiss er, dass sie mit ihren Waren weiter als irgendein Negerstamm ins Innere ziehen und von dort bis zu der an der Goldküste 1481 erbauten portugiesischen Feste S. Jorge da Mina kommen.

«Der Casamansa-Fluss», heisst es dann f. 115^{r}, «ist ein Fluss mit lebhaftem Tauschhandel, und die Schiffe fahren auf ihm 18 Leguas hinauf; und dort liegt das Casamansa genannte Land, von dem der Fluss seinen Namen hat; und in diesem Reich wohnt eine aus allen Stämmen, wie Mandingo, Falupen, Balangas u. s. w., gemischte Bevölkerung. Die Bewohner dieses Landes sind gemeinhin alle Weber und sie fertigen Stoffe von vielen Arten und Farben. Und hierher kommen die Christen um ihre Baumwolle gegen Stoffe zu vertauschen. Der König dieses Landes ist von Mandingostamm und so die meisten seines Volkes; und ihr König heisst Casamansa und ist ein grosser Herr, der viel Gold und viel Frauen hat. Im Hause dieses Königs gibt es viel portugiesische Christen, die sich als Kaufleute dort aufhalten und mit diesen Negern Handel treiben».

«Oberhalb dieses Armes (f. 117^{v}) liegt flussaufwärts ein anderer Arm, der nach Süden geht, und Schiffe fahren auf ihm eine Legua weit, weil sie weiter nicht fahren wollen. An diesem Arme dieses Flusses Casamansa wohnt ein Volk oder Stamm, der Falupen heisst... Der König dieses Landes (f. 118^{r}), der gegenwärtige, ist ein Mensch ohne alle Vernunft: und es ist bei ihnen Sitte, dass der Herr des Landes immer ein solcher ist... Wenn dieser König in seinem Hause ist (f. 118^{v}), hat er immer zwei oder drei Wurfspiesse neben sich; und wenn irgend jemand etwas tut, was ihm nicht passt, wirft er einen Speer nach ihm und dann zieht er ihn heraus und steht dabei auf ihm und sagt: «Sei ruhig, rühr' dich nicht, zerbrich mir

meinen Speer nicht!» Und so pflanzt er den Speer in ihn hinein, bis er tot ist. Und wenn irgendein anderer irgendwie seine Unzufriedenheit erregt, lässt er ihm sogleich die Füsse und Hände abhauen... Im Jahre 1500 hatte dieser König Mansa Folup eine Schwester und sie hatte ihm ein wenig Reis gestohlen und der König riss ihr eigenhändig ein Auge aus; und im gleichen Jahr hatten drei seines Geschlechtes in seinem Lande einen Raub begangen. Der König liess ihnen nachsetzen und sie wurden gefangen und er liess sie vor sich bringen: und sogleich, in seiner Gegenwart befahl er, ihnen beide Hände abzuhauen, und jede oberhalb des Ellenbogens, und beide Beine oberhalb des Knies, und beide Augen auszustechen. Und dann liess er ihnen den Kopf abschlagen. Und zu dem allem liess er sie noch unter dem Arm her an einen Pfahl gebunden an den Wegen aufhängen, wo sie ihre Übeltat begangen hatten, mit den Worten: «Die Hände haben das Böse verübt, die Füsse deshalb, weil sie sie zu der Tat wie zur Flucht getragen, die Augen, weil sie's mitangesehen, und der Kopf, weil er so unklug war ihnen nicht zu widersprechen».

«S. Domingos-Fluss (f. 120r). Es ist ein Fluss, den Schiffe 60 Leguas hinauffahren; diesen Fluss nennen sie in ihrer Sprache Jaffada. Die Schiffe, die so weit hinauffahren, tun das um Tauschhandel mit Pferden zu treiben, die sie an einen Herrn verhandeln, der Farimbraço heisst. Und er ist Mandingo und sein ganzes Volk Mandingo. Und es ist ein sehr ungesunder Fluss. Hier gibt es all die Dinge wie im Mandingoland. Flussaufwärts gibt es hier viel Honig und Wachs.

Gleich bei der Einfahrt in diesen Fluss bildet sich ein Ästuar, das gegen Norden verläuft; es heisst Ästuar von Jagara, wegen des Landes, das so heisst. Das Volk in diesem Lande heisst Banhus... Hierher kommen (f. 120r) die Schiffe von den Inseln des Grünen Vorgebirges um ihre Baumwolle für Stoffe zu verhandeln wie in Casamansa. Und es gibt hier ansässige christliche Kaufleute».

Von dem Rio Grande heisst es, dass er viel Untiefen habe, die sich reichlich 6 Leguas ins Meer erstreckten. Auch habe er viele Inseln, einige davon 7 und 8 Leguas vom Land entfernt. «Und diejenigen», heisst es dann weiter (f. 124v), «die diesen Fluss mit Schiffen befahren, nehmen ihren Weg zwischen den Inseln und dem Festlande, das viele Untiefen hat, und sie brauchen einen Lotsen, der sich gut auskennt... Die Portugiesen (f. 125v) bringen dahin Zinn, Matamungo-Perlen[1] und kleine Glasware, Armspangen, Baumwoll-

[1] Die Bedeutung des «matamungo» ist unsicher: es wird bald von Karneol-

stoffe, rotes Tuch. In vergangener Zeit gab man 14 Sklaven für ein Pferd und dann 10 und jetzt 6, 7 und 8. Und ebenso gab man für einen Sklaven 6 und 7 bronzene Armspangen und jetzt 20 und 25».

Alle diese Angaben deuten auf lange Kenntnis von Ländern und Negerstämmen der Guinea und feste Organisation des Handels, die nur als Ergebnis vieljährigen Verkehrs der Portugiesen in diesen Gegenden möglich ist. Da zudem Ereignisse des Jahres 1500 in Valentin Ferdinands Quelle erwähnt waren, kann dieselbe mindestens nicht vor diesem Termin abgeschlossen worden sein. Sollte somit Alvaro Velho als ihr Verfasser in Betracht kommen, so wäre sein Aufenthalt in Westafrika und die Entstehung seiner Schrift über die Negerländer anschliessend an die Entdeckungsfahrt Vascos da Gama in die Jahre 1499–1507 zu setzen.

Dass Valentin Ferdinand für die Gebiete südlich des Gambia mehr als *eine* ganz moderne Quelle zur Verfügung gehabt haben sollte, ist an sich nicht wahrscheinlich: es wird deren schwerlich viele damals gegeben haben. Auf Herkunft seiner Nachrichten aus *einer* Quelle deuten hier aber auch die vielfach vorkommenden Rückweise auf früher Gesagtes. Bezeichnend scheint mir vor allem eine Stelle auf f. 117^{r}: «Ha aqui muyto azeite de palma / E muyto azeyte daquelle amargos *que se disse que se nom come* e ha aqui mais que em outra parte alguma / ho qual antre elles he bona mercadoria e he muyto stimada para se untarem. Ha aqui muytos aliffantes e buffaros bravos e gatos de rabos e lagartos grandes e outras animalias e aves *que se dixe*». Diese Nachrichten beziehen sich auf das Land der Balangas an einem nördlichen Seitenarm des Casamansa-Flusses, der einen Teil der Wasser des letzteren dem Rio de São Pedro zuführt. Die Schilderung der Tierwelt aber, auf die im zweiten Satze zurückverwiesen wird, findet sich da, wo Valentin Ferdinand vom Mandingolande spricht, und ebendort steht f. 112^{v} die Stelle über die Palme, aus deren Früchten die Neger das Salböl herstellten, das als ungeeignet zum Essen bezeichnet wird: «Ha huma arvore em mandinga que da huum fruito tam grande como mançãas / a qual pisam e cosem / E fazem delle azeite branco para se untarem e nom para comerem». Mindestens auf diese zweite Stelle wird Valentin Ferdinand die Verweisung in seiner Vorlage gefunden haben. Hatte er für die zwei Länder verschiedene Quellen, so wäre es doch ein merk-

---

perlen (laqueca), bald von kleiner Glasware, Perlenkettchen, verstanden. Da in unserer Zusammenstellung der «contas matamungo» und «christalina» beides wohl sicher nicht dasselbe bezeichnen soll, «cristallina» aber nur kleine Glasware bezeichnen kann, ist die Deutung auf Karneolperlen wahrscheinlicher.

würdiger Zufall, wenn beide dieser Palme Erwähnung getan hätten; das aus ihren Früchten bereitete Salböl war offenbar keine portugiesische Handelsware, und wie sollten zwei voneinander unabhängige Darstellungen gleichmässig einen Gegenstand von verhältnismässig so geringer Wichtigkeit behandelt haben, und das in einer Form, die es Valentin Ferdinand ermöglichte ohne eigene Kenntnis der Sache die Identität der in beiden erwähnten Bäume ohne weiteres festzustellen? Und würde er bei der offenbaren Raschheit seiner Arbeit, die tiefer dringende Studien wenig wahrscheinlich macht, diese Identität wohl überhaupt bemerkt haben? Dass das letztere kaum anzunehmen ist, darauf deutet ein anderer Rückweis, wenn ich ihn richtig beziehe. Auf f. 120^{v} wird im Rahmen des Schilderung des Stammes der Banhus am Rio de S. Domingos (Cacheo) und seines grossen Wochenmarktes davon gesprochen, dass auf dem letzteren nach Verordnung des Landesherrn jede Ware ihren gesonderten Platz habe und nicht vermischt mit andern zum Verkauf gestellt werden dürfe, «salvo em tempo que se faz ho vinho de mompatas do (die Handschrift hat «da») qual fruito ja se fez mençam / Este vinho se vende por toda a feyra / e assi vinho de mel». Eine Frucht des Namens «mompatas» (= mompataz), aus der Wein gemacht wurde, findet sich nun im Vorhergehenden nicht erwähnt. Da aber Valentin Ferdinand seine Quellen in den andern Fällen nicht einfach abgeschrieben, sondern Auszüge daraus gemacht hat[1], wäre es schliesslich denkbar, dass er die vorausgehende Stelle, auf die seine Vorlage mit dem Rückweis Bezug nahm, ausgelassen hätte; allein das ist, nachdem er f. 112^{v} und 113^{r} eine ganze Anzahl anderer Nutzpflanzen behandelt und diese Dinge ihn im allgemeinen interessierten, nicht gerade wahrscheinlich, und zudem findet sich f. 113^{r} eine Frucht erwähnt, aus der von den Mandingo Wein hergestellt wurde. Die Stelle lautet: «Outra arvore ha em mandinga como enzinha e da fruito tam grande como pessigos E dura todo anno e sempre da fruito / Esta fruyta elles chamam mabijs / E nos *mensatagens* / E desta fruita tambem fazem vinho E tem sabor de mançãas (die Cedilha fehlt in der Handschrift) bayonezes». Der einheimische Name des Frucht war also «mabijs», der bei den Portugiesen übliche angeblich «mensatagens». Das letztere ist als portugiesisches Wort

[1] Das ist z. B. der Fall bei der Chronik des Gomes Eannes da Zurara und bei dem Berichte von der «Rafael» über die Reise des Vizekönigs D. Francisco d'Almeida (vgl. Hümmerich, *Erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*», S. 146 ff.), wo der Vergleich mit Castanhedas Darstellung es ergibt, der die gleiche Quelle benutzt hat.

aber eine höchst unwahrscheinliche Bildung: das häufige agem (ajem) in solchen geht auf lat. aginem und aticum zurück und beides kommt hier nicht in Betracht; es wird sich um Bezeichnung aus einer andern Negersprache als der der Mandingo handeln. Die Erklärung scheint mir einfach: das «mensatagens» ist aus «mompatazes» verlesen; die Vorlage enthielt ein «mõpatazes»; war dabei die Tilde, wie häufig, über das ganze Wort gezogen, dann lag für den Abschreiber der Gedanke, auch die letzte Silbe zu nasalieren, nah; Verwechslung von s und p, von z und g ist bei etwas undeutlicher Schrift in den Manuskripten dieser Zeit durchaus möglich, und hier handelte es sich noch dazu um ein Wort aus fremder Sprache; der Plural «mompatazes» aber ist bezeugt bei Alvares d'Almada im «Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo-Verde», S. 66. Mag indes das eine (Auslassung einer früheren Stelle der Vorlage) oder das andere (falsche Lesung) vorliegen, der Rückweis kann nicht wohl von Valentin Ferdinand herrühren; sonst hätte ihm wohl entweder die Verschiedenheit der beiden Worte in seiner Handschrift ins Auge fallen oder er hätte das vorher Ausgelassene nachträglich einfügen müssen. Ich halte es also für das allein Wahrscheinliche, dass dieser Rückweis aus seiner Quelle stammt. Kein Zufall scheint es mir ferner auch, wenn f. 130^{r} der einheimische Name «malep», der f. 112^{v} bei der Schilderung der Pflanzen des Mandingo-Gebietes für eine Frucht gebraucht ist, bei der der Serra Leoa-Küste für einen Baum wieder vorkommt, offenbar den, der diese Früchte trägt. Treffen diese Ausführungen aber zu, dann würde der Schluss der sein, dass mindestens die Schilderungen der Mandingo, Balangas und Banhus auf einen und denselben Gewährsmann zurückgeführt werden dürften, und da Balangas und Falupen beide im Stromgebiet des Casamansa nahe beieinander wohnten, würde von demselben Gewährsmann vermutlich auch das herrühren, was f. 118$^{r \text{ und } v}$ über den Mansa Folup erzählt wird: wir kämen auf die gleiche Quelle neuesten Datums.

Der Verfasser derselben muss länger im Westafrika gelebt und von den Sprachen der Neger einige Kenntnis gehabt haben: er weiss, dass der Stamm der Mandingo der grösste in der ganzen Guinea ist, der eine Sprache spricht, bemerkt es regelmässig, wenn ein neu in die Darstellung eingeführtes Negervolk ein eigenes Idiom besitzt. Er nennt neben dem portugiesischen Namen eines Gebirges, Flusses oder Landes gelegentlich auch den einheimischen, so f. 120^{r} neben Rio de S. Domingos den Namen Jaffada; f. 128^{r} sagt er, dass die Serra Leoa samt dem umliegenden Lande bei den schwarzen Bewohnern Pymto heisse, nach einem an ihrem Fusse gelegenen Dorf. Mehrfach werden einheimische Bezeichnungen für Würdenträger ange-

führt. Mansa, erklärt er, heisst in der Sprache der Mandingo König (f. 118r); «jedes dieser Dörfer», sagt er in der Beschreibung der Sierra Leone-Küste (f. 128r), «hat seinen König, den sie in ihrer Sprache bee nennen, was König bedeutet. Und alle diese sprechen *eine* Sprache und gehören zu dem *einen* Stamme der Bolões. Es gibt viele unter diesen Dörfern, die abgesehen davon, dass sie einen König haben, noch ein Oberhaupt haben, das sich den Herrn von allen nennt, wie es bei diesen Bolões ist; aber er hat nicht mehr zu befehlen als andere Herren, nur dass er den Namen hat, und so in der Gemarkung des Teminis, die Casse heisst. Diese hat einen Herrn, den alle für ihren Herrn halten, und sie nennen ihn Obe vrig». Von den Mandingo wird berichtet, sie hätten grosse Herren, die sie foroes nännten, «was ein Amt oder eine Würde bei ihnen ist wie bei uns Stadtrichter oder königlicher Statthalter». Für Tiere und Pflanzen bezw. Pflanzenteile werden mehrfach die einheimischen Benennungen angeführt: von der Anta, einer grossen Antilopenart[1], sagt er, dass sie in der Sprache der Sierra Leone-Neger «Eryntrylman» genannt werde (f. 136v); eine andere Art, wie es scheint, von Antilopen nennt er nur mit dem einheimischen Namen pangales (f. 137r); im Mandingolande beschreibt er einen grossen Vogel, «den sie bugam nennen, was in unserer Sprache Zauberer bedeutet» (f. 109r). Für zwei Früchte, die er bespricht, gibt er als Bezeichnungen in der Sprache der Mandingo mansacomba und malep an, für die obenerwähnte dritte, aus der Wein hergestellt wurde, mabijs; eine «runde Wurzel wie eine Zwiebel» nennt er coco (f. 111v–113r). Für die weiten Hosen der Mandingo gibt er die bei ihnen übliche Bezeichnung magalhões (f. 109v).

In *einem* Falle wird sogar ein ganzer Satz aus einer Negersprache angeführt (f. 122r); es handelt sich um eine Schwurformel, «Hatschina hor nõ temrab», «Achina töte mich im Herabsteigen von jener Palme!» Wir kommen damit auf das, was als gemeinsamer Zug in den Beschreibungen der Länder südlich vom Gambia zutage tritt, und zwar um so stärker, je weiter es nach Süden geht: das ist die Religion der westafrikanischen Negerstämme.

Vergleicht man den Bericht über die Sierra Leone mit dem über Land und Leute des Joloffer-Gebiets, so fällt als besonderes Merkmal das Interesse auf, das der Gewährsmann Valentin Ferdinands dem religiösen Glauben und Brauch der um das Löwen-Gebirge wohnenden Negerstämme der Bolões (Bullom) und Teminis (Timmene) ent-

[1] vgl. Hümmerich in Abhandlungen der Bayer. Akad. der Wissensch., philos.-philol. und histor. Klasse, XXX. Bd. (München 1918), 3. Abhandlung, S. 88 ff.

gegengebracht, und die genaue Kenntnis, die er davon besessen hat. Was die Handschrift über den gleichen Gegenstand bei den Joloffern berichtet, beschränkt sich dagegen wesentlich auf die schon von Ca da Mosto gemachte Feststellung, dass König und Edelleute Muhamedaner seien und hellfarbige Lehrer des Islam aus Fez und Marocco hätten, ihre «bisserījs»—diese einheimische Bezeichnung, bei Alvares d'Almada bixirins, kennt der Venezianer nicht—, die auch Beschwörungen vornähmen, während die Masse des Volkes, obwohl beschnitten, Götzendienst treibe. Von religiösen Bräuchen erwähnt Valentin Ferdinand zwei: will ein Fürst in den Krieg aufbrechen, so lässt er ein paar Kühe schlachten und zerlegen, die Stücke aber auf die Strasse werfen und den Heerzug darüber hinweggehen, worauf das Fleisch den Vögeln und dem sonstigen Getier zum Frass überlassen wird. Beim heidnischen Volke gilt es als zauberkräftig einen alten Tontopf mit Blut und Federn einer Henne, denen schmutziges Wasser und bestimmte Kräuter beigemischt werden, zugedeckt und in Stroh verborgen vor die Hüttentür zu stellen, mit Mehl, Reis u. a. zu umgeben und morgens Gebet und Zeremonien davor zu verrichten. Nimmt man noch die Nachricht hinzu, dass es bei Joloffern und Mandingo schwarze Juden gebe (Gaul), die, ohne Kenntnis von Synagogen und religiösem Brauch der sonstigen Judenschaft, in eigenen Dörfern bettelhaft und verachtet lebten und sich mit Possenreissen, Fiedeln und Singen erhielten, so ist damit erschöpft, was über die Religion der Jolofferstämme unsere Handschrift enthält.

Von der Religion der Mandingo heisst es zusammenfassend (f. 109r): «Es gibt in diesem Land viele, die der muhamedanischen Irrlehre anhangen, und desgleichen ziehen viele «bisserins» durch das Land, d. h. muhamedanische Geistliche, die dieses Volk ihren Glauben lehren. Und alles andere Volk sind Götzendiener nach Art und Weise der Joloffer, wie gesagt wurde.

Alle Mandingo und Joloffer sind, wie gesagt, beschnitten und zwar geschieht die Beschneidung in folgender Weise: Sobald der junge Mensch 14 oder 15 Jahre alt ist, lassen sie viele von ihnen, so etwa 15 oder 20, zusammenkommen und ein alter Bisserim von ihnen nimmt sie bei Neumond mit zu einem Wald ausserhalb der Ortschaft; und nachdem er die jungen Leute beschnitten hat, kehrt der Alte in den Ort zurück und die jungen Leute müssen in dem Wald bleiben, bis sie den zweiten Neumond sehen, sodass sie einen Monat ausserhalb der Ortschaft zu bleiben haben. Und ihre Angehörigen bringen ihnen zu essen und legen es ihnen an den Waldrand; und sie halten sich aus Scham über die Sache verborgen, und erst wenn der andere gegangen ist, holen sie sich ihr Essen. Und wenn es

auf den Neumond zugeht, an dem die jungen Leute in die Ortschaft zurückkehren sollen, dann schlachten ihre Eltern Kühe und Ziegen und veranstalten für sie grosse Festlichkeiten mit Tanz und Gesang».

Von den Balangas nördlich des Casamansa wird (f. 116v) ähnliches berichtet wie von den heidnischen Joloffern: «Estes balanguas todos som affanados porem som ydolatras e adoram huum pao .s. matam huma galinha e ha põem em huum paao aa sua porta e ha leixa(m) podreçer nelle E tal pao adoram e lhe fazem reverencia e acatamento e sua oraçam».

Genaueres weiss Valentin Ferdinands Gewährsmann über den religiösen Brauch der Banhus im Gebiete des Rio de S. Domingos zu sagen. «Die Banhus», heisst es f. 121r–122r, «beten ein Stück Holz an, das sie Hatschyna nennen. Dies Holz weihen sie folgendermassen: Sie nehmen ein gegabeltes Stück Holz, das mit einem neuen Beil abgehauen werden muss; auch dessen Stiel soll neu sein und keines von beiden zu irgend etwas gedient haben. Und dann machen sie eine Grube in den Boden, und sie haben eine Flasche[1] Palmwein bei sich, die drei oder vier Canadas[2] fassen wird, und desgleichen eine andere Flasche mit Öl, die ebensoviel fassen wird, und sie haben einen Tragkorb Reis bei sich, der im Mörser zu zerstossen ein Viertel sein würde[3]; und sie haben einen lebenden Hund bei sich. Und dann schütten sie diesen Wein und das Öl und den Reis in die Grube hinein und schlachten den Hund mit dem neuen Beil, d. h. sie spalten ihm den Kopf und lassen das ganze Blut des Hundes in besagte Grube laufen, über Wein, Öl und Reis. Und dann werfen sie das Beil hinein und pflanzen danach das gegabelte Holz aufrecht auf all das und decken es sehr gut mit Erde zu. Und auf die Holzgabel, die so aus der Grube heraussteht, hängen sie gewisse Waldkräuter. Und zur Vollbringung dieser Zeremonien werden die besten alten Männer des ganzen Landes geladen. Und dann bereiten sie besagten Hund unter grosser Festfreude zu und essen ihn. Und dies Holz beten sie dann an. Und es wird so verehrt, dass, wenn irgend jemand etwas in seine Nähe legt, niemand es ihm wegnehmen noch berühren wird, weil er glaubt sogleich sterben zu müssen. Und wenn jemand etwas tut, dass man ihn einen Eid will schwören lassen, so bringt man ihn zu besagtem Holz, wo er schwören muss. Und sie hüten sich wohl einen falschen Eid zu leisten, weil sie denken, dass sie sogleich getötet werden. Und sie schwören in ihrer

---

[1] «cabaz» wird hier gleich «cabaça» sein.

[2] Die Canada hat etwas mehr als ein Liter.

[3] «que seria huma quarta por pilar».

Sprache so: «Hatschina hor nõ temrab», was soviel bedeutet wie «Achina töte mich beim Herabsteigen von jener Palme!» und das, weil sie alle auf Palmen steigen um Wein daraus zu ziehen. Und desgleichen schwören sie auf andere Art mit den Worten: «Schlange soll mich töten» oder «Krokodil» u. s. w. Und desgleichen schwören auch die Weiber bei besagtem Hachina.

Und wenn ein Neger etwas mitnimmt, um es auf dem Felde zu lassen, und will, dass man es ihm nicht stiehlt, so nimmt er einen Palmzweig mit und man macht einen schwer auflösbaren Knoten daran und steckt besagten Zweig in die Erde, nahe bei dem betreffenden Gegenstand, den man so zurücklässt, und kein Mensch wird ihn berühren». Von den Cacheos am Südufer des gleichen Flusses wird unmittelbar danach gesagt (f. 122^{v}), dass sie «alle Ordnungen ihres Götzendienstes ebenso haben wie die Banhus».

Als Südgrenze der Verbreitung des Islam wird der Rio Grande angegeben (f. 124^{v}); die Neger im Norden des Flusses sind, wenn auch stark mit Götzendienern untermischt, doch zum grösseren Teil Muhamedaner, vom Rio Grande nach Süden aber alle Götzendiener. «Und sie glauben an jeden Gegenstand, woran sie wollen, und beten ihn an. Sie machen sich Götzen von Holz und Steinen und beten Bäume und Ameisenhaufen an und das Hatschina. Und manche von ihnen nennen ihren Gott Cru. Und wenn sie schwören, sagen sie: «Cru cru bissa contenteryn». Und das ist der höchste Schwur, den sie tun».

Von den Biaffares im Rio-Grande-Gebiet wird (f. 126^{r}) berichtet, dass sie ihrem König, wenn er stirbt, seine vornehmste Frau, seinen nächsten Vertrauten, den besten Sklaven und die beste Sklavin und sein bestes Pferd, dazu einige Kühe, Hunde, Ziegen und Hühner in den Tod mitgeben und ihre Leichen mit der des Königs bestatten, um ihm in der andern Welt zu dienen. Von den Biaffares von Buguba und von den südlich angrenzenden Chocholis wird gesagt, dass sie bei ihrer unmittelbaren Nachbarschaft mit der Serra Leoa auch den gleichen Glauben hätten wie deren Bewohner. Aufs eingehendste werden dann die religiösen Anschauungen und Bräuche der Bolões und Teminis an dieser Küste geschildert. Der Bericht über den Manipeyro-Baum, der als Cru verehrt wurde, ist bereits oben im Wortlaut wiedergegeben und ebenso, was im Anschluss daran über den mit Elefantenzähnen dargestellten Götzen Bemthema, das Symbol der Sonne, wie es heisst, mitgeteilt wird. Ein weiterer Hauptgötze ist der der alten Männer; er wird Pisa (Piçaa) genannt und gehört dem Dorfherrn. Keine Frau darf ihm nahen oder über den Dorfplatz, auf dem er steht, zu der Zeit gehen, wo die Alten

dort ihre Andacht verrichten oder einen Streit unter Ortsangehörigen beilegen. Einen eigenen, in der Gestalt eines bruchleidenden Menschen gebildeten Götzen mit Namen Contery haben die mit diesem Übel behafteten Leute. «Und wenn irgendein Mensch einen Darmbruch oder eine Geschwulst hat, so bemüht er sich zu ihm. Er heilt ihn oder er stirbt». Den Götzen des Krieges nennen sie Ymell. Er hat die Gestalt eines vor Zeiten ausgezeichneten Kriegsmannes dieses Namens. Bei ihm holen sie, wenn ein Kriegszug begonnen werden soll, unter Darbringung eines Opfers Rat ein: man schlachtet vor seinem Bild eine Henne und lässt ihr Blut über Kopf und Gesicht desselben laufen. Dann legt der Opfernde sie auf dem Rücken zwischen sich und den Götzen, den Kopf gegen diesen, die Füsse gegen sich gerichtet, und wenn die Henne sich auf die Bauchseite umdreht oder im Verenden sich abarbeitet und einen Fuss oder Flügel über den anderen legt, so sieht man darin die Vorbedeutung lauernden Unglücks und zieht nicht aus; stirbt sie dagegen ruhig, so ist das ein günstiges Zeichen und man tritt den Zug an. So oder so aber wird die Henne gekocht und gegessen und die Knochen dem Götzen um den Hals gehängt. Ein anderes Hennenopfer, an dem das ganze Dorf teilnimmt, wird zu gleichem Zweck unter bestimmten, von Valentin Ferdinands Gewährsmann genau geschilderten Formen und Gebeten dem Cru-Baume dargebracht, mit einem ebensolchen auch nach Krieg zwischen Nachbardörfern der Friede feierlich besiegelt.

Wird ein Kind geboren, so schneiden sie von einem Baume mit Namen Malep einen Zweig ab, pflanzen ihn im Namen des Kindes in die Erde ein und beschneiden es nach acht Tagen. Wie der Steckling wächst, so, glauben sie, wird das Kind wachsen; der Baum aber bleibt für immer der Gott des Kindes. Vertrocknet einer dieser Bäume und fasst nicht Wurzel, so lassen sie von ihren Zauberern durch Losorakel nach dem Grunde forschen und pflanzen dann so lange neue Steckreiser, bis eines Wurzel schlägt. Der Zauberer sagt ihnen auch, warum der oder jener Verwandte, Vater oder Bruder gestorben ist.

Ärztliche Kunst kennen sie nicht. Wird jemand krank, so lassen sie die Zauberer durchs Los den Grund feststellen. Der findet immer, dass die Götzen die Schuld daran tragen, ordnet ein Hunde-, Ziegen- oder Hühneropfer an — das sind die üblichen Opfertiere —, und wird der Kranke wieder gesund, dann sagen sie, dass der Götze, der das Übel gesandt hat, sehr gut und voll Erbarmen ist, weil er ihn gleich nach Empfang seines Opfers habe genesen lassen; stirbt er aber, so sagen sie, dass der Götze sehr mächtig ist, weil er trotz

aller Opfer den Verstorbenen nicht habe gesund machen wollen; mag also der Kranke sterben oder gesund werden, der Götze behält immer recht. Für verschiedene Krankheiten wird auch verschiedenen Götzen geopfert, bei Kopfweh dem einen, bei Leibweh einem andern. Alle diese werden in Menschengestalt aus Holz geschnitzt und stehen in den umfriedigten Gärten, manchmal auch in den Hütten der Neger. Andere Götzen werden an den Wegen in gedeckten Hütten, so wie Kapellchen, aufgestellt, wo sie in jeder Not ihre Gebete verrichten, der, dass sein Weib ihm gebäre, der, dass ihm die Sklaven nicht davonlaufen oder dass sein Reis ihm gut gedeiht, all das im Stehen. Dabei bestreichen sie den Götzen mit ein wenig Speichel oder, wenn einer gerade isst, mit etwas von dem, was er im Munde hat.

Die Kapellen bestimmter Götzen dürfen Weiber nicht betreten; einer von diesen heisst Baa, ein anderer Piçaa, ein dritter Contuberia [1]. Umgekehrt ist in die Kapellen der Frauen, Pere mit Namen, den Männern der Eintritt verboten. Mit all diesen in Menschengestalt gebildeten Götzen reden sie wie mit einem Menschen, «nur dass der Götze keine Antwort gibt».

Das Gedächtnis der Verstorbenen wird von ihren Familienangehörigen gefeiert. Ist der Tote ein vornehmer Mann gewesen, so stellt man ein Idol her, das ihm ähnlich sieht, von gemeinen Leuten und Sklaven ein Holzbild in Form eines Kegels [2] und stellt sie in eine strohgedeckte Hütte. Alljährlich bringt man ihnen, je nach dem Stande der Person, ein Hühner- oder Ziegenopfer dar und lässt das Blut über die Abbilder fliessen; die Knochen hängt man ihnen um den Hals und das Fleisch isst man (f. 129r–132r).

Todesstrafe steht bei den Bolões nur auf Totschlag oder Mord; ihr Vollzug trägt religiösen Charakter. Man bindet dem Verbrecher Hände und Füsse und legt ihn in die Nähe eines Götzen mit Namen Anyma. Die angesehensten Männer vollstrecken dann unter Tanz und Gesang die Strafe an ihm; man tötet ihn mit Schlägen, zer-

---

[1] Wenn f. 124v als heiligste Schwurformel angeführt wird «cru cru bissa contenteryn», so liegt die Vermutung nahe, dass das «bissa» mit dem «piçaa» («pisa») und das «contenteryn» mit «contery» (f. 130r) und dem hier begegnenden «contuberia» identisch und eine oder die andere Form des Götzennamens nur verschrieben ist. Die Form «Contuberia» findet sich für einen Götzen der Serra Leoa-Küste auch bei Alvares d'Almada a. a. O., S. 76.

[2] Kunstmann (a. a. O., Bd. IX, Abt. I, S. 133) hat gelesen «feito como «bulas» de bola» und übersetzt «gleich runden Kugeln». Das nicht sehr deutlich geschriebene Wort heisst aber «birlos» und ist gleich «bilros», «kegel». Der Zusatz «de bola» macht deutlich, dass mit der nicht eindeutigen Bezeichnung der Kegel im Spiel gemeint ist, wie auch das Kegelspiel «jogo de bola» heisst.

schmettert Augenhöhlen und Zähne und zertritt alles. Die Teminis haben diesen Brauch nicht; bei ihnen wird Mord wie jedes andere Vergehen und Verbrechen mit Geldbusse gesühnt.

Den Beschluss des ganzen Berichtes über die Serra Leoa-Neger macht die oben wiedergegebene Schilderung von Heiligtum, Kult und Schlangen des Götzen Tschyntschyn (Chinchin) im Lande Hatschinck jenseits des Rio das palmas, mit der Berufung auf das Zeugnis des «Alvaro Velho von Barreyro, der einige acht Jahre in diesem Lande gewesen» sei.

Ein Blick auf diese Zusammenstellung zeigt, wie von Norden nach Süden die Nachrichten an Umfang und Bedeutung zunehmen um schliesslich in der Darstellung des religiösen Glaubens und Brauches der Neger der Sierra Leone Küste eine für diese Zeit ungewöhnliche Kenntnis der Sache zu bezeugen. Bemerkenswert schien mir, dass Valentin Ferdinand, dessen Beschreibung Westafrikas von Norden nach Süden geht, da, wo er von der Beschneidung bei den heidnischen Negern zuerst spricht, d. h. bei der Schilderung der Jolofferstämme, nur die Tatsache als solche erwähnt, die dafür üblichen Formen aber erst bei der Schilderung der Mandingo berichtet, obwohl man nach dem Wortlaut der Stelle, an der das geschieht, annehmen muss, dass auch diese Formen beiden Negervölkern gemeinsam waren; denn der Text lautet f. 109^{r}: «E toda outra gente (der Mandingo) som ydolatras do modo e maneyra de gyloffos como se disse /. Todos os mandingas e gyloffos som affanados como se disse E se affanam desta maneyra»... Ähnlich liegt der Fall, wenn f. 127^{r} zu lesen ist: «E porque estas gentes comarcam com serra de lyoa (die Handschrift hat lya) por ysso tem seus custumes e mantijmentos e assi adoram». Da f. 122^{v} von dem Negerstamm der Cacheos gesagt ist: «E tem todas as ordenanças da sua ydolatria como os banhuus», so bezieht sich «estas gentes» auf die südlich von diesen wohnenden Stämme der Çapijs, Biaffares und Chocholijs im Rio Grande-Gebiet und wiederum verweist Valentin Ferdinand für alles, was Lebensweise, Sitte und Glauben dieser Völker betrifft, auf die erst folgende Schilderung der Serra Leoa-Stämme. Die natürliche Reihenfolge ist auch das nicht; Rücksichten auf die Komposition im grossen sind in den raschen und kunstlosen Aufzeichnungen des Lissaboner Buchdruckers nirgends wahrnehmbar, also auch hier sicher nicht massgebend gewesen; ungezwungen aber würde die Anordnung sich erklären, wenn man annehmen dürfte, dass er darin einfach seiner Vorlage gefolgt ist, diese aber den umgekehrten Gang wie seine Darstellung, d. h. von Süden nach Norden, nahm, also von der Serra Leoa-Küste ausging. Der gleiche Schluss läge nahe,

wenn Valentin Ferdinand seine Schilderung der südlich des Gambia wohnenden Mandingo, der diejenige der senegambischen Küstenstämme (Joloffer, Barbacins, Tucurolen) vorausgegangen ist, ziemlich überraschend mit den Worten schliesst: «Todo que se disse ata aqui commummente se husa nos barbacijs e gyloffas e mandingas e tucuroes», «alles bisher Gesagte ist allgemeiner Brauch bei Barbacins und Joloffern und Mandingo und Tucurolen». Allein es lassen sich mit einer solchen Annahme die oben behandelten Rückweise nicht in Einklang bringen, die auf gleiche Anordnung der Beschreibung in der Vorlage und in Valentin Ferdinands Arbeit hindeuten.

Dass Valentin Ferdinands Gewährsmann für das Serra Leoa-Gebiet eine weit darüber hinausgehende Kenntnis der Guinea besessen hat, möchte man auch aus ein paar Stellen seiner Beschreibung entnehmen, in denen auf die Negerländer in ihrer Gesamtheit Bezug genommen wird. So lesen wir f. 138^{r}: «In diesem Lande (Serra Leoa) und in der ganzen Guinea regnet es nur unter Gewittern von einer Heftigkeit, dass man glaubt, der ganze Himmel wolle herabstürzen. Und dies Gewitter dauert nicht länger als eine halbe oder höchstens eine Stunde. Und dann kommt unvermittelt solcher Sonnenbrand, dass man meint vor Hitze sterben zu müssen». Von den Häusern der Serra Leoa heisst es (f. 134^{r}), dass sie die schönsten, von dem Golde, das die Portugiesen hier eintauschten, dass es das feinste (f. 136^{r}) in ganz Guinea sei. Wer so schreibt, hatte vermutlich doch von der Guinea ein grösseres Stück aus eigener Anschauung kennen gelernt.

Es ist nur ein Wahrscheinlichkeitsbeweis, an dessen Ende wir damit stehen; in ihrer Gesamtheit aber scheinen die dargelegten Gründe mir immerhin mit einer gewissen Deutlichkeit dafür zu sprechen, dass Valentin Ferdinand in der Beschreibung der Gebiete südlich des Gambia im wesentlichen *einer* schriftlichen Quelle gefolgt ist. Darauf deuten jene anscheinend von dorther stammenden Rückweise auf früher Gesagtes, deutet das gleichmässig in diesem Teil bemerkbare Interesse für Bezeichnungen aus den Negersprachen, vor allem aber — und hier lag ihre Eigenart — die an vielen Stellen zutage tretende Vertrautheit mit den religiösen Bräuchen und Vorstellungen der behandelten Stämme. Dass diese Vertrautheit nach Süden hin ständig zunimmt und für das Gebiet des Bolões und Teminis eine aussergewöhnliche Tiefe und Gründlichkeit erreicht, weist darauf hin, dass der Verfasser jener Quelle, wenn er auch anscheinend in der Guinea weiter herumgekommen war, doch dies Gebiet aus längerem Aufenthalt am genauesten kannte. Und nun beruft sich für Einzelheiten gerade dessen, was wir als besonderen Charakterzug

dieser Quelle erkannt haben, Valentin Ferdinand zweimal auf das Zeugnis des Alvaro Velho von Barreiro, und es geschieht ohne irgendwelche Angabe darüber, in welchem Verhältnis derselbe zu dem Berichte Valentin Ferdinands gestanden hat, ist zudem auch die einzige Berufung auf eine Quelle, die sich in dem ganzen Abschnitt über die Länder südlich des Gambia findet. Unter diesen Umständen halte ich es, wenn auch nicht für unbedingt sicher, so doch für recht wahrscheinlich, dass wir in Aufzeichnungen, die *er* über die Länder südlich des Gambia, besonders aber die Sierra Leone, auf Grund eigenen längeren Aufenthaltes in Westafrika gemacht hatte, Valentin Ferdinands wichtigste Quelle für diese Gebiete sehen dürfen. Seine Aufzeichnungen werden, da Ereignisse des Jahres 1500 darin erwähnt waren, wohl erst nach diesem Jahr entstanden sein. Auch die genaue Kenntnis von Land und Leuten, der darin geschilderte Zustand des Handels und Verkehrs in dem gesamten Gebiet würde kaum gestatten sie in wesentlich frühere Zeit zu setzen. Sind nun der mutmassliche Verfasser des «Roteiro» und der Gewährsmann Valentin Ferdinands eine und dieselbe Person, war dieser Alvaro Velho 1500 in Afrika und ununterbrochen «einige acht Jahre» dort, hat Valentin Ferdinand seine Beschreibung der Westküste Afrikas bis zur Sierra Leone 1507 zum Abschluss gebracht [1], so bleibt für Alvaro Velhos Aufenthalt in Guinea der Zeitraum von 1499 bis etwa Anfang oder Mitte 1507. Nun ist von dem Entdeckungsgeschwader die Karavelle «Berrio» am 10. Juli, die «Gabriel» anscheinend gegen Ende August 1499 in Lissabon angekommen. Auf welches von beiden Schiffen unser Autor nach Verbrennung der «Rafael» übergegangen war, können wir seiner Darstellung nicht entnehmen; aber auch wenn er schon mit der Karavelle im Heimathafen eintraf, kommen wir doch wohl tief in die zweite Hälfte des Jahres mit seiner Ankunft an der Sierra Leone-Küste. Im Widerspruch mit Valentin Ferdinands Angabe stünde das nicht; denn der Ausdruck «einige acht Jahre» ist dehnbar; aber vielleicht liegt eine andere Annahme doch näher.

«Und an einem Donnerstag, den 25. April (1499) fanden wir in 35 Faden Tiefe Grund, und den ganzen Tag fuhren wir dieses Wegs, und die geringste Tiefe waren 20 Faden, und wir konnten kein Land sichten, und die Steuerleute sagten, dass wir auf den Untiefen des Rio Grande seien» — mit diesen Worten schliesst im «Roteiro» die

---

[1] Darauf deutet die Tatsache, dass die Vorgänge, die in diesem Jahr in Safi stattfanden, noch nicht vollständig erzählt, die Eroberung von Azamor und Tite aber, die ins folgende Jahr fällt, gar nicht erwähnt sind. Vgl. Kunstmann a. a. O., VIII. Bd., I. Abt. (1856), S. 234.

Erzählung der Entdeckungsfahrt. Was weiter geschah, davon wissen auch die Chronisten wenig, deren Quelle unmittelbar oder mittelbar der Bericht Alvaro Velhos gewesen ist. Auf den Untiefen des Rio Grande nach Land suchend — das ist die letzte Situation, in der uns dieser die Schiffe Vascos da Gama zeigt. Und an der Serra Leoa-Küste, die nach Valentin Ferdinand von da bis zum Cabo do monte reicht, ist während der nächsten acht Jahre der Sitz von dessen Gewährsmann Alvaro Velho. Sollte das auch noch blosser Zufall sein? Wohl kaum. Die Schiffe werden, wenn davon auch kein Historiker weiss, irgendwo in dieser Gegend gelandet sein um ihren Holz- und Wasservorrat zu ergänzen — seit dem 12. März war das nicht mehr geschehen — und dabei mag ein unvorhergesehenes Ereignis, Unfall, plötzliche Erkrankung oder was sonst, den Alvaro Velho zurückgehalten haben; er ist dann in irgendwelcher Eigenschaft, sei es als Handelsagent, sei es als Kapitän oder Schiffsmeister einer Tauschhandelskaravelle -- wer will es sagen? — im Lande geblieben. Damit würde sich in zwanglosester Weise das plötzliche Verstummen seines Berichtes erklären. Für die Nachwelt wäre er Torso geblieben, für ihn selber nicht. Für ihn hätte dann an der Sierra Leone-Küste die Reise geendet; eine neue Umgebung, neue Interessen, Unkenntnis der weiteren Ereignisse der Fahrt, an der er nicht mehr beteiligt war, hätten die Arbeit am «Roteiro» zum Stillstand gebracht, aus dem achtjährigen Aufenthalt im Land aber wäre als neue Frucht die Schilderung der Küste südlich vom Gambia hervorgegangen, die Valentin Ferdinand als Quelle gedient zu haben scheint.

Diese Arbeit selber liegt uns nicht mehr vor; was Valentin Ferdinand gibt, ist offenbar Auszug, nicht Abschrift. Das tritt deutlich auf f. 131^{r} zutage, wo von dem Lebensbaume Malep die Rede ist, der an der Sierra Leone für das neugeborene Kind gepflanzt wurde; es heisst dorte: «E se alguma arvore destas se seca e nom prende vam aos feyticeyros que deytem sortes e vejam porque aquella arvore nom prendeo ho qual lhe diz por razam tanta burla *etc.* E diz tambem porque alguum seu parente ou pay ou irmão lhe foy morto». Das «etc.» weist auf Auslassung, von der auch das Fehlen des Zusammenhanges mit dem Folgenden Zeugnis ablegt. Ein ganz analoger Fall findet sich in dem Bericht über die Reise des Vizekönigs D. Francisco d'Almeida (f. 3^{v}) beim Untergang der «Bella», wo der Vergleich mit Castanheda die Auslassung beweist. Auch f. 137^{r} findet sich eine Stelle, die auf Kürzung deutet; in der Aufzählung der Tierarten der Serra Leoa-Küste lesen wir dort: «Lagartos ha nestes ryos muytos e em toda guynee de 25. e 30 pees em longo

como se disse *etc*»; doch könnte das immerhin auch aus der Vorlage stammen.

Ein Vergleich des Stils zwischen dem «Roteiro» und der Arbeit Valentin Ferdinands würde, da wir es bei der letzteren nicht mit dem Originaltext zu tun haben, wohl kaum ein Ergebnis liefern. Sachlich mag zunächst erwähnt werden, dass in dem Bericht über die Serra Leoa-Küste f. 136r die Stelle vorkommt: «Os aliffantes nom criam nem acustumam para serviço nenhuum como fazem em India», was in den Bericht eines Teilnehmers der Entdeckungsfahrt, der von den indischen Elefanten, ihrem Fang und ihrer Abrichtung eingehend gesprochen hat, sehr gut passen würde, wahrscheinlich ja auch von ihm stammt, immerhin aber auch von Valentin Ferdinand geschrieben sein könnte; denn davon hatte man in Lissabon 1507 natürlich Kunde. Ca da Mosto, den Valentin Ferdinand benutzt hat, spricht in seinem ersten und zweiten Berichte auch davon, dass die Neger den Elefanten nicht zum Haustier zu machen verstünden, fährt aber dann fort: «Sie zu zähmen ist nicht Sitte, so wie man es in den andern Teilen der Welt (bzw. «in den andern Ländern») tut»[1], nennt Indien also nicht. Irgendwelches Gewicht möchte ich indes auf diese Tatsache nicht legen. Bedeutsam dagegen scheint mir, dass auch bei dem Verfasser des «Roteiro» das völkerkundliche Interesse deutlich zutage tritt, das wir an dem Bericht über die Serra Leoa und die nördlich angrenzenden Gebiete in der Beobachtung von Glauben, Sitte und Brauch so scharf ausgeprägt sehen. Es bedeutet selbstverständlich einen tiefgreifenden Unterschied, dass im einen Falle die Beobachtung sich auf gelegentliche und flüchtige erste Berührung mit den fremden Völkern, vielfach ohne die Möglichkeit einer Verständigung durch Worte, beschränkt, im andern Fall aber ein achtjähriger Aufenthalt im Lande, eine gewisse Kenntnis der Negersprachen und tägliche Berührung mit den Eingeborenen sowie die Erfahrungen eines Menschenalters, auf die in diesem Gebiete die Portugiesen bereits zurückblickten, zu tieferem Eindringen in deren Lebensverhältnisse und Vorstellungskreise die Möglichkeit boten. Immerhin beobachtet der Verfasser des «Roteiro» z. B. vollkommen richtig die charakteristischen Merkmale von Farbe und Körperbau, durch die sich Buschmänner und Hottentotten von den Negern unterscheiden, wenn er die Anwohner der S. Helena-Bucht nördlich des Kaps, anscheinend Buschmänner, ebenso wie die der Bucht von S. Bras, wahrscheinlich Hottentotten, als «homens *baços*» und den an der erstgenannten Landungsstelle gefangenen Eingeborenen als «*pequeno* de corpo» be-

[1] *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 43 und 66.

zeichnet, von den Negern der «Terra da boa gente» aber sagt: «achámos muitos homeens e molheres *negros*, e sam *de gramdes corpos*» [1]. Die Musik der Hottentotten interessiert ihn [2]: «Und sie begannen sogleich vier oder fünf Flöten zu spielen, und die einen spielten hoch und andere tief, in einer Weise, dass es sehr gut zusammenklang für Neger, von denen man keine Musik erwartet, und dazu tanzten sie wie Neger». Die Kirristöcke (paos curtos) [3] der Hottentotten fallen ihm auf und die an kurzem Stock befestigten buschigen Tierschwänze, die zum Fächeln und Verscheuchen der Fliegen dienten und ihnen das Taschentuch ersetzten. Die Ochsen der Bucht von S. Bras vergleicht er an Grösse mit denen des Alemtejo, hebt ihren Fettreichtum hervor, beschreibt ihre Verwendung als Reittiere. Im «Land der Guten Leute» bemerkt er, dass viel Hirse, die wichtigste Nahrungspflanze der Neger des tropischen Afrika, angebaut, Hühner wie die in Portugal gezüchtet werden. Das Gebiet scheint ihm stark bevölkert, von vielen Herren beherrscht. Er glaubt ein Überwiegen der Frauen an Zahl feststellen zu können. Die Strohhütten, die grossen Bogen, die Wurfspeere mit Eisenspitzen erwähnt er. Aus dem Kupfer, das er am Schmuck der Neger, dem Zinn, das er an einigen Dolchbeschlägen sieht, zieht er den Schluss, dass diese Metalle im Land vorkommen, beobachtet, wie die Bewohner Salz aus Meerwasser gewinnen und welcher Tauschartikel besonders begehrt ist. Von den Negern an der Sambesi-Mündung berichtet er, dass sie wohlgebaut sind; sie gehen nackt, nur die Scham bedecken sie mit kleinen Stücken Baumwollstoff, die bei den Häuptlingen grösser sind. Die jungen Mädchen, die ein gefälliges Äussere haben, tragen die Lippen an drei Stellen durchbohrt und gewundene Stückchen Zinn darinnen. Wie knapp, anschaulich und richtig wird (S. 24) die herrschende Schicht der Bevölkerung von Moçambique beschrieben: «Os homens desta terra sam rruyvos e de boons corpos e da seita de Mafamede e falam como mouros, e as suas vestiduras sam de panos de linho e d'algodam muito delgados e de muitas cores de listras, e sam rricos e lavrados, e todos trazem toucas nas cabeças com vivos de seda lavrados com fio d'ouro, e sam mercadores e tratam com mouros brancos dos quaees estavam aquy em este logar quatro navios delles que traziam ouro prata e cravo e pimente e gingivre e anés de prata com muitas perllas e aljofar e rrobins, e iso mesmo todas estas cousas trazem os homens desta

[1] S. 5, 9 und 18.
[2] S. 11.
[3] S. 11.

terra». Von den Früchten beschreibt er die für die Ernährung wichtige Kokosnuss (S. 28); er zeichnet ein anschauliches Bild der arabischen Schiffe und berichtet über die nautischen Instrumente der Seefahrer des Ostens: überall der Blick auf das für die Zeit Wesentliche.

Nun haben sie die indische Küste erreicht, liegen vor dem Welthafen Calicut. «Dies Calecut», führt er aus, «ist eine Christenstadt. Selbige Christen sind dunkelbraune Leute, und ein Teil von ihnen geht mit grossen Bärten und langem Haar, und andere tragen es kurz geschoren und wieder andere glatt abgeschoren und auf dem Wirbel tragen sie einen Haarschopf, zum Zeichen, dass sie Christen sind, und dazu Schnurrbart. Und die Ohren tragen sie durchbohrt und in den Löchern viel Gold; und sie gehen nackt vom Gürtel nach oben, und nach unten tragen sie sehr feine Baumwolltücher; und die so gekleidet gehen, sind die Vornehmsten; denn die andern kleiden sich, wie sie können. Die Frauen dieses Landes sind im allgemeinen hässlich und klein und tragen am Hals viel goldenes Geschmeide und an den Armen viele Spangen, und an den Zehen tragen sie Ringe mit kostbaren Steinen. All dies Volk ist von gutmütigem Charakter und weicher Gemütsart, nach dem Schein zu urteilen, und es sind Menschen, die nach dem ersten Eindruck wenig wissen, und sie sind sehr gierig». Das ist gut beobachtet, die Urteile über den Volkscharakter mit Vorsicht und Zurückhaltung ausgesprochen. Wie der Autor sich über die Handelsverhältnisse des Ostens zu unterrichten gewusst hat, davon legen seine Ausführungen auf S. 87 ff. und der geographisch-kommerzielle Anhang Zeugnis ab.

Was das Interesse für fremde Sprachen anlangt, so genügt es auf das in der ersten dieser «Studien» behandelte Wörterverzeichnis aus «der Sprache von Calicut» hinzuweisen; an einzelnen im «Roteiro» vorkommenden Ausdrücken aus dem Osten seien erwähnt (S. 26) Colyytam, worin die Herausgeber des «Roteiro» Çolytam = soldão, Sultan vermuten; bale bzw. baile (S. 54, 58 und sonst), im Malayāḷam bāli, arabisch vāli; quafees (S. 56), offenbar verschrieben für quafres = cafres, arabisch kāfir, Ungläubige, d. h. Nichtmuhamedaner; atambor (S. 59), arabisch at-tambūl, Betel; Camolim (S. 64), offenbar Çamolim (Çamorym), im Malayāḷam tamūdrī, vulgär tamūrī; bagar (bachar, bacar), arabisch bahār (S. 78 und sonst); farazalla (frazala), arabisch fārsala (S. 107 und sonst); «xarife que quer dizer creligo» (S. 30), arabisch sharīf; die gleiche Form (xarife) wird gebraucht für xarafim (S. 79), pers.-arabisch ashrafī oder sharīfī; fanam, im Malayāḷam panam. Es genügt auf diese Beispiele hinzuweisen; die Identifizierungen mit den Worten der östlichen Sprachen sind

dem «Glossario luso-asiatico» (Coimbra 1919 und 1921) des zu früh dem wissenschaftlichen Schaffen entrissenen Monsenhor Seb. Rod. Dalgado entnommen.

Dass das religiöse Interesse des Autors nicht so stark hervortritt wie in dem Bericht über die Serra Leoa-Küste hat seinen natürlichen Grund in der bloss flüchtigen Berührung mit den Völkern des Ostens und in der Unkenntnis ihrer Sprachen. Gleichwohl versäumt er in seinem geographisch-kommerziellen Anhang nirgends anzugeben, ob die Bevölkerung eines Landes aus «Christen» oder Muhamedanern besteht, wobei freilich ebenso bestimmend wie das Moment des Glaubens die Erwägung in die Wagschale gefallen sein mag, ob dort für die Portugiesen voraussichtlich leichter oder schwerer Handelsbeziehungen würden anzuknüpfen sein. In einem Falle aber ist sicher nur das erste massgebend: bei der Beschreibung des brahmanischen Tempels und Gottesdienstes in Calicut (S. 56 f.). «Erstens hat die Kirche in ihrer Gesamtheit die Grösse eines Klosters, ist ganz aus behauenem Stein gebaut, mit Ziegeln gedeckt und hatte am Hauptportal eine Bronzesäule in Höhe eines Mastes, und oben auf der Säule steht ein Vogel, der ein Hahn scheint, und noch eine andere Säule in Manneshöhe und sehr dick. Und in der Mitte des Gesamtbaues der Kirche ist eine Kapelle, ganz von behauenem Stein; und sie hatte eine Pforte, in der gerade ein Mann Platz hatte, und eine Steintreppe, über die man zu dieser Türe hinaufstieg. Selbige Pforte war von Bronze; und innen drin war ein kleines Bild, von dem sie sagten, dass es die Mutter Gottes sei. Und vor dem Hauptportal der Kirche hingen der Wand entlang sieben Glöckchen. Hier verrichtete der Kommandant sein Gebet und wir andern mit ihm; und wir traten innen in diese Kapelle nicht ein, weil es bei ihnen Brauch ist, dass nur gewisse Leute sie betreten, die den Kirchendienst versehen; selbige nennen sie «quafres» (s. o.). Diese «quafres» tragen Schnüre über der Schulter—und die Schulter ist die linke—und unter der Schulter des rechten Armes her, so, wie die Diakonen die Stola tragen. Diese spritzten Weihwasser auf uns. Sie teilen eine weisse Erde aus, die die Christen dieses Landes gewohnt sind auf Stirn und Brust und um den Hals und auf die Armmuskeln zu streichen. Diese ganze Zeremonie machten sie dem Kommandanten vor und gaben ihm selbige Erde um sie aufzustreichen; und der Kommandant nahm sie und gab sie in Verwahrung, wobei er zu verstehen gab, dass er sie später aufstreichen werde. Und viele andere Heilige waren an die Wände der Kirche gemalt; selbige hatten Heiligenscheine und ihre Darstellung war in der Art von der unsern verschieden; denn die Zähne waren so gross, dass sie einen Zoll lang aus dem Munde

hervorstanden, und jeder Heilige hatte vier und fünf Arme. Und unterhalb dieser Kirche war ein grosser ausgemauerter Teich, so wie viele andere, die wir auf dem Weg gesehen hatten». Die Stelle verrät ein lebendiges Interesse für den fremdartigen Gottesdienst, eine gute Beobachtung, eine gewise Kombinationsgabe und Kenntnis des Kultes der eigenen Kirche; man darf bezweifeln, ob auch in diesem religiös so stark interessierten Volk und Zeitalter jeder Nichtgeistliche imstande gewesen wäre zu sagen, wie die Diakonen die Stola trugen.

So fehlen bei aller in den durchaus verschiedenen Gegenständen und Bedingungen des Zustandekommens begründeten Verschiedenheit der zwei Darstellungen doch auch die verwandten Züge nicht; mindestens aber widerspricht nichts darin der Annahme, dass sie von dem gleichen Verfasser herrühren. Hat aber Alvaro Velho von den beiden in Betracht kommenden Schriften die eine verfasst, dann steigt die Wahrscheinlichkeit, dass auch die andere auf ihn zurückgeht, und wir erhalten das Bild eines durchaus nicht gewöhnlichen Menschen, der ohne eine Spur gelehrter Bildung, aber offenen Auges, klaren und unbefangenen Sinnes und mit sichtlichem Interesse in die fremden Kulturwelten des Ostens wie in die primitiven Zustände und Vorstellungen der afrikanischen Neger hineinschaut und, was er sieht und hört, mit kunstloser Sachlichkeit zur Darstellung zu bringen weiss.

Der «Esmeraldo» des Duarte Pacheco umfasste ein weit grösseres Gebiet; sein Autor hat eine gründliche Bildung vor Alvaro Velho voraus; viele Jahre hat er im Dienste König Joãos II. die Westküste Afrikas genauer erforschen helfen, stellenweise auch etwas tiefer im Land liegende Plätze besucht und sich Erfahrung angeeignet, die nach seinen Worten «die Mutter der Dinge» ist. Was er schreiben wollte, ist nach seinem Vorwort [1] in erster Linie ein «livro de cosmografia e marinharia», eine Kosmographie und Schiffahrtskunde; es sollte «pera proveito d'esta navegaçam e comerçio», zum Nutzen der portugiesischen Schiffahrt und des Handels mit Afrika und Indien dienen; daneben aber bezeichnet er als seinen Zweck auch die Schilderung der Natur des afrikanischen Volkes und seiner Lebensweise, und in diesem Punkte steht der «Esmeraldo» hinter der Schrift von Valentin Ferdinands Gewährsmann für das Serra Leoa-Gebiet entschieden zurück. Über die Neger im ganzen hat Duarte Pacheco ein höchst ungünstiges Urteil. So heisst es in der Darstellung der Joloffer Senegambiens (a. a. O., Bd 22 (1904), S. 87: «e toda esta jente com

[1] *Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, Bd. 21 (1903), S. 194 ff.

ha do grande Reino de Mandingua et Tucurol e outros negros todos som circomcisos e macometas, os quaes adoram na bulrra da seyta de Mafoma; esta jente toda he viciosa, de pouca paz huns com os outros, e sam muito grandes ladroeẽs e mentirosos, que nunca falam verdade, e grandes bebados e muito ingratos, que bem que lhe façam nam no agradecem, e muito desavergonhados que nunca deixam de pedir», «und all dies Volk samt dem des grossen Reiches Mandinga und Tucurol und andere Neger, alle sind beschnitten und Muhamedaner; sie bekennen sich zu der Betrügerei der Sekte Muhameds. Dies ganze Volk ist voller Laster, selten in Frieden untereinander; und sie sind grosse Spitzbuben und Lügner, die nie die Wahrheit sagen, und grosse Säufer und höchst undankbar — denn was man ihnen auch tut, sie danken's einem nicht — und ganz unverschämte Bursche, die nie zu betteln aufhören (ähnlich S. 141). «Volk, das weder Scham noch Gottesfurcht kennt», nennt er (S. 161) Chocholiis und Biafares, «muito maa gente» die Neger beim Kap Sagres (S. 163) und «arges Volk» (maa gente) einen Stamm an der Elfenbeinküste (S. 249), «gente bestial» Hottentotten und Buschmänner (S. 372). Irgend ein tieferes Interesse bringt er daher für Sitte und Brauch oder religiöse Vorstellungen dieser von ihm verachteten Rasse nicht auf. «Viel Aberglauben ist in der Lebensweise dieses Volkes und Zauberei und Götzendienst, auf deren Beschreibung ich verzichte um nicht weitschweifig zu werden», sagt er S. 311; es dünkt ihm also nicht der Mühe wert über diese Dinge ein Wort zu verlieren, und dementsprechend ist, was er darüber mitteilt, kaum nennenswert. Auch Worte aus den Negersprachen bietet er, abgesehen von einheimischen Eigennamen, nur wenige, aber — merkwürdig! — ein grosser Teil davon kommt gerade auf die Sprachen der Teminis und Bolões an der Serra Leoa-Küste, auf die erstere «tebongo» Gold, «mancha» Wasser, «maaloo» Reis (S. 165), auf die letztere «emloam» Gold, «men» Wasser (S. 165), «bicas» (S. 166) Matten aus Palmfaser (esteiras de palma); die andern gehören den Negeridiomen des Gebietes von der Goldküste bis Manikongo an (S. 308, 311, 313, 316, 345, 346, 347). Sollte vielleicht Alvaro Velho etwas dem Wörterverzeichnis aus der «Sprache von Calecut» Entsprechendes auch im Serra Leoa-Gebiet gesammelt, in seinen Aufzeichnungen mitgeteilt und Duarte Pacheco dieselben gekannt haben? Es ist nur Vermutung, aber dass die Wege der beiden sich irgendwo einmal gekreuzt haben, wäre durchaus möglich; mindestens ebenso wahrscheinlich ist allerdings, dass Duarte Pacheco, der ja lange Jahre in Afrika gewesen ist, auch die erste Gruppe von Wörtern an Ort und Stelle selbst kennen gelernt hatte; war doch die Serra Leoa-Küste nach

dem Zeugnis des André Alvares d'Almada für die Portugiesen der wertvollste Teil der Guinea (a melhor cousa que tem Guiné e de mais resgate e de menos custo», S. 79). André Alvares hat freilich drei Menschenalter nach Alvaro Velho und Duarte Pacheco seinen *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo-Verde* geschrieben (1591), und was für seine Zeit galt, braucht nicht ohne weiteres auf die des Duarte Pacheco zuzutreffen; die Bedeutung des Sierra Leone-Gebietes bezeugt er aber auch für die ältere Zeit, wenn er sagt: «Antigamente os homens pobres não hião a outro senão a este, porque com pouco cabedal se approveitavão muito». So wird auch Duarte Pacheco diese Küste wohl ein oder das andere Mal auf seinen Reisen berührt haben.

Liegt der Schwerpunkt des «Esmeraldo» in Kosmographie und Schiffahrtskunde, so will André Alvares nach seinem Prolog kurz handeln von «Waffen, Tracht und Bräuchen der Neger vom Senegal bis zur Serra Leoa, von ihren Kriegen, ihrem Gerichtswesen und von allem, was es sonst Bemerkenswertes in den genannten Gebieten gibt». Seine Kenntnis gründet sich ebenfalls auf Augenschein; er hat den grössten Teil der Guinea gesehen und in vielen Flüssen Handel getrieben; den Gambia ist er 150 Leguas hinaufgefahren; wo eigene Anschauung ihm fehlte, hat er sich bei sachkundigen Landsleuten und bei den Negern selbst unterrichtet. Das lässt wertvolle Nachrichten erwarten und das kleine Buch enttäuscht darin auch nicht. Die Gesamteinstellung seines Verfassers gegenüber den Negern ist milder und menschlich freundlicher als die des Duarte Pacheco, darum auch das Interesse für ihre religiösen Bräuche und Anschauungen stärker; er bedauert die Armen, die so in den Banden des Aberglaubens liegen (S. 23, 43 f.). Da ihm zudem die Kenntnisse zu statten kommen, die in Jahrzehnten portugiesischer Kolonisationstätigkeit in Westafrika seit Alvaro Velho und Duarte Pacheco hinzugewonnen worden waren, so bietet er über Religion und Zauberbrauch der Neger weit mehr und Interessanteres als der letztere und gelegentlich sogar mehr als Alvaro Velho, wie z. B. die Schilderung der Gottesgerichte der Neger (S. 21), die Nachrichten über die «bixirins» und ihre heiligen Häuser am Gambia (S. 29), über den Glauben der Naluns im Rio Grande-Gebiet, dass die Seele jedes einzelnen von ihnen in einem wilden Tier wohne und mit dessen Tod auch sie selber sterben müssten (S. 69), über den mehrmals im Jahre stattfindenden angeblichen Auszug des Dämons Contuberia im Gebiete der Sapes an der Serra Leoa-Küste (S. 76); trotzdem vermag selbst neben seiner Darstellung die von Valentin Ferdinands Gewährsmann zu bestehen, ja, sie scheint mir z. T. noch tiefer zu dringen, ist

verhältnismässig und wohl auch für sich genommen noch reichhaltiger. Der Grund liegt in dem achtjährigen Aufenthalt ihres Verfassers im Lande, der ihm bei seiner ruhig sachlichen Betrachtungsweise für ein räumlich allerdings enger begrenztes Gebiet doch noch tiefere Einblicke gestattete, als sie André Alvares d'Almada bei seinen Handelsfahrten zu gewinnen vermochte.

Es war ein langer, stellenweise mühevoller Weg, auf den die Frage nach dem Verfasser des «Roteiro» geführt hat. Wir verlassen diesen Weg nun um uns dem Ausgangspunkte der Studie, dem Schriftchen von Frederico Diniz d'Ayalla, wieder zuzuwenden, seine Einwände gegen die Echtheit des «Roteiro» auf ihre Stichhaltigkeit zu prüfen.

4. Die Echtheit des «Roteiro»

Welches sind die Gründe, womit Ayalla die Authentizität des «Roteiro» anficht? Die Handschrift, macht er (S. 34) geltend, die uns den merkwürdigen Bericht überliefert, ist nicht das Original, sondern eine Abschrift von fremder Hand, und den Namen des Verfassers kennen wir nicht. Aber auch wenn sie den Namen eines Begleiters des Vasco da Gama trüge, würde das nichts beweisen: «wie leicht hätte derselbe von einem arglistigen Fälscher gewählt werden können um so ein reines Falsifikat als authentisch auszugeben! Es genügt nicht, dass leichtherzige Kritiker unseres Jahrhunderts sie ihrem vermuteten Autor zuschreiben, um sie echt zu machen, wenn, wie wir sahen, die Schriftsteller sie nicht erwähnen, die gleichzeitig oder fast gleichzeitig mit Castanheda sind, der die Handschrift zu Rate gezogen haben soll».

Diesen Argumenten gegenüber sei zunächst die Frage gestattet: Wieviel antike oder mittelalterliche Manuskripte besitzen wir denn, die eigenhändige Niederschriften ihrer Verfasser sind? Bei wie vielen Handschriften bliebe die Echtheit überhaupt noch unbestritten, wenn wir sie an diese Voraussetzung knüpfen wollten? Und ist die Tatsache, dass der Verfasser von Reiseaufzeichnungen, die für die Veröffentlichung von Anfang an schwerlich bestimmt waren, sich nicht mit Namen nennt oder genannt wird, dass seine Arbeit bei gleichzeitigen oder wenig späteren Schriftstellern keine Erwähnung findet, etwa zureichender Grund sie als verdächtig anzusehen? Wie viele ihrer Quellen für die einzelnen Indienfahrten führen denn die Castanheda, Barros, Goes, Osorio überhaupt an? Die «leichtherzigen Kritiker» aber — gemeint sind Männer wie Köpke, Herculano, Teixeira d'Aragão! — haben doch den «Roteiro» dem Alvaro Velho nicht deshalb zugeschrieben um seine Echtheit damit zu erhärten; denn

an dieser hat, soviel ich sehe, keiner von ihnen gezweifelt. Um an eine Fälschung glauben zu können sollte man ferner doch auch einen Zweck sehen, zu dem sie unternommen wäre; gerade bei einer solchen würde zudem die Anonymität am unverständlichsten sein: der Name eines Teilnehmers der Reise — sagen wir des Alvaro Velho! — auf dem Titelblatt musste doch ohne Zweifel den Glauben an die Echtheit bestärken. «Castanheda *soll* die Handschrift zu Rate gezogen haben»: nun, die vielfach fast wörtliche Übereinstimmung seines Textes mit dem des «Roteiro», selbst in unbedeutenden Einzelheiten, zwingt einfach zu dem Schluss, dass entweder der Chronist aus diesem, d. h. nach dem oben Ausgeführten aus der ursprünglichen Niederschrift des Verfassers oder aus einer andern Kopie als der Portuenser, seine Darstellung geschöpft oder umgekehrt der Fälscher den Castanheda ausgeschrieben hat. Welchen Sinn aber konnte eine Fälschung haben, die in keinem irgendwie wesentlichen Punkte mehr bot als der Bericht des Chronisten, hie und da sogar weniger, und die oft Satz für Satz, manchmal Wort für Wort mit ihm übereinstimmte? Wozu die ganze Unbequemlichkeit?

Aber diese äusseren Gründe sollen ja wohl nur in Verbindung mit den aus dem Darstellungscharakter des «Roteiro» entnommenen inneren Gründen in die Wagschale geworfen werden. «Sehen wir zu», fährt Ayalla fort, «ob nach dem inneren Bau der Handschrift dieselbe den eigentümlichen Charakter solcher Art von Veröffentlichung besitzt, d. h. ob sie ihrer literarischen Natur nach ein Tagebuch im strengen Sinne des Wortes ist!» Der unbefangene Leser des «Roteiro» wird die Frage, wenn sie in dieser Form gestellt wird, ohne viel Besinnen verneinen. Der «Roteiro» ist nicht eigentlich Tagebuch, sondern zwanglose gelegentliche Aufzeichnung mit Unterbrechung von Tagen, Wochen, Monaten selbst, wenn der Verfasser, wie auf der Hinreise bis zum Kap, nichts nach seiner Auffassung Bemerkenswertes zu berichten hat. Über die Zeit vom 22. August bis zum 27. Oktober findet sich überhaupt keine Notiz darin; dann wieder schreibt er rückschauend und zusammenfassend über eine Reihe von Tagen: «Am Mittwoch warfen wir Anker in besagter Bucht, wo wir acht Tage liegen blieben und die Schiffe reinigten und die Segel ausbesserten und Holz einnahmen» (S. 4). «Und daran waren die Strömungen schuld, die hier stark sind; und am selben Tage noch machten wir uns daran den Weg, den wir schon einmal hinter uns hatten, noch einmal zu machen, mit starkem Wind im Rücken, der uns drei oder vier Tage aushielt, wobei wir der Strömungen Herr wurden, von denen wir sehr befürchtet hatten, dass sie uns nicht würden erreichen lassen, was wir wünschten. Und von diesem Tag an wollte

Gott in seiner Barmherzigkeit, dass wir vorwärts kämen und nicht zurück. Möge ihm gefallen, dass es also immer sei!» (S. 16 f.). Der letzte Satz zeigt, dass die Stelle auf der Reise geschrieben ist, aber es wird zusammenfassend eine Anzahl von Tagen behandelt. Und das wiederholt sich immer wieder.

«Ein Tagebuch», sagt Ayalla, «ist nicht nur die tägliche Aufzeichnung von hauptsächlichen Begebenheiten, sondern es muss die augenscheinlich alltäglichen Vorfälle enthalten, die in natürlicherer Weise mit den seinem Verfasser eigentümlichen Gefühlen aufgenommen werden. Jedes literarische Werk ist das Abbild seines Verfassers, des Verfassers und der Epoche... Eine leidenschaftslose Beschreibung von Tatsachen, ohne das Gefühl, das dem Interesse entspricht, das sie wecken oder in dem Erzähler wecken müssen, ist immer ein starker Grund, seine Anwesenheit bei oder Teilnahme an den Begebenheiten, die er erzählt, in Zweifel zu ziehen... Wer an einer Expedition oder irgendwelcher Kollektivhandlung teilnimmt, der entgeht nie der persönlichen Erregung, die die Ereignisse wecken, der Erregung der andern, die an den Ereignissen teilnahmen. Das ist nun aber gerade das, was wir in dem «Roteiro» des Vasco da Gama nicht sehen». Für das Tagebuch als literarische Gattung im höheren Sinn ist diese Charakteristik zweifellos zutreffend, aber der literarische Charakter geht nun dem «Roteiro» doch völlig ab, und der Grad persönlicher Teilnahme in Berichten über Kollektivhandlungen wird selbstverständlich von dem Masse der Fähigkeit persönlichen Erlebens ebenso abhängen wie von dem Grade der Ausdrucksfähigkeit, die sein Verfasser besitzt. Bei dem Autor des «Roteiro» ist die letztere gering und stärkere Innerlichkeit tritt nicht zutage. Seine Darstellung ist sachlich, ruhig und anspruchslos; die eigene Person lässt er ganz zurücktreten. Ein Jüngling ist er offenbar nicht mehr gewesen — hiess er Alvaro Velho, so sagt das schon sein Name — und ein Neuling auf der See sicher ebenso wenig. Die alltäglichen Vorgänge an Bord sind ihm daher kaum einer flüchtigen Erwähnung wert, auf die Stimmung der Mannschaften während der langen Reise, das Auf und Nieder von Hoffnung und Befürchtungen fällt nur hie und da ein flüchtiges Streiflicht. Mit dem Ausdruck von Gefühlen ist er sparsam bis zur scheinbaren Teilnahmlosigkeit; wo er von dem ersten Auftreten des Skorbutes am Sambesi, auf der Hinfahrt spricht, werden objektiv die Krankheitserscheinungen beschrieben (S. 22); auch dass die Skorbutkranken, die man noch an Bord hatte, im Mombaça gesund wurden, sagt er (S. 41); aber dass inzwischen etwa 30 Mann daran gestorben waren, kann man nur aus einer gelegentlichen späteren Bemerkung (S. 101) entnehmen; und doch handelt es sich dabei

um etwa 1/5 der gesamten Bemannung der drei Schiffe und unter den Toten war gewiss einer oder der andere, der ihm näher gestanden hatte. Das Bedürfnis, auszusprechen, was ihn innerlich bewegte, ist also sicher nicht der Grund gewesen, der ihn zu seinen Reiseaufzeichnungen veranlasst hat. Übrigens hätte er um die Gefühle auszudrücken, die Frederico Diniz d'Ayalla bei ihm vermisst, eine Dichternatur wie Camões sein müssen und nicht Alvaro Velho. «Sollte dieser Seebär», so lesen wir mit Beziehung auf die Ausfahrt von Restello S. 36 ff. bei Ayalla, «der in seiner Arbeit Verstand und Bildung offenbart, kein Wesen gehabt haben, von dem es Abschied zu nehmen galt in Liebe und Sehnsucht? Weder Mutter noch Weib noch Geliebte noch ein Freundesherz zum mindesten, das ihm eine Erinnerung, ein freundschaftliches Gedenken, eine Sehnsucht abgenötigt hätte? Das aufregende Drama des Strandes von Restello an diesem tragischen und denkwürdigen Tage, der sich die besondere Erwähnung bei allen Historikern verdient und Camões die schlichteste und pathetischste seiner Elegieen eingegeben hat, sollte nur das erreicht haben, diesen gefeierten Seemann, den ersten Chronisten dieser Epopöe der Tränen und der Liebe, kalt zu lassen wie Stein? Ist es glaublich, dass der Autor des «Roteiro» dies erschütternde Drama gesehen und daran teilgenommen und nicht einmal ein Wort geschrieben haben sollte, das seiner inneren Bewegung Ausdruck geliehen hätte? Wäre es nicht natürlich, dass er auf der Ausreise zu dieser Expedition uns mindestens die Zahl seiner Begleiter oder die Beschreibung der Karavellen gäbe, die der Seemann so zärtlich liebt, fast wie seine Heimat? Wo hat man einen Teilnehmer an einer Expedition gesehen, der ausreiste und die Route seiner Reise beschriebe, ohne seine persönlichen Eindrücke mitzuteilen, die Befürchtungen und Hoffnungen, die Aussagen und Meinungen, die von Gruppe zu Gruppe, von Mund zu Mund gehen? Und erweckte nicht einmal die gedankenvolle und zuversichtliche Gestalt Vascos, auf dem Oberdeck stehend, der das bleiche Mondlicht die Erhabenheit einer ruhigen und hehren Vision gab, in Alvaro auch nur ein Wort der Bewunderung oder des patriotischen Stolzes? In jener ersten Nacht unter dem kalten und weit hingebreiteten Leichentuch des Ozeans, auf dem die Sterne, ebensoviel tränenvolle Augen, in dem ergreifenden Weltraum leuchteten, in jener ersten Nacht, sage ich, der Sehnsucht und der Traurigkeiten, der Hoffnungen und Befürchtungen, in der das Meer zu schluchzen schien und der Wind unheilvolle Vorbedeutungen zu heulen, sollte nichts Feierliches und Ernstes vorgegangen sein! Weder ein Gebet, emporgesandt zu Gott noch ein Wort Vascos, das seine Begleiter ermunterte? Was für ein Seemann, der die ersten

Befehle seines Kapitäns vergässe, die erste Aufregung der Mannschaften, der ersten Segelmanöver!

Und so erging es mit diesem einzigen und sonderbaren Seemann, der, wenn nicht ein Gelehrter, doch mindestens ein Prosaiker auf Steuermannshöhe ist.

Kalt und lakonisch, wie jemand, der zwei Jahrhunderte nachher die Darstellung seiner Reise schriebe, beginnt er sein Tagebuch.

«Wir fuhren von Restello ab an einem Samstag, den 8. Juli 1497».

Von dem Abschied nicht ein Wort; von den Schiffen keinerlei Beschreibung; von seinen Begleitern, und nur von wenigen, spricht er bloss, wenn er sich auf irgend einen Vorfall zu beziehen hat. Nicht einmal die Stunde der Abfahrt, die kein Tagebuch auslässt, gibt er uns an. Kein Seemann kann den Augenblick des Ankerlichtens vergessen, in dem das Herz mit grösserer Kraft schlägt, die Seele zwischen Herzensängsten zu schaukeln scheint wie das gebrechliche Holzwerk, das die Wellen bricht.

Indes glaube man nicht, dass der Verfasser des «Roteiro», gleichgültig gegen alle seelischen Erregungen, von Temperament phlegmatisch und wenig mitteilsam wäre! Er ist lakonisch in der Erzählung gerade der Ereignisse, die einem Augenzeugen tieferen Eindruck machen müssten, während er weitschweifig und selbst langweilig wird bei der Beschreibung von Vorkommnissen, die einen Seemann nicht so sehr interessieren sollten.

Das prächtige Meer, die unbekannten Breiten, die furchtbare Schönheit der Elemente oder die Überraschungen des Unvorhergesehenen und Unbekannten reizen seine Neugier nicht noch beleben sie seine Feder. Es ist kein immer malerischer See-Roteiro mit jenem dem Seeleben eigenen Kolorit. Es fehlt ihm die Technik, der Charakter des Berufsmässigen, der Jargon des Lebens an Bord, die Eingebung des Meeres. Eintönig und reizlos, könnte man ihn als Chronisten bezeichnen, der in der Erzählung von Dingen, die er nicht empfunden oder gesehen, unbeholfen ist. Wie wenn er nicht Vasco begleitete, scheint er sich nicht zu interessieren für den Ausgang des glänzenden und gefahrvollen Abenteuers».

Wo ist der Reisebericht des 15. oder 16. Jahrhunderts, der literarischen Anforderungen genügte, wie sie, aus dem Wesen des Tagebuchs als literarischer Gattung abgeleitet, Ayalla hier an den «Roteiro» stellt? Gewiss — um nur einen der von ihm beanstandeten Punkte herauszugreifen — das Schiffsjournal des Columbus, wie es uns in dem Auszug des Bischofs Las Casas vorliegt, der «Roteiro de Lisboa a Goa» des João de Castro geben die Stunde der Abfahrt an,

aber beides sind amtliche, für die Könige bestimmte Urkunden und wirkliche Bordtagebücher und mindestens João de Castro ein hochgebildeter Geist, für den nichts, was auf das Nautische der Fahrt Bezug hat, gleichgültig ist; Columbus aber mit seinem starkbewegten Innenleben ist von der Bedeutung seines nach so mancher Enttäuschung nun endlich gesicherten Unternehmens so durchdrungen, dass auch der kleinste Umstand desselben ihm wichtig erscheint: wer möchte mit den völlig anders gearteten Tagebüchern dieser beiden Männer den schlichten Bericht unseres Autors vergleichen! Eher sind wohl die im zweiten Bande der *Collecção de Noticias* enthaltenen Reiseberichte des Cà da Mosto (mag auch der Italiener an Naturgefühl und schriftstellerischer Fähigkeit über dem Verfasser des «Roteiro» stehen), mehr noch der des Steuermannes von Cabrals Flotte oder der des Thomé Lopes, des Giovanni da Empoli nach Form und Inhalt vergleichbar, unterscheiden sich aber doch wesentlich vom «Roteiro» dadurch, dass sie nicht während der Fahrt gemachte Aufzeichnungen sind, sondern nachträgliche Ausarbeitungen; immerhin werden mindestens dreien davon solche Notizen zugrunde liegen, aber nur der umfangreichste von allen, der Bericht des Thomé Lopez, der auch formal auf einer gewissen Höhe steht, gibt die Tageszeit der Abfahrt von Lissabon an. Man mag die Zulässigkeit des Vergleiches beider Darstellungen bejahen oder verneinen, aber dass bei einem zu persönlichen Zwecken geführten Reisetagebuch des 15. Jahrhunderts, auch wenn der «Roteiro» ein solches im strengen Sinn wäre, die Echtheit angezweifelt werden dürfte, weil die Stunde der Abfahrt nicht angegeben ist, wird man schwerlich zugeben können. Im übrigen scheint mir das Fehlen all der Darstellungselemente, die Ayalla nach der mitgeteilten Stelle seiner Schrift im «Roteiro» vermisst, weit eher für dessen Echtheit als für das Gegenteil in die Wagschale zu fallen; denn gerade ein Fälscher würde diese Dinge zum Teil doch wohl bedacht haben und eine Erweiterung und Ergänzung gerade nach dieser Richtung hätte aus dem dürren Tatsachenbericht Castanhedas etwas machen können, was die Mühe der Fälschung gelohnt und dem neuen Machwerk den Schein selbständiger Bedeutung geliehen hätte. Sollte aber wirklich die Teilnahmlosigkeit des Alvaro Velho an den von ihm erzählten Ereignissen so weit gehen, wie Ayalla behauptet?

«Wir traten von Restello aus an einem Samstag—es war der 8. Juli genannten Jahres 1497—unsere Fahrt an, die Gott der Herr in seinem Dienste glücklich wolle vollenden lassen, Amen!» so beginnt mit einem schlichten Gebetswort (S. 1) der Verfasser seinen Bericht. Das Kap der Guten Hoffnung ist glücklich umfahren, der letzte Wappenpfeiler

des Bartolomeo Diaz und der Rio do Infante, die Grenze der Entdekkungen von Gamas Vorgänger, liegen hinter ihnen; von Samstag Abend bis Mittwoch Morgen sind sie auf hoher See, zum Teil vor dem Winde, gesegelt und glauben ein gutes Stück vorwärts gekommen zu sein, da finden sie sich, als die Küste wieder in Sicht kommt, zu ihrer schmerzlichen Überraschung bei der Kreuzinsel in der Algoa-Bucht wieder, die bereits 70 Leguas hinter ihnen gelegen hatte. Noch einmal muss der Kampf mit den Strömungen aufgenommen werden und diesmal gelingt er. «Und von jenem Tage an wollte Gott in seiner Barmherzigkeit, dass wir vorwärts kämen und nicht zurück; wolle es ihm gefallen, dass es also immer sei!» Man fühlt aus den Worten etwas von der seelischen Erleichterung heraus, mit der auf den Schiffen die glückliche Überwindung der Moçambique-Agulhas-Strömung begrüsst wurde. Nun ist die Quilimane-Mündung des Sambesi erreicht; zwei Negerhäuptlinge erscheinen bei den Schiffen; sie tragen Kopfbedeckungen, deren feine Stoffe auf die Nähe einer höher entwikkelten Kultur weisen, und mit ihnen kommt ein junger Bursch aus einem entfernteren Land und er sagt, dass er schon Schiffe gesehen habe, so gross wie die portugiesischen: «es waren Zeichen, über die wir uns sehr freuten, weil es uns schien, dass wir nun bald hinkommen würden, wohin wir wollten» (S. 21). Das klingt gewiss schlicht und unbeholfen, aber die Stimmung der Entdecker, die sich in der Benennung des «Stroms der Guten Vorbedeutungen» spiegelt, wird doch deutlich auch in diesen Worten erkennbar. Nicht lange und die erste Berührung mit der arabischen Kultur Ostafrikas ist in Moçambique erreicht, das Land des seit Menschenaltern gesuchten Erzpriesters Johannes scheint nach den Informationen, die sie erhalten, nahe, mit Hafenplätzen am Meer und grossen Kaufleuten und grossen Schiffen; Gold, edle Steine, Perlen sollten sie an ihrem Wege finden und Gewürze in so reicher Fülle, dass man sie nicht einzutauschen brauche, sondern nur in Körben zu sammeln: «Und diese Dinge und noch viel andere sagten uns diese Mauren, über die wir so froh waren, dass wir vor Freude weinten und Gott baten, es möge ihm gefallen uns Gesundheit zu geben, damit wir sähen, was wir alle wünschten» (S. 25. f.). Ist da nicht der lebendige Pulsschlag unmittelbaren Erlebens? Verrat des Scheichs treibt sie von Moçambique fort; längs der Küste tasten sie sich nach Norden weiter; einheimische Lotsen täuschen ihnen Städte mit teilweise christlicher Bevölkerung vor. In den unbekannten Gewässern vom Verrate ständig bedroht, vom Skorbut gelichtet und grossenteils krank daran, sehnt sich die Mannschaft nach Ruhe in einem sicheren Hafen; so kommen sie am Tage vor Palmsonntag vor der Inselstadt Mombaça an. Hier sollten

nach den Aussagen der Lotsen Muhamedaner und Christen gesondert nebeneinander und beide unter eigenem Herrn wohnen; und wenn die Portugiesen hinkämen, hiess es, würden die Christen ihnen viel Ehre erweisen und sie in ihre Häuser mitnehmen. Festlich genug sieht's in der Tat bei ihrer Ankunft aus; alle vor der Stadt liegenden Schiffe sind bewimpelt und beflaggt. «Und wir», schreibt unser Autor (S. 37), «taten ein gleiches und mehr mit unsern Schiffen; denn es fehlte uns an nichts als nur an Mannschaft, die wir nicht hatten, weil noch die wenige, die wir hatten, schwerkrank war. Und dort gingen wir sehr vergnügt vor Anker, in der Meinung, dass wir am andern Tag gehen und an Land mit den Christen Messe hören könnten, die es hier geben sollte, wie man uns sagte». Das ist gewiss kein Schwelgen in Gefühlen, aber die innere Bewegung des Erlebnisses klingt in dem kunstlosen Berichte für den, der aufmerksam und vorurteilslos hinhört, doch deutlich durch. Die Hoffnung trügt; nur durch stete Vorsicht und Wachsamkeit entgehen sie den Anschlägen der Araber, zuletzt dem nächtlichen Versuch das Ankertau der «Berrio» zu kappen und das Takelwerk der «Rafael» zu zerstören. Der Ingrimm der Enttäuschung spricht hörbar aus den Worten des Berichterstatters (S. 40): «Diese und viel andere Schurkereien planten diese Hunde, aber der Herr wollte nicht, dass sie ihnen gut ausgingen, weil sie nicht an ihn glaubten», und aus der weiteren Stelle (S. 41): «Wir blieben noch den Mittwoch und Donnerstag, nachdem wir die Bosheit und Verräterei erkannt hatten, die diese Hunde gegen uns ins Werk setzen wollten». Aber in Dankbarkeit gedenkt Alvaro Velho auch des Guten, das ihnen in Mombaça widerfahren ist (S. 41): «Gott wollte in seiner Barmherzigkeit, dass, sowie wir vor dieser Stadt lagen, sogleich alle Kranken, die wir an Bord hatten, gesund würden, weil das Land eine sehr gute Luft hat». Welch köstlicher Reiz des ersten, frischen Erlebens liegt sodann über der Szene, worin die Begegnung des in Calicut zuerst an Land geschickten Verbannten mit den zwei Mauren von Tunis und der unmittelbar daran anschliessende Besuch des Monçaide auf den Schiffen geschildert wird! Diesen Reiz vermag keine Übertragung ganz wiederzugeben; ich setze daher die Stelle im Wortlaut des Originals (S. 51 f.) hierher: «E aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar castellano e januês, e a primeira salva que lhe deram foy esta que se ao diante segue: — «Al diabro que te doo: quem te traxo aquà? — e preguntaram-lhe que vinhamos buscar tam lonje, e elle lhe rrespondeo: — vimos buscar christãos e especiaria. — Elles lhe disseram: — porque nom manda quà elrey de Castella e elrey de França e a senhoria de Veneza? — e elle lhe rrespondeu que elrey de

Portugall nom queria consentir que elles quà mandasem, e elles diseram que fazia bem. Emtam o agasalharam e deramlhe de comer pam triguo com mell, e 'depois que comeo vêose pera os navios e vêo com elle huum daquelles mouros, o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras:—boena vemtura, boena ventura: muitos rrobis, muitas esmeraldas: muitas graças devês de dar a Deus, por vos trazer a terra honde ha tanta rriquesa.—Era pera nós isto tanto espanto, que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendese nossa falla». Mir sind wenig Szenen in den Entdeckungsberichten des 15. und 16. Jahrhunderts bekannt, die unmittelbarer und packender die Sprache des wirklichen Erlebnisses sprächen.—Ich übergehe die Erzählung der Vorgänge in Calicut und ihre nach Ayallas Eindruck langweiligen Einzelheiten (fastidiosos detalhes), erwähne nur im Vorbeigehen den Satz (S. 87), in dem es mit Bezug auf die Abfahrt von Calicut heisst: «So gingen wir ohne Verzug unter Segel und traten unsere Fahrt nach Portugal an, alle sehr froh, dass wir das Glück gehabt hatten etwas so Grosses zu finden, wie wir gefunden hatten», und setze noch ein paar Stellen aus der Schilderung der an Mühen und Leiden so reichen Heimreise hierher, in deren Worten mir das persönliche Mitempfinden unverkennbar zutage zu treten scheint.

«Zu besagter Überfahrt (S. 100 f.) brauchten wir so lange Zeit, dass drei Monate weniger drei Tage darüber vergingen, und das infolge häufiger Windstillen und Gegenwinde, die wir dabei fanden, derart, dass uns die ganze Mannschaft krank wurde, indem das Zahnfleisch ihnen so über die Zähne wucherte, dass sie nicht essen konnten; und desgleichen schwollen ihnen die Beine an und es kamen auch sonst am Körper grosse Geschwüre, derart, dass sie einen Mann so weit herunter brachten, bis er starb, ohne irgend eine andere Krankheit zu haben. Daran starben uns in besagter Zeit dreissig Leute, ausser ebenso vielen, die schon gestorben waren; und die, welche auf jedem Schiff noch Dienst taten, mochten sieben oder acht Leute sein, und selbige waren nicht einmal gesund, wie sie es hätten sein sollen; und ich versichere euch, wenn selbiges Wetter noch vierzehn Tage angehalten hätte, wären wir über dies Meer zurückgefahren, dieweil wir keinen Mann mehr gehabt hätten, der auf den Schiffen Dienst hätte tun können. Wir waren auf dem Punkt angelangt, dass man sich schon mit allem abgefunden hatte. Und während wir so in Todesnot weiterfuhren, taten wir auf den Schiffen viele Gelübde an Heilige und Fürsprecher. Und die Kapitäne hatten schon den Beschluss gefasst, dass, wenn günstiger Wind uns zu Hilfe käme, der uns nach Indien, von wo wir abgefahren waren, zu-

rückführte, dass wir dort wieder landen wollten. Da wollte Gott in seiner Barmherzigkeit uns einen Wind geben, der uns in ungefähr sechs Tagen an Land brachte, worüber wir so glücklich waren, als wenn es Portugal gewesen wäre, dieweil wir glaubten mit Gottes Hilfe dort gesund zu werden wie das erstemal. Und es war an einem Mittwoch, den 2. Januar 1499» — so ist zu lesen statt 2. Februar (s. Hümmerich, *Vasco da Gama*, S. 144). Melinde wird erreicht und wie das erstemal nimmt der Scheich sie freundlich auf, schickt Hämmel zum Geschenk und lässt viel «Worte von Frieden und Freundschaft sagen; und der Kommandant schickte mit denen, die gekommen waren, einen Mann an Land um den andern Tag Orangen zu bringen, nach denen die Kranken, die wir an Bord hatten, sehr verlangten, wie er sie denn in der Tat auch gleich brachte, ob sie gleich den Kranken nichts nützten; denn das Land griff sie so an, dass uns hier viele starben ... An selbigem Ort blieben wir fünf Tage und ruhten aus und erholten uns von all der Mühsal, die wir bei der Überfahrt ausgestanden hatten, wo wir alle zum Sterben nicht mehr weit gehabt hatten». In rascher Fahrt geht es nun südwärts; am 3. März ist die Bucht von S. Bras (Mosselbucht) erreicht, wo in neuntägigem Aufenthalt durch Pinguin- und Robbenschlag die Vorräte an Pökelfleisch ergänzt und Wasser eingenommen wird. «Und als wieder gutes Wetter kam, fuhren wir von neuem ab, und der Herr gab uns so guten Wind, dass wir am 20. besagten Monats das Kap der Guten Hoffnung passierten. Und wer von uns bis dahin kam (S. 106), war gesund und kräftig und manchmal halbtot vor Kälte infolge grosser Stürme, die wir in diesem Lande fanden. Und wir schrieben es mehr dem zu, dass wir aus einem heissen Lande kamen, als dass die Kälte gross gewesen wäre, und fuhren unseres Weges weiter, recht voll Sehnsucht ans Ziel zu kommen». Wer ohne Voreingenommenheit alle diese Stellen liest, wird schwerlich den Behauptungen Ayallas beitreten, dass unser Autor eintönig und reizlos wie ein Chronist, kalt und lakonisch wie jemand berichte, der zwei Jahrhunderte später schreibt, unbeholfen in der Erzählung von Dingen, die er nicht empfunden oder gesehen, ohne Interesse für den Ausgang des glänzenden und gefahrvollen Abenteuers. Nein, hier ist Empfindung, die Empfindung eines reifen Mannes freilich, der mit ruhiger Sachlichkeit den Dingen gegenübersteht, nur gelegentlicher und verhaltener Gefühlsausdruck, der seelischen Einstellung der Zeit entsprechend in erster Linie religiös gerichtet. Bloss ein «glänzendes Abenteuer» ist diesem Manne die Fahrt ganz gewiss nicht gewesen.

«Wie ein langweiliger, hochtrabender Chronist», wendet Ayalla ferner gegen die Echtheit des «Roteiro» ein, erzählt dieser, obwohl

er Arabisch nicht verstand, peinlich genau, was in den Unterhaltungen Vascos da Gama mit dem Scheich von Melinde und dem Samorin von Calicut zur Sprache kam; und doch waren, wie Alvaro Velho selber sagt, die Verhandlungen im letzteren Falle geheim und er selbst bei dem wichtigsten Teil derselben nicht anwesend; mit Einzelheiten und Reden, die einem phantasievollen Livius Ehre machen würden, berichtet er die Peripetieen von Calicut, als wäre er überall dabeigewesen. Es ist, behauptet Ayalla, «als läse man Castanheda oder Barros»—oder Correa, möchte man hinzufügen; denn an dessen Leistungen auf diesem Gebiete reichen die zwei andern auch nicht entfernt heran; und doch wird Ayalla nicht müde die genaue und wahrheitsgetreue Darstellung gerade dieses Historikers zu rühmen. Was aber Alvaro Velhos Kenntnis der von ihm erzählten Vorgänge betrifft, so hatte gerade er doch wahrlich Gelegenheit genug, was er selber nicht gesehen oder gehört, teils von dem Mauren Monçaide, der bis zum 28. August, dem Tag vor Gamas Abfahrt, in Calicut gewesen war, teils von portugiesischen Teilnehmern, wie Diogo Dias und Alvaro de Braga, zu erfahren; und wenn die Verhandlungen Gamas mit dem Samorin geheim waren, so sollten sie das für die muhamedanischen Kaufherren sein, denen er nicht traute, aber vor seinen eigenen Leuten ihren Inhalt in Geheimnis zu hüllen, dazu hatte er doch nicht den mindesten Anlass; die gemeinsame Not und Gefahr der zwei Tage aber, die auf die zweite Audienz bei dem Samorin folgten, war wohl geeignet die Kluft auszufüllen, die sonst zwischen dem stolzen Geschwaderkommandanten und seinen Leuten lag, und ihn mitteilsamer als gewöhnlich zu machen. Dass der nach Landessitte auf ein Palmblatt geschriebene Brief des Samorin an König Manuel als Merkwürdigkeit der Mannschaft oder einzelnen Bevorzugten gezeigt und von Fernão Martins vorübersetzt wurde, hat doch nichts irgendwie Auffallendes bei einer derartigen Expedition. In dem Bericht von dem Schiffe «Rafael» über die Reise des Vizekönigs D. Francisco d'Almeida und über die Heimkehr der ersten Gewürzschiffe seiner Flotte, von dem uns Valentin Ferdinand einen genauen Auszug erhalten hat, wird sogar ein Brief des Scheichs von Mombaça an den von Melinde im Wortlaut mitgeteilt, worin der erstere über die grausame Zerstörung seiner Stadt durch Almeida berichtet, und er ist offenbar authentisch.

Ein Stein des Anstosses sind Ayalla die Kenntnisse, die der Verfasser des «Roteiro», namentlich in dem Abschnitt über die Reiche jenseits von Calicut, von den Handelsverhältnissen des Ostens zeigt, Dingen, die der europäischen Geographie der Zeit unbekannt gewesen seien—dabei nenne er seinen Gewährsmann nicht einmal mit Namen,

was er schon hätte tun müssen um ihm seitens der Portugiesen den Lohn für seine wertvollen Aufschlüsse zu sichern; besonders anstössig aber ist ihm, dass Alvaro Velho diese Kenntnisse als einfacher Seemann ohne gelehrte Bildung besessen haben sollte. Das dem abgebrochenen Tatsachenbericht folgende Wörterverzeichnis aus der Landessprache hält er vollends für viel später: selbst die Kapitäne hätten während dieser Reise nicht Zeit gehabt für mehr als den Kampf gegen die Unbarmherzigkeit der Meere und feindliche Hinterlist. Nun ist die Annahme, dass der Verfasser des «Roteiro» ein einfacher Matrose gewesen sei, wie oben ausgeführt wurde, reine Vermutung und durch nichts zu erweisen. Woher die Kenntnis der östlichen Länder und ihrer Handelsverhältnisse stammt, wie allem Anscheine nach das Wörterverzeichnis zustande gekommen ist, habe ich in der ersten und zweiten Studie dargelegt. Der Jude Gaspar, auf dessen Mitteilungen der Abschnitt über die Reiche «südlich von Calicut» beruht, hatte übrigens nicht, wie Ayalla sagt, dreissig Jahre in Alexandrien gelebt, sondern war nach dem «Roteiro» dreissig Jahre vor Gamas Entdeckungsfahrt von dort nach Indien gekommen. Den Namen des Mannes nennt unser Autor freilich nicht, so wenig wie den des Monçaide; aber wenn die Nachrichten über indische Reiche, wie ich in der zweiten Studie wahrscheinlich zu machen gesucht habe, auf Mitteilungen Gaspars aus seiner im Werden begriffenen, dem König Manuel gewidmeten Schrift zurückgehen, dann bedurfte es doch für den Juden keiner Empfehlung von seiten Alvaro Velhos. Dass aber das Interesse des letzteren sich der Erkundung gerade der Handelsverhältnisse des Ostens zuwandte, ist in keiner Weise verwunderlich; auf Anknüpfung von Handelsbeziehungen war es doch bei dem ganzen Unternehmen der Krone zunächst abgesehen; «em busca da espeçiaria» gingen nach den Anfangsworten des «Roteiro» Gamas Schiffe auf Entdeckung aus, und mit den Worten «visto como já tinhamos achado e descuberto o que vinhamos buscar, asy de espiciaria como de pedras preçiosas» umschreibt der Verfasser S. 86 den Zweck der Fahrt.

Ein Zeugnis gegen die Echtheit des «Roteiro» sieht Ayalla sodann in dem «historischen und nautischen Wissen», das sein Verfasser enthülle. Worin besteht dasselbe nun? Er weiss, dass bei Bartolomeo Dias' Besuch der Bucht von S. Bras die Eingeborenen geflohen waren, während sie aus den Händen Vascos da Gama kleine Glöckchen — das und nicht Geldstücke, wie Ayalla meint, bedeutet hier «cascaves» [1] —

[1] Vgl. Duarte Pacheco, *Esmeraldo*, l. IV, c. 8 (campainhas) und Giovanni da Empoli bei Ramusio, *Navigationi et Viaggi*, Bd. I, Venezia 1550, f. 156v (sonagli).

annahmen. «Da er nicht erklärt noch zu verstehen gibt, dass er Begleiter des Bartolomeo Dias gewesen wäre, so kann die Kritik nur annehmen, dass der Verfasser mehr ist als ein einfacher Seemann oder dass er diese Informationen aus Dokumenten gesammelt hat, die weit nach der Zeit liegen, von der wir handeln». Ein mehr als gewagter Schluss. Aber hören wir weiter! «Auch sein geographisches Wissen ist nicht weniger bemerkenswert und nicht weniger echt. Alvaro Velho kannte schon auf der Hinreise die Abstände von den Ilheos Chãos zum Ilheo da Cruz und von diesem zur Bucht von S. Bras (S. 16). Und er weiss das nicht wie irgend ein Praktiker oder vom Hörensagen, sondern nach den Seekarten; denn mit Bezug auf die Insel Santiago sagt er (S. 106): «que em as cartas de marear ao mais que della nos faziamos eram çem legoas» («denn nach den Seekarten konnten wir, wenn's hoch kam, 100 Leguas davon entfernt sein»). Das ist zunächst ein unrichtiger Schluss: weil die eine Angabe mit Berufung auf eine Seekarte gemacht wird, braucht darum doch die andere nicht auch auf einer solchen zu beruhen. Dass er selbst die Ortsbestimmung über die Entfernung von Santiago nach einer solchen gemacht habe, sagt zudem der Autor gar nicht und es wäre nach dem Zusammenhang nicht einmal wahrscheinlich; denn ein paar Zeilen weiter heisst es: «und die *Steuerleute* sagten, dass wir auf den Untiefen des Rio Grande seien». Dass er selber mit Seekarten nicht umzugehen verstanden habe, ist man versucht aus der Stelle auf S. 102 zu schliessen, in der von dem Mannschaftsmangel infolge der vielen Skorbuterkrankungen die Rede ist: «porquanto nom avia já hii piloto nem homem que cartear soubése pera saber em que parajem eramos»; allein der Schluss bleibt unsicher, weil er nach S. 101 («dieweil *wir* glaubten dort gesund zu werden») anscheinend auch zu den Kranken gehörte. Die ganze Betrachtung ist indes müssig: da als Pilot der «Gabriel» der Steuermann des Bartolomeo Dias, Pero d'Alemquer, die Reise mitmachte und unser Autor sich S. 8 auf dessen Zeugnis bei einer Ortsangabe in der Nähe des Kaps ausdrücklich beruft, so liegt es doch sehr nahe, dass auch die Ayalla so anstössigen Entfernungsangaben für die südafrikanische Küste einfach auf diese Quelle zurückgehen, und das gleiche wird man von seinem «historischen Wissen» über die Fahrt des Bartolomeo Dias ohne weiteres annehmen dürfen.

«Wenn alles, was im Vorhergehenden gesagt worden ist, nicht ausreichte um die Echtheit des «Roteiro» in Frage zu stellen, so bliebe uns noch der vernichtendste Beweisgrund, der gegen Urkunden dieser Art angeführt werden kann: der «Roteiro», der vorgibt ein Tagebuch zu sein, lässt nicht nur ohne die geringste Erklärung seines

Verfassers Tage aus, sondern verwechselt sogar die Tage oder Monatsdaten und nicht nur einmal, sondern öfter. Nun sieht man aber eine Urkunde unter diesen Bedingungen, wenn nicht als apokryph, zum mindesten als verdächtig an». Dass der «Roteiro» vorgäbe ein Tagebuch zu sein, ist eine willkürliche Behauptung Ayallas; gesetzt aber, er wäre es, so würde auch dann das gelegentliche Fehlen von Einträgen für einen, zwei oder sogar mehr Tage noch kein Grund sein die Echtheit zu bestreiten: wer schreibt an seinem Tagebuch täglich? Und wer wird selbst heute — trotz Kalender und Zeitungen — nicht dann und wann ein zum Wochentag nicht stimmendes Monatsdatum eintragen? Nur in ganzen sechs Fällen innerhalb eines Zeitraums von zwei Jahren glaubt aber Ayalla Jrrtümer der Datumbezeichnung nachweisen zu können (S. 44). Jm ersten und dritten derselben fehlt ein Anhaltspunkt zur Entscheidung, ob im Wochentag oder im Monatsdatum des «Roteiro» der tatsächlich vorhandene Fehler liegt, ob also S. 17 f. Mittwoch der 10. oder Donnerstag der 11. Januar, S 91 Mittwoch der 19. oder Donnerstag der 20. September gemeint ist. Ayalla ändert hier wie überall den Wochentag. S. 82 spricht die Wahrscheinlichkeit dafür, dass das Monatsdatum stimmt (23. August), der Wochentag aber unrichtig angegeben ist und statt quarta feira ein quinta feira zu setzen wäre: es wird mit dieser Änderung ein ununterbrochener zeitlicher Verlauf der in dem Abschnitt S. 82 f. erzählten Bewegungen des Geschwaders hergestellt. Bevor er nun irgendwelchen Schluss aus diesen falschen Datumsangaben ziehen durfte, hätte Ayalla doch die Sicherheit haben müssen, dass sie wirklich dem Autor des «Roteiro» zur Last zu legen und nicht blosse Nachlässigkeiten des Kopisten sind. Das quarta und quinta feira konnte in der Vorlage sehr wohl mit römischen Ziffern geschrieben sein, und wie leicht wäre dann beim Abschreiben die Verwechslung von IV und V möglich gewesen! Anders liegen die Dinge in den drei letzten von Ayalla angeführten Fällen. Hier wird der Hebel von ihm an unrichtiger Stelle angesetzt: es ist ihm entgangen, dass in der *Monats*bezeichnung des «Roteiro» ein Versehen untergelaufen ist. Von der Überfahrt über den Indischen Ozean bei der Heimreise heisst es dort (S. 100): «Andámos tamto tempo em esta travessa que tres meses menos tres dias gastámos nella». Von Angediva fuhr das Geschwader Freitag den 5. Oktober 1498 ab (S. 99), muss also die afrikanische Küste am 2. Januar erreicht haben; tatsächlich lesen wir aber als Datum der Ankunft daselbst (S. 101): «E foy huma quarta feira dous dias de *fevereiro* da era de mill CCCCLXLIX anos». Diese Angabe ist falsch, es müsste heissen: «dous dias de janeiro»; denn nachdem man je fünf Tage in Melinde

und bei den «Untiefen des Hl. Rafael» zugebracht hatte, kam man am 1. Februar (S. 105) vor Moçambique an, am 3. März war die Bucht von S. Bras erreicht (S. 105), wo man zur Ergänzung der Vorräte zunächst neun und dann wegen widriger Winde noch einige Tage blieb, am 20. März wurde das Kap umfahren (S. 106) und am 25. April war man auf den Untiefen des Rio Grande (S. 106) an der Oberguinea-Küste [1]. Das ist eine fortlaufende Reihe unter sich übereinstimmender Daten; die afrikanische Küste ist also tatsächlich am 2. *Januar* 1499 in Sicht gekommen. Die irrtümliche Datierung auf den 2. Februar scheint aber auf die Originalniederschrift des Verfassers zurückzugehen; denn Castanheda hat sie auch in seiner Handschrift des «Roteiro» vorgefunden und, um die widersprechenden Aussagen desselben in Einklang miteinander zu bringen, die Dauer der Überfahrt über den Indischen Ozean auf «mehr als *vier* Monate» angegeben (l. I, c. XXVII); er lässt Vasco da Gama dann den 1. März statt 1. Februar an der Insel S. Jorge bei Moçambique anlegen, am 3. März aber richtig die Bucht von S. Bras erreichen — eine bare Unmöglichkeit! Goes folgt ihm, nur dass er (p. I, c. XLIV) für die Ankunft in der Bucht von S. Bras kein Datum, dagegen für die Doublierung des Kaps richtig den 20. März angibt. Dass es sich bei dem Datum 2. Februar nur um ein Schreibversehen des Verfassers des «Roteiro» oder einer frühen Kopie handelt, die sowohl unserer Handschrift in Porto als auch der Vorlage Castanhedas zu Grunde gelegen hätte, ist somit klar; es begegnet auch nur einmal: bei den weiteren Daten aus dem Monat Januar heisst es immer «do dito mês». Eins derselben ist nun in der Tat unrichtig: statt «ha segunda feira, que foram nove dias do dito mês» müsste es heissen: «sete dias», wie Goes auch schreibt. Auch das ist ein reines Versehen; denn ein paar Zeilen vorher steht richtig: «ao sabado que foram cinquo dias do dito mês». Der Wochentag (Montag) stimmt, wie der Zusammenhang ergibt, die Zahl dagegen (nove) wäre in sete zu ändern. Unklar ist mir, wie Ayalla zu dem folgenden von ihm beanstandeten Datum «14 de fevereiro 1499 sexta feira» kommt: in der zweiten wie in der ersten Ausgabe des «Roteiro» steht (S. 104) «sabado que

---

[1] Ayalla deutet S. 45 den Rio grande als den Zaire (Kongo), dessen Mündung auf 6° s. Br. liegt. Wenn sie aber nur 100 Leguas von Santiago (Kapverden) entfernt waren, unter Annahme nordsüdlicher Richtung also sich ungefähr auf 9° n. Br. befanden, als die Windstillen einsetzten, und nur in ein paar Gewitterstürmen, die vom Land her wehten, sich luvwärts, soviel sie konnten, vorwärts arbeiteten, kann der Kongo doch keinesfalls in Betracht kommen. Die Küstengewässer vor dem Rio Grande aber und dem Serra Leoa-Gebiet weisen tatsächlich Tiefen von nur 20-100 m (11-56 Faden) bis rund 150 km ins Meer hinein auf.

foram doze dias do dito mês», was für den 12. Januar 1499 zutrifft, ebenso wie das letzte von Ayalla angefochtene Datum «domingo que foram XXVII dias do dito mês» richtig ist, sobald man eben statt Februar nur Januar einsetzt, was nicht einmal eine Änderung ist, da ja «do dito mês» dasteht. So schrumpft die Bedeutung auch dieses Einwands stark zusammen.

Ein weiteres Verdachtsmoment gegen die Echtheit des «Roteiro» ist für Ayalla das plötzliche Abbrechen des Berichtes gerade an der Stelle, von der an auch die Chronisten bis zur Ankunft auf Terceira nichts mehr zu sagen wissen. «Ist dies Zusammentreffen nicht merkwürdig und gibt es nicht zu denken?» Gewiss, aber der Schluss wird ein anderer sein müssen als der von Ayalla gezogene: Eben weil der «Roteiro» hier abbricht, wissen die Chronisten über den weiteren Verlauf der Fahrt so gut wie nichts. Es ist doch sehr bezeichnend, dass in der seltenen frühesten Ausgabe des ersten Buches von Castanhedas «Historia do descobrimento e conquista da India» vom Jahr 1551 sowie in der danach angefertigten spanischen Übersetzung, die zu Antwerpen 1554 erschien, im 27. Kapitel fast wörtlich der Schlusssatz unseres «Roteiro» steht: «und die Steuerleute sagten, dass sie auf den Untiefen des Rio Grande seien», in unmittelbarem Anschluss daran aber der Historiker erklärt: «Und die weiteren Einzelheiten, die der Kommandant von da an bis zur Insel Santiago noch erlebte, konnte ich nicht erfahren, nur...». Dieser Satz findet sich zwar in der zweiten Ausgabe des Buches (1554) nicht mehr, aber es wird über den Rest der Reise dort nicht *eine* Tatsache mehr als in der ersten mitgeteilt. Deutlicher kann wohl kaum erwiesen werden, dass der «Roteiro» Castanhedas Quelle gewesen ist. Im umgekehrten Fall hätte doch gerade von hier an ein Fälscher freie Hand gehabt und erfinden können.

Für das jähe Verstummen des «Roteiro» gäbe es nach Ayalla nur eine Erklärung: plötzlichen Tod seines Verfassers. Aber in diesem Fall würde doch, meint er, wer die Handschrift in Verwahrung genommen hätte, natürlicherweise in das denkwürdige Tagebuch hineingeschrieben haben: «Hier wurde das Tagebuch infolge von Alvaro Velhos Tod abgebrochen, in der und der Breite, an dem und dem Tag». Wenn er aber nicht gestorben wäre, wenn infolge plötzlicher Erkrankung, eines Unfalls oder aus irgend einem anderen Anlass die Reise für ihn am Rio Grande ihr Ende fand, wenn der Bericht in seinen Händen blieb, die Eindrücke einer neuen Umgebung das Interesse daran zurückdrängten, wenn er so, wie er war, im Besitz des Verfassers geblieben und erst nach dessen Tod, vielleicht viele Jahre später, als Torso in die Hand eines Erben gekommen

wäre der weiter kein Interesse daran hatte? All das sind doch auch Möglichkeiten. Dass der Verfasser seinen Namen nicht nennt, würde sich damit z. B. ganz zwanglos erklären. «Was mag der Grund sein», fragt Ayalla, «dass der Autor seinen Namen nicht angibt? Geschieht es aus Bescheidenheit, dann wäre es bescheidener gewesen, wenn der Seemann sich nicht unterfangen hätte eine so erhabene Chronik zu schreiben wie die der Entdeckung Indiens». Seltsame Gedankengänge, zu denen hier ein Vorurteil führt!

Wir kommen zum Kernpunkt von Ayallas Schrift: «Vasco da Gama. Quando partiu?» so hat er sie betitelt. Die Chronologie der Reise ist das engere Thema, die Chronologie im vollen Umfang; denn nicht nur das Datum der Ausfahrt von Lissabon-Restello, sondern das der Ankunft in Calicut und das der Heimkehr werden der Prüfung unterzogen. Die Untersuchung beginnt mit dem letzteren. «Was sich nicht so leicht», sagt er, «wie die Unsicherheit über den Tag der Abfahrt erklären lässt, ist das Auseinandergehen der Meinungen über das Datum der Rückkehr in die Heimat, das nicht nur nach Tagen schwankt, sondern sogar nach Monaten, indem die einen es in den Juli, andere in den August und einige in den September setzen. Im allgemeinen nimmt man an, dass es am 29. August gewesen sei, doch ist das nicht unsere Meinung. Gewiss, zwei Autoritäten von unbestrittenem Wert, Goes und Barros, geben als Datum den 29. August, aber es ist bemerkenswert, dass drei Chronisten von gleicher Autorität, die dem Ereignis zeitlich näherstehen und vor Barros und Goes geschrieben haben — Galvão, Castanheda und Gaspar Correa —, die zwei ersten die Rückkehr in den Anfang des September, der letztgenannte auf den 18. September 1499 verlegen».

Von wessen Rückkehr ist hier die Rede? Dass die Schiffe des Geschwaders gemeinsam den Heimathafen erreicht hätten, sagen direkt oder indirekt von den genannten Quellen nur Antonio Galvão [1] und Correa [2]. Der erstere weiss oder berichtet nichts von Zerstörung eines Fahrzeugs, scheint also angenommen zu haben, dass alle vier Schiffe zurückgekehrt seien, und zwar soll das Anfang September gewesen sein; Correa weiss nur von drei Fahrzeugen bei der Ausfahrt; das des Nicolao Coelho wird bei ihm auf der Hinreise am Rio da Misericordia (Quilimane-Mündung des Sambesi?) zerstört, die beiden andern kehren zusammen am 18. September 1499 wieder heim. Dagegen berichten Castanheda, Barros und Goes übereinstimmend

[1] Ausgabe von Bethune, London 1862 (Works issued by the Hakluyt Society, N.º 30), S. 94.

[2] *Lendas*, Bd. I, S. 137 f.

stimmend, dass das Proviantschiff auf der Hinfahrt in der Bucht von S. Bras, die «Rafael» während der Rückfahrt an der ostafrikanischen Küste vernichtet worden sei und dann in der Gegend der Kapverdischen Inseln Nicolao Coelho mit seiner Karavelle von der «Gabriel», dem Schiff des Vasco da Gama, sich absichtlich getrennt habe oder durch Sturm getrennt worden und geradenwegs nach der Tejomündung gefahren sei, wo er am 10. Juli ankam, der Geschwaderkommandant aber sein leckes Schiff auf der Kapverden-Insel Santiago dem João de Sá übergeben und eine Karavelle gechartert habe um mit seinem todkranken Bruder so rasch als möglich die Heimat zu erreichen. Die zunehmende Schwäche des letzteren habe ihn indes gezwungen auf der Açoren-Insel Terceira zu landen, wo Paulo da Gama in Angra gestorben und im Franziskanerkloster bestattet worden sei. Bei Barros heisst es dann (*Dec.* I, l. IV, c. 9) in der ersten Ausgabe von 1552, der einzigen, deren Druck er noch selber durchgesehen hat: «Partido Vasco da Gama daquella ilha terceira a vinte e nove dagosto chegou ao porto de Lisboa; e sem entrar na cidade teve umas novenas em a casa de nossa senhora de Belem; donde elle partio a este descobrimento»[1]. Das Datum a vinte e nove dagosto kann hier ebensogut zu partido wie zu chegou bezogen werden, ebensowohl also das der Abfahrt von Terceira wie das der Ankunft in Lissabon haben sein sollen. In den folgenden Ausgaben erst hat man ein Komma hinter Terceira gesetzt und damit zwar jedes Missverständnis ausgeschlossen, aber dass Barros selber das Datum so bezogen hätte, ist mit nichten dadurch erwiesen. Goes setzt, offenbar im Anschluss an jene Stelle des Barros, die Ankunft in Lissabon auf den 29. August, Castanheda ohne Angabe des Tages in den Anfang des September; er fügt hinzu, dass zwei Jahre und zwei Monate seit der Ausreise vergangen waren. Nimmt man das ganz wörtlich, wie es von dem Chronisten wohl kaum gemeint war, so wäre die Ankunft auf den 7. oder 8. September zu setzen, was mit Galvãos Angabe in gutem Einklang stünde. Ob in der zweiten Ausgabe des ersten Buches der Historia do descobrimento von 1554 der 9. September angegeben ist, wie ich nach einer Stelle in Teixeira de Aragãos umsichtiger Prüfung der Daten unserer Reise[2] annehmen möchte, kann ich nicht feststellen. Da nun Vasco da Gama dem Berichte des Barros zufolge vor dem Betreten der Stadt ein neuntägiges Gebet in der Kapelle Unserer Lieben Frauen zur Anrufung

[1] Teixeira de Aragão in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 6.ª série, 1886, S. 576.

[2] a. a. O., S. 582, zweite Zeile.

von Bethlehem (Belem) verrichtete, so liessen sich die verschiedenen Daten ganz wohl in der von Teixeira de Aragão vorgeschlagenen Weise vereinigen, dass nämlich am 10. Juli die Karavelle des Nicolao Coelho, am 29. August die von João de Sá befehligte «Gabriel», von Santiago kommend, in Lissabon eintraf — am 28. August, als König Manuel den Brief an den Kardinal-Protektor schrieb, war dieselbe offenbar noch nicht angekommen — oder dass an diesem Tag Gama selbst von Terceira abfuhr, am 9. September in Restello auf der gecharterten Karavelle vor Anker ging und nach dem neuntägigen Gebet am 18. des Monats sein feierlicher Empfang in Lissabon stattfand. Im Datum also könnte Correas Angabe hier das Richtige treffen, zweifellos unrichtig aber ist es, wenn er die zwei von dem Entdeckungsgeschwader noch übrigen Schiffe gemeinsam und gleichzeitig eintreffen lässt. Denn ihre getrennte Ankunft bezeugt ausser den genannten Chronisten unzweideutig auch der Florentiner Girolamo Sernigi, der als Kaufmann in Lissabon ansässig die Heimkehr der Entdecker dort miterlebt und unter dem ersten Eindruck des grossen Ereignisses in zwei Briefen an einen florentinischen Edelmann und einem an seinen Bruder über die Reise und ihre Ergebnisse berichtet hat.

Die beiden ersten sind schon in der von Fracanzio di Montalboddo unter dem Titel «Paesi novamente retrovati» zu Vicenza 1507 herausgegebenen Sammlung von Reiseberichten (l. II, c. LI–LXII), hier mit Auslassung von ein paar Stellen und Einführung einer Kapiteleinteilung, und dann in Ramusios Werk Navigationi et Viaggi, Band I (Venezia 1550), f. 130^{r}–132^{r} abgedruckt, der dritte in einer frühen deutschen Übersetzung aus dem Nachlass des Augsburger Humanisten Konrad Peutinger in dem Anhang zum Tagebuch des Lukas Rem (herausgegeben von B. Greiff, Augsburg 1861, S. 120–128) veröffentlicht. Handschriftliche Kopieen der zwei ersten Briefe finden sich u. a. in der Bibliotheca Riccardiana zu Florenz (codd. 1910 (f. 61) und 2112 b). Nach cod. 1910 dieser Sammlung hat Ravenstein die zwei an den florentinischen Edelmann gerichteten Schreiben in A journal of the first voyage of Vasco da Gama, London, 1898, S. 123–141 ins Englische übertragen. Von ihnen ist das erste bald nach der Rückkehr der Karavelle («el balonieri di tonelli .L.») und vor Eintreffen der «Gabriel», also wohl noch im Juli oder im August, der zweite wie auch der Brief an Sernigis Bruder kurz nach deren Ankunft geschrieben. Dieser letztere enthält anscheinend einen Irrtum. In der Übersetzung aus Peutingers Nachlass lesen wir nämlich (a. a. O., S. 121): «Und dar noch kom der *haubtmann* (Vasco da Gama) gen liesbona mit dem 1. schiff a sabameno» (die zwei letzten

Worte sind, wie Ravenstein richtig gesehen hat, Missverständnis für a salvamento, «wohlbehalten»). Entspräche das den Tatsachen, so müsste man annehmen, dass João de Sá auf der «Gabriel» unterwegs mit dem von Terceira kommenden Vasco da Gama zusammengetroffen oder schon dort wieder zu ihm gestossen wäre — Segelschiffe nehmen auf der Fahrt von den Inseln des Grünen Vorgebirges nach Lissabon ihren Kurs häufig über die Azoren —; wahrscheinlicher ist aber, dass Verwechslung vorliegt; denn aus dem Anfang des ersten, nach Eintreffen der Karavelle geschriebenen Briefes ergibt sich, dass Sernigi der Meinung war, Vasco da Gama habe auf den *Kapverdischen* Inseln seinen kranken Bruder an Land gebracht. Vielleicht war das ursprünglich auch seine Absicht gewesen oder wirklich geschehen und man wusste es auf der «Berrio» nicht anders; zufällig sich ergebende Fahrgelegenheit und der Zustand der «Gabriel», der eine längere Reparaturzeit erforderte, mochte dann in Verbindung mit der Krankheit seines Bruders Gamas Entschluss geändert haben, Sernigi aber nahm, als das Schiff in Belem einlief, ohne weiteres an, dass auch Vasco da Gama mit ihm eingetroffen sei. Übrigens können nur ein paar Tage zwischen der Ankunft der «Gabriel» und der des Entdeckers selbst gelegen haben, sodass er, als der Florentiner seinen Brief schrieb, tatsächlich wieder in Lissabon war und dieser nur von seinem gesonderten Eintreffen nichts erfahren hatte. So sieht auch Ravenstein (a. a. O., S. 122 f.) den Sachverhalt an. Dies nur im Vorbeigehen. Über die Ankunft der «Berrio», um auf den Ausgangspunkt zurückzukommen, heisst es im Anfang des ersten Briefes (Paesi n. r., l. II, c. LI): «A di .X. Luio MCCCCXCIX... tornó el balonieri di tonelli .L. in questa Cita de lisbona. el capitano uascho restó atrauerso alisole del capo Verde cum uno dei balonieri de tonelli .XC. per pore in terra uno suo fratelo che uenia amallato amorte e laltro balonieri de tonelli .XC. arseno per che non haueamo giente de poterlo nauigare: e la naueta alsi arseno ben che questa non haueua atornare». Nicolao Coelho ist somit ohne Zweifel, wie Castanheda, Barros und Goes berichten, mit der Karavelle am 10. Juli in die Heimat zurückgekehrt; Correa aber weiss davon nichts.

Dagegen findet das von ihm für die Heimkehr Vascos da Gama gegebene Datum sich auch in einem nach Ayalla «höchst wertvollen Dokument», einer Handschrift, die dem Hause der Grafen von Vidigueira, der Nachkommen des Admirals, gehört hat und heute im Nationalarchiv der Torre do Tombo in Lissabon aufbewahrt wird (Armadas da India, cod. 319 da Livraria). Sie enthält nach Teixeira de Aragão (a. a. O., S. 580 f.) die Beschreibung der portugiesischen

Armaden, die vom 8. Juli 1497 bis zum 7. Juli 1641 nach Indien abgegangen sind. Die Buchstabenform ist die des 17. Jahrhunderts, und da das farbig ausgeführte Wappen des Hauses Vidigueira noch die Grafenkrone zeigt, so wird die Handschrift vor dem Jahr 1646 geschrieben sein, in dem die Erhebung der Grafen von Vidigueira in den Stand von marquezes de Niza erfolgte. Von dem Inhalt, soweit er sich auf die Entdeckungsfahrt bezieht, teilt Teixeira de Aragão ausser dem Schlusssatz mit dem Datum der Heimkehr Vascos da Gama nur ein paar Einzelheiten mit, aber sie genügten schon um das tiefste Misstrauen gegen den Wert des Manuskriptes als Quelle für die Geschichte der Entdeckung des Seewegs wachzurufen. Der Liebenswürdigkeit des Herrn Pedro de Azevedo verdanke ich nun vollständige Kopieen der Darstellung, die die Handschrift von Gamas erster und zweiter Indienfahrt gibt, und ihre Prüfung wird den kritischen Unwert dieser abgeleiteten, späten Quelle in helles Licht setzen. Der Bericht über die Entdeckungsfahrt lautet (a. a. O., f. 1):

«Anno de mil, quatrocentos noventa, e sette Em dous de Iunho de mil quatrocentos noventa, e sete partio de Lisboa para descobrir a India Oriental Vasco da Gama filho segundo de Estevão da Gama veador da casa d'El-Rey Dom Affonso o quinto, e de Dona Isabel Sodre sua molher por Capitão moor de quatro naos: elle em São Raphael, Paulo da Gama seu Irmão mais velho em São Gabriel; Nicolao Coelho em São Miguel. Gonçalo nunes Capitão de huma nao de mantimentos que antes do cabo de Boa Esperança recolherão nos navios, e ella voltou para este Reyno; e o navio S. Gabriel em que hia Paulo da Gama por estar muy desbaratado, e não poder fazer viagem se desfez para concerto dos outros em hum Rio que esta na cafraria do cabo de boa esperança para dentro a que se pos nome o rio da Misericordia e Paulo da Gama se passou ao navio de seu irmão e a gente se repartio por ambos donde foram seguindo sua viagem.

Estando surtos em Moçambique onde o Xeque pretendeo tomar lhe os navios por treição; desembarcarão na Ilha de São Jorge onde se dice a primeira missa; do cabo de Boa esperança para dentro. Dahy forão a Quiloa e Mombaça e os Reys de todas estas Ilhas pretenderão fazer-lhes treição, e permittio Deus que não tevesse effeito: e Melinde onde o Rey os agazalhou fielmente e lhes deu pilotos de confiança que os levarão a Angediva onde pellejarão com as fustas do Sabayo senhor de Goa de que alcançarão vitoria; e dahi foram a Calicut onde o Samory lhes fez muitas treições, que não sortirão effeito. Daly forão a Cochim, onde forão do Rey bem reçebidos, e

em Cananor do mesmo modo onde acabarão de carregar os dous navios, e voltarão para este reyno, e chegarão a Lisboa a salvamento a dezoito de Setembro de mil quatrocentos e noventa, e nove. Paulo da Gama falleceu de enfermidade na Ilha terceira na cidade de Angra: está enterrado no convento de São Francisco da mesma cidade».

Über die zweite Indienfahrt Vascos da Gama wird berichtet (f. 5):

«Anno .1502.

Dom Vasco da Gama capitão moor de quinze naos: partio a dez de fevereiro segunda vez: Capitães Dom luis Coutinho ramiro, Gil fernandez de Sousa, Alvaro de Atayde, Vicente Sodré, Bras sodré, Gil matoso, Diogo Fernandes correa, Francisco da Cunha, Pedr' Affonso de Aguiar, Ruy de Castanheda, Antonio do Campo, loppo mendes de Vasconcellos: E de caravellas fernão Rodriguez Badarças, João lopez Perestrello, Antonio Fernandez, Thomas de Cremona, João de Bonagracia Italianos, loppo dias; e por todas forão quinze embarcações, porque das caravellas foy capitão moor.

Dom Estevão da Gama partio em dez d'Abril, e ficou por capitão moor do mar Vicente Sodre, que se perdeu com seu irmão nas Ilhas de Curia, e Muria, que estão no estreito do mar roxo. Neste anno se fez tributario El Rey de Quiloa: Voltou o Capitão moor ao Reyno com todas as naos carregadas».

Was den hier abgedruckten Bericht über die *erste* Indienfahrt betrifft, so hat schon Ravenstein (a. a. O., S. 147, Anm. 2) bemerkt, dass er in mehrfacher Hinsicht identisch sei mit dem von dem Visconde de Santarem in der «Noticia dos Manuscritos» (2. edição, Lisboa 1863, S. 93) wegen seines Wertes für die Chronologie der portugiesischen Indienfahrten lobend erwähnten «Jornal das viagens dos Portuguezes ás Indias», das Ravenstein handschriftlich in drei Ausgaben in der Bibliothèque Nationale zu Paris (Port. 8 N.° 85 und Port. 46) und im Britischen Museum (Add. Mss. 20902) zu London kannte. Abschrift des Manuskriptes der Torre do Tombo lag ihm nicht vor, und die irrtümliche Angabe von Teixeira de Aragão, dass nach dieser Handschrift die «Gabriel» in der Nähe von Kap S. Vicente zerstört worden sein solle, hinderte ihn, ebenso wie die Kargheit der von dem portugiesischen Gelehrten über den Inhalt der Handschrift gemachten Mitteilungen, an einem völlig sicheren Schluss. Der Vergleich von Ravensteins Übersetzung aus der Pariser Handschrift Port. 46 (a. a. O., S. 146 f.) mit unserem Texte zeigt aber die völlige Identität beider. Die zwei Fassungen der Pariser Bibliothek und die des Britischen Museums unterscheiden sich voneinander

dadurch, dass Port. 8 N.° 85 das Verzeichnis der Armaden bis 1608, Port. 46 bis 1632, Add. Mss. 20902 bis 1653 herabführt, während es in dem Manuskript der Torre do Tombo bis 1641 reicht. Die Handschrift Port. 8 N.° 85 enthält auf f. 206^{v} die Notiz, dass sie 1618 von einem Manuskript aus dem Besitz des Grafen von Vidigueira abgeschrieben worden ist. In den Händen eines Nachkommen des Admirals also befand sich das Original, auf das die anderen Handschriften mittelbar oder unmittelbar, wie es scheint, zurückgehen und das offenbar immer weitergeführt wurde. Charakteristich ist für diese Quelle und die aus ihr stammenden Pariser und Londoner Berichte über die Entdeckungsfahrt das sonst, soviel ich sehe, nirgends vorkommende Datum der Abfahrt, *2. Juni* 1497. Davon später. Dass das Proviantschiff nach Lissabon zurückgekehrt sei, sagt keine der anderen Quellen, Girolamo Sernigi aber berichtet aus erster Hand, dass man es instruktionsgemäss zerstört habe: «la naveta alsi arseno ben che questa non haveva atornare» (Paesi n. r., l. II, c. LI); und das stimmt mit den Angaben von Castanheda, Barros, Goes u. a. überein. Dass Vasco da Gama Quiloa auf der ersten Reise berührt habe, dass Angediva auf der Hinreise angelaufen worden sei und hier ein Kampf mit Fusten des Ādil Schāh von Goa stattgefunden, dass der Entdecker auf dieser Reise bereits Cochin besucht habe, widerspricht allem, was in den anderen Quellen überliefert ist. Woher diese falschen Nachrichten stammen, vermag ich nicht festzustellen.

Namen und Verteilung der drei Expeditionsschiffe an die Kapitäne entsprechen genau den Angaben Correas; von dem Proviantschiff dagegen weiss dieser nichts, während Castanheda, Barros, Goes es ebenso wie den Namen des Gonçalo Nunes kennen. Übereinstimmend mit Correa wird der Rio dos Bons Signaes als Rio da Misericordia bezeichnet und die Zerstörung eines Schiffes hierher verlegt, nur dass es bei Correa die «Miguel» ist, das Fahrzeug des Nicolao Coelho, der dann angeblich auf das Admiralschiff übergeht, während sie in unserem Berichte das Schiff des Paulo da Gama zerstören und dieser von seinem Bruder aufgenommen wird, eine Verwechslung mit der von Castanheda, Barros und Goes berichteten Verbrennung der «Rafael» auf der Heimreise in der Bucht von Mtangata. Der ganze Bericht des «Jornal das viagens» ist somit eine durch offenkundige Irrtümer entstellte, oberflächliche Kompilation nach Correa und den andern gangbaren Quellen und kritisch völlig wertlos, wie auch Ravenstein erkannt hat (a. a. O., S. 145).

Für die zweite Reise stimmt das Verzeichnis der Kapitäne in den Namen mit dem des Barros überein, die Zuteilung zu den Geschwa-

dern ist verschieden und bei beiden fehlerhaft. Die Interpunktion ist unklar; es muss abgeteilt werden: «porque das caravellas foy capitão moor Dom Estevão da Gama; partio em dez d'Abril». Dieses Datum aber ist unrichtig; denn aus den Berichten des Thomé Lopes und Matteo da Bergamo, die beide bei dem Geschwader des Estevão da Gama die Reise mitgemacht haben, ergibt sich, dass dasselbe am 1. und nicht am 10. April 1502 Lissabon verlassen hat, wie auch Barros (*Dec.* I, l. VI, c. 2) richtig angibt (*Coll. de Noticias*, Bd. II, S. 159 und Hümmerich, Vasco da Gama, S. 193). Irgendwelche Familientradition über die Reisen Vascos da Gama, die unserem Verzeichnis der Armaden einen Wert verliehe, hat also im Hause der Grafen von Vidigueira, seiner Nachkommen, offenbar nicht existiert. Was über die Entdeckungsfahrt geboten wird, ist zum einen Teil zweifellos unrichtig, zum andern Kompilation aus den auch uns vorliegenden Quellen, darunter Correa; die Handschrift von dessen «Lendas» hatte ja D. Miguel da Gama, der Bruder des dritten Grafen von Vidigueira, 1583 aus Indien nach Portugal mitgebracht und noch um die Mitte des 18. Jahrhunderts war sie im Besitz der Familie (*Lendas*, Bd. I, S. XVIII). Hat aber der Verfasser unseres Berichtes das Correasche Werk gekannt, dann wird das Datum von Vasco da Gamas Heimkehr dorther stammen und kann als Bekräftigung der Angabe der «Lendas» nicht gelten.

Noch durch eine zweite Urkunde der Torre do Tombo findet Ayalla das Correasche Datum der Heimkehr Vascos da Gama bestätigt. In den «Lendas da India» wird erzählt (Bd. I, S. 138), dass bei der Ankunft des Gamaschen Geschwaders vor dem Hafen von Angra auf Terceira ein gewisser Artur Rodrigues, der mit einer ihm gehörigen Karavelle von dort eben nach der Algarve auslief, auf die grosse Kunde der Entdeckung seinen Kurs nach Lissabon genommen habe, in Cascaes vor Anker gegangen und von da nach Cintra geeilt sei, wo der Hof sich gerade befand, und D. Manuel die Nachricht von der Rückkehr der Entdecker überbracht habe. Für diesen Dienst, berichtet Correa, habe der König ihn selbst zum Ritter seines Hauses und seinen Sohn zum Kammerjunker gemacht. Nun findet sich in dem Verzeichnis der vom königlichen Haus an Edelleute im Hofdienst gezahlten jährlichen Pensionen (moradias) ein Eintrag ohne Datum, der nach Stanley[1] lauten soll: «It. Arthur Roïz irmão bastardo de V^eo de froes avera todo este seg^do quartell a setecemtos e cynquoenta... p^r mes de caval^ro sem cevada — IĪ II^c 4 rs». Auch Ayalla druckt das

[1] The three voyages of Vasco da Gama, S. 267, Anm. 1.

Dokument so ab. Dass der Text in dieser Form nicht richtig sein konnte, war klar: bei einem Monatsbezug von 750 Real kommt man auf Vierteljahrsbezüge von 2250 Real; die Zahl am Schluss musste also verlesen sein und die Vermutung lag nahe, dass die arabische Ziffer, die zu den zwei andern nicht passt, in Wahrheit ein l sein müsse. Herr Pedro de Azevedo hatte die Güte die Urkunde für mich einzusehen (Moradias, maço I, L.° 7, fl. 237ᵛ) und hat festgestellt, dass dort in der Tat ij ijᶜ l rs zu lesen und hinter cynquoenta ein rs zu ergängen ist, sodass der Text nach Auflösung der Kürzungen heisst: «Item. Artur Rodriguez, irmão bastardo de Vasco de froes, avera todo este segundo quartell a setecemtos e cynquoenta reais por mes de cavaleiro sem cevada dous mil duzentos e cynquoenta reais», «Item, Artur Rodriguez, Bastardbruder des Vasco de Froes, soll dies ganze zweite Vierteljahr, entsprechend 750 Real monatlich, (die er) als Ritter ohne Gerste (bezieht,), 2250 Real erhalten».

Stanley bezeichnet diesen Eintrag mit einiger Vorsicht als «a document, which *seems* confirmatory of Correa's *statement about Artur Rodrigues*»; Ayalla sagt: «O segundo documento inapreciavel pelo valor da sua procedencia, tambem confirma *a data* dada por Gaspar Correa», meint also, dass die Urkunde das von Correa gegebene Datum, d. h. den 18. September, als Tag von Gamas Heimkehr bestätige. Ist der erste Schluss schon einigermassen gewagt, so ist der zweite unzulässig. Was das Dokument uns zeigt, ist lediglich, dass ein Artur Rodrigues tatsächlich als Ritter des königlichen Hauses eine Pension bezogen hat. Schon wann das war, ist aber nicht genauer zu bestimmen. Nach Stanleys Angabe sind andere, in dem Verzeichnis nahe dabei stehende Dokumente von 1525 datiert und das letzte Blatt des Buches trägt die Jahreszahl 1529. Die Urkunde gehört somit anscheinend in das erste Jahrzehnt der Regierungszeit D. Joãos III., wäre fast ein Menschenalter nach Gamas Heimkehr anzusetzen. Ist also dieser Artur Rodrigues überhaupt die gleiche Person wie der bei Correa genannte? Nicht einmal das lässt sich mit voller Sicherheit bejahen. In der Tatsache, dass, anscheinend in den zwanziger Jahren, ein Mann dieses Namens Ritter des königlichen Hauses gewesen ist, mag man allenfalls eine Bestätigung dafür sehen, dass an Correas Angabe irgend etwas Richtiges ist, aber die Nachricht, die Artur Rodrigues nach dessen Darstellung dem König überbracht haben soll, kann keinesfalls den in den «Lendas» ihr zugeschriebenen Inhalt gehabt haben; denn dass die Kunde von der Entdeckung des Seewegs nach Indien schon im Iuli durch Nicolao Coelho nach Lissabon gelangt war, bezeugt der Brief König Manuels an die

Katholischen Könige, der von diesem Monat datiert ist[1], und der obenerwähnte erste Brief des Girolamo Sernigi. Vielleicht also, dass Artur Rodrigues dem König die Botschaft von Vasco da Gamas Ankunft auf Terceira übermittelt hat, die D. Manuel hochwillkommen sein musste, falls über den Verbleib des Entdeckers seit der Trennung der Karavelle von der «Gabriel» keine Nachricht mehr nach Lissabon gelangt war; und das ist durchaus denkbar. Irrt aber Correa in diesem wichtigen Punkte zweifellos, so muss man eine Unrichtigkeit in der Datumangabe immerhin auch als möglich ansehen; keinesfalls lässt sich ihre Richtigkeit aus unserer Urkunde ableiten.

Die zweite chronologische Frage, die Ayalla nicht ernsthaft erforscht scheint, ist die von Vasco da Gamas Ankunft vor Calicut. Nach dem «Roteiro» (S. 49), mit dem Castanheda (l. 1, c. XII), Barros (Dec. I, l. IV, c. 6) und Goes (*Chron.*, p. I, c. XXXVIII) übereinstimmen, fuhren die drei Schiffe Dienstag den 24. April mit einem gudscheratischen Lotsen an Bord von Melinde ab; am folgenden Sonntag (29. April) sahen sie dem «Roteiro» zufolge nach langer Zeit zum erstenmal wieder den Polarstern und erreichten die Malabarküste nach 23 tägiger Fahrt, die mit ununterbrochen günstigem Wind zurückgelegt wurde (S. 50), an einem Freitag, dem 17. Mai, wie es bei Castanheda und Goes heisst. Dies Datum stimmt nicht: Freitag war der 18. des Monats. Dass der Irrtum nicht im Wochen-, sondern im Monatstag liegt, zeigt der Bericht über die Ereignisse des Samstags und Sonntags. Barros berichtet fälschlich von 22 Tagen Fahrt, gibt aber für die Ankunft vor Calicut (c. 8) richtig den 20. Mai an; Osorio setzt irrtümlich die Abfahrt von Melinde auf den 22. April und lässt statt des östlichen Welthafens am 20. Mai die Küste Indiens in Sicht kommen. Am Samstag (19.) nähern sie sich nach dem «Roteiro» dem Lande, jedoch nicht so weit, dass der Lotse bei den Regengüssen und Gewittern, die herabgehen, imstande gewesen wäre sich genau zu orientieren, und erst am Sonntag erkennt er an der Gestaltung der Berge, dass sie bei Calicut angelangt sind; am Nachmittag des 20. Mai wirft dann vor Capocate, zwei Leguas nördlich von Calicut, mit dem der Lotse die Stadt verwechselt, das kleine Geschwader Anker. Gegenüber dieser Reihe von Daten verficht nun Ayalla die Chronologie Correas auch für diesen Teil der Entdeckungsfahrt als die besser gesicherte.

Während nach dem «Roteiro» (S. 42 f.) Vasco da Gama seit

---

[1] Teixeira de Aragão a. a. O., S. 673; in *Alguns Documentos* (S. 96) ist der letzte Satz und das Datum weggelassen.

Ostersamstag 1498 (14. April) vor Melinde lag — Barros, Goes und Osorio setzen seine Ankunft irrtümlich auf den 15. des Monats —, am Ostersonntag näher der Stadt Anker warf, am folgenden Tag mit dem Scheich die Verhandlungen begann und sich vor Melinde insgesamt 9 Tage (S. 49) aufhielt, lässt Correa (a. a. O., S. 47) ihn erst Ende April vor der Stadt ankommen und einen vollen Monat dort verweilen, ehe er an die Fortsetzung der Reise denkt (S. 58); erst als er Ende Mai die Fahrt über den Indischen Ozean antreten will, erfährt er von dem Scheich, dass die Jahreszeit eine solche nicht mehr erlaube und dass er sich nun weitere zwei Monate, bis zum August, gedulden müsse, «wo die Monsunzeit für das Befahren der See sei». Am 6. dieses Monats, dem Tag der Verklärung Christi (S. 68), treten sie in der Tat erst die Weiterreise an und in zwanzigtägiger glücklicher Fahrt erreichen sie beim Monte Deli nördlich von Cananor die Küste Indiens, kommen also um die gleiche Zeit vor Calicut an, zu der sie nach dem «Roteiro» (S. 86), Castanheda (a. a. O., l. I, c. XXIV) und Barros (Dec. I, l. IV, c. 10) von dort bereits die Heimreise antreten (29. August 1498). Den Aufenthalt in dem indischen Hafen aber dehnt Correa bis in den November 1498 aus (a. a. O., S. 115).

Gegen die Datierung der Überfahrt über den Indischen Ozean im «Roteiro» und den aus ihm abgeleiteten Quellen macht Ayalla geltend, es sei höchst unwahrscheinlich, dass der portugiesenfreundliche Scheich von Melinde dem Entdecker geraten haben sollte das Meer im tiefen Winter zu durchqueren, wo die erfahrensten arabischen Seeleute die Überfahrt vermieden hätten. Auch würde Vasco da Gama, wenn er sie zwischen dem 24. April und 20. Mai bewerkstelligt hätte, sich genau die Zeit der schwersten Wirbelstürme dafür ausgesucht haben. Zudem würden um diese Zeit die Häfen von Malabar fast unzugänglich durch die Sandbänke, die sich im allgemeinen hier bildeten, und durch die heftigen Stürme, die sie peitschten. Und dass der Scheich von Melinde um ihn zu verderben die Fahrt tückisch angeraten habe, sei doch undenkbar.

Erwägungen dieser Art mag man eine gewisse allgemeine Wahrscheinlichkeit zubilligen; beweisend für den einzelnen Fall sind sie nicht. Gewiss, die Flotten, die Portugal in der Folgezeit nach Indien schickt, durchqueren den Indischen Ozean meist in der zweiten Jahreshälfte, besonders im August und September; man hatte die Verhältnisse von Wind und Wetter genauer erkundet und benutzte zur Überfahrt die günstigsten Monate des Jahrs. Der Südwestmonsun tritt an den Küsten Ostafrikas nördlich vom Äquator im März ein und ist gegen Ende des Monats bis an die Küsten Arabiens und

an den Eingang des Roten Meeres vorgerückt, «im April wird er bereits längs der ganzen Südküste Persiens gefühlt, dagegen findet man ihn bei Kap Comorin nicht vor Ende dieses Monats oder Anfang Mai eingesetzt, und an dem nördlicher gelegenen Teil der Westküste Hindostans, bei Bombay und im Golf von Bombay, tritt er noch später ein. Im offenen Meer macht sich der Monsun später bemerkbar als an den Küsten, weht aber Anfang Juni bereits regelmässig über das ganze Arabische Meer, von der Linie bis zu den Küsten des Kontinents. Seine Richtung schwankt in den ersten Monaten noch zwischen NW—W—SW, von Juni an aber weht er vorherrschend aus WSW—SW und südsüdwestlicher Richtung (mit Intervallen von schönem Wetter bei mässiger Breite) stark und stürmisch, begleitet von schwüler, bedeckter Luft und anhaltenden Regengüssen. Die Monate Juli und August sind die stürmischsten und diejenigen, welche den meisten Regen bringen... An der Westküste Hindostans ist das Wetter bei Eintritt des Monsuns im Monat Mai sehr unbeständig und die Luft sieht sehr drohend aus. Heftige Böen stellen sich ein, namentlich während der Nacht. Der Monsun pflegt dann gewöhnlich mit einem Sturm einzusetzen, der in SE beginnt und nach SSW—SW umläuft, von welcher Richtung der Wind während der ganzen Dauer des Monsuns weht. Während der Monate Mai, Juni, Juli, August ist die Schiffahrt an dieser Küste für alle Häfen mit Ausnahme des Hafens von Bombay so gut wie geschlossen, da die stürmischen Winde und die hohe See es nicht erlauben auf den meistens offenen Reeden vor Anker zu liegen. Im September nehmen die Winde vorzugsweise die Richtung N—WNW, das Wetter wird besser und die See ruhiger, obgleich noch immer Böen und regnerisches Wetter angetroffen werden. Im Oktober findet hierauf der Wechsel der Monsune statt» [1]. Dies die regelrechten Windverhältnisse im westlichen Indischen Ozean: sie hindern nicht, dass, um nur *ein* Beispiel anzuführen, 1506 Pero Barreto de Magalhães, João Vaz d'Almada, Gonçalo Alvares, Jorge Mendes und Lucas da Fonseca von Quiloa am Montag der Karwoche nach Indien in See gehen und, nachdem das Schiff des erstgenannten bei der Ausfahrt aus dem ostafrikanischen Hafen aufgelaufen und gescheitert ist, die vier andern von Melinde in 13 Tagen den Ozean durchqueren und am 18. Mai Angediva erreichen [2]; wenn drei der Fahrzeuge dann durch die Ungunst des Wetters dort zurückgehalten werden und nur das kleinste, das

---

[1] W. Wagner, *Annalen der Hydrographie und Meteorologie*, Bd. VI (1878), S. 387 ff.

[2] Castanheda, l. II, c. XXVII und Goes, *Chron.*, p. II, c. IX.

des Lucas da Fonseca, sogleich nach Cochin weiterfahren kann, so deutet das freilich auf die Tatsache hin, dass der Faktor der Unsicherheit in dieser Jahreszeit wesentlich grösser ist als in den Monaten August, September und Oktober. Trotzdem wagen, wie das Beispiel zeigt, noch 1506, zu einer Zeit also, wo man bereits aus achtjähriger eigener Erfahrung die Schiffahrtsverhältnisse des Indischen Ozeans kannte, portugiesische Kapitäne die Durchquerung im April und Mai. So gut aber Lucas da Fonseca wohlbehalten den malabarischen Hafen erreicht, konnten das auch Gamas Fahrzeuge, von denen das grösste nicht mehr als 120 Tonnen hatte. Ist es unter diesen Umständen glaubhaft, dass ein Mann wie er, der in neunmonatiger Fahrt durch Sturm und Wogen grossenteils unbekannter Meere sein kleines Geschwader erfolgreich bis Melinde geführt hatte, vor dem nun greifbar nah das Ziel der seemännischen Bemühungen zweier Generationen seines Volkes, das gelobte Land der Gewürze und Drogen, der Perlen und Edelsteine lag, dem an der afrikanischen Küste der Wind zur Fahrt wehte, sich durch die Erfahrungen arabischer Seeleute zu einem nicht unbedingt gebotenen dreimonatigen Aufenthalt daselbst hätte bestimmen lassen, zumal ein solcher doch fast notwendig zu Konflikten und Verwicklungen führen musste? Was unratsam und gefährlich mit den Fahrzeugen der östlichen Meere war, die er in ihrer Schwerfälligkeit und geringeren Seetüchtigkeit kennen gelernt hatte, sollte er ohne weiteres als undurchführbar auch für portugiesische Schiffe angesehen haben? Das ist wenig wahrscheinlich. Im übrigen sind die Termine der Umkehr des Wetters im Indischen Ozean zwar «ziemlich stabil, aber es können doch Verschiebungen bis zu vier Wochen und mehr sich ergeben. So dauert nach den Feststellungen von Goldingham in Madras (Küste Koromandel) der Nordostmonsun im Mittel vom 19. Oktober bis zum 2. März, aber es variiert in Wahrheit der Zeitpunkt des Einsetzens von den letzten Tagen des September bis zu den ersten des November» [1]. Dass die meteorologischen Erscheinungen der Monsune nicht auf Tag und Stunde mathematisch genau berechenbar sind, werden auch die arabischen Seeleute des 15. Jahrhunderts gewusst und so wird der Mallim Kanaka, der Gudscherate, den die Entdecker in Melinde nach Goes (*Chron.*, p. I, c. XXXVIII) und Barros (*Dec.* I, l. IV, c. 6) als Lotsen gewonnen hatten, die Reise mit ihnen auch in der für gewöhnlich nicht mehr günstigen Jahreszeit gewagt haben. Die Tatsache der Ankunft an der indischen Küste um die vom «Roteiro» angegebene Zeit und den Aufenthalt in Calicut bis gegen Ende

[1] Günther, *Handbuch der Geophysik*, Bd. II² (Stuttgart 1899), S. 201.

August aber bezeugt wiederum Girolamo Sernigi, wenn er[1] in dem Brief an den florentinischen Edelmann (wie in dem an seinen Bruder) berichtet: «E li portogallesi steteno i dicta cita de calichut da XIX di Magio fino .XXV. Agosto». Gegenüber dieser Bestätigung der Angaben des «Roteiro» durch eine Quelle erster Hand verlieren die von Ayalla angestellten allgemeinen Erwägungen ihr Gewicht. Dass nach Sernigi die Portugiesen vom 19. statt erst vom 20. Mai an bei Calicut gelegen haben sollen, ist eine gänzlich belanglose Abweichung, und was den Tag ihres Aufbruches von dort anlangt, so verlassen sie zwar schon am 23. August (Donnerstag) den Hafen von Pandarane (zwei Leguas nördlich von Calicut), in dem Gamas Schiffe während der ganzen Zeit verankert gewesen waren, kreuzen aber in den folgenden Tagen, auf die Freigabe des Diogo Dias und seiner Leute sowie der in Calicut lagernden Waren wartend, noch vor der Stadt und treten die eigentliche Heimreise erst am 29. des Monats an. In diese Woche fällt das von dem Florentiner angegebene Datum des 25. August. Welcher Tag hier als der des eigentlichen Aufbruchs nach Portugal anzusehen sei, darüber konnten füglich verschiedene Meinungen bestehen.

Aber auch eine von europäischer Überlieferung völlig unabhängige, orientalische Quelle des 16. Jahrhunderts bestätigt, dass das Entdekkungsgeschwader nicht erst in der zweiten Jahreshälfte mit dem neuen Südwestmonsun bei Calicut eingetroffen ist: in der vor 1579 von Zeineddîn, einem indischen Muhamedaner, vielleicht in Calicut selbst, vielleicht in Bîjapur geschriebenen Geschichte der Portugiesen in Malabar, die David Lopes nach einer arabischen Handschrift 1898 herausgegeben und ins Portugiesische übertragen hat (*Historia dos Portuguezes no Malabar por Zinadim.* Manuscrito arabe do seculo xvi publicado e traduzido por David Lopes, Lisboa 1898, S. 34 der Übersetzung) heisst es im ersten Kapitel des vierten Teils: «Es war im Jahre 1498, als die Franken zum erstenmal in Malabar erschienen; und sie kamen in drei Schiffen nach Pandarane, *am Ende des indischen Monsuns;* und von da wandten sie sich nach Calicut, wo sie monatelang blieben und Erkundigungen über Malabar und seinen derzeitigen Zustand einzogen, worauf sie nach Portugal zurückkehrten, ohne sich um Handel bemüht zu haben». Welche Beweiskraft können gegenüber diesen positiven historischen Zeugnissen, meteorologischen und geschichtlichen Tatsachen die von Ayalla angestellten allgemeinen Erwägungen beanspruchen!

Grosses Gewicht legt Ayalla einer Beweisführung hinsichtlich der

---

[1] *Paesi n. r.*, l. II, c. LV; vgl. auch Ramusio a. a. O., Bd. I, f. 131v.

Zeit von Gamas Ankunft vor Melinde bei, die sich in dem Stanleyschen Buche (*The three voyages of Vasco da Gama*, S. 111, Anmerkung) findet und auf den ersten Blick etwas Bestechendes hat. Nach Correa (*Lendas*, Bd. I, S. 46) «war Mondschein» (fazia luar), «als die Entdecker in Mombaça die Anker lichteten; der Bericht in den «Lendas» und der des Barros sollen angeblich darin übereinstimmen, dass von diesem Zeitpunkt bis zum Eintreffen vor Melinde drei Nächte und ein Tag vergingen. Nun fiel der April-Vollmond 1498 nach Stanley auf den 6. des Monats um 2 Uhr Nachmittags und der Ausdruck «Mondnacht» — den übrigens Correa nicht gebraucht — würde, meint der englische Gelehrte, besser auf eine Nacht zu Ende April, 6 Tage oder eine Woche *vor* Vollmond, als auf eine Nacht 6 Tage oder eine Woche *nach* dem Vollmond vom 6. April passen. Ferner wäre, wenn das Geschwader am 15. April (Ostersonntag), dem Datum des Barros, Goes und Osorio, vor Melinde Anker geworfen hätte, seine Ankunft in die Fastenzeit des Ramadan gefallen, die erst am 23. April endete und der dann noch die drei Tage des grossen Beiramfestes folgten; und da nun Correa davon spreche, dass Araber und Portugiesen miteinander bei Tage gegessen hätten — während des Ramadan tun das die Muhamedaner erst nach Sonnenuntergang — und viele Einzelheiten gebe, ohne dabei der Fastenzeit oder der folgenden Festtage Erwähnung zu tun, so sei es wahrscheinlicher, dass Gama erst nach Ende der Fasten-und Beiramtage Melinde erreicht habe. Ich verzichte darauf die hier vorgebrachten Tatsachen an der Hand des Textes im einzelnen nachzuprüfen und begnüge mich mit *einer* Feststellung: dass der Mond bei der Abfahrt Gamas aus dem Hafen von Mombaça geschienen, dass Muhamedaner während des Aufenthaltes der Entdecker in Melinde bei Tag gegessen hätten, sagt von allen unsern Berichterstattern nur Correa. Der von Stanley gezogene Schluss steht und fällt also mit dem Urteil, das man über den Quellenwert der «Lendas» für die Geschichte der ersten portugiesischen Indienfahrten im allgemeinen, über seine Verlässigkeit in Bezug auf das Tatsächliche dieser Reisen gewinnt. Die Untersuchung darüber muss weiter unten im Zusammenhang geführt werden; zunächst gilt es noch Ayallas Einwände gegen den 8. Juli 1497 als Datum von Gamas Ausfahrt aus dem Heimathafen einer Prüfung zu unterziehen.

Woher stammt, so fragt er, dies Datum bei den Historikern des 16. Jahrhunderts? Von den Chronisten, bei denen es vorkommt, hat Castanheda sein Werk über die Entdeckung und Eroberung Indiens durch die Portugiesen zuerst, 1551, zu veröffentlichen begonnen, und da von den späteren, die Gamas Ausfahrt auf den 8. Juli setzen,

keiner irgend eine andere historische Quelle nennt, aus der er die Kenntnis dieser Tatsache hätte schöpfen können, und keiner Augenzeuge des Ereignisses gewesen ist, so ist es natürlich, wenn nicht gewiss, dass sie Castanheda gefolgt sind, dem ältesten unter unseren Chronisten. Aber woher hatte dieser das Datum? Correa, der bereits 1512 — nicht 1513, wie Ayalla schreibt — nach Indien kam und unter der Statthalterschaft des grossen Affonso d'Albuquerque, dessen Sekretär er drei Jahre gewesen ist (etwa von Anfang 1513 bis Ende 1515), den Plan zu seinen «Lendas da India» gefasst hat — wann er an die Ausführung gegangen ist, lässt sich nicht näher bestimmen —, kommt nach Ayalla als Quelle für Castanheda schon deshalb nicht in Frage, weil er als Datum der Ausreise des Entdeckungsgeschwaders den 25. März 1497 angibt. Ebensowenig der treffliche Antonio Galvão; denn er setzt sie in seinem «Tratado dos diversos e desvairados caminhos...» auf den 20. Juli und zum Überfluss ist sein Werk erst zwölf Jahre nach Castanhedas erstem Buch erschienen (1563). Der «Roteiro» kann, so meint Ayalla, vollends nicht in Betracht gezogen werden: wie wäre eine Handschrift, die aus der Feder eines einfachen Seemanns stammte und, ohne dass man erführe, warum, auf den Untiefen des Rio Grande abbricht, in das Kloster von S. Cruz zu Coimbra gekommen? Wie würde sie den Nachforschungen eines Sammlers wie Ramusio entgangen sein? Wie hätte ein so bedeutsames Werk in einer Bibliothek wie der genannten, die von den Gelehrten so allgemein zu Rate gezogen wurde, drei Jahrhunderte unbemerkt und selbst einem Bibliographen wie Barbosa Machado unbekannt bleiben können? Unmöglich. Also, schliesst Ayalla (S. 20), hat kein gleichzeitiges Schriftwerk den Historikern als geschichtliche Quelle gedient, die über die erste Reise Vascos da Gama gehandelt haben. Sollte das Datum des 8. Juli von ihnen aus mündlicher Überlieferung geschöpft worden sein? Dann hätte dieselbe, um Glauben zu verdienen, gleichförmig und beständig sein müssen. Aber das ist sie nicht. Das Auseinandergehen der Chronisten in den Daten zeigt, dass sie keiner festen Überlieferung gefolgt sind oder dass dieselbe eine Unterbrechung erlitten hatte. In beiden Fällen bleiben ihre Daten verdächtig oder wertlos. Als Tag der Abfahrt wird in den älteren Quellen der 25. März (Correa), der 8. (Castanheda, Barros, Goes, Faria e Sousa), 9. (Sernigi), 20. (Galvão) Juli und der 2. (Jornal das viagens) und 8. (Duarte Pacheco Pereira) Juni angegeben. Die Historiker unseres klassischen Zeitalters, fährt Ayalla in seiner Argumentation fort, verlegen übereinstimmend (mit Ausnahme Correas) die Ausreise in den Juni oder Juli: da weder der «Roteiro» noch mündliche Überlieferung nach dem Vorausgehenden ihnen diese

Datierung geliefert haben kann, «ist es wahrscheinlich, wenn nicht sicher, dass der Traktat des Duarte Pacheco Pereira, der in der Zeit der Eroberung, weil er Kosmographie und Nautik zum Gegenstand hat, sehr im Schwange war, nicht nur den Chronisten nach Castanheda, sondern sogar unserem ersten Historiker der Entdeckung Indiens als Führer gedient hat. Der «Esmeraldo de situ orbis», geschrieben 1505, sagt in Kapitel II, S. 48: «Und so trat Vasco da Gama mit diesem frommen Vorhaben als Kommandant dieser vier Schiffe die Ausreise an, kraft der geheiligten Majestät dieses durchlauchtigsten Königs, der ihn von der trefflichen Stadt Lissabon am Samstag, dem 8. des Monats *Juni* im Jahre unseres Herrn Jesus Christus 1497, aussandte; und er brachte auf dieser Reise bis zur Rückkehr zum Ausgangspunkt zwei Jahre, einen Monat und einen Tag zu». Einige Gelehrte, sagt Ayalla weiter, sehen in dem Wort Juni statt Juli nur einen Kopistenfehler; das wäre von Bedeutung, wenn das Werk des Duarte Pacheco als unmittelbares historisches Dokument angesehen werden könnte; aber sein Hauptzweck ist der einer Kosmographie. «Daher kann es als historische Autorität für den vorliegenden Fall nicht gelten und nicht vorbehaltlos zugegeben werden, dass er nicht 8. *Juni* geschrieben hätte. Nach Zweck und Anlage der Arbeit, die nicht geschichtlich ist, kann es sogar scheinen, dass die Beziehung auf die Reise des Vasco da Gama nachträgliche Interpolation sei» (!). In diesem Verdachte fühlt Ayalla sich dadurch bestärkt, dass Duarte Pacheco selber als die hauptsächlichen Monate des Jahres, in denen die Indienflotten abgehen sollten, Januar, Februar und März bezeichnet und dass von 22 Armaden, die bis 1520 von Portugal nach dem Osten gingen, nur neun später abfuhren und diese nicht nach Anfang April; auch der unermüdliche Mitarbeiter Gamas bei den Vorbereitungen zur Fahrt, Bartolomeo Dias, würde auf Grund der eigenen Erfahrungen, meint der Kritiker, vor einer so späten Ausreise sicher gewarnt haben. Will man trotzdem annehmen, dass aus dem «Esmeraldo» das Datum 8. Juli herstamme, so bleibt der Tag der Abfahrt gleichwohl zweifelhaft, weil nicht feststeht, dass sein Autor nicht 8. *Juni* geschrieben hatte. Mag aber die Angabe aus dem «Roteiro» herrühren (!) oder aus Duarte Pachecos Werk, soviel ist gewiss, dass der erstere keinen Glauben verdient, das andere als kosmographische Arbeit nicht die Erfordernisse einer eigentlich historischen Quelle erfüllt. Soweit die späteren Chronisten Vasco da Gama am 8. Juli abfahren lassen, schreiben sie Castanheda ab. Auch das Zeugnis des Luiz de Figueiredo Falcão ist wertlos, weil er nicht einfach die ihm zur Verfügung stehenden Dokumente des Indienhauses so, wie sie waren, wiedergegeben, son-

dern (hauptsächlich nach Barros und Goes) ergänzt und verbessert hat.

Ich gestehe, dass diese Ausführungen Ayallas mir weder im einzelnen noch im ganzen einleuchten. Dass Castanheda den in Betracht kommenden Teil von Duarte Pachecos Werk (l. IV, c. 2) in der Handschrift benutzt hat, ist chronologisch möglich, wenn auch tatsächliche Benutzung unerweisbar bleibt. Er hat erst nach 1528, dem Jahr, in dem er nach Indien kam, den Plan zu seiner Geschichte der Entdeckung und Eroberung des Landes durch die Portugiesen gefasst, die paar Kapitel des vierten Buches des «Esmeraldo» aber, in denen Duarte Pacheco die Fahrt Vascos da Gama streift, sind noch zu Lebzeiten König Manuels geschrieben, also spätestens 1521. Ob die Monatsbezeichnung «Juni» von Duarte Pacheco selber herrührt oder Schreibfehler eines Kopisten ist, scheint mir belanglos; dass es «Juli» heissen muss, beweist der beigefügte Wochentag: der 8. fiel im Juli 1497 auf einen Samstag, aber nicht im Juni. Aus dem gleichen Grunde ist es ein Irrtum, wenn Goes in der Chronik des Königs Manuel, p. I, c. XXIII den 2. Juli als Tag der Ausfahrt bezeichnet, während er c. 35 einen Samstag, den 8. Juli, dafür angibt; der 2. des Monats war ein Sonntag.

Gesetzt nun aber, Castanheda hätte das Datum der Ausreise wirklich nicht aus dem «Roteiro» geschöpft, was ist damit gewonnen? Tatsache bleibt doch eine so weitgehende Übereinstimmung seiner Darstellung mit der des letzteren, dass die beiden Texte nicht unabhängig voneinander entstanden sein können. In der Anordnung hat Castanheda natürlich Änderungen vorgenommen, allzu breite Stellen gekürzt, an bedeutsamen hie und da ein Licht aufgesetzt, aus eigener Kenntnis Zusätze gemacht, aber die Erzählung des «Roteiro» schimmert doch überall deutlich durch. Ich gebe ein paar willkürlich herausgegriffene Beispiele.

Castanheda, l. I, c. III:

«fez seu caminho na volta do mar com sul susueste. E ao sabado a tarde ouve vista do cabo de boa Esperança e por lhe ter o vento contrayro que era susueste, e o cabo jaz nordeste sudueste tornou a virar na volta do mar em quanto durou ho dia, e de noyte na volta da terra: e ho

«Roteiro», S. 8:

Pollo qual fomos em a vôlta do mar com sull susueste, e ao sabado á tarde ouvemos vista do dito cabo de Boa Esperença, e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e de noute virámos em a volta da terra. E ao domingo pella manham, que foram dezanove dias do mês de No-

mesmo lhe aconteceu até a quarta feyra seguinte que forão vinte de Novembro, em que dobrou este cabo, indo ao longo da costa com vento á popa, com muyto prazer de folias e tanger de trombetas em toda a frota, porque todos esperavão em nosso senhor de acharem o que buscavam...' e junto com este cabo da banda do sul se faz huma angra muyto grande que entra pela terra bem seys legoas, e na boca terá bem outras tantas».

Ebenda:

«Na terra ha... boys que sam muyto mansos e gordos em estremo, e sam capados, e deles não tem cornos. E dos mais gordos se servem os negros para andar neles, e trazemnos albardados com albardas castelhanas de tabua e sobrelas huns paos que fazem feyção dandilhas e nelas andão. E aos que querem resgatar metenlhe hum pao desteva pelas ventans.

Nesta angra está em mar tres tiros de besta hum ilheo em que ha muytos lobos marinhos, e deles sam tamanhos como ussos muyto grandes, e sam muyto temerosos e tem grandes dentes, e sam tão bravos que se vão aos homens: e tem a pele tão dura que nenhuma lança os pode passar por grande força que leve, e estes dão hurros como liões e os pequenos berrão como cabritos: e são tantos que vembro, fomos outra vez com o cabo, e nom o podémos dobrar porque o vento era susueste e o dito cabo jaz nordeste sudueste, e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e á noute da segunda feira viemos em a volta da terra. E á quarta feira ao mesmo dia pasámos pello dito cabo ao longo da costa com vento á popa. E junto com este cabo de Boa Esperança ao sull jaz huuma amgra muito grande que emtra pella terra bem seis legoas e em boca averá bem outras tantas».

Ebenda, S. 13 f.

Os boys desta terra sam muito grandes como os d'Alemtejo e muito gordos a maravilha e muito mansos e sam capados e delles nom tem cornos. E os negros háquelles que sam mais gordos trazemlhes huumas albardas d'atabua asy como os de Castella e huuns paoos asy como andas em cima d'albarda, e amdam em cima delles, e aquelles que elles querem resgatar metemlhe huum paoo de esteva pellas vemtãas e trazenos por alii.

Em esta angra está huum ilheo em mar tres tiros de beesta, em este ilheo ha muitos lobos marinhos, e delles sam tam grandes como usos muito grandes, e sam muito temerosos, e tem muito grandes dentes, e vem-se aos homens, e nenhuuma lança por força que leve os nom pode ferir, e outros mais pequenos, e outros muito

indo os nossos folgar hum dia a este ilheo virão obra de tres mil antre grandes e pequenos. Ha tambem humas aves a que chamão sotilicayros que sam tamanhas como patos e não voam porque não tem penas nas asas e azurrão como asnos».

pequeninos, e os grandes dam urros como leões, e os pequeninos como cabritos. E aquy fomos huum dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mill, e tiravamoslhe do mar com as bombardas. E neste ilheo ha huumas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nam tem penas nas aas, e chamamlhe fotylicairos (?), e matámos delles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos».

Wie kann man angesichts einer derartigen Übereinstimmung, die nicht nur auf einzelne Stellen beschränkt ist, sondern durchgeht, leugnen wollen, dass Castanhedas Bericht auf dem «Roteiro» beruht! Denn dass umgekehrt ein Fälscher aus der allbekannten Darstellung des Chronisten ein Machwerk hergestellt haben sollte, das nicht mehr, sondern eher weniger als seine Vorlage enthält, hat bei der absoluten Zwecklosigkeit einer solchen Fälschung doch nicht die mindeste Wahrscheinlichkeit, und zudem trägt der «Roteiro» für jeden, der unbefangen an ihn herantritt, den Stempel der Echtheit an der Stirn. Hat aber Castanheda seine Darstellung der Entdeckungsfahrt ganz auf dem «Roteiro» aufgebaut, dann ist auch die Frage müssig, woher er den 8. Juli als Datum der Ausfahrt hatte; denn der «Roteiro» enthält es ja. Wozu dann erst Duarte Pacheco darum bemühen und gar die Echtheit der völlig unverdächtigen Stelle des «Esmeraldo» über Vasco da Gamas erste Indienfahrt in Zweifel ziehen! Und wenn *Duarte Pacheco* weiss, dass für die portugiesischen Indienflotten die Monate Januar, Februar und März zur Ausreise die günstigsten sind, folgt daraus wirklich, dass man diese Erkenntnis auch schon besass, als Vasco da Gama seine Fahrt antrat? Barros zum mindesten (*Dec.* I, l. IV, c. 2) verneint es. Aber selbst wenn man über die Monsune des Indischen Ozeans schon damals in Lissabon genauer unterrichtet war, was nach den Erkundungsfahrten des Pero de Covilhã nicht unwahrscheinlich ist, wer konnte im voraus berechnen, welche Zeit das Entdeckungsgeschwader brauchen würde um von dem Rio do Infante, dem äussersten Punkte der Fahrt des Bartolomeo Dias aus, die Verbindung mit den südlichsten vorgeschobenen Posten der arabischen Kultur in Ostafrika herzustellen, welchen Meeresströmungen und atmosphärischen Verhältnissen man in den von den Arabern wenig

oder gar nicht befahrenen Meeresteilen südlich von Sofala begegnen würde!

Dass das Datum des «Roteiro», nicht das Correas (25. März), auch hier das richtige ist, dafür spricht wiederum das Zeugnis des Girolamo Sernigi; in den «Paesi novamente retrovati» heisst es (l. II, c. LI) mit Beziehung auf die Ausreise Vascos da Gama: «partirno da Lisbona a di .IX. Luio MCCCCXCVII» — ein Irrtum also von nur *einem* Tag, der leicht möglich ist.

5. «Roteiro» oder Entdeckungsbericht der «Lendas da India»?

Die bisherige Untersuchung hat ergeben, dass die Gründe, mit denen Ayalla die Echtheit des «Roteiro» anficht, einer ernsthaften Kritik nicht standzuhalten vermögen; zugleich hat sich in Bezug auf die Chronologie der Reise gezeigt, dass im Gegensatze zu Correa die Angaben des «Roteiro» über den Tag der Ausfahrt, den der Ankunft in Calicut und die Dauer des Aufenthaltes daselbst durch unsere zweite Quelle erster Hand, die beiden unmittelbar nach der Heimkehr von Gamas Schiffen geschriebenen Briefe des Florentiners Girolamo Sernigi sowie durch Zeineddîn im wesentlichen bestätigt werden. Aber Ayalla gibt nicht nur in diesem Punkte der Darstellung Correas den Vorzug, er stellt vielmehr (S. 49) ganz allgemein den Satz auf: «Die «Lendas da India» des Gaspar Correa sind, mindestens so lange das Gegenteil nicht erwiesen wird, in allem, was die erste Reise Vascos da Gama betrifft, die genaue und treue Erzählung des ausserordentlichen Ereignisses». Für den ältesten Historiker der portugiesischen Taten in Indien will er «den Anspruch auf Ehre, Glauben und Wertschätzung geltend machen, auf die er ein unbestreitbares Recht hat und von denen die Kritik unmittelbar beweisen kann, dass er sie verdient» (S. 50). Er beruft sich dabei auf die Urteile, die Rodrigo Felner in der Einleitung zu der Akademie-Ausgabe der «Lendas», S. XII f., Alexander Herculano in der oben mitgeteilten Stelle seines Vorwortes zur zweiten Ausgabe des «Roteiro» S. IX f. und Henry E. I. Stanley in der umfangreichen Einleitung zu den «Three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty», S. VI über die Glaubwürdigkeit der «Lendas» im allgemeinen bzw. ihren Quellenwert für die Entdeckungsfahrt Vascos da Gama im besonderen ausgesprochen haben. «Angesichts dieser gültigen und massgebenden Aussagen», fährt er dann fort, «massgebend nicht nur durch die Qualität der Zeugen, sondern durch den inneren Wert der ange-

führten Gründe, hat die Kritik ihr Haupt zu beugen. Diejenigen, die die Autorität Gaspar Correas bekämpfen, besitzen nicht nur nicht die Autorität und geistige Bedeutung seiner Verteidiger, sondern bringen auch nicht *ein* Argument vor, das durch seine Beweiskraft das Ansehen des Ältesten unserer Chronisten zu erschüttern oder die Gründe zu widerlegen imstande wäre, die seine Paladine vorzubringen haben».

Man kann mit aller gebührenden Hochachtung den wissenschaftlichen Leistungen eines Alexander Herculano gegenüberstehen und gleichwohl der Meinung sein, dass in dem oder jenem Punkte seine Auffassung nicht zutrifft, kann dem Verfasser einer geschichtlichen Quelle guten Glauben und Wahrheitsliebe, historische Treue im allgemeinen zubilligen und nichtsdestoweniger seine Darstellung einzelner Ereignisse für objektiv unzuverlässig oder unrichtig halten. Was Rodrigo Felner über den Gesamtcharakter von Correas Werk an der von Ayalla zitierten Stelle sagt, trifft zweifellos zu: Correa hat die Länder des Ostens 16 Jahre vor Castanhedas Ankunft betreten, vor diesem die Grundlagen seiner «Lendas» gelegt, ist somit der früheste Darsteller der portugiesischen Taten in Indien; er hat den grössten Teil der Ereignisse, die er berichtet, miterlebt, folgt nicht ungewissen Überlieferungen längst vergangener Zeiten, sondern — im ganzen — glaubwürdigen Informationen und ist darum eine Quelle von unschätzbarem Wert für das Studium des Zeitraumes, den seine «Lendas» umfassen; dabei verspricht er in der Tat mit einer solchen Leidenschaft der Wahrheit und in so aufrichtig frommer Ehrfurcht vor ihr in dem Vorwort zu seinem Werk strenge Unparteilichkeit, dass jeder Gedanke an Heuchelei ausgeschlossen erscheint. Aber Ayalla übersieht eine sehr zutreffende und wichtige Bemerkung, die Rodrigo Felner an anderer Stelle seiner Einleitung zu den «Lendas» über die Eigenart von Correas Geschichtschreibung macht: Es darf nicht verschwiegen werden, sagt er, «dass gelegentlich chronologische Irrtümer darin begegnen, auch sonderbare Ansichten, die man nur nach reiflicher Prüfung kann gelten lassen, und *eine Neigung zum Romantischen und Wunderbaren, die dem Wesen der «Legenden» nicht widerspricht, vielmehr gut hineinpasst, aber mit dem Ernst der Geschichte unvereinbar ist.* Als Muster für Irrtümer vergleiche man, was er über den Besuch des Königs von Beni in Portugal geschrieben hat, über die Fahrt des Bartolomeo Dias, deren ganze Ehre dem Janinfante zugeschrieben wird, über die Erfindung und Handhabung der nautischen Instrumente und über den Gebrauch der Büchsen und anderer tragbarer Feuerwaffen. Als Beweis dafür, dass er eine gewisse Neigung für das Wunderbare und Romantische

hatte, haben wir die Episode von dem sagenhaften Sohn des Duarte Pacheco, der mit jedem Schlag einen Mauren von oben bis unten entzweihieb und den der König von Cochin dem Vater noch vorzog, wo es galt ihm das Reich gegen die Macht des Samorin zu schützen. Aber gerade mit dieser Ausgeburt romantischer Phantasie hat Correa den gültigen Beweis erbracht, dass er nicht zu lügen verstand; denn er lässt sie von Umständen begleitet sein, die jeder Wahrscheinlichkeit bar sind und sogar dem in Geschichte und Genealogie minder Belesenen sogleich verraten, dass der neue portugiesische Achill nichts weiter ist als ein Mythus oder ein Geschöpf der Phantasie. Diese verzeihlichen Fehler können indes Correas Ehre nicht schmälern und Zweifel erregen an seinem guten Glauben und der lauteren Wahrhaftigkeit, womit er berichtet, *was er gesehen und gehört hat.* Wenn wir aus so geringfügigen Gründen *seinem Zeugnis die Gültigkeit in dem versagen wollten, worin man ihm vollen Glauben schenken darf,* dann müssten wir in gleicher Weise, über die Regeln der Hermeneutik hinweggehend, das Zeugnis des grössten Teiles der Schriftsteller des Altertums und das eines guten Teils der neueren verwerfen». Sollte nicht gerade in diesen letzten Sätzen des trefflichen Gelehrten der Schlüssel zu dem Problem von Correas ganzer Darstellung der Entdeckungsfahrt liegen? Zu ihnen hätte Ayalla Stellung nehmen müssen, aber das hat er nicht getan. Auch von Herculanos Urteil übernimmt er nur, was in seine Gedankengänge passt, während er die durchaus nicht unwichtige Einschränkung, dass «die sozusagen äusserlichen Tatsachen des Unternehmens» des Vasco da Gama in den «Lendas» «vielfach schwankend, lässig und unbestimmt» gegeben seien, einfach beiseite lässt; wenn aber der Historiker gar äussert, der «Roteiro» ergänze die Arbeit des Chronisten, dann muss er sich von dem Kritiker den Vorwurf gefallen lassen, er schwimme mit dem Strome derer, «die leichtfertig seine Meinung angenommen» hätten.

Glauben verdient, wie sein Herausgeber mit Recht hervorhebt, Correa da, wo er berichtet, was er selbst gesehen oder gehört hat. Das trifft aber auf die Entdeckungsfahrt der Jahre 1497–1499 nicht zu. Er war noch blutjung [1], als er 1512 mit Jorge de Mello nach Indien ging und dort, spätestens Anfang 1513, Sekretär des Generalkapitäns Affonso d'Albuquerque wurde, ein Amt, das er bis zu dessen Tod im Dezember 1515 bekleidet haben muss; denn nach seiner eigenen Angabe [2] hat er ihm drei Jahre als solcher gedient. Die

---

[1] moço de pouca idade: *Lendas,* Bd. I, S. 2.

[2] *Lendas,* Bd. I, S. 134. Stanley meint a. a. O., S. I., Correas Angabe im Vorwort «An die Herren Leser», S. 2, dass er 16 Jahre nach der Entdeckung Indiens

Glaubwürdigkeit seiner Darstellung der Entdeckung des Seewegs wird also davon abhängen, was für Quellen ihm dafür zu Gebote standen, wieweit sein Bericht aus ihnen geschöpft ist, wieweit er seiner romantischen Phantasie gerade hier, vielleicht noch in den Anfängen seiner schriftstellerischen Tätigkeit — denn von der Entdeckungsfahrt hat dieselbe ihren Ausgang genommen — die Zügel hat schiessen lassen. Wir sind dabei in der verhältnismässig günstigen Lage auf eigenen Äusserungen Correas über seine Quellen fussen zu können.

Im ersten Bande der «Lendas», S. 134, erzählt er, wie der Entdecker auf dem Heimweg durch den Indischen Ozean das befreundete Melinde verlässt und der Küste Ostafrikas entlang seinen Kurs nach dem Kap der Guten Hoffnung nimmt. Es heisst dort: «Nachdem die Schiffe, wie gesagt, in See gegangen waren, fuhren sie längs der Küste hin, und die Kapitäne befahlen den Steuerleuten sorgfältig zu beobachten und sich genau die Gestade anzusehen und die Bilder, die sie darböten, und die maurischen Steuerleute nach allem zu fragen, was sie sähen, und es bis ins einzelste aufzuschreiben und ganz besonders das Bild, das die Küsten darböten, gleich wenn sie hinter ihnen lägen, weil das die Ansicht und das Erkennungszeichen sei, woran sie von denen erkannt werden würden, die von Portugal her kämen und der Küste entlang liefen, und die Orte und Flüsse und die Namen von allem, was die Steuerleute auch mit viel Sorgfalt

---

dorthin gekommen sei (aver dezaseis annos que a India era descoberta, quando eu a ella vim), führe auf 1514. Das ist ein Irrtum; als Jahr der Entdeckung Indiens hat Correa vielmehr 1497 angenommen, das Jahr von Gamas Ausfahrt; so sagt er auch im Schlussatz des ganzen, mit dem Jahr 1550 abschliessenden Werkes (Bd. IV, S. 732): «dos quaes bens e tamanhas mercês somos esquecidos, e tam ingratos por nossos grandes peccados, com que a India he chegada ao estado em que está n'esta era de mil e quinhentos cinqoenta e hum annos, que são cincoenta e quatro do descobrimento della». Die gleiche Rechnung wie hier könnte nun freilich auch auf 1513 als Jahre seiner Ankunft führen. Aber nach seinem eigenen Zeugnis ist Correa drei Jahre Sekretär des Affonso d'Albuquerque gewesen (*Lendas*, Bd. I, S. 134 und II, S. 46); Albuquerque starb im Dezember 1515, die kleine Indienflotte des Jahres 1513 unter João de Sousa de Lima ist aber erst am 22. September 1513 (*Lendas*, Bd. II, S. 361) vor Goa angekommen, so dass bis dahin nur 2 1/4 Jahre bleiben würden. Dagegen zeigt eine uns erhaltene Quittung Correas vom Jahr 1529, die in der Akademie-Ausgabe (S. VIII: s. auch S. XI) veröffentlicht ist, dass er im Dienste des Jorge de Mello, Oberhofmeisters der Königin Leonor, der dritten Gemahlin D. Manuels, gestanden hatte. Jorge de Mello aber führte 1512 eine Flotte nach dem Osten, die nach Correa (*Lendas*, Bd. II, S. 289) am 15. August dieses Jahres Goa erreichte. Vermutlich ist mit ihr Correa nach Indien gekommen, und da nach seiner Chronologie der ersten Reise Vasco da Gama von Lissabon am 25. März abgefahren ist, so hatte im August 1512 auch das 16. Jahr nach der Entdekkung Indiens bereits begonnen.

taten. Und desgleichen tat es ein Geistlicher des Schiffes mit Namen João Figueira, der es aus eigenem Antrieb unternommen hatte alles aufzuschreiben, was sich während dieser Reise zutrug; der kam nach Melinde und war auf den Tod krank. Da übergab er, in der Meinung sterben zu müssen, dem Kapitän ein Heft, worin er alles aufgezeichnet hatte, worüber dieser sich sehr freute; und bei der Abfahrt von Melinde legte er (der Kapitän) es ihm sehr ans Herz, dass er so weiterschreiben solle bis zum Ende der Fahrt, was er (der Geistliche) auch tat. Von dem, was dieser Geistliche schrieb, wurden nachher viele Abschriften gemacht und von einer davon sah ich die Stücke im Besitz des Affonso d'Albuquerque unter alten Papieren, da ich, Gaspar Correa, ihm drei Jahre als Schreiber diente. Und da ich so köstliche Sachen fand, die zu hören und zu erfahren Freude machen musste, sammelte ich dies Heft, das zerstückt und z. T. zerrissen war, und dadurch kam mir die Lust alles aufzuschreiben, was ich von den Ereignissen in Indien in Erfahrung zu bringen und selbst zu sehen in der Lage wäre, wofür ich meine Entschuldigungen bereits vorgebracht habe, die ich die Herren Leser bitte freundlichst anzunehmen und meine Unwissenheit in Anrechnung zu bringen, vermöge deren ich in diesen Irrtum verfallen bin».

Eine Ergänzung dieser Angaben bildet die folgende Stelle seines Vorworts zum dritten Buche der «Lendas da India» (Bd. III, S. 8): «Und auf Grund von einigem wenigen, was mein ungebildeter Geist zu verstehen vermochte, nachdem die Lust (zum Schreiben) erwacht war durch ein Heft, das mir in die Hände fiel, die Arbeit eines Verbannten (degredado), der mit D. Vasco da Gama bei der Entdekkung hergekommen war, habe ich, unter Befragung der Portugiesen, die am längsten in Indien gedient hatten, und vieler Heiden in Cananor und Cochin, diesen kurzen Abriss von Legenden (Geschichten) gefertigt». Eine dritte Äusserung mag dann noch angefügt werden; sie findet sich in Correas Vorwort zum ersten Buch seines Werkes und lautet: «Und weil es 16 Jahre nach der Entdeckung Indiens war, als ich, ein blutjunger Bursch, dorthin kam, ohne den Verstand um diese mühevolle Arbeit in Angriff zu nehmen — aber weil ich die glänzenden Taten sah, die geschahen, und Misshelligkeiten und Hader, die es danach gab, nahm ich mir vor in aller Wahrhaftigkeit einige Aufzeichnungen über Vorgänge zu machen, die ich sah; und an denen, die vergangen waren, arbeitete ich mit viel Sorgfalt, indem ich altgediente Leute befragte, die bei dieser Entdeckung dabeigewesen waren, und meine Zweifel behob im Verkehr mit den Leuten selbst, die an den Ereignissen beteiligt gewesen waren, unter denen ich einige Leute fand, die gleich auf den Entdeckerschiffen hergekommen

waren, und zugleich nach einigen Aufzeichnungen, die ich im Besitz von Mauren und Heiden fand und besonders in Cananor, die sie geschrieben hatten, im Erstaunen zu sehen, was sie nie gedacht hätten. Das alles sammelte und schrieb ich mit der Wahrhaftigkeit, mit der ich Gott bitte, er wolle mir in den Mühen dieses Lebens beistehen, dass ich das ewige Leben verdiene, weil ich in dieser Absicht nichts dazu- und davontun werde von der Wahrheit, so gut ich sie habe erfahren können».

Als Verfasser jener Darstellung der Entdeckungsfahrt, die in dem jungen Correa das Verlangen weckte die Taten der Portugiesen in Indien aufzuzeichnen, wird einmal der Geistliche João Figueira, das andere Mal ein Verbannter genannt, der die Reise mitgemacht hatte. Dass es sich dabei um die gleiche Person handelt, halte ich für zweifellos; das scheint auch Rodrigo Felner angenommen zu haben, wenn er der ersten der oben angeführten Stellen in einer Fussnote (S. X) die zweite hinzugefügt hat, ohne allerdings den naheliegenden Schluss ausdrücklich zu ziehen. João Figueira wäre dann vermutlich einer von den zehn oder zwölf Verurteilten gewesen, die ihr Leben verwirkt hatten und für besonders gefahrvolle Aufgaben dem Geschwader beigegeben waren. Dass er das Amt eines Schiffsgeistlichen dabei bekleidete, braucht man nach dem Wortlaut der Stelle nicht anzunehmen; «hum clerigo da nao» heisst zunächst nur «ein Geistlicher des Schiffes» (Vascos da Gama), «ein Geistlicher auf dem Schiffe»; aber selbst wenn man annehmen müsste, dass er, etwa für einen erkrankten oder verstorbenen Inhaber des Amtes, die geistlichen Funktionen ausgeübt habe, schlösse das die Identität mit dem Verbannten nicht aus. Denn wenn auch nach den Grundsätzen des kirchlichen Rechtes im späten Mittelalter die der Auslieferung eines geistlichen Verbrechers an den weltlichen Arm vorausgehende kirchliche Degradation, falls eine solche überhaupt stattfindet, ihm die Privilegien seines Standes entzieht und ihn rechtlich zum Laien macht, so werden damit gleichwohl die Wirkungen der Priesterweihe nicht gänzlich verwischt; der «character indelebilis», den das Sakrament verleiht, bleibt der Seele und so ist in Notfällen selbst ein kirchlich Degradierter noch imstande die Sakramente gültig zu spenden. Dass ein weltlicher Richter ihn zu Tod oder Verbannung verurteilt hat (degredado), ist nach der Natur der Sache hierfür belanglos [1].

Der Bericht des João Figueira ist uns nicht erhalten. Den Inhalt hat Correa offenbar um manchen der Quelle fremden Zug erweitert,

---

[1] Kober, *Deposition und Degradation nach den Grundsätzen des kirchlichen Rechts*, Tübingen 1867, S. 283 ff.

gekürzt um das, was ihm nicht taugte, und das Ganze so vollständig in seine Manier umgegossen, dass wir aus den «Lendas» keinen Rückschluss auf die Vorlage mehr machen können. Ein Tagebuch nennen den Bericht — etwa im gleichen Sinne wie den «Roteiro» — Rodrigo Felner (a. a. O., S. X) und Stanley (a. a. O., S. II), nach Ayalla aber (a. a. O., S. 17), der dem «Roteiro» mit so grosser Entschiedenheit den Tagebuchcharakter abspricht, soll wenigstens Correa in der oben angeführten Stelle (Bd. I, S. 134) erklären, dass er «das Tagebuch» (diario) des Geistlichen João Figueira benutzt habe. Woraus schliesst der Kritiker, dass diese Quelle Correas die bei dem «Roteiro» von ihm vermissten Eigenschaften besass? Könnte, was in jener Stelle der «Lendas» von João Figueira ausgesagt wird, «dass er es aus eigenem Antrieb unternommen hatte alles aufzuschreiben, was sich auf dieser Reise zutrug», nicht genau so von dem Verfasser des «Roteiro» gesagt werden? Und würde es in seiner Allgemeinheit nicht auch auf den Inhalt des letzteren passen? Ist Küstenbeschreibung, wie sie, mindestens von Melinde an, Correas Vorlage nach seinen Worten doch enthielt, mit Tagebuchcharakter besser vereinbar als die Darstellungsweise des «Roteiro»? Und macht die Erzählung der Entdeckungsfahrt in den «Lendas» mit den wenigen, verschwommenen Daten etwa den Eindruck, als ob sie nach einem Tagebuch gearbeitet wäre? Welchen Umfang hatte im übrigen jenes Heft, das Correa zerstückt und teilweise zerrissen unter den Papieren des Affonso d'Albuquerque vorfand? Die Absicht, alles, was sich auf der Reise zutrug, aufzuzeichnen, konnte doch in recht verschiedener Art und Ausführlichkeit verwirklicht werden. Wieweit beruht also Correas Darstellung der äusseren und inneren Erlebnisse der an dem Unternehmen Beteiligten, vor allem die Schilderung des Auf und Nieder der Stimmungen von zuversichtlicher Hoffnung bis zu tiefer Verzweiflung, von williger Hingabe der Mannschaft an den Führer bis zur Auflehnung und Meuterei auf dem Berichte João Figueiras, wieweit ist sie aus den anderen von ihm genannten Quellen oder sonstwoher geschöpft, aus Quellen also, bei denen der Grad der Verlässigkeit sich unserer Beurteilung vollkommen entzieht? Oder wieweit hat etwa Correa, naiv die Grenzen von Geschichte und Legende verwischend, selbständig aus eigener Phantasie ausgestaltet? Alle diese Fragen, dünkt mich, mussten doch geprüft werden, bevor man, eine einwandfreie Quelle wie den «Roteiro» als Fälschung verdächtigend, auf die Tatsache, dass Correa die Aufzeichnungen des Geistlichen João Figueira benutzt hat, den Satz gründen konnte, die «Lendas da India» seien die genaue und treue Erzählung der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama.

Ein wesentlicher Zug, worin Correas Bericht über die Entdekkungsfahrt von dem des «Roteiro» wie der übrigen Historiker des 16. Jahrhunderts abweicht, ist der, dass Vasco da Gama nach der Abfahrt von Calicut, einer Einladung des Rajas von Cananor folgend, in dessen Hafen seine Ladung vervollständigt und im Namen seines Herrn mit dem Raja als erstem indischen Fürsten einen Freundschaftsvertrag abschliesst. Dem entspricht es dann, dass in den «Lendas» die zweite portugiesische Indienflotte, die des Jahres 1500, zuerst Cananor anläuft und ihr Kommandant, Pedralvares Cabral, von hier aus die Verhandlungen mit dem Samorin von Calicut aufnimmt. Auch davon weiss keine unserer andern Quellen. Nun sind wir über diesen Teil der Reise Cabrals einerseits durch seine in «Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo», Lisboa 1892, S. 97–107 veröffentlichte Instruktion, anderseits durch den in den «Paesi novamente retrovati», Vicenza 1507, l. II/III, c. 63–83 sowie bei Ramusio in «Navigationi et Viaggi», Bd. I, Venetia 1550, f. 132r–138r abgedruckten Bericht eines portugiesischen Steuermanns, der die Reise mitgemacht hatte, sowie durch Briefe König Manuels [1] und einiger in Lissabon bei Rückkehr der Flotte anwesenden Italiener [2] genau unterrichtet. Sie ergeben, dass am 22. August im Bereich von Goa (Goga) die Flotte zuerst indisches Land erblickte, von dort längs der Küste nach Anjediva weiterfuhr, hier Holz und Wasser einnahm und «gut 14 Tage» auf Schiffe von Mekka lauerte [3], von da aber ohne Aufenthalt nach Calicut weiterfuhr, wo man am 13. September ankam [4]. Dieser Verlauf der Fahrt stimmt genau zu den Anweisungen der Instruktion: «tanto que... partirdes da Angadyva, hirees vosa via, ancorar davante de Callecut» [5]. Eine Bestimmung eben dieser Instruktion soll aber dem Pedralvares Cabral nach Correa vorgeschrieben haben Cananor als ersten Hafen Indiens anzulaufen. Das ist zweifellos falsch. Tatsächlich wird er darin angewiesen zunächst mit allen Mitteln die Anknüpfung sicherer und vorteilhafter Handelsbeziehungen in Calicut, dem Hauptstapelplatz der Gewürze und Drogen, zu betreiben und nur, wenn eine solche sich als unmöglich erweise, einem Vertrag mit dem Raja von Cananor abzuschliessen. Zu einem solchen ist es 1500/01 überhaupt noch nicht gekom-

---

[1] *Copia de una littera del Re de Portagallo mandata al Re de Castella*, Roma 1505.

[2] *Diarii di Marino Sanuto*, Bd. IV, Sp. 66–69 und 99–102.

[3] Ramusio a. a. O., f. 134r.

[4] Ramusio a. a. O., f. 134v und Copia, f. 2r.

[5] a. a. O., S. 97.

men. Die ganze Geschichte, die Correa auf 16 Quartseiten des Druckes der «Lendas» [1] über einen Besuch Cabrals in Cananor und von dort aus geführte Verhandlungen mit dem Samorin erzählt, ist eine wahrscheinlich auf unrichtige mündliche Überlieferung gegründete, freie dichterische Ausgestaltung. Es ist 1500 weder eine portugiesische Faktorei in Cananor eingerichtet noch gar zu deren Schutz eine Palissadenbefestigung angelegt worden — das letztere geschah erst kurz vor dem Festungsbau im Jahre 1505 [2]; eine Zusammenkunft Cabrals mit dem Raja, für die Correa sogar das Datum, 25. September, — die Flotte lag damals in Wirklichkeit vor Calicut — anzugeben weiss und die er samt dem ganzen Aufzug der Najer und des indischen Fürsten haarklein schildert [3], hat ebensowenig stattgefunden wie die angeblich durch den Makler Davane, diese «mythische Person» Correas, geführten Verhandlungen mit dem Samorin. Ein von Vasco da Gama mit dem Raja abgeschlossener Vertrag müsste in der Instruktion für Cabral selbstverständlich erwähnt sein und seine Bestätigung durch den König hätte doch dem befreundeten Herrscher gleich bei der Ankunft in Indien mitgeteilt werden müssen. Mit dem einfachen Vorüberfahren würde man ihn aufs unklugste verletzt und sich selber des handgreiflichen Vorteils beraubt haben, den Informationen über die derzeitige Lage der Dinge in Indien bringen konnten.

Gegen Correas Bericht von einem Aufenthalt Gamas in Cananor lassen sich aber noch andere Gründe geltend machen. Seine Schilderung desselben stimmt in charakteristischen Zügen mit dem überein, was der portugiesische Steuermann von der Flotte Cabrals in den «Paesi novamente retrovati» über *dessen* Besuch in Cananor (Januar 1501) erzählt [4]. Schon auf der Rückreise nach Portugal begriffen, fahren sie an der Stadt vorbei, da lässt der Raja sie einladen in seinem Hafen ihre Ladung zu vervollständigen. Sie folgen der Aufforderung nehmen aber nur wenig Gewürze mehr ein, weil es an Raum auf den Schiffen fehlt. Der Raja kommt dadurch auf Gedanken, dass es ihnen nach der Plünderung ihrer Faktorei in Calicut an Geld fehle, und lässt sagen, dass er ihnen, soviel sie wollten, auf Kredit geben werde. Bei Correa zerstreut Vasco da Gama diesen Verdacht, indem er ihm ausser dem Doppelten des Wertes der gelieferten Waren noch ein Boot mit kostbaren Geschenken schickt, die mit echt Correascher Übertreibung Stück für Stück aufgezählt wer-

[1] Bd. I, S. 167–183.
[2] Goes, *Chron.*, p. II, c. VII.
[3] Bd. I, S. 169–172.
[4] a. a. O., l. III, c. 79.

den; der Steuermann erzählt, dass Cabral dem Abgesandten des Rajas eine Truhe mit 3000 oder 4000 Cruzados gezeigt habe; hier wie dort schickt der indische Fürst mit dem Geschwader einen Gesandten nach Portugal. Zu einer Zusammenkunft des portugiesischen Flottenführers mit dem Raja, wie sie Correa bei dem angeblichen Besuch Gamas im Jahr 1498 stattfinden lässt, kommt es 1501 allerdings noch nicht. Hier liegt in den «Lendas» vielmehr Verwechslung mit Vorgängen von Vasco da Gamas zweiter Indienfahrt (1502/3) vor.

Der Entdecker ist, so erzählt Correa [1], im November 1498 auf Einladung des Rajas in den Hafen von Cananor eingelaufen. Eine Zusammenkunft mit dem indischen Fürsten hat er unter Berufung auf seine Instruktion, die ihm verbiete an Land zu gehen, abgelehnt. Da lässt dieser, um sie gleichwohl zu ermöglichen, einen langen hölzernen Landungssteg ins Meer hinein bauen und an seiner äussersten Spitze einen Pavillon, der mit kostbaren Seidenbehängen drapiert wird; dorthin kommen nun in ihren reich bewimpelten und geschmückten Booten die drei portugiesischen Kapitäne und so findet ohne Übertretung der Instruktion die Zusammenkunft auf dem Meere statt, wobei reiche Geschenke gewechselt werden. Hören wir nun, was Thomé Lopes, der 1502/3 unter dem Oberkommando des Admirals Vasco da Gama dessen zweite Indienfahrt mitgemacht hat, über den damaligen Besuch in Cananor berichtet [2]!

«Am 18. Oktober 1502», heisst es dort, «kamen wir vor Cananor an, und es erschienen alsbald einige Männer von Bedeutung um im Namen des Königs den Admiral zu besuchen und zu begrüssen, wobei sie ihm mitteilten, dass derselbe ihn zu sprechen wünsche, und sie vereinbarten dafür den Tag. Am folgenden Tage liess der König ins Meer hinein eine sehr lange Brücke bauen, so breit wie die in Lissabon und sehr schön geschmückt. Und an demselben Tag liess der Admiral eine Karavelle herrichten, das Hinterschiff mit Sammet verkleidet, zur Hälfte karmesinrot und zur Hälfte grün, und es wurden darauf die schmucksten Leute der Flotte beordert und desgleichen in die Boote der Schiffe, mit vielen Flaggen, Trompeten, Pauken, Trommeln und vielen Tänzen und Lustbarkeiten; Bombarden, Lanzen, Armbrüste und sonstige Waffen; und er selber in prächtigem und kostbarem Aufzug, in Seide gekleidet, mit zwei grossen goldenen Ketten, einer um den Hals und einer als Bandelier; und so fuhr er nach der Brücke, die zwei Eingänge hatte, einen an

---

[1] *Lendas*, Bd. I, S. 116 ff.

[2] *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 186 f.

der Landseite und einen an der Seeseite, beide mit farbigen Tüchern behangen. Der König kam mit etwa 400 Mann, ihre Schwerter und Schilde rot und sehr reich, andere mit Bogen und Pfeilen, noch andere mit Partisanen. Er sowohl wie sein Gefolge trug keine andere Kleidung als ein buntes Tuch, das ihn vom Gürtel nach unten einhüllte; der übrige Teil des Körpers war nackt und auf dem Kopfe trug er eine bunte Haube. Dies Gefolge blieb ein wenig entfernt von der Brücke, weil es der Sicherheit halber so festgesetzt war. Und der König trat in das Absteigezimmer vorne ein, das ein kleiner Pavillon war, und ruhte sich ein Weilchen aus, nicht nur weil es heiss, sondern weil der Admiral noch nicht ganz zur Stelle war. Sobald er anlegte, ging der König auf ihn zu und traf ihn mit dreissig Mann, weil abgemacht war, dass weder der eine noch der andere mehr als diese Zahl mitbringen sollte. Der Grund, weshalb sie in dieser Weise verhandelten, war der, dass der Admiral ihm erklärt hatte, er habe Befehl nicht an Land zu gehen, und so war der eine auf der Brücke und der andere in seiner Karavelle». Dann werden Geschenke gewechselt. Hier haben wir, von einem Augenzeugen geschildert, ziemlich getreu das, was Correa gelegentlich der ersten Fahrt Vascos da Gama erzählt und was in kurzen Zügen bei seiner Darstellung der zweiten Reise wiederkehrt.

Was die «Lendas» über einen Besuch Gamas in Cananor auf der Entdeckungsfahrt berichten, ist sonach Verwechslung mit Vorgängen der Indienfahrten von 1500/01 und 1502/03. Entweder also kann Correa das nicht den Aufzeichnungen von João Figueira entnommen haben, der die erste Reise des Entdeckers mitgemacht hatte, oder diese Quelle müsste in einem wesentlichen Punkte verfälscht gewesen sein. Wahrscheinlicher ist, dass wir es dabei mit einer jener Informationen zu tun haben, die der Autor der «Lendas» nach der dritten der oben angeführten Belegstellen von «Mauren und Heiden» in Cananor erhalten hatte. Wann das gewesen ist, sagt er nicht; wahrscheinlich aber waren damals mindestens zwei Jahrzehnte seit dem Erscheinen der Portugiesen in Indien vergangen, so dass in der Erinnerung seiner Gewährsmänner die Eindrücke der ersten portugiesischen Flottenbesuche in Cananor ineinander fliessen mochten. Welchen Begriff konnten sie auch mit dem Namen des einen oder anderen der ständig wechselnden Befehlshaber dieser einmal im Jahr auftauchenden Indienflotten der ersten Jahre verbinden! Jedenfalls ergibt sich aus dem Vorhergehenden, dass die Darstellung Correas durchaus nicht ohne weiteres mit der jenes João Figueira gleichgesetzt werden darf.

Zu dem gleichen Schlusse führt ein anderer Widerspruch zwischen

den Angaben Correas und denen der übrigen Historiker. Nach den «Lendas» [1] liess der Entdecker in Moçambique 1498 einen Verbannten, João Machado, zurück, der unter mancherlei Abenteuern nach Indien gelangte, dort zu Ehren und Ämtern emporstieg und seinem Vaterland schliesslich wertvolle Dienste leistete. Eine Rolle begann er für die Portugiesen unter der Statthalterschaft des Affonso d'Albuquerque 1510 vor Goa zu spielen. Nun berichten alle übrigen Quellen übereinstimmend, dass dieser João Machado zugleich mit Luis de Moura im August 1500 von Pedralvares Cabral in Melinde ausgesetzt wurde und von da nach Cambaya ging. Der Steuermann in den «Paesi novamente retrovati» nennt zwar keinen Namen, erwähnt aber [2], dass in Melinde zwei portugiesische Verbrecher zurückblieben, von denen der eine mit fremden Schiffen, die im Hafen lagen, nach Cambaya abgehen sollte. Die letztere Angabe macht wahrscheinlich, dass es sich um João Machado handelt. Dass Luis de Moura in der Tat, wie die Historiker berichten, 1500 von Cabral in Melinde zurückgelassen wurde, bestätigt Thomé Lopes, der, wie gesagt, unter dem Oberkommando des Admirals 1502 an dessen zweiter Reise teilnahm und in Melinde den Verbannten kennen lernte [3]. Stimmt also bezüglich seiner die Angabe der Historiker, dann ist ein gleiches in Bezug auf João Machado sehr wahrscheinlich. Dann wäre dieser 1498 nicht in Moçambique an Land gesetzt worden und Correa hätte die Mitteilung über ihn auch nicht in dem Reisebericht des João Figueira gefunden, sondern es läge abermals Verwechslung mit einem Ereignis der Fahrt Cabrals vor. Der rührsame Roman, den er von João Machado und seinem Freunde Damião Rodrigues in Band I, Seite 160 f. erzählt, kann ohnehin bei João Figueira nicht gestanden haben und in dieser Form auch schon deshalb der Wahrheit nicht entsprechen, weil die «Untiefen des hl. Rafael», von denen Damião Rodrigues, seinem zurückgelassenen Freunde folgend, nach Moçambique geschwommen sein soll, dem Nordende von Sansibar gegenüber liegen, also von Moçambique um fast zehn Breitengrade, rund 1100 km, entfernt. Die Quelle könnte hier etwa mündlicher Bericht eines Seemanns gewesen sein, der an der Reise Cabrals oder einer anderen frühen Fahrt teilgenommen hatte, aber ungenügend unterrichtet war oder auch fabelte. João Machado ist mit dem Entdekkungsgeschwader und dem Grab in Moçambique aber vermutlich erst in Verbindung gebracht worden, als er in Indien die Blicke seiner

---

[1] Bd. I, S. 42.

[2] l. III, c. 78.

[3] *Collecção de Noticias*, Bd. II, S. 166.

Landsleute auf sich gezogen und seine Vergangenheit ein Interesse für sie gewonnen hatte. Eigentümlich ist, dass Correa selbst in späteren Teilen seines Werkes, in denen João Machado vorkommt[1], als Stadt, in der er zurückgelassen worden sei — freilich auch hier auf der ersten Reise des Vasco da Gama —, richtig Melinde angibt. Man wird annehmen dürfen, dass die Berichte über die frühesten Reisen in den «Lendas da India» auch am frühesten von ihm ausgearbeitet worden sind, was ja überdies seine Angabe nahelegt, dass João Figueiras Aufzeichnungen seine Lust zum Schreiben in ihm geweckt hätten, und dass er später über den Ort der Aussetzung des Verbannten das Richtige erfuhr, die Stellen in den Lendas der Reisen von 1497–1499 und 1500/01 aber zu ändern vergass.

Während nach dem «Roteiro» und den Briefen des Girolamo Sernigi das Entdeckungsgeschwader bei der Ausfahrt von Restello aus vier Fahrzeugen bestand, weiss Correa nur von deren drei. Auf der «Rafael», erzählt er, fuhr der Kommandant, die «Gabriel» befehligte Paulo da Gama, die «Miguel» Nicolao Coelho. Über die Vierzahl der Schiffe, die übrigens auch durch ein Dokument[2] bezeugt ist, kann kein Zweifel bestehen. Das Proviantschiff wurde nach dem «Roteiro» in der Bucht von S. Bras (Mosselbucht) an der Südküste Afrikas verbrannt und zwar auf dem Hinweg; die «Rafael» zerstörte man infolge von Mannschaftsmangel auf der Rückreise bei den Untiefen nördlich von Sansibar, auf die sie früher einmal aufgelaufen war. Beide Tatsachen bestätigt, nur ohne Angabe der Orte, Girolamo Sernigi, unsere zweite Quelle erster Hand; sie müssen trotz Correa somit als völlig gesichert gelten. Was aber die Namen der drei Expeditionsfahrzeuge anlangt, so sagt der «Roteiro» auf S. 95: «e mais achámos defronte desta igreja huma praya em a quall espalmámos o navio Berrio, e o navio do capitam moor: o Rafaell nom foy a monte por respeito dos incomvenyentes abaixo escriptos». Aus dieser Stelle ergibt sich unzweideutig, dass die «Rafael» nicht, wie Correa behauptet, das Admiralschiff war; ihr Kapitän war vielmehr Paulo da Gama. Der Name «Gabriel» kommt im «Roteiro» nicht vor; sein Verfasser spricht überall nur von dem «navio do capitam moor». Da indes alle guten Quellen das Führerschiff «Gabriel» nennen, wird an dem Namen nicht zu zweifeln sein. Auch die folgenden Erwägungen geben ihm vielleicht eine Stütze. Wo der «Roteiro» (S. 22) von der Aufstellung der Wappensäule am Sambesi spricht,

---

[1] Bd. II, S. 29 und 84.

[2] Brief D. Manuels an die Katholischen Könige vom Juli 1499 bei Teixeira de Aragão a. a. O., S. 673.

wird berichtet: «Und wir setzten hier einen Wappenpfeiler, dem man den Namen «Wappenpfeiler des hl. Rafael» gab und zwar deshalb, weil er (d. h. das Schiff dieses Namens) ihn mitgebracht hatte». Auf S. 90 erzählt nun der Autor, dass auf einem Inselchen an der Küste von Cananor ebenfalls eine solche Säule errichtet und nach der hl. Maria benannt wurde, und er begründet es mit den Worten: «das geschah, weil der König dem Kommandanten gesagt hatte, dass man drei Wappenpfeiler aufrichten und einem den Namen des hl. Rafael und dem anderen den des hl. Gabriel (S. Graviell) und dem dritten den der hl. Maria geben solle, so dass wir mit diesem sie nun alle drei gesetzt hatten, nämlich: den ersten setzten wir am «Strom der Guten Vorbedeutungen» — es war der des hl. Rafael — und den zweiten in Calicut — das war der des hl. Gabriel — und diesen letzten der hl. Maria». Hiess aber die erste Wappensäule nach dem Schiff, das sie dem Ort ihrer Aufstellung zugeführt hatte, so ist das bei der zweiten vermutlich ebenso gewesen; und dass sie als das am Ziel, in dem östlichen Welthafen, aufzurichtende Zeichen der Besitzergreifung nach dem Erzengel benannt worden wäre, auf dessen Namen das Admiralschiff getauft war, würde der Sachlage durchaus entsprechen. Man fühlt sich dann zu dem weiteren Schlusse versucht, dass das dritte Schiff nach seinem offiziellen Namen eine «Santa Maria», nicht, wie Correa behauptet, eine «S. Miguel» gewesen sei — das letztere zu vermuten lag ja nahe, weil damit die Zahl der drei ersten Erzengel voll wurde —, doch ist das nicht mehr als eine Möglichkeit. Der «Roteiro» nennt das Schiff des Nicolao Coelho, wo er einen Namen gebraucht, immer «Berrio», nach dem Steuermann von Lagos, dem es König Manuel abgekauft hatte, und so auch die Chronisten. Es scheint, dass hier ein ähnlicher Fall vorliegt wie bei einem Schiff der Indienflotte von 1505, dessen eigentlicher Name «S. Christovão» war, das aber im Munde der Seeleute «Judia», die «Jüdin», genannt wurde, weil sein Eigentümer, ein reicher Lissabonner Reeder und Ritter des königlichen Hauses, Fernão de Noronha, Neuchrist war[1]. Wenn Luis de Figueiredo Falcão in seinem 1612 abgeschlossenen «Livro em que se contem toda a fazenda e real patrimonio dos reynos de Portugal, India, ilhas adjacentes de sua coroa» das Admiralschiff «S. Miguel» nennt, so beweist das nichts, obwohl dem Autor des Werkes vermöge seiner Stellung als Sekretär Phi-

[1] vgl. Hümmerich, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6,* in Abhandlungen der Bayer. Akad. d. Wiss., philos.-philol. und histor. Klasse, XXX. Bd., S. 119, Anm. 141; ferner «*Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*», S. 99 und 107.

lipps III. von Spanien (II. von Portugal) die Dokumente des Indienhauses bei der Abfassung zur Verfügung gestanden haben; er hat eben ihren Inhalt nach seinem eigenen Zeugnis in der Widmung an den König nicht einfach so wiedergegeben, wie er ihn vorfand, sondern ihre Angaben unter sich und mit denen der Historiker in Einklang zu bringen versucht, was der Glaubwürdigkeit seiner Nachrichten erheblichen Eintrag tut. Und bezüglich der Reise des Vasco da Gama stehen sie sogar unter sich in Widerspruch[1]. Dass die Angaben im «Jornal das viagens dos Portuguezes ás Indias», was Namen und Verteilung der Schiffe an die Kapitäne betrifft, auf Correas Werk zurückgehen, also selbständigen Wert nicht besitzen, ist weiter oben bereits festgestellt worden.

Für die Richtigkeit der Zuteilung der «Rafael» an Vasco da Gama tritt Henry E. I. Stanley auf S. V der «Three voyages of Vasco da Gama» mit folgender Begründung ein: «Sie (d. h. Correa und die anderen Chronisten) weichen auch darin von einander ab, dass Correa das Schiff Gamas «S. Rafael» nennt, während Barros ihm den Namen «S. Gabriel» beilegt; aber vor der Stadt Vidigueira, zu deren Grafen Gama gemacht wurde, gibt es eine Kapelle des hl. Rafael, worin ein Bild des Heiligen aufbewahrt wird, dem Gamas Schiff zugeeignet war». «Des Heiligen, dem Gamas Schiff zugeeignet war» — woraus hat Stanley das erschlossen? Liegt hier nicht eine Art Zirkelschluss vor? Wodurch ist, abgesehen von der Angabe der «Lendas» und der aus ihnen abgeleiteten Angabe des «Jornal das viagens», die Beziehung dieses Bildes zum Admiralschiff des Entdeckungsgeschwaders erwiesen? Wo ist das von Correa unabhängige dokumentarische Zeugnis, auf das sie gegründet werden kann? Man sucht in Stanleys Werk vergeblich danach.

Ausführliche Nachrichten über Bild und Kapelle des hl. Rafael bei Vidigueira gibt Teixeira de Aragão in der mehrfach erwähnten Studie im «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 1886, S. 620 ff. Seine Quelle dafür scheint eine Handschrift gewesen zu sein, die dem D. Vasco Luis da Gama, 5. Grafen von Vidigueira und ersten Marques von Niza (1612–1676), Gesandten Joãos IV. am französischen Hofe, zugeeignet, über die Gründung des Karmeliterklosters Nossa Senhora das Reliquias bei Vidigueira und die Grabstätten der darin ruhenden Mitglieder des gräflichen Hauses handelt. Vor Aufhebung der Klöster, berichtet Teixeira de Aragão, wurde in jener Kapelle das Holzbild des Erzengels Rafael aufbewahrt, das den Vorderteil des gleichnamigen Schiffes schmückte, auf dem Paulo

[1] vgl. Teixeira de Aragão a. a. O., S. 576 ff. und Ravenstein a. a. O., S. 147 ff.

da Gama bei der Entdeckungsreise fuhr. Als dies Fahrzeug auf den nach ihm benannten Untiefen im Januar 1499 seine glorreiche Laufbahn endete, liess er das Bild des Heiligen abnehmen und bewahrte es in pietätvoller Treue. Dass es die Gallion vom Schiffe seines damals schon kranken Bruders gewesen war, an dem er nach allen Berichten mit grosser Liebe hing und der noch während der Rückreise starb, erklärt seine besondere Verehrung für dies Bild, das ihn dann auf seiner zweiten und dritten Indienfahrt begleitet hat, wie es auch sein Urenkel D. Francisco (1565–1632) zweimal nach Indien mitgenommen und ihm jene Kapelle in Vidigueira gebaut hat. Dessen Sohn, der erste Marques von Niza, führte es ebenfalls die beiden Male, wo er als Gesandter nach Frankreich ging, dorthin mit und 1880 hat der Erzengel — das war seine letzte Reise — die sterblichen Reste des Entdeckers (falls sie es nämlich gewesen sein sollten) nach Belem begleitet, wo sie in dem stolzen Denkmal seiner ersten Indienfahrt, dem Hieronymiterkloster und der Grabstätte König Manuels, beigesetzt worden sind. Hier ist von einer Überlieferung, die das alte Holzbild mit dem Admiralschiff des Vasco da Gama in Verbindung setzte, mit keinem Wort die Rede; eine solche existiert auch offenbar nicht; denn sonst würde Teixeira de Aragão, der über diesen Gegenstand eingehende Studien gemacht hat, ohne Zweifel Bezug darauf genommen haben.

So kann über die Verteilung der zwei grösseren Schiffe unter die Brüder ein ernsthafter Zweifel nicht bestehen. Die Angaben Correas sind in diesem Punkte so unrichtig wie in den vorausgehenden. Daran ändert auch der Einwand nichts, den Ayalla S. 53 f. erhebt: Die Handschrift der «Lendas da India», sagt er, ist durch den Enkel des Admirals erworben und 1583 nach Portugal gebracht worden. «Wenn die darin gegebenen Daten nicht der Wahrheit entsprächen, wären sie von der Familie Gama sicherlich berichtigt worden; und wenn die Erzählung des Gaspar Correa nicht wahrheitsgetreu wäre, wäre es auch nicht natürlich, dass D. Miguel da Gama eine Anhäufung von Märchen oder Ungenauigkeiten in die Heimat mitgebracht hätte». Dass die «Lendas» ein «acervo de fabulas ou inexactidões» wären, hat meines Wissens niemand behauptet; immerhin — wenn sie nichts weiter als die Darstellung der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama enthielten, könnte man Ayallas zweiten Grund vielleicht noch gelten lassen; nun enthalten sie aber doch die Geschichte des ersten halben Jahrhunderts portugiesischer Kolonialherrschaft im Osten, Geschichte, die Correa von 1512 ab grossenteils an Ort und Stelle miterlebt, in deren treibende Kräfte er als Sekretär des Affonso d'Albuquerque und später tiefere Einblicke getan hatte und die darum

für einen Mann wie Miguel da Gama, der mehr als zwei Jahrzehnte im Osten gewesen war, doch ein erhebliches Interesse besitzen musste. Wenn er dann auch genügende historische Kenntnisse hatte um die Unzulänglichkeit von Correas Darstellung der Entdeckertat seines Grossvaters zu durchschauen, war es darum notwendig, dass er oder ein späterer Gama an einem Werk aus *einem* Guss, wie die «Lendas» es sind, im einzelnen zu berichtigen anfing? Doch wohl kaum. Dass übrigens trotz der Verehrung für den Erzengel Rafael und trotz des Besitzes der «Lendas da India» auch in der Familie der Grafen von Vidigueira die «Gabriel» als das Admiralschiff auf der Entdeckungsfahrt angesehen worden ist, dafür spricht ein geschichtliches Dokument aus dem Ende des 16. Jahrhunderts. Im Dezember 1597 wurde im Senatssaale zu Goa im Beisein des Vizekönigs D. Francisco da Gama, 4. Grafen von Vidigueira, ein Bild des Entdeckers enthüllt. Bei dieser Gelegenheit richtete der Historiker Diogo do Couto, der Fortsetzer der Dekaden des Barros, im Auftrage des Senats eine Ansprache an den Vizekönig, den Urenkel des Admirals, und diese Festrede, die nach einer Handschrift in der Bibliothek zu Evora Stanley (a. a. O., Appendix, S. 17–19) abgedruckt hat, enthält folgenden Satz: «Wenn jene Tat (die Entdeckung Indiens) geschehen wäre zur Zeit der alten Dichter, dann hätten sie die S. Gabriel, das schöne Schiff, auf dem jener beherzte Seefahrer der Welt so wunderbare Geheimnisse entdeckte, mit weit mehr Recht unter die Sternbilder oder Planeten versetzen können, als sie es mit jener Argo des Jason taten, von der sie so grosse Dinge fabelten». Die Rede ist vor einem Manne gehalten, der, wie sein Urgrossvater es 1502 und 1524 in frommem Glauben getan, das Bild des Erzengels Rafael gleich einem Talisman nach Indien mitgenommen hatte. Die Verehrung, die er dafür hegte, wird dem Diogo do Couto kaum unbekannt gewesen sein, zumal zwischen der Ankunft des Vizekönigs in Goa und dem Festakt im Senatssaale bereits ein halbes Jahr lag. War aber D. Francisco der Meinung, dass der Erzengel die Gallion des Admiralschiffes gewesen sei, dann musste dem Redner der natürliche Takt und die Etikette verbieten sich in einer öffentlichen Ansprache zu dieser Meinung des Vizekönigs in Widerspruch zu setzen.

Die Rückfahrt des Geschwaders über den Indischen Ozean vollzieht sich bei Correa rasch und ohne Zwischenfälle in der Zeit vom 10. Dezember 1498 bis zum 8. Januar 1499; nach dem «Roteiro» und den Berichten der Chronisten nahm sie, wenn man die erweisbaren Irrtümer im Datum berichtigt, nahezu drei Monate in Anspruch (5. Oktober 1498 bis 2. Januar 1499) und war der schlimmste Teil der ganzen Reise. Dreissig Mann erlagen allein in dieser Zeit dem

Skorbut; kaum sieben oder acht Leute konnten, selber geschwächt und erschöpft, auf jedem Schiffe noch Dienst tun; und schon hatten die Kapitäne beschlossen beim ersten günstigen Wind nach Indien zurückzukehren, da setzte eine frische Brise ein, die das Geschwader in sechs Tagen die Küste von Ostafrika bei Magadoxó (Makdischu) erreichen liess. Dass der Skorbut in der Tat auf der Rückreise unter der Mannschaft gewütet und im ganzen sogar 55 Opfer gefordert hat (in Melinde erlagen der Krankheit nach dem «Roteiro» noch «viele» und das Sterben auf den Schiffen hörte erst diesseits des Kaps auf), sagt uns Girolamo Sernigi. In dem Brief an den florentinischen Edelmann heisst es in der Ramusioschen Fassung: «Morirono nel ritorno huomini cinquanta cinque di male che veniva loro nella bocca» u. s. w.; in dem Brief an seinen Bruder aber, der uns in deutscher Übersetzung aus dem Nachlass Konrad Peutingers vorliegt, berichtet er: «dan in waren gestorben 55 man oder schiffleutt, er die schiff nitt wider heim mochtt pringen mit dem folck. Im pelieben was 63 man». Wenn in der Ausgabe des erstgenannten Briefes in den «Paesi novamente retrovati» steht: «Haviamo al ritorno homini LV di male, che venia loro nella bocca», so ist hier hinter der Zahl offenbar ein «morti» ausgefallen. Also auch über die Rückfahrt ist Correa falsch unterrichtet.

Zu den charakteristischen Zügen seiner Darstellung gehört, dass in den afrikanischen und indischen Städten, die Gama auf der Entdeckungsfahrt berührt, mit den Fürsten Geschenke von unerhörter Pracht und Kostbarkeit ausgetauscht werden und dabei der Portugiese den Orientalen jedesmal übertrifft. Daneben stelle man nun die schlichte und wesentlich glaubwürdigere Darstellung des «Roteiro»! In Moçambique, erzählt er, machen die Geschenke des Kommandanten, Hüte, maurische Mäntel, Korallen u. a., dem Scheich nicht den mindesten Eindruck[1]; in Mombaça wird das in einem Hammel, vielen Orangen und Zitronen sowie Zuckerrohr bestehende Willkommgeschenk des arabischen Herrschers mit einer Schnur Korallen erwidert (S. 38); in Melinde erhält der Scheich einen «balandrao», d. h. ein maurisches Gewand mit Kapuze und weiten Ärmeln, zwei Schnüre Korallen, drei Messingbecken — ein Hauptgegenstand portugiesischer Einfuhr in den westafrikanischen Negerländern[2] — einen

[1] S. 26: e (o capitam) lhe fez hum serviço de chapeos e marlotas e corraees e outras cousas muitas. E elle era tam alterado que desprezava quanto lhe davam e pedia que lhe desem escralata, e nós nom ha levavamos, mas diso que tinhamos diso lhe davamos.

[2] Vgl. Duarte Pacheco, *Esmeraldo*, l. I, c. 32, 33; l. II, c. 1, 3, 4; Alvares d'Almada, *Tratado breve dos rios de Guiné*, S. 30, 55, 71, 73.

Hut, Schellen und zwei Stücke gestreiften Baumwollenstoffs, in Calicut aber lachen die Beamten des Samorin über die Gaben, die Vasco da Gama dem verwöhnten Herrn des östlichen Welthafens schicken will, zwölf Stücke gestreiften Baumwollenstoffs, vier Scharlachhauben, sechs Hüte, vier Schnüre Korallen, einen Satz von sechs Stück Messingbecken, eine Kiste Zucker und je zwei Fässchen Öl und Honig, und der Samorin selbst ist über ihre Ärmlichkeit geradezu erbittert und verlangt Gold. Ist es an sich wenig wahrscheinlich, dass der sparsame [1] König Manuel bei seinen mässigen Einkünften auf eine Fahrt von so ungewissem Ausgang dem Entdecker so kostbare Geschenke, wie Correa behauptet, mitgegeben haben sollte, so will sich mit wertvollen Gegengeschenken der orientalischen Fürsten in keiner Weise vertragen, was Girolamo Sernigi über den materiellen Ertrag der Fahrt berichtet: [2] «Zoielli hanno portati pochi: e non cosa che vaglia: per che in vero ne haveano oro ne arzento per contractare: posto che dicano che vi sonno chare: e simel sonno le perle: e mia opinion e: che vi siano bon merchato: ma quelle che portogallesi videno: erano in mano di quelli merchanti Mori: che voleano vender luno IIII. como soliono sempre fare: pur hanno portato alcuni balassi e zaffili: e certi rubinitti e granati: dicono chel capitano ne porto dele ricche: lui levo li sui arzenti: e tutti li vende per zoie». Das klingt nicht nach Reichtümern, die das Entdeckungsgeschwader aus dem Osten mitgebracht hätte.

So werden in allem Wesentlichen die Angaben des «Roteiro» — schon an sich der vertrauenswürdigsten Quelle, weil sie von einem Augenzeugen der Ereignisse herrührt und während der denkwürdigen Fahrt geschrieben ist — im Gegensatze zu Correa durch den Florentiner bestätigt. Dass die «Lendas da India» in allem, was die erste Reise Vascos da Gama betrifft, «die genaue und treue Erzählung des ausserordentlichen Ereignisses» seien, wird man danach wohl kaum mehr behaupten können. Sie sind es ebensowenig in Bezug auf die Darstellung der Reise Cabrals 1500/01. Hinsichtlich einzelner Punkte ist das oben bereits dargelegt; ausser den dort schon genannten Quellen erster Hand steht uns noch für die Landung an der Küste Brasiliens der Bericht des Pero Vaz de Caminha an D. Manuel vom 1. Mai 1500 und für weiteres der Brief Vespuccis (?) an Lorenzo dei Medici, datiert vom Cabo Verde 4. Iuni 1501, zur Nachprüfung von

---

[1] Ca Masser in *Archivio Storico Italiano,* Appendice II (1845), S. 43 nennt ihn sogar «avaro e cupido di denaro».

[2] *Paesi novamente retrovati,* l. II, c. 55.

Correas Bericht zur Verfügung. Mit den Angaben der ursprünglichen Quellen steht auch hier die Darstellung der übrigen Chronisten bezüglich aller Hauptsachen in Einklang, die Correas weicht wesentlich davon ab. Der Vergleich ergibt, dass nicht, wie er behauptet, am 25., sondern schon am 9. März die Flotte von Restello in See ging, dass sie nicht gegen den Brauch aller Indienfahrer dieser Jahre die Richtung auf die Azoren genommen sondern am 14. die Kanarien und am 22. die Inseln des Grünen Vorgebirges passiert hat. Die brasilianische Küste ist nicht an einem Sonntag Morgen, dem 3. Mai, sondern am Mittwoch der Osteroktave, dem 22. April, gesichtet worden. Das Bild der neuentdeckten Küste hat Correa aus eigener Phantasie geschöpft und ihm fast dieselben allgemeinen Züge geliehen wie der Südküste Afrikas bei der Gamaschen Entdeckungsfahrt. Der Aufenthalt Cabrals dauerte nicht nur fünf Tage, sondern dehnte sich bis zum 2. Mai aus. Von Cabrals Besuch in Quiloa und seiner Zusammenkunft mit dem Emir Ibrahim weiss Correa nichts, und was von dem Besuch in Moçambique erzählt wird, trägt den Stempel der Unmöglichkeit an der Stirn: bei der offenen Feindschaft, in der Vasco da Gama von der Stadt geschieden war, und den Erfahrungen, die er mit arabischer Zuverlässigkeit gemacht hatte, wäre eine Vertrauensseligkeit, wie sie nach Correa Cabral hier an den Tag legt, geradezu verblendet gewesen und ein gleiches gälte von seinem Verhalten in Melinde, wie es die «Lendas» darstellen. Völlig unbefangen zählt der Chronist nach seiner Art wieder die Geschenke auf, die dem Scheich im Namen D. Manuels angeblich überreicht wurden; ein Vergleich mit den Angaben des Steuermanns vom Geschwader, der sie offenbar gesehen hatte, zeigt aber, dass es tatsächlich ganz andere waren. Die Vorgänge in Melinde sind im ganzen wie im einzelnen freie poetische Ausgestaltung. Alles ist eine Herrlichkeit und Festfreude. Vom Flottenführer herab gehen alle Kapitäne, Edelleute, Matrosen an Land; der Kommandant verbietet sogar Schwerter mitzunehmen. Die Stadtbevölkerung wetteifert in der Bewirtung und Beherbergung der Seeleute, die auch die Nacht in den Häusern der Araber verbringen, und schliesslich wird an Land bei dem von Gama errichteten Wappenpfeiler eine Messe mit Orgelspiel und Kommunion abgehalten, der sogar der Scheich, so erzählt man, verkleidet unter dem zuschauenden Volk beigewohnt hätte. Nun vergleiche man damit den Bericht des Augenzeugen! Danach schickt der Scheich der vor der Stadt ankommenden Flotte alsbald Erfrischungen; die Schiffe grüssen nach dem Ankern die Stadt mit Geschützdonner und dann gehen zwei königliche Faktoren an Land, von denen der eine Arabisch versteht. Dieser eine bleibt auf Bitten

des Scheichs an Land, am folgenden Tag aber kommen zwei vornehme Araber an Bord um namens des Stadtherrn den Kommandanten zu bewillkommnen und ihm zu sagen, dass er an Land allen Bedarf so sicher könne einkaufen lassen, wie wenn er in Portugal wäre. Hiernach übergibt, in Begleitung vieler Edelleute, der oberste Handelsagent des Königs, Aires Correa, von den Würdenträgern des arabischen Fürsten am Strand empfangen und unter Vorantritt vieler Frauen, die Rauchfässer mit Wohlgerüchen schwenken, zu dem nahen Palast geleitet, dem Scheich in feierlicher Audienz Briefe und Geschenke D. Manuels. Aires Correa bleibt sodann, nachdem der Scheich durch einen seiner Schwäger einen Ring als Zeichen sicheren Geleits an Bord geschickt hat, mit Bewilligung Cabrals an Land, dieser selbst aber und der arabische Herrscher kommen in Booten auf dem Wasser zusammen, wobei die Portugiesen unter den Scharlach- und feinen Tuchgewändern auf Befehl Cabrals heimlich die Waffen tragen. Alsdann schickt Aires Correa vom Lande die nötigen Lebensmittel und einen Lotsen von Gudscherat und am folgenden Tag fährt die Flotte ab. So der wirkliche Sachverhalt.

Von dem Besuch in Cananor war oben die Rede. Die Correasche Darstellung des Aufenthaltes in Calicut ist trotz aller Einzelheiten, die gegeben werden, ganz ungenau — so die Hergänge des Portugiesenmordes —, übertreibend — so die Angaben über die Faktorei — und moralisch schönfärbend, besonders in dem angeblichen Verzicht auf Rache für die Bluttat an Aires Correa und den Seinen: in Wahrheit liess Cabral zur Vergeltung zehn Schiffe muhamedanischer Kaufherrn dafür wegnehmen und die Mannschaft, 500-600 Menschen, niedermachen. Auch die einzige Zeitangabe, die er in diesem Teile macht, ist unrichtig: der Portugiesenmord hat nicht Ende November, sondern am 16. Dezember stattgefunden. In Cochin überbieten sich wieder nach Correas Darstellung Cabral und der Raja in Edelmut und rückhaltlosem Vertrauen; in Wahrheit verfuhr der portugiesische Kommandant mit aller gebotenen Vorsicht und liess sich z. B. die Geiseln von dem indischen Fürsten durchaus nicht erst aufdrängen, forderte sie vielmehr, wie er mit nichten gar seine Kranken und Verwundeten an Land brachte und in Behandlung malabarischer Ärzte gab. Die Ereignisse, die zu der plötzlichen Abfahrt von Cochin führten, sind in den «Lendas» ebenfalls stark entstellt. Der Bericht über die abenteuerliche Fahrt des Diogo Dias zeigt die gleichen Unwahrscheinlichkeiten, und dass er 1500 bereits die Insel Madagaskar entdeckt haben soll, entspricht nicht den Tatsachen: sie ist im August 1504 von Affonso d'Albuquerque auf seiner ersten Indienfahrt entdeckt

und S. Lourenço, vermutlich nach dem Heiligen des Tages, benannt worden [1].

Nicht minder unbrauchbar als für Cabrals Indienfahrt ist Correas Bericht für die zweite Reise des Vasco da Gama 1502/3. Hier besitzen wir ausser einer Urkunde von der Hand des Admirals selber, die knapp und energisch über sein Auftreten in Quiloa Nachricht gibt, den unter dem Titel «Calcoen» zu Anfang des 16. Jahrhunderts — man vermutet 1504 — in Antwerpen gedruckten rohen vlämischen Bericht eines Matrosen seiner Flotte, dann die überaus wertvollen, inhaltreichen und gut geschriebenen Aufzeichnungen des Schiffsschreibers Thomé Lopes, der bei dem Geschwader des Estevão da Gama die Reise mitmachte, ebenso wie Matteo da Bergamo, der als Agent des aus Marino Sanutos Tagebüchern bekannten, in Lissabon ansässigen Cremoneser Handelsherrn Francesco Affaitato an dieser Indienfahrt teilgenommen und auf der Rückreise vom 30. März bis Mitte April teils auf dem Meere teils in Moçambique über Ereignisse und Ergebnisse der Fahrt ausführlich an sein Haus berichtet hat.

Der Vergleich ergibt zunächst, dass Vasco da Gama nicht am 25. März, dem Tag von Mariä Verkündigung (Nossa Senhora do Março), — an diesem Tage lässt Correa ihn auch 1497 und Cabral im Jahr 1500 ausfahren — Restello verlassen hat, sondern schon am 10. Februar 1502, und dass Estevão da Gama nicht erst im Mai, sondern bereits am 1. April seine Fahrt angetreten hat. Keins von beiden Geschwadern hat die Küste Brasiliens berührt, was nach Correa der Fall gewesen sein soll. Der Admiral trennte sich beim Kap Corrientes mit vier Schiffen von der übrigen Flotte um Sofala zu besuchen, während die andern nach Moçambique weiterfuhren und ihn dort erwarteten. Was Correa von der Sendung des Pero Affonso d'Aguiar mit zwei Karavellen nach Sofala erzählt, entspricht daher trotz aller lebendigen Einzelheiten, die er über die Geschenke, Verhandlungen mit dem Negerfürsten, Goldeintausch u. a. gibt, nicht den Tatsachen. Die Geschichte von den 200 muhamedanischen Weibern in Quiloa ist mindestens grobe Übertreibung, wahrscheinlich aber ganz Anekdote. Von den Teilnehmern der Fahrt weiss keiner etwas von diesem doch höchst absonderlichen Vorgang. Melinde hat nach ihrem völlig unanfechtbaren Zeugnis Vasco da Gama 1502 infolge von Wind und Strömung nicht erreicht und nur brieflich von der heutigen Ungama -oder Formosa-, damals S. Helena-Bucht, fünf

---

[1] Die Belege im einzelnen s. bei Hümmerich, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6*, S. 95–103 und *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*, S. 122–125 Anm.

Leguas nördlich der Stadt, den Scheich begrüsst [1]. Und nun lese man seine Schilderung des angeblichen Besuches in Melinde, der in Wahrheit gar nicht stattgefunden hat, im 5. Kapitel der zweiten Reise Gamas!

Unter dem Salut der gesamten Artillerie läuft die Flotte auf der Reede ein. Sogleich besteigt der Scheich, der sie schon erwartet hat, ein bereitstehendes Boot und mit einem ganzen Gefolge von Barken, die reich mit Grün geschmückt und mit Lebensmitteln beladen sind, jede für ein Fahrzeug der Flotte bestimmt, fährt er unter Trompetengeschmetter dem Admiral entgegen. Dieser lässt sich schleunigst zum Boote des Scheichs rudern und wie liebende Brüder schliessen die beiden sich innig in die Arme. Nun fahren sie zum Admiralschiff, wo der Scheich sich auf erhöht aufgestelltem, reichem Sessel niederlässt und die Ehrenbezeigungen der Kapitäne der Flotte entgegennimmt. Dann übergibt ihm Vasco da Gama mit Briefen D. Manuels reiche Geschenke des Königs wie auch eigene, indem er dankbar der ihm auf der Entdeckungsfahrt vom Scheich geleisteten Dienste gedenkt, die ihm und seinem Geschlecht zu so hoher Ehre verholfen haben. Sie plaudern von seiner Gesundheit und seiner Reise, der Scheich gibt ihm Kunde über die Fahrt des João da Nova und die Vorgänge in Indien und bittet dringend, dass er und die Kapitäne im Palast seine Gäste sein und die ganzen Mannschaften zu Erholung und Genuss an Land geschickt werden sollten; er möge die Stadt wie seine eigene ansehen. Vasco da Gama lehnt das in freundlicher, aber bestimmter Art ab: er würde, um der Ehre des befreundeten Herrschers zu dienen, sein Leben hingeben, aber um Vergnügens willen dürfe er die kostbare Zeit nicht verlieren; auch wolle er nicht, dass der Bevölkerung durch sein Schiffsvolk Anlass zu Klagen und ihm zur Strafe gegeben werde. Danach verabschiedet sich der Scheich unter vielen Umarmungen, Vasco da Gama aber bringt ihn im eigenen Boote, das zu diesem Zweck bereits mit karmesinrotem Sammet ausgeschlagen und worin erhöht ein reicher Sessel mit Brokatkissen aufgestellt ist, an Land, lässt ihm alle Geschenke in sein Haus tragen und kehrt dann auf das Admiralschiff zurück, während die Kapitäne mit reichem Gefolge ihrer Leute dem Herrscher unter Trompetengeschmetter zum Palaste das Geleit geben. Der Admiral gibt dann

[1] Vgl. *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*, S. 64–66; der Ort ergibt sich aus den Berichten der Teilnehmer im Zusammenhalt mit einem Brief des Vizekönigs D. Francisco d'Almeida an König Manuel, datiert aus Cochin 16. Dezember 1505, in Torre do Tombo, gav. 20, maço 10, n. 33, der mir in Abschrift durch die Liebenswürdigkeit des Herrn Pedro de Azevedo zugänglich gemacht worden ist.

den mit der Lebensmittelversorgung der Flotte Beauftragten Befehl am Lande den Bedarf zu decken, aber nichts ohne Bezahlung zu nehmen, während in edelem Wettstreit der Scheich gleichzeitig in der Stadt bekanntmachen lässt, jeder solle, was er zu verkaufen habe, vor seiner Tür auslegen, aber von den Portugiesen kein Geld dafür nehmen: er selbst werde alles bezahlen.

In den drei Tagen, die sie nun vor Melinde liegen, schickt der Scheich auf ihre Art zubereitete Speisen in Fülle auf jedes Schiff und jede Karavelle, die Flotte versieht sich mit Wasser und Wasserbehältern, mit Teer und Tauen; aus Kokosfasern werden, indem die Portugiesen ihr Handwerksgerät an Land bringen und der Scheich ihnen zahlreiche Hilfskräfte zur Verfügung stellt, in rastloser Arbeit bei Tag und Nacht, starke Seile auf Vorrat angefertigt. Vor der Abfahrt der Flotte kommt dann der arabische Herrscher in festlichem Aufzug nochmals an Bord des Admiralschiffs um Abschied zu nehmen, mit Trommeln und Pauken und Geschützsalven empfangen; die Kapitäne erscheinen um sich zu verabschieden und ein grosses Festessen mit Belustigungen jeder Art vereint sie alle, wobei vom Land immer neue Speisen zugebracht werden. Der Scheich beschenkt die Kapitäne mit kostbaren orientalischen Stoffen, für den König überreicht er ausser Briefen dem Admiral eine Halskette mit Edelsteinen im Werte von 10000 Cruzados und nicht viel weniger wertvolle für ihn selber, dazu andere Kostbarkeiten, für die Königin eine Truhe voll reicher indischer Gewebe, einen gestickten weissen Betthimmel, das Feinste, was je eine Nadel zustande gebracht, wunderbare Arbeit aus Bengalen. Dann verlässt er das Schiff und die Flotte geht sofort in See. Es war am 18. August 1502.

Dass es sich hier um völlig freie Ausgestaltung aus der Phantasie Correas, nicht um irgendwelche Überlieferung handelt, scheint mir kaum zweifelhaft; jedenfalls ist von allem, was hier erzählt wird, nichts geschichtlich, weil der Entdecker 1502, wie gesagt, die Stadt überhaupt nicht berührt hat. Gesetzt aber, es spielte auch hier wie bei dem ersten Besuch Gamas in Melinde die Frage einer muhamedanischen Fastenzeit herein, welche Schlüsse könnte, wer an die Richtigkeit des Dargestellten glaubte, aus dem Gelage an Bord für die Chronologie der zweiten Indienfahrt Gamas ziehen! Nein, solche Einzelheiten wird man bei der Freiheit, mit der Correa in der Erzählung dieser frühen Reisen verfährt, niemals als gültige Beweismittel ansehen dürfen. Übrigens ist auch das so bestimmt angegebene Datum Correas falsch; denn die Überfahrt der Flotte über den Indischen Ozean fiel nach den Quellen erster Hand bereits in die letzten Julitage und in die erste Hälfte des August.

Ebenso unrichtig ist, was in einem weiteren Abschnitte des 5. Kapitels, wiederum mit allen Einzelheiten, von dem Zusammentreffen des Admirals mit den Schiffen des Estevão da Gama erzählt wird; denn von dessen Geschwader waren die drei ersten Fahrzeuge und mit ihnen er selbst schon bei Quiloa zu dem Hauptgeschwader gestossen, die zwei noch ausstehenden vereinigten sich mit ihm bei Anjediva und am Monte Deli am 21. August und 14 Tage später. Ruy Lourenço Ravasco aber und Diogo Fernandes Peteira sind erst 1503, nach den beiden Albuquerque, unter dem Kommando des Antonio de Saldanha nach dem Indischen Ozean abgegangen [1]. Dass der Admiral vom 18.–28. August bei Anjediva lag, weiss Correa nicht; statt dessen lässt er ihn einen Angriff auf Onor machen und den Ort verbrennen, Baticala aber nach kurzem Kampf zu einem Tribut von 1500 Ballen (fardos) Reis im Jahr verpflichten. Beides trifft nicht zu, vielmehr begnügte er sich, langsam der Küste entlang fahrend, Jagd auf Schiffe muhamedanischer Kaufherrn zu machen. Die Vorgänge in Cananor sind völlig unrichtig dargestellt: in Wirklichkeit lehnte der Raja bei der Zusammenkunft mit dem Admiral eine persönliche Vereinbarung über die Gewürzpreise ab; Besprechungen mit den muhamedanischen Kaufleuten, die am folgenden Tage stattfanden, blieben ergebnislos und mit schroffem Protest gegen den Raja und unter Drohungen verliess Gama die Stadt am 22. Oktober. Was von Verhandlungen mit dem Samorin, von Prisen, die vor Calicut gemacht werden, von unmenschlicher Vergeltung für den Portugiesenmord von 1500 erzählt wird, strotzt von Übertreibungen; der loyale Freundschaftsakt gegenüber dem Raja von Cananor, den er von hier aus geübt haben soll, scheint entstellte Wiedergabe eines etwas früheren Vorgangs, den Thomé Lopes im 10. Kapitel seines Reiseberichtes erzählt. Die Wundergeschichte, die den Schluss von Correas 8. Kapitel bildet, bedarf keiner Kritik; sie ist reine Legende.

In einem Punkte ist Correa betreffs dieser Indienfahrt besser unterrichtet als die andern Chronisten: er weiss, dass schon Gama ein paar Schiffe nach Calecoulão geschickt hat um dort Ladung einzunehmen; dass dies aber auf Einladung der Königin von Coulão geschehen sein und die Sache sich in der von ihm geschilderten Weise abgespielt haben sollte, ist höchst unwahrscheinlich; denn das kleine Ländchen Calecoulão, das ein Jahrzehnt später, zu der Zeit, als Duarte Barbosa schrieb, zu Coulão gehörte, war 1502 anscheinend ganz oder

---

[1] Castanheda, l. 8, c. LV und LXIV; Barros, *Dec.* I, l. VII, c. 4.

halb selbständig [1]; nur so ist es zu verstehen, wenn 1505, nachdem in Coulão alle in der Stadt anwesenden Portugiesen ermordet worden waren, D. Lourenço aber, der Sohn des Vizekönigs, zur Vergeltung 25 Schiffe muhamedanischer Kaufleute im Hafen verbrannt hatte, die Portugiesen sich wegen Ladung dorthin wandten. Der Mann, der ihnen dieselbe damals vermitteln sollte, war ein in Calecoulão ansässiger Thomaschrist namens Matthias, offenbar ein leistungsfähiger Handelsherr; in einem Briefe an König Manuel vom 18. Dezember 1504 schreibt er wenigstens, dass *er* dem Admiral zwei Schiffe geladen habe [2], und dazu stimmt es, wenn Matteo da Bergamo [3] sagt, dass «certi *christiani merchadanti* de una terra discosto de Cochyn XVIII lege dove se aricoglie asai pepe veneno». Von der Gesandtschaft einer indischen Herrscherin würden die Quellen erster Hand gewiss nicht schweigen. Mögen indes die Begleitumstände von Correa richtig oder fasch angegeben sein, die Tatsache, dass Gamasche Schiffe in dem kleinen Hafenplatz Pfeffer eingenommen haben, ist ihm bekannt.

Dagegen ist, was nun bei ihm folgt, wieder stark entstellt: dass die Friedensanträge, die der Samorin dem Admiral durch einen Brahmanen nach Cochin übermitteln lässt, auf Täuschung berechnet waren, hat dieser zunächst keineswegs erkannt, so wenig wie er an dem Abgesandten die barbarische Strafe hat vollziehen lassen, von der Correa berichtet; er ist vielmehr ahnungslos in die ihm gestellte Falle gegangen, hat den Brahmanen mit einer entgegenkommenden Antwort an den Samorin in Calicut an Land gesetzt und ist nur durch das rechtzeitige Eintreffen des von Cananor herbeigerufenen Vicente Sodré vor Schlimmem bewahrt worden, als er, mit der «Flor de la mar» allein auf Bescheid des indischen Fürsten wartend, vor der Stadt lag und, nachts von zahlreichen feindlichen Sambuken überfallen und umringt, sein Schiff vom Feuer bedroht sah, das sie daran zu legen versuchten. Correas Bericht über die Seeschlacht bei Calicut übertreibt wieder stark: während Thomé Lopes von 32 Schiffen spricht, die von Pandarane gekommen und zu denen von der Stadt «noch viele Sambuken und Rudereinbäume» gestossen seien, gibt Correa die Zahl von 70 Segeln (S. 329) für das erste und von mehr als 100 (S. 331) für das zweite feindliche Geschwader an und lässt, von den zahlreichen versenkten und verbrannten Fahrzeugen abgesehen, gar das Admiralschiff des Cojeacemo in die Hände der Portu-

---

[1] vgl. Hümmerich, *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/6*, S. 97 f.

[2] *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Bd. II, S. 268.

[3] Hümmerich, *Vasco da Gama*, S. 199.

giesen fallen mit dessen ganzer Familie sowie vielen muhamedanischen Frauen und Kindern und reichen Schätzen, darunter einer massiv goldenen Figur Muhameds und kostbarem Edelgestein.

In Cananor wird bei Correa, bevor sie die Rückreise antreten, von den Kapitänen der wunderliche Beschluss gefasst einen Teil des Geschützes zurückzulassen, «que nom era bem que se tornasse a Portugal», und es werden nicht weniger als 42 grosse Stücke, 40 Falkaunen und ebenso viele «berços» mitsamt Lafetten und Kugeln in einem Steinbruch sorgfältig vergraben und die Spuren verwischt, eine Massnahme, die schon nach dem damaligen Stande der Beziehungen zu dem Raja undenkbar ist. Dann tritt das Geschwader die Rückfahrt an und erreicht bei günstigstem Wetter «in wenigen Tagen» Melinde, wo der Admiral sofort an Land geht und bei dem befreundeten Raja die Nacht und die folgenden Tage verbringt. *Bei Sonnenuntergang* schifft er sich dann ein, nachdem inzwischen der arabische Fürst die Schiffe reich mit Hämmeln und Erfrischungen versorgt hat, und *bei Einbruch der Nacht* geht das Geschwader in See. Nach glücklicher Fahrt erreichen sie ohne jeden Zwischenfall und ohne irgendwo noch Station zu machen mit 10 reichbeladenen Schiffen die Tejomündung. Auch diese Angaben entsprechen in keiner Weise den Tatsachen; denn Vasco da Gama hat den Rückweg, den er am 20. Februar von Cananor aus antrat, zum erstenmal quer über den Indischen Ozean geradenwegs auf Moçambique zu genommen, wo er Mitte April ankam, und Melinde weit abseits liegen lassen. Die weitere Fahrt war vom Wetter keineswegs so begünstigt, wie Correa schreibt, und erst nach mancherlei Widerwärtigkeiten, Havarieen und Ungunst der Winde, freilich ohne Schiffsverluste, ist er am 11. Oktober 1503 in Lissabon angekommen. Trotz dieser durch die Quellen erster Hand sichergestellten Tatsachen weiss aber Correa, dass der Admiral in Melinde bei Sonnenuntergang an Bord und die Flotte bei Einbruch der Nacht in See gegangen ist. Welchen Wert kann man unter solchen Umständen der Angabe beimessen, dass der Mond schien, als Gama auf der Entdeckungsfahrt den Hafen von Mombaça verliess! Wie kann man auf sie Folgerungen für die Chronologie der Reise gründen wollen![1]

Es wäre ein Leichtes noch an anderen Indienfahrten der ersten Jahre nach der Entdeckung die objektive Unzuverlässigkeit der Correaschen Darstellung nachzuweisen; ich begnüge mich mit dem Hinweis auf die Reise Almeidas, für die uns eine Reihe von Teilnehmer-

[1] Die Belege zur zweiten Reise Gamas im einzelnen bei Hümmerich, *Vasco da Gama*, S. 71–81.

berichten vorliegen. Ein Musterbeispiel dafür, wie er mit geschichtlichen Wirklichkeiten schaltet, ist hier seine Erzählung der Vorgänge nach Eroberung und Plünderung von Mombaça (Bd. I, S. 556–560), ein geradezu kindliches Spiel der Phantasie, Legende im wahrsten Sinn des Wortes; als Gegenstück zu dem Seesieg Gamas vor Calicut aber, der immerhin eine tatsächliche Unterlage hat, sei der in der Bucht von Cananor vor der Ankunft in Cochin 1505 von dem Vizekönig über die Flotte des Samorin angeblich errungene Sieg angeführt, dem eine solche fehlt und der offenbar auf Verwechslung mit D. Lourenços Seesieg vom 16. März 1506 beruht.

Aber das Tagebuch des João Figueira? Dieser Bericht eines Teilnehmers hat Correa doch für die Darstellung der Entdeckungsfahrt tatsächlich vorgelegen. Zweifellos, aber wir wissen von ihm nur das, was die «Lendas» darüber sagen, und das ist nicht viel. Wir kennen seinen Umfang so wenig wie die Beobachtungs- und Urteilsfähigkeit, die sachliche Genauigkeit und die sittlichen Eigenschaften seines Verfassers — er war ein wegen todwürdigen Verbrechens verbannter Geistlicher —, können auch nicht sicher sondern, was Correa aus den andern von ihm genannten Quellen geschöpft, was er gestaltend aus Eigenem hinzugetan hat. «Von dem, was dieser Geistliche schrieb, wurden nachher viele Abschriften gemacht», heisst es aber in Bd. I, S. 134 der «Lendas». Sollte, wenn das der Fall war, nicht auch eine davon in die Hände des unermüdlichen Castanheda gekommen sein, der schon seit 1528 und mehr als zwei Jahrzehnte seines Lebens unter Aufopferung von Vermögen und Gesundheit in zwei Weltteilen die Quellen zur Geschichte der Entdekkung und Eroberung Indiens durch die Portugiesen sammelte, keine davon dem Barros oder Goes bekannt geworden sein, denen beiden gemäss ihrer Lebensstellung doch ein reichliches Material zu Gebote stand? Wir können diese Fragen weder bejahen noch verneinen; dass Castanheda, so treu er dem «Roteiro» folgt, doch nicht ausschliesslich aus ihm geschöpft hat, sehen wir, Übereinstimmung aber mit Correa ist in dem, was er über den «Roteiro» hinaus bietet, nicht vorhanden und ebensowenig bei den anderen Chronisten. Von ihnen berührt sich nur einer und nur in *einem* wesentlichen Punkte mit der Darstellung der «Lendas», nämlich Osorio[1] (und in offenbarem Anschluss an ihn Maffei[2]), wenn er von der geplanten Meuterei

---

[1] *De rebus Emmanuelis u. s. w., Coloniae Agrippinae MDLXXIV*, f. 24v und 25r.

[2] *Historiarum Indicarum libri XVI, Coloniae, 1586*, l. I, p. 47.

und der Gefangensetzung der Rädelsführer auf dem Admiralschiff des Vasco da Gama berichtet.

In der Erzählung Correas stellen sich die Ereignisse vom Beginn der Fahrt bis zu dieser Meuterei folgendermassen dar. Das Geschwader verlässt am 25. März Restello und nimmt seinen Kurs nach dem Grünen Vorgebirge. Von da geht die Fahrt auf hoher See weiter. Wie lange die Richtung nach Süden beibehalten werden muss, um dann mit Wendung nach Osten das Südende des Kontinents zu umfahren, wissen die Entdecker nicht; denn Janinfante [1], Gamas unmittelbarer Vorläufer, — den Bartolomeo Dias kennt Correa nicht als solchen — hat es noch nicht erreicht. Die erste Wendung ostwärts führt an bekanntes Land. Wieder fahren sie auf offenem Meer «viele Tage». Ein erneuter Vorstoss in Ostrichtung trägt sie zwar an noch unentdeckte Küste, aber auch sie zeigt den gleichen Verlauf wie bisher. Dass sie indes weiter nach Süden gekommen sind, beweist den Steuerleuten die geringere Tagesdauer. Wieder nehmen sie auf hoher See den Kurs nach Süden auf; schon hat der Tag nur noch sechs Stunden. Unaufhörlich müssen sie hart kämpfen mit Kälte, Sturm und schwerem Wellengang. So fahren sie einen Monat. Dann wenden sie zum drittenmal gegen Osten, finden aber zu ihrer bitteren Enttäuschung abermals Land und noch immer kein Südkap von Afrika. Steuerleute und Schiffsmeister beginnen missmutig zu werden und am Erfolg zu zweifeln, aber der Kommandant befiehlt von neuem in See zu gehen; das Ende des Kontinents, tröstet er sie, kann nicht mehr fern sein. Er selber teilt mit der Mannschaft alle Mühen und Leiden, die die Ungunst der Witterung mit sich bringt; und sie sind nicht gering; denn über ihnen hängt ständig ein schwarzer Gewitterhimmel und verkümmert ihnen noch das ohnehin knappe Licht der kurzen Tage; eisige Regenschauer gehen auf sie nieder und unablässig tobt der Sturm. Jede Stunde scheint es, als müssten die Schiffe in Stücke brechen. Krank, erschöpft und verzweifelnd fordert das Schiffsvolk die Rückkehr, aber erst, als über zwei Monate seit der letzten Annäherung ans Land vergangen sind, lässt Gama östliche Richtung einschlagen. Nun fahren und fahren sie, bei immer ruhiger werdender See, aber ohne auf Land zu stossen, und endlich wird ihnen klar, dass sie, ohne es gesehen zu haben, über das Kap hinausgekommen sind. Dann erscheinen Berge, die in die Wolken zu ragen scheinen, Felsenufer, tiefe Buchten und Mündungen grosser Ströme; in eine derselben laufen sie ein und ergänzen ihre Wasser- und Holzvorräte, aber Menschen finden sie hier so wenig wie an an-

[1] João Infante, der Begleiter des Bartolomeo Dias.

dern Flüssen, in die sie hineinfahren. Nach vorübergehender Windstille im Novémber zwingt stürmisches Wetter sie in offene See zu gehen; es wird winterlich und nirgends ein Hafen. Schiffsmeister und Steuermann des Admiralschiffs dringen auf Rückkehr in die erste Flussmündung, aber Gama weist sie schroff ab: er habe bei der Ausfahrt aus dem Tejo Gott gelobt keinen Fussbreit von dem einmal Erreichten preiszugeben, und wer von Umkehr rede, den lasse er ins Meer werfen. Der Sturm wächst und läuft um die ganze Windrose; himmelhoch türmen sich die Wogen, wie Wolkenbrüche gehen schwere Sturzseen über Bord. Dann erstirbt plötzlich der Wind und nun schaukeln die Schiffe so heftig, dass von beiden Seiten die Wellen darüber hingehen und unter Deck alles splittert. Mit erneuter Wut beginnt darauf der Sturm wieder zu toben, von unten und oben dringt das Wasser ein, die Mannschaft kommt nicht mehr von den Pumpen weg, viele erliegen den Strapazen. Das Schiffsvolk schreit zu Gott um Erbarmen, fleht die Kapitäne um Rückkehr an. Aber Gama bleibt unerschütterlich: er habe es gelobt und er werde nicht umkehren, und wenn er hundertfältig den Tod vor Augen sähe. Der Herr, der sie bis dahin geführt, werde sich ihrer auch weiter erbarmen. Das Kap liege hinter ihnen, der Weg nach Indien stehe offen; Ehren, hohe Belohnungen winkten den Entdeckern. Vergeblich — die Schreie der Verzweiflung verstummen nicht. Ein leichtes Nachlassen von Sturm und Wellengang ermöglicht den Bemannungen der drei Schiffe durch Rufe miteinander in Verbindung zu treten; der Geist der Unbotmässigkeit erhebt das Haupt; der Kapitän sei nur einer, sie viele, und sie wollten nicht sterben. Aber Vasco da Gama bleibt bei seiner Entscheidung: und wenn er sein Schiff mit Gold beladen hätte, würde er nicht umkehren, falls er dem König nicht Kunde von Indien heimbrächte. So stehen die Dinge, als von neuem Sturm, Gewitter und Dunkel mit allen Schrecknissen hereinbrechen. Nur wenn eine Woge sie auf ihren Kamm emporhebt, sehen sie von einem Schiff die Signallaternen des andern. Die Befürchtung besteht, dass sie getrennt werden und die Mannschaft eines Schiffes dann den Kapitän zur Heimkehr zwingt. Vor Trennung der Schiffe aber hat der schicksalskundige jüdische Astrologe Çacuto vor der Ausfahrt im Kloster zu Restello unter vier Augen den Vasco da Gama als vor dem sicheren Verderben gewarnt. Eine solche also suchen die Kapitäne durch grösste Wachsamkeit zu hindern. Da reift auf dem Schiffe des Nicolao Coelho der Plan der Meuterei unter der gequälten Mannschaft. Er erhält indes geheime Kunde davon, benachrichtigt in verhüllter Form den Kommandanten und dieser lässt, nachdem er zum Schein dem Drängen der Mannschaft auf Umkehr nachgegeben

hat, in seiner Kajüte durch verlässige Diener seinen Steuermann und Schiffsmeister sowie die drei Haupträdelsführer unter den Matrosen in Ketten legen, wirft vor den Augen der durch die unerwartete Wendung betäubten Mannschaft die nautischen Instrumente und Seekarten ins Meer und ruft ihr zu: «Von heute an habt ihr weder Schiffsmeister noch Steuermann, die euch den Weg zeigen könnten; sie liegen gefangen unter Deck; ich will hinfort nicht Meister- noch Pilotenkunst; Gott allein ist der Steuermann und Meister, der euch den Weg weisen und euch retten wird, wenn ihr's verdient und sein Wille geschieht. Seiner Gnade empfehlt euch! Nach Portugal aber kehre ich nicht um, ehe ich nicht Kunde von dem, was ich suche, erlangt». Vernichtet stehen alle da, die Meuterei ist im Keim erstickt und demütig fleht alles für die Gefangenen und mit ihnen um Gnade. Vasco da Gama verfährt mit Milde, aber an der Bestimmung des Kurses haben Steuermann und Schiffsmeister hinfort keinen Anteil und die Ketten müssen sie fürs erste weitertragen. Auf den beiden andern Fahrzeugen bleibt nach den Vorgängen auf dem Admiralschiff alles ruhig.

Der Januar 1498 kommt: «viele Tage» nach einem Hafen suchend erreichen sie die Mündung eines grossen Flusses und hier werden in zwanzig Tagen die lecken Schiffe gekielholt und vom Bohrwurm gereinigt; neunzig Mann sind bisher Strapazen und Krankheiten erlegen. Das unbrauchbar gewordene Fahrzeug des Nicolao Coelho wird zerstört und am Ufer ein Wappenpfeiler errichtet, dem Fluss aber der Name «Rio da Misericordia», «Strom des Erbarmens» gegeben. Auf welchen Fluss das zu beziehen ist, kann nicht bestimmt gesagt werden: die Zerstörung eines Schiffes in Verbindung mit der Aufrichtung einer Wappensäule deutet auf die Bucht von S. Bras, die aber der Lage nach kaum in Betracht kommen kann — sie liegt nur 60 Leguas vom Kap entfernt und ist die erste Landungsstelle der Flottille nach dessen Doublierung, im übrigen auch keine Flussmündung. Stanley sieht in dem «Strom des Erbarmens» den «Rio dos Reys» des Barros, den dieser mit dem «Rio do Cobre» gleichsetzt; dass beide wirklich dasselbe waren, ist möglich — die Lokalisierung des «Dreikönigsflusses» schwankt auf den alten Karten —, nur kann dann die Entdeckung nicht auf den Dreikönigs*tag* gefallen sein, wie der Chronist angibt, — denn der «Kupferfluss» wurde nach dem «Roteiro» am 10. oder 11. Januar gesichtet — sondern nur in die *Oktave* des Festes der Heiligen drei Könige; im übrigen lässt sich für die Identität des «Rio dos Reys» mit Correas «Rio da Misericordia» nichts weiter geltend machen, als dass dieser seine Entdeckung in den Januar zu setzen scheint und ihn südlicher als Sofala angenommen hat; denn

erst auf der weiteren Fahrt wird in der Gegend dieser südlichsten Araberniederlassung der Maure Davane nach den «Lendas da India» gefangen genommen. Anderseits weist wieder der Ausbruch des Skorbutes in der Mannschaft, das Kielholen der Schiffe bei Correa auf Identität mit der nördlicher als Sofala gelegenen Sambesimündung, dem «Rio dos Bons Signaes» unserer guten Quellen; auch eine Wappensäule ist dort aufgestellt worden. Jedenfalls wird die Meuterei bei Correa auf die Fahrtstrecke zwischen der ersten Landungsstelle jenseits des Kaps und dem Sambesi verlegt.

Wie stellt nun Osorio die Sache dar? Bei ihm nimmt Gama von Lissabon, das er (f. 18r) «VII. Id. Julii», d. h. am 9. Juli, verlässt, seinen Kurs nach den Kanarien und von da nach der Kapverdeninsel Santiago — bis auf das Datum genau wie im «Roteiro». Die nun folgenden Angaben sind unklar und geographisch unmöglich; von Santiago soll er nämlich *ostwärts* gefahren sein, bis Land in Sicht kam, das sofort angelaufen wurde. «Drei Monate hatten sie, von widrigen Winden hin und her getrieben mit dem Befahren jener *Küste* verbraucht». Die Bucht, in der sie nun gelandet sind, nennen sie S. Helena-Bucht. Da nach dem «Roteiro» das Geschwader am 3. August Santiago verlässt und an einem Mittwoch, dem 8. November, in der S. Helena-Bucht Anker wirft, stimmen die drei Monate Osorios für diese erste Landungsstelle bis auf wenige Tage. Auch was in der Bucht geschieht, entspricht in allem Wesentlichen dem, was die guten Quellen darüber berichten. Dann aber fährt er fort: «Anchoris inde solutis, iter Austrum versus instituunt promontoriumque Bonae Spei superare contendunt. In illo autem cursu valde Gamae virtus enituit. Fluctus erant immanissimi, tempestates perfrigidae et adversae: tenebrae vero assiduaeque procellae cum semper in illa regione statis temporibus, quibus Sol Septentrionalem plagam lustrat, valde horribiles sint, atque pertimescendae; tum illis qui nondum fuerant eos fluctus experti, tantum terroris injiciebant, ut omnes spem salutis abjicerent. Naves enim ita jactabantur, ut modo nubes contingere, rursus in imas profundi voragines detrudi viderentur. Ad hoc malum accedebat, quod ultra progredi nequibant. Demissis igitur velis, ventis obsequi cogebantur, ita tamen, ut varios flexus atque reflexus inirent, ne retro cederent, sed tempestatis adversae finem in fluctibus exspectarent. Quoties vento aliquid laxamenti dabatur, homines exanimati Gamam circumsistebant illumque orabant et obsecrabant, ne vellet se hominesque illius fidei commissos tam horrendo genere mortis extingui. Fluctibus diu repugnari non posse: cederet tempestati, et classem, antequam fluctibus mergeretur, in patriam reduci permitteret. Cum is constanti animo postulata reji-

ceret, multi de nece illius conjurationem habuerunt. Id cum Gama Pauli fratris indicio cognovisset, insidias summa vigilantia declinavit et vincula magistris injecit, ipseque per se summi magistri munus obivit. Tandem cum *multis diebus* hanc tempestatis atque perfidiae molem invicto animo pertulisset, tempestas commutata est et ipse cum reliquis ducibus ad finem promontorii pervenit, quod omnes .XX. die Novembris cum incredibili laetitia flectere incaeperunt. Arbitrabantur enim eo superato nihil sibi impedimento futurum, quominus eo quo tendebant, felicissime pervenirent... In promontorii illius latitudine superanda nostri quinque dies posuerunt. XXV. die Novembris promontorium superant atque ad Septentriones cursum inflectunt». Die letzte Bestimmung ist, da sie den Kurs unmittelbar nach der Bucht von S. Bras nahmen, wieder falsch, die Daten weichen von denen des «Roteiro» nur ganz unbedeutend ab: das Kap kommt dort am 18. in Sicht und wird am 22. November umfahren. Im folgenden (f. 25v) müsste es statt «VIII. die Decembris» heissen «XVIII die Decembris», aber sonst stimmt der Fahrtbericht auch hier zu den Angaben der guten Quellen. Die Schilderung der Meuterei wiederum entspricht in den Grundzügen durchaus der Erzählung Correas, aber auf den ersten Blick ist klar, dass der Vorgang in dem ihm von Osorio gegebenen zeitlichen Rahmen gar keinen Raum hat. Am 8. November läuft nach dem «Roteiro» das Geschwader in die S. Helena-Bucht ein; der Steuermann des Admiralschiffes, Pero d'Alemquer, der die Fahrt des Bartolomeo Dias mitgemacht hatte, schätzt die Entfernung vom Kap auf höchstens dreissig Leguas, etwa zwei Tagereisen mit gutem Wind; acht Tage brauchen sie zum Reinigen und Kalfatern sowie zur Versorgung mit Wasser und Holz und zur Breitenmessung; am 16. gehen sie wieder in See, am 18. sichten sie das Vorgebirge und am 22. umfahren sie es; drei Tage später ankern sie in der Mosselbucht. Kein Sturm, kein aussergewöhnlich schwerer Seegang, nichts, was verzweifelte Stimmung an Bord irgendwie rechtfertigen könnte oder auch nur verständlich machte; dass aber in den vorausgehenden Monaten bereits Missmut oder Zweifel am Erfolg sich bei der Mannschaft geregt hätten, deutet Osorio nicht einmal an. Und nun stelle man sich vor: ein portugiesisches Entdeckungsgeschwader von ungewöhnlicher Stärke, zwei der Schiffe eigens gebaut um dem Wellengang am «Kap der Stürme» gewachsen zu sein, mit Lebensmitteln für eine mehrjährige Reise versehen, bemannt mit erprobten Seeleuten, teilweise Schiffsvolk des Bartolomeo Dias, Pilot des Admiralschiffs dessen Steuermann bei der ersten Umsegelung des Kaps, Kommandant der Flottille ein Mann von unbeugsamem Willen, hart im Strafen und furchtbar, wenn seine Lei-

denschaft aufflammte — und da sollen, noch bevor die Grenze der Entdeckungen des Vorläufers erreicht war, ein paar Tage Sturm — nehmen wir an, es habe ein solcher wirklich stattgefunden! — zu derartiger Zermürbung der Gemüter, selbst der Steuerleute und Schiffsmeister, zu solcher Auflösung der Mannszucht geführt haben? Das ist undenkbar und ohne Beispiel in der portugiesischen Entdeckungsgeschichte dieser Zeit.

Dazu kommt ein weiteres Verdachtsmoment: der Ort, an dem die Dinge sich abspielen, ist bei Osorio nicht der gleiche wie in den «Lendas da India»: dort liegt das Kap schon hinter ihnen, als die Verschwörung angezettelt wird, hier dagegen soll es erst umfahren werden. Bei Correa sind die Vorgänge psychologisch ja besser begründet: da Vasco da Gama bei ihm am 25. März ausfährt und die Meuterei in die Zeit zwischen November 1497 und Januar 1498 verlegt wird, so liegen, als sie ausbricht, mindestens acht Monate Fahrt hinter ihnen; da ferner nach Correa Janinfante noch kein Südende von Afrika gefunden hat, ist von Anfang an das Moment der Ungewissheit viel stärker; dass sie bei dreimaliger Wendung nach Osten immer wieder auf Land stossen, muss angesichts der Leiden, die sie auf See auszustehen haben, bitterste Enttäuschung und erhöhte Furcht des Misslingens wecken; dann brechen in starker Steigerung, mit greller Übertreibung gemalt, alle Schrecken über sie herein, die die Portugiesen während der nächsten Jahre im Winter des südlichen Atlantischen Ozeans kennen lernten; dazu die Einsamkeit und Menschenleere der Küsten, die sie berühren, das Leckwerden der Schiffe, die unerhörten Strapazen, das grosse Sterben an Bord und die ständige Todesnot der Überlebenden. Aber die motivierenden Tatsachen sind z. T. eben erweislich falsch, vieles nur ausschmückende Erfindung des Verfassers der «Indischen Legenden», und so bleibt auch hier dem Zweifel an der Tatsächlichkeit der geschilderten Vorgänge ein weites Feld.

Eine leise Anspielung auf Ereignisse, wie sie Osorio unverhüllt und vollständig schildert, darf man vielleicht noch in einer Stelle des Barros, *Dec.* I, l. IV, c. 3, erblicken. Nach dem «Roteiro» haben sie am 8. Dezember, Nossa Senhora da Concepçam, die Bucht von S. Bras verlassen, am 12., dem Tag vor S. Lucia, fahren sie in schwerem Sturm, der auf Stunden die Karavelle von den beiden andern Schiffen trennt, und am 15. Dezember erreichen sie die Ilheos Chãos, die «Niedrigen Inseln» in der Algoa-Bucht. Viel mehr wird dort nicht gesagt, Barros aber erzählt: «Von hier fuhren sie am Tag von Mariä Empfängnis ab, und als der vierte Tage kam — es war Vorabend von S. Lucia — kam gleichzeitig unter Windwechsel so schwerer

Sturm, dass er sie zwang ebensoviele Tage mit eingezogenen Segeln zu fahren. Und weil das der erste Sturm war, in dem sich die Seeleute in unbekannten Meeren und Himmelsstrichen befanden, waren sie so ausser sich, dass sie nur noch den einen Gedanken hatten nach Gott zu rufen und mehr an Busse für ihre Sünden dachten als an die Bedienung der Segel, weil sie überall nur das Gespenst des Todes vor Augen sahen. Aber der Barmharzigkeit Gottes, der in diesen Lagen mit ruhig-heiterem Wetter tröstet, gefiel es sie der tiefen Trübsal zu entreissen und an die Stelle zu führen, die heute die «Niedrigen Inseln» heisst». Man hat hier wie bei Osorio deutlich das Gefühl, dass in einen ursprünglich geschlossenen Zusammenhang ein ihm fremdes Element eingedrungen ist. Im «Roteiro» ist von längerer Dauer des stürmischen Wetters keine Rede; es heisst nur: «Und *am folgenden Dienstag* — es war Vorabend von S. Lucia — hatten wir einen grossen Sturm und liefen mit tief herabgelassenem Focksegel vor dem Wind; und auf selbiger Fahrt verloren wir Nicolao Coelho. Das war morgens; und als es auf Sonnenuntergang zuging, sahen sie ihn vom Mastkorb vier oder fünf Leguas hinter uns und es schien, als ob er uns gesehen hätte. Wir machten daher Signallaternen auf und blieben aufgebrasst liegen. Und als die erste Nachtwache zu Ende ging, stiess er wieder zu uns, nicht weil er uns während des Tages gesehen hätte, sondern weil der Wind von der Seite kam und er so in unserem Kielwasser fahren musste. Am Freitag Morgen kam Land in Sicht; selbiges Land ist an der Stelle, die die «Niedrigen Inseln» heisst». In «unbekannten Meeren und Himmelsstrichen», wie Barros sagt, sind sie ferner noch gar nicht; denn der Rio do Infante, der Endpunkt der Entdeckungen des Bartolomeo Dias, lag noch zwanzig Leguas jenseits der «Niedrigen Inseln», die sie erst nach dem Sturm erreichen. Dafür, dass die Mannschaft in der Apathie der Verzweiflung die Hände in den Schoss legt, sieht man hier keinen zureichenden Grund; die Erzählung selbst leidet an einer gewissen Pointelosigkeit, die seiner kunstvollen Darstellung sonst fremd ist; es scheint, als habe der Schriftsteller eine Tatsache zu verhüllen, als wolle er, um der Pflicht des Historikers zu genügen, Dinge, die er weiss, den Wissenden andeuten, ohne doch den Nichtwissenden alles zu sagen. Mit der Gesamtabsicht der «Asia», die auf Verherrlichung der Entdecker- und Eroberertaten seines Volkes ausgeht, würde es in der Tat wohl zusammenstimmen, wenn er von der Meuterei schwiege um keinen Makel an den Ruhm der Entdecker Indiens zu heften.

Wie dem auch sei, darüber wird ein Zweifel kaum bestehen können: an den Stellen, an die sie Osorio und Correa verlegen und wo

Barros vielleicht auf sie hindeutet, ist die Meuterei mit dem Berichte des «Roteiro» unvereinbar; es fehlen hier für sie die Grundlagen. Man fühlt sich bei dieser Sachlage versucht die Tatsächlichkeit des ganzen Vorgangs ebenso zu verneinen, wie es die neuere Forschung hinsichtlich des Paktes tut, den Columbus auf der Entdeckungsfahrt von 1492 mit der meuterischen Mannschaft geschlossen haben soll, dass man nämlich umkehren wolle, wenn nicht binnen drei Tagen Land gesichtet werde. Immerhin ist doch ein wesentlicher Unterschied nicht zu leugnen: diese Tradition tritt erst Jahrzehnte später auf, über die Meuterei auf Gamas Schiffen dagegen weiss bereits eine sehr frühe Quelle zu berichten.

In dem von dem Italiener Ca Masser 1506 aus Lissabon an die Signoria von Venedig erstatteten Bericht über die portugiesischen Indienfahrten, über Hauptstadt, Land und Hilfsquellen, über Hof und Würdenträger des Königreichs lesen wir in der knappen Darstellung von Gamas Reise: «questo Serenissimo Re li dette tal cargo, con ordene che'l ditto Capetanio andasse a longo tutta questa costa della Ginea, e tanto inanzi quanto potesse per discoprire l'India, secondo l'informazione, che lui avea avuto; ita che furono fin a Cao di Bona Speranza, che se fanno da Lisbona leghe 2000; e qui è la medietà del camino del viaggio di Cholocut. E gionto qui il Capitanio, stevano le persone de tutte 4 caravelle in gran contrasto, erano d'una opinione di non andar più oltre; e dicevano al Capitanio che andavano come perduti perchè non tenivan più vittuaria, e molti delli marinari erano morti. Al ditto Capitanio li parse di andare più oltre per essere più propinquo a trovare alcuno loco di vittuaria, che tornare indietro; e cusì montò el Cao con gran fortuna, e andò de longo zoso per costa, tanto che trovò uno loco pur su la terra firma, che si chiama Meledin (= Melinde), del qual loco el suo Re è moro, con el quale havè parlamento ditto Capetanio, e havè vittuaria al suo bisogno» [1]. Die Begründung, die hier der Meuterei gegeben wird, Mangel an Lebensmitteln, ist nun zweifellos falsch; das Geschwader war damit reichlich versorgt und keine der andern Quellen weiss von Knappheit der Vorräte; am wenigsten kann davon auf der Hinfahrt schon die Rede sein. Aber Ca Masser ist bezüglich dieser Reise überhaupt nur sehr mangelhaft unterrichtet. Bei ihm erreichen alle vier Fahrzeuge Calicut, während in Wahrheit das Proviantschiff auf der Hinfahrt in der Mosselbucht verbrannt worden ist; Monçaide, der Muhamedaner von Tunis, wird mit dem Juden Gaspar da Gama verwechselt und der letztere soll schon in Calicut mit einem Kreuz

[1] *Archivio Storico Italiano*, Appendice, II. Bd. (1845), S. 13 f.

in der Hand gleich nach Ankunft der Portugiesen als Abgesandter des Samorin an Bord gekommen und von dem Kommandanten sofort in Fesseln gelegt worden sein. Von einem weiteren Aufenthalt und einem Versuch der Portugiesen in dem östlichen Welthafen Handelsbeziehungen anzuknüpfen sagt Ca Masser überhaupt nichts, lässt allerdings Gama ein paar Proben von Spezereien mitbringen. Im übrigen kehrt bei ihm der Entdecker mit seinem ganzen Geschwader glücklich nach Lissabon zurück. Es ist anzunehmen, dass nur ungenaue mündliche Berichte dieser Darstellung des Venezianers zur Grundlage gedient haben, aber die Überlieferung einer Meuterei an Bord — soviel beweist sie — hat 1506 schon bestanden.

In allen vier Fällen, bei Correa und Osorio, bei Barros und Ca Masser, werden die Vorgänge in die Gegend der Südküste Afrikas verlegt, in dreien noch diesseits des letzten von Bartolomeo Dias erreichten Punktes. Dass sie hier aus inneren Gründen wie nach den aus dem «Roteiro» bekannten äusseren Umständen wenig Wahrscheinlichkeit haben, ist bereits dargelegt. Es gibt aber auch eine Überlieferung, die sie an ganz andere Stelle setzt. Während der Rückfahrt des Geschwaders über den Indischen Ozean, berichtet Castanheda, wechseln drei — so müsste es heissen statt vier — Monate lang ununterbrochene Windstillen und Gegenwinde miteinander; ungemessene Anstrengung wird dadurch der Mannschaft auferlegt, der Skorbut beginnt, wie früher an der Küste Ostafrikas, auf den Schiffen zu wüten, dreissig Mann sterben daran und die wenigen, die noch Dienst tun, vermögen sich kaum zu rühren, der Wasservorrat geht auf die Neige. «Und um die Trostlosigkeit voll zu machen, versicherten die Steuerleute, dass diese Windverhältnisse hier die herrschenden seien und darum so lange anhielten; denn wenn das nicht der Fall wäre, müssten sie schon vorübergegangen sein; und so glaubte es die Mannschaft und liess darüber völlig den Mut sinken und gab sich verloren und alles schrie laut, man solle in Calicut landen oder an einem anderen Orte in Indien; es sei besser an Land zu sterben als auf der See. Und sie verlangten von Vasco da Gama und den anderen Kapitänen, sie sollten landen; und desgleichen forderten es die Steuerleute und Schiffsmeister in vielen Beratungen, die Vasco da Gama darüber hielt. Und er antwortete mit grosser Energie, es sei unmöglich, dass diese Windverhältnisse hier die herrschenden seien; denn wenn sie es wären, würde eine Schiffahrt über den Golf, wie sie nach Melinde und andern Teilen bestünde, unmöglich sein; sie möchten darum überzeugt sein, dass dies Wetter ein Ende haben werde. Und er sagte ihnen noch vieles andere um sie zu ermutigen, aber die Steuerleute gaben sich damit keineswegs

zufrieden und stifteten alle eine Verschwörung mit den Schiffsmeistern und Matrosen und einigen andern Leuten, dass sie, sobald wieder Wind einsetzen würde, mit ihm in Calicut landen wollten. Als dies dem Vasco da Gama entdeckt wurde, liess er die Steuerleute gefangen nehmen, übernahm selber die Bestimmung des Kurses und übergab sie auch den andern Kapitänen, solange man unter derart schwierigen Verhältnissen fahren würde. Und der Herr erbarmte sich ihrer und sandte Wind, der in ungefähr sechzehn Tagen die Flotte nach der gegenüberliegenden Küste führte, vor die Stadt Magadoxo, wo sie am 2. Februar ankamen».

Das ist in allem Wesentlichen das gleiche, was wir bei Correa und Osorio hören: aufreibender Kampf mit Naturgewalten, Krankheit und Tod an Bord, Verzweiflung der Mannschaft, vergebliches Bitten um Rückkehr, Plan der Meuterei, Gefangensetzung des Steuermannes, Bestimmung des Kurses durch die Kapitäne und dann Rettung aus höchster Not. Im «Roteiro», dem Castanheda sonst mit grösster Treue folgt, ist von Auflehnung der Steuerleute und der Mannschaft keine Rede [1]; die entsprechende Stelle heisst dort: «Diese Überfahrt dauerte so lange, dass wir drei Monate weniger drei Tage damit verbrauchten, und zwar infolge vieler Windstillen und Gegenwinde, die wir dabei fanden, so dass uns die gesamte Mannschaft am Zahnfleisch krank wurde, das ihnen über die Zähne wucherte, derart, dass sie nicht essen konnten, und desgleichen schwollen ihnen die Beine an, und auch sonst grosse Geschwüre am Körper, derart, dass sie einen Mann so weit herunterbrachten, bis er starb, ohne irgendeine andere Krankheit zu haben. Daran starben uns in besagter Zeit dreissig Mann, ausser ebenso vielen, die schon daran gestorben waren, und die auf jedem Schiffe Dienst taten, mochten sieben oder acht Mann sein, und nicht einmal die waren gesund, wie sie es hätten sein sollen, und ich versichere euch, wenn dies Wetter nur vierzehn Tage länger gedauert hätte, wären wir auf selbigem Meer nur noch getrieben, dieweil niemand mehr dagewesen wäre, der Steuer und Segel hätte bedienen können. Es war so weit, dass man sich schon mit allem abgefunden hatte. Und während wir in dieser Niederge-

[1] Herculanos Konjektur, die an Stelle des S. 100 überlieferten «composto» ein «descomposto» im Sinne von «zuchtlos» setzt, ist, wie mir Herr Dr. Luciano Pereira da Silva mitteilt, eine unbegründete Änderung und deshalb zu verwerfen; «compôr-se» bedeutet nach dem *Diccionario Português* von Moraes soviel wie «resignar-se», d. h. «sich in etwas fügen», «sich mit etwas abfinden». Das Verbum kommt im gleichen Sinn auch auf S. 71 des «Roteiro» vor: «E eles diseram que... se moriam de fame que se composesem», «und sie sagten, dass..., wenn sie Hungers stürben, sie sich nur damit abfinden sollten».

schlagenheit so hinfuhren, taten wir auf den Schiffen viele Gelübde an Heilige und Fürsprecher. Und die Kapitäne hatten schon Beschluss gefasst, wenn gleichmässiger Wind einträte, der uns nach Indien zurücktrüge, von wo wir abgefahren waren, dort zu landen. Da wollte Gott in seiner Barmherzigkeit uns einen Wind geben, der uns in ungefähr sechs Tagen an Land brachte, über das wir uns ebenso freuten, wie wenn es ein Stück Portugal gewesen wäre, weil wir hofften mit Gottes Hilfe dort gesund zu werden wie das erstemal. Und es war an einem Mittwoch, den 2. Februar» — Januar müsste es heissen — «des Jahres 1499».

Bei der Gleichheit der Grundzüge in den Berichten des Correa, Osorio und Castanheda über die Meuterei möchte man zunächst vermuten, dass sie auf einer und derselben *geschriebenen* Quelle fussten; nimmt man eine solche aber an, dann läge es nah an João Figueiras Aufzeichnungen zu denken. Allein wie liesse sich in diesem Falle der Umstand erklären, dass die Meuterei bei jedem der Chronisten an anderer Stelle erscheint? Das weist doch wohl auf mündliche Überlieferung hin. Gingen auf solche die verschiedenen uns vorliegenden Berichte in der Tat zurück, dann wäre die verschiedene Lokalisierung minder auffällig, dann hätten Castanheda und — falls die Stelle *Dec.* I, l. IV, c. 3 mit den Meutereiberichten in Zusammenhang steht — Barros, die dem «Roteiro» folgen, den Vorgang da eingesetzt, wo diese ihre Hauptquelle ihnen am besten Raum dafür zu bieten schien, Castanheda an der einzigen Stelle, wo dort von Not und Verzweiflung an Bord die Rede ist, Barros an einer Stelle, an der im «Roteiro» von Sturm berichtet wird, und ungefähr in der Gegend, wo allem Anscheine nach jene mündliche Überlieferung die Meuterei lokalisierte: das war, wenn wir aus der ältesten und zweifellos auf mündlicher Mitteilung fussenden Quelle, dem Bericht Ca Massers, einen Schluss ziehen dürfen, das Kap der Guten Hoffnung. In der Tat bot kein Ort der schaffenden Phantasie für den ganzen Vorgang einen wirksameren Hintergrund als dieser Markstein am Wege nach Indien, das vielberufene, vielgefürchtete, noch in Camões' Seeepos so gewaltig heraustretende «Kap der Stürme». Bei der in den Geschicken Portugals epochemachenden Bedeutung der Entdeckertat Vascos da Gama mussten durch sie die Leistungen seiner Vorgänger naturgemäss ganz in Schatten gestellt und vom Volke, sofern es überhaupt Kenntnis davon besass, rasch über ihr vergessen werden. Wenn selbst Correa den Namen des Bartolomeo Dias nicht kennt, Janinfante bei ihm das Südende des afrikanischen Kontinentes noch gar nicht erreicht hat, Vasco da Gama es also, freilich ohne seiner ansichtig zu werden, zuerst umfährt, wieviel eher konnte diese Vor-

stellung in den Köpfen des Volkes sich festsetzen, wie leicht aus dem Streben der Verherrlichung des Helden die Mythe sich bilden, dass dort, an dem mit allen Schrecken der Naturgewalten umgebenen Ende des Erdteils, in monatelangem Kampf mit Sturm und Wogengang der Mut der Mannschaft zusammengebrochen sei und nur die unbezwingliche Heldenkraft des Führers das Unternehmen vor dem Misslingen bewahrt habe! Dass Unbehagen und Verzagtheit in mehr als einem Stadium der zweijährigen, schweren und gefahrvollen Fahrt unter der Mannschaft sich geregt haben, ist durchaus nicht unwahrscheinlich, dass Gama bei seiner leidenschaftlichen, zu Gewaltmassnahmen neigenden Art Regungen von Widersetzlichkeit durch vorübergehende Gefangensetzung seines Steuermanns und Schiffsmeisters im Keim erstickt, dass jene mündliche Überlieferung somit irgendeine tatsächliche Unterlage gehabt hat, ist darum nicht ausgeschlossen, ob es aber wirklich dazu gekommen ist und wann und wo, können wir nach dem Stand unserer Überlieferung und bei dem Schweigen des «Roteiro» nicht entscheiden; jedenfalls ist auch hier die romanhaft ausgeschmückte Darstellung Correas die mindest glaubwürdige.

Die Frage der Meuterei ist in den vorausgehenden Darlegungen in einen gewissen Zusammenhang mit der Chronologie des ersten Teiles der Entdeckungsfahrt bis zum Kap getreten. Über diesen Punkt äussert sich Stanley — und Ayalla (S. 54 ff.) macht sich diese Beweisführung zu eigen — in der Anmerkung auf S. 52 seines Werkes folgendermassen: «Da Correa ein wenig weiter unten von November spricht, muss das Kap im Oktober oder November doubliert worden sein. Barros und die anderen Historiker geben für die Reise von Lissabon zum Kap 4 ½ Monate an, vom 8. Juli bis zum 20. November; Correa gibt 7 Monate, vom 25. März bis Ende Oktober. Correas Erzählung von der Doublierung des Kaps und dem langen Lavieren gegen Süden ist wahrscheinlicher als die kurze Fahrt der anderen Historiker von der S. Helena-Bucht zum Kap, weil alle Historiker übereinstimmen in Bezug auf die Kürze der Tage und Dunkelheit, die die Schiffe antrafen; um diese aber auch nur annähernd in dem von Correa angegebenen Grade zu finden — einen Tag nämlich von 6 Stunden Sonnenlicht — müssen sie weit südlich des Kaps gegangen sein. Diese Kürze der Tage in der Nähe des Kaps zeigt, dass Gama dort im Winter dieser Gegend ankam, d. h. lange vor November (dem Datum des Barros), was die Wahrscheinlichkeit erhöht, dass Correas Datum der Abfahrt, 25. März, das richtige ist, nicht der 8. Juli, der überdies kein Marientag ist, wie bei Barros steht. Auch sagt Osorio, wo er von der Entdeckung der S. Helena-

Bucht und des Santiago-Flusses spricht, die nahe beieinander liegen, man habe sie so genannt, weil sie an dem Tage dieser Heiligen entdeckt worden seien; allein S. Helena fällt auf den 18. August oder 3. September und Santiago auf den 25. Juli, so dass diese Daten nicht zusammenstimmen, es müsste denn sein, dass ältere Kalender ein anderes Datum für einen oder den anderen dieser Heiligentage haben. Zudem sagen Camões und Barros, dass Gama die S. Helena-Bucht 5 Monate nach der Abfahrt von Lissabon erreicht habe, während vom 8. Juli bis Anfang November (der 7. November ist Castanhedas Datum) nur vier Monate sind. 5 Monate, vom 25. März, Correas Datum, gerechnet, würden das Datum der Ankunft in der S. Helena-Bucht in Einklang bringen mit dem Tag dieser Heiligen, dem 18. August».

Ich bemühe mich vergebens bei Castanheda, Barros, Goes, nächst dem «Roteiro» unsern besten Quellen, auch nur eine Andeutung von kurzen Tagen zu entdecken, die Gama in Kapnähe gefunden hätte, und doch sollen nach Stanley darin alle Historiker übereinstimmen. Wenn Castanheda (l. I, c. II) von «muytas tormentas de ventos, chuvas e *çarrações*» spricht, so ist hier nicht von langer Dunkelheit und geringer Tagesdauer die Rede, sondern der Ausdruck bezieht sich auf die Travados des südlichen Atlantischen Ozeans, die unter *finsterer Bewölkung*, Gewitter und schweren Regengüssen plötzlich hereinbrechenden Stürme.

Ferner soll Camões der Reise von Lissabon bis zur S. Helena-Bucht eine Dauer von 5 Monaten geben. Diese Angabe scheint sich auf die 24. Stanze des V. Gesanges zu beziehen:

«Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, emquanto o mar cortava a armada».

Die Stelle ist in der Tat so aufgefasst worden, als wolle der Dichter sagen, dass seit der Ausfahrt am 8. Juli fünf Mondwechsel stattgefunden hatten, als das Geschwader am 4. November Land erblickte. Das ist unrichtig, wie der beste Kenner dieses Stoffes, Professor Dr. Luciano Pereira da Silva, in seiner «Astronomia dos Lusiadas», Coimbra 1915, überzeugend dargetan hat. Camões, der eine ebenso genaue Kenntnis der Astronomie wie der Fahrt Vascos da Gama besass und die Tafeln der Konjunktionen und Oppositionen des Mondes im «Almanach Perpetuum» des Abraham Zacuto befragt zu haben scheint, rechnete vielmehr die Zeit nach den Mondphasen. Als die Armada am 8. Juli 1497 den Hafen verliess, war am Tag

zuvor erstes Viertel gewesen, der Mond stand im Übergang von dem «meio rosto», dem «halben Gesicht», zum «rosto inteiro», dem «ganzen», d. h. zum Vollmond. Zum zweitenmal zeigte der Mond das «ganze Gesicht» am 12. August, zum drittenmal am 11. September, zum viertenmal am 10. Oktober, zum fünftenmal am 9. November, wo aber das Geschwader bereits in der S. Helena-Bucht lag. Neumond war am 25. Oktober gewesen, erstes Viertel am 2. November morgens; somit hatte, als man am 4. November 9 Uhr früh Land sichtete, der Mond zwei Tage zuvor das «halbe Gesicht» gezeigt und stand zum fünftenmal in den vier Monaten, «seit die Armada das Meer durchschnitt», im Übergang zum «ganzen». Die Stanze stimmt also sachlich vollkommen zum Berichte des «Roteiro», sagt nicht, dass Gama fünf Monate bis zur S. Helena-Bucht gebraucht hätte, in die er am 8. November einlief. Wenn Barros diese Zahl angibt, so muss er, wie der genannte Forscher annimmt, einfach die Monate Juli, August, September, Oktober, November gezählt haben, ohne Rücksicht darauf, ob sie voll in Betracht kamen, falls man nicht, was ebenfalls möglich ist, Irrtum in der Zählung annehmen will.

Das Kap, nimmt Stanley an, ist im Oktober oder November nach siebenmonatiger Fahrt doubliert worden. Mehr als zwei Monate hatten zu diesem Zweck, wie Correa erzählt, die Schiffe nach der dritten Berührung des Landes südwärts gekreuzt. Diese dritte Berührung müsste also ungefähr in den August oder September fallen. In der Zeit zwischen dem dritten und dem um einen Monat früheren zweiten Vorstoss des Geschwaders nach Osten, d. h. also dieser Rechnung entsprechend etwa im Juli oder August, sollen die Tage nach den «Lendas» nur sechs Stunden Sonnenlicht gehabt haben. Nun beläuft sich Mitte August die Taglänge noch in 40° s. Br. auf rund 10, Mitte September auf rund 11 ½ Stunden, auf 6 Stunden um die gleichen Jahreszeiten erst in mehr als 68° bezw. 83° s. Br. Aber selbst wenn wir in den Anfang des Juli zurückgehen, also bis nahe an den kürzesten Tag der südlichen Halbkugel, in welchen Breiten hätte damals Gama sein müssen um einen Tag von sechs Stunden zu finden! Nun kombiniert aber Stanley doch selber, dass die S. Helena-Bucht nach Osorio am 18. August, dem Tage dieser Heiligen, entdeckt worden sein soll und die fünf Monate Fahrtdauer, die Barros bis dorthin angibt, ziemlich genau stimmen würden, wenn man Correas Datum der Abfahrt, den 25. März, zum Ausgangspunkt nehme. Will man aber den Versuch überhaupt machen, die Örtlichkeiten der «Lendas» mit denen des «Roteiro» zu identifizieren, so könnte der S. Helena-Bucht doch bei Correa nur die Stelle der dritten Berührung des Landes, der letzten vor Doublierung des Kaps, entspre-

chen, diese Berührung also nicht vor den 18. August fallen. Gama müsste somit im Juli und in der ersten Augusthälfte noch in nördlicheren Breiten als der der S. Helena-Bucht gekreuzt haben, wo von einer derartigen Kürze der Tage gar nicht die Rede sein kann. Ein kritisch unzulässiges Verfahren ist es im übrigen, wenn Stanley eine einzelne entweder anders gemeinte oder irrtümliche Angabe der Decadas da Asia, wie die der Fahrtdauer von fünf Monaten aus dem Zusammenhang herausnimmt und mit einem beliebigen Datum einer mit der des Barros völlig unvereinbaren Chronologie der Reise kombiniert um daraus Schlüsse zu ziehen.

Dass, wie Osorio will, die S. Helena-Bucht von Gamas Geschwader am Tage der Heiligen, dem 18. August, entdeckt und darum so benannt worden sein soll, ist eine Unmöglichkeit. Bartolomeo Dias hat sie, wie wir aus dem «Roteiro» erfahren (S. 8), nach dem Zeugnisse seines Steuermanns weder berührt noch auch nur gesichtet, da er beim Hinweg auf hoher See fuhr und auf dem Rückweg bei Nacht daran vorüberkam. Von ihm also kann die Benennung nicht herrühren; überdies heisst es im «Roteiro»: «aa quall *poseram* nome Santa Ellena», «der man den Namen S. Helena *beilegte*»; so drückt aber der Verfasser sich auch an anderen Stellen aus, wo von der Benennung eines Ortes auf der Entdeckungsfahrt Gamas die Rede ist, z. B. Seite 22: «aquy posemos huum padram, ao quall poseram nome o padram de S. Rrafaell, ... e ao rio dos Boons Signaees» (vgl. auch S. 34 und 36). Dagegen sagt er bezüglich des von der S. Helena-Bucht nach Südosten liegenden Santiago Flusses: «e *chamase* o rrio de Samtiaguo», «und *er heisst* Santiago-Fluss». Das weist, da der Verfasser sich im anderen Falle nirgends so ausdrückt, auf Benennung durch Bartolomeo Dias. War derselbe, wie Pero d'Alemquer (S. 8) im «Roteiro» sagt, mit günstigem Wind morgens vom Kap ab- und bei Nacht an der S. Helena-Bucht vorbeigefahren, so kann allenfalls der Rio de Santiago noch im letzten Tageslichte gesichtet und benannt worden sein. Hatte Bartolomeo Dias die Bucht von S. Bras auf der Hinreise entdeckt und ihr, was wir bei der völligen Unsicherheit der Chronologie seiner Reise freilich nicht wissen können, nach dem Heiligen des Tages den Namen gegeben, dann hätten wir ihn Anfang Februar an der Mosselbucht zu suchen, und da er die Entdeckung von hier noch bis zum Rio do Infante weitergeführt, vielleicht nach der monatelangen Fahrt seine Schiffe vom Bohrwurm gereinigt und die Vorräte an Fleisch ergänzt, wahrscheinlich auch die Buchten der Südküste des Erdteils abgefahren und Tiefenmessungen vorgenommen hat, so wäre es schliesslich auch denkbar, dass er auf dem Heimweg erst am 25. Juli, dem Tag des

heiligen Jakobus, am Berg-Fluss vorübergekommen wäre. Doch ist das reine Vermutung; im übrigen *braucht* die Benennung eines Ortes nach einem Heiligen durchaus nicht immer mit Entdeckungan dessen Kalendertag zusammenzuhängen — Gelübde, persönliches Verhältnis zu einem Heiligen können hier ebenso gut der Anlass sein —, bei der S. Helena-Bucht aber *kann* der erste Falle überhaupt nicht in Betracht gezogen werden, wenn Gama sie auf der Entdeckungsfahrt gefunden hat. Hier hat Dr. Luciano Pereira da Silva eine ansprechende Vermutung, die er mir mitteilt.

Am 18. August, dem Tage der heiligen Helena, —Vasco da Gama befand sich auf dem Weg nach dem Kap — kreuzte das Geschwader, gegen einen Südwind ankämpfend, 200 Leguas von der Insel Santiago (Kapverden). Da überraschte sie, wie es scheint, eines der plötzlich hereinbrechenden Unwetter dieser Meeresgegend und der Sturm zerbrach die grosse Rahe des Admiralschiffs. Zwei Tage und eine Nacht sah das Geschwader sich genötigt mit Fock- und Besansegel zu lavieren. Während dieser angstvollen Tage, in der Endlosigkeit des unbekannten Ozeans, weit von jedem Hafen, mag die Hilfe der Heiligen des Tages auf den vier Schiffen angerufen worden sein, und als am 8. November die Entdecker nach drei langen Monaten, in denen sie kein Land gesehen hatten, in die windsichere Bucht, nur 30 Leguas vom Kap, wie Pero d'Alemquer schätzte, einliefen, da mag sie in Erinnerung an den vielleicht gefahrvollsten Augenblick der Überfahrt und in dankbarem Gefühl gegen die Heilige nach ihr benannt worden sein, der man die Rettung zuschrieb. Es ist Vermutung, aber die Namengebung fände damit eine einleuchtende Erklärung.

Correas in jeder Einzelheit der Hinreise bis zur Küste Ostafrikas unzutreffende Darstellung lässt im Grunde nur *eine* Erklärung zu: seine Vorlage, der Bericht des João Figueira, war dafür wenig ergiebig, und wie er die Vorgeschichte der Reise legendenhaft ausgestaltet hat, so offenbar auch deren ersten Teil. Den äusseren Apparat, Sturm- und Seegefahren, boten die Erlebnisse der späteren Indienflotten; wie diese im Februar, März oder April ausliefen, so lässt er Gama, gleich dem Vizekönig Francisco d'Almeida im Jahre 1505, am 25. März, einem kirchlich bedeutsamen Tag, seine Fahrt antreten, 3 ½ Monate früher, als es in Wirklichkeit der Fall war, und ihn so in die Zeit der kurzen Tage kommen; alle Schrecken des südatlantischen Winters, den die Indienfahrer der folgenden Jahre auf Breiten kennen lernten, die Gama nicht entfernt erreicht hat — er umfuhr das Kap auf dem Hin- und Rückweg in Sehweite —, häuft er in seiner Schilderung der Entdeckungsfahrt mit dramatischer Stei-

gerung, und indem er die entfesselten Naturgewalten mit dem Schauer des Ungewohnten auf die Gemüter der Seeleute wirken und aus der Todesfurcht und den tausendfältigen Leiden Entmutigung, Hoffnungslosigkeit, Jammer, dann die verzweifelte Forderung der Heimkehr und endlich den Plan der Meuterei erwachsen lässt, schafft er ein effektvolles, aber der objektiven Wirklichkeit in keiner Weise entsprechendes Bild. Um das zu verstehen wird man einen Blick auf den Gesamtcharakter der Correaschen Darstellung dieser ersten Reisen, die Grundgedanken, aus denen sie erwachsen ist, auf ihre Tendenz werfen müssen.

Fast ein halbes Jahrhundert hatte Correa die Ereignisse in Indien an Ort und Stelle mit aufmerksamem Blick verfolgt, als er seinem Werke die letzte Form gab — 1561 schliesst er die «Lenda» der Fahrt des João da Nova (1501/2) ab [1] — und, wie ihre Entwicklung sich seinem rückschauenden Geist darstellte, spricht er mit herben Worten in der noch zu Lebzeiten König Joãos III., also vor 1557, geschriebenen Vorrede «An die Herren Leser» (Bd. I, S. 1 f.) aus. «Was mich betrifft, heisst es da, «den Geringsten von allen, die fremde Taten aufgezeichnet haben, so ist trotz meines schwachen und ungebildeten Verstandes das Verlangen bei mir doch dahin gegangen die Taten in Indien zu beschreiben und zu überliefern, weil es mir schien, dass sie in künftigen Zeiten jedem wohl gefallen werden, der sie hört. Und ich war willens mir diese Arbeit zu wählen, obwohl sie für mich so unnötig war, aus dem Müssiggang erwachsen, da sie in der Chronik des erlauchten Königs D. Manuel, der Indien zu entdecken geboten, und des hochedelen Fürsten D. João III., unseres Herrn, des Nachfolgers in seiner Herrlichkeit, so vollendet werden erzählt und so vollendet beschrieben werden. So bleibt für mich nur Geschichte vom Standpunkt des Augenzeugen zu schreiben, indes der Chronist des Reiches es nach dem Hörensagen tun muss. *Ich habe mir diese Arbeit gern gewählt, weil die Anfänge der Dinge in Indien so goldene Dinge waren, dass es schien, als hätten sie darunter nicht das Eisen, das dann zum Vorschein kam,* und dann blieb ich bei meinem Kopf und schrieb weiter um meine Arbeit nicht verloren zu haben. *Das Böse hat zu-, das Gute abgenommen, so dass alles sich ins unverhüllt Böse gewandelt hat,* so dass der Geschichtsschreiber, der es berichtet, mit gutem Grund ein Lästerer heissen mag und nicht ein wohlgesinnter Darsteller der glänzenden Taten und Ereignisse bei Entdeckung und Eroberung so grosser Reiche und Herrschaftsgebiete, *wobei die Taten der Portugiesen mehr durch*

[1] Band I, S. 265.

Wunder als irgendwie sonst begründet erscheinen, mit so rühmlichen Ehren vollbracht, wie unser Herr sie in seiner grossen Barmherzigkeit in unsere Hände geben wollte, abgeschlossen, wie sie heutigentags erscheinen». Änlich äussert er sich im Vorwort zum zweiten Buche (Bd. II, S. 5): «Es ist wahr, als ich mit dieser Beschäftigung begann, die Dinge in Indien zu beschreiben, waren sie so erquicklich durch all ihr Gutes, dass es viel Befriedigung gewährte sie erzählen zu hören; aber weil das Gute nur kurze Dauer hat, so verschlechterte sich und verdarb allmählich, was gut daran war, wie ich im weiteren Verlauf erzählen werde; denn ich will nicht ablassen zu schreiben, damit jeder den Lohn davonträgt für das, was gut und böse an ihm ist, in dieser Welt im Mund und Gedächtnis der Menschen, und in der andern, vor Gott, wird jeder einzelne Vergeltung erfahren nach Verdienst».

Seine Auffassung der weltgeschichtlichen Tat Vascos da Gama legt Correa im Vorwort zum dritten Buche der «Lendas da India» (Bd. III, S. 7 f.) in den folgenden Sätzen dar: «Daher wird der Name der Portugiesen mit gar hohem Ruhme verzeichnet auf dem ganzen Erdenrund, das wir schon fast ganz entdeckt haben. Begonnen hat damit der Entdecker Indiens, damals Vasco da Gama genannt, ein Mann von vornehmer Herkunft, der später hier seine Tage endete, mit den Titeln Graf-Admiral des Indischen Meeres, Vizekönig von Indien, der sein Leben so grossen Gefahren ausgesetzt und *die Fahrt zur Entdeckung des Landes mit geschlossenen Augen gemacht hat, ohne irgendwelche Unterweisung oder Wissenschaft, nur was unserm Herrn gefiel ihm zu zeigen, indem er durch die Meere steuerte und Winde, von denen kein Volk jemals gewusst hatte. Unseres Herrn Wille war es ihn unter furchtbaren Todesgefahren mit dieser hohen Tat enden zu lassen, eine Sache, von der unser Herr Nutzen für sein göttliches Heilswerk erwartete.* Und er brachte ihn in diese Gegenden Indiens, das nur wie im Traum genannt wurde und das unser Herr uns in seiner Gnade verleihen wollte zur Verherrlichung seines Namens, wie sich heutigentags erweist».

Auf dem Grunde dieser Anschauungen ruht Correas Darstellung in den «Lendas da India», aus ihnen ergibt sich ihm bei dem spärlichen Quellenmaterial, über das er hier anscheinend verfügt hat, die legendenhafte Behandlung der Entdeckungsfahrt. Auf die weltgeschichtliche Mission Portugals im Dienste des göttlichen Heilswerkes haben Vorbedeutungen — so glaubt er — bereits in den Tagen der Gründung des Reichs hingewiesen. Schon sein erster König, dem auf dem Schlachtfeld von Ourique der Heiland selber am Kreuzesstamm erschienen ist und den Sieg über fünf maurische Könige ver-

liehen hat, woran die fünf Schilde und die dreissig Silberlinge im königlichen Wappen erinnern, «hat in der Kathedrale zu Coimbra, vom Geist Gottes beseelt, aus eigener absoluter Machtvollkommenheit einen Schwarzen zum Bischof gemacht, ein Zeichen, in dem Gott vorauswies auf das, was nach soundsoviel Jahren kommen sollte, dass nämlich vom Königreich Portugal aus im Reich Manicongo unter schwarzem Volk sein heiliger Glaube sollte erhoben werden durch gelehrte predigende Priester, schwarzes Volk, so kenntnis- und wissensreich, wobei durch sie wieder unser Gott auf jene vielen anderen so verborgenen christlichen Völker hinwies, die in Äthiopien sitzen, die er uns zu zeigen hatte in den Ländern des Erzpriesters Johannes, den wir durch seine Barmherzigkeit gesehen haben», so äussert er sich im Vorwort zum dritten Buche der «Lendas» (Bd. III, S. 6). Diese Sendung seines Landes offenbart sich sogleich in dem Vorgang, von dem der erste Satz des ganzen Werkes berichtet: Unter der Regierung D. Joãos II. kommt 1484 der Negerkönig von Benin nach Portugal und lässt sich mit vielen der Seinigen taufen [1]. Von ihnen erhält der König wertvolle Aufschlüsse über Indien und seinen Herrn, den Erzpriester Johannes, der Christ und ein sehr reicher Fürst sei. Dies weckt in ihm das lebhafte Verlangen von Indien genaue Kunde zu erhalten und es zu entdecken. Er sendet daher noch im gleichen Jahr zwei Reitknechte aus, Pero de Covilhã und Gonçalo de Pavia, einen Kastilianisch sprechenden Kanarier, die weit herumgekommen sind und viele Sprachen können. Sie sollen den Weg nehmen, den Gott ihnen eingeben wird, und sich bemühen zu erfahren, wo Indien liege, und dahin zu gelangen, sollen Erkundigungen einziehen, welche Bewandtnis es mit dem Erzpriester Johannes habe, und wenn es ihn gebe, ihn in seinem Namen besuchen und ihm seinen Wunsch nach Verkehr und Freundschaft aussprechen, durch die der Dienst Gottes gefördert werden würde. Gonçalo de Pavia erreicht Mekka, besucht die indischen Häfen und stirbt dann in Ormus; ein ihm befreundeter jüdischer Kaufmann aber, den er in seine Sendung eingeweiht und der ihm versprochen hat dem König Bericht über die Ergebnisse der Reise zu erstatten, kommt erst nach Portugal, als Gamas Entdeckungs-

---

[1] Da nach Barros, *Dec.* I, l. III, c. 3 der Versuch zur Bekehrung des Königs von Benin erfolglos blieb, dieser auch nicht selbst nach Portugal kam, so liegt hier Verwechslung vor. Getauft wurde zu Palmella in Portugal am 3. November 1489, nicht 1484 (Barros, *Dec.* I, l. III, c. 7), der aus seinem Lande, dem Joloffergebiet, vertriebene Negerkönig Bemoij und am folgenden Tag 24 Edelleute von ihm. Auskünfte über einen Negerfürsten weiter im Osten Afrikas, in dem er den Erzpriester Johannes zu erkennen glaubte, erhielt João II. aber sowohl von diesem als auch von dem König von Benin (*Dec.* I, l. III, c. 4).

geschwader bereits ausgelaufen ist[1]. Pero de Covilhã bricht von Mekka unmittelbar nach dem Lande des Erzpriesters Johannes auf und überbringt die Botschaft des Königs, wird auch freundlich aufgenommen; aber um ihn nicht den Zufällen und Gefahren der Rückreise auszusetzen und die kaum geknüpfte Verbindung wieder zu zerreissen von dem christlichen Herrscher im Land festgehalten; er soll dort Kinder und Nachkommenschaft zeugen, die diesem als Erinnerung bleiben; nach Portugal will der König zunächst einen seiner eigenen Diener schicken.

Nun folgt die Fahrt des Janinfante. Ein fremder Kaufmann von reichem nautischem Wissen, kommt er oft nach Lissabon. Dort erhält er vom König Auftrag, mit vier Karavellen, die dieser zur Verfügung stellt, die «Küste von Benin», soweit er könne, entlang fahrend, ihm neue Länder zu entdecken. Janinfante führt ihn getreulich aus, wobei er, immer in Sehweite des Landes segelnd, Tiefenmessungen vornimmt und die Erkennungszeichen der einzelnen Küstenpunkte aufschreibt. Und er fährt solange, bis die Küste «sich nach dem Meer zu wendet» («foi voltando pera o mar»). Da er hier widrige Winde findet, kreuzt er unter schweren Stürmen, bald gegen das Land bald gegen die See zu, vier Monate lang. Erst als er sieht, dass die Winde dauernd in gleicher Richtung wehen und zur Überwindung des hohen Wellenganges die Karavellen nicht ausreichen, gibt er dem Drängen der Mannschaft nach und kehrt nach Lissabon zurück. Hier erstattet er dem König Bericht. Mit hochbordigen Schiffen, erklärt er, die ihm ermöglicht hätten weiter in See zu gehen, würde er viel weiter gekommen sein; «denn als er das Land wieder gesichtet, habe er Länder gefunden, die er noch nicht gesehen hatte; aber mit grossen Schiffen, die den Seegang aushielten, dass er so kreuzend der Küste entlang fahren könne, bis er deren Ende (cabo) für ihn entdecke, habe er ohne Zweifel bestimmte Hoffnung, dass er jenseits davon grosse Länder finden würde». Der König ist hocherfreut und verspricht ihm Schiffe bauen zu lassen, so gross und stark, «dass er damit gegen Meer und Stürme ansegeln könne um ihm das Ende jenes Landes zu entdecken, auf das (nämlich das Ende) er ihm so gute Hoffnung gebe, dass er auf Gott in diesem Sinn vertraue.

---

[1] Die Erzählung entspricht nicht den von Pero de Covilhã selber mitgeteilten Tatsachen, die wir aus dem Gesandtschaftsberichte des Francisco Alvares (Ramusio, *Navigationi et Viaggi*, Venezia 1550, f. 254r ff.) kennen, auf dem auch Barros' Darstellung beruht (*Dec.* I, l III, c. 5). Bei dem letzteren heisst, wie bei Castanheda (l. I, c. I), der Begleiter des Pero de Covilhã nicht Gonçalo de Pavia, sondern Affonso de Paiva. Auf Gonçalo de Pavia überträgt Correa z. T., was in Wahrheit Pero de Covilhã geleistet hat.

«Lasst Ihr die Schiffe nach Eurem Willen bauen und Ihr sollt von neuem auf Entdeckung dieses Kaps (cabo) so guter Hoffnung ausfahren, wie Ihr sie mir gebt!» Und er belohnte Janinfante und liess die Seeleute, die mit ihm die Fahrt gemacht hatten, bezahlen. Ihnen verbot er streng ausser Landes zu gehen, weil sie auf einer weiteren Flotte fahren sollten, die er erneut auf die Entdeckung des Kaps der Guten Hoffnung aussenden wolle, das sie mit den Karavellen nicht hätten entdecken können, und er befahl ihnen auf seinen Ribeira-Werften zu arbeiten, wobei er ihnen Kostgeld gab, von dem sie lebten, weil sie keine Fahrt ausser Landes machen durften». João II. lässt dann noch den Bau von drei Schiffen aus sehr starkem Holz nach den Angaben des Janinfante beginnen, aber ehe sie fertig werden, stirbt dieser [1] und 1495 der König selbst und es folgt ihm in der Herrschaft D. Manuel, der «vom Geiste Gottes beseelt» der Entdeckung Indiens sein Augenmerk zuwendet und in dieser Absicht bestärkt wird durch Briefe, in denen ein mit D. João befreundeter grosser venezianischer Handelsherr diesem auf Befragen über die Reichtümer Indiens geschrieben hatte, über seine Gewürze und Drogen, die durch viele Länder und Meere — zum Vorteil des Türken — nach Alexandrien gingen, aus dessen Speichern durch venezianische Kaufleute nach der Markusstadt verfrachtet und als deren wichtigste Handelswaren von hier in alle Länder Europas ausgeführt würden. Sein Reich und seine Macht an die Entdeckung und Eroberung Indiens zu setzen sei ein Unternehmen, würdig eines so grossen Fürsten wie D. João und müsse ihn, wenn es gelinge, an Reichtum und

---

[1] Correa nennt Bartolomeo Dias unter den Kapitänen von Cabrals Indienflotte, weiss auch, dass er mit seinem Schiffe bei dem grossen Sturm im südlichen Atlantischen Ozean untergegangen ist; aber dass in Wirklichkeit *er* das Entdeckungsgeschwader befehligte, mit dem João Infante fuhr, ist ihm unbekannt. Dieser letztere, Kapitän des Schiffes «Pantaleão», war nach Barros (*Dec.* I, l. III, c. 4) auch nicht irgendein fremder Kaufmann, sondern ein portugiesischer Ritter und zwar, wie es scheint, des königlichen Hauses. Dass die Expedition des Bartolomeo Dias das Südende des Erdteils tatsächlich gefunden hatte und darüber hinaus bis zu dem nach Ioão Infante genannten Fluss vorgedrungen war, bedarf keines Wortes. Von den Fahrten des Diogo Cão hat Correa dem Anscheine nach überhaupt keine Kenntnis gehabt; denn der in den «Lendas» dem Janinfante vom König gegebene Auftrag, dass er der «Küste von Benin» entlang fahren solle (que lhe fosse correr a costa de Benim), deutet darauf hin, dass der Chronist dies Land als die Grenze der bisherigen Entdeckungen angesehen hat, während tatsächlich Diogo Cão seinen letzten Wappenpfeiler am Kap Cross (21°50′s. Br.) gesetzt hatte (Luciano Cordeiro in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 11.ª serie (1892), S. 141–148, und Artur Scheppig, *Die Säule von Kap Cross* in «*Marinerundschau*» 1894, 8. Heft und Programm des Reform-Gymnasiums in Kiel, 1903.

Grösse über alle christlichen Fürsten erheben, ihm als Mehrer des christlichen Glaubens ein ruhmreiches Andenken sichern. Dies der Inhalt der Briefe. Um nun Kosten und Menschenleben nicht an Unerreichbares zu setzen befragt D. Manuel zunächst den ihm wohlbekannten Juden Çacuto, «einen grossen Astrologen», um Rat. Dieser stellt eifrig Beobachtungen an und Gott gefällt es ihm seinen Willen zu offenbaren. Voll Freude verkündet er dem König: «Herr, ich habe reiflich erwogen, was Ihr mir so angelegentlich aufgetragen, und was ich mit dem Willen Gottes gefunden und erfahren, ist dies: Die Provinz Indien ist gar weit von diesem unserem Erdstrich, entfernt von ihm durch weite Meere und Länder, alle bewohnt von schwarzen Völkern. Es gibt dort grosse Reichtümer und Waren, die durch viele Teile der Welt gehen, und alles unter grösster Gefahr, bevor sie in diesen unseren Erdstrich gelangen können; das habe ich wohl gesehen und durch den Willen unseres Herrn erkannt, dass Ew. Hoheit das Land entdecken und in ganz kurzer Zeit einen grossen Teil Indiens unterwerfen wird; denn, Herr, Euer Planet ist gross unter dem Sinnbild Ew. königlichen Person, der Sphäre, in der Himmel und Erde enthalten sind. Gottes Wille wird es sein das alles in Eure Gewalt zu bringen und alles werdet Ihr vollenden, was der verewigte König nie würde vollendet haben, und wenn er sein ganzes Reich darangesetzt hätte, weil diese Sache Gott Ew. Hoheit vorbehalten hatte. Und ich finde, dass Indien zwei Brüder entdecken werden, Söhne Eures Landes, aber wer sie sind, das vermag ich nicht zu sehen. Allein da es von Gott so verordnet ist, wird er es Euch zeigen».

Der König, tiefbewegt über das, was ihm der Jude gesagt, und dankerfüllt gegen Gott, der ihn vor allen Königen der Christenheit so hoch begnaden will, befiehlt sogleich die von seinem Vorgänger begonnenen drei Schiffe fertigzustellen und aufs vollständigste mit allem Bedarf für die lange Fahrt auszurüsten, sie auch mit jeder Art von Waren, im Land erzeugten und eingeführten, zu beladen und viel Gold- und Silbergeld, Prägung aus allen Münzstätten der christlichen und muhamedanischen Welt, seidene und golddurchwirkte Stoffe, Wolltücher von allen Arten und Farben, Halsbänder, Ketten und Armspangen von Gold, blankem und vergoldetem Silber, metallene Waschbecken und -kannen, Schwerter, Dolche, glatte und mit Gold und Silber verzierte Stutzsäbel, Lanzen, Schilde, alles schön verziert, ihnen mitzugeben, um es den Königen der östlichen Länder als Geschenke darbieten zu können, dazu Proben von jedem Gewürz. Auch sprachkundige Sklaven werden gekauft. Tag und Nacht betet er unterdessen, dass Gott ihm die Männer zeigen möge, die er zu

dem grossen Unternehmen aussenden könne. Die Grossen des Reiches schlagen ihm diesen und jenen vor, er weist sie ab: seine Wahl sei bereits getroffen. So vergeht einige Zeit. Eines Tages sitzt D. Manuel, umgeben von Beratern und mit der Unterzeichnung von Schriftstücken beschäftigt, am Tische, da geht, als er zufällig aufschaut, Vasco da Gama durch den Saal, eine plötzliche freudige Aufwallung des Herzens sagt dem König, dass er in ihm für die schwere Aufgabe den rechten Mann gefunden hat, und sogleich bittet er ihn sie zu übernehmen, wozu sich mit Worten tiefer Ergebenheit Vasco da Gama bereit erklärt. Nachdem D. Manuel dann die Mahlzeit eingenommen hat, zieht er sich mit ihm in die Kleiderkammer zurück und fragt ihn dort, ob er einen Bruder habe. Vasco da Gama erwidert, er habe deren drei, einer noch jung, ein zweiter in der Vorbereitung für das geistliche Amt, der dritte älter als er. Diesen letzteren befiehlt ihm der König zu rufen und sich selber das Schiff zu wählen, auf dem er die königliche Flagge hissen wolle; denn zum Geschwaderführer habe er ihn ausersehen. Gama küsst ihm die Hand, erklärt aber, die königliche Flagge solle als der Ältere sein Bruder führen; er selbst wolle unter dessen Kommando die Reise machen. Der König antwortet, dass er diese Frage der Verständigung der Brüder überlasse, im übrigen aber auf *ihn* baue, das ganze Unternehmen auf seine Schultern lege; den Kapitän für das dritte Schiff sollten sie sich selber auswählen. Ein Hindernis, das der Ernennung des Paulo da Gama noch im Wege steht, gelingt es zu beseitigen; Kapitän des dritten Fahrzeugs wird Nicolao Coelho, ein Freund, der beiden nicht weniger gilt als ein Bruder. An die Ausrüstung der Schiffe wird nun die letzte Hand gelegt; auf eigene Kosten lässt Vasco da Gama seine Seeleute nach Möglichkeit noch die Handwerke der Schiffszimmerleute, Seiler, Kalfaterer, Schmiede und Drechsler lernen [1]. In vielfachen Unterredungen gibt ihm D. Manuel freie Hand Krieg zu erklären und Frieden zu schliessen, den Kaufherrn oder Kriegsmann, den Verbannten oder vom Wege Verschlagenen zu spielen, selbst als Gesandter aufzutreten und seinerseits Gesandte an Könige und Herren zu schicken, Urkunden mit des Königs Unterschrift auszufertigen und alles zu tun, was ihm zweckmässig scheine.

Nun liegen die Schiffe zum Auslaufen bereit. In feierlicher Messe, zu der König und Königin erschienen sind, fleht in der Kathedrale zu Lissabon der Bischof Calçadilha Gottes Segen auf die in so from-

---

[1] Für das zunächst Folgende s. Stanley a. a. O., S. 34 ff.; in der Akademieausgabe fehlt hier ein Blatt der Handschrift.

mer Absicht unternommene Fahrt herab, D. Manuel übergibt dem Vasco da Gama die königliche Fahne und dieser gelobt, dass die Kapitäne mit Einsatz all ihrer Kraft und ihres Lebens bestrebt sein werden sich seiner Gnade und ihrer hohen Aufgabe würdig zu erweisen. Danach geleiten sie unter Vorantritt ihres Fähnrichs das Königspaar zum Palaste und werden dort zu den Schiffen entlassen. Hoch zu Ross an der Spitze der Kapitäne und aller Seeleute seiner Flotte und begleitet von den Edelleuten des Hofes zieht Vasco da Gama nun hinab zum Hafen und schifft sich ein und alsbald geht auf dem Schiff des Paulo da Gama die königliche Flagge hoch; so will es trotz dessen Widerstreben der jüngere Bruder. Drei Tage warten sie in Belem noch auf günstigen Wind; unterdessen findet die Musterung der Mannschaft statt und die ganze Besatzung der Schiffe beichtet und kommuniziert in dem Kloster, wo auch der König sich während dieser ganzen Zeit aufhält. Am 25. März, dem Tag von Mariä Verkündigung, gehen sie unter den Segenswünschen D. Manuels, der sie im Boot auf dem Tejo noch ein Stück begleitet, unter Segel. Bei der Ausfahrt aus dem Strom holt Paulo da Gama die königliche Flagge vom Mast herab, aber in brüderlicher Liebe bestimmt ihn Vasco dennoch sie auch weiterhin zu führen.

So stellt sich dem Chronisten die Vorgeschichte des grossen Unternehmens dar. Es sind gläubige Phantasieen eines schlichten, frommen Gemütes. Die gelehrten Kenntnisse und die reiche Bildung eines Barros oder Goes besass Correa so wenig als Schriftquellen, die ihm über diese Vorgeschichte verlässige Auskunft hätten geben können; so hat er ihr teils legendenhafte Züge geliehen teils die feierlichen Formen gegeben, die beim Abgang der Indienflotten in den folgenden Jahren üblich waren; einem oder dem anderen davon mag er, seit 1506 moço da camara, selbst beigewohnt haben. Ähnlich, wie es im vorliegenden Fall Correa schildert, vollzieht sich die Feier in der Kathedrale zu Lissabon vor Gamas zweiter Indienfahrt im Jahr 1502, von der Alberto Cantino, der diplomatische Agent des Herzogs von Ferrara, uns einen kurzen Bericht hinterlassen hat[1]. Nun muss Correa freilich den dreitägigen Aufenthalt des Entdeckungsgeschwaders in Restello eigens mit widrigem Wind begründen, die historische Vigilie, die Vasco da Gama hier vor der Ausfahrt im Juli 1497 mit den andern Kapitänen in der Kapelle Unserer Lieben Frauen zur Anrufung von Bethlehem gehalten und von der Correa wohl vage Kenntnis gehabt hat, wird im Grunde müssig und wie die

[1] *Document inédit concernant Vasco da Gama* ed. H. Harrisse, Paris, 1889, S. 25 ff.

nochmalige Verabschiedung durch den König Doublette. Was die weltgeschichtlichen Ereignisse der Folgezeit selbst betrifft, so sieht der Chronist Gottes Hand sichtbar in dem grossen Geschehen walten, dessen Zeuge er, noch blutjung, in Indien wird; und je schärfer mit den Jahren «unter dem Golde das Eisen», unter der glänzenden Aussenseite die schweren inneren Schäden zu Tage treten, an denen die portugiesische Herrschaft in Indien krankt, desto verklärter sieht er ihre Anfänge, die Entdeckung und Begründung dieses Kolonialreiches durch das Heldentum der Gama, Almeida, Albuquerque. Gott selber hat sie gewollt und den König Manuel zum Werkzeug seines Willens gemacht; sein Sphärenwappen weist auf die Weltherrschaft voraus, in den Sternen liest sein kundiger Astrolog [1], zu wie Grossem der Herr ihn bestimmt hat, verkündet, dass zwei Brüder ihm Indien entdecken werden; eine Art göttlicher Eingebung, plötzlicher Erleuchtung zeigt ihm den an erster Stelle Berufenen, und die Gott und den Menschen wohlgefällige wechselseitige Liebe der «guten Brüder», die bereitwillige Hingabe an den König zeugt für ihre Berufung. Dumpfes Ahnen aber, dass grosse Dinge sich vorbereiten, regt sich auch in der fernen Heidenwelt. Uralte malabarische Weissagung verkündet, ganz Indien werde einst von einem König aus weiter Ferne erobert und beherrscht werden; weiss werde sein Kriegsvolk sein und denen viel Unheil zufügen, die nicht seine Freunde seien. Als nun das Entdeckungsgeschwader an der Küste Indiens erscheint [2], befragt der König von Cananor seine Zauberer und Seher und diesen eröffnen ihre Dämonen, dass die Zeit erfüllt ist [3].

Der Herr selbst hat Vasco da Gama zum Vollstrecker seines hei-

---

[1] Ob der grosse Mathematiker und Astronom Abraham Zacuto im Juli oder selbst März 1497 überhaupt noch in Portugal war, ist zweifelhaft. Das Dekret D. Manuels, das die Juden des Landes verwies, ist am 5. Dezember 1496 ergangen und er hat Portugal daraufhin verlassen; dass er noch 1502 nach der Rückkehr des João da Nova im Lande gewesen sein sollte, wie Correa will, hat sehr wenig Wahrscheinlichkeit. Jedenfalls ist die Rolle als Urheber des Gedankens der Entdeckungsfahrt, die dieser ihm zuweist, gänzlich unhistorisch.

[2] *Lendas*, Bd. I, S. 69.

[3] Ein derartiger Glaube kann an der Malabarküste sehr wohl verbreitet gewesen sein und mit den Handelsfahrten der Chinesen zusammenhängen, deren Dschunken bis zum Sturze der Thangdynastie (878 n. Chr.) und dann wieder in der Zeit der Mongolenkaiser Chinas im 13. und 14. Jahrhundert die Gestade des Indischen Ozeans besuchten, — Correa selbst lässt ihn von den Beratern des indischen Fürsten zu einem 400 Jahre vorher erfolgten massenhaften Auftreten von Malayen, Chinesen und Leuten der Liu-Kiu- Inseln in Beziehung setzen — und da der Chronist nach seinem eigenen Zeugnis bei Muhamedanern und Heiden in Cananor Erkundigungen eingezogen hat, mag seine Information daher stammen.

ligen Willens bestimmt und so schreitet er, vom Tod in hundert Gestalten umringt, unerschüttert, wo alles um ihn her verzagt, durch jede Not und Gefahr hindurch; seine Sache ist auf Gott gestellt, nicht auf die unsicheren und unzulänglichen Hilfsmittel menschlicher Wissenschaft und Erfindung. Und mit ihm halten in Wogendrang, Sturm und Finsternis auch die erwählten Helfer, der Bruder und der Freund, furchtlos an dem grossen Vorhaben fest; die drei weichen weder dem Jammer der Mannschaft noch der drohenden Auflehnung, und als überlegenes Piloten- und Meisterwissen es als unausführbar durchkreuzen will, da wirft Vasco da Gama die nautischen Instrumente und die Seekarten ins Meer und setzt an die Stelle der im Toben der Elemente machtlosen Steuermannskunst die unbedingte Sicherheit eines blinden Gottvertrauens. So macht er die Fahrt zur Entdeckung eines Landes, «das nur wie im Traum genannt wurde», nach Correas Wort «mit geschlossenen Augen, ohne irgendwelche Unterweisung und Wissenschaft, nur was unserem Herrn gefiel ihm zu zeigen». Es entspricht dieser Grundidee der Darstellung und lässt sie noch schärfer hervortreten, dass in den «Lendas» von Gonçalo de Pavia und Pero de Covilhã bei Gamas Ausfahrt noch keinerlei Kunde Portugal erreicht und Janinfante das Südkap von Afrika noch nicht gefunden hat. Von Steuerleuten und Pilotenkunst hat Vasco da Gama, wenn richtig sein sollte, was die «Lendas» an anderer Stelle [1] über eine Äusserung von ihm gegenüber Diogo Botelho erzählen, ziemlich gering gedacht — «was ein rechter Pilot ist», sagt er da, «hat allemal Grössenwahn» [2] —, aber dass er als verantwortlicher Geschwaderkommandant auf grosser Fahrt in unbekannten Meeren und Himmelsstrichen sich selbst in dieser Weise der nautischen Hilfsmittel beraubt haben soll, ist eine Ungeheuerlichkeit, die nur aus der gesamten Tendenz von Correas Darstellung zu erklären ist. Von geplanter Meuterei und Festnahme seines Steuermanns und Schiffsmeisters wusste die Überlieferung, wie die Stellen bei Ca Masser (1506) und Osorio (1571) beweisen, *dieser* Zug dagegen ist Correa allein eigen.

Ein gleiches gilt von der Gestalt des Mauren Davane-Taibô: keiner der anderen Berichte hat etwas ihr Entsprechendes. Der Name Taibô, dessen angebliche Entstehung Correa in den «Lendas» erzählt [3], scheint auf ursprüngliche Identität mit dem einen der zwei «Genuesisch und Kastilianisch» sprechenden Mauren von Tunis hin-

---

[1] Bd. III, S. 662.

[2] todolos homens que são muyto pilotos tem fantesias de doudos.

[3] Bd. I, S. 60.

zuweisen, die der von Vasco da Gama nach der Ankunft in Calicut an Land geschickte Verbannte in der Stadt trifft. Der Verfasser des «Roteiro» nennt dessen Namen nicht, bei den Historikern aber heisst er Monçaide, und Castanheda erzählt [1], dass er mit Verderbnis des Namens — vielleicht durch den Seemannshumor — von allen Teilnehmern der Entdeckungsfahrt Bomtaibo genannt worden sei, was als «der gute Taibô» dann leicht gedeutet werden konnte. Die Überlieferung Castanhedas hat eine gewisse Wahrscheinlichkeit. Trifft sie zu, so wäre etwa anzunehmen, dass Correa aus mündlicher Überlieferung von einem Bomtaibo unbestimmte Kunde erhalten hatte, dass bei der grossen Zahl von Negersklaven, die in Indien von den Portugiesen gehalten wurden, er selbst oder ein anderer auf ein Wort einer afrikanischen Negersprache aufmerksam geworden war, das «taibô» oder ähnlich lautete und die Bedeutung «gut» hatte, und dass aus dieser sprachlichen Entdeckung das Geschichtchen von der Entstehung des Namens erst herausgesponnen ist. Die eigentliche Schwierigkeit liegt nur darin, dass die dem Monçaide-Bomtaibo der anderen Chronisten entsprechende Figur bei Correa ein zum Islam übergetretener Kastilianer aus Sevilla mit Namen Alonso Perez ist [2], dass wir also wiederum bei ihm eine auf verschiedene Quellen zurückgehende Doublette vor uns haben. Was von Alonso Perez erzählt wird, ist, wenn man von der romantischen Ausgestaltung der «Lendas» absieht, mit dem, was die andern Chronisten berichten, im grossen und ganzen vereinbar, nur dass er nicht am Schluss auf die Schiffe flüchtet und mit nach Portugal geht, sondern mit einem Empfehlungsbrief an künftige portugiesische Indienfahrer in Calicut bleibt; dagegen fehlt bei Castanheda, Goes und Barros wie im «Roteiro» für Davane-Taibô jede Parallele und die ganze Person hat im Rahmen der Entdeckungsfahrt, wie die guten Quellen sie darstellen, keinen Raum. Noch hat Vasco da Gama das Gebiet der arabischen Kultur in Ostafrika nicht erreicht, noch liegt das goldreiche Sofala ein paar Tagereisen vor ihm, da spielt schon ein glücklicher Zufall ihm den Makler von Cambaya, den Kenner aller Verhältnisse des Ostens, in die Hände. Die Gefangennahme eines solchen Mannes wäre in diesem Augenblick für die Entdecker ein Ereignis von unübersehbarer Bedeutung gewesen, das sich auf den drei Schiffen, die bisher nur kulturarme Neger, Buschmänner und Hottentotten an der afrikanischen Küste gefunden hatten, wie ein Lauffeuer hätte verbreiten müssen; man vergleiche doch nur den Eindruck, den in Moçambique die

[1] a. a. O., l. I, c. XV.

[2] a. a. O., S. 79 ff. und 113.

Erzählungen von dem Reichtum Indiens auf den Schiffen machen: «Und dies und noch vieles andere erzählten selbige Mauren, worüber wir so glücklich waren, dass wir vor Freude weinten und Gott baten, es möge ihm gefallen uns Gesundheit zu geben, auf dass wir sähen, was wir alle wünschten»! Und da soll von der viel früheren Gefangennahme eines Davane der Verfasser des «Roteiro», der gewissenhafte und genaue Berichterstatter, völlig schweigen? Der «Strom der Guten Vorbedeutungen» erhält seinen Namen, bloss weil ein junger Neger aus einem fernen Land, wie man ihnen durch Zeichen zu verstehen gibt, schon Schiffe von der Grösse der ihrigen gesehen hat, und von der Erbeutung der ersten arabischen Sambuke sollte im «Roteiro» nichts verlauten? Das ist undenkbar. In Moçambique ist nach dem, was der «Roteiro» berichtet, für die angebliche Vermittler- und Warnerrolle Davanes keinerlei Raum: an dem Tage, wo man in den Hafen einfährt, besucht der Scheich Nicolao Coelho und sie wechseln Gaben von geringem Wert; dann kommt der muhamedanische Stadtherr mehrfach auf das Admiralschiff und erhält dort Geschenke, die ihn wenig befriedigen. Von einer Gesandtschaft, die ihm an Land solche überbracht hätte, ist mit keinem Wort die Rede. Ob die neuen Ankömmlinge Türken seien oder aus einem andern Teil der muhamedanischen Welt, diese Frage wird an Bord verhandelt, nicht in einer Audienz Davanes bei dem Scheich, u. s. w. Davanes angebliche Tätigkeit in Melinde widerspricht vollends dem, was der «Roteiro» berichtet, und nicht anders ist es in Calicut. An die Stelle des Verbannten, der mit den indischen Booten an Land geht, zu den zwei Mauren von Tunis gebracht wird und mit ihnen das köstliche Gespräch führt, tritt der über alles unterrichtete langweilige Davane, der korrekt alsbald dem indischen Herrscher die Ankunft der Fremdlinge meldet. Auch das steht im Widerspruch zum Berichte des «Roteiro», demzufolge Gama nach dem Besuch Monçaides auf den Schiffen «zwei Leute», also wohl Portugiesen, nach dem Ort absendet, wo der Samorin sich aufhält, und ihm sagen lässt, dass ein Gesandter des Königs von Portugal dasei und ihm Briefe seines Herrn zu übergeben habe. Bei den wunderlichen Handelsgeschäften, die Gama nach den «Lendas» mit den Beamten des Samorin macht und in denen er sich so sanftmütig und friedselig betrügen lässt und noch tut, als ob er nichts merke, bleibt für den geschäftsgewandten Makler schon kaum mehr eine Verwendungsmöglichkeit, die Rolle aber, die ihm Correa zuteilt, kann schon deshalb der Wirklichkeit nicht entsprechen, weil mit Beamten des indischen Herrschers gar keine Geschäfte gemacht worden sind und die muhamedanischen Handelsherrn Kauf und Verkauf von Waren durch die

Portugiesen nach Kräften hinderten, so dass der Umsatz höchst unbedeutend war, was auch Zeineddin in der oben angeführten Stelle bestätigt. In Cananor, wohin Gama auf der Entdeckungsfahrt gar nicht gekommen ist, verabschiedet sich Davane reich beschenkt von den Portugiesen, in Cananor stellt er sich als ihr Freund 1500 dem Pedralvares Cabral bei dessen erstem Besuch in der Stadt zur Verfügung, verhandelt im geheimen Auftrag desselben mit dem Samorin und begleitet die Flotte nach Calicut, wo er keine Rolle mehr spielt; nur beiläufig erwähnt Correa später, dass er bei dem grossen Portugiesenmordé daselbst mit dem Faktor Ayres Correa getötet worden sei. Da nun der von Correa mit allen Einzelheiten geschilderte erste Besuch Cabrals in Cananor gar nicht stattgefunden hat, bleibt auch für Davanes Vermittlungsversuch von dort aus keine Möglichkeit und alles drängt zu der Annahme, dass er als handelnde Person wie Lisuarte Pacheco ein Geschöpf der Phantasie Correas ist, mit der Wirklichkeit nur durch den Namen Taibô-Bomtaibo zusammenhängend.

Die Absicht aber, mit der ihn der Autor in die «Lendas» eingeführt hat, lässt sich unschwer erraten. Vasco da Gama, den der Herr sich als Werkzeug zur Verwirklichung seines göttlichen Heilszweckes auserlesen, hat in siegreichem Gottvertrauen die Anfechtungen alle bestanden, die die Wut der Elemente und der Kleinmut der Menschen ihm bereitet haben; nun schickt er ihm an der Schwelle des gesitteten Morgenlandes den Mann, der dem Entdecker in den fremden Verhältnissen des fernen Ostens die Wege zu ebnen bestimmt ist. Er bedient sich dabei einerseits des natürlichen Triebes der Gewinnsucht, anderseits lenkt er den sittlichen Willen Davanes in die Richtung seiner Heilszwecke: «Als der Maure (es gefiel Gott ihm Wahrhaftigkeit gegen die Unsern ins Herz zu legen) die Fragen sah, die der Scheich an ihn gestellt hatte, und noch viele andere, begriff er sogleich, dass es auf Verrat an den Unsern abgesehen war; wenn es aber dazu käme, dass er die Schiffe kaperte und die Unseren gefangennähme, würde er das Gute verlieren, das er von den Unsern erhoffte für die guten Dienste, die er gewillt war ihnen zu erweisen; und in diesem Gedanken, und weil unser Herr es wollte, beschloss er in seinem Herzen an den Unsern mit voller Wahrhaftigkeit zu handeln wie an eigenen Brüdern». Die Betonung dieses unmittelbaren Eingreifens Gottes ist echt legendenmässig.

Nicht nur höchst irdische Triebe der Menschenbrust, auch Gott sonst widerstrebende dämonische Kräfte müssen in den Dienst seines grossen Heilswerkes treten. Als die Kunde von der Ankunft des Entdeckungsgeschwaders durch die ostafrikanischen Häfen ging, hat der Stadtherr von Melinde einen Zauberer (feiticeiro) befragt und

der unreine Mund hat ihm geweissagt, dass den Portugiesen die Herrschaft über ganz Indien bestimmt sei, und ihm geraten mit ihnen Frieden und Freundschaft zu schliessen; denn diese erste Freundschaft werde für immer dauern und ihn vor viel Unheil bewahren, das von dieser Seite sonst drohe. Danach handelt dann der Scheich. Ein ähnliches Motiv aus Cananor ist oben bereits behandelt.

Dass die Helden des gottgewollten Unternehmens bei seiner Durchführung alle christlichen Tugenden bewähren, entspricht völlig dem Geiste dieser legendenhaften Darstellung. «Siehe, wie fein und lieblich ist es, dass Brüder einträchtig beieinander wohnen» — als ob er das schöne Wort des Psalmisten an ihnen illustrieren wolle, wirkt Correas Darstellung der «guten Brüder». Und wie voll Vertrauens und guten Willens tritt dieser Vasco da Gama den Menschen gegenüber, wird an ihnen nicht irre durch den Verrat, der fast überall um ihn lauert! Wenn der Scheich von Melinde ihm seinen vornehmsten Priester (caciz) als Geisel sendet, schickt er diesen zurück, ohne doch bisher irgendwelche greifbare Bürgschaft für die guten Absichten des arabischen Fürsten zu haben, und lässt ihm sagen, «sein gutes Herz genüge; damit sei jede Sicherheit gegeben». Nicht genug damit, gibt er auch seine Gefangenen, selbst den in Ketten gelegten Lotsen von Moçambique, frei und lässt die erbeutete Sambuke mit aller Habe ihres Herrn von seinem Boot an Land schleppen und Menschen und Schiff zur Verfügung des Scheichs stellen. Die Befreiten aber erheben dankbar ihre Hände zum Gebet und rufen ihm, gerührt von so viel Edelmut, zu: «Gott im Himmel wolle Dir Gutes tun und Deinen Gefährten allen und Dich gesund und wohlbehalten heimkehren lassen!», von seinem Schiff aber antwortet die Mannschaft: «Amen, Amen, gute und glückliche Reise gib uns, Herr, nach Deiner Barmherzigkeit!» Wie besorgt ist dieser Gama dem unbegrenzt freigebigen Scheich, der immer wieder Erfrischungen auf die Schiffe sendet, keine zu grossen Kosten zu verursachen! Wie gütig gegen die Armen, wenn er bei der Ankunft vor Calicut die sechs Inder, die ihm Brennholz an Bord zum Verkauf angeboten haben und, weil er es nicht brauchen kann, abgewiesen worden sind, noch einmal zurückrufen lässt, jedem 20 Real schenkt und dem guten Davane, der sich darüber wundert, zur Antwort gibt: «Es sind arme Leute und sie kommen um zu verkaufen; und weil man ihnen nichts abgekauft hat, sind sie missvergnügt umgekehrt; ihre Arbeit soll nicht umsonst gewesen sein». Die christliche Tugend der Geduld zu üben gibt ihm die Tücke und Bosheit der Muhamedaner und des mit ihnen verbündeten Catual und Gozil in Calicut reichlich Gelegenheit und er besteht auch diese Probe, getreu der Mahnung des

Alonso Perez: «Sofrir y callar», «dulden und schweigen!» So ist der Führer, so sein Bruder und der treue Freund beider, Nicolao Coelho.

Soviel sittliche Vollkommenheit muss notwendig auf empfängliche Gemüter tiefen Eindruck machen. Diese Wirkung spürt der Kastilianer Alonso Perez, als er, bisher ein Werkzeug der Muhamedaner von Calicut, in der Kajüte des Admiralschiffs Auge in Auge allein den drei Kapitänen gegenübersteht. Da kommt der Geist Gottes über den einstigen Christen (por Deos inspirado) und er spricht zu ihnen: ««Ihr Herren Kapitäne, erwäget wohl, was ich euch sage! Als ich dies Schiff betrat, trug ich Verrat gegen euch im Herzen, wie ich euch erzählen will; aber da ich die Kajüte hier betrete, befiehlt Gott meinem Herzen, dass ich euch die Wahrheit sage». Die einflussreichen maurischen Kaufherren dieser Stadt sind aus Glaubenshass und Handelsneid darauf bedacht euch aus Indien zu verjagen und wollen euch im Einverständnis mit den höchsten Beamten beim Samorin soviel als möglich anschwärzen und euch Schaden zufügen. Und da ich aus Christenlanden stamme, meinten sie, dass ich besser als irgend jemand euch täuschen und verraten könne, und darum versprechen sie mir reichen Lohn, dass ich heuchlerisch mich in eure Freundschaft einschleichen und ihnen eure Geheimnisse verraten soll. In dieser Absicht habe ich eure Leute in meinem Haus aufgenommen; ich wollte mir damit Eintritt bei euch verschaffen; «aber beim Betreten dieser Kajüte hier, in der ich stehe, ist mein Herz voll Gottesfurcht, die mich mahnt recht zu tun»».

Dass in solchem Kampfe von Wahrheit, Liebe und Glauben gegen Lüge, Hass und Verrat das Gute zuletzt siegreich bleiben muss, ist eine sittliche Forderung des naiven, schlichten Gemüts und es entspricht der legendenhaften Gesamthaltung des Correaschen Berichtes, wenn nach allen Irrungen und Wirrungen in Calicut der Samorin Gama mitteilen lässt, dass man ihn getäuscht, dass er das Geschehene tief bedaure, den Schuldigen gefangen gesetzt habe und hart bestrafen werde, und ihn inständig bitten lässt in den Hafen zurückzukehren, den er bereits verlassen hat: er werde ihm volle Ladung für seine Schiffe und alles Geraubte zurückgeben. Für die Enttäuschungen aber, die sie in Calicut erlebt haben, bietet nun der glänzende Empfang in Cananor, wohin Gama auf dieser Reise gar nicht gekommen ist, und der Abschluss eines Friedens- und Freundschaftsvertrags mit dem Raja den Entdeckern reiche Entschädigung. Und damit der kriegerische Klang, auf die künftige Eroberung vordeutend, nicht ganz fehlt — bisher hat das Schiffsgeschütz nur zum Salutschiessen gedient —, wird aus der völlig unblutigen Zerstörung der acht

beim Angriff der Portugiesen von der Mannschaft auf Strand gesetzten und verlassenen Schiffe von Calicut ein erfolgreicher Überfall auf die Fusten des Ādil Schāh von Goa, die der Jude von Granada (Gaspar da Gama) in der Nähe von Angediva bereitgestellt hat um die Portugiesen zu überfallen. Die Fusten werden vernichtet und ausser dem Juden entrinnt von der Besatzung keiner dem Tode.

Das ist der Charakter des Berichtes, den Frederico Diniz d'Ayalla als «die genaue und treue Erzählung des ausserordentlichen Ereignisses» eingeschätzt wissen will. Dass dieser Bericht trotz João Figueira in Wahrheit mehr Legende ist, wird kaum zu bezweifeln sein. Auf den Titel «Indische *Legenden*» soll dabei nicht das entscheidende Gewicht gelegt werden — als «lendas» bezeichnet Correa im Vorwort zum dritten Buch seines Werkes u. a. auch Ruy de Pinas Chroniken der portugiesischen Könige — wohl aber hat der Chronist, als er die Entdeckungsfahrt beschrieb, in naiver Weise die Grenzen von Legende und Geschichte verwischt und ein wunderliches Gewebe von Wahrheit und Dichtung geschaffen, subjektiv durchaus ehrlich: er sah die Dinge in dieser Beleuchtung. Wissenschaftliche Bildung besass er nicht; in seinen religiösen Anschauungen bis herab zum kindlichsten Wunder -und Aberglauben war er ein Kind seiner Zeit und Umgebung. Seinen Stoff schöpfte er z. T. aus mündlicher Überlieferung, Geschichten, die von Mund zu Munde gehend trotz einer gewissen Gleichartigkeit der Grundlinien naturgemäss in Motivierung und ausschmückendem Detail doch mannigfach von einander abweichen mochten und eine Gestaltung im Geiste volkstümlicher Legende teilweise vielleicht schon gefunden hatten. Ihm selbst lag die Lust am Fabulieren im Blute und so kam jenes Mittelding zwischen Legende und Geschichte heraus, wie es in der Darstellung von Vasco da Gamas Entdeckungsfahrt vor uns liegt. Es fehlen ihr die festen historischen Züge in der Gestaltung des äusseren Geschehens, die scharfe Ausprägung in der Charakteristik der handelnden Personen, die mehr unpersönliche, fromme Werkzeuge eines göttlichen Weltplans als lebendige Individualitäten, tatenfrohe Menschen sind und durch die langen und salbungsvollen Reden, die ihnen ihr Autor bei jeder Gelegenheit in den Mund legt, nicht erträglicher werden. Als Geschichtsquelle für die Entdeckungsfahrt kommen die «Lendas» so gut wie gar nicht in Betracht (sie sind auch für die Reisen der nächstfolgenden Jahre nur mit äusserster Vorsicht zu benutzen), es bleibt vielmehr bei der von Ayalla so temperamentvoll angefochtenen Ansicht Teixeiras de Aragão: der «Roteiro» ist für die Reise der Jahre 1497-1499 in der Tat die «fonte historica inilludivel».

Aus der Valentin-Ferdinand-Handschrift der Bayerischen Staatsbibliothek in München

Cod. Hisp. 27

Stücke der Beschreibung der Negerländer südlich des Gambia (f. 104r–139v) aus der «Descripçam de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia pellos nomens modernos proseguindo as vezes algumas cousas do sartão da terra firme. Scripto no anno de 1507» (f. 1 und 45–140).

Von f. 115r an ist der Text vollständig gegeben.

(Als f. 104 wird in der Handschrift ein eingeklebtes schmales, langes und flüchtig geschriebenes Blatt gezählt, das die Geschichte der Entdeckung des Gambia enthält).

f. 104r.

Gambia

Anno 1455. foy descuberto ho ryo de gambia por... (Raum für den fehlenden Namen) criado do Iffante seendo com elle dous mercadores cada huum com sua caravella. s. huum genoves chamado antoniotto / e o veneziano chamado luyz de mosto / Entrarom neste ryo e surgirom e mandarom dous bates sondando pello ryo arriba e acharom 16 braças / e como virom que este ryo se partio em muytos braços e a terra era chea darvores e terra muy fremosa determinarom de tornar / E hindo para os navios sayromlhes .3. almadias com obra de .3o. homens negros / e hiam nom longe delles ata huum tyro de besta dos navios onde ficarom e esteverom acerca duas horas olhando a gente e os navios /

Outro dia sayrom a elles 22 almadias grandes / e podiam haver nellas 200 (2 nicht ganz deutlich) negros / e de fremosos corpos / oulhando para os christãos como espantados vestidos de camisas brancas dalgodom e na cabeça carapuças brancas com orelhas e huma pena dave no meo della. como homens de guerra E em cada proa das almadias estava huum negro em pee com huma adarga redonda no braço que pareçia de coyro / E assi estavam grande pedaço oulhando sem fazer nada huuns a outros E chegarom mais para os navios alçarom os remos e começarom a servir com frechas / E os nossos tirarom bombardas / de que os negros estremeçerom e abaixarom os arcos oulhando de huum cabo para outro e virom as pedras cayr no mar sem lhes empeçer / tornarom outra vez valentemente a tyrar / E huum christão com huma seeta matou logo huum negro / e por ysso nom leixarom rijamente de tyrar E os christãos tyrarom rijamente e lhes matarom muytos negros pello qual ouverom por partido de se tornar / E como começarom a fugir mandarom bradar ao negro trusimam que em a caravella levavam que viesse huma almadia a falla com elles / E chegou huma almadia / E lhes mandarom dizer que nom vinham

f. 104v.

para lhes fazer guerra se nom para tractar com elles e aver paz como com os de çanaga e que traziam presente para seu rey quẽ lhe mandava elrey de portugal / Responderom que bem sabiam como tractarom em çanaga e que os christãos comiam carne de homens / e que todos espravos que elles compravam que os levavam para comer / E por ysso nom querriam amizade dos nossos mas que querriam

matar a todos e fazer delles presente a seu rey que estava .3. jornadas dy / E serviromlhes com frechas / Começou a refrescar ho vento virarom sobre elles e os negros fugiram para a terra

Nesta terra nom amanheçe o sol com nuveens e scoridões se nom limpo e em mea hora o sol pareçe sobre a terra /

1456

Ryo de gambia tem huma ylha onde enterrarom huum marinheyro que se finara de febres e chamarom a ylha ylha de santo andre /

E este anno ouverom falla com os negros e amizades

O senhor de gambia he vasallo delrey ou emperador melly

forom por este ryo 15 legoas ate elrey batimansa / . E mandarom o trusimam ao dito senhor batimansa mandandolhe huma marlota de seda em presente fazendolhe saber damizade / E se ouvese mester alguma cousa da terra dos christãos que cada anno elrey de portugal lhe mandaria / e ouverom grande amizade com elle e resgatarom delle scravos e alguum pouco de ouro / E ainda que o prezavam ouveromno de barato a respecto do troco / E nos 15 dias que hy estiverom vierom muytas almadias para as caravellas com algodom fiado e anees doro e pannos dalgodom de muytas feyções e coores / E muytos gatos meymões / baboynos de muytas sortes / algalia / e gatos dalgalia E davam cousa de valia de huum cruzado por alguma cousa valia de huum real

f. 108r.

....

por toda a terra de mandinga ha huuns senhores grandes que chamam foroes que he huum officio ou dignidade amtre elles / como aca o corregedor ou governador delrey / E este tal he muy acatado antre elles / .....

f. 109r.

.....

Ha muytos nesta terra (de mandinga) que tem a secta de maffoma e assy andam muytos bisserijns que som clerigos mouros por esta terra que ensynam sua ffé a esta gente

E toda outra gente som ydolatras do modo e maneyra de gyloffos como se disse / .

Todos os mandingas e gyloffos som affanados como se disse E se affanam desta maneyra .s. A cabo que o moço tem .14. ou .15. annos ajuntam muytos delles como .15. ou 20 delles e os leva comsigo huum velho seu bisserijm a huum mato com a luna nova fora da povoraçam E despois de ter affanados os moços se torna o velho para o lugar / e os moços ham de ficar no mato ata que vejam outra luna nova que he huum mes ham destar fora da povoraçam E seos parentes lhes levam de comer e lhes põoem a huum cabo / E elles estam escondidos com aquella vergonha / E o outro hido vam pello comer E quando se achegua para aluna nova que ham de tornar estes moços para o povorado Emtam seos pays matam vacas e cabras E lhes fazem grandes festas com danças e cantares / .

f. 109v.

... .

Os vestidos dos homens e molheres como dos gyloffos com bragas que chamam magalhõoes os homens E as molheres dellas com huum panno estreyto de quatro dedos.....

f. 111v.

.....

Ha nesta terra humas aves grandes que elles chamam bugam que quer dizer por nosso lingoagem feyticeyro /.....

f. 112v.

.....

Ha huma arvore em mandinga que da huum fruito tam grande como mançãas / a qual pisam e cosem / E fazem delle azeite branco para se untarem e nom para comerem.

Ha hy outra fruita que pareçe mançãas bayonezes e he doçe E dentro tem huum grande coroço E dentro no coroço tem carne tam grande como amendoa e he muy gostoso para comer / mas embebeda quem muyto come delle e lhe chamam mansacomba /

Ha hy outro fruito tam grande como almeixas brancas de portugal / E chamam elles este fruito malep / E tem huma pontesinha dazedo porem som muyto bõos para o fastio.....

f. 113r.

.....

Coco por seu lingoagem. he huma rays redonda como çebolla / as folhas tem da feyçam de adargua em grandura e anchura / Comendoo cruu amarga como pepino de sam gregorio ..

Outra arvore ha em mandinga como enzyna (=azinha?) e da fruito tam grande como pessigos E dura todo anno e sempre da fruito / Esta fruyta elles chamam mabijs / E nos mensatagens / E desta fruita tambem fazem vinho E tem sabor de mançãas bayonezes .....

f. 114v.

.....

Todo que se disse ata aqui commummente se husa nos barbacijs e gyloffas e mandingas e tucuroes /

E som estas quatro regiões cada huma com seu lingoagem / E esto se entendo (sic: lies «entenda») da costa do mar como sertão / .

f. 115r

Ryo de casa mansa he huum ryo de muyto resgate / E vam os navios por este ryo açyma ata .18. legoas E alli he ho regno que he chamado casa mansa por onde ho ryo toma seu nome / E neste regno ha gente mesturada de todas gerações como mandingas / falupes e balangas etc / .

Os moradores deste regno commummente todos som teçelães E fazem pannos de muytas maneyras e de coores /

E aqui vem os christãos a resgatar seu algodom por pannos

Elrey deste regno he da geraçam mandinga e a mais da sua gente E se chama casa mansa seu rey / E he grande senhor de muyto oro e de muytas molheres

Em casa deste rey ha muytos christãos portugueses estantes mercadores que tractam com aquelles negros

Esta terra he muyto abastada de todollos mantijmentos e vinhos /

Ha aqui muytas gatas dalgalia / .

f. 115v unbeschrieben.

f. 116r.

A boca do ryo de casa mansa passa de duas legoas em largo E tem huuns baixos que saem em derrador da boca / e saem bem quatro legoas ao mar E he muyto povorado este ryo

E logo na entrada deste ryo para banda do norte a çinco legoas por elle açima faz huum braço pello qual vam os navios ata 20 legoas E vayse meter este braço no ryo de sam pedro /

Em este braço habitam huuns povoos ou geraçam que se chamam balangas

Esta terra he de muytos mantijmentos .s. de arroz e milho e feyzões / vacas e cabras galinhas e capões e muytos vinhos dos seos e he muyto abastada de todo /

Os homens desta terra e assi as molheres della som muy dispostos e de bõo gesto

f. 116v.

Os vestidos dos homens sem verem hospedes som pelles de cabras cortidas do cabello em torno da vergonha .s. cingem as pernas trazeras das pelles emderrador de sy E metem acabella da pelle amte as pernas arriba atada que parecem bragas / E os pees dianteyros da pelle penduram de tras das suas pernas e as cortam e fazem xeraffos nelles assi que pareçe muy bem / E quando vam algures vestes (sic: lies «vestem») sobre as pelles huma camisa dalgodom curta sem mangas

As molheres trazem huum panno dalgodom emderrador do cuu ata mea perna /

Elrey desta gente de balangas he homem triste e prove e vive por seu lavor como cada huum dos outros /

Estes balanguas todos som affanados porem som ydolatras e adoram huum pao .s. matam huma galinha e ha põem em huum pao aa sua porta e ha leixa podreçer nelle E tal pao adoram e lhe fazem reverencia e acatamento e sua oraçam /

f. 117r.

As casas dos balangas som assy como as delos (sic) mandingas / .

Suas armas som arcos e frechas /

E os que nom trazem arcos trazem quatro ou çinco azagayas / e broquel ou de verga ou de coyro / E os que nom tem azagayas trazem huuns paos tostados no fogo

Ha aqui muyto azeyte de palma /

E muyto azeyte daquelle amargos que se disse que se nom come e ha aqui mais que em outra parte alguma / ho qual antre elles he bona mercadoria e he muyto stimada para se untarem /

Ha aqui muytos aliffantes e buffaros bravos e gatos de rabos e lagartos grandes e outras animalias e aves que se dixe

f. 117v.

Açyma deste braço por este ryo arriba / esta outro braço que vay para o sul e vam navios por elle huma legoa porque nom querem mais hyr /

Em este braço deste ryo de casa mansa moram huuns povoos ou geraçam chamados falupos

Esta terra he muyto abastada de todo mantijmento como a outra dos balangas E assy mesmo ho seu vestir e adorar e comer

Os falupos som grandes guerreyros e de todollos comarcãos som muyto temidos

Elles tem muy grandes almadias e todas de huum pao tam grandes em que remam 5o e 6o homens.

f. 118r.

Elrey desta terra ho presente he homem mal asisado / E assi trazem de custume que sempre ho senhor daquella terra he assy.

Chamam a este rey mansa falup por bem da terra que se chama folup (sic) e mansa quer dizer rey /

Esta gente de quanto cria assi das vacas como doutras animalias e vinhos e azeites de todo dam ho quarto a seu rey / E nenhuum rey de toda ethiopia he tam bem pagado do seu tributo como este E esto por ser muy cruel e muy temido /

A casa delrey esta çercada de estacas de paos de maneyra de barbacãa E çinco destas cercas tem em volta E assy ham dentrar e nom direyto / E dentro de todo tem sua praça onde elle esta assentado / E esta casa tem derrador de sy huum esteyro dagoa e he muy forte casa /

Este rey nom come se nom atarde porem des da manhãa atee noyte sempre esta huum cabaz a par delle de vinho de palma e scassamente pode dizer tres palavras alça o cabaz e bebe /

E quando elle come estam as molheres suas / ou muytas outras do lugar assenta-

f. 118v.

das diante delle tangendo as palmadas e cantando porem a cantiga elle ha de começar / E elle comido ho que lhe fica ham de comer aquellas molheres ou quem la estiver logo presente elle /

Este rey estando em sua casa sempre tem duas ou tres azagayas de par de sy / E se alguum homem lhe faz cousa que lhe nom contente arremessalhe huma azagaya / E despois ha tyra delle e esta açima delle e diz Estaa quedo e nom bulas nom me quebres aazagaya E assi chenta aazagaya nelle ata que fica morto /

E qualquer outro que lhe faz alguma cousa de descontentamento logo lhe faz deçepar os pees e mãos /

Anno de .15oo. este rey mansa folup (sic) tinha huma irmãa e lhe tinha furtado huum pouco de arroz e el rey mesmo por sua mão lhe tirou huum olho /

E no mesmo anno tres do seu linhagem tinham roubado em sua terra / Elrey mandou em pos elles e forom presos e mandouos levar diante sy / e logo em sua presença lhes mandou cortar ambas mãos e cada huma emcima do cotovello / e ambos os pees emçima do gyolho e ambos os olhos E despois lhes mandou cortar a cabeça / E sobre todo os mandou enforcar por debaixo do braço atados em huum pao pellos caminhos onde fizerom o maleficio / dizendo / as mãos fezerom o mal / os pees

que os levarom para ello e para fugir / os olhos por que ho virom E a cabeça do siso porque lhes nom contradisse / .

f. 119r.

Se alguum homem morre em a terra deste rey mansa folup todo o que tem fica para el rey e assi as molheres do morto / E se ficam filhos deste morto elrey lhes empresta cousa da fazenda como vacas e outras cousas de que se podem aproveytar / porem quando elle quer lho torna tomar.

E se alguum homem da sua terra ou dos seos vasallos va morar fora do seu senhorio e morre la onde quer que esta / Este rey manda la pedir toda a fazenda que la fica / e lho dam logo todo sem alguma refferta porque todos o temem / .

f. 119v.

Cabo roxo he huum cabo pequeno E chamase assi por ter humas barreyras vermelhas / E he terra povorada de folupes / E muytas vezes com grandes agoas sae o mar vermelho /

Ha nesta terra todas as cousas como em as outras acima espritas. E muytas gatas de algalia / .

f. 120r.

Ryo de sam dominguos. he huum ryo que entram navios por elle emcima .60. legoas / a este ryo por seu lingoagem chamam Jaffada /

Os navios que vam tanto açima vam a resgatar cavallos / os quaes resgatam com huum Senhor que se chama farinbraço. E he mandinga e toda sua gente mandinga / E he ryo muy doentyo

Ha aqui todallas cousas como em mandinga /

Neste ryo para cima ha muyto mel e çera / .

Logo por este ryo por dentro se faz huum esteyro que vay para banda do norte ho qual se chama o esteyro de Jagara por bem da terra que se chama assy

O povoo desta terra se chama banhuus /

Ha nesta terra todallas cousas das terras sobreditas

para qui vem os navios das ilhas do cabo verde para fazer ho resgate do seu algodom para pannos assi como em casa mansa / E aqui estam christãos mercadores estantes

Ha aqui muyta algalia / .

f. 120v.

A gente desta terra he muy disposta e muyto dado (sic) para tractar em feyras E vam para muytos lugares onde se fazem feyras E assi mesmo vem para esta terra e suas feyras de outros lugares / .

Tem em custume nesta terra que de oyto em oyto dias se faz huma feyra / a qual quando em huma somana (sic) se faz em terça feyra outra somana se faz em segunda / E assi vem deminuendo (sic) por atras /

Esta feyra se faz çinco legoas do porto do mar E desta feyra ao ryo de casa mansa ha sete legoas pello ryo de dentro /

Vem a esta feyra muyta gente de .15. e .20. legoas em derrador / E ordenança delrey da terra he que nenguem (sic) emtra nesta feyra com armas E se alguem entra com ellas perde as /

Grande ordenança delrey he nesta feyra / assi que todallas mercadorias que aqui vem ter cada huma tem seu proprio lugar para ella deputado e nom mesturados / salvo em tempo que se faz ho vinho de mompatas da (sic) qual fruito ja se fez mençam Este vinho se vende por toda a feyra / e assi vinho de mel. porque os ou-

tros vinhos se vendem em seu lugar/. Vem a esta feira sete e oyto mil pessoas/. E trazem de todallas cousas para esta feyra que ha em suas terras para vender e assi daquellas que vem de portugal/.

E assi andam nesta feyra dous alcaydes delrey da terra, os quaes oulham que se nom faz nenhuma cousa maa a nenhuma pessoa de deffora que vem E esso mesmo vem a esta feyra muytos fidal-

f. 121.

gos homens e molheres sem terem que venderem salvo para beberem/ porque humas das principaes mercadorias que nella se guasta he o vinho/ A gente acustuma de vijr pella manhãa e assi como vem logo cada huum se vay põer em seu lugar/ E em dez horas adiante começam a vender e mercar/ e a tarde se acaba sua feyra/.

Ho rey desta terra se chama Jagara e he muy temido porque faz grande justiça/ E se alguem faz ho que nom deve/ logo elrey lhe manda cortar a cabeça e poer em huum paao pello caminho onde ha vejam/.

As moças virgeens trazem huum panno pequeno por de tras ho cuu coberto E por diante anda descoberto e nuu que lhe pareçe todo ata que he corrupta emtam cobre sua vergonha/

f. 121v.

Os banhuus adoram em huum pao a que chamam Hatschyna/ ho qual pao consagram desta maneyra/ Tomam huum pao forcado ho qual ha de ser cortado com machado novo/ E o cabo delle tambem ha de ser novo e que nenhuum destes haja servido em alguma cousa/ E emtam fazem huma cova no chão e tem alli huum cabaz de vinho de palma que levara tres ou quatro canadas/ E assi tem outro cabaz de azeyte que levara outro tanto E tem huma alcoffa darroz que seria huma quarta por pilar E tem alli huum cãao vivo/ E emtam deytam este vinho e o azeite e o arroz dentro nesta cova e matam ho cam com aquelle machadinho novo .s. fendemlhe acabeça e leixam correr toda a sangue do cam em a dita cova sobre o vinho azeite e arroz. E emtam lançam ho machadinho dentro E põem despois ho pao forcado de peralta sobre tudo esto E tapam ho muy bem com terra E emcyma daquella forca do pão (so statt de pao) que assi saae por cima da cova penduram humas hervas do mato/ E para fazer esta cerimonia som chamados os melhores velhos de toda a terra/ E emtam aparelham o dito cam com grande festa e o comem/ E este pao emtam adoram/ E he tam temido que qualquer homem que pouser alguma cousa junto com ella nenhuum lha ha de tomar nem tocar porque cuyda que logo ha de morrer/ E quando alguum faz alguma cousa que lhe querem dar juramento levamno

f. 122r.

ao dito pao onde ha de jurar/ E bem se guardam de jurar falso porque cuydam que logo ham de ser matados E juram assi por seu lingoagem/ Hatschina hor nom temrab que quer dizer/ Achina me mate deçendendo daquella palmeyra/ E esto porque todos subem as palmeyras para tirarem vinho E assi juram doutra maneyra dizendo/ cobra me mate/ ou lagarto etc E assi mesmo as molheres juram pello dito Hatschina/.

E se alguum negro traz alguma cousa para leixar no campo e quer que lhe nom furtem/ traz huum ramo de palmeyra e lhe fazem huum noo çego e chentam o dito ramo em terra junto com aquella cousa que assi leixam E nenhuma pessoa ha de tocar nella/.

f. 122v.

Em fronte deste esteyro deste ryo de sam domingos contra a banda do sul

esta huma terra que se chama catscheo E tem rey sobre sy / Hᵃ terra muy abastada como a outra E tem tambem feyra / e vaam aa feyra dos banhuus e os banhuus a estes e se prestam de grandes amizades / porem he lingoagem sobre sy E tem todas as ordenanças da sua ydolatria como os hanhuus (sic) E ha de huma terra a outra tres legoas por mar /

Ryo das ancoras he huum ryo pequeno na mesma terra dos cacheos / .

Esteyro de catherina

tem rey proprio e lingoagem propria E ha todas as cousas que ha na terra dos hanhuus (sic) e cacheos

tem mais algalia que todas as outras / .

(f. 123r und v kommt in der gebundenen Handschrift nicht vor, f. 124r aber trägt, anscheinend von Schmellers Hand, den Bleistiftvermerk: vide f. 339. Auf dem losen Blatt 339, von dem nur die eine Seite beschrieben ist, steht über der Nummer 339: cod. hisp. 27. f. 123. Zweifellos gehört das Blatt dem Inhalte nach an diese Stelle. Von f. 124r ist das obere Drittel freigelassen, am linken Rande neben dem ersten Absatz steht: «1456. foy descuberto»).

f. 339.

Ryo grande

1456. .3. caravellas .s. huum criado scudeyro do Iffante / e huum genoves antoniotto e huum veneziano luys de mosto descubrirom este ryo / surgirom aa boca do ryo e vierom ter a elles duas almadias tam longas como caravellas mas nom tam altas / huma dellas trazia 40 negros / e outra mais pequena 26. E vinham com grande pressa para os navios / os christãos de medo se poserom em armas / E elles alçaram huum panno branco em huum remo como homens que pediam seguro / e elles fizerom outro tanto / assi veo aalmadia grande e acostarse (sic) aa caravella e oulharom e maravilharomse dos navios e homens alvos como homens que nunca virom outros / e nom se entendiam os trusimanes com elles porem por cenos (sic) trocavam alguum ouro por cousa de pouca valia /

Ho creçer do mar nesta costa he de quatro horas / e o vazar de .8. e he grandissima corrente assi que .3. ancoras a proa assaz tinham que de teer / E as vezes a corrente lhes fez fazer vela por força nom com pequeno perijgo e era mor a corrente que as velas com o vento /

f. 124 .

Ryo grande / chamase assi por ser muy grande e de grande largura E ha na boca delle .8. ou 10 legoas E he ryo de grande força dagoa e de grandes correntes

Neste ryo ha ouro mas pouco E aquelle oro que tem trazemno do sertão da terra de mandimansa onde esta o emperador de todos estes reys e lhe servem muy prosperadamente (sic) /

Os negros desta costa levam para la sal com que resgatam ho dito oro / e escravos e arroz / porque na costa do mar nom tem oro / .

Ha neste ryo çinco ou seys reys que todos resgatam com christãos e mercam cavallos e outras cousas / .

Huum rey chamam gromansa

outro carbali

f. 124 .

Os negros deste ryo contra ho cabo verde som pella maior parte maffometanos / ainda que muytos ydolatras antre elles / porem deste ryo avante todos som ydolatras / E em aquillo que tomam vontade em aquillo creem e adoram / fazem ydolos de paos e pedras e adoram arvores e formigueyros E a Hatschina / E delles chamam a seu deus cru. E quando juram dizem cru cru bissa contenteryn / E aquella he a maior jura que elles fazem / .

Este ryo tem muytos baixos que saem no mar bem .6. legoas

E assy tem muytos ilheos e dellas som arredados da terra .7. e .8. legoas e todas (sic) povoradas e abastadas de mantijmentos como a terra firme. specialmente da criaçam de muytas vacas e cabras /

Estas ylhas se chamam buam

E os que navegam por este ryo vam antre as ilhas e a terra firme qne tem muytas baixas e ham mester piloto que sayba bem

f. 125r.

Aqui neste ryo começam os povoos chamados çapeos ainda que som mesturados de muytas outras gerações /

Estes çapijs por maior festa matam e comem ho cam e chamuscamno como nos ao porco / e primeyro os engordam /

E val huum cam para comer .6. e 7 pesos doro / E som cães pequenos /

Em esta terra ha muyto ferro mas nom tal como trazem para qui da serra lyoa porque seu ferro (sic) nom sabem dar tempra E se quebra como vidro /

fazem nesta terra muytos artificios manuales de ferro assi como frechas e azagayas e farpões / e partesanas e machados e dagas que elles chamam adibes / E fazem spadas que elles chamam adibe sabana / que quer dizer spada grande /

E assi fazem cousas sotijs de marffim como colheres / saleyros e manilhas

Em este ryo começa outra lingoa sobre sy differenciada dos passados.

f. 125v.

A mercadoria que dela trazem som sçravos ouro dentes daliffantes

Os portugueses levam para la cavallos stanho contas matamungo e christalina / manilhas pannos dalgodom / panno vermelho de coor

Em tempo passado davam .14. escravos por huum cavallo e despois .x. E agora 6 e 7 e .8. E assy mesmo davam por huum espravo 6 e 7 manilhas de latam E agora 20 e 25.

Estes tem todos mantijmentos como os outros guyneos passados e vinhos e azeites.

Seos vestidos como dos outros ou algumas bragueyras de pelles de cabra

f. 126r.

Em esta terra dos beaffares quando morre elrey delles / matam a sua principal molher e o maior privado que elle tem / E ho melhor escravo e escrava que elle tinha / E ho melhor cavallo / E assi algumas vacas / cães cabras e galinhas / E todo isto enterram com o corpo morto delrey / E dizem que esto he para lhe servirem no outro mundo /

f. 126v.

Buguba

buguba tem rey sobre sy / mas sua lingoa nom he differenciada daquelles do ryo grande / E assi os mantijmentos e resgates como no ryo

Com buguba comarca huum povoo que chamam chocholiis E tem rey sobre sy /

Estes tractam de mercadoria dentro no sertão

Byxegue he huma ilha que esta tres legoas da boca do ryo de buguba / povorada / .

f. 127r.

Ryo de Nuno / he ryo em que entram navios a resgatar marffim e alguuns escravos /

os mantijmentos e todallas outras cousas tem como as terras passadas / .

Cabo de verga he huma serra alta E faz huma angra que chamam furno Em a qual angra estam muytos ryos .s.

(am Rande: toda esta costa he alta e de fremosos arvoredos que verdejam todo ho anno /)

ryo de pichel
ryo de cristal
ryo de fary
ryo das pedras
ryo seco

E porque estas gentes comarcam com serra de lya (sic: lies «lyoa») / por ysso tem seos custumes e mantijmentos e assi adoram / .

f. 127v.

Alem dos ryos sobreditos esta huum ryo que se se chama ryo dos pescadores E esta este ryo junto com o cabo de sagres

por este ryo dos pescadores podem entrar navios e hyr por dentro por esteyros ate o ryo que se chama cabith

E do ryo de cabith podem hyr ate ho ryo de tamara / ha da boca do ryo dos pescadores ate o ryo de tamara 20 legoas

Em fronte do cabo de sagres estam tres ilhas chamadas ylhas dos ydolos / Nom som povoradas / porem som aproveitadas no tempo das lavoyras .s. sementeyras.

Loses f. 348r

Cabo de sagres em guynee /
he cheo de arvoredos verdes /

todos estes negros adoram ydolos e statuas de pao feytas em forma de homens / E lhes lançam de comer e beber diante dos pees delles /

Estes tem synal de ferro quente no rosto e outro synal nom tem / E andam nuus salvo que trazem bragas de panno tessido de folhas de palmas delgadas com que cubrem sua vergonha Nom tem armas de ferro /

Comem arroz fabas feixões e outros legumes e mel / tem carne de vacas e cabras mas pouca

deste cabo ao mar estam dous ylheos cheos darvoredos / despovorados legoas 1 1/2 de huma a outra Neste ryo tem almadias de 30 e 40 homens que remam.

Nesta terra trazem homens e molheres as orelhas furadadas (sic) em que trazem anes douro / E delles nas narizes / E algumas molheres dos senhores outro tanto nos beiços de cono / que podem tirar e meter

Loses f. 348v

Ryo de sam vicente tem a boca de 10 legoas

Ryo verde tem a boca ainda mais larga

Cabo ledo / aqui se começa huma montanha acerca de .2. legoas alta e chea de fremosos arvoredos

Esta montanha he serra lyoa / ao mar 3 ylhas chamadas salvagens /

Ryo roxo que tem o fundo vermelho e as vezes o mar com tormenta

Cabo roxo pella mesma terra e ryo ao mar delle .2. legoas ylheo roxo

alem do cabo roxo faz se como golffo / e alem delle esta o ryo de sancta maria achado dia de S(enhora) nossa das neves /

doutra banda do ryo esta huma ponta em fronte da qual esta huum ylheo chamado ilheo dos bancos neste golffo ha muytas baixas / e grandes correntes e grandes marees /

C. de S. anna / achado no seu dia / toda esta costa he praya e de pouco fundo

Ryo das palmas por averem hy muytas palmeyras / a boca deste ryo he cheo (sic) de baixos darea / e a entrada he perijgosa

do cabo de S. anna ate aqui todo he praya

Ryo dos ryos E esto quando o virom nom virom al em aquella costa se nom ryos que vinha (sic) da terra fir(me) /

C. do monte
Loses f. 349r.

Cabo do monte tem huum monte sobre ho cabo e por ysso he chamado assi /

Cabo cortes cabo pequeno e nom alto e tambem se mostra nelle huum monte / E a primeyra noyte quando chegarom hy virom muytos fogos por causa dos navios christãos que jamais aviam vistos /

Quatro legoas alem esta huma mata de grandes arvores e muytas que cheguam ate o mar / os que o descubrirom ancorarom / e lhes vierom .3. almadias para as caravellas cada huma com 3 homens nuus delles traziam paos agudos como azagayas e delles agomias curtas / e arcos com frechas ervadas com duas adargas redondas E traziam as orelhas furadadas e delles os narizes / e nom os entenderom as linguas / E entrarom .3. em huma caravella / e os portuguezes prenderom huum delles / E esto lhes foy mandado delrey de portugal que da ultima terra que descubrissem que os nom podessem entender que por força ou grado trouvessem alguum delles para portugal para aprender a lingoa

Esto foy anno de Christo .1463.

f. 128r.

Serra lyoa commummente he chamada toda a terra des as ylhas dos ydolos ate o cabo do monte /

Amtre esta gente da serra lyoa ha duas lingoagens / .s. bolões que vivem ao longo do mar tanto quanto se pode navegar com almadias

Teminis he a outra gente e lingoa sobre sy e vive no sertam

porem a propria que se chama a serra lyoa he huma serra junto com o mar / E ho cabo della se chama cabo ledo /

E chamase serra lyoa pellos portugueses porque he serra brava mais ainda que ha de sintra / E tera dez legoas em redondo /

E pello lingoagem dos guyneos se chama esta serra e terra pymto / por respecto de huma aldea que jaz ao pee da dita serra / E sera de duzentos vezinhos / E porque esta he mais chegada aa dita serra que outra alguma

Ho ryo desta agoada se chama taguyri E esto por huma aldea que esta ao norte do dito ryo / E pinto esta ao sul /

f. 128v.

As aldeas principaes desta terra da serra lyoa .s. dos bolões som as seguintes .s.

Mangúy aldea / sera de mil vezinhos

Maguem aldea de 300 vezinhos

pinto aldea sobredita de 200 vezinhos

bop aldea de .150. vezinhos

A fora destas aldeas ha muytas outras como de 60 e de 40 e de 20 vezinhos e quintanas para roçar arroz /

E cada huma destas aldeas tem seu rey ao qual por seu lingoagem chamam bee que quer dizer Rey. E todos estes som de huma lingoagem e geraçam de bolões / .

Ha muytas amtre estas aldeas que alem dellas terem rey tem huma cabeçeyra que se chama senhor de todos como som estes bolones / porem nom tem mais mando que outros senhores salvo ho nomem / .

E assi na comarca dos teminis chamada casse / que tem huum senhor ho qual todos tem por senhor E ho chamam obe vrig.

f. 129r.

Os reys destas aldeas todas nom tem rendas dos seos subditos nenhumas nem tributos salvo se elle quer roçar e semear ou colher suas novidades / emtam todos da sua jurdiçam lhe servem ao dito trabalho de graça / ou em fazer casas ou cerco ou para hyr a guerra emtam todos acudem a elle /

E se huum negro mata huma onça ha de dar aelrey a pelle e os dentes como por sojeiçam. Ca dos dentes fazem collares para o pescoço que trazem em grande stima / E se acham que huum colar daquelles val quatro escravos e outros mais / E a pelle da onça tem o rey pendurado tras sy como nos huum panno darmar / E alguma carne daliffante ou buffaro se a tyram mandam aelrey que ha come com os velhos do lugar diante do ydolo. (Am Rande: E a carne da onça / cobra e lagarto / porco spyn. todo trazem a elrey que come com velhos)

Estes reys vam a pee onde ham dyr e nom tem cavalgadura nenhuma /

Elrey nom tem outros criados salvo seos escravos / E as vezes vem alguum mançebo de fora e se acosta aalguum rey e se chama por seu /

El rey se quer fazer guerra / ajuntamse os velhos e ham seu conselho E se lhes pareçe a guerra nom ser licita / ou a parte contrayra ser mais poderosa /

dizem a elrey que lhe nom querem ajudar / e ordenam pazes ainda que elrey nom quer /

f. 129v.

Todas aldeas da serra lyoa teem huuma ffe e som ydolatras / E creem que os ydolos lhes podem ajudar e soccorrer em suas necessidades E tem muytos ydolos porem cada aldea tem huum ydolo geeral a todos a que elles chamam cru.

Este cru he huma arvore soo muyto velha por elles chamada manipeyro / que he gorda e ramada / E he pao muyto molle e tem spinhas / as folhas della som como de olyveyras E ho fruito delle he como almexias brancas E esta arvore por todas aldeas tem por seu deos cru / . E nom embargante que desta sorte darvores aja outras muytas pella terra porem cada aldea tem huma escolhida do tempo velho que ouverom por seu ydolo E tal arvore commummente esta na praça ou junto com a casa delrey / E se for caso que alguma destas arvores se secasse nom falta que outra nova se nom crie no dito lugar das rayzes / assi que o seu ydolo cruu sempre tem no lugar antijgo de seos antecessores que a nenhuum lembra se nom alli /

Alvaro velho perguntou huum negro velho porque creyam em aquelle pao e nom em deos que criou ho ceo e a terra etc. / Respondeo o velho e disse que bem sabiam daquelle deos e creyam neste pao porque sabiam que elle era mandado demcima / E outra reposta nom deu / .

f. 130r.

Outro ydolo tem que todos adoram feito de barro / o qual he de mais fea semelhança que se pode fazer / e fazemno com dentes grandes E os mais delles põem dentes dalifante enteiros E he feito aa semelhança de sol e chamase amtre elles bemthema.

Os homens velhos tem outro ydolo principal ho qual he do senhor daldea a que chamam pisa / A este ydolo nom vay nenhuma molher nem passa pella praça onde elle esta / em tempo que os velhos estam fazendo sua oraçam ou determinando alguma differença que aja na aldea /

Os potrosos tem outro ydolo que he feito aa semelhança de homem potroso o qual se chama contery / E quando alguum homem he potroso ou inchado encomendase aelle / o guareçe ou morre / .

Ha hy outro ydolo de guerra ao qual chamam ymell / E he feito aa semelhança de huum homem que foy em outro tempo muy valente guerreyro que assi se chamava / E ao tempo que ham de hyr a guerra a este fazem seu sacrificio pedindolhe que lhe mostre se he boom de hyr a guerra ou nom .s. tomam huma galinha e degollamna ante elle e deytem (sic) a sangue della por cyma da cabeça e rosto do ydolo / Entam poem a galinha em as costas diante e amtre elle e o ydolo com a cabeça contra ho

f. 130v.

ydolo e pees contra elle E se agalinha se vira de bruços he mao («mão» steht da) de hyr a guerra e nom vam la / ou se morre trabalhando poendo huum pee ou aza emcima da outra nom vam la dizendo que esta alguum mal encuberto. E quando ella morre queda ham por bem de hyr a guerra / E agalinha quer que moyra mal ou bem cosemna e comemna / E os ossos poem ao pescoço do ydolo

Outra maneyra de fazer sacrificio quando querem hyr aguerra .s. os velhos daldea trazem huma galinha e quebramlhe a boca e aatam pello meio da boca aarvore cru sobredita manipeyro com huma corda feyta darvores E esto em altura de huum homem E outra corda atada pello corpo e as azas estendidas e assi a leixam morrer E em morrendo dizem que tal galinha matam em sua honrra que

lhes dee ajuda em sua guerra e assy a todas adversidades geraes como para o tempo de muyta agoa etc. E a este sacrificio vam todos rey e molheres

E se acontece de fazerem pazes huma aldea com outra emtam vem os contrayros matar huma galinha a esta aldea / E estes vam aaldea dos outros fazer este mesmo sacrificio a seu ydolo cru /

Ay outra maneyra de adorar / que qando alguma criança naçe / cortam huum ramo de huma arvore a que chamam malep ho qual he de tal propriedade que elle cortado e deitado no chão

f. 131r.

arrebenta com sua humidade e da terra E esta pao chentam no chãao em nome daquella criança cujo nome emtam se poem aa dita criança / E aos oyto dias os circumcidam E dizem que como aquelle pao creçe assi crecera aquella criança / E assi fica aquella arvore por deos do menino para sempre / E se alguma arvore destas se seca e nom prende / vam aos feyticeyros que deytem sortes e vejam porque aquella arvore nom prendeo ho qual lhe diz por razam tanta burla etc. E diz tambem porque alguum seu parente ou pay ou irmão lhe foy morto / E dy para avante põem tantas estacas ate que prenda alguma

Em suas doenças nom tem fisica nem regra della / soomente se alguma pessoa adoeçe vam se aos feyticeyros que lhes deyte sortes / porque he doente ho qual sempre acha que os ydolos lhe fazem aquella doença e mandam que lhe matem / cam / cabra / ou galinha / porque destas cousas acustumam de sacrificar / E se a pessoa que assi he doente guereçe dizem que aquelle ydolo que tinha dada aquella doença he muy boom e mavioso / porque como lhe fez sacrificio logo lhe deu saude / E se a pessoa doente morre dizem que o ydolo que aquella doença lhe tinha dado he muy valente que com quantos sacrificios que lhe fazem nunca lhe quis dar saude / Em maneyra / quer o doente morre quer guareçe sempre o ydolo he boom / .

f. 131v.

E segundo as desvayradas doenças assy tem desvayrados ydolos a que taes doentes fazem seos sacrificios / como homem que tem door de cabeça / outro da barriga outro das lavoyras e assi de todos doores / E estes taes som paos lavrados em forma de homens / E estes taes ydolos tem em seos quintaes / E delles tem ydolos em suas casas / E outros ydolos tem em casas cubertas pellos caminhos como em hermidas onde todos fazem rogarias por qualquer necessidade / huum que sua molher lhe payra / ou que lhe nom fugam os escravos / ou que lhes creçe bem o arroz / E todo em pee / e untam ao ydolo com huum pouco de cuspinho ou com alguma cousa se come do que traz na boca / .

Ha certas casas ou ygrejas de ydolos onde nom entram molheres / chamam huum baa / outro ydolo destes piçaa / outro contuberia / E estas casas som de homens soos

Ho ydolo das molheres se chama pere e tem suas ygrejas cubertas e nom entram homem (sic) nellas / E os ydolos som paos cortados em forma de homem / E fallam com o dito ydolo propriamente como com huum homem porem ho ydolo nom da reposta /

f. 132r.

Custumam de todollos finados que morrem fazer memoria delles .s. cada huum dos seos / dos homens honrrados fazem idolos aa semelhança delles / dos communs e escravos fazem de pao feito como birlos de bola e poemnos em casa cuberto (sic) de palha / fazemlhes cada anno sacrificio de galinhas ou de cabras segundo a

calidade da pessoa / e lança a sangue sobre elles e os ossos poem ao pescoço delles / e a carne comem /

Ho modo das suas sepulturas he / Quando morre alguum cavalleyro ou alguum homem honrrado abremno por huum lado e tiram lhe tudo o meudo (meudo nochmals) de dentro E lavamno muyto bem / e enchemno de hervas que pareçem com ortellãa que cheyra muy bem e lançam dentro farinha darroz e untamno com azeite de palma / E fazem huum cadafalso alto de 5. ou 6 degraos / ho qual he emparamentado de melhores pannos que ha no lugar como pannos vermelhos ou dalgodom Emtam poem o morto assentado em huma cadeyra com os melhores vestidos que elle tem E se nom os tem pedemnos

f. 132v.

emprestados / E passamlhe huum cordel para cabeça e atamno açima dabertura do cadafalso para que estee direito / E poemlhe huma darga na mão e em outra huma azagaya e huma espada na çinta / .

E se (he) homem que tem mortos muytos homens em guerra poemlhe tantas caveyras («carreyras» steht da) de homens diante delle quantos tem mortos E despois delle assy estar posto como ho dencima esprito tangem os atabaques como se tangessem de guerra / ao qual som acudem todos do lugar e dos termos .s. os mançebos rijos com suas adarguas e azagayas como para hyrem a guerra / Os quaes nom fazem se nom escaramuçar diante do morto / as molheres e homens velhos a chorar E ainda os cães em taes tempos se ajuntam a ouvar por custume /

Duram estas festas tres ou quatro dias segundo a calidade do homem e dia e noite nunca deixam de cantar e de baylar E ao dia quando ho ham de enterrar se ajuntam todos aquelles povoos em a praça onde esta ho morto em aquelle cadafalso e alli fazem calar a todos / E alli dam joyas segundo cada huum quer e segundo («seguda» steht da) cada huum tem em sua vontade decrarando a ca-

f. 133r.

da huum a quem as da / Se se dam ao morto som enterrados com elle / se se dam para os parentes do morto cada huum leva ho que lhe dam / Custumam se de enterrar dentro de suas casas / Nenhuum homem enterram soo se nom animalias com elle como vacas cabras ou galinhas segundo a calidade do homem / E os melhores pannos todos enterram com elle e assy ouro e joyas / etc.

Essas mesmas honrras fazem aas molheres em todo salvo que nom vem os homens com armas aa praça /

Os parentes do morto emtam andam rapados com suas cabeças / e ellas cubertas de huum poo de pao vermelho que pareçe sandalo / E vestem os mais proves pannos que tem / .

As molheres trazem pannos ou tranças ou orelos aos pescoços e rabos de boys ou cornos de boys nas mãos / E os homens trazem arcos desarmados / E todo isto quanto aos parentes / porque as outras gentes vestem os mais riquos pannos e os melhores que podem aver / E a maior festa que podem fazer he na morte dalguum homem honrrado / E quanto mais honrrado tanto maior festa /

f. 133v.

Casamento da serra lyoa he que cadahuum vay ondequer qua acha alguma molher solteyra ou moça que lhe pareça bem / E compraa a vontade de seu pay e sua may (sic) / E ho peso por onde entregua o oro guardaho muy bem / porque se esta molher se foge e nom quer fazer vida com elle Elle vay requerer seu oro a seu sogro e lho ha de tornar / .

Os homens quantas molheres podem teer / tem / E trabalham por averem muytas molheres / porque quantas (sic) mais molheres tanto mais ricos som / porque as molheres roçam e semeam e colhem e fazem todo serviço / E os homens folguam / E quando tem algodom fyam Nom som homens que fazem muyto porque as molheres busquem seu refresco / porque quando acham que lhes fazem adulterio paguam lhes com dinheyro.

Nom heredam os filhos se nom o irmão e do irmão torna ao sobrinho filho de cuja a herança foy

f. 134r.

As casas dos proves som de paos chentadas (sic) no chão e embarradas e cubertas de palha de juça ou junco grosso /

E as casas dos ricos som feitas de adobes e de tijollo para coser / e dentro bem cayadas e de defora com cree ou barro branco e de dentro muy bem lavradas / e som as melhores casas de toda guynee / dellas esteyradas de muy ricas esteyras que os ditos negros fazem / Seu assentar he nestas esteyras e em coyros de vacas de que se prezam como nos de alcatiffas / e estam em tripeças muy bem lavradas / .

Suas alfayas som gamellas tagaras panellas de barro /

Sua cama he desteyra / junto com aqual continuadamente tem fogo de noyte

f. 134v.

Vestidos dos homens honrrados trazem camisas dalgodom e calças bragas

Os proves trazem huum panno texido de pao e colorado derrador do cuu

As molheres trazem seu panno derrador do cuu como se disse

As moças virgeens por galanteria trazem huum panno que lhes pareçe ho pentelho / ho qual nom acustumam de fazer /

Comem arroz e milho inhames / maccarras feyxões peixe e marisco cosido e assado Carnes comem de vacas e cabras e de todas animalias que podem caçar / E nom menos quando matam em guerra seos emmigos cortam pedaços delles e os secam no fumo e os cosem com arroz e o comem / .

Bebem dagoa limpa e vinho de palma como os outros / das outras terras / .

f. 135r.

Armas em serra lyoa / som arcos e frechas spadas e dagas / adargas de pelles dalifante ou de buffaro / e azagayas muytas / E fazem herva muy forte com que untam suas frechas /

Suas guerras fazem ordenadamente assi como nos / fazendo seos capitães e suas celadas por mar e por terra

Ham nesta terra muyto ferro e boom E se elles soubessem fazer engenhos / averia mais ferro que em bizcaya /

Em esta terra tem grandes almadias e todas de huum pao / almadia quẽ leva .120. homens de guerra com suas azagayas adargas e frechas e seu mantijmento /

Som homens muy determinados e muy valentes em guerra E principalmente os que se chamam bolões

p. 135v.

Justiça dos bolões he / que quando acham alguum que mata a outro / tomamno e matamno desta maneyra .s. atamlhe os pees e mãos e poemno cerca de huum ydolo chamado anyma E alli ho matam as pancadas quebrandolhe os olhos e os dentes machucandoo todo / E estes que esto fazem som os mais honrrados da terra baylando e dançando e cantando / .

E todas outras emjurias e coymas se pagam a dinheyro

A justiça dos teminis he que acustumam assi como morte e todos outros delictos e emjurias comprar por dinheyro e a nenhuum nom matam /

Suas sentenças contra todas enjurias fazem por as mais vozes dos velhos

f. 136r.

Em serra lyoa som os homens muyto sotijs e muy engeniosos / fazem obras de marffim muy maravilhosas de ver de todallas cousas que lhes mandam fazer .s. huuns fazem colheyros outros saleyros outros punhos para dagas e qualquer outra sotileza

Em esta terra ha ouro e ho mais fino que ha em toda terra de guynee

Em esta terra ha alliffantes muytos de que tem infijndos dentes que he marffim de que fazem todas suas obras louçãas /

Os aliffantes nom criam nem acustumam pera serviço nenhuum como fazem em Indja salvo que os matam e comem E qualquer que mata huum aliffante temno por muyto valente e lhe fazem grande festa / E matamnos desta maneyra .s. Os negros fazem huum arpam e ho untam com herva peçonhenta / atado bem em huma asta pesada / E ho negro que ja sabe por onde ha de vijr o aliffante / esta sobre huma arvore e leixa cayr o dito arpam ao aliffante quando passam muytos juntos / Emtam ho negro lhe segue huma legoa ou duas

f. 136v.

ou mais ata onde vaa a morrer E se vaa ter a outra jurdiçam tornam lhe o aliffante ou pagamlhe ou poemlhe guerra por ysso / E comemno

Ho melhor comer delle he as unhas e a tromba e ho caralho sobre todo /

Ha aqui muytos buffaros bravos que matam com frechas e azagayas

Gazellas muytas que tomam a redes e com frechas

Porcos monteses muytos que matam a frechas e com azagayas / .

Danta animal ha hy muytas e chamamnos aqui por seu lingoagem Eryntrylman.

Ha aqui huma animalia que pareçe em todo homem / e he preta de corpo e cabello / E o rosto tem alvo / E anda em quatro pees e em dous He cousa mais falsa do mundo e aguda.

Algalia e gatos dalgalia muytos /

f. 137r.

Ha hy outras animalias a que elles chamam pangales E he tal como vaca e tam grande se nom que de lombo («lobo» steht da) para baixo tem çintas pretas e brancas / E tem os cornos brancos e lyzos / de mea braça em longo / .

Gatos de rabos longos pretos pardos e ruyvos ha nesta terra muytos

Cobras se acham de 22 e de 25 pees em longo / e em gordura de huum palmo e meo / E nom som peçonhentas E as comem e fazem grande festa com ellas /

Lagartos ha nestes ryos muytos e em toda guynee de 25. e 30 pees em longo como se disse etc.

Ha nesta terra morcegos tam grandes como galinhas / E de dia estam nas ylhas dos ydolos / E de noyte vam a terra firme a buscar de comer

f. 137v.

Papagayos pardos ha aqui muytos e verdes nenhuuns

Peyxe muyto nesta terra / e peixe como de nossa terra salvo alguuns poucos

Arroz semeam em mayo e colhemno em setembro

Macarras rayzes e fruito / nacem de bayxo do chãao

Em serra lyoa naçe malagueta muyto bona porem pouca / Naçe em humas hervas propriamente como aqui o milho em portugal se nom que açima nom tem a semente como o milho E tem ho pao da verga muyto lizo / E no pee delle da rayz sobre a terra saem aquellas baynhas em que esta a malagueta / E tiramno e enxugamno

f. 138r.

Seus annos contam de novidade a novidade .s. de novembro a novembro por que emtam colhem suas novidades /

E contam seos meses pellas lunas novas

Os dias amtre elles nom tem nomem se nom contam oje e amte e demanhãa E quando alguma cousa ham de fazer daqui a 15 ou .20. dias chentam .20. palhas em huma parede / e tyram cada dia huma ata a derradeyra assi sabem que passarom tantos dias

Em esta terra e em toda guynee nom chove salvo com grandissimas trovoadas que pareçe que todos os çeos querem deçer. E aquella trovoada nom dura mais que meya hora / ou a mais huma hora / E despoys sobreveem sol tam quente que homem cuyda morrer com calma / .

f. 138v.

Leere Seite.

f. 139r.

Alem da serra lyoa contra ho ryo das palmas amtre a geeraçam dos teminis esta huma terra chamada Hatschinck Em a qual terra he huum ydolo universal de todas estas terras / ao qual ydolo chamam tschyntschyn E esta fora da povoraçam em huma mata huum terço de legoa de huma aldea chamada catell / a qual aldea he de .60. vezinhos E este ydolo esta no meo da mata / e onde esta ho aruoredo todo esta cortado em derrador e emcima das arvores altas coberto assi que sempre o dito idolo esta em sombra Este ydolo he huum pao cortado a figura de huum homem e assi tam grande E tem huma azagaya na mão / He vestido em humas camisas do panno pintado do sertam / traz carapuça de panno amarelho e vermelho na cabeça / Elle traz anees doro nas narizes / e nas orelhas / E traz alaquequa na cabeça por joya muy grande / para este ydolo vem gente de longas terras como a jubileu / e lhe trazem cabras e galinhas para matar / .

Este ydolo tem huum creligo ou prellado a que vem do herdamento e linhagem E ho mais antijgo daquella linhagem he aquelle clerigo / E esta linhagem chamam tangomãas E ho clerigo vive na dita aldea / E quando vam os romeyros para visitar este cru e ydolo grande pausam na dita aldea e preguntam pello dito capellam E a elle dam sua offerta .s. cabra ou galinha e huum pequeno douro de 7 ou 8. grãos delles mais ou menos E dy se vay este capellam com a offerta ao dito ydolo e fala com elle como com huum homem E antes que entra o dito capellam / primeyro na entrada da mata pregunta hola / quem esta la / Entrarey / Ouvindo esto as cobras conheçemno como quem que nom vem vazio e acudem a elle onde fala e vam se com elle ata ho dito ydolo / E diz ho dito capellam fazendolhe saber de como huum tal homem ffuão de tal lugar ou aldea lhe manda esta offerta E lhe diz que ho roga pello doente ou preso ou qualquer outra cousa que ho tire e livre etc. E acabando a rogativa mata a cabra ou galinha aos pees do ydolo

e lançalhe a sangue sobre os pees delle / E daquella mata vem e acudem as cobras que se criam daquella sangue na dita mata muy grandes que tem ata dez pees em longo E de grosso ou gordos de dous palmos em alto e lambem aquella sangue / E dizem que as ditas cobras som guarda daquelle cru / E dizem que he certo que qualquer outra pessoa que la vay sem o dito capellam que as cobras ho matam e comem / E acharom muytas vezes aos pees do ydolo ossos e vestidos de homens que dizem que hyam para tomar e furtar as joyas do

f. 140r.

chinchin seu cru. E dizem que as ditas cobras hos comerom /

Ho clerigo despois de ter feito seu sacrificio leixa a sangue e huum pedaço pequeno da pelle ou da galinha das pennas atadas ao dito ydolo / E ho outro todo leva comsigo para sua casa e ho come E assi mesmo do ouro /

As offertas que os romeyros ham de fazer delles as trazem comsigo / E delles compram na aldea por ouro ou ferro ou por mantijmento /

Alvaro velho do barreyro que esteve alguuns oyto annos nesta terra foy com o dito capellam a ver o chinchyn ydolo sobredito e cobras E disse que nunca se achara em tam grande perijgo porem o dito capellam sempre ho comfortava dizendo que se nom temesse.

Os homens desta terra som muy sotijs negros de arte manual .s. de saleyros de marffim e collares E assi qualquer obra que lhes debuxam ho cortam em marffim

Ende der Beschreibung der Westküste Afrikas.

DR. FRANZ HÜMMERICH.

J. J. da Gama Machado

PREFÁCIO

Reparei, já há muitos anos, era eu estudante, que, na aula de Zoologia da Universidade de Coimbra, havia ao fundo, em cima dumas mesas, duas jarras que, vistas da bancada dos alunos, pareciam ter umas pinturas fora do vulgar.

Curioso, fui vê-las de perto, li as inscrições que me deram no goto e, pela primeira vez, apareceu diante dos meus olhos o nome de José Joaquim da Gama Machado.

Pouco depois, ao freqüentar a cadeira de Antropologia, ouvi ao professor, que era Bernardino Machado, a propósito dumas cabeças de gesso que estavam no laboratório, as primeiras informações exactas sôbre a vida e obra desta extraordinária criatura — que se dedicara a estudos de frenologia, que juntara em sua casa uma grande colecção de pássaros vivos, que escrevera um livro inacreditável chamado *Théorie des Ressemblances*, que dera muito na vista em Paris onde vivera, que Champfleury lhe dedicara um capítulo no seu livro *Les Excentriques*, que legara à Universidade de Coimbra aquelas cabeças, as jarras da Zoologia e ainda outros objectos, etc., etc.

Mais tarde, um dia em viagem, comprei um número dum jornal humorístico francês chamado *Fantasio* para ler no combóio e, folheando-o distraído, fui encontrar um artiguito muito cómico sôbre os feitos extraordinários do comendador Machado.

Assim, pouco a pouco, fui adquirindo a certeza de se tratar dum sujeito que fôra na vida como mais ninguém tinha sido.

Doutra vez disseram-me em conversa haver no Teatro Anatómico de Coimbra dois quadros e um pequeno busto de bronze que tinham pertencido a Gama Machado. Fui vê-los e não tornei a pensar no caso...

Mas há pouco tempo, mexendo na Biblioteca do Instituto de Medicina Legal de Coimbra, descobri por acaso, num livro já velho de Legrand du Saulle intitulado *Étude médico-légale sur les testaments*

contestés pour cause de folie, a curiosíssima história dos testamentos de Gama Machado.

Lá vinham mencionados os objectos legados à Universidade, justamente aqueles que eu já tinha visto — as cabeças de gesso, as jarras, os quadros e o busto. Lembrei-me então de fazer uma notícia sôbre êsses objectos que são interessantíssimos.

Entendi, porém, ser conveniente preceder tal notícia duma curta nota sôbre a vida e a obra do comendador. Tratei de ler a *Théorie des Ressemblances* e de procurar as necessárias informações. E assim foram aparecendo filões que convinha explorar.

Além disso, amigos, fornecendo dados diversos, conseguindo fotografias, emprestando livros, etc., vieram trazer a sua cooperação valiosa, como na leitura do livro se poderá verificar.

Mas seria injusto não falar aqui do Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima que, interessando-se pelo caso, me forneceu com uma boa vontade inexcedível os mais valiosos elementos, obtidos com muito trabalho em pesquizas feitas nos Arquivos e Bibliotecas de Lisboa. Pode dizer-se, porque é verdade, que, sem êste precioso auxílio, não teria sido possível fazer o que se fez.

Reünidas porém tôdas as notas que se poderam obter sôbre a vida e a obra de José Joaquim da Gama Machado, verificou-se que a parte destinada a servir de Introdução passara a ser maior do que a notícia dos objectos legados à Universidade. Forçoso foi, por isso, alterar o plano primitivo. E o trabalho passou a ter duas partes: I. *O homem e a Obra.* II. *O Legado à Universidade de Coimbra.*

Estando tudo pronto, ao escrever estas palavras de abertura, veio-me à ideia que alguém, depois de ter lido, poderia perguntar — Mas que utilidade houve em fazer êste estudo?

Nenhuma.

Aqui fica o aviso aos leitores incautos.

Isto vem a ser afinal uma destas coisas que se fazem para esquecer o aborrecimento de viver, para encher algumas horas vagas que, convenho, poderiam ter tido melhor aplicação.

Mas consola-me a ideia de que, jogando o bridge no club, cervejando no café, discutindo política à esquina ou coleccionando estampilhas, teria talvez sido pior...

PARTE PRIMEIRA

O homem e a obra

CAPÍTULO I

A maneira de viver

I

José Joaquim da Gama Machado, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, conselheiro da Legação de Portugal em Paris, sócio da Academia Real das Sciências de Lisboa e de outras corporações scientíficas estrangeiras, autor duma famosa obra em quatro grossos volumes intitulada *Théorie des Ressemblances*, nasceu em Lisboa, na freguesia de S. Paulo, pelos anos de 1776, diz Innocencio no seu *Diccionario bibliographico* (tômo IV, pág. 389), sendo também esta a data indicada pelo Sr. Pinto de Carvalho num estudo que publicou no vol. I do seu livro *Lisboa d'outros tempos* [1] e ainda por outros autores.

Mas tendo o homem nascido a 26 de Maio, conforme se deve concluir duma carta de parabens, adiante transcrita, que lhe foi dirigida por um amigo chamado Charles Chevalier, e tendo morrido a 9 de Junho de 1861, somos levados antes a supor que deveria ter vindo ao mundo em 1775, se admitirmos, como o Sr. Pinto de Carvalho diz, que tinha 86 anos quando morreu, ou mesmo em 1774, se tivermos por boa a informação de Legrand du Saulle de que a morte se deu aos 87 anos [2].

Era filho de Policarpo José Machado, fidalgo cavaleiro da Casa Real, abastado proprietário e capitalista, negociante de grosso trato da praça de Lisboa, deputado das Companhias do Pará e Maranhão e de Pernambuco e Paraíba e um dos contratadores gerais do tabaco e de sua esposa D. Maria Luísa Machado [3].

---

[1] Pinto de Carvalho (Tinop), *Lisboa d'outros tempos*, I. Figuras e scenas antigas, Lisboa, 1898.

[2] Legrand du Saulle, *Étude médico-legale sur les téstaments contestés pour cause de folie*, Paris, 1879, Chapitre IX, Le délire partiel (monomanie), observation XLVI, Affaire da Gama Machado.

[3] Visconde de Sanches da Baena, *Archivo heraldico-genealogico*, Lisboa, 1872. Albano Silveira Pinto, *Resenha das Familias titulares e grandes de Portugal*, tômo I, Lisboa, 1883.

Muito novo, com oito anos apenas, foi mandado para França, a educar, tendo estado no colégio de Harcourt, onde se encontrava em 1789, sendo então seu preceptor o abade Coësnon, «que mais tarde fez a educação dos filhos do infeliz Toussaint-Louverture», conforme se encontra indicado a pág. 156 do 2.º vol. da *Théorie des Ressemblances* [1].

Aos primeiros rumores da tempestade revolucionária, regressou precipitadamente a Portugal de onde saíu de novo em 1806, data indicada pelo próprio Gama Machado num dos seus testamentos, no de 18 de Abril de 1835, em que diz: «Je lègue à mademoiselle Suzon Dibdin, vivant dans ma maison depuis l'année 1806, année où j'ai quitté le Portugal...».

Fixou residência em Paris, onde veio a morrer em 1861, tendo habitado, pelo menos nos últimos anos da vida, no terceiro andar duma casa do *quai Voltaire* [2], perto da ponte dos *Saints Pères*.

É o que deverá concluir-se da passagem do testamento, feito pelo comendador em 21 de Março de 1854, onde se lê: «Il [un sergent de ville] se tiendra à l'entrée du pont des Saints-Pères, vis-à-vis mes fenêtres...».

Salvo êrro, não há hoje em dia em Paris qualquer ponte com êste nome. Quási no seguimento da *rue des Saints-Pères* encontra-se porém actualmente, partindo do *quai Voltaire*, uma ponte mas que se chama *pont du Carrousel*. Penso que a casa de Gama Machado deveria ser por aí, junto do Sena, mesmo em frente do palácio do Louvre que fica na outra margem.

---

[1] Êste Toussaint-Louverture foi um célebre general preto do Haiti que, no fim do século XVIII, desempenhou importante papel em diversos acontecimentos políticos e militares, acabando por ser preso em 1803, por ordem de Bonaparte que o mandou transportar para França, onde veio a morrer, no forte de Joux, de frio dizem uns, envenenado dizem outros.

Numa aguarela, mandada fazer por Gama Machado, que se encontra na Biblioteca da Ajuda — aguarela reproduzida numa litografia existente em Coimbra como adiante se verá — aparece um retrato extremamente pitoresco dêste Toussaint-Louverture, a fazer de ídolo, nem mais nem menos.

De facto, consoante se pode ler na extensa legenda que a acompanha, procurou-se nesta aguarela pôr em confronto «as duas Géneses, a de Moisés e do Japão».

Ora nesta última aparece um ídolo negro, a propósito do qual o autor diz: «Nous nous sommes servi du portrait de l'infortuné Toussaint-Louverture pour representer l'idole».

[2] Cf. *Revolução de Setembro*, de 27 de Junho de 1861.

Dizem não só Innocencio e o Sr. Pinto de Carvalho mas ainda Champfleury [1] e Francisque Michel [2] que Gama Machado fizera longas viagens. Na *Théorie des Ressemblances* só encontrei, porém, referências a uma estada em Fontainebleau (vol. II, pág. 90) e a uma viagem pela Alemanha em 1826 (vol. I, pág. 118). Donde se não pode concluir, é certo, que não tenha viajado mais.

II

Em Paris, Gama Machado, que cedo se encontrou de posse duma fortuna considerável, vivia ocioso, sem seguir a regra pautada duma carreira nem praticar a disciplina duma profissão qualquer, freqüentando o melhor mundo, contando numerosas relações e amizades nos salões em que se apreciavam as letras, as sciências e a conversação elegante [3].

Foi, diz o Sr. Pinto de Carvalho, um dos catorze fundadores do Jockey-Club.

Com preocupações eruditas e um espírito curioso, Gama Machado empregava as suas horas vagas, que eram muitas, em abundantes leituras, feitas certamente sem grande ordem nem plano, adquirindo assim sôbre as diversas questões filosóficas e scientíficas, mais em voga ao tempo, as ideas dum *dilettante*, com mais brilho que solidez. A sua inteligência manifestava-se, pode dizer-se, apenas por curiosidades que só levavam a fantasias.

Os hábitos da sua vida privada eram duma tão notável extravagância que Gama Machado conseguiu, sem dúvida alguma, ter na *Ville-Lumière* a sua hora de celebridade. Assim acontece que Champfleury inaugura por um estudo cheio de pitorescas informações sôbre a vida dêste nosso compatriota a galeria de tipos curiosos do seu livro *Les excentriques*.

Cêrca dos 50 anos, Gama Machado começou a dedicar-se com a mais violenta paixão à história natural, sciência que foi a ocupação entusiástica e absorvente dos últimos anos da sua vida.

Não pensava noutra coisa.

---

[1] Champfleury, *Les excentriques*, Nouvelle édition, Paris, 1864, Chapitre I, pág. 23 a 41.

[2] R. Francisque Michel, *Les portugais en France. Les français en Portugal*, Paris, 1882, pág. 149–150.

[3] Estas notas sôbre o modo de viver de Gama Machado foram, salvo, é claro, as que levam uma indicação especial, colhidas no livro de Legrand du Saulle, a que nos temos já referido e que, no decurso da obra, teremos muita vez ocasião de citar.

Passou a viver rodeado de pássaros vivos e de outros animais, enchendo além disso a casa de livros e de objectos da mais variada proveniência, que procurava por tôda a parte com afã.

Ora isto acabou por dar na vista.

«O que há de mais singular, é — diz Champfleury — ver um Grande de Portugal com óculos de ouro, *fureter sur les quais* como um simples burguês. Mais singular ainda é encontrar no meio de Paris, em pleno *quai Voltaire*, um homem cercado de pássaros e de curiosidades de tôdas as partes do mundo».

A casa do *quai Voltaire*, onde Gama Machado acumulara as suas colecções, era freqüentadíssima por pessoas de tôdas as categorias, porque o homem era amável e considerado e, a-pesar-de materialista e ateu, extremamente tolerante, chegando a receber bispos e missionários da China e irmãs de caridade.

Uns iam ver as colecções. Foi lá Champfleury, que diz no livro já citado: «J'ai vu chez M. de Machado...». Foi lá, em 1856, D. Luís, que mais tarde foi rei de Portugal, visita que o comendador julgou dever comemorar, mandando fazer uma estampa que vem no 4.º vol. da *Théorie des Ressemblances*, acompanhada dos seguintes dizeres: «L'auteur de la Théorie des Ressemblances recevant à Paris, l'illustre visite de son Altesse Royale le Duc d'Oporto, jeune et moderne Mécène, accompagné de son Excellence le Viconte de Carreira, et faisant voir a S. A. R. ses oiseaux favoris» [1].

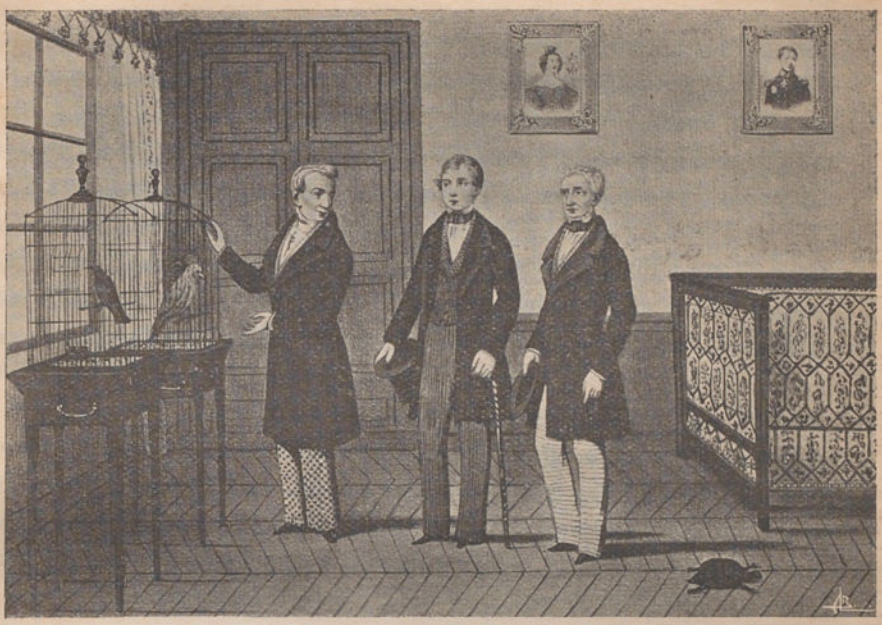
Outros, certamente a convite do dono da casa, para satisfazer a grande curiosidade com que o investigador procurava conhecer os fenómenos insólitos da natureza, como aconteceu com os célebres irmãos siamêses com quem Gama Machado jogou uma partida de xadrês, facto também legado à posteridade por meio duma nova estampa [2] digna de admiração, acompanhada duma extensa legenda onde se lê entre outras coisas: «J'ai fait plusieurs fois avec eux une partie d'echecs quoique jouant tous les deux ensemble contre moi, le calcul des mouvements des pièces était presque toujours le même. Ils ne se parlent jamais que quand ils jouent, et seulement pour se conseiller».

Outros vinham porque o comendador era bom, generoso, carita-

---

[1] O Visconde da Carreira era ao tempo ministro de Portugal em Paris.

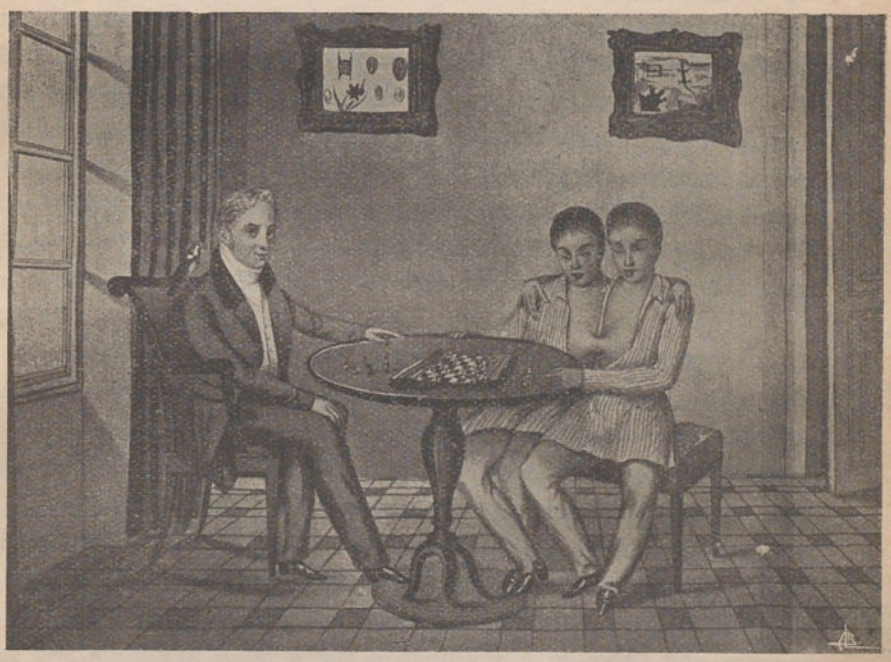
[2] Veja o que se diz sôbre esta estampa no capítulo intitulado *A Teoria das Semelhanças.*



GAMA MACHADO MOSTRANDO AS SUAS AVES FAVORITAS A D. LUÍS

Reprodução duma estampa a côres do vol. IV da *Théorie des Ressemblances*

Cliché do Posto Antropométrico da Polícia Cívica de Lisboa, obtido por especial deferência do Dr. Balbino Rêgo.



GAMA MACHADO JOGANDO O XADRÊS COM OS IRMÃOS SIAMÊSES

Reprodução duma estampa a côres que se encontra no exemplar do vol. II da *Théorie des Ressemblances* pertencente ao Dr. Fausto Lopo de Carvalho

Cliché do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.

tivo, com a mão e a bôlsa sempre abertas para todos os sofrimentos e todos os infortúnios, como se vê mesmo pela redacção de um dos seus testamentos que começa assim: «Le temps est triste et je ne puis sortir; je vais donc m'occuper à faire un peu de bien. Je lègue...». A fácil bondade do seu coração só era afinal excedida pela inacreditável extravagância do seu espírito.

Outros finalmente iriam a uma casa onde recebiam bem, ouvir o sábio discorrer sôbre questões biológicas e outras pela forma imprevista e original que podemos imaginar lendo o livro que Gama Machado nos deixou.

Mas são tão extranhas as doutrinas dêsse livro que lembra perguntar — tomariam a sério as filosofias do comendador êsses amigos que se lhe juntavam em casa, a partir de 1830 e tal, formando uma espécie de pequena academia, douta e polida, que chegou a funcionar regularmente aos domingos à noite?

É provável que não.

Sem que se possa dizer que eram só motivos interesseiros os que levavam a casa do comendador os freqüentadores habituais, há, no entanto, razões para suspeitar que alguns procuravam, elogiando em têrmos excessivos o homem, que era um vaidoso de mãos rôtas, obter vantagens monetárias — escreviam-lhe cartas laudatórias que fazem rir, mas que o comendador tomava a sério, e chegaram mesmo a dedicar-lhe poesias, como tudo, em breve, se verá. Os mais iriam apenas ao chá que era bem servido.

Um amigo de Gama Machado «que muitos annos foi por elle recebido em suas reuniões escolhidas dos domingos», amigo que há fundamentadas razões para afirmar ser o padre Inácio Roquette, o do dicionário de francês, dá nos numa carta que publicou no n.º 2329 do *Jornal do Commercio*, de 11 de Julho de 1861, algumas saborosas informações a tal respeito:

«O commendador Machado, comquanto tivesse ideas algum tanto materialistas e fatalistas, não era porcerto de corrupção de costumes que lhe provinham, senão de originalidade de genio e de independencia de pensar. Nunca elle deslisou da nobre e polida educação que recebêra na illustre casa paterna, e n'um dos mais distintos collegios de Paris. Era o que chamam os franceses *un homme aimable, un chevalier charmant et comme il faut*. A sua beneficencia e generosidade eram proverbiaes, sem distinção de crenças nem partidos. A sua tolerancia era igual à sua urbanidade e polidez; não gostava de polemicas, nem em materias de politica nem de religião, e sabia respeitar as opiniões de todos, com tanto que fossem moderadas, e como folgava de as ouvir expender; gostava da discussão amena, e

que os francezes chamam de *bonne compagnie*, mas preferia as questões scientificas, litterarias e philologicas. O gabinete classico em que elle recebia os amigos dominicais, estava cercado de muitos e variados diccionarios; e antes que pozesse na meza um precioso chá, em que nunca faltavam um gostosissimo *baba* e um succulento *brioche*, com uns ligeiros *crescentini*, e por cima do precioso chá um crystalino calix de generoso Malaga, Madeira ou Xerez, costumava dizer o amavel cavalheiro: *Messieurs, la société des dictionnaires va commencer*. Davam os seus aposentos para o lado do norte em frente do Louvre, mas estavam de inverno tão aquecidos que n'elles reinava um permanente colorico de 14 ou 15 gráos, quando as vezes descia o thermometro na rua a 10, a 12 e a mais gráos».

Esta leitura mostra-nos claramente que ao bom do padre crescia água na bôca, caindo a baba em fio, quando se lembrava do chá, dos bolos tão bons e do vinhito, tomados em tão boa companhia, numa casa tão confortável e aquecida... Neste mundo ainda há coisas boas que não fazem mal nem são pecado...

Quem seriam os outros companheiros destas tertúlias?

O testamento feito por Gama Machado em 12 de Maio de 1852 revela-nos alguns nomes:

«Je lègue à M. le baron de La Tour, M. de Serène, M. le chevalier Candido, M. Jelette, M. l'abbé Roquette, une bague de la valeur de 100 fs. à chacun comme un souvenir du dimanche».

O padre não era ingrato, não se esqueceu de isto. Depois da morte de Gama Machado lá veio à imprensa, com a carta de que transcrevemos um bocado, defender o amigo de certas acusações que lhe eram feitas como mais adiante teremos ocasião de referir.

Continuando na sua carta diz Inácio Roquette:

«Esta suave atmosphera era egual em todos os quartos com particularidade nas salas onde viviam os passarinhos, que eram muitos e mui bonitos, e alguns havia tão engraçados que soltavam os seus descantes quando ouviam as discussões dos academicos dos diccionarios; outros tão domesticados que vinham depenicar no *baba*, ou bifar as ligeiras migalhinhas que sobre a meza cahiam».

Gama Machado transformara com efeito tôda a sua casa numa vasta capoeira. Por tôda a parte havia pássaros, alguns dos quais tão célebres que se poderiam mesmo considerar históricos como, por exemplo, o *dioch do Senegal* que forneceu ao autor a idea da

sua *Teoria das Semelhanças* que será examinada no capítulo seguinte (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 9, nota 1).

Ora Gama Machado não só tratava com extremoso carinho estes seus pequenos hóspedes de que contìnuamente observava os costumes, mas fizera mesmo dêles os companheiros habituais nas diversas circunstâncias da sua vida, chegando a jogar o dominó com um canário. E o que tem graça é que o comendador confessa que perdia sempre (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 106).

Os pássaros eram também os convivas habituais das refeições do sábio. «Todos os dias — diz êle no seu livro já citado, vol. I, pág. 35 — os animais de que eu gosto de tratar almoçam comigo... Cada um tem a sua linguagem para pedir o almoço esperando com ansiedade. É preciso não os enganar nunca se se quizer conservar a amizade dêles».

Até o pica-peixe, a-pesar-de lançar os seus escrementos líquidos a três pés de distância, fenómeno extraordinário que levou o sábio a dar-lhe o nome de *badigeonneur*, vinha jantar à mesa! (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 91).

Nas viagens que fazia, em deligência, caminho de ferro, barco a vapor, etç., costumava o nosso herói levar um periquito que nunca se esquecia de pedir o almoço com um grito especial sempre à mesma hora como o melhor relógio. Comentava o sábio que a providência dera ao pássaro o instinto perfeito da divisão do tempo que falta em geral ao homem (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 35).

Êste periquito era uma espécie de vigia, de enfermeiro inteligente, porque, sempre que um outro pássaro caía sùbitamente com um desmaio, êle dava logo um grito a pedir socorro [1].

Um passarito do Senegal levava ainda mais longe a sua dedicação. Quando algum dos companheiros caía doente, tapava-o com palhinhas e punha-se à porta da gaiola impedindo com as suas bicadas que alguém tocasse no enfermo.

São dignas de memória as especiais atenções que ao sábio mereciam as condições higiénicas dos seus companheiros. Cada pássaro tinha a sua banheira, havendo um local disposto para sala de banhos, onde tôdas se encontravam alinhadas. Era uma das coisas mais admiráveis da casa do comendador.

A alimentação fôra também cuidadosamente estudada, tendo Gama

---

[1] A maior parte destas informações sôbre os pássaros de Gama Machado é tirada do estudo já citado do livro de Champfleury, que se encontra traduzido no *Diccionario Universal Portugnez*, no artigo sôbre José Joaquim da Gama Machado.

Machado assentado na seguinte fórmula de *patée*, como sendo a melhor (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, págs. 70 e 71, nota):

«Faz-se uma massa com carne de vaca cozida muito picada, meia gema de ôvo fresco, uma quarta de milho painço escolhido e pisado, uma oitava de cânhamo, tudo muito bem pisado num almofariz, e sem lhe deitar água porque a do painço é suficiente para humedecer tôda a massa... Os gorgulhos são um magnífico alimento para as estrelinhas e rouxinóis e é preciso dar-lhe um por dia, convindo que seja à tarde. Quando êles estão doentes costumo deitar um ou dois gorgulhos na massa que fica assim mais saborosa... Mas nunca salsa, como se costuma fazer; porque eu considero essa planta como nociva, por causa da sua semelhança com a cicuta... Esta massa é mais saudável e mais agradável à vista que o coração de boi picado, que se dá ordinariamente aos *becs-fins*».

III

Afirma Gama Machado no seu livro (vol. I, pág. 122) que uma longa experiência lhe mostrara terem os pássaros justamente as mesmas doenças que o homem — constipações, doenças da pele, dores de cabeça, obstruções, tísica, convulsões, etc. — descrevendo os sinais por que se pode reconhecer que estão doentes: «Os pássaros, com boa saúde, dormem repousando sobre uma só perna; repousam sobre as duas quando sofrem. Quando doentes, as asas tomam uma forma quadrada; a sua plumagem eriça-se e torna-se sedosa: alguns dias antes de morrer deixam de subir ao poleiro, dormem pelos cantos da gaiola, e comem muito, o que anuncia o delírio» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 101).

Quando algum passarito adoecia, Gama Machado procurava aliviá-lo, empregando os mesmos remédios que nós usamos e isto a-pesar-de haver pássaros que têm a sua medicina e cirurgia naturais. É assim que, tendo aparecido no bico dum passarito do Senegal uma excrescência que o incomodava muito e quási o impedia de comer, o comendador viu, com grande pasmo, um tentilhão limar com o bico a excrescência do companheiro que se prestava com tôda a confiança, duas vezes por dia, a êste tratamento que no fim duma semana o punha bom.

A-pesar-disso é preciso socorrê-los muita vez e Gama Machado carinhosamente nunca deixou de o fazer e quási sempre com excelente resultado.

Recomendava a beladona como muito eficaz nos ataques epilépticos

de que sofrem algumas aves, o açafrão como muito útil na época fatal da muda, etc.

Os dois mais notáveis exemplos destas oportunas intervenções terapêuticas são certamente, referindo-me só a pássaros, o caso do *Sénégali* que Gama Machado conseguiu fazer viver muito tempo dando-lhe banhos de leite e algumas gotas de éter (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 110) e sobretudo o caso do estorninho que viveu mais de quinze anos.

Êste estorninho de muita estimação era o pássaro mais esperto que se tem visto, grande cavaqueador e grande cantor. Falava tão claro como um papagaio, cantava, assobiava e, a qualquer hora que o dono o chamasse, respondia logo. Viveu muitos anos sem comer carne, mas era muito guloso de moscas e insectos.

Com a idade quebraram-se-lhe as fôrças e foi preciso alimentá-lo com a massa descrita.

Mandou Gama Machado fazer uma estampa (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 121) representando êste pássaro, extremamente velho, já sem poder subir ao poleiro, sôbre o colchão de feno onde passava os dias com o bico encostado às grades da gaiola. Tinha gota.

Os meios que há dois anos emprego para prolongar a existência do meu velho estorninho — dizia o dono — são simples e talvez as pessoas que sofrem de gota pudessem com êles achar algum alívio. Como o inverno de 1829 para 1830 fôsse muito rigoroso, dava-lhe tôdas as noites um banho às pernas com flores de alteia, sabugueiro e alecrim fervidas, e depois fazia-o adormecer, quando ainda estava no banho, magnetizando-o, porque sem isso não podia sossegar.

Quando êste pássaro, que figura ao lado do dono num retrato feito por Domingos António de Sequeira, morreu, mandou Gama Machado fazer-lhe um túmulo de madeira de cedro, em forma de pirâmide, encimado por um ôvo, símbolo da fecundidade [1].

Parece que saiu obra fina, porque foi êste o padrão que o comendador adoptou para o seu próprio túmulo, como recomendava no testamento de 1 de Setembro de 1833: «Tomar-se-a para modelo do meu tumulo o que fiz elevar ao meu estorninho: esta ave estando embalsamada depositar-se-a o seu corpo com o meu».

Não foi esta a única ave que Gama Machado julgou merecer a honra de acompanhar na morte o corpo do naturalista, noutro testamento (15 de Abril de 1845) lê-se com efeito: «Depositar-se-ão no

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 305.

meu caixão as aves contidas nos quatro túmulos que ornam as minhas colecções de história natural».

Vê-se, pois, que mesmo depois de mortos, Gama Machado não esquecia os seus pequenos amigos alados, tão grande amor lhes dedicara.

As homenagens póstumas, referidas até agora, têm, pode dizer-se, um carácter privado pois que os túmulos dos passarinhos se encontravam em casa junto das colecções de história natural; mas um dia o comendador foi mais longe, mandou erigir num local público, no próprio terreno que comprara no cemitério do Père-Lachaise para a construção do seu túmulo, um monumento funerário de feitio dum *coquetier* encimado por um ôvo da avestruz, com a seguinte inscrição *Monument à un oiseau favori — Alouette*, o que deu logar a uma trapalhada como de aqui a pouco se verá [1].

IV

O grande amor de Gama Machado pelos sêres vivos não se limitava aos pássaros, estendia-se aos outros animais, só havendo afinal uma excepção — o gato, animal que nunca admitira em sua casa por uma antipatia impossível de vencer, a-pesar-de o considerar como muito útil porque a natureza o tornara o inimigo mais implacável dos ratos e das ratazanas (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 58); mas é o único animal que nunca se sujeitou aos nossos caprichos, «alimentado e abrigado por nós, saí e entra quando quer, sem querer saber se as suas entradas e saídas podem agradar ou desagradar ao dono» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, págs. 77 e 78).

Uma das grandes paixões do comendador foram os cavalos.

Tratava primorosamente os que lhe pertenciam. Todos os dias ia na sua carruagem ao Bosque de Bolonha, onde se demorava muito, vendo, cheio de satisfação, os animais comer a sua aveia a que juntava torrões de açúcar.

Quis que estes cavalos o acompanhassem ao cemitério no dia do seu entêrro, mas levados à mão, sem puxar a qualquer carro. Assim o determinou num dos seus testamentos e parece que assim se fez.

Foram uns animais felizes, boa aveia com açúcar e convite para o entêrro...

Mas Gama Machado não se esquecia dos outros, dos desgraçados que puxavam carroças e carros de aluguer. Veja-se adiante o que determinou a respeito dêles nos seus testamentos.

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 336.

Foi com um cavalo, chamado *Bienvenu*, que aconteceu uma aventura só por si suficiente para dar uma grande nomeada ao comendador Gama Machado, aventura que, numa carta enviada de Paris, em 9 de Fevereiro de 1855, à «*Redacção da Gazeta Homeopathica do Porto*», o visconde de Sernancelhe descreve nos seguintes entusiasmados termos [1]:

«A introducção da medicina homoeopathica no Brazil, donde em breve se propagou a toda a America Meridional, foi certamente um immenso serviço devido a Portuguezes; porém ha ainda outro, nada somenos, que egualmente se lhes deve, e que ainda me parece desconhecido em Portugal, por que não vejo que a Gazeta Homoeopathica delle faça menção. Este serviço é a applicação dos principios estabelecidos por Hahnemann á medicina veterinaria. Actualmente alguns escriptos sobre este interessantissimo ramo da sciencia medica tem apparecido em Allemanha; porém aquelle que, primeiro que ninguém, tomou por este caminho, e a quem a humanidade deve incontestavelmente os primeiros ensaios neste sentido, é o Commendador José Joaquim da Gama Machado, que aqui rezide em Pariz, ha mais de 60 annos, occupando-se constantemente de tudo o que pode servir ao progresso das sciencias naturaes, com um zelo e dezinteresse que todos teriam por fabulozo, se se não tratasse de um facto contemporaneo, e que todos podem verificar. Foi com effeito este distincto Portuguez, já tão conhecido no mundo scientifico pela obra em 3 vol. em quarto, que publicou debaixo do titulo de *Théorie des Ressemblances*, quem emprehendeu as primeiras tentativas de alguma importancia sobre a applicação da medicina homoepathica ás molestias dos animaes. Os seus primeiros ensaios, posto que emprehendidos com extrema hezitação e timidez, forão desde logo seguidos de rezultados assaz proprios para anima-lo a proseguir; e entre elles é extremamente notavel o de um cavallo, que as altas summidades veterinarias da capital, sem excepção das da escola d'Alfort, havião condemnado unanimemente á morte como incuravel, e a que o nosso illustre Portuguez restituiu, com espantoza facilidade, a vida e a saude. Era um cavallo de 36 annos, que elle estimava sobre maneira pelo longo e excellente serviço que lhe tinha prestado, e a que por este motivo chamava *o seu amigo*. Já o pobre animal se achava em prezença do executor, quando *o seu amigo* lhe acudiu com os embargos da mizericordia homoeopathica, e com 4 unicos globulos de quinina lhe restituiu não somente a vida e a saude, mas até certas faculdades unicamente proprias de annos mais juvenis. O facto fez

---

[1] *Gazeta Homoeopathica Portuense*, segunda série, n.º 6, 15 de Março de 1855.

sensação em Pariz, e até foi celebrado com a publicação de uma magnifica estampa illuminada, em que se vê o Commendador Machado reprezentado na atitude de administrar a beberagem homoeopathica a *Bienvenu*».

Nunca vi esta estampa e francamente tenho pena.

Os glóbulos que o comendador propinou ao cavalo valiam tanto, afinal, como os enxertos de Sérgio Voronoff.

E ninguém sabia disto, uma coisa tão fácil...

CAPÍTULO II

A teoria das semelhanças

I

Dos estudos e observações, que Gama Machado pôde fazer com os copiosos materiais acumulados em sua casa, resultou uma formidável obra em quatro grossos volumes, luxuosamente impressa em óptimo papel e sumptuosamente ilustrada com magníficas estampas coloridas, intitulada:

Théorie des Ressemblances ou essai philosophique sur les moyens de déterminer les dispositions physiques et morales des animaux, d'après les analogies de formes, de robes et de couleurs. Par le Ch.er de G. M.... Paris, Treuttel et Würtz, libraires, rue de Lille, n.º 17; Delaunay, libraire, Palais-Royal. M DCCC XXXI.

Seconde partie. Paris, Imprimerie de H. Fournier et Cie, rue de Seine, n.º 14 bis. M DCCC XXXVI.

Troisième partie, formant le complément de la Théorie des Ressemblances. Paris. Imprimerie de H. Fournier et C.ie, rue Saint-Benoit, 7. 1844.

Quatrième partie, formant la suite de la Théorie des Ressemblances, et contenant quelques considerations sur la Greffe, la Rose verte, L'Éperlan, la Pensée chez les plantes, l'Hérédité et le Hasard, ainsi que sur l'impossibilité de reconnaitre, à l'aide du squelette seulement, les animaux réputés antédiluviens, étant privés de leurs robes. Paris. Imprimerie de J. Claye, rue Saint-Benoit, 7. 1858.

Aparece no frontispício dêste último volume, pela primeira vez, em lugar dumas simples iniciais, como acontece nos outros, o nome do autor acompanhado dos seus títulos:

Le Ch.er da Gama Machado, Conseiller de la légation du Portugal à Paris, Membre de l'Académie des Sciences de Lisbonne, etc.

Esta obra é pouco vulgar por ter sido limitada a tiragem man-

dada fazer pelo autor, não me constando que tenha aparecido nos leilões recentes de livrarias.

Já em 1861 os exemplares da *Théorie des Ressemblances* eram raros em Lisboa por terem vindo poucos para Portugal [1]. À data da publicação do tômo 13.º do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1885) tinham já sido vendidos alguns exemplares por 100 francos [2].

É, com efeito, difícil encontrá-la completa.

Na Biblioteca da Universidade de Coimbra apenas se encontram os dois primeiros volumes, oferecidos pelo autor como provam as dedicatórias autógrafas que ambos têm.

Na Biblioteca Nacional falta o 4.º volume; dos existentes, o 1.º e o 2.º foram respectivamente oferecidos à «*Bibliothèque Royale de Lisbonne*» e à «*Real Bibliotheca Publica de Lisboa*», o 3.º não tem dedicatória.

Na Biblioteca Pública Municipal do Pôrto não há, conforme me informou o seu Director, o Sr. João Grave, nenhum dos volumes.

A Biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa possui a obra completa, tendo todos os volumes, excepto o 3.º, dedicatórias autógrafas.

A Biblioteca da Ajuda só tem os três primeiros volumes, oferecidos pelo autor «*à l'Illustre Naturaliste son Altesse Royale le Prince Royal de Portugal*» que vinha a ser nem mais nem menos do que D. Luís, mais tarde rei de Portugal.

Estes exemplares da Ajuda são preciosos. Contêm cartas e outros documentos interessantíssimos, muitos dos quais teremos oportunamente ocasião de referir. Têm algumas notas e apontamentos autógrafos do autor. E têm sobretudo aguarelas formosíssimas, a propósito das quais se lê no princípio do 1.º vol.: «*Les dessins contenus dans ces volumes sont dessinés d'après nature et ont servi de base à mon travail.* Paris Oct. 1831. José Joaquim da Gama Machado».

Entre estas aguarelas há, colada nas fôlhas de guarda, logo no princípio do 1.º volume, uma, acompanhada dum interessante texto, a que certamente se não refere esta nota do autor, representando o projecto do extraordinário túmulo que Gama Machado mandou fazer no cemitério do Père-Lachaise para repouso dos seus ossos. Teremos ocasião de falar nêle.

Das restantes, algumas são os originais das estampas que figuram na obra, as outras, embora servindo para ilustrar o texto, não apa-

---

[1] *Jornal do Comércio*, n.º 2326, de 7 de Julho de 1861.

[2] Innocencio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tômo 13.º (6.º do Suplemento). Lisboa, 1885, pág. 27.

recem reproduzidas nos exemplares vulgares da *Théorie des Ressemblances.*

São as seguintes:

Vol. II, pág. 184 — Aguarela, acompanhada duma notícia escrita por Gama Machado, onde se vê o nosso homem a jogar o xadrês com os irmãos siameses.

A seguir, aguarela representando um monstro duplo, as duas irmãs Rita e Cristina, acompanhada também dumas notas escritas por Gama Machado.

Vol. III, pág. 9 — Aguarela representando um sátiro e uma cabra.

Pág. 10 — Aguarela com uma mulher, um grande cão preto e o produto do seu cruzamento, extranho animalzinho com pernas e rabo de cão e com busto e cabeça de gente.

Pág. 64 — Mythologie indienne. Le Taureau d'or du Japon brisant avec ses cornes l'Oeuf universel.

Pág. 138 — Na tenda dum pele vermelha, ornada com as competentes armas de guerra, vê-se, aninhada no chão, uma mulher da tríbu dos *Chinooks à têtes plates*, tendo nos braços uma criança; dum e doutro lado estão dois bustos sôbre as respectivas colunas, tendo o da esquerda, na base, «*Idiot mort à Amsterdam*» e o da direita, «*Avocat très intelligent*».

Pág. 140 — Les deux genèses, celle de Moise et celle du Japon.

Não se deverá, porém, supor, em vista disto, que estejam incompletos os exemplares da obra a que faltam as litografias correspondentes às aguarelas mencionadas.

De facto, estes exemplares têm sempre, pelo menos, as estampas correspondentes ao número indicado no frontispício ou as que são mencionadas nos respectivos índices. E digo pelo menos porque às vezes têm mais.

Assim, por exemplo, todos os exemplares do vol. I que me passaram pelas mãos, além das 20 estampas correspondentes a indicação do frontispício, tem, a pág. 29, uma estampa a mais, intitulada *Cemitière des fourmis* e alguns têm no fim, depois do índice, mais seis estampas que figuram de novo no vol. II [1].

---

[1] As legendas completas das estampas do vol 1.º, além da já mencionada que representa o cemitério das formigas, são as seguintes:

Pl. I — Du saimiri ou sapajou-orangé, et de ses principales analogies avec quelques autres animaux.

Pl. II — De la tête du saimiri, dans laquelle l'organe de l'amour maternel est très-développé.

Pl. III — Du cheval de course, comparé, d'après ses formes, avec le lévrier et quelques autres animaux coureurs.

Pl. IV — Du cheval de trait, comparé avec le boeuf, sous le rapport des for-

É curioso notar que algumas das aguarelas dos exemplares da

---

mes qui le rendent plus particulièrement apte aux travaux de l'agriculture et des arts.

Pl. V — Du lion, consideré dans ses ressemblances avec le chat angora et le chien-lion.

Pl. VI — De l'hyène dans ses analogies avec le chien-loup.

Pl. VII — Du phoque, consideré dans ses analogies avec le chien basset à jambes torses.

Pl. VIII. — Du troglodite, vulgairement appelé roitelet, et de la souris, comparés dans la ressemblance de leurs yeux, et des couleurs de leurs robes.

Pl. IX — Du roitelet, ressemblant par la couleur de sa robe à la becasse, et offrant une partie de son caractère.

Pl. X — Du dioch du Sénégal, comparé dans ses moeurs, dans les formes de sa tête et la couleur de sa robe avec le lezard.

Pl. XI — De la chouette-hulotte et de la phalène-agrippine du Brésil.

Pl. XII — De la loxie fasciée, vulgairement cou-coupé, et de ses analogies avec le ganga du Sénégal et le dindon gris.

Pl. XIII — De la petite perruche à front fleur-renoncle-cerise et du criquet-duc du Brésil.

Pl. XIV — Du petit sénégali rouge, du bengali bleu, et de leur analogie avec les papillons Euchelia Jacobeae et Polyommate Damon.

Pl. XV — Du gros-bec du Sénégal et de ses rapports avec l'hirondelle d'Europe et le moineau.

Pl. XVI — Du serin au front feuille de vigne et du papillon trite du Brésil.

Pl. XVII — Du sénégali à front fleur scabiense (fleur de veuve).

Pl. XVIII — Des petites perruches du Sénégal à front fleur renoncule-cerise.

Pl. XIX — Des signes extérieurs de l'espèce douce ou méchante du chien, d'après Gall.

Pl. XX — D'un sansonnet agé de quinze ans.

*

Em todos os exemplares que vi do vol. II, excepto no que pertence ao Dr. Fausto Lopo de Carvalho e a que me refiro no texto, encontrei sempre apenas nove estampas, justamente o número indicado no frontispício.

Na lista que se segue vão marcadas com o sinal (*) as estampas que, como foi dito, aparecem também no final do vol. I:

— Le cerveau (*).
— Hura crepitans.
— Les similitudes d'origine (*).
— Vallisnère.
— Le torcol (*).
— La fritilaire à damier (*).
— Le tabac de Virgine et le laurier rose (*).
— Application de la Théorie des Ressemblances (*).
— Gradation régulière de l'homme.

*

A estampa das *Similitudes d'origine* torna a figurar ainda no vol. III, de que vi

Ajuda são acompanhadas de legendas litografadas ou impressas, coladas sôbre as primitivas que eram manuscritas, o que me leva a crer que teriam sido mandadas fazer as estampas correspondentes que depois, por qualquer motivo, não foram juntas aos volumes respectivos.

Parece-me que confirmam esta suposição os dois factos seguintes:

1.º Em Coimbra, no Instituto de Antropologia, existe, metida num caixilho, uma litografia reproduzindo a aguârela «*Les deux genèses*» acompanhada do mesmo texto impressso e com a indicação da página do vol. III junto da qual deveria ser colocada (pág. 140), precisamente a situação em que se encontra, no exemplar da Ajuda, o original.

2.º Num exemplar do vol. II da *Théorie des Ressemblances*, pertencente ao Dr. Fausto Lopo de Carvalho, vi a reprodução litográfica de mais duas aguarelas, de aquela, curiosíssima, em que se vê o autor a jogar o xadrês com os irmãos siameses e da que representa as duas irmãs Rita e Cristina.

Devo dizer ainda que da Est. VI do vol. I *(De l'hyène dans ses analogies avec le chien-loup)* há duas variantes — encontrei uma delas nos exemplares pertencentes à Academia das Sciências e à Biblioteca da Universidade de Coimbra e a outra nos volumes da Biblioteca Nacional e do Dr. Fausto Lopo de Carvalho. Esta segunda forma é sem dúvida posterior à outra, porque corresponde à aguarela do

---

dois exemplares, tendo ambos só as três estampas mencionadas no respectivo índice:

— Transmissions héréditaires.
— Aux yeux de la nature, l'intelligence et la beauté n'ont aucune valeur.
— Les similitudes d'origine.

*

Finalmente, para completar esta nota, direi que no único exemplar do vol. IV que consegui ver, na Academia das Sciências de Lisboa, encontrei as onze estampas referidas no índice, a saber:

— L'oranger greffé sur le mûrier.
— Le poirier greffé sur l'aubepine.
— La crassane greffée sur le beurré gris.
— La duchesse greffée sur le beurré gris.
— La poire Prince d'Aremberg greffée sur cognassier.
— La rose Fallemberg et la rose Aimée Vibert greffées sur l'eglantier.
— La rose verte.
— L'eperlan.
— L'insecte *Feuille ambulante* et l'insecte *Spectre*.
— Visite faite à l'auteur par S. A. R. le duc d'Oporto.
— Deux veuves du Sénégal de nos volières et leurs squelettes.

exemplar da Ajuda, que tem a seguinte nota escrita a lápis por Gama Machado: « *Cette planche est nouvelle. On fera attention à la robe des deux individus qui est pareille* ».

Esta obra sôbre a *Théorie des Ressemblances* não foi a única que Gama Machado escreveu, foi sem dúvida a mais importante, a de maior vulto, mas há outras menores.

O Dr. Silva Carvalho no seu livro *Medicos e Curandeiros* [1] dá, com efeito, notícia duma «separata do *Moniteur des Hopitaux*, de 1853, intitulada *De l'hérédité de la Morve et de la Rage* par M. le Commendeur Da Gama Machado, Conseiller de la Légation de Portugal à Paris, Membre de l'Académie des Sciences de Lisbonne, etc., etc. Segue-se uma vinheta a côres representando um cão mordendo uma creança, depois uma citação de Da G. M. «On me regarde comme le symbole de l'attachement, cependant la *bienveillante* nature m'a affligé d'une terrible maladie que je transmets quelques fois à mon maitre» Paris, Imprimerie de J. Claye et C.e Rue Saint-Benoit, 7 — 1853, in-4.º de 3 pg.».

Além dêste folheto, o Dr. Silva Carvalho disse-me ter visto ainda em Paris, na Biblioteca Nacional, duas outras publicações, uma delas certamente da autoria de Gama Machado, a outra pelo menos inspirada por êle, de que tomara a nota que me forneceu e que em seguida se publica:

De l'influence du lait de la nourrice sur son nourrison relativement à ses maladies et à son caractère. Paris, 1853.

Programme envoyé à l'Athénée Royal de Paris, le 30 novembre 1845, pour le cours professé sur la Théorie des Ressemblances de M. le Ch.er de Gama Machado. Paris (s. d.).

Nunca vi nenhum dêstes trabalhos, mas os seus títulos levam-me a supor que se devem ocupar de questões que se encontram tratadas na obra monumental do autor sobre a «*Théorie des Ressemblances*», de que vamos procurar resumir a doutrina como nos fôr possível, porque a coisa é difícil, dada a falta de nexo de tôda a exposição.

[1] Silva Carvalho, *Medicos e Curandeiros*. Trabalho publicado n'*A Medicina Contemporanea*, revisto e aumentado. Lisboa, 1917, págs. 117 e 118.

II

O fim essencial dêste trabalho era, consoante o autor explica, demonstrar «duma maneira incontestável, para as pessoas mesmo as menos familiarizadas com o estudo das sciências naturais, que aí onde se encontrem formas, *robes* e côres idênticas, na imensa série dos seres organizados, aí se encontrarão também as mesmas conformidades de instintos, de hábitos e costumes» (Vol. I, pág. 1).

De facto, Gama Machado estava convencido de que, sobretudo no reino animal, sempre «que um ser tem com qualquer outro, nas diversas partes de que se compõe, semelhanças exteriores, o seu carácter moral deve participar ao mesmo tempo do de cada um dos animais de que se aproxima». Princípio que não é novo, visto não ser mais, na opinião do autor, do que a aplicação da «velha máxima dos filósofos de tôdas as idades», reproduzida no frontispício do vol. I — «as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos».

Dispensando conhecimentos técnicos, limitando-se à consideração das formas exteriores, esta obra tinha «por objecto principal tornar o estudo dos animais fácil, e por conseqüência mais agradável e destruir assim a origem de prejuízos tanto mais deploráveis que nos tornam muitas vezes injustos e mesmo cruéis a seu respeito» (vol. I, pág. 3).

O autor não ignorava que os naturalistas não têm considerado «as côres dos seres senão como *nuances* fugitivas pouco próprias para fornecer caracteres precisos nas descrições consignadas nas suas obras», mas esperava demonstrar com exemplos que a *robe* dos animais tem muito mais valor na indicação dos seus costumes do que se tinha pensado até então (vol. I, págs. 3 e 4). Esta opinião encontra-se expressa, por uma forma sintética e geral, numa divisa que figura no frontispício do vol. II e noutros pontos da obra: «*La couleur est le vrai pilote de la nature, pour donner la connaissance de la valeur de ses productions dans les trois règnes, animal, végétal et minéral*».

Além disso, até à data em que Gama Machado escreveu, os naturalistas não tinham, conforme diz (vol. I, pág. 4), procurado basear nas relações do físico e do moral os seus estudos sôbre os animais, à semelhança do que fez Gall para o homem. Ora o autor «dominado por um gôsto pronunciado pela natureza» juntou em tôrno de si «um grande número de espécies vivas de animais» e, observando-as com perseverança, pôde realizar estudos novos «saindo por completo

dos limites das ideas recebidas», que se decidiu a publicar pensando que poderiam ser úteis (vol. I, pág. 30).

Nestas investigações não há «nada que fira a delicadeza dos nossos sentidos» pois que, tratando-se apenas de «apanhar relações de semelhanças», não é necessário empregar o escalpêlo, sendo o ôlho do observador «o único instrumento *à mettre en usage*» (vol. I, págs. 30 e 31).

Era afinal uma sciência muito limpa e amável «*pour les gens du monde*», como o comendador que, no entanto, diz numa nota a propósito da dissecção: «Eu não pretendo por forma alguma depreciar a utilidade dêste modo de investigação: deve-se-lhe a anatomia comparada; e esta sciência é um dos mais importantes resultados da civilização. Mas ser-me há permitido observar que, por uma fatalidade inexplicável, o homem ocupa-se mais geralmente do estudo dos mortos do que dos vivos» (vol. I, pág. 30, nota 1).

O método imaginado por Gama Machado para demonstrar a sua teoria que não é afinal, segundo êle próprio diz, mais do que uma confirmação das doutrinas de Porta, Lavater e Gall, autores que muito apreciava, consistia essencialmente em reünir numa mesma estampa os seres vivos que pretendia comparar.

Para que se possa fazer idea, vejamos ràpidamente o texto que acompanha a est. I do vol. I, intitulada «*Du saimiri ou sapajou-orangé, et de ses principales analogies avec quelques autres animaux*», onde se vê um macaco, uma cabeça de coruja, uma cabeça de cão e uma rã exótica.

Trata-se dum macaco gracioso e amável, raro na Europa, cujo «carácter se compõe precisamente das tendências e inclinações dos animais com que acontece ter semelhanças, ou analogias de formas exteriores» (vol. I, pág. 34). Efectivamente, êste macaco ladra e o seu focinho parece-se com o de certa raça de cães; foge da luz e tem os olhos parecidos com os da coruja; parece-se no focinho com a hiena e como ela está sempre em contínuo movimento; tem os dedos viscosos e, na forma geral do corpo e na côr do ventre, parece-se com uma dada espécie de rãs, etc. É, como se vê, um exemplo vivo da teoria das semelhanças.

A fêmea dêste macaco é também o assunto da Est. II «*De la tête du saimiri, dans laquelle l'organe de l'amour maternel est très-développé*» em que aparece a cabeça do animal, vista de perfil, comparada com o crâneo, extraído da obra de Gall, duma mulher que, estando

grávida, julgava trazer no ventre seis filhos, tão desenvolvido tinha o amor maternal.

Esta estampa, na opinião do autor, é um exemplo convincente de que «analogias de forma entre o homem e os animais anunciam tendências semelhantes», visto tanto a cabeça da macaca como o crâneo apresentarem uma forma alongada, devida sobretudo ao excessivo desenvolvimento da parte posterior, e a macaca ter «*cette douce bienvaillance, cette tendresse expressive, et cette vive solicitude qui est propre aux mères les plus aimantes*».

A estampa prova, pois, claramente que «a semelhança da parte posterior da cabeça implica a mesma conformidade de carácter na mulher, e nas fêmeas das diversas espécies de macacos». Aparece aqui esboçada a doutrina da semelhança do homem e dos animais que, no decorrer da obra, o autor irá desenvolvendo e completando até chegar à conclusão que o homem não deve ser considerado como superior aos bichos.

E, até ao fim dêste vol. I, o autor assim vai prosseguindo na demonstração da sua idea, intremedeando os comentários mais ou menos pitorescos das restantes 18 estampas com receitas da melhor *patée* para pássaros e dos remédios mais apropriados para as suas doenças; com anedotas variadas, como seja a história de aquele golfinho que tapou com o seu corpo um veio de água aberto no costado dum navio, colando-se contra o casco, até à chegada do barco ao pôrto de Bristol, evitando assim um naufrágio, história destinada a provar a inteligência dêste animal, considerado pelo autor como semelhante ao cão *basset à jambes torses* (vol. I, págs. 62 e 63); com altas considerações filosóficas, como, por exemplo, quando deduz que a metempsicose tão depreciada hoje em dia é «uma das maiores leis da natureza» do facto de certo passarito trepar pelos cortinados e gostar de se esconder nos buracos como os ratos, de que apresenta o mesmo olhar penetrante e a mesma côr, voar com as asas na mesma posição que as borboletas, fazendo como elas um ruído quási imperceptível e ser da mesma côr que a Erycina thersander do Brasil (vol. I, págs. 67 e 68), etc., etc., etc.

Termina o volume com esta passagem que prova o largo alcance social que o comendador atribuía às suas lucubrações — não se percebe, é certo, como da doutrina exposta se possa deduzir a conclusão final da longa transcrição que fazemos, mas isso acontece a cada passo a quem lê os escritos do Ch.er da Gama Machado:

«A natureza não colocou pois sem desígnio as côres nos animais. Até aqui não se têm classificado senão segundo os caracteres puramente físicos; a teoria que exponho, dará os meios de fazer entrar

os elementos morais nas classificações. A minha doutrina, aplicável ao homem, será mais fácil de apanhar do que as que têm sido seguidas até hoje; não exige nenhuns conhecimentos anatómicos, basta combinar um conjunto de semelhanças, e cada um, seja no seu passeio, seja na sua família, poderá verificar a exactidão das minhas observações. Desejaria bem dar a estas observações todo o desenvolvimento que me pareceu comportarem; mas... Paro; talvez uma mão mais hábil se desempenhe um dia desta tarefa, que me parece imensa, mas cuja realização deve introduzir nos nossos códigos uma maior perfeição. A Inglaterra apagará do seu êste direito bárbaro que dá a cada indivíduo o poder de deserdar os seus filhos, direito que desonra a inteligência da espécie humana; e a pena de morte será de futuro aplicada com mais discernimento».

Na continuação da obra, sobretudo no vol. II, há uma grande série de novos e curiosíssimos exemplos destinados a confirmar estas opiniões do autor sôbre a importância do estudo das côres dos animais, côres que êle afirma (vol. II, pág. 79) não terem sido colocadas para «satisfazer a curiosidade e a vaidade do homem», visto que, contra a opinião emitida nos seus cursos «por um dos naturalistas dos mais célebres da Europa» de que não valia a pena considerar as côres «porque estavam sujeitas a muitas variações» (vol. II, pág. 80), cada tonalidade duma *robe*, composta de diversos desenhos coloridos, tem «um *valor* da mesma forma que os ossos que formam a estrutura do corpo humano».

A maior parte dêstes novos exemplos é tirada «*de l'espèce des volatiles*» (vol. II, pág. 80).

A simples coincidência das côres levou o autor a adivinhar, por comparação com as aves indígenas, o carácter de muitas aves exóticas, algumas das quais nem sequer tinha visto (vol. II, págs. 80, 81, 83, *et passim*).

E assim verificou idênticas plumagens nas aves que dão o mesmo grito, que cantam da mesma forma, que são boas dançarinas, que andam pelo chão, que são trepadoras, que se escondem em buracos, que vivem isoladas, que são sujas, vorazes, bulhentas, corajosas, que tecem, que anunciam as tempestades, etc., etc., etc., deduzindo algumas leis gerais, como, por exemplo, que «tôdas as aves com as pernas pretas são muito más» (vol. II, pág. 82).

Estes resultados maravilhosos levaram lògicamente o autor a pôr

esta questão — será o cérebro que *dirige* a côr ou a côr que *dirige* o cérebro? (vol. II, pág. 81).

Da qualidade dos raciocínios do comendador podem servir de amostra os seguintes exemplos, escolhidos ao acaso entre as dezenas que se encontram no decorrer da obra:

«O *pavão* tem no dorso o verde brilhante do *pica-peixe*, a *esmeralda;* um e outro gostam dos lugares onde há água. O *faisão* tem a plumagem com reflexos como o pavão e outras semelhanças de *robe* com êle; um e outro fazem ouvir o mesmo grito e são muito maus» (vol. II, pág. 92).

A propósito do *melro de água*, que uma nota informa ser um dos exemplos «mais salientes da Teoria das Semelhanças», diz o livro que «ainda que não seja palmípede, é forçado a viver na água, dada a semelhança da sua *robe* com a dos animais aquáticos».

Não se limita porém o autor a comparar as aves umas com outras. Compara-as com flores. Compara-as com reptis, definindo uma delas, o *torcicolo*, como um reptil vestido de penas (vol. II, pág. 59). Compara-as com mamíferos — a *águia*, tirano dos ares, e o *leão*, o mais corajoso dos quadrúpedes, ambos de côr fulva (vol. II, pág. 99); a *avestruz* e o *camelo* que, tendo grandes relações de semelhança na forma das pernas, no comprimento do pescoço e mesmo na organização interior, vivem ambos em sociedade nos lugares solitários e suportam muito tempo os tormentos da sêde (vol. II, pág. 102).

Depois passa aos outros animais.

Compara o *elefante* com a *baleia* — «O elefante tem a mesma côr acinzentada que a baleia; um e outro são os animais que apresentam mais volume e mais fôrça na sua organização, e que vivem mais tempo. Para educar um elefante a viver no cativeiro, é preciso construir um tanque em que êle se possa banhar a tôda a hora. As semelhanças de côr e de volume produzem portanto os mesmos gostos» (vol. II, pág. 99).

Compara a *zebra* com o *burro* — «A *zebra* semelha-se ao *burro* pela estatura e a forma do seu corpo; mas a sua pelagem é diferente da de êste animal, visto que é rajada, e que o é verticalmente, como a do *tigre* e da *hiena rajada;* é a esta semelhança do desenho da sua pelagem que é devida a sua indocilidade, visto que com um corpo perfeitamente semelhante ao do burro, nunca se pode fazer dela um animal de tiro» (vol. II, pág. 181).

No entanto o esqueleto da zebra é absolutamente semelhante ao do burro, o que claramente mostra não só a superioridade dêstes estudos sôbre os que resultam do uso do escalpêlo (vol. III, pág. 22),

mas ainda, como se diz no frontispício do vol. IV, «a impossibilidade de reconhecer, só com o auxílio do esqueleto, os animais reputados antediluvianos».

Por isso escreveu na legenda da estampa de pág. 107 do vol. IV que representa «duas soberbas viúvas do Senegal das nossas capoeiras e os seus esqueletos, assim como um bocado de carvão de pedra, em que se vê ainda a madeira putrefeita»:

«Sem procurar atingir a sagacidade de Cuvier e a opinião dos geólogos sôbre os animais reputados antediluvianos, nós pensamos que não é dado ao génio do homem tudo explicar na criação; e mandamos fazer êste desenho para provar a impossibilidade de recompor com o auxílio dum esqueleto, e por maioria de razão com o auxílio de alguns restos mutilados, as criações animais...».

«Para conhecer os vivos é preciso estudar os vivos e não os mortos», afirma Gama Machado (vol. III, pág. 22); é no meio dos próprios animais a mexer que se deve ensinar a história natural e não no meio de cadáveres.

Coerente com êstes seus princípios, o comendador dispôs as coisas por forma que um curso público sôbre a Teoria das Semelhanças, realizado em Paris em 1838, fôsse professado em parte no meio de animais vivos (vol. III, pág. 58) [1].

---

[1] O vol. III da *Théorie des Ressemblances* é quási todo ocupado por um extenso discurso sinóptico proferido neste curso em que, segundo se lê a pág. 63, deveriam ser tratados os pontos mais importantes da doutrina de Gama Machado, a saber:

«1.º O valor da semente».

«2.º A côr que revela os costumes dos animais».

«3.º A estatura e a forma que também têm um valor neste novo trabalho».

Não diz o autor quanto tempo levou a leitura desta interminável peça literária, mas se foi tudo duma vez, caso o discurso fôsse pronunciado tal como se publicou, certamente que os ouvintes caíram no mais profundo sono.

Pensava Gama Machado que a consulta dêste discurso tornaria de futuro fácil de ensinar a sua teoria (vol. III, pág. 1), mas basta passar os olhos pelo *Exposé Sommaire* com que abre o volume para se ficar suspeitando, dada a extraordinária baralhada de assuntos tratados, de que quem tal prosa ler ou ouvir não ficará mais adiantado, nem com as ideas mais nítidas sôbre a questão.

Parece que êste curso se repetiu, pois que existe impresso, como já dissemos, um *Programme envoyé à l'Athénée Royal de Paris, le 30 novembre 1845, pour le cours professé sur la Théorie des Ressemblances de M. le Ch.er de Gama Machado.*

Êste Ateneu da rua de Valois é várias vezes mencionado nos testamentos que o comendador fez, para que lá se continuasse mesmo depois da morte do autor da *Teoria das Semelhanças* a fazer êste ensino.

Quem faria estes cursos?

Há no testamento de 1 de Janeiro de 1854 a seguinte informação a tal respeito:

É a primeira vez que tal acontece, exclama Gama Machado cheio de júbilo (vol. III, pág. 58).

Por estas mesmas razões, num legado feito em 1835 à Academia das Sciências de Lisboa para custear dois cursos anuais sôbre a Teoria das Semelhanças — legado que, como veremos, foi depois anulado pelo seu autor — Gama Machado determinou que o ensino fôsse sempre feito no próprio local em que estivessem as gaiolas com os pássaros, especificando mesmo alguns que nunca deveriam faltar na colecção.

Idêntica disposição se encontra ainda, por exemplo, noutro testamento, quando trata da fundação em França dum Ateneu da côr em que seriam feitas lições sôbre a Teoria das Semelhanças, tomando-se para livro de texto o vol. II da obra, suprimindo-se porém tudo o que pudesse ferir o amor próprio do homem.

Nesta longa demonstração, poderíamos mesmo dizer apologia, que o autor faz das vantagens dos seus métodos, aparecem por vezes, em *hors-d'oeuvre*, considerações deliciosas, por exemplo — «o Burro é também considerado como um animal estúpido; a cruz de que é revestida a sua *robe* tem-lhe sido funesta; esta mesma cruz tem sido igualmente fatal, não só ao povo judeu, mas ainda à maior parte dos Cristãos que sofreram o martírio, tanto nós somos humanos...; mas em compensação, a coroa dos céus valeu-lhes um lugar no reportório.» (vol. II, pág. 103).

III

Pouco a pouco, esta doutrina das semelhanças, que o autor demonstra (vol. II, pág. 109) poder servir para avaliar, consoante a tonalidade da pelagem, as bôas e as más qualidades dos cavalos, vai-se sucessivamente alargando, abrangendo cada vez uma ordem mais larga de fenómenos, abrangendo tôda a natureza.

Verifica-se nas plantas: «O *murrião vermelho* é um veneno para as aves; o *branco* não é. Influência da côr sôbre a propriedade da planta» (vol. II, pág. 115).

A sua aplicação à culinária é manifesta: «É pelo conhecimento do valor das côres que se guia o cozinheiro na escolha dos alimentos

---

«Je prie M. Cellier de bien vouloir continuer à faire le cours de ma Théorie, et de ne jamais se servir du mot instinct».

Portanto, êste M. Cellier, que não sei quem seja, se não foi a única, foi pelo menos uma das pessoas que tomou tal encargo.

E francamente não sei como se arranjaria...

para o serviço das nossas mesas. O que constitui um bom cozinheiro, é que a côr das suas iguarias seja agradável à vista: um jantar mal colorido desfeia a mesa dum epicurista» (vol. II, pág. 113).

Importa à navegação, a previsão do tempo faz-se, com efeito, pelo conhecimento «do valor da côr e da forma das nuvens». «A luz, na sua base, apresenta a côr *azul* (safira do Oriente). As nuvens mais carregadas de electricidade *(o raio)* mostram também esta côr, que me serve de barómetro para prever as tempestades e a sua maior ou menor intensidade» (vol. II, pág. 115).

O seu conhecimento é essencial na clínica, «é pela côr que o médico julga dos progressos duma doença qualquer» (vol. II, pág. 74), embora não haja na espécie humana, segundo as leis da natureza, côres bôas ou más, porque os indivíduos que vulgarmente se diz terem má côr vivem tanto tempo como os que têm uma côr sangüínea, que é tida por saüdável (vol. II, pág. 74).

Permite na espécie humana deduzir da semelhança física analogias no ponto de vista moral, como o autor procura demonstrar, entre outros casos, pelas maravilhosas conclusões que tira da seguinte história (vol. II, pág. 118 e 119): «26 de Maio de 1835. *Processo dos acusados de Lyon.* «A testemunha Pouliard ... conta como a sua «semelhança com o procurador do rei, M. Chégaray, tinha sucessiva«mente protegido a sua vida, ou a tinha pôsto em perigo, conforme «as pessoas com que tinha tido sucessivamente relações durante a in«surreição ... A testemunha é duma prolixidade tal que *M. le subs«titut* lhe faz sinal para abreviar; mas M. Pouliard, que entende não «se dever conformar com êste sinal, não omite nenhum dos deta«lhes ...». Vê-se, pois, na testemunha Pouliard esta mesma prolixidade, bastante vulgar em geral nos homens do fôro, proveniente da sua semelhança com *M. le procureur du roi:* nascido numa classe elevada, é provável que se tivesse dedicado ao estudo da jurisprudência e à profissão de advogado».

Não menos demonstrativos são os seguintes dois casos (vol. II, pág. 146):

«Um camponês, fundando-se nas semelhanças de fisionomia, anunciou um dia a Ganganelli que subiria ao trono pontifical, porque se parecia com Sixto-Quinto, de que êle tinha um retrato em casa...».

«As semelhanças na estatura e na côr morena de Bonaparte e de Duguesclin são também provas em apoio da minha *Teoria das Semelhanças*, porque um e outro foram guerreiros célebres, os apoios da França e os opressores da liberdade».

Saindo depois da estrita comparação das côres e das formas ex-

teriores, o autor passa a estudar, segundo o seu critério, os órgãos internos.

Descobre analogias entre o intestino e os vermes e entre o intestino e o cérebro, de que tira prodigiosas conclusões.

«Os intestinos semelham-se a vermes, no ponto de vista da forma; se os arrancarmos prontamente da região abdominal e os cortarmos aos bocados, cada uma destas partes rastejará como os vermes e contrair-se-á ao mais ligeiro contacto ... Êste fenómeno provará talvez que cada órgão, considerado no seu conjunto, forma um animal, tendo uma vida separada para êle só. Farei observar também que os intestinos se semelham ainda, no ponto de vista da forma, com as circunvulsões do cérebro, e que ambos têm um movimento peristáltico; que logo que há uma indisposição nesta víscera, a irritabilidade produzida nesta parte se faz sentir também no cérebro...» (vol. II, págs. 115 e 116).

Devemos convir que tudo isto são, pode dizer-se sem receio, descobertas formidáveis, sobretudo a dos movimentos peristálticos do cérebro...

Mais sensacional e fecunda em conseqüências do mais alto interêsse filosófico é porém ainda a estupenda descoberta, que o próprio autor considera o trabalho mais importante da sua teoria (vol. II, pág. 15), da completa analogia do cérebro e das ovas do bacalhau.

Foi devida ao acaso.

Um dia morreu, por ter caído do ninho, um pequeno *bengali* com três ou quatro dias; Gama Machado abriu-lhe o crânio, retirou o cérebro que examinou ao microscópio, descobrindo uma perfeita semelhança entre a polpa de que era formado e o líquido seminal privado dos seus animálculos.

Foi um raio de luz.

Na identidade física destas duas substâncias encontrou Gama Machado a explicação da maneira como o carácter se transmite do pai aos filhos (vol. II, págs. 17 e 18).

«Se no reino vegetal o líquido contido no saco ovular, unido à *aura-seminalis* dos estames, contém em princípio a forma, a côr, as propriedades e a duração da planta que deve nascer; porque razão, no reino animal, o líquido seminal do macho unido ao líquido seminal da fêmea, não conterá igualmente em princípio a estrutura do animal, as suas formas determinadas, as suas côres, as suas qualidades físicas e morais, e emfim a duração da sua existência?» (vol. II, pág. 18).

E continuando nas suas considerações, diz: «o sémen é, portanto,

evidentemente, a verdadeira sede da vida, e, por conseqüência, do pensamento» (vol. II, pág. 20).

Os fisiologistas fizeram do cérebro o órgão do pensamento, «mas sem sémen não há pensamento; portanto o pensamento é propriedade do organismo humano e não foi introduzido nos sêres organizados por magia, independentemente da matéria» (vol. II, pág. 20).

Em rigor o pensamento está «distribuído por todo o corpo, visto que é o sémen que forma a sua estrutura» (vol. II, pág. 116), como prova o «facto do pato ainda correr depois de lhe terem cortado a cabeça» (vol. II, pág. 116, nota 1).

«Mas êste pensamento actua com mais actividade na cabeça por causa da maior quantidade de líquido seminal que aí se encontra acumulado...» (vol. II, pág. 116).

São tão íntimas as relações entre o sémen e o pensamento, que Pierre-Joseph Bernard, autor da *Arte de Amar*, tendo feito aos 60 anos um excesso de rapaz, perdeu por completo a memória, ficando na impossibilidade de escrever uma só palavra, vindo a morrer cinco anos mais tarde (vol. II, págs. 23 e 24).

Tôdas estas opiniões são afinal confirmadas pela observação que o autor fizera muita vez, mesmo antes de pensar na sua teoria, de terem as ovas de bacalhau, que lhe serviam à mesa, um gôsto parecido com o das miolas (vol. II, pág. 22).

E para fixar ideas, seguindo o seu método predilecto, mandou fazer uma estampa em que aproximou os dois órgãos, o cérebro e as ovas (vol. II, pág. 15), pondo-lhe a seguinte curiosíssima legenda:

THÉORIE DES RESSEMBLANCES

Analogie des pulpes blanches animales, à l'intérieur, de leur influence sur la pensée et de leur composition chimique.

Dans mes similitudes d'origine, j'ai recommandé l'examen par le microscope, dans ce nouveau travail, on en reconnaitra l'extrême utilité.

J'ai fait dessiner la *Laite* du Cabillaud à cause de ses lames, placées à côté les unes des autres, par conséquent plus semblables au cerveau: la *Laite* de carpe, partagée également en deux héfnisphères, m'aurait donné le même resultat, mais ses lames sont moins apparentes, du reste toutes les *Laites* contiennent les mêmes élémens chimiques.

[umas ovas de bacalhau]

LAITE DU CABILLAUD

Organe de la vie

(1) La nature produit tous les corps organisés par une humidité visqueuse. Van Helpen.

La vie sans santé, sans fortune, est une vraie malédiction.

COMPOSITION CHIMIQUE.

La Gélatine fait la base de tous les corps blancs. Fourcroy.

Eau, mucilage animal, soude, phosphate de chaux. Vauquelin. *Fluide électrique:* à l'appui du fluide électrique, je citerai le Hura Crépitans des antilles; (Sablier) quand il est mûr, jette au dehors sa graine avec une détonation effroyable.

Quelques anciens anatomistes avaient déja pensé que la matiére organique génératrice était un suc apporté par les nerfs sur les organes générateurs; qu'elle était un écoulement du cerveau sur ces organes: parmi les modernes, *Bonnet* s'exprime ainsi: tous les doutes disparaissent quand on vient à apprendre que cette structure du cerveau est précisement la même que celle de divers organes bien reconus par sécrétoires. Cet illustre naturaliste ajoute encore; nous sommes conduits à supposer dans les nerfs un fluide très subtil, très élastique, et dont les mouvemens analogues à ceux de la lumière ou du fluide électrique produisent tous les phénomènes de la vie. Dans le règne végetal, il est démontré que la sève élaborée descend de la tige vers la racine.

[um cerebro humano]

(2) CERVEAU HUMAIN

Organe de pensée (Les esprits animaux s'y trouvant concentrés, la pensée agit avec plus d'activité)

COMPOSITION CHIMIQUE.

Eau, matière grasse blanche, matière grasse rouge, osmazone, albumine, phosphore uni aux matières grasses, souffre, phosphate de potasse, phosphate de chaux et de magnésie. Vauquelin.

Il ne faut pas attribuer la bonté et perfection de l'entendement plutôt à l'abondance de l'esprit animal qu'à sa qualité. Galien.

C'est la maxime des médecins de dire: quand la tête a quelques défectuosités, il y a imbécilité et defaut d'opération. Porta.

Le cerveau chez l'homme et les *Animaux*, est l'organe de la pensée et du sentiment. Bonnet.

Le cerveau secréte la pensée. Cabanis.

Le cerveau est exclusivement l'organe des instincts, des penchants, des sentimens, des talents, l'organe des qualités affectives morales et des facultés intelectuelles. Gall.

Le cerveau, centre commun de tous les nerfs, est aussi le lieu auquel aboutissent toutes les perceptions et l'instrument au moyen duquel notre esprit combine ces perceptions, les compare, en tire des resultats, en un mot réfléchit et pense. Cuvier.

Le substance blanche et pulpeuse de la moëlle alongée, des nerfs, étant de la même nature que celle du cerveau, explique parfaitement pourquoi certains animaux, la grenouille, les insectes &ª, quand on leur a coupé la tête, quoique privés du cerveau, conservent encore la pensée a un flaible dégre, puisque la locomotion ne cesse point pendant quelques jours. Dans l'année 1831, à Trévisse, un enfant né sans cerveau, sans cervelet et sans moëlle alongée, a vécu onze heures, remuant les membres respirant et jettant des cris.

Gall a placé l'organe de l'amour physique dans le cervelet, dont les deux lobes ont la forme ovoïde.



A TARTARUGA E O LAGARTO

Reprodução duma estampa a côres do vol. II da *Théorie des Ressemblances*

Cliché do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.



OVAS DE BACALHAU
ORGÃO DA VIDA



CÉREBRO HUMANO
ORGÃO DO PENSAMENTO

Segundo uma estampa a côres do vol. II da *Théorie des Ressemblances*

Clichés do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.

(1) Que notre orgeuil fléchisse devant cette vérité incontestable; que les plantes ont du sentiment, puisque leur origine est semblable à la nôtre.

(2) De même que la solidité de nos habitations dépend de la bonne qualité des matériaux employés dans les fondations, de même l'intelligence dépend de la bonne qualité du cerveau et non de la quantité; Trois conditions sont nécessaires; qualité, quantité et éducation appropriée. Les Caractères nationaux proviennent d'une même qualité de cerveau, de la même forme de tête et de la même couleur du visage.

Tão memoráveis como esta, fez Gama Machado mais duas descobertas — a da teoria do livre arbítrio e a do *eperlan* ovíparo, vivíparo e hermafrodita.

A primeira explica-a o autor da maneira seguinte (vol. II, págs. 151 e seg.):

«Farei agora conhecer o que me sugeriu a idea fundamental da minha Teoria do livre arbítrio.

«Tendo mandado comprar, sem qualquer fim determinado, uma *tartaruga*, e tendo-a colocado no meu gabinete, reparei em breve que ela procurava incessantemente trepar, e que caía sempre, fazendo muito barulho, por causa do pêso da sua concha. Procurando a causa duma tendência tão oposta à sua conformação, descobri que a sua cabeça era perfeitamente semelhante à do *lagarto,* animal que tem o hábito de trepar pelos muros. Examinando também a sua marcha, encontrei-a análoga à do *elefante.* Foi então que as minhas ideas se fixaram sôbre o meu trabalho do *livre arbítrio* e que fiz, relativamente a esta descoberta, um desenho apropriado ao fim que me propunha; porque tenho procurado sempre tornar o meu trabalho tão interessante como útil, com o fim de provocar o gôsto das sciências naturais entre as pessoas favorecidas da fortuna».

O desenho a que Gama Machado se refere é o assunto duma estampa que figura tanto no 1.º como no 2.º vol. da sua obra.

Tem a seguinte legenda que talvez precise melhor ainda o pensamento do autor.

APPLICATION DE LA THÉORIE DES RESSEMBLANCES

La Tortue a la tête du Lézard, et comme lui cherche toujours à grimper. Cependant la forme massive de cet animal n'est point celle d'un grimpeur, mais sa ressemblance avec un autre individu lui ôte son *libre arbitre;* il faut donc qu'il grimpe malgré lui et qu'il tombe à chaque instant. Ses pattes ayant de l'analogie avec celles de l'Elephant, il en résulte une marche semblable. On a toujours remarqué dans l'espèce humaine parmi les Jumeaux. lorsqu'il est difficile de distinguer l'un de l'autre, qu'ils offrent toujours une ressemblance frappante dans leurs

inclinations et leurs facultés intellectuelles; Nous appuyerons cette observation de deux exemples; les frères Faucher nés à la même heure au village de la Réole, furent nommés adjudants Généraux et Généraux de Brigade, sur les mêmes champs de bataille à l'armée du nord: à Fontenai tous les deux furent blessés. En 1793, ces deux illustres Jumeaux furent condamnés a mort, parvenus au pied de l'echafaud, l'ordre arriva de surseoir à l'execution, et ils furent acquittés par un nouvel arrêt; moins heureux en 1815, ils furent condamnés à mort et frappés du plomb mortel qui les atteignit au même endroit, ils expirèrent en s'embrassant. L'autre exemple est tiré de l'Eneïde; Thymber et Laris, tellement ressemblants qu'à leur mort, la différence de leurs blessures a pu seule les distinguer.

Tudo isto é certamente um bocado confuso, mas a prosa de Gama Machado é sempre assim...

Prosseguindo nas suas considerações sôbre a questão, Gama Machado afirma que «para definir o livre arbítrio, basta dizer que o homem é ùnicamente o produto duma *semente animal*, como a planta é o produto duma *semente vegetal*», sendo a semente «uma substância viscosa que dá origem a um ser possuindo qualidades *determinadas*, e não *indeterminadas*», o que leva o autor a concluir que é o moral que está sob o jugo do físico e não o físico sob o jugo do moral, sendo certo que «aos olhos da natureza não existe o moral, mas uma matéria pensante, *física*, isto é, uma *semente dotada de pensamento*» (vol. II, pág. 153).

E é afinal «uma grande felicidade que êste livre arbítrio não exista. Se existisse, as massas entregar-se-iam à pilhagem e ao assassinato... mas felizmente a hereditariedade obriga as crianças a seguir o ofício de seus pais e mães» (vol. II, págs. 63 e 64).

No capítulo dedicado a esta questão, que vem no 2.º vol. da *Théorie des Ressemblances*, o autor revela-nos, sem que se possa claramente perceber como se tiram tão maravilhosas conclusões, o objectivo a que visavam as suas altas pesquisas sôbre o caso:

«O meu fim é esclarecer a razão do homem, torná-lo mais feliz no seio da sua família, impedir os pais e as mães, nas classes elevadas, de deserdarem os filhos, e, nas classes inferiores, de os estropiarem, quando êsses pais desnaturados se abandonam a acessos de cólera e de brutalidade» (vol. II, pág. 154).

A outra famosa descoberta, a do *eperlan* ovíparo, vivíparo e hermafrodita, vem exposta no 4.º vol. da *Théorie des Ressemblances*.

Há, como de costume, uma estampa acompanhada da seguinte legenda explicativa: «Em 1844, fizemos por acaso a descoberta que

o *eperlan*, classificado por Lacépède como ovíparo, era muitas vezes vivíparo, e que, por um capricho da natureza, os seus filhos nasciam do estômago. Esta singularidade admirou-nos muito, pois que o estômago passa por ser exclusivamente a sede da digestão...».

Era, sem dúvida, mais simples admitir que o *eperlan* comia outros peixes mais pequenos, mas o comendador via sempre as coisas por um aspecto imprevisto, procurando tirar sempre das suas observações grandes ensinamentos.

No texto do livro vem, a propósito, contada uma história altamente instrutiva que nos mostra bem as aflições por que passaram um membro do Instituto de França e um naturalista que, por delicadeza ou por qualquer outro motivo talvez menos elegante, não quiseram desgostar o nosso homem, fazendo-lhe ver que se tratava de mais um disparate a juntar a outros tantos disparates:

«Como possuíssemos muitos *eperlans* que nós conservávamos em espírito de vinho, mostrámo-los a M. Lesson, membro correspondente do Instituto, e tendo com êle muito boas relações, pedimos-lhe que tornasse conhecida a nossa descoberta no Instituto; mas êle não ousou fazê-lo, temendo provàvelmente que os seus colegas não acreditassem. Mostrámo-los também a um naturalista distinto, que nos fez a observação de que esta descoberta desorganizaria as classificações e que por isso guardaria silêncio» (vol. IV, pág. 39).

Depois disto, cheio de desprêzo, Gama Machado conclui (vol. IV, pág. 40): «Os sábios são escravos das suas classificações e dos seus erros».

De caminho, o autor vai dissertando sôbre o hermafrodismo, lastimando que «os legisladores, antes de fazer as leis, não tenham algumas noções de história natural», para evitar alguns julgamentos bárbaros que têm desonrado a sua legislação, pois que «o hermafrodismo não é outra coisa na mulher que o prolongamento dum órgão, reputado como a sede da volúpia» e que «no homem há igualmente um comêço de hermafrodismo pelas mamas».

IV

No decorrer dos intermináveis quatro volumes, que formam a *Théorie des Ressemblances*, surgem muitas vezes de surpresa, porque nem sempre se vê claramente como as coisas aparecem na lógica do discurso, referências às mais variadas questões de tôda a ordem, — biológicas, filosóficas, estéticas, religiosas, políticas, sociais, etc.

E em geral não vem tudo junto.

Para surpreender o pensamento, por vezes contraditório, do autor

sôbre qualquer assunto, é preciso reünir bocados, apanhados um aqui, outro ali, outro mais além...

Uma das ideas, que assim aparece pelo livro fora mais insistentemente repetida, é a de não haver uma separação nítida entre os animais e o homem que, embora «nos cursos públicos» seja «considerado como fazendo parte do reino animal», com grande espanto do autor, «uma vez acabado o curso, se torna um ser metafísico» (vol. II, pág. 4).

Isto afinal não deverá causar grande admiração se atendermos à extrema confusão que reina no ensino oficial. Os governos da Europa, com efeito, retribuem «professores de *anatomia* e de *fisiologia* para demonstrar que a matéria é dotada duma só natureza» e esses mesmos governos pensionam «também professores de *metafísica* e de *teologia* para ensinar por sua vez que esta matéria é composta de duas naturezas» (vol. III, pág. 4).

A mesma confusão desoladora se pode observar nas bibliotecas da Europa que o autor acha que se deveriam chamar Bibliotecas das Contradições.

Para acabar de uma vez para sempre com estes ridículos preconceitos, para fazer compreender o «verdadeiro sistema unitário da natureza baseado sôbre a unidade constituïtiva dos sêres organizados» — o que era um dos fins a que visava a *Théorie des Ressemblances* (vol. III, pág. 201) — Gama Machado entendeu dever demonstrar, duma maneira evidente e incontestável, «a unidade de plano na criação do reino orgânico», com uma nova e soberba estampa, onde se vê o ôvo humano comparado com os do estorninho, da tremelga, da víbora, da formiga e do junquilho, acompanhada da deliciosa legenda que em seguida se transcreve:

L'HOMME

Je viens au monde nu; je conserve pendant mon existence ma nudité; j'emprunte aux animaux et aux végétaux mes vêtemens; je débute par des larmes je termine par des larmes. L'anatomie comparée me classe le premier parmi les mammifères: mon imagination détruit le travail du scalpel, je me suis créé *être raisonnable*. Suis-je bien raisonnable dans l'ivresse de l'amour? suis-je bien raisonnable quand je détruis mes semblables?

SANSONNET

Mon cerveau et mon cervelet partagés en deux hémisphères, sont semblables aux vôtres. Par le sens de la vue, le sens de l'ouïe, le sens du goût, le sens de l'odorat, je l'emporte sur vous. Le sens du toucher, je vous l'abandonne. Mon estomac, muni de muscles vigoureux, est plus parfait que le vôtre. Je n'envie point

votre vessie, qui fait le tourment de votre vieillesse. Vantez la perfection de vos nombreux organes; travaillez jour et nuit pour gagner votre nourriture: terminez votre existence dans les angoisses, pour la prolonger de quelques heures; recourez à vos ventouses, vos vésicatoires, vos cautères, vos sinapismes, vos sangsues, votre saignée, votre moxa, votre calomel, votre ipécacuanha: mes ailes valent bien vos ballons et vos machines à vapeur.

RAIE TORPILLE

Vénus est sortie du sein des eaux, Neptune est le dieu de la mer. Le continent que l'homme habite est sorti du fond des eaux; d'un habitant des eaux, la grenouille, Lavater s'élève jusqu'à l'Apollon. L'argonaute papyracé servit à l'homme de modèle pour construire sa barque. Avec nos batteries électriques nous lançons la foudre et la mort à nos ennemis. Fécondité, beauté, existence très-prolongée, tels sont nos trois remarquables attributs; cependant nous sommes classés au troisième rang dans l'échelle des êtres!!!

VIPÈRE

Destinée à ramper sur la terre, je suis armée par la nature de deux vésicules remplies d'un poison funeste qui me rend redoutable à mes ennemis, jamais à mes semblables. La nature vous a privé de mâchoires avancées, de canines saillantes et d'ongles crochus; mais un moine, doué d'une intelligence supérieure, a inventé la poudre à canon: ainsi, vous exécutez avec plus de rapidité les lois de la nature basées sur la destruction réciproque des êtres. Si ma morsure est souvent mortelle, par compensation ma chair guérit bien des maladies.

FOURMI

Vous m'avez classée bien bas dans votre échelle, cependant je vis en société comme vous: mon cerveau est bien petit, il est vrai; mais la qualité en est bonne. Craniologistes, peut-être un jour découvrirez-vous quelques protubérances sur mon front. Je ne suis ni la *machine* de Descartes, ni la *bête* des théologiens. Si dans notre république bien ordonée, nos travaux sont constamment les mêmes, c'est à cause de nos ressemblances individuelles. La même cause produit les mêmes effets chez les castors, les hirondelles, etc., etc. Le docteur Gall a paraillement classé vos penchants par ses identités de protubérances. Peut-être un jour ferez-vous des lois pour protéger les animaux, unique moyen de rendre votre espèce plus humaine: votre inquisition avec ses buchers ne souillera plus l'histoire des nations civilisées.

JONQUILLE

Nos germes sont pareils. Linnée a dévoilé nos amours, Ovide a célébré les vôtres. Éclairées sur les propriétés spécifiques de notre semence, nous n'établissons aucun *libre arbitre;* ainsi, je ne fais nul reproche à la rose de ce que sa graine produit une rose; á son tour, elle ne me reproche point d'être jonquille: moins instruits sur l'origine de votre organisation, vous avez crée un *libre arbitre*, et par cette erreur, la paix a disparu pour toujours de votre intérieur!!! Par une culture physique nous obtenons la santé et la beauté: votre culture morale vous offre-t-elle

les mêmes avantages ? notre matière et la vôtre sont semblables, *cristallisées*. Prenez votre microscope, examinez.

Era sem dúvida esta estampa, peça capital da obra, uma das que Gama Machado mais apreciava, como prova o facto de a ter mandado reproduzir numa das jarras por êle legadas à Universidade de Coimbra e que serão noutro logar devidamente descritas.

Continuando nesta ordem de ideas, procurando demonstrar as profundas analogias que existem entre o homem e os animais, o autor afirma que «o líquido seminal do homem contém animálculos que têm a forma do geríneo», do peixe cabeçudo, confirmando assim o princípio enunciado que «a natureza, para formar um animal, aproveita partes dos diferentes outros sêres» (vol. II, págs. 191 e 192).

Diz ainda que, no estado embrionário, todos os animais se parecem, podendo um verme ser confundido com um mamífero (vol. II, pág. 37). E mais que «o feto humano, emquanto dura a gestação, vive num líquido; o que é conforme com a origem aquática dos primeiros seres organizados. Saído do ôvo, durante os dois primeiros anos da sua vida, rasteja como um reptil; mais tarde, e só durante o dia, toma penosamente a posição vertical» (vol. II, pág. 193).

Há portanto uma «*Gradation regulière de l'Homme*» como, seguindo o seu método favorito, o comendador demonstra numa estampa pitoresca (vol. II, pág. 191) em que figuram lado a lado um homem selvagem, um orango-tango e uma rã e por baixo três ovos humanos, um do feitio do ôvo dum pássaro, outro tendo um embrião com a forma dum geríneo e o último com outro embrião semelhante a uma crisálida.

São tão grandes as analogias entre o homem e os animais que, «no tempo de Hipócrates e de Galeno, não se dissecavam senão animais, e a medicina, contudo, já tinha alguma reputação. Em França, as doenças dos olhos são estudadas no ôlho do porco. Esta analogia da nossa estrutura interna com a de êste animal tem-nos sido funesta. O mesmo processo que se emprega para lhe tirar as cerdas, foi usado pela santa inquisição para nos reduzir a cinzas. Em Portugal, na Universidade de Coimbra, estuda-se o cérebro humano sôbre o do carneiro» (vol. II, pág. 45).

Esta grande semelhança do homem e dos animais é ainda confirmada, como se pode ler no vol. III da *Théorie des Ressemblances*, pelo facto de haver homens que puxam a carroças.

O desconhecimento destas verdades elementares tem tido, pensa o autor, as mais funestas conseqüências.

A separação entre o homem e os animais, mais felizes do que

nós por não se ocuparem de disputas de religião ou de política (vol. I, págs. 35 e 36), separação em contradita com a anatomia comparada pois que «o escalpêlo demonstra que o homem é um animal vertebrado» (vol. II, pág. 152), é «que nos têm causado as guerras civis e religiosas; e o próprio Gall se submeteu, sem dúvida contra sua vontade, a êste prejuízo bárbaro que Bonnet tinha procurado destruir criando um céu para todos os animais» (vol. II, pág. 41).

Mas o homem é «sempre ardente em depreciar a inteligência dos animais, para elevar a sua» e assim «legitimar o império tão injusto que exerce sôbre êles» (vol. II, pág. 79), torturando-os para aproveitar os seus serviços ou para os engordar, como acontece ao pato que o homem crucifica para obter, «por êste detestável meio, os *foies gras*, afim de alimentar a sua sensualidade» (vol. II, pág. 103), «acto de crueldade, que deve necessàriamente tornar o camponês cruel para com os seus semelhantes, e de aí, talvez, mesmo para com sua mulher e seus filhos» (vol. II, pág. 104).

E contudo não se pode recusar uma inteligência bastante extensa aos animais, como Gama Machado procura demonstrar com numerosos exemplos tirados já da maneira variada como as aves constroem os seus ninhos conforme as circunstâncias locais, vicissitudes atmosféricas, etc. (vol. II, págs. 34 e 40), já do que viu fazer, no circo Franconi, ao elefante, ao veado, aos cavalos, etc. (vol. I, pág. 6).

Pregunta mesmo: «Certas espécies não têm o seu govêrno? O das formigas, por exemplo, é perfeito, e as suas leis são mais humanas do que as nossas; porque elas não recusam a sepultura aos seus semelhantes» (vol. I, pág. 29), como se pode ver numa estampa que pelo título, *Cimetière des fourmis*, antes parece um anúncio de qualquer preparado destinado a destruir estes bichos daninhos.

Na estampa «Les Similitudes d'Origine», cuja legenda atraz ficou transcrita, figura também, como se viu, o ôvo do junquilho.

Insistindo neste ponto da completa semelhança da planta, do animal e do homem, com o fim de mostrar mais uma vez o plano uniforme da criação, Gama Machado explica que «a planta está sujeita pouco mais ou menos às mesmas doenças que o animal, indicaremos a cólera, a paralisia, as doenças cutâneas, e sobretudo o cancro, esta terrível doença, tão funesta ao sexo feminino» (vol. IV, pág. 51). Explica mais que se não pode «recusar às plantas, no momento da sua fecundação, o mesmo sentimento voluptuoso que experimentam o homem e a mulher no momento dos seus amores» (vol. IV, pág. 54).

Explica ainda afinal que «as plantas são dotadas de pensamento, a sua origem sendo perfeitamente semelhante à dos outros sêres animados da criação» (vol. IV, pág. 44). Demonstra o sábio esta opinião apresentando uma estampa em que se vêem dois dêstes insectos conhecidos, que mais ou menos se semelham a fôlhas ou a pequenos troncos e a que chama *l'insecte Feuille ambulante* e *l'insecte Spectre*.

Havemos de convir que tudo isto é de deixar uma pessoa pasmada!

O estudo dos órgãos internos dos animais confirma por completo esta demonstração como se poderá verificar na leitura desta interessante página: «A distribuïção do sistema venoso e arterial no cérebro representa perfeitamente a ramificação duma árvore, a coluna vertebral, o seu tronco, os vasos abdominais, as suas raízes; e é pelos vasos abdominais nos animais, como pelas raízes nas plantas, que o alimento é levado a tôda a economia dos corpos organizados. A fôlha, órgão da respiração nas plantas, assemelha-se aos pulmões do animal... a medula vegetal está contida na madeira, como a medula animal no ôsso... (vol. II, pág. 43).

O homem semelha-se pois aos animais como estes se semelham às plantas, o homem mesmo «reune em si ... os três reinos: a animalidade (como animal bípede e bímano), as doenças do reino vegetal, tais como os pólipos, e as do reino mineral, como a pedra e as areias» (vol. II, pág. 158, nota 2); no entanto o seu desmedido orgulho repele por completo o parentesco com os outros sêres vivos, sendo assim «a origem de mil erros, de que somos bem punidos pelo absurdo da maior parte das nossas leis e dos nossos costumes» (vol. II, pág. 44).

Imaginando-se a obra mais perfeita da natureza, o rei da criação, o homem esquece-se de que «a natureza viva é uma verdadeira república sem chefe aparente, sem leis constantes. Quando o homem instruído se criou *rei da terra*, neste sonho poético esquece que na África depõe a sua corôa aos pés dum bando de formigas, que o obrigam a ceder a sua habitação à passagem das migrações dêstes sêres tão prejudiciais para êle» (vol. II, pág. 9, nota 1).

Como se vê, Gama Machado duvida da superioridade do homem sôbre os animais, fundamentando êste seu modo de ver com as razões mais subtis: «Todos os animais são... perfeitos, considerados cada um na sua própria organização. O homem imaginou que é mais perfeito do que os outros: não lhe contesto a extensão e a elevação

do seu pensamento; mas, na minha maneira de ver, o animal mais perfeito aos olhos da natureza é o que vive mais tempo» (vol. II, pág. 52).

Noutras passagens da obra, Gama Machado exprime sôbre esta questão uma idea diversa e que se me afigura especialmente grave pelas conseqüências que implica — quanto mais simples são os órgãos dum animal, tanto mais êle se aproxima da perfeição porque, «regra geral, na natureza, menos órgãos, menos sofrimentos» (vol. III, pág. 54).

Muitos sêres vivos, com efeito, têm, na opinião do autor, variadíssimos órgãos que parece não servirem para nada, visto haver animais que os não possuem, sem que êles lhes façam falta (vol. III, pág. 42). Assim, acontece haver animais sem olhos e que procuram a comida, animais sem ouvidos e que ouvem (vol. III, pág. 31); assim, acontece que a ostra sem cérebro nem olhos pensa e age, abrindo e fechando a concha à vontade (vol. III, pág. 53); assim, acontece ainda que o fel falta em muitos animais (vol. III, pág. 42), e que o *poisson-trompette (la fistulaire-petimbe)* e a rã, embora sejam vertebrados, não têm costelas, sendo muito ágeis a-pesar-de não terem ossos arqueados (vol. III, pág. 53).

Um dos mais notáveis exemplos destas inúteis complicações da natureza é sem dúvida a existência de mamas no peito do homem «sem fim razoável, a não ser que êsse fim seja dar-lhe um cancro» (vol. III, pág. 40).

E, em vista dêstes factos e de outros que aponta, como o da saraiva destruir as culturas (vol. III, pág. 36), o autor, citando a opinião do rei Afonso X de Castela «que se Deus o tivesse consultado no momento da criação o mundo seria mais simples e melhor ordenado» (vol. III, pág. 51), lògicamente conclui que «a natureza é inimiga da ordem e da harmonia», que «as maravilhas da natureza são do domínio da poesia» (vol. III, pág. 36) e ainda que «se devem afastar as causas finais» (vol. III, pág. 49).

Esta doutrina da superioridade das organizações mais simples aparece-nos com uma forma nova nas considerações que Gama Machado faz sôbre o facto insólito de a mulher ter duas aberturas na bacia, quando é «evidente que uma só abertura, como nas aves, seria suficiente para a reprodução» (vol. III, pág. 98).

E a propósito cita o caso duma rapariga, com os órgãos sexuais

obliterados, que tinha as regras pelo *fondement* e foi mesmo fecundada por êste orifício, parindo uma criança a têrmo e bem conformada (vol. III, pág. 98).

Por tudo isto acha estranho que se considere como «um pecado contra a natureza esta tendência a que as escrituras atribuem a destruïção de Sodoma», demonstrado, como está, que a maioria das fêmeas dos animais não têm senão um orifício! (vol. III, pág. 59).

Pensa que a existência destas duas aberturas nas fêmeas se deve considerar como um desvio do tipo comum das conformações que constituem o reino animal, bem como semelhantemente o facto dos órgãos geradores nos machos se encontrarem desgraçadamente colocados no exterior, mal protegidos e mal agasalhados (vol. III, págs. 95 e 100; vol. IV, págs. 33 e 34).

Para êle os mamíferos e portanto o homem devem ser considerados, sob êste duplo aspecto, como verdadeiras monstruosidades (vol. IV, pág. 33).

É difícil expor convenientemente, seguindo uma ordem lógica e regular, os altos princípios de filosofia natural contidos nos quatro volumes da *Théorie des Ressemblances*, tão embrenhado é tudo.

Mas já porque estamos a tratar de órgãos sexuais, já porque o autor quis deduzir de aqui uma nova prova de superioridade dos pássaros sôbre o homem (vol. IV, pág. 3), vou referir-me à questão das doenças dos órgãos da geração, em que aparecem pontos de vista inéditos e conclusões estupendas.

Nos passarinhos o acto da geração nunca é venenoso (vol. IV, pág. 3), emquanto que no homem, pelo contrário, êste acto, o mais importante da vida, «é muitas vezes venenoso como a mordedura da cobra de cascavel» (vol. IV, pág. 83).

Por isso «o homem ficará... sempre o animal maldito da criação» (vol. III, pág. 99), porque a êle «está reservada exclusivamente» uma doença «que, filha da volúpia, nasce da própria origem do prazer» (vol. III, pág. 97), doença que se pode mesmo transmitir ao produto da geração porque as perdas brancas devem ser consideradas «como uma sífilis degenerada, tornada hoje hereditária, visto que as crianças do sexo feminino, apenas com seis meses já são atingidas» muitas vexes por esta doença (vol. III, pág. 98).

No entanto, diz o autor referindo-se a um ponto que dentro em breve será desenvolvido; as camponesas estão menos sujeitas a estas perdas brancas porque «os trabalhos agrícolas exigem a curvatura

da coluna vertebral», conservando assim mais tempo a atitude primitiva «semelhante à dos quadrúpedes» (vol. III, pág. 98).

Estas doenças preocupavam muito, certamente, o comendador Machado que entendia serem meritórios os esforços para as fazer desaparecer, como se deverá concluir da circunstância de aparecerem, em diversos dos seus numerosos testamentos, legados destinados a recompensar as melhores memórias «sôbre os meios de destruir o vírus venéreo» pois que, consoante se diz num dêsses documentos, «por uma fatalidade inexplicável, o gôzo *franco* da reprodução tem-nos sido recusado até hoje». A razão apontada parece-nos mostrar que o bom do comendador, quando fazia a sua conquista, se punha no momento próprio a pensar nos perigos que corria e pronto, não conseguia gozar francamente da reprodução. E parece que tinha pena...

Mas o melhor de tudo vem a ser ainda a maneira como êle, dentro da sua teoria, procura explicar a existência dêstes males.

A pele humana tem um desenho ao xadrês, «é a êste desenho que se poderá talvez atribuir a origem desta terrível doença» (vol. IV, pág. 102). Esta «opinião é fundada sôbre que êste desenho em xadrês é o sinal de disposição venenosa em alguns reptis e plantas» vol. IV, pág. 102).

Há no vol. II da *Théorie des Ressemblances*, junto da pág. 63, uma estampa demonstrativa desta asserção. Representa uma flor, *la Fritillaire à damier*, de que o autor, sem a conhecer, adivinhou as propriedades venenosas só pelo facto das pétalas terem o mesmo desenho quadriculado e a mesma côr que a pele duma certa cobra, *l'Angaha de Madagascar*.

É curioso notar que, na tampa dum caixão mandado fazer por Gama Machado para quando morresse e de que mais adiante falaremos, se encontra justamente reproduzida esta estampa da cobra e da flor.

Antes de sair destas questões referentes aos órgãos sexuais, é talvez o momento de dizer que Gama Machado não acreditava, por razões de ordem filosófica, que houvesse himenes, exprimindo-se nos seguintes têrmos: «O bom senso diz-nos que a natureza não se ocupou de satisfazer a vaidade do homem para criar um órgão que o tranquilize sôbre a pretendida virgindade da sua mulher» (vol. IV, pág. 79).

E talvez seja também a ocasião de indicar, por se vir falando de assunto médico, algumas curiosas opiniões do autor sôbre patologia.

Afirma que tôdas as doenças — mesmo as «do interior, classifi-

cadas mais tarde pelos médicos com diversas denominações» — «começam por um *suintement* que se transforma em crustas como acontece nas doenças cutâneas» (vol. IV, pág. 3).

Dá uma engenhosa explicação da origem da loucura humana: «Tudo o que vive tira a sua origem do amor; esta paixão produzindo uma extravagância temporária e perturbando momentâneamente tôda a economia animal, o acto da geração dá como resultado sementes... que contêm em gérmen a loucura donde nascem indivíduos mais ou menos imperfeitos» (vol. III, pág. 4).

Não se pode ter ideas mais decisivas e claras...

Na seqüência desta demonstração de que o homem não pode ser considerado como a obra prima da natureza, o autor aparece-nos a falar da posição erecta que o homem adquiriu, «substituindo-a à horizontal, que é a única natural» (vol. III, pág. 26).

Diz-nos em primeiro lugar, para fixar ideas, que o homem não é pròpriamente um animal vertical pois que «metade da sua vida passa-se numa posição horizontal quando repousa durante a noite; e de dia, quando não anda, está sentado. A sua posição, neste último caso, não é nem vertical nem horizontal. O único animal vertical que existe, rigorosamente falando, é o mocho» (vol. II, pág. 38), animal que tem ainda sôbre o homem a grande vantagem de poder virar completamente a cabeça para traz, emquanto que nós só a viramos um têrço (vol. II, pág. 46).

Diz-nos depois que esta atitude é a origem das maiores desgraças, a ponto que «o homem em vez de se orgulhar da sua posição vertical... podia quási maldizê-la» (vol. III, pág. 28). É, com efeito, desta posição que resultam provàvelmente a hérnia, tão freqüente no homem (vol. III, pág. 26), as hemorróides (vol. III, pág. 28) e a pedra da bexiga, rara nos animais e vulgar no homem, porque a evacuação completa da urina «exige uma posição quási horizontal, o *bas-fond* achando-se mais baixo do que a abertura do canal tortuoso da uretra» (vol. III, pág. 28), pedra que tem que ser retirada pelo cirurgião que «deixa então a sua profissão para exercer o ofício de cabouqueiro. Vem trabalhar nesta pedreira animal, como o operário trabalha numa pedreira mineral, com o fim de extrair pedras que servem para fazer as nossas casas» (vol. III, pág. 33).

Parece que o comendador estava convencido de que as pedras da bexiga se extraíam a tiro.

Não é esta a única passagem da obra de Gama Machado em que

se fala de pedra e doutras doenças da bexiga, há mais, como seja, por exemplo, a legenda da estampa das *Similitudes d'origine*, em que aparece um estorninho a dizer ao homem: «*Je n'envie point votre vessie qui fait le tourment de votre vieillesse*».

Esta insistência leva-me a suspeitar que o autor, já velhote à data em que escrevia, tinha seus incómodos vesicais. Coitado...

V

Outra idea insistentemente repetida no decorrer da obra é que a Fatalidade tudo domina no mundo biológico.

Começa o autor a sua demonstração por transcrever a seguinte passagem de Buffon (vol. II, págs. 32 e 33): «O género de vida, os hábitos e os costumes nos animais não são tão livres como se poderia imaginar. A sua conduta não é o produto duma pura liberdade de vontade, nem mesmo o resultado da sua escolha, mas um efeito necessário que deriva da organização e do exercício das suas faculdades físicas, determinadas e fixadas à maneira de viver que esta necessidade lhes impõe e lhes prescreve...».

Está claro que, sendo o homem «um ser pertencente ao reino animal», será também a fatalidade que o dirige «na sua conduta por efeito da sua organização física» (vol. II, pág. 34).

Procurando justificar esta opinião, que intimamente se relaciona afinal com a sua teoria do livre arbítrio, fundada, como vimos, na maravilhosa observação da tartaruga e do lagarto, o autor produz numerosos e variados exemplos de que a vida humana é «*un jouet du sort*» (vol. II, pág. 35).

Um para amostra: «Em Clifton, perto de Bristol, vê-se ainda hoje uma tôrre que se chama *la Folie de Cook*, construída por Cook, que tinha um pressentimento de que morreria da mordedura duma víbora. Vivia nesta tôrre sem escadarias, não recebendo os seus alimentos senão por meio duma escada de mão. Um dia que lhe levavam feixes de lenha, foi mordido por uma víbora que lá estava escondida. Morreu quási imediatamente» (vol. II, pág. 36).

Segundo Gama Machado, a explicação de tudo isto está no facto de todos os animais — incluindo, está claro, o homem — provirem duma semente animal da mesma forma que as plantas provêm duma semente vegetal, sendo portanto «de necessidade absoluta que os costumes dos animais sejam determinados com as propriedades das plantas» (vol. II, pág. 34).

Tudo se transmite, com efeito, de pais e filhos, pode afirmar-se seguramente, embora seja ainda bastante obscuro o modo de reprodução de certas espécies de animais, conforme o autor largamente mostra a pág. 94 e seguintes do 2.º vol. da sua obra: «*Os pulgões*... são virgens e mães ao mesmo tempo. *Os polipos*... não apresentam nenhuns vestígios de sexo. *A serigueia* nasce sem que se saiba como... *O ornitorinco* participa da ave e do mamífero. Ignora-se como se reproduz... A maior parte dos peixes não copulam; o macho fecunda os ovos da sua fêmea com a sua *laitance*. Nas aves, as fêmeas, ainda que privadas dos seus machos, põem ovos que não foram fecundados... *Os caracóis* são hermafroditas e a-pesar-de isso copulam, cada caracol põe os seus ovos à parte . A cópula, no *bombyx* da seda, realiza-se pelas partes posteriores do corpo, e ficam presos por dois ganchos um ao outro durante muitas horas; êste prazer custa-lhes a vida .. A natureza, sob êste ponto de vista, foi mais benévola para nós... Algumas espécies reproduzem-se, à maneira dos polipos, por divisão; esta reprodução é imensa; em poucos dias milhões de sêres nascem... Podem gerar-se animais num segundo humedecendo os restos dêsses mesmos animais, possuindo numerosos órgãos e dotados, como nós, de um sistema nervoso...».

No entanto, seja como fôr, o certo é que a estatura, as formas e a côr se transmitem pelas vias da geração (vol. II, pág. 175).

E o autor explica como se fixam os caracteres da espécie: «Os pardais, por exemplo, não se tornaram espécie senão porque as mães se cruzam indiferentemente com os seus filhos, os pais com as filhas, e os irmãos com as irmãs, etc.; segue-se que êles conservam as mesmas estaturas, as mesmas formas e as mesmas côres. Mas, quando um pardal se cruza com uma outra ave, então a estatura, a forma e a côr variam; e o produto dêstes cruzamentos torna-se, neste caso, uma espécie nova» (vol. II, pág. 75).

Sôbre esta questão, no vol. III da sua *Théorie des Ressemblances*, expõe Gama Machado pontos de vista assombrosos, admitindo, como vai ver-se, a possibilidade de cruzamentos, muitas vezes fecundos, entre animais de espécies muito afastadas, mesmo entre mamíferos e aves.

Assim fala dos sátiros, vulgares na Índia, embora sejam considerados como fabulosos, que provêm do cruzamento do homem e da

cabra, citando, para provar a sua existência, o Levitico, Vergílio, Santo Agostinho, Ambroise Paré, etc. (vol. III, pág. 7).

Afirma, citando João de Barros e Camões, que os fundadores do reino do Pegu descendiam dum cão e duma mulher (vol. III, pág. 10) [1].

Fala ainda duma mulher que, em Paris, pariu muitos cães que foram logo mortos; fala das relações dos homens com as vacas em Madagáscar (vol. III, pág. 9).

Diz que no Brazil o macaco se cruza muitas vezes com a negra e que «esta mistura é fecunda» (vol. III, págs. 12).

Conta mais que «nas capoeiras os coelhos se cruzam freqüentemente com as galinhas» (vol. III, pág. 11), sem que êsse cruzamento até hoje tenha sido fecundo, ao contrário do que acontece com o cruzamento do pato e do castor que deu o ornitorinco (vol. III, pág. 12), animal que, por ser ovíparo, não se sabe se se deve «classificar entre os quadrúpedes ou entre as aves (vol. III, pág. 12).

Explica a razão de na África se encontrarem «animais com formas estranhas... em maior quantidade do que em nenhuma outra parte da terra»: existem lá «desertos quási inabitáveis, a raridade das águas obriga os diferentes animais a dirigirem-se a um mesmo logar para beber; encontrando-se juntos... cruzam-se sem distinção de espécie» (vol. III, pág. 13).

Os animais novos assim produzidos ficam evidentemente a participar dos dois progenitores. O mesmo acontece nas plantas com o enxêrto que não é senão «um casamento vegetal, as duas hastes unindo-se pela sua mútua *viscosidade*» em que reside o pensamento «que é determinado e fatal em todos os sêres animados sem excepção» (vol. IV, pág. 1). E o autor demonstra com efeito numa série de estampas do vol. IV «que não sòmente os frutos mas ainda as flores participam forçosamente *et du sujet et de la greffe*» (vol. IV, pág. 17).

Estas mesmas considerações se podem aplicar à espécie humana.

«Suponde a reünião de dois indivíduos de sexos diferentes, ambos da mesma estatura, tendo as mesmas formas e a mesma côr: seguindo os mesmos processos que o pardal, veríeis aparecer com o tempo uma espécie humana duma natureza uniforme... O grande

---

[1] Como se disse, há nos exemplares da *Théorie des Ressemblances*, existentes na Biblioteca da Ajuda, duas aguarelas, uma com o sátiro e a cabra, outra alusiva ao cruzamento do cão e da mulher.

Frederico empregou um meio dêste género. Para ter belos granadeiros, escolheu grandes e fortes raparigas que fez casar com soldados notáveis pela sua grande estatura. Êste ensaio deu-lhe resultado; valeu-lhe receber então o novo baptismo de rei *ateu*» (vol. II, págs. 75 e 76).

Mas não são só os caracteres físicos que se transmitem pelas vias da geração, também as disposições morais, que dêles derivam, se transmitem por estas mesmas vias (vol. III, pág. 175).

E Gama Machado pensa que «se poderiam fàcilmente criar raças de homens de talento, empregando os mesmos meios que o homem adoptou para produzir diferentes espécies de animais» (vol. II, pág. 119). No vol. IV da *Théorie des Ressemblances*, pág. 64 e seguintes, há com efeito variados exemplos da hereditariedade do talento e do carácter no sentido do bem.

Mas existe igualmente a hereditariedade do mal (vol. IV, pág. 71), os ladrões de profissão, por exemplo, não geram senão ladrões (vol. IV, pág. 72). Por isso, o autor entende dever afirmar a sua admiração pela raça negra que, embora passando por pouco inteligente, tem certamente o dom da observação; o rei dos Cafres, com efeito, condena à pena de morte os filhos dos supliciados porque êles se devem parecer com o seu pai (Legenda da estampa intitulada *Les deux genèses*). A raça negra, além disso, é sem dúvida a mais antiga das raças humanas por ser aquela que suporta mais calor e a terra ter ido gradualmente arrefecendo (vol. III, pág. 154). Confirma esta opinião o facto de os fósseis humanos encontrados até hoje apresentarem todos o tipo negro (Legenda da citada estampa).

Nesta ordem de ideas sustenta ainda o comendador a transmissão hereditária dum certo número de doenças, apontando duas, o mormo e a raiva (vol. III, pág. 26).

Recomenda, pois, que se deveriam matar os filhos dos cães raivosos — questão de que se ocupou especialmente num folheto que escreveu, como já vimos.

Da questão tratada no outro dos folhetos referidos, ocupa-se também Gama Machado na *Théorie des Ressemblances*, afirmando ser manifesta «a influência que deve ter o leite duma ama (quási sempre escolhida ao acaso segundo os nossos usos) sôbre o carácter da criança» (vol. II, pág. 139), atribuindo o autor o terem as crianças grande propensão para destruir os animais ao facto das amas serem no geral camponesas habituadas a matar galinhas (vol. II, pág. 140).

É claro que, se a criança tiver sido criada com leite de cabra, vaca ou burra, também isso poderá influir no seu carácter, opina ainda o comendador.

Sôbre o carácter moral da criança, podem ainda influir certos factos acontecidos durante o período da gestação, como o autor prova com a seguinte história: «Jaime I, rei de Inglaterra, nascido da célebre Maria Stuart e de Henrique Darnley Stuart, seu primo, nunca pôde suportar, sem manifestar um tremor visível, o aspecto duma espada nua, como conseqüência da impressão violenta que tinha experimentado a sua mãe, então grávida de êle, quando o seu marido fez degolar, sob os seus olhos, Rizzio, seu amante» (vol. II, pág. 137).

VI

É isto, quere-me parecer, o mais importante que se poderá concluir, no ponto de vista biológico, da leitura duma obra especialmente difusa, em que a razão de ordem das doutrinas nem sempre é fácil de surpreender, mas que o seu autor, cheio de satisfação, considerava da maior importância, como mostra esta passagem com que fecha o 2.º vol., sem dúvida o mais interessante de todos:

«A minha teoria parece-me portanto inatacável... Como tôdas as sciências se aperfeiçoam com o tempo, o estudo e a paciência, ouso pensar que o meu sistema obterá o mesmo resultado e que corroborando as doutrinas de Porta, de Lavater e de Gall, chegará a dar o conhecimento perfeito do carácter humano».

Parece-me ser êste o momento oportuno de dizer que, a pág. 77 dêste mesmo volume, Gama Machado menciona as condições, em sua opinião indispensáveis, para produzir obra scientífica valiosa e que vêem a ser, entre outras: «a cabeça liberta de prejuízos; não se julgar superior ao animal ou à planta»; e ainda que noutro ponto (vol. II, pág. 15) insiste sôbre a importância do conhecimento da sua doutrina para a felicidade humana: «Os homens familiarizando-se com a filosofia que deve nascer da teoria das semelhanças, tornar-se-ão mais indulgentes para os defeitos que êles reconheçam provir de seus pais e mães, e estarão por conseqüência mais satisfeitos no seio de sua família, e em tôdas as posições em que a sorte os tenha colocado» (vol. II, pág. 15).

Era por isso de manifesta vantagem resumir as conclusões fundamentais dêstes trabalhos e pesquizas duma maneira simples e clara, de molde a tornar a *Teoria das Semelhanças* fàcilmente acessível mesmo às pessoas apressadas, sem vagar para grandes leituras.

Foi o que o autor fez reünindo numa série de curtos aforismos,

de forma lapidar, uma síntese de tôda a sua filosofia, a quinta essência do seu pensamento. Pelo seu evidente interêsse, transcreve-se integralmente, na língua original para que não perca o sabor, a página do começo do vol. III que os contém:

APHORISMES DE L'AUTEUR
DE LA THÉORIE DES RESSEMBLANCES

La couleur est le vrai pilote de la nature, pour donner la connaissance de la valeur de ses productions dans les trois règnes: animal, végetal et mineral.

Le règne organique provenant de *semences,* les êtres organisés vivent *nécessairement* sous l'inexorable loi de la fatalité.

Aux yeux de la nature, l'intelligence et la beauté n'ont aucune valeur. L'ignorance *dévore* l'intelligence, et la laideur *dévore* la beauté...

En dehors de l'intelligence routinière, le génie chez l'homme ne trouve pour récompense que les injures, la persecution, le cachot et la mort.

Il existe dans le genre humain, entre enfants et leurs pères et mères, une connexité physique et morale qu'aucune croyance, aucune education, aucun système pénitentiaire ne peuvent faire disparaître.

La couleur donne plus particulièrement le fond du caractère, qui consiste à être ou à ne pas être prodigue, à être ou à ne pas être boudeur, à être ou à ne pas être rancunier; le malheur ou le bonheur dans les unions conjugales dependent généralement de la présence ou l'absence de ces trois défauts.

Tout dans le semence: bonheur et malheur.

La vie, chez tous les êtres organisés, sans exception, se borne uniquement aux quatre conditions suivantes: *se reproduire, manger, boire* et *tuer.*

Le semblable produit le semblable.

L'homme, si courageux sur le champ de bataille, perd son énergie dans un salon, et sa pensée subit une sorte d'esclavage moral.

L'homme sauvage tire son origine de l'orang-outang, et l'homme civilisé tire son origine de l'homme sauvage.

VII

O livro não trata porém só de questões biológicas.

Pode mesmo dizer-se que trata de tudo.

De facto, não há problema algum que lá não se encontre tratado, emitindo sempre o autor saborosos conceitos. No decorrer dêste

trabalho haverá, de onde a onde, oportunidade de transcrever um ou outro, mas, ao fechar esta rápida análise das doutrinas expandidas nos quatro volumes da *Théorie des Ressemblances*, não quero deixar de referir os pitorescos pontos de vista do autor sôbre dois ou três assuntos.

Pela sua originalidade, poremos em primeiro lugar as imprevistas opiniões, que aparecem nos vols. III e IV, sôbre os nocivos efeitos do conhecimento da língua latina que «pode ser considerada como fatal à felicidade do homem, pois que muitas vezes as orações aceleram a morte do doente» (vol. IV, pág. 50).

Mas os efeitos perniciosos do conhecimento desta língua e ainda do grego e do hebreu vão mais longe; Gama Machado afirma, efectivamente, que se pode «quási dizer que as guerras das cruzadas, que duraram muitos séculos, e as fogueiras da Inquisição, sôbre que morreram mais dum milhão de almas provêm do conhecimento das línguas que acabamos de citar» (vol. III, pág. 113).

A ennumeração das coisas que se devem ao acaso que «é o rei do mundo» (vol. IV, pág. 86), mas que os cristãos substituíram pela Providência (vol. IV, pág. 89), não é menos pitoresca, conforme se poderá ver num capítulo do vol. IV intitulado *Sur le hasard*.

Que baralhada!

Devem-se ao acaso os específicos usados em medicina, a criação do mundo, os filhos naturais, as deformidades, o sistema do mundo imaginado por Newton, o guaiaco no tratamento da sífilis, a ordem da Jarreteira, a conversão ao Cristianismo do imperador Constantino, a descoberta da melhor qualidade de arroz pelo imperador Kang-Hi, a descoberta das águas minerais da Europa devida aos veados e porcos que, incomodados com doenças cutâneas, se rolavam nas matérias salinas e sulfúreas dessas águas (vol. IV, pág. 93). É ainda ao acaso que se devem as variedades de tulipas, os sonhos, o carvão de pedra e o diamante, a porcelana de Saxe, a pólvora, etc., etc., etc.

Ficaremos por aqui, pois se quiséssemos arquivar tôdas as opiniões curiosas de Gama Machado — seja sôbre o uso do peixe na quaresma que deve ser considerado «não só pernicioso mas ainda imoral» por ser um alimento afrodisíaco (vol. III, pág. 149), seja sôbre a existência de electricidade no reino orgânico, demonstrada pelo facto de um fruto de *Hura crepitans*, que o autor tinha em cima duma estante, ter rebentado com grande estampido, projectando os fragmentos a distância, o que talvez se pudesse explicar pela higrometria, mas que certamente se deve antes atribuir à grande quantidade de fósforo (matéria inflamável) e de electricidade existente nas

sementes bem como nos ovos e no cérebro — teríamos que reproduzir a obra tôda.

E são quatro grandes e intermináveis volumes...

CAPÍTULO III

Os testamentos

I

José Joaquim da Gama Machado morreu repentinamente em Paris no dia 9 de Junho de 1861.

Tinha 87 anos de idade.

Na véspera sentira dores de cabeça e, tratando dêsse incómodo com os seus familiares, dissera-lhes «contanto que me não aconteça como ao conde de Cavour». Aconteceu-lhe melhor porque não teve que aturar médicos. Deitou-se já inteiramente livre do padecimento que o afligia e de manhã foram encontrá-lo morto na cama [1].

Conservara até ao fim da sua vida uma saúde afinal de contas invejável; velhinho, ainda saía à rua, embora, nos últimos tempos, andasse com certa dificuldade e estivesse quási cego (*Théorie des Ressemblances*, vol. IV, pág. 31).

Deixava uma fortuna considerável, avaliada em cêrca de um milhão de francos, e como as suas últimas vontades se encontrassem consignadas em 71 testamentos e codicilos — o primeiro datado de 1 de Janeiro de 1823 e o último de 15 de Janeiro de 1861 — e se apresentassem numerosas pessoas, cujas pretensões eram imcompatíveis, procurando receber os legados a que julgavam ter direito, correu no *tribunal civil de la Seine (deuxième chambre)*, em 1863, um processo que é certamente «a questão mais extraordinária e curiosa que, em matéria de testamentos, tem sido debatida em França», diz Legrand de Saulle que por isso resolveu tratá-la com grande desenvolvimento, consagrando-lhe umas 60 páginas, no seu livro intitulado: *Étude médico-légale sur les testaments contestés pour cause de folie.*

Foi justamente neste livro, em que vêm transcritos numerosos testamentos e codicilos e citados muitos outros [2], em que vêm largos

---

[1] *A Revolução de Setembro*, de 27 de Junho de 1861 — *Chronica* — Fallecimento dum portuguez.

[2] Os testamentos transcritos no livro de Legrand du Saulle são 18: O primeiro que Gama Machado fez, em 1 de Janeiro de 1823, e os de 1 de Setembro de 1833, 18 de Abril de 1835, 12 de Junho de 1838, 15 de Abril de 1845, 12 de Maio de 1852, 12 de Janeiro de 1853, 1 de Janeiro de 1854, 21 de Março de 1854, 1 de Janeiro de

extractos dos discursos dos advogados e em que vem publicada a sentença *in extenso*, que colhi quási todos os elementos necessários para redigir esta notícia. Quando, de onde a onde, apareçam informações doutra origem, será sempre indicada a proveniência.

II

Por um dos seus testamentos, datado creio que de 1853, Gama Machado deixava a sua colecção de aves raras, exceptuando o melro da Índia, uma centena de pássaros vivos, apanhados, dizia-se, nas ravinas inexploradas das Índias Orientais, nos canaviais do Ganges e nos matagais do Himalaia, a Elisabeth Perrot, *femme de charge* há muitos anos ao seu serviço, a quem noutros testamentos legava também uma renda vitalícia, a princípio de 4.000 francos (test. de 12 de Maio de 1852) e elevada depois sucessivamente para 6.000, 12.000, 15.000, 20.000 e por último para 30.000 francos.

Emquanto se não resolvia a questão pendente dos tribunais, requereu esta mulher, em 1862, que lhe fôssem abonados 18.000 francos anuais para poder sustentar as avezinhas que devia à liberalidade do defunto, tendo o tribunal resolvido então entregar-lhe 30.000 francos por uma só vez e 500 francos mensais até à solução do pleito.

Uma sobrinha do falecido, M.elle Adeline Walpole, legatária universal [1], afirmava ter sido êste legado de 30.000 de renda vitalícia, com os pássaros não se importava ela, arrancado à fraqueza dum velho excêntrico de mais de 80 anos pela tenacidade e pela tirania vulgar da sua governante.

Na opinião desta senhora poder-se-iam distinguir duas partes na vida do testador. Até 1857 Gama Machado teria uma razão intacta e uma vontade perserverante; e o legado feito à *femme de charge*

1857, 1 de Outubro de 1857, 12 de Janeiro de 1859, 1 de Abril de 1859, 26 de Maio de 1859, 5 de Agôsto de 1859, 1 de Novembro de 1859, 21 de Dezembro de 1859, e 1 de Janeiro de 1860.

Além dêstes, no texto são citados 22, ou sejam ao todo 40.

[1] Por se tratar duma questão debatida em França empregaremos esta designação de legatário universal bem como as de legatário particular e de herdeiro de sangue, traduções literais das expressões francesas correspondentes, embora, segundo a bôa terminologia jurídica portuguesa, devêssemos antes, salvo êrro, traduzir *légataire particulier* simplesmente por legatário, *légataire universel* por herdeiro testamentário e *héritier du sang* por herdeiro legítimo.

não ia além de 6.000 francos anuais. É depois desta data que os codicilos se sucedem com curtos intervalos, fazendo subir ràpidamente a renda vitalícia, o que Me Péronne, advogado de Adeline Walpole, atribui a «um sistema de sugestão e captação organizado pela *demoiselle* Perrot, graças à velhice crescente dum cérebro há muito tempo perturbado».

Estas manobras fraudulentas são claramente demonstradas pela estreita vigilância exercida pela *femme de charge*, pelo extremo cuidado que ela tinha em afastar os visitantes habituais, os amigos e a família, sobretudo as senhoras Walpole por quem Gama Machado tivera sempre a mais viva e constante afeição.

O advogado indica ainda como uma manobra hábil, destinada a fazer calar as pessoas de casa que poderiam ser testemunhas perigosas, a série de legados importantes feitos ao cocheiro, ao criado de quarto, ao porteiro, ao aguadeiro, etc.

No entanto, a-pesar-do estado de espírito do comendador o tornar fàcilmente acessível a esta sugestão sistemática duma vontade cúpida a perseverante, a mulher só conseguiu os seus fins tendo a velhice por cúmplice. Até aos 84 anos, de facto, as liberalidades do comendador não excedem a quantia de 4.000 francos anuais.

Adeline Walpole defende não só os seus interêsses como também os dos numerosos legatários compreendidos nos 71 testamentos, visto o legado exorbitante feito à *femme de charge*, obrigando a imobilizar 600.000 francos, tornar pràticamente inexeqüíveis os outros legados porque, segundo os seus cálculos, a fortuna do comendador não ia além de 800 ou 850.000 francos, havendo ainda 100.000 francos de direitos e «*frais de toute nature*».

Se as outras duas legatárias universais, também sobrinhas de Gama Machado, a Viscondessa de Turpin de Souhé, *née* Tuyll e M.me de Pinto, se não juntaram a Adeline Walpole é porque os seus legados são posteriores à data a partir da qual, na opinião desta, o testador deixou de ter responsabilidade dos seus actos.

Por isso coube a Adeline Walpole tornar-se assim o órgão da reprovação unânime com que todos os que conheceram em vida o comendador Machado castigavam as atrevidas emprêsas de Elisabeth Perrot.

Estas duas senhoras, por seu turno, contestam, perante o tribunal, os direitos de Josephine Walpole, irmã de Adeline, à data Baronesa de Tuyll, aos numerosos legados particulares feitos em seu benefício pelo falecido Gama Machado em 1846 e 1852, sustentando que os

testamentos de 15 de Outubro de 1857 e de 1 de Janeiro de 1860, que as instituem, a elas, legatárias universais [1] revogam as disposições anteriores que, pela sua acumulação, davam a Josephine a quási totalidade dos bens do comendador.

Não há, é certo, uma revogação expressa, mas o advogado M.e Nicolet julga ver no conjunto das disposições posteriores a 1857 todos os indícios duma vontade revocatória.

Com efeito, alguns dos valores legados a Josephine Walpole não se encontraram no espólio do comendador, parecendo que Gama Machado os vendera.

Além disso, os legados particulares, sobretudo os que dizem respeito aos criados, foram notàvelmente aumentados a partir de 1857, a ponto de atingirem, à data da morte, a importante cifra de 170.000 francos de capital e 45.000 francos de rendas, ou sejam ao todo, capitalizando as rendas, 650.000 francos, pelo menos. É claro que, caso as liberalidades acumuladas sôbre a cabeça de Josephine mantivessem o seu valor, estas disposições novas não se poderiam executar e lógico seria concluir que o comendador, por uma brincadeira de mau gôsto, se teria «*plu à leurrer ses serviteurs*».

Finalmente para que instituïria Gama Machado primeiro Adeline Walpole e depois sucessivamente Isabelle de Tuyll e *madame* de Pinto legatárias da totalidade da sua fortuna, se os legados feitos a Josephine Walpole a absorviam por completo?

Certamente porque era seu desejo deserdá-la.

Mas, tendo sido esta senhora, sobrinha e afilhada de Gama Machado, a pessoa que êle no mundo mais estimara, como explicar esta mudança de vontade?

Porque Josephine Walpole, a-pesar-da oposição da mãe, entrara para um convento e o velho voltairiano, que era Gama Machado,

---

[1] Os dois testamentos citados dizem o seguinte:

«N.º 55 — Dans un précédent codicille j'ai désigné comme héritière de ma fortune ma nièce Adeline Walpole; mais ayant réfléchi, je désire qu'une fille de ma nièce Tuyll partage avec elle, et je nomme Isabelle de Tuyll. Paris, 1er octobre 1857.

N.º 67 — Je confirme les précédents codicilles; en outre ma nièce Francesca Pinto héritera du legs destiné à sa tante Ferrao, et aura une part égale à celle de ma nièce Adeline Walpole et Isabelle de Tuyll... Le 1er janvier 1860.

Esta senhora Francisca Pinto aparece designada na sentença, transcrita no livro de Legrand du Saulle, por «dame Pinto da Castro-Prebello» (Rebello?)

À tia Ferrão, de que se fala no testamento n.º 67, referia-se nos seguintes têrmos o testamento n.º 35 de 12 de Maio de 1852: «Je lègue à ma nièce mademoiselle Ferrao la somme de 1.000 francos de rente».

nunca lhe perdoou o ter tomado tal resolução, como se pode provar, diz o advogado, pela leitura da correspondência do comendador.

Por isso, embora mais tarde Josephine saísse do convento para se casar, o comendador entendeu não dever modificar as suas mais recentes disposições.

Julgo plausível esta explicação porque encontrei no vol. IV da *Théorie des Ressemblances* uma indignada referência a êste facto (págs. 75 e 76): «On voit encore tous les jours le clergé catholique s'emparer de l'esprit faible d'un grand nombre de jeunes demoiselles appartenant à de bonnes familles, pour les engager à quitter père et mère, habiter de sombres cellules ornées d'une croix et d'un crane humain, suivre un régime malsain, et coucher sur une mauvaise paillasse. C'est ainsi que dernièrement une jeune personne, d'une beauté remarquable, qui nous était bien chère, réduite, selon l'usage, par les conseils de son confesseur, est allée s'ensevelir dans un couvent, malgré l'extrême affection qui lui portait sa mère».

Da grande estima que Gama Machado tinha por esta sua afilhada aparece também no mesmo volume a demonstração. Uma das estampas que representa «*La rose Fallemberg et la rose Aimée Vibert greffées sur l'eglantier*» tem a seguinte nota — «*Planche dédiée à l'illustre peintre Mademoiselle Josephine Walpole*». É a única vez que em tôda a obra aparece uma referência assim.

O advogado de Josephine Walpole, Mᵉ Dufaure, não se conforma, naturalmente, com êste modo de ver, sustentando, depois de ter contado desde o princípio a extensa história dos testamentos de Gama Machado na parte referente à sua constituinte, que os legados feitos em 1852 e de que ela reclama a execução são legados particulares de objectos determinados e não legados universais.

Não há revogação expressa, todos estavam de acôrdo nesse ponto, fazendo no entanto notar Mᵉ Dufaure que o falecido Gama Machado conhecia muito bem, por a ter empregado doutras vezes, a fórmula revocatória.

Quanto a revogação tácita, diz o advogado que só se poderá admitir para os valores que não tenham aparecido depois da morte do testador e que, por isso, parecem ter sido vendidos. Para os outros não, pois que uma instituïção de legatários universais não implica a revogação das liberalidades particulares.

Houve quem julgasse poder concluir do facto de dizer o testamento de 1 de Maio de 1858 (datado por engano de 1838) que

Adeline Walpole deveria entregar a sua irmã Josephine a quantia de 40.000 francos, que esta teria perdido todos os seus direitos anteriores; mas M.e Dufaure afirma que estes 40.000 francos se destinavam simplesmente a indemenisá-la, na medida do possível, da venda, feita por Gama Machado, dos fundos belgas e das obrigações da Cidade de Paris que em tempo lhe tinham sido legados.

Pede por isso a execução pura e simples do testamento de 1852 para os valores que se encontrem em espécie no espólio do comendador.

Intervieram ainda na questão os herdeiros de sangue, dois sobrinhos de Gama Machado, o Visconde de Benagazil e a Viscondessa de Rio Sêco, representados no tribunal por M.e Sénard, procurando demonstrar que seu tio não era são de espírito com grande cópia de argumentos tirados da análise minuciosa da vida e da obra do falecido comendador e das complicações e contradições dos seus testamentos, postas bem em evidência pelas discussões entre os diversos legatários.

Não vinham discutir a sugestão, a fraude ou a incompatibilidade das disposições testamentárias; punham uma questão nova — ¿Era o comendador José Joaquim da Gama Machado capaz de testar?

A lei, diz o advogado, deixou ao homem o direito de dispor da sua fortuna e de fazer prevalecer, na escolha dos herdeiros, a expressão das suas afeições reais e da sua vontade.

Mas, para o exercício dêste direito, a lei exige uma vontade livre e esclarecida e, como ela diz, um espírito são.

Se a razão está perturbada, as disposições testamentárias não deverão ser mantidas mesmo quando não tenham quaisquer vestígios das concepções delirantes do autor. As designações do homem deverão então apagar-se para dar logar às designações da lei.

Por maioria de razão se deverá, está claro, decidir assim quando uma idea fixa, doentia domine todos os testamentos, como acontece no caso presente em que a constante preocupação duma louca teoria, imaginada pelo testador, aparece por assim dizer em tôdas as páginas.

Por isso, os herdeiros legítimos, pela voz de M.e Sénard, pedem pura e simplesmente a anulação em bloco de todos os testamentos e codicilos.

As razões apresentadas pelo Visconde de Benagazil e pela Viscondessa de Rio Sêco para afirmar, justificando esta conclusão, que o falecido comendador José Joaquim da Gama Machado não era são

de mente serão referidas, conforme vêem expostas no livro já citado de Legrand du Saulle, noutro logar, com o vagar que merecem.

Encontram-se também informações sôbre esta questão da habilitação como herdeiros do Visconde de Benagazil e da Viscondessa do Rio Sêco num artigo, tirado do jornal *Le Droit*, que vem traduzido no n.º 2833 de 20 de Março de 1863 do *Jornal do Commercio de Lisboa*.

M.e Léon Duval, advogado de Elisabeth Perrot, respondeu nada haver que autorizasse a afirmar que Gama Machado tivesse sido um louco, apresentando as razões que noutro logar serão ditas.

Procurou em seguida explicar a multiplicidade dos testamentos que Gama Machado fizera tranqüilamente, à sua vontade, por ter a morte levado sucessivamente, uns atrás dos outros, os seus mais queridos legatários. Necessário se tornava pois recomeçar...

Na sua mocidade, o comendador legara tôda ou quási tôda a sua fortuna a um afilhado, «não aceitando discretamente se não a paternidade espiritual». Mas a criança morreu. Chamava-se Edouard Perrot...

Confrontando esta referência transparente do advogado com o disposto no testamento de 18 de Abril de 1835 — «Je lègue à mademoiselle Elisabeth Perrot la somme de 4.000 francs annuellement durant sa vie; son fils étant dont j'avais été le parrain» — chega-se fàcilmente à conclusão de que a dita mademoiselle Perrot não desempenhara, em casa do comendador, apenas as funções duma *femme de charge* dedicada. Fôra mais alguma coisa como demonstra também o facto, indicado pelo advogado, de ter o comendador, num outro codicilo, destinado a Elisabeth um logar no seu próprio túmulo.

Continuando, M.e Léon Duval diz que, depois da morte do pequeno, o comendador legara quási todos os seus bens a Josephine Walpole, deixando o usufruto a madame Dibdin que morreu também.

É nessa altura que contemplou as suas três outras sobrinhas, Adeline Walpole, madame de Turpin e madame de Pinto.

Emfim, quando Josephine Walpole entrou para o convento — o que desagradou ao livre pensador — êle sentiu-se à vontade para poder gratificar os seus criados e os seus amigos.

Aparece então o legado dos 30.000 francos de renda a favor de Elisabeth Perrot, pobre mulher que se tinha gasto ao serviço do comendador a quem velara dia e noite, emquanto o Visconde de Benagazil «vaquait fort gaiement à ses plaisirs et à ses affaires».

Depois de M.e Léon Duval tomou a palavra em nome dos testamenteiros, defendendo pouco mais ou menos os mesmos pontos de vista, M. de Sèze.

Finalmente o Ministério Público, representado por *M. le substitut* Merveilleux-Duvignaux, pediu a anulação dos testamentos do comendador por insanidade de espírito, dizendo ser o direito de testar uma coisa grande e bela que, justamente por isso, importa cercar de salutares garantias.

É à consciência do juiz que a lei deixa a apreciação dessas garantias indispensáveis, mas no entanto é possível traçar o círculo nos limites do qual esta apreciação se pode mover.

O que a lei quer é que o testador tenha uma plena liberdade de espírito; pouco importa que as disposições dos seus testamentos sejam extravagantes, injustas ou mesmo imorais, basta que êle tenha sido livre.

Mas se é manifesto ter sido essa liberdade alterada, seja por uma causa exterior, seja por uma causa puramente psicológica, a nulidade pode ser pronunciada.

Em seguida o *avocat imperial* procura mostrar existirem nos hábitos privados do comendador, nos seus escritos e mesmo nos seus testamentos, esses sinais infalíveis pelos quais se reconhece a perturbação da inteligência.

Como já dissemos, mais tarde, noutro ponto, trataremos de apreciar o justo valor das razões apresentadas para justificar a afirmação que Gama Machado era um alienado.

Depois de quinze dias de deliberação, o tribunal proferiu uma sentença muito longa que me parece poder ser resumida, na parte que fundamentalmente nos interessa, da maneira seguinte:

Pelo que respeita às alegações do Visconde de Benagazil, tendentes à anulação de todos os testamentos e codicilos devido à insanidade de espírito do testador, diz que essas alegações não são de receber, visto que o Visconde, tendo sido instituído pelo testamento de 12 de Maio de 1852 legatário de metade da biblioteca do comendador Gama Machado, aceitara tal legado. Condena-o por isso a pagar um quarto das custas.

Considera, pelo contrário, como sendo de receber as alegações da Viscondessa de Rio Sêco, a quem o tribunal reconhece o direito de se poder servir de todos os meios para anular os testamentos de seu tio. Mas, porque a Viscondessa, no entender do tribunal, não articulou nenhum facto positivo podendo servir para demonstrar a demência do testador, considera as suas alegações como mal fundadas e condena-a a pagar outro quarto das custas.

Com referência a Josephine Walpole, Baronesa de Tuyll, diz que, embora não haja qualquer testamento posterior expressamente revocatório, nem qualquer documento autêntico com a declaração da mudança da vontade do testador, se devem considerar tàcitamente revogadas não só as disposições do testamento ológrafo de 12 de Maio de 1852, que anulava todos os testamentos anteriormente feitos e tornava a Baronesa de Tuyll herdeira da quási totalidade dos bens do comendador, mas ainda as do codicilo de 18 do mesmo mês em que se mencionavam bens que tinham sido omitidos no primeiro, visto que testamentos e codicilos ulteriores contêem disposições incompatíveis ou mesmo absolutamente contraditórias, como sejam principalmente as dos codicilos de 1 de Outubro de 1857 e 1 de Janeiro de 1860 que instituem Adeline Walpole, madame de Turpin e madame de Pinto legatárias universais. Ora, como à face da lei a revogação tácita tem o mesmo valor que a revogação expressa, considerando que se a pertensão de Josephine Walpole fôsse admitida teria como resultado tornar ineficazes as disposições referentes aos legados universais, a sentença conclui que a Baronesa de Tuyll só terá direito aos 40.000 francos que, nos termos do codicilo de 1 de Março de 1858, lhe deverá entregar sua irmã Adeline e condena-a na metade restante das custas.

Além disso o tribunal ordenou a entrega a Elisabeth Perrot de todos os legados feitos em seu favor, por considerar alguns factos de captação e sugestão articulados por Adeline Walpole como não sendo nem pertinentes nem admissíveis, e outros como tendo sido desmentidos por todos os documentos do processo.

A requerimento de madame de Turpin e de madame de Pinto, o tribunal ordenou também a entrega a cada uma delas, nos termos dos codicilos de 1 de Outubro de 1857 e de 1 de Janeiro de 1860, de um terço da universalidade dos bens do falecido José Joaquim da Gama Machado.

Não se conclui exactamente da leitura dos documentos publicados no livro de Legrand du Saulle qual tenha sido a resolução do tribunal a respeito de Adeline Walpole. Mas, se atendermos a que foram mandados executar os codicilos de 1 de Outubro de 1857 e de 1 de

Janeiro de 1860, no primeiro dos quais se diz — « dans un précédant codicille j'ai designé comme héritiére de ma fortune ma nièce Adeline Walpole » ; se atendermos a que, embora não tenha sido apresentado o codicilo a que se faz alusão, o tribunal entendeu ser a referência feita no codicilo citado bastante para o suprir; se atendermos finalmente a que na sentença se diz ter Josephine direito aos 40.000 francos que, nos termos do codicilo de 1 de Março de 1858, lhe deveria pagar sua irmã Adeline, é lógico supor terem sido reconhecidos os direitos desta senhora ao terço restante da fortuna do comendador.

O livro de Legrand du Saulle não contém mais informes sôbre êste aspecto do *Affaire da Gama Machado.*

Mas a questão parece que não acabou aqui.

Com efeito, no n.º 4550 do *Jornal do Commercio*, de 27 de Dezembro de 1868, vem um extenso artigo sôbre os « Testamentos do Commendador Gama Machado » dizendo que, depois de vencidos os herdeiros legítimos, os legatários, a princípio unidos, se começaram a guerrear uns aos outros.

A importância dos legados, especialmente dos legados de rendas vitalícias, excedia o total da herança, pretendendo além disso os legatários particulares acumular os legados deixados sucessivamente, em vez de os considerar como aumentos da primeira disposição.

Removida esta dificuldade, ainda a herança não chegava para satisfazer os encargos; então os legatários fizeram uma transacção, concordando numa redução proporcional da importância das rendas vitalícias.

Restavam os testamenteiros.

Um codicilo de 1 de Novembro de 1856 dizia que, para evitar questões, êles só teriam direito a 2 ½ por cento.

As legatárias universais [1] sustentavam porém que esta disposição era o resultado dum êrro em que estava o testador, supondo que os testamenteiros em França tinham, como em Portugal, direito a um prémio pelo seu trabalho; sustentavam mais que êsse êrro fôra emendado pelos legados particulares deixados aos testamenteiros e às suas

[1] O *Jornal do Commercio* diz que as legatárias universais eram as senhoras Turpin, Guimarães e Walpole.

Turpin e Walpole está bem.

Mas êste nome Guimarães é que não coincide com a indicação do livro de Legrand du Saulle, em que esta terceira senhora, que era viúva, aparece com os nomes madame de Pinto, Francesca Pinto e dame Pinto de Castro Rebelo.

famílias, devendo êles reconhecer a impossibilidade de acumular à semelhança do que fizeram os legatários particulares; finalmente sustentavam que os testamenteiros nada tinham feito para merecer tal prémio.

Estes naturalmente não concordaram.

Os srs. Chevalier e de Fleury opuseram-se, de facto, declarando que não pediam 2 ½ por cento cada um, mas sim para ambos ou sejam 25.000 francos aproximadamente.

Por sentença do Tribunal civil do Sena, confirmada na segunda instância, foi julgado que os testamenteiros teriam direito aos tais 2 ½ por cento de prémio, independentemente de qualquer trabalho de testamentária, bem como a tôdas as liberalidades feitas a êles e às suas famílias, podendo mesmo pedir a entrega dos legados sem esperar a liquidação da herança.

III

Além das disposições referentes a dinheiros, papéis de crédito, etc., que motivaram a questão que acabamos de ver, contêem os testamentos do comendador Machado outras, para nós cheias de interêsse, que são as que se relacionam com as altas preocupações eruditas do testador.

A leitura da parte dos testamentos que lhes diz respeito constitui, pode dizer-se, o complemento indispensável da da *Théorie des Ressemblances* para bem se poder apanhar todo o pensamento do autor.

Assim, se fala repetidas vezes, nesses documentos, no destino a dar às colecções de história natural que o homem, para os seus estudos, juntara em casa e que manifestamente desejava, por pensar que poderiam ser úteis ao progresso das sciências, evitar que se perdessem. Faz-se, percorrendo os testamentos, um curioso inventário, embora certamente incompleto, das enormes trapalhadas de que o comendador, com a sua mania, se podera cercar graças ao muito dinheiro de que dispunha.

Havia em primeiro lugar uma numerosa colecção de aves vivas.

Esta colecção, legada primeiramente a madame Suzan Dibdin (testamento de 12 de Maio de 1852), foi depois, com excepção do melro da Índia, deixada em testamento, como já sabemos, à tal Elisabeth Perrot porque, diz o codicilo n.º 38, «tendo tratado de elas durante tantos anos, é uma recompensa que lhe é devida».

O melro da Índia, o pássaro favorito de Gama Machado, êsse deixava-o êle a M. Isidore Saint-Hilaire; «esta ave — diz o citado

testamento — contém em si tôda uma sciência; a sua plumagem compõe-se da da pêga e do estorninho, é dócil e inteligente como são estes dois pássaros, e a seu canto é velado como o do estorninho. É um exemplo notável da teoria das semelhanças».

Era tal o amor que o comendador tinha a êste passarinho que mais adiante no mesmo testamento, cheio de solicitude, recomenda: «Indicar-se-á a M. Isidore Saint-Hilaire a maneira de o alimentar e de o tratar; deverá evitar-se pô-lo ao sol, e de inverno deverá colocar-se num quarto bem aquecido.»

Havia ainda um outro pássaro de muita estimação, o *troupiale*, «modêlo de inteligência e de indústria», que, no testamento de 1 de Setembro de 1833, Gama Machado declara desejar que ficasse na família, bem como uma gaiola que êle diz conter «os meus trabalhadores» e outras coisas que a seu tempo serão mencionadas, como se tudo proviesse de herança de seu pai.

Mais tarde, a gaiola com o *troupiale* ou «com êste pássaro empalhado (porque provàvelmente já não existirá)» foi destinada à Academia Real de Lisboa. «J'y attache beaucoup de prix à cette cage et à cet oiseau» diz o testador.

Êste *troupiale*, que Gama Machado possuía, foi um célebre pássaro que aprendeu a tecer no cativeiro; foi mesmo o primeiro da sua espécie que tal fez, como tudo vem explicado na *Théorie des Ressemblances*. Quando lhe davam um fio, servia-se «do bico para o seu trabalho com tanta habilidade como o tecelão o faz com as suas mãos» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 98).

O nosso sábio considerava o caso dêste pássaro, que habitualmente não tece, como um verdadeiro triunfo da sua teoria, contando a história nestes termos: «Quando o passarinheiro Gerval me trouxe esta ave, disse-lhe logo que a faria trabalhar, porque ela tinha relações nas suas côres com os *ignicolores* e o *tisserin* do Cabo» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 71).

O éco da façanha chegou ao tribunal. M.e Léon Duval, advogado de Elisabeth Perrot, disse, com efeito, no seu discurso que Gama Machado «tinha um pássaro tecelão, bastava pôr uma porção de seda desfiada na gaiola para que êle se puzesse a tecer. O sr. Machado procurou com grande trabalho outro pássaro da mesma côr, mas doutra espécie: ¡pô-lo na gaiola ao lado do pássaro tecedor, e o recem-chegado pôs-se a tecer! O comendador ia morrendo de alegria» [1].

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 320.

Além dos pássaros vivos, possuía Gama Machado colecções de aves e outros animais empalhados, caixas com borboletas e outros insectos, etc., de que também indica, em diversos testamentos, o destino por formas contraditórias como sempre.

Assim, no testamento de 1 de Setembro de 1833, determina que todos os quadros com borboletas, insectos, etc. — com excepção do quadro que contém as borboletas da sua obra, que seria enviado para Lisboa — sejam entregues a um certo M. Lesson, membro correspondente do Instituto de França, de que repetidas vezes se fala na *Théorie des Ressemblances*, e a quem deixa também o seu microscópio de Georges.

Nesse mesmo testamento diz-se ainda que o viado, os cães, os cavalos, as aves empalhadas com o armário e também os caixilhos contendo as estampas da sua obra com os desenhos originais, ficariam na família como se proviessem da herança de seu pai, «de même que le camöes de M. de Souza» [1].

Mais tarde (18 de Abril de 1835), a colecção das aves empalhadas, que se relacionavam com o seu trabalho, foi destinada à Academia Real de Lisboa, bem como um exemplar da *Théorie des Ressemblances* com os desenhos originais.

Êste exemplar deve ser o que está actualmente na Biblioteca da Ajuda e de que já largamente nos ocupámos.

E com certeza que a êle se refere também a passagem do dis-

---

[1] Êste «*camöes de M. de Souza*», que aparece num dos testamentos transcritos no livro de Legrand du Saulle, deve ser um dos exemplares da edição dos *Lusíadas*, mandada fazer em Paris, no comêço do século passado, por D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Mateus.

É certo que o nome de Gama Machado não figura na «Lista das pessoas a quem D. José Maria de Sousa deu exemplares do Camões», que vem publicada a pág. 579 do vol. 1 das *Obras de Luiz de Camões* pelo Visconde de Juromenha.

Mas nesse mesmo livro do Visconde de Juromenha encontra-se também a informação, firmada pelo Conde de Vila Real, de que o Morgado só distribuíra 182 exemplares dos 210 que se tiraram, havendo por sua morte ainda 28, dos quais o pai do Conde dera alguns.

Do facto do nome de Gama Machado não aparecer na lista publicada pelo Visconde de Juromenha, não se pode pois concluir que o comendador não possuísse um exemplar da famosa edição dos *Lusíadas*, tanto mais que dessa lista só se conclui o destino que tiveram 180 exemplares e, segundo diz o Conde de Vila Real, o Morgado teria oferecido 182.

curso de M.e Sénard, transcrita no livro de Legrand du Saulle, que diz ter o comendador legado, em 23 de Março de 1843, à Câmara dos Pares a sua grande obra, juntando-lhe a *lettre flatteuse* do Cardial Patriarca de Lisboa, carta que efectivamente se encontra dentro de um dos volumes da Ajuda. Disse mais o mesmo advogado que, em 19 de Março de 1846, a *Théorie* fôra legada ao rei Luís-Filipe, como fraco testemunho de admiração pelas suas virtudes domésticas; mais tarde, seis meses depois, à Raínha de Portugal e em 1850 ao Duque de Mortemart. Estes dizeres são pouco claros, mas quere-me parecer que se trata ainda do tal exemplar.

Voltando às colecções, em 13 de Junho de 1838 Gama Machado declarava deixar a uma «madame Suzanne (Machado)», que dentro em breve procuraremos averiguar quem seria, o gôzo durante a sua vida de tôdas as colecções de história natural.

Mas tudo isto consta de testamentos anteriores ao de 12 de Maio de 1852, em que Gama Machado declara anular todos os testamentos mais antigos e fazer êste para os simplificar e evitar tôda a espécie de chicanas.

Neste testamento, de que se cumpriram muitas disposições desta natureza, como em breve veremos, Gama Machado diz: «Lego a S. A. R. o príncipe real de Portugal as minhas colecções de história natural».

Ora actualmente no Museu Bocage existem, segundo informação do Dr. Baltazar Osório, nas colecções vindas da casa real, vários exemplares de aves com a indicação de terem sido oferecidos por Gama Machado, ao todo uns 48.

Devem ser manifestamente todos ou parte dos que foram legados ao príncipe real.

Semelhantemente, uma colecção de cabeças de gêsso para o estudo do sistema de Gall é a princípio destinada à família (testamento de 1 de Setembro de 1833); depois à Academia Real de Lisboa (testamento de 18 de Abril de 1835); mais tarde, durante a sua vida, à tal madame Suzanne (Machado), declarando então o comendador desejar que essas colecções fôssem conservadas intactas, proïbindo expressamente a sua venda (testamento de 13 de Junho de 1838); por último, no célebre testamento de 1852, à Universidade de Coimbra, à qual lega também, nessa ocasião, um seu pequeno busto, dois vasos de porcelana e dois quadros, objectos ainda hoje existentes em Coimbra e que serão o assunto da segunda parte dêste estudo.

IV

Neste testamento de 12 de Maio de 1852 que, como se vê, se cumpriu no que diz respeito ao legado à Universidade de Coimbra, são mencionadas outras coisas que deveriam vir para Portugal.

Primeiro, as colecções de história natural, de que já nos ocupamos.

Depois a biblioteca, deixada metade ao Conde de Lavradio e metade ao Visconde de Benagazil, sobrinho do testador. Anteriormente, as obras referentes à doutrina de Gall tinham sido deixadas à família (testamento de 1 de Setembro de 1833) e depois à Academia Real de Lisboa (testamento de 18 de Abril de 1835) e as referentes à *Teoria das Semelhanças* a madame Suzanne (testamento de 13 de Junho de 1838).

Por último os dois desenhos de Girodet, *Galatea* e *Pigmalião*, o quadro dos macacos e o da Madame Dubarry, deixados à Câmara dos Pares.

Sôbre êste legado encontram-se num livro de Alberto Pimentel, intitulado *Ninho de Guincho*, a pág. 17 [1], as seguintes curiosas informações:

«Se o leitor quizer dar-se ao incommodo de visitar o museu nacional de bellas artes, no palacio das Janellas Verdes, ha de encontrar na sala D um quadro a oleo, que tem o numero 868, e que, segundo a indicação do respectivo catalogo, é do seculo passado.

«Quanto ao assumpto do quadro, diz o catalogo:

«Loja de barbeiro. — Diversos macacos fazem officio de barbeiro, barbeando gatos.»

«Legado á academia.»

«Á primeira vista, o quadro numero 868 da sala D denuncía apenas a excentricidade de um artista, a phantasia piccaresca de um pintor que se occupou imaginando uma loja de barbeiro, em que os escanhoadores são macacos e os freguezes são gatos. O catalogo contenta-se com dar uma indicação vaga ácerca da aquisição do quadro: legado á Academia. É pouco, e é falso.

«O quadro não foi legado á Academia... mas á Camara dos Pares de Portugal. O testador foi o commendador Gama Machado. E o quadro passou mais tarde da Camara dos Pares para a Academia de Bellas Artes, como vamos mostrar.

---

[1] Alberto Pimentel, *Ninho de Guincho*, Colecção António Maria Pereira, Lisboa, 1903.

«Em data de 12 de outubro de 1861 o testamenteiro de Gama Machado participava á Camara dos Pares o legado de trez quadros, e pedia que lhe fosse indicado o meio de envial-os.

«Quatro dias depois, o mesmo testamenteiro communicava que por aviso do presidente do tribunal civil estava auctorisado a entregar o legado.

«A 8 de dezembro, o testamenteiro participava ter enviado o legado.

«A 25 de fevereiro de 1862 a Camara dos Pares mandava officiar ao Ministerio do Reino pedindo que o legado lhe fosse entregue, e a 12 de junho instava pela entrega.

«A Camara havia resolvido que os quadros, logo depois de recebidos, fossem enviados para a Academia. Por isso, o director da Academia officiou em 14 de junho, pedindo a remessa d'elles.

«Foi-lhe respondido que ainda não haviam sido entregues.

«Só a 20 de dezembro foram recebidos na Camara, do que se lavrou o competente auto.

«Os trez quadros de que constava o legado eram: dois desenhos de Girodet, representando Galathea e Pigmalião, e o quadro dos macacos e dos gatos, pintado por Decamp — nada menos!

«Como se acaba de ver, a indicação do catalogo é não só deficiente, mas tambem inexacta.

«A verdade é que o quadro de Decamp foi legado por Gama Machado á Camara dos Pares».

Não se fala nesta noticia no quadro da madame Dubarry, que parece não ter sido enviado para Portugal.

Procurando com efeito mais informações, encontraram-se nas «*Actas das sessões publicas da Camara dos Dignos Pares do Reino na sessão ordinaria de 1861-1862*» as seguintes referências que pouco mais ou nada adiantam:

Pág. 9 — Acta n.º 44. Sessão de 27 de Dezembro de 1861:

«Dois ditos [ofícios] datados de Paris, um de Jorge Carlos Chevalier, executor testamentario do sr. commendador Gama Machado; e outro de Repogne, notario em Paris e administrador judiciario da successão do mesmo sr. commendador fallecido n'aquela cidade, partecipando terem sido legados uns quadros pelo mesmo sr. commendador á Camara dos dignos Pares.

«O sr. Presidente propos que se officiasse, partecipando que a Camara havia recebido com especial agrado a communicação que acaba de lhe ser feita, ficando a mesa autorisada a tratar do melhor na remessa dos quadros que lhe foram legados. — A Camara assim o resolveu».

Pág. 76 — Acta n.º 75. Sessão de 8 de Março de 1862:

«Outro [ofício] do ministerio do Reino, fazendo constar a remessa de um caixote enviado de Paris por Georges Charles, testamenteiro do com.dor Gama Machado, contendo o legado deixado a esta camara pelo dito commendador. — Para a secretaria».

O quadro dos macacos, que vem mencionado, sem indicação de autor, nos catálogos do Museu das Janelas Verdes de 1883 e 1889, ainda existe no Museu, embora não esteja actualmente exposto; consta-me porém que o será de novo num futuro mais ou menos próximo.

A propósito dos dois desenhos de Girodet é que me parece haver grande baralhada. Efectivamente, no «*Catalogo da collecção de quadros offerecidos ao Estado pelo Ex.mo Snr. Conde de Carvalhido*», colecção que está no Museu da Arte Antiga, mencionam-se, a pág. 73, dois desenhos de Girodet, a que correspondem as seguintes indicações:

«93 — Estudo do nu (homem) para o quadro «Pigmalião» — Alt. 0,67; larg. 0,50».

«94 — Estudo do nu (mulher) para o quadro «Galathea» — Alt. 0,67; larg. 0,50».

Em vista disto, fica-se na dúvida se se tratará de dois desenhos novos ou se serão os do legado de Gama Machado à Câmara dos Pares, que por engano fôssem incorporados na colecção Carvalhido.

Num dos testamentos transcritos no livro de Legrand du Saulle — o de 1 de Setembro de 1833 — fala-se dum retrato de Gama Machado, «peint par Seguiera», que deveria ser enviado para Lisboa.

Será êste retrato o mesmo a que se refere o testamento de 18 de Abril de 1835 quando diz: «Je lègue à l'Académie royale de Lisbonne mon portrait dessiné par l'illustre Seguiera»?

Gama Machado, como se sabe, nem sempre era muito preciso nas suas expressões.

Seja como fôr, pintura ou desenho são hoje desconhecidos. Sabe-se porém da existência duma litografia. ¿Seria a esta que o homem se queria referir?

É uma estampa oval de $0^m,42 \times 0^m,37$, tendo na parte inferior, acompanhando a curva, os seguintes dizeres, à esquerda «*D. A. de Sequeira fect à Paris, 1824*», à direita «*Lith de C. de Lasteyrie, rue S.t Marc, N.º 8*».

A êste respeito encontram-se as seguintes informações no livro



RETRATO DE GAMA MACHADO

Litografia de Domingos António de Sequeira

Fotografia oferecida pelo Dr. Xavier da Costa.

sôbre «*A morte de Camões — quadro do pintor Domingos Antonio de Sequeira*» do dr. Luís Xavier da Costa, a quem devo a fotografia que aqui se publica. Numa carta escrita de Paris, em 28 de Abril de 1824, por Domingos António de Sequeira a seu cunhado João Baptista Verde, residente em Lisboa, diz o pintor: «As Estampas que mando ao mano são 9 e todas vão marcadas com o seu nome... 6 o Retrato do amigo Machado com toda a familia a Ingleza e 5 animais, destas não posso mandar a todos porque são do Machado» [1].

É evidentemente — diz o Dr. Xavier da Costa [2] — a que descrevi a págs. 171-172, cujos retratos não pudera identificar. Trata-se de um irmão de António Francisco Machado, o pai de Policarpo José Machado, que depois foi 1.º visconde de Benagazil. Possidónio da Silva, nas informações que forneceu a Raczynski [3] sôbre os desenhos e quadros que Sequeira executou em Paris, escreve: «J'ai aussi vu chez M. Machado l'oncle de M. Polycarpo Jozé Machado, deux portraits réunis dans un seul tableau. Les figures sont demi-corps, divinement dessinés et frappantes de ressemblance».

Trata-se efectivamente do retrato dum irmão de António Francisco Machado, de que o dr. Xavier da Costa à data parecia não saber o nome.

Mais tarde, em 1925, num estudo sôbre «*A obra litográfica de Domingos António de Sequeira*», o Dr. Xavier da Costa diz claramente tratar-se do nosso José Joaquim [4].

Não me parece que possa haver dúvidas sôbre a identificação do retratado. José Joaquim da Gama Machado vivia em Paris na data que vem indicada na litografia; tinha em casa numerosos animais, entre outros um estorninho de muita estimação que lá aparece à esquerda no primeiro plano; é flagrante a semelhança dêste retrato e dos outros do comendador que aqui se reproduzem; finalmente no n.º 107, ano VI, da *Revista de Bem*, de 31 de Outubro de 1910, foi publicado êste retrato acompanhado do nome do autor da *Théorie des Ressemblances*.

¿Mas quem era a senhora que lá figura, com um periquito no dedo, ao lado do comendador?

Espôsa não era, porque Gama Machado nunca foi casado.

---

[1] Xavier da Costa, *A morte de Camões — quadro do pintor Domingos António de Sequeira*, Lisboa, 1922, págs. 239 e 240.

[2] Idem, *ibidem*, pág. 233.

[3] *Dictionnaire...* pág. 270.

[4] Xavier da Costa, *A obra de Domingos António de Sequeira*, Lisboa, 1925, pág. 38.

Quem seria então?

O Dr. Xavier da Costa diz tratar-se duma senhora inglesa com que Gama Machado vivia e que menciona nos seus numerosos testamentos [1].

Assim deve ser.

Lendo, com efeito, os testamentos, encontra-se até certa data freqüentemente repetido, embora escrito com formas ligeiramente diferentes, o nome duma mulher a quem o comendador se refere sempre com grande ternura.

Aparece logo no primeiro testamento que Gama Machado fez em 1 de Janeiro de 1823: «Je... ordonne que ma personne soit confiée aux soins de mademoiselle Suzon Dibdin, ma fidèle compagne, et que la somme de 3.000 francs lui soit payée exactement tous les mois par mon banquier».

No testamento de 18 de Abril de 1835, o comendador deixa-lhe o usufruto de todos os seus bens, exprimindo-se nestes termos: «Je lègue à mademoiselle Suzon Dibdin, vivant dans ma maison depuis l'année 1806, année où j'ai quitté le Portugal, la jouissance de tous mes biens durant sa vie...».

Mais tarde, em 1838, passa a chamar-lhe simultâneamente no mesmo testamento madame Suzanne (Machado), o que me parece pitoresco, e madame Suzanne Dibdin.

Volta o homem a insistir, no tal testamento célebre de 12 de Maio de 1852, no legado «en viager» dum grande número dos seus bens a «madame Dibdin, vivant chez moi», a quem deixa além disso as pratas, os móveis, as roupas de casa, as carruagens e os cavalos, os pássaros, etc., recomendando com solicitude: «Je défends expressément qu'on mette les scellés chez moi et qu'on tracasse madame».

Morreu Suzanne Dibdin poucos dias depois de feito êste testamento, pois se conclui da leitura do discurso de M.e Dufaure que já tinha falecido a 18 de Maio [2].

Vê-se pois que, no longo período de anos que vai de 1806 a 1852, esta mulher desempenhou na estima do comendador papel de capital importância.

Ora o retrato de Sequeira está datado de 1824; é pois de todo o ponto provável que a dama do periquito seja Suzanne Dibdin.

É depois da morte de Suzanne que o legado feito a Elisabeth Perrot começa a inchar.

No entanto o pequenito, filho desta e de Gama Machado, de que

---

[1] Xavier da Costa, *loco citato.*

[2] Legrand du Saulle, *loco citato,* pág. 304.

já falámos, nasceu e morreu ainda em vida da outra porque, num testamento datado de 1835, encontra-se escrito: «Je lègue à mademoiselle Elisabeth Perrot la somme de 4.000 francs annuellement durant sa vie; son fils étant mort dont j'avais été le parrain, il ne serait pas juste de lui retirer entièrement sa pension; au surplus, c'est une recompense pour ses services».

¿Seria então a casa de Gama Machado uma espécie de harém com as competentes favoritas?

Um dos advogados, M.e Léon Duval, falando dêle e das mulheres, diz: «il les aimait, et il avait bien raison» [1], opinião autorizada, a que não encontro nada de essencial a opor.

Há ainda, nos testamentos que conheço, referências a outros objectos que não sei aonde foram parar — a um retrato de Porta «de l'illustre Porta, qui n'a jamais été compris par les savants», que o testamento de 1 de Setembro de 1833 diz dever ser enviado para Lisboa e que o testamento de 18 de Abril de 1835 destina à Academia das Sciências de Lisboa; a uns quadros de M. d'Audebon destinados também, em 1835, à Academia, etc.

V

Gama Machado estava convencido da enorme importância dos seus trabalhos scientíficos que, conforme diz no testamento de 18 de Abril de 1835, lhe tiraram muitas horas de sono e que o levaram à «importante descoberta das côres no estudo das sciências naturais»; por isso entendia que êsses trabalhos eram dignos de ser continuados, mereciam ser conhecidos pelo muito que deveriam contribuir para o progresso da história natural.

Nesse sentido legou em 1833 ao Ateneu Real de Paris uma renda anual de 500 francos, dos quais 250 teriam a aplicação que em breve veremos e os outros 250 seriam «dados a um professor de história natural para explicar a influência das côres e dos desenhos da *robe* sôbre o carácter dos animais», para o que bastariam quatro lições a 60 francos cada uma.

Em 1834 determinou que o curso passasse a ser de seis lições.

Mais tarde (1835) ampliou êste projecto. O Ateneu teria uma renda anual de 1.000 francos, 600 francos para o curso, que seria de

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 325.

seis lições a 100 francos cada uma, tendo os restantes 400 francos a tal aplicação que em breve se verá; a *Société des Sciences Naturelles*, de que Gama Machado era membro, teria igual renda para os mesmos fins; além disso a Academia das Sciências de Lisboa receberia o resto da fortuna, depois de cumpridos os vários legados indicados no testamento, «para ser aplicado expressamente ao estudo dos costumes das aves de capoeira, indígenas e exóticas», declarando a êste propósito o comendador — «Je désire que dans la collection de ces oiseaux vivants se trouvent toujours le sansonnet, le moqueur, le troupial et le petit-duc».

A Academia faria dois cursos por ano, um em Lisboa, outro em Coimbra, «com o fim de chegar gradualmente à aplicação dêste mesmo sistema ao homem, e destruir assim o charlatanismo da espécie humana». Estes cursos seriam feitos no próprio local onde estivessem as capoeiras para que os animais vivos pudessem servir de exemplo, «a demonstração da teoria das semelhanças sendo baseada em grande parte sôbre as côres».

No testamento de 13 de Junho de 1838 aparecem diversas as intenções de Gama Machado a êste propósito — dá a madame Suzanne a faculdade de fundar em França, se o julgar a propósito, um Ateneu da côr, anulando assim o que tinha determinado precedentemente com relação à Academia das Sciências de Lisboa, por serem pouco cultivadas em Portugal as sciências naturais, declarando ser com pesar que se vê forçado a preferir um país estranho ao país onde nascera.

E recomenda no testamento: «Neste Ateneu far-se-ão cursos com animais vivos sôbre a minha teoria e haverá algumas capoeiras para êsse fim. O professor servir-se-á do segundo volume da minha *Teoria*, suprimindo tudo o que possa ferir o amor próprio do homem.»

«As aves serão tratadas por mulheres, e não por homens. Estas mulheres serão escolhidas numa província conhecida por produzir indivíduos dotados de benevolência, e haverá o cuidado de lhes apalpar a cabeça por cima da orelha, esta parte devendo ser lisa; a parte posterior da cabeça deve ser desenvolvida e de forma oblonga. Um professor novo será agregado ao Ateneu; serão dados prémios anualmente às memórias sôbre as semelhanças humanas, o valor da semente no reino animal e o valor da côr no reino orgânico. Publicar-se-á um manual da minha *Teoria*, e para tornar o Ateneu popular, se se julgar a propósito, poder-se-ão tomar assinantes por um preço módico, e estabelecer-se-á um salão de leitura e conversação conforme o uso. Como o homem tomou o hábito de tudo

desnaturar, os testamenteiros velarão por que se não afastem nunca do fim primitivo da creação do Ateneu da côr, quere dizer do estudo do homem físico, do valor da semente e do valor da côr no reino orgânico».

No testamento célebre de 12 de Maio de 1852 apenas se diz a êste respeito: «Tomar-se-á sôbre a totalidade da minha herança a quantia de 20.000 francos que servirá para fazer uma 2.ª edição da minha *Teoria das Semelhanças*, e o resto será empregado em fundos cujo produto será para recompensar as melhores memórias escritas sôbre as côres das *robes* dos animais, incluindo o homem, e sôbre a semente no reino animal. Deixo a M. Chevalier o cuidado desta parte scientífica».

Êste senhor Chevalier resolveu encarregar a Academia das Sciências de Paris da distribuïção do prémio, lendo-se nos *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences,* tome 88, Janvier-Juin, 1879, pág. 524, o seguinte aviso, em que há manifestamente engano na data do testamento:

PRIX DA GAMA MACHADO

«Par un testament en date du 12 mars 1852, M. le commandeur J. da Gama Machado a légué à l'Académie des sciences une somme de vingt mille francs, réduite à dix mille francs, pour la fondation d'un prix qui doit porter son nom.

«Un décret du 19 juillet 1878 a autorisé l'Académie à accepter ce legs.

«En conséquence, l'Académie, conformément aux intentions exprimées par le testateur, décernera, tous les trois ans, à partir de l'année 1882, le prix da Gama Machado aux meilleurs mémoires sur les parties colorées du système tégumentaire des animaux ou sur la matière fécondante des êtres animés.

«Le prix consistera en une médaille de douze cents francs.

«Les mémoires devront être reçus au secrétariat de l'Institut avant le 1er juin 1882».

Sôbre êste legado feito à Academia das Sciências de Paris, encontram-se num livro de Pierre Gauja sôbre «*Les fondations de l'Académie des Sciences*» pág. 161 a 163, os seguintes curiosos informes:

PRIX DA GAMA MACHADO

1852

(Maindron, p. 159; Aucoc, p. 363)

Le commandeur Joseph-Joachim da Gama Machado mourut à Paris, le 9 juin 1861. Son testament olographe, en date du 12 mai 1852, contenait notamment la disposition suivante:

«On prendra sur l'ensemble de ma fortune la somme de vingt mille francs qui

servira à faire une seconde édition de ma *Théorie des ressemblances* et le surplus sera employé dans les fonds dont le produit sera *pour récompenser les meilleurs mémoires écrits sur la coloration des robes des animaux, inclusivement l'homme, et sur la semence dans le règne animal.* Je laisse à M. Chevalier le soin de cette partie scientifique.»

M. Charles Chevalier était gérant du Cercle agricole, rue de Beaune. Il proposa aux héritiers de se charger de la réédition demandée, moyennant la somme nette de dix mille francs, et de mettre les dix mille francs restant à la disposition de l'Académie des Sciences, si elle voulait bien accepter la mission de décerner le prix. Un accord intervint sur ces bases entre les héritiers, en 1876.

Le 19 mars 1877, l'Académie des Sciences se déclara prête à accepter la somme de dix mille francs pour la fondation d'un prix triennal à décerner «au meilleur «mémoire sur les parties colorées du système tégumentaire des animaux, ou sur «la matière fécondante des êtres animés.» Un décret, en date du 19 juillet 1878, l'y autorisa et elle prononça, le 23 septembre suivant, l'acceptation définitive.

Le prix, d'une valeur de 1200 fr., est décerné, tous les trois ans, s'il y a lieu, sur la proposition de la commission des prix d'anatomie et zoologie, qui est composée de la section correspondante et de trois membres élus.

LISTE DES ATTRIBUTIONS DU PRIX DA GAMA MACHADO DEPUIS SA FONDATION JUSQU'À 1915

1882.	Herrmann, chargé de cours (1re année) à la Faculté de médecine de Lille.	Pour ses recherches sur les modifications de l'appareil mâle des poissons cartilagineux . .	fr. 1200
1885.	Paul Girod.	Recherches sur le pigment chlorophyllien de l'hydre verte; sur le pigment de la peau des céphalopodes et sur leur poche de noir	1200
1891.	Dr Raphaël Blanchard, professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris.	*Pigments des animaux.* . .	Enc. 1000
	L. Joubin, maître de conférences à la Faculté des sciences de Rennes.	*Recherches sur la coloration du tégument chez les céphalopodes.*	Enc. 1000
1894.	Dr Phisalix, assistant au Muséum d'histoire naturelle.	Études sur la coloration du système tégumentaire des mollusques céphalopodes . . .	Enc. 1000
	L. Joubin, professeur adjoint à la Faculté des sciences de Rennes.	*Recherches sur les parties colorées des téguments chez les céphalopodes dibranches.* . .	Citation

1897.	La Comtesse Maria von Linden, de Bonn.	*La généalogie des espèces de papillons est-elle inscrite sur leurs ailes?*	Encourag.
1900.	La Comtesse Maria von Linden, de Bonn.	Nouveau mémoire sur le même sujet	400
	Dr Paul Carnot	Recherches sur le mécanisme de la pigmentation	400
	Michel Siedlecki, assistant à l'Institut d'anatomie comparée de l'Université de Cracovie.	Recherches sur la matière spermatique	400
	L. Bordas, chef des travaux pratiques de zoologie à la Faculté des sciences de Marseille.	Recherches sur les organes reproducteurs mâles des coléoptères	400
1903.	La Comtesse Maria von Linden, de Bonn.	Recherches sur les causes de l'apparition des couleurs des ailes des papillons et sur la nature de ces couleurs	1200
1906.	Antoine-Henri Mandoul, préparateur à la Faculté des sciences de Toulouse.	Recherches sur les colorations tégumentaires	600
	Pierre Stephan, sous-directeur du laboratoire Marion à la station de zoologie marine d'Endoume à Marseille.	Travaux sur la spermatogénèse	600
1909.	J. Pantel et R. de Sinety . . .	*Les cellules de la lignée mâle chez le* Notonecta glauca . . .	1200
1912.	J. Duesberg, chargé de cours à l'Institut d'anatomie de l'Université de Liège.	Pour ses recherches sur la spermatogénèse chez le rat	1200

Depois da publicação desta obra, informou-me o seu autor, que é «*secrétaire-rédacteur de l'Académie des Sciences*», ter sido respectivamente em 1921 e 1924 o «*prix Da Gama Machado*» distribuído a *Jean Verne, chef de laboratoire à la Faculté de médecine de Paris*, «pour ses études des divers pigments qui se trouvent dans les téguments des crustacés décapodes» e a *Christian Champy, professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris*, «pour ses travaux de spermatogénèse».

Estas disposições do testamento de 12 de Maio de 1852 foram mais ou menos alteradas pelo codicilo de 1 de Janeiro de 1854, onde se lê:

«Num codicilo precedente, dispus da soma de 20.000 francos para a impressão duma segunda edição da minha Teoria das semelhanças, e para retribuir a pessoa que queira fazer um curso sôbre o meu sistema. Junto hoje mais 20.000 francos. Depois de feita a despesa da impressão da minha Teoria, o resto poderá ser dado ao Ateneu de Paris, rua de Valois, com a condição de que aí se façam por ano dois cursos: um sôbre a minha obra, e o outro sôbre as sciências naturais. No de história natural, tratar-se-á do valor da semente como elemento moral, e do valor da côr como determinando os costumes nos animais e no homem, o seu carácter bem entendido. Todo o professor que se não queira sujeitar a esta condição não terá direito a qualquer retribuïção. Peço a M. Cellier que queira continuar a fazer o curso da minha Teoria, e que nunca se sirva da palavra *instinto*».

No entanto, vê-se que foi o testamento de 1852 que se cumpriu, pelo menos em parte, pois que, a respeito dos cursos, nada consegui apurar, bem como a propósito da 2.ª edição da *Théorie des Ressemblances*, que me palpita que nunca se fez.

VI

São também extremamente curiosas, pelos comentários que as acompanham, as insistentes disposições, que se encontram nos testamentos, sôbre a extinção do vírus venéreo cuja existência preocupava muito o comendador.

Dos 500 francos de renda, legados, como já vimos, em 1833, ao Ateneu Real de Paris, 250 seriam dados à pessoa que escrevesse a melhor memória sôbre os meios de destruir o vírus venéreo, «pois que, por uma fatalidade inexplicável, o gôzo *franco* da reprodução tem-nos sido recusado até hoje».

O testamento de 18 de Abril de 1835, que elevava a 400 francos a renda deixada ao Ateneu para êste fim, legava outros 400 à Sociedade das Sciências Naturais para a compra de uma medalha de ouro destinada a «recompensar o melhor escrito sôbre a destruïção do vírus venéreo» e além disso encarregava a Academia das Sciências de Lisboa de distribuir outras duas medalhas de ouro às melhores memórias sôbre o mesmo assunto, uma em Lisboa, outra em Coimbra. Estas medalhas teriam o valor de 500 francos cada uma e seriam anuais.

Para achar bem o sabor a tudo isto, deveremos lembrar-nos do que o autor nos diz, no seu livro, sôbre a razão da existência das doenças venéreas e do que M.e Léon Duval nos revelou, no seu discurso, a respeito do decidido gôsto que Gama Machado tinha pelas mulheres...

O grande amor, que, como vimos, Gama Machado sempre teve aos animais, não poderia deixar de nos aparecer a ditar alguma das últimas vontades do comendador.

No testamento feito em 21 de Março de 1854 lá aparece a seguinte curiosa passagem: «Lego à Sociedade protectora dos animais a quantia de 20.000 francos, cujo juro será aplicado da maneira seguinte: dar-se-á anualmente a um *sergent de ville* ou a qualquer outra pessoa a quantia de 500 francos. Estará à entrada da ponte dos Saints-Pères, defronte das minhas janelas, e terá um registo no chapéu, em que estará escrito: «*Société protectrice des animaux, J. J. da Gama Machado*». O seu dever será impedir os carroceiros de maltratarem os animais e igualmente os cocheiros de *remise*. Hora fixada, desde o meio-dia até às seis horas. Os outros 500 francos serão divididos em duas partes, e dados como prémio pelo autor da *Teoria das Semelhanças* aos cocheiros que recolham os seus carros sem estragar os seus cavalos às chicotadas segundo o uso. Os carros, se se quere que os cavalos vivam muito tempo, devem ser recolhidos à mão, é um conselho que dou aos amadores de cavalos».

No n.º 107 do ano IV, correspondente a 31 de Outubro de 1910, da *Revista do Bem*, que em tempos se publicou em Lisboa sob a direcção do sr. Luís Leitão, há algumas interessantes informações sôbre êste legado.

«Não sabemos — diz o articulista — se a Sociedade observa aquela dispozição [a que se refere ao sujeito que deveria estar à entrada da ponte dos Saints-Pères]; o que é certo é que um dos prémios dos que anualmente distribue nas suas sessões solénes, tem o nome do nosso compatriota...

«Como útil complemento a esta noticia, diremos que o premio a que acima nos referimos, medalha d'ouro e 200 francos, foi concedido em 1905 a M. Bulot, cocheiro, com 45 anos de serviço, notável pela bondade e assíduos cuidados com que trata os seus cavalos, e em 1906 (dois prémios de 250 francos) a Charles Normand, carroceiro de M. Lecouteux, rue de Paris 2, à Romainville (Seine), por não fazer nunca uso do chicote, através dos seus 27 anos de serviço, e ser em extremo cuidadozo com os animaes de que se serve, e a Calixto

Rouillier, cocheiro de fiacre, rue Maria-Deraismes 4, Paris, com 33 anos de serviço, não fazendo uzo, de há 15 para cá, senão de coleiras de ar comprimido e de tirantes com molas, sendo considerado por todos os seus colégas como um cocheiro modelar. E assim nos anos anteriores, e assim nos anos posteriores aos que citamos» [1].

VII

Contêm ainda os testamentos extraordinárias prescrições relativas aos funerais. Legrand du Saulle diz ter sabido «*non sans quelque étonnement*» que foram pontualmente executadas.

No testamento de 1 de Setembro de 1833 lê-se o seguinte: «Desejo que o meu corpo seja guardado o mais tempo possível, e colocado num caixão de chumbo. O meu corpo será levado directamente ao cemitério do Père-Lachaise: gastar-se-à o menos dinheiro possível (despesa inútil de vaidade).

«Tomar-se-à para modêlo do meu túmulo o que mandei elevar ao meu estorninho; esta ave, estando embalsamada, depositar-se-à o seu corpo com o meu. Êste modêlo será enviado para Lisboa. Os meus cavalos acompanharão o meu entêrro sem puxar ao meu carro, o meu criado de quarto levará numa pequena gaiola uma das minhas aves favoritas. Proíbo expressamente que se convide seja quem fôr para o meu entêrro. Os meus criados acompanharão o meu corpo no meu entêrro; será o último testemunho de reconhecimento por tôdas as bondades que tive para com êles».

Em 15 de Abril de 1845 escrevia o comendador pela sua própria mão:

«Ordeno, ou para melhor dizer, visto que o meu govêrno domés-

---

[1] Por presumir que êste artigo da *Revista do Bem* fôsse da autoria do seu director, escrevi ao sr. Luís Leitão, perguntando-lhe onde colhera estas informações que, sendo possível, muito desejaria completar, publicando os nomes de todos os indivíduos que tivessem recebido da Sociedade Protectora dos Animais de Paris, êste prémio, desde a sua instituïção até ao presente.

Respondeu-me o sr. Luís Leitão dizendo que era efectivamente o autor do artigo e que colhera as notas num número do *Boletim da S. P. A. de Paris*, que no momento não sabia exactamente dizer qual fôsse nem fàcilmente agora poderia procurar, mas, como era sócio da S. P. A. de Paris, se êsse fôsse o meu desejo, pediria para França que lhe mandassem tudo o que lá se pudesse averiguar sôbre o legado feito pelo comendador Machado.

Aceite, como convinha, esta gentil oferta, alguns meses depois recebi notícia de que de Paris não tinham respondido nada.

tico se encontra terminado pela minha morte, desejo vivamente que o meu entêrro se faça da maneira seguinte:

«O meu entêrro terá logar às três horas da tarde, à hora em que os corvos do Louvre têm o costume de vir procurar o seu jantar, e só as pessoas de minha casa me acompanharão ao Père-Lachaise. O carro fúnebre será semelhante ao que está desenhado na minha ante-câmara (o entêrro do pobre), seis carruagens de luto simples, vinte crianças da sociedade de *Saint-Nicolas* e vinte crianças da sociedade das *Écoles chrétiennes* acompanharão o entêrro a pé; cada criança receberá 20 francos. Sou membro destas duas sociedades desde que resido em França.

«O meu corpo será embalsamado por *M. le docteur Suquet*, a quem darão 500 francos. Servir-se-ão do meu caixão que tem relação com o meu trabalho das siências naturais. Êste caixão encontra-se em minha casa, bem como a mortalha.

«Os meus cavalos, que alimentei tantas vezes no bosque de Bolonha, acompanharão o meu entêrro. Depositar-se-à no meu caixão as aves contidas nos quatro túmulos que ornam as minhas colecções de história natural» [1].

No célebre testamento de 12 de Maio de 1852 dizia-se a êste respeito:

«O meu entêrro terá logar às duas horas e meia, hora a que tenho o hábito de alimentar os corvos. O entêrro será o do pobre e só os meus criados o acompanharão; igualmente os meus velhos cavalos, meus fiéis companheiros. O meu corpo será embalsamado e pôsto no meu caixão de mogno *à damier* que se encontra no quarto ao lado do meu salão».

Êste caixão, provàvelmente o mesmo a que se refere o testamento de 15 de Abril de 1845, deve ser o que se encontra figurado numa aguarela com o projecto do túmulo que Gama Machado mandou fazer no cemitério do Père-Lachaise, aguarela actualmente existente na Biblioteca da Ajuda e que vai aqui reproduzida.

Como se poderá verificar, vendo a gravura, o tal caixão da aguarela é de facto *à damier* e tem na tampa a cópia duma das estampas do 2.º volume da obra, a de *La Fritillaire à damier (évitez mon odeur)* comparada com *L'Angaha de Madagascar (évitez mon venin)* que ambas são quadriculadas.

Neste testamento de 12 de Maio de 1852 diz-se mais que se deverão soltar no bosque de Bolonha as aves exóticas cuja plumagem tenha relações com a das aves indígenas.

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 293.

Li algures que Gama Machado determinara ainda que lhe metessem no caixão um volume com as obras de Lucrécio, o seu autor favorito [1].

Foi para o cemitério do Père-Lachaise, onde em 1841 o comendador mandara erigir, num terreno que comprara, um monumento funerário feito sôbre o modêlo do túmulo duma das suas aves favoritas. «On prendra pour modèle de mon tombeau celui que j'ai fait élever à mon sansonnet; cet oiseau étant embaumé on déposera son corps avec le mien», recomendava, como se disse, o homem no seu testamento de 1 de Setembro de 1833.

Ora o túmulo do pássaro era uma pirâmide de madeira de cedro, encimada por um ôvo, símbolo da fecundidade.

E assim era também o túmulo do comendador.

O ôvo tinha escrito quatro vezes:

tout
ce qui vit
sort
d'un Oeuf

Numa das faces da pirâmide havia um sol e por baixo:

Je fus
votre premier Dieu

Na outra havia um mocho tendo nas garras uma fita onde se lia «Je pense» e por baixo a seguinte inscrição:

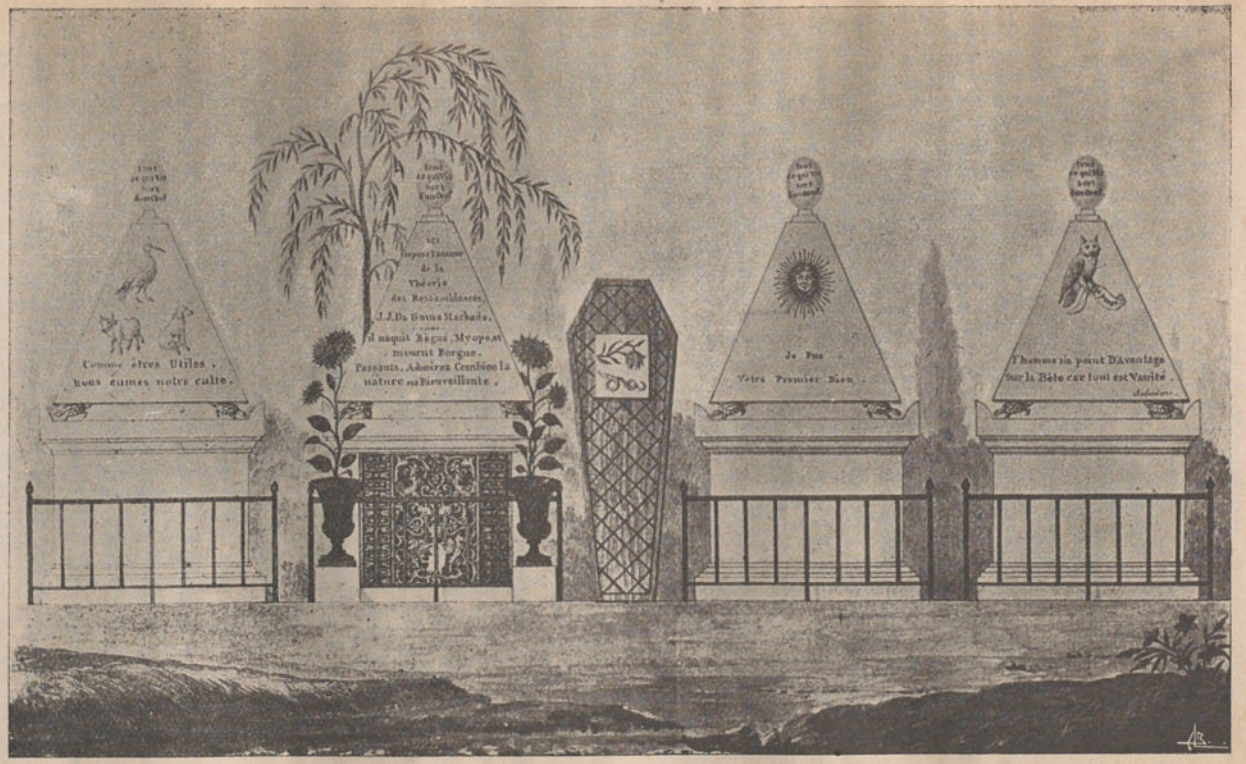
L'homme n'a point d'Avantage
sur la Bête car tout est Vanité
Salomon.

Na terceira face via-se uma íbis, um boi e um cão, acompanhados dêstes dizeres:

Comme êtres Utiles
nous eûmes notre culte

---

[1] *O Portuguez*, n.º 2447, de 4 de Julho de 1861—«Um portuguez a menos».



PROJECTO DO TUMULO MANDADO CONSTRUIR NO CEMITÉRIO DO PÈRE-LACHAISE
POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO E DO CAIXÃO DE MOGNO « À DAMIER » QUE SE RELACIONA
COM OS TRABALHOS DO AUTOR SÔBRE AS SCIÊNCIAS NATURAIS

Reprodução duma aguarela colada nas folhas de guarda do vol. I da *Théorie des Ressemblances*
pertencente à Biblioteca da Ajuda

Cliché do Dr. Maximino Correia.

Finalmente, na última:

Ici
repose l'auteur
de la
Théorie
des Ressemblances
J. J. da Gama Machado

---

il naquit Bègue et Myope et
mourut Borgne.
Passants, Admirez Combien la
nature est Bienveillante

Quatro tartarugas suportavam a pirâmide e tudo isto assentava sôbre um cubo de pedra tendo uma das faces decorada com mosaico ou coisa parecida.

Uma passagem da *Théorie des Ressemblances* (vol. III, pág. 50) ajuda-nos a compreender o alto significado que para Gama Machado tinham estes símbolos e estas inscrições: «O sol parece ter sido o primeiro culto do homem; o ôvo sucedeu ao sol, e mais tarde vieram as aves e os quadrúpedes, tais como a íbis, o gato, o cão e o boi, a utilidade dêstes animais tendo sido apreciada. A potência geradora, representada pelo *phalus*, também teve os seus templos e as suas procissões.»

Ora êste túmulo com a sua forma insólita, os seus emblemas originais e as suas inscrições imprevistas, provocou um incidente curioso com o Prefeito do Sena, que *M. le substitut* Merveilleux-Duvignaux descreve da maneira seguinte: [1]

«O público juntava-se diante dêste túmulo estranho e comentava as inscrições. Um *arreté* de *M. le préfet de la Seine* ordenou que as inscrições fôssem apagadas. Êste acto de intolerância filosófica irritou em extremo o comendador. A sua indignação foi levada ao cúmulo por um segundo acontecimento da mesma natureza. Depois da morte duma ave favorita, *M. de Machado* tinha mandado colocar no espaço de terreno comprado por êle um monumento de feitio dum *coquetier* encimado por um ôvo de avestruz e tendo estas palavras: «*Monument à un oiseau favori-Alouette*». Em volta havia uma grade em que estavam figurados uma cabeça de sátiro e animais de diversas espécies, tudo pintado de côres brilhantes: um *arreté* da prefeitura ordenou a destruïção do monumento».

Por baixo da aguarela existente na Biblioteca da Ajuda encontra-se escrita pelo próprio Gama Machado, a seguinte indignada referência a estes factos:

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 336.

L'HISTORIQUE DE CE MONUMENT

En janvier 1842, nous fîmes construire au Cimetière du Père-la-Chaise, en entrant à gauche dans la grande allée, le monument reproduit ci-dessus. Les inscriptions qui y sont placées, avaient été visées par la Préfecture de la Seine quand, au mois de Septembre suivant, nous reçûmes une lettre contenant les lignes suivantes.

«Considérant que seulement les inscriptions suivantes, *l'Épitaphe, tout ce qui vit sort d'un oeuf,* et *l'homme n'a point d'avantage sur la bête car tout est vanité,* ont été admises d'après un visa à notre Préfecture, mais qu'il résulte de leur disposition d'ensemble du caractère qu'affecte le Monument, que toutes ces inscriptions ne sauraient subsister plus longtemps sans provoquer de la part du public une curiosité qui porte atteinte à la décence d'un Cimetière. Considérant d'ailleurs, que le visa donné ne fait point obstacle à ce que l'Administration reconnaisse ultérieurement que ces inscriptions sont de nature à troubler l'ordre, il est enjoint d'effacer toutes les inscriptions qui existent sur le monument». Paris le 13 Sept.bre 1842. Pour le Préfet en congé (M. le Conte de Rambuteau). Le Conseiller de Préfecture délégué. Le Marquis de la Morelie.

Les inscriptions, d'après l'usage des auteurs, étaient en rapport avec notre Théorie des ressemblances: elles ont été conservées sur le monument pendant l'espace de quatre mois. La jalousie de l'homme envers les Animaux a probablement été la cause de cette injuste injonction et comme Étranger, nous les avons fait effacer, mais comme Français, nous aurions resisté.

L'Esclavage, même de la pensée, semble être l'apanage de l'homme!...

Também na sua grande obra sôbre a *Théorie des Ressemblances*, no vol. IV, Gama Machado fala irado nestes sucessos que julga dever atribuir ao fanatismo religioso: «Os católicos..., pelo contrário, distinguem-se particularmente pelo seu desprêzo pelos animais. Nós próprios tivemos que nos queixar dêste desprêzo por ocasião dum monumento que tinhamos mandado elevar no cemitério do Père-Lachaise: a mão profana do fanatismo religioso fêz-nos tirar do interior dêste mausoléu os modestos túmulos em que tínhamos colocado algumas das nossas aves favoritas» (pág. 115).

O túmulo do sábio lá está em Paris no cemitério, lá se vê o ôvo em cima e nas faces da pirâmide os animais e o sol, as inscrições é que desapareceram. Na face principal apenas se lê: «*Le commandeur Da Gama Machado — 9 juin 1861*».

Colada nas costas do cartão em que está a aguarela com o projecto do túmulo existente na Biblioteca da Ajuda, encontra-se uma pequena fôlha avulsa, impressa, com duas poesias alusivas ao caso,

mas tão elogiosas para o inventor da *Teoria das Semelhanças* que se fica suspeitando que os autores estavam a troçar com o homem.

ÉPITAPHE
COMPOSÉE PAR L'AUTEUR DE LA THÉORIE DES RESSEMBLANCES

Pour le Tombeau du Père Lachaise

Il naquît bègue, myope, et mourut borgne.
Passans, admirez combien la nature est bienveillante!

Á L'AUTEUR DE LA THÉORIE DES RESSEMBLANCES

Réponse de la nature,
Par M. le Comte Auguste de Belisle

Tu naquis bègue, ainsi que Démosthène;
Myope, eh! bien, myope était Buffon;
Tu mourus borgne, aveugle fut Milton!
Riche, heureux, bien portant jusqu'à la soixantaine,
Tu fus savant, tu fus aimable et bon,
Et tu te plains, ingrat!... Demande-moi pardon!

ÉPITAPHE OFFERTE PAR M. F. MATHIEU

à l'auteur de la Théorie des ressemblances,
Sur les Inscriptions de son Tombeau qui ont été effacées PAR ORDRE

Ci-git des lois de la nature
Un interprète ingénieux;
Observateur judicieux.
De la folie humaine il traça la peinture.
Les portraits, par malheur, étaient trop ressemblans;
Tous les fous dont ses traits sanglans
Avaient stigmatisé l'orgueil et l'imposture,
À ses doctes écrits prodiguèrent l'injure;
Et leur profane main n'épargna même pas,
Dans cet asile du trépas,
Les pierres de sa sépulture.

Mas não foram estas as únicas peças literárias de tom encomiástico, dedicadas ao comendador Gama Machado.

Há mais, em prosa e em verso.

No tribunal o *avocat imperial* leu diversos dêsses textos, acompanhando-os dos ligeiros, mas expressivos comentários, que juntamente se transcrevem [1]:

«... começa por uma carta dum dos indivíduos que se tornaram

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 332 e seguintes.

legatários particulares do comendador; poupar-lhe-á, diz êle, como a todos os que se vão seguir, a vergonha de serem nomeados.

«Monsieur le chevalier,

«Les anciens avaient coutume de confier à la poésie les belles actions de leurs grands hommes et les iliades de leurs dieux. Permettez-moi d'appliquer ma modeste versification aux idées neuves et aux aperçus profonds d'un savant trop désintéressé, dont la postérité ne respectera pas la modestie, parce qu'elle respectera sa gloire».

«Seguem-se trinta e três versos, e que versos! Eis aqui sómente o fim:

«Et dites maintenant que tout est harmonie!
Si le trépas n'est plus qu'un changement fatal,
Sans choix, sans raison, sans génie,
Comme un éternel carnaval?
Honneur à vous, scientifique athlète,
Qui le premier de tous, seul avez osé voir,
Dans ce monde confus de sang et de tempête,
L'anarchie ou le désespoir!»

«Um outro mereceu o mesmo favor escrevendo e fazendo muitas outras coisas, mas sobretudo compondo o epitáfio do comendador, e dando-lhe, no dia 28 de Agôsto de 1847, esta interessante notícia:

«Vous savez que j'aime à veiller au grain, comme on dit, pour les applications de votre *Théorie des Ressemblances*, si ingénieuse et véritablement si féconde. Voici donc ce que je lis dans le *Charivari* d'aujourd'hui, et ce que je m'empresse de vous transmettre: Il y a vingt ans, un changeur do Palais-Royal fut assassiné comme vient de l'être le malheureux changeur de la rue Vivienne. Or il se trouve, par un bizarre jeu de la nature, que l'assassin d'aujourd'hui a exactement les mêmes traits, au point même qu'on peut s'y méprendre, que l'assassin d'autrefois. La ressemblance existe entre les deux criminels comme entre les crimes! Ceci n'a pas besoin de commentaires. Vous remarquerez toutefois, monsieur, que l'auteur de cette petite note, qui en dit plus qu'elle n'est grosse, parle de jeu bizarre de la nature! S'il eut connu votre *théorie* il eût parlé de *loi!*»

. . . . . .

«E isto é assinado com um nome conhecido!

«25 de Abril de 1841— Carta duma pessoa de que não encontramos o nome na longa lista dos legatários; mas importa mostrar-vos o que produziam certos elogios no espírito de M. Machado.

«Monsieur, j'ai reçu avec autant de plaisir que de reconnaissance le don précieux que vous avez bien voulu me faire de la charmante gravure qui doit servir de frontispice à votre savant ouvrage .. Les pensées profondes qui l'accompagnent ajoutent encore un plus grand prix au cadeau. Quand une fois on les a lues, elles restent gravées dans la mémoire. Plus qu'un autre, comme homme de génie,

vous pourriez redouter toutes les tribulations dont vous le menacez dans votre dernière pensée ; mais, au lieu d'injures, de persécutions, de morts, monsieur,

«Pour vos doctes écrits, croyez ma prescience !
D'âge en âge, le siècle et la postérité
Sauront vous décerner, pour juste récompense,
La palme du génie et l'immoralité
«Signé : Comte de...»

«O Comendador respondeu imediatamente...:

«Monsieur le comte, si Salomon eût vécu aujourd'hui, il n'aurait certainement pas publié la devise dont M.le comte de. . s'est servi pour cacheter l'aimable lettre qu'il a bien voulu adresser à l'auteur de la *Théorie des ressemblances...*».

«(Esta divisa que M. de Machado quis mais tarde fazer gravar no seu túmulo era a seguinte: «*L'homme n'a point d'avantage sur la bête, car tout est vanité*» (Salomon).

«... Le talent transcendant de M. le comte aurait fait voir à l'écrivain du *Livre de la sagesse*, l'immense distance qui sépare l'homme de l'animal. Quand on manie la langue des dieux aussi bien que M. le comte, il y a fierté à recevoir l'immortalité si généreusement conférée par lui à l'auteur des épigraphes».

«Réplica do conde, excitado pelos agradecimentos; réplica de resto barata: a quadra foi simplesmente aumentada de quatro novos versos.

«Novos agradecimentos do comendador:

«Vous êtes bien bon de penser à moi, monsieur le comte; je suis tout confus de votre aimable souvenir, et, comme témoignage de ma vive reconnaissance, et vous prie de vouloir bien accepter quelques planches de ma *Théorie des Ressemblances.* — Celle des frères Siamois... fera voir l'hérédité physique et morale, et conséquemment ce même principe... Vous me permettrez, monsieur le comte, de l'appliquer, dans toute son extension, à votre père, et à monsieur le comte, qui manie si bien la langue des dieux !»

«O conde escreve mais tarde:

«J'arrive à l'instant de la campagne, et quelle est ma surprise en trouvant sur mon bureau votre admirable ouvrage de la *Théorie des Ressemblances !* A quoi dois-je une aussi haute faveur ? Moins elle est méritée, plus elle doit ajouter à ma vive et profonde reconnaissance. Mais ce n'est pas à ce seul titre qu'elle doit se borner. Grâce à votre oeuvre sublime, qui doit vivre dans les siècles futurs, grâce à vous, monsieur le chevalier, le nom de .. ne sera jamais entièrement oublié. La manière flatteuse dont vous daignez parler de mon père, votre extrême indulgence pour moi en deviennent les plus sûrs garants, et voilà cependant l'influence d'un grand homme sur les destinées ! Molière n'a-t-il pas immortalisé le nom de Laforêt, cette servante si pleine de bon sens, à laquelle il lisait ses ouvrages et qu'il consultait souvent ?»

«Eis agora um legatário:

«Cher et illustre maître,

«Permettez à celui qui voudrait devenir votre premier disciple de faire, aujourd'hui 26 mai, anniversaire du jour de votre naissance, une douce application de la belle et profonde *Théorie des ressemblances*, véritable Bible de l'école dont vous êtes le fondateur. D'après votre système des analogies, j'ai dû rechercher, pour vous l'envoyer, ce qu'il pouvait y avoir de plus beau, de plus frais, de plus embaumé, je dirai même aussi de plus pudique .. Ce bouquet de roses mousseuses, que je vous prie de vouloir bien accepter comme un faible mais gracieux témoignage de reconnaissance et d'affection, renferme en lui, cachées dans ses corolles, ainsi que les boutons dans leur mousse, des analogies dont nous allons essayer doucement l'analyse.

«Dans la riante et fraiche couleur de ces roses, ne retrouve-t-on pas cette amabilité qui ne vous quitte jamais, cher maître, et dont vous nous gratifiez si généreusement; et le suave parfum de ces fleurs ne nous rapelle-t-il pas cette atmosphère de bonheur qui règne autour de vous, et qui respirent avec bien-être ceux qui vous entourent? Et cette mousse, gaze transparente et légère, où se cache la pudique beauté de ces fleurs, n'est-ce point le contour chaste et élégant de vos écrits et de vos paroles, toilette à la fois simple et brillante, dont vous avez habilement revêtu la Théorie? Oeuvre si hardie dans le fond, si convenable dans la forme... Il y a bien par ci, par la, dans ce bouquet, quelques roses qui, après avoir déchiré leurs voiles, se montrent dans leur belle nudité. Mais c'est qu'aussi, cher maître, je n'oserais garantir qu'il n'en est pas ainsi chez vous quelques fois. A toute règle, exception. Quant aux épines, nous ne sommes jamais aperçu, il est vrai, que vous en avez; mais, vous le savez, un grand poète, Victor Hugo, a dit:

«..... Que la rose, au Bengale
Pour être sans épine est aussi sans parfum!»

«Or, nécessairement, vous devez avoir des épines. Vous le voyez donc bien, cher maître, votre élève est dans le vrai, et toutes ses analogies sont exactes. Les 67 roses que voici sont bien la parfaite image des florissantes années qui se sont écoulées depuis votre heureuse apparition en ce monde. À chaque printemps, nous renouvellerons dorénavant l'envoi d'aujourd-hui, et chaque fois aussi nous ajouterons un message: nous y joindrons aussi ce voeu: puisse ce bouquet demeurer toujours incomplet. Mille compliments, cher et illustre maître, etc».

«Êste vou nomeá-lo, senhores; isso é útil, ou antes não tenho necessidade de o nomear. Por estas deploráveis lisonjas, por êste estilo de que vos dei uma amostra, devereis ter reconhecido Chevalier, o testamenteiro!

«Encontramos em seguida a correspondência dum médico necessitado: não é menos instrutiva. Começa assim:

«Clarissime, honoratissime, ac dilectissime.

«Hier, je fus tristement, pour la première fois, au Père-Lachaise, où je me fis conduire par le concierge au lieu où vous avez fait ériger votre dernière demeure... *Semel enim calcanda est via lethi, serius ocius*... Là, j'appris que la police, qui est si fort intéressée, comme tout gouvernement, à maintenir toute ignorance du

vulgaire, avait fait effacer autour de la représentation de l'oeuf qui domine le mausolée: «Nous sortons tous de l'oeuf»; et au bas de l'emblème du soleil qui se trouve sur un des côtés: «Il fut votre première divinité»

. . . . . .

. . . . . .

«Continuo com a leitura da carta do doutor:

«Après avoir bien examiné l'ensemble de l'édifice et la porte magnifique qu'il vous a plu d'y faire adapter, je me suis retiré en me disant:

«Qu'importe un vain sépulcre aux hommes de génie!
Que fait l'étroit espace où dort ensevelie
La cendre de leurs ossements?
Leurs écrits sont des monuments
Que ne peuvent renverser ni le temps, ni l'envie,
Le caprice du sort ni la rage du temps.
Le ciel les a dotés d'une immortelle vie.
Le roi le plus fameux, le plus grand des guerriers,
Ne laisse qu'un nom dans l'histoire;
Les favoris du Pinde existent tout entiers,
Et les ans ajoutent à leur gloire.
Concitoyens de tous les lieux,
Contemporains de tous les âges,
Des peuples et des rois recueillent les hommages,
Le chantre d'Illion survit même à ses dieux,
Ceints des mêmes lauriers qui couronnent Homère;
Jamais La Fontaine et Molière,
Voltaire, Rousseau et Daubenton,
Da Gama Machado et Buffon,
De leurs honneurs divins n'épuiseront le cours;
Leur empire est partout où la raison domine,
Et le monde éclairé leur envîra toujours
La gloire de leur origine!...»

«Personne plus que moi ne pouvait mieux apprécier votre immortel ouvrage. Agréez, etc.».

«É um doido? Ah! não; é um homem que quere dinheiro».

Esta longa transcrição parece-nos necessária para justificar o que foi dito noutro ponto sôbre os motivos que traziam à convivência de Gama Machado muitos dos que se diziam seus amigos...

Recebeu ainda Gama Machado outras homenagens pela obra que publicou, mas essas foram motivadas por outras razões como adiante veremos.

Em suma, um homem feliz...

CAPÍTULO IV

O valor da obra e o estado mental do autor

I

Os livros antigos de sciências biológicas — e não é preciso que tenham sido escritos há muitos anos — fazem-nos muitas vezes sorrir quando os lêmos hoje.

Esta atitude ligeiramente irónica não é certamente a melhor para os apreciar. Devemos ser indulgentes, devemos pensar que os nossos bons livros, aqueles que mais estimamos e onde julgamos estar a última palavra da sciência, também hão-de fazer sorrir irreverentemente os nossos netos.

Não é, na verdade, à face dos nossos conhecimentos actuais, por vezes mais ou menos pertensiosos, que se podem apreciar os velhos livros. Para lhes dar o justo valor é absolutamente indispensável que nos coloquemos perfeitamente ao par do que era a sciência no tempo em que foram escritos, trabalho delicado exigindo grandes leituras...

Mas não é evidentemente preciso nada disto para poder afirmar com segurança que o grande livro do nosso José Joaquim da Gama Machado é, e sempre foi, uma das mais extraordinárias colecções de disparates que têm aparecido à superfície da terra.

Basta pensar que à data da publicação do 1.º vol. já tinham vindo a lume as *Lições de anatomia comparada* de *Cuvier* e a *História dos animais sem vértebras* de *Lamarck*, e que a *Origem das espécies* de *Darwin* apareceu no ano seguinte ao da publicação do último volume da *Théorie des Ressemblances*.

O livro do comendador não tem pés nem cabeça.

Como muito bem disse M.e Peronne, é impossível descobrir em tal obra um corpo de doutrina: «Há um segundo volume porque houve um primeiro, mas exceptuando êste primeiro volume que parece querer resumir, *tant bien que mal*, as teorias de Gall e de Lavater, tudo o resto não é senão um amontoado incoerente de observações, de anedoctas, de factos sem ordem, sem ligação, fazendo o mais extraordinário e mais absurdo dos conjuntos: a frase *velut aegri somnia vanae fingentur* parece ter sido inventada de propósito para esta inacreditável concepção» [1].

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 300.

Quando se folheia ràpidamente esta famosa obra, fica-se positivamente assombrado com as numerosas citações e ainda mais com as extensas e repetidas transcrições das mais variadas obras scientíficas e literárias sôbre os mais diversos assuntos, tanto de autores sagrados como de autores profanos, quer antigos quer modernos, desde Zenon até a um certo «M. Victor Hugo, chef d'une nouvelle école dramatique» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 144), que enchem páginas e páginas dos quatro volumes da *Théorie des Ressemblances*.

Mas, fazendo mais um passo, começando a ler com atenção, o assombro cresce ainda com a extranha confusão que reina nestas páginas — as citações e transcrições, num grande número de casos, não têm relação fácil de surpreender com o objecto que as motiva.

É, em suma, a compilação mais indigesta e desordenada que se possa imaginar.

Pode dizer-se, sem errar, que Gama Machado leu muito e tresleu ainda mais.

Seria interessante, sem dúvida, organizar a lista de todos os autores citados e de tôdas as obras transcritas, se valesse a pena fazer o estudo completo das fontes em que o comendador bebeu.

Mas, francamente, duvido que haja alguém que, um dia, faça tal trabalho...

No entanto pode afirmar-se desde já com segurança terem sido Gall, Bonnet e Porta os autores favoritos, aqueles cujas obras mais contribuiram para a génese da famosa *Teoria das Semelhanças*.

Bastaria, quere-me parecer, a rica colecção de cabeças de gesso legada à Universidade de Coimbra, colecção que foi demoradamente estudada como provam as legendas autógrafas existentes em muitos dos exemplares, para mostrar bem a grande atenção que Gama Machado dedicou ao exame da doutrina de Gall, que lhe parecia conter a única filosofia «capaz de conduzir à verdade e de substituir as abstracções vagas duma metafísica cujos sonhos têm durante tanto tempo desnorteado o espírito humano, e de que nasceram as teogonias antigas e a teologia dos povos modernos» (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 4).

A própria *Teoria das Semelhanças* não é mais, conforme o seu

autor confessa, do que uma confirmação das doutrinas dêste célebre médico alemão.

Por isso, logo no começo do 1.º volume, se encontra «uma exposição rápida e filosófica dos vinte e sete órgãos contidos no cérebro humano, segundo Gall, e dos vinte órgãos que encerra o dos animais», acompanhada de saborosas notas resultantes das observações e estudos do comendador sôbre os animais, como sejam por exemplo: conta, a propósito do órgão do *amor físico*, cuja séde é no cerebelo, que os periquitos, no momento dos amores, quando pedem que lhes façam festas, oferecerem justamente a nuca para que lhe a cocem, manifestando no olhar e na atitude o prazer que experimentam; diz, a propósito da *facilidade de aprender de cor*, ter notado serem as aves que têm maiores olhos as que melhor cantam; refere, a propósito do *órgão da existência dum ser supremo*, que, embora a sua existência seja contestada nos animais, «no Brasil, e nos desertos, os macacos juntam-se ao levantar e ao pôr do sol, e formam um círculo no centro do qual se coloca o chefe do bando, fazem alguns gestos, e dispersam se em seguida».

Não devemos estranhar, por tudo isto, que o comendador se indigne com os que procuram combater as opiniões de Gall sôbre a pluralidade dos órgãos contidos no cérebro «com o escalpelo ou com as argúcias da metafísica» e ainda mais com aqueles que tentam meter a ridículo os trabalhos dêste homem ilustre, em peças de teatro ou em canções (*Théorie des Ressemblances*, vol. 1, pág. 119).

Queria-se o autor referir por certo a coisas no género duma velha estampa que encontrei reproduzida no número de Março de 1923 da revista *Aesculape*, onde aparecem os seguintes versos acompanhados da competente música:

LE DOCTEUR GALL À CYTHÈRE

Quand l'Amour naquit à Cythère,
Le docteur Gall fut amené,
Au gré de Vénus, tendre mère,
Près du berceau du nouveau-né.
On vante au loin votre science;
Rassurez-moi, lui dit Cypris,
De l'amour la protubérance
Existe-t-elle dans mon fils?

Prêtez moi votre main, déesse,
Voyons, Amour, ce front charmant,
Il dit et tâte avec souplesse
L'aimable tête de l'enfant...

... Mais au bas de son petit crâne
Je sens le cachet de l'amour
L'indicateur sûr de l'organe
Qui vous rendra grand-mère un jour.

Ah c'en est trop ! je dois peut-être,
Repart Vénus avec raison,
Comme vous un peu m'y connaitre
Et vous riez hors de saison.
Là n'est point la protubérance
Qui prouve l'amour tant s'en faut,
Docteur, en bonne convenance
Vous la placez beaucoup trop haut.

A admiração pela obra de Gall não impede porém que Gama Machado declare encontrar por vezes dificuldades.

«Os frenologistas pensam que a exploração da fronte, seja no vivo, seja no morto, lhes permite apreciar os diferentes graus da inteligência humana» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 41); mas justamente esta «determinação da qualidade do cérebro, para a parte intelectual, é o escolho da doutrina de Gall. Com efeito vêem se todos os dias indivíduos, com frontes pouco elevadas e cabeças pequenas, ser dotados de uma inteligência superior. São as bôas sementes que produzem os bons frutos, princípio que deve ser aplicado a todos os seres organizados» (vol. II, pág. 42).

No entanto, na opinião do autor, ainda «resta a Gall bastante para a sua reputação. As protuberâncias indicando a aptidão para as artes, as que determinam o carácter, as faculdades inatas e a pluralidade dos órgãos» (vol. II, pág. 42).

Falando de Bonnet, o comendador declara ter tido sempre uma predilecção particular pelo autor da *Contemplation de la nature* (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 22), a quem noutro lugar (vol. I, pág. 5) chama filósofo verdadeiro e religioso.

Parece-me curioso notar, a êste propósito, que Gama Machado mandou reproduzir numa das jarras que legou à Universidade de Coimbra uma das estampas do seu livro, sem dúvida por ser das que mais lhe agradavam, em que figura a *escala dos sêres naturais segundo Bonnet*, escala a que se refere (vol. I, pág. 110) nos seguintes termos: «Bonnet, na verdade, enganou-se na sua escala dos sêres; mas se êle julgou ver analogias que o escalpelo não verificou, o es-

calpelo, rectificando alguns pontos de detalhe, não lançou por terra as bases sôbre que se funda...».

Concordaria, porém, Gama Machado com tôdas as conseqüências da doutrina do filósofo suísso?

Não custa a crer, dada a orientação geral da sua obra, que o comendador fàcilmente aceitasse a idea, exposta na *Contemplation de la nature*, de que os sêres naturais formam uma só cadeia, na qual as diferentes classes, como outros tantos anéis, estão tão estreitamente ligadas umas às outras que é impossível fixar precisamente o ponto onde cada uma delas acaba ou começa.

Mas Bonnet era um filósofo espiritualista, acreditava que os animais tinham uma liberdade, uma vontade, uma alma, entendia que não havia o direito de lhes recusar o céu, admitia, como expõe na sua *Palingenésie philosophique*, a ressurreição de todos os seres animados, a perfectibilidade universal, elevando-se a planta da vida vegetal à vida animal, e os brutos ao nível do homem.

E a leitura da *Théorie des Ressemblances* mostra ser bem diverso o pensamento do seu autor.

Finalmente Porta, que demonstrou pela análise dos traços fisionómicos «as relações que existem entre o homem e o macaco» (*Théorie des Ressemblances*, vol. I, pág. 56), foi sem dúvida de todos os sábios do mundo aquele que Gama Machado mais admirou, citando-o com freqüência no decorrer do livro.

Assim diz (vol. II, pág. 9) que «é a Porta que as sciências devem a *Teoria das Semelhanças*», que foi êle que conduziu o seu autor «à descoberta importante do *valor da côr*, para determinar os caracteres do reino orgânico».

É certo que o seu sistema «foi atacado por Gall, Spurzheim, e por outros sábios distintos que não o compreenderam» (vol. II, pág. 9). No entanto a doutrina de Porta, «ainda que defeituosa sob muitos pontos de vista» (vol. I, pág. 9), é mais fácil e exacta que a de Gall, «visto que tudo lá está determinado e, por conseqüência, mais útil para a cultura das sciências naturais» (vol. II, pág. 10), mas «desdenhada pelos sábios e quási ignorada pelas *gens du monde*, a sociedade não gosou dos frutos que de ela poderia retirar» (vol. I, pág. 9), o que Gama Machado julga lastimoso para a memória dêste homem que êle tanto prezava.

II

O produto de tôdas estas fabulosas leituras foi, juntamente com as reflexões do comendador, estendido ao longo de quatro vastíssimos volumes que afinal tanto faz começar a ler pelo primeiro ou pelo último, do princípio para o fim ou do fim para o princípio.

Mas, seguindo pela ordem natural, fica-se surpreendido com a forma como as coisas vêm ligadas, como dumas questões se passa a outras.

As longas transcrições feitas até aqui mostram bem, além da fraqueza dos raciocínios do comendador e das espantosas e absurdas conclusões lançadas a correr mundo como grandes descobertas que deveriam revolucionar a sciência e melhorar as condições de vida do género humano, a existência certa no nosso José Joaquim duma perturbação grave do processo associativo das ideas. Não vale a pena insistir.

Releiam-se as legendas da estampa do lagarto e da tartaruga, da estampa do cérebro humano e das ovas do bacalhau, da das *Similitudes d'origine*, etc.

Leia-se ainda êste bocado típico de prosa que acompanha a estampa já referida, intitulada *Les deux génèses*, para se ver bem quanto são justas estas considerações.

Nous avons mis en regard l'une de l'autre les deux Genèses, celle de Moïse et celle du Japon. Cette dernière présente un caractère scientifique; elle est conforme au système présumé de l'origine aquatique des êtres organisés; l'idole noire est issue d'une race primitive androgyne, dont les individus avaient quatre bras, quatre pieds, et réunissaient les deux sexes. Cette race semble être conformée selon la Genèse de Moïse, qui a dit: «*Dieu créa l'homme à son image; il le créa mâle et femelle.*» (Genèse, chap. 1, v. 27). En effet, on voit chez l'homme les mamelles, organes inutiles, mais qui ont cependant du rapport avec le sein de la femme; et chez un grand nombre d'hommes, les pertes sanguines périodiques ont lieu de même que chez le sexe féminin. Le règne animal possède du reste beaucoup de familles qui sont hermaphrodites: certaines espèces de poissons, insectes, mollusques, etc.; et, dans le règne végétal, l'hermaphrodisme est presque général.

La couleur noire ayant été proscrite par les nations européennes, nous avons saisi cette occasion de la réhabiliter. La race noire est considérée comme étant peu intelligente; cependant, on ne peut lui contester le don de l'observation, puisqu'elle reconnait l'hérédité comme loi fondamentale de la création. Nous citerons, à ce sujet, le roi des Cafres, qui condamne à la peine de mort les enfants d'un supplicié, parce qu'ils doivent ressembler à leur père. Les fossiles humains trouvés jusqu'à présent offrent tous le type nègre.

Les Japonais sont regardés comme le peuple le plus savant de l'univers. Le panthéisme est la religion naturelle du pays; le profond Salomon paraît avoir embrassé cette même manière de voir. Dans son livre de la Sagesse il dit: «*Nous*

sommes nés comme à l'aventure, et après notre mort nous seront comme si nous n'avions jamais été». Dans l'Ecclésiaste il dit aussi: «*L'homme n'a aucun avantage sur la bête, car tout est vanité*». Les Japonais, quoique heureusement privés de la terreur de l'enfer, passent pour être probes e polis. Les philosophes de ce pays attribuent à la nature toutes les productions de la terre, et la *remercient* pour les choses les plus utiles à l'existence. Nous devons aux Japonais différentes découvertes: l'acuponcture, le moxa, etc. Ils ont une grande vénération pour les animaux; chez eux, le chien, ce constant ami de l'homme, reçoit une sépulture semblable à celle de son maître; le cerf, le singe et la vache ont leurs mosquées. La vache, au Japon, ne fournit pas le lait pour l'usage des habitants; c'est la femme qui le donne, et l'on rencontre souvent dans le rue des hommes qui tettent des femmes dont le sein et le mamelon présentent en général un grand volume. Du reste, en Europe, on voit dans les rues les hommes appartenant aux classes inférieures remplacer souvent les chevaux, et comme eux attelés au brancard. Notre ingratitude envers les animaux est au-dessus de toute description; cependant nous sommes redevables à la vache de l'importante découverte de la vaccine, et le sexe féminin lui doit en partie toute sa beauté. Une statue, élevée en Europe à la vache, pourrait bien remplacer la mosquée du Japon. Le suicide est honoré dans ce pays; en Europe il est réprouvé, et la sépulture y est souvent refusée aux suicidés; tant il est vrai que la superstition religieuse, cette plaie sociale, s'est glissée partout, et que la barbarie a remplacé la bienveillance. La couleur noire, au Japon, est l'emblème de la joie; en Europe, cette couleur est le symbole du chagrin. Les conventions d'un pays ne sont donc pas celles d'un autre; tout est l'oeuvre de l'homme, et cependant ces conventions sont prises pour des réalités: de là proviennent toutes ces querelles qui troublent le bonheur de la vie.

Voici la description de la Genèse japonaise. L'idole noire tient de l'une de ses deux mains gauches une fleur (la *fritillaire à damier*), emblème du règne végétal; et le l'autre un cercle d'or, signifiant que le monde n'a ni commencement ni fin. Une des deux mains droites tient un vase d'où jaillit de l'eau incessamment, l'eau étant regardée comme l'élément primitif. En effet, le premier âge du monde était l'âge de l'eau, les solides devant leur origine aux liquides, et les animaux terrestres ayant tous des rapports de ressemblance avec les animaux vivant dans la mer. La sirène, moitié femme, moitié poisson, existe, quoique contestée, et nous avons vu deux individus de cette famille. Nous ferons observer que le règne minéral n'existe nullement, et qu'il provient des dépouilles des deux règnes animal et végétal. Les madrépores, qui forment différants continents, sont des animaux pierreux. Dans la Nouvelle-Zélande et dans l'Égypte, on rencontre des forêts d'une grande étendue, dont les arbres sont tout à fait pétrifiés. Notre collection de fossiles renferme un morceau de sapin et un crâne humain. La deuxième main droite de l'idole tient un oeuf, origine universelle de tous les être organisés. Le tronc de l'arbre est de métal; les semences y sont renfermées; un serpent s'enroule autour de lui: les Japonais, comme les Indiens, adorent ce redoutable reptile, afin qu'il ne leur fasse aucun mal. A gauche de la tortue se trouve un philosophe avec une longue barbe; la demi-nudité de son corps désigne la recherche de la vérité. D'une main il tient la queue du serpent, et de l'autre un fer en pointe lui servant d'aiguillon pour faire tourner sur elle même la tortue, qui, néanmoins, reste mille ans à faire sa révolution. A droite de la tortue, on voit un individu moitié chien et moitié femme. D'après deux grandes autorités, Jean de Barros et Camoëns, le royaume de Pégu, das l'Inde, doit son origine à un accouplement entre la femme et le chien. — Les divers animaux représentés ici vivent la plupart chez

nous, même le serpent à colier. — Nous nous sommes servi du portrait de l'infortuné Toussaint-Louvertue pour représenter l'idole.—L'épigraphe «*Je pense*», placée près du petit duc, a été inscrite comme un reproche adressé à Buffon, qui, devant sa réputation et son titre de Comte aux animaux, a été ingrat envers eux en leur refusant la pensée.

Quant à la Genèse de Moïse, nous abstiendrons de donner notre opinion sur elle, parce que nous avons écrit contre les causes premières et les causes finales. Différentes théories sur la formation du monde ont été publiées, d'où il paraîtrait que la nature a attendu que tout fût disposé pour l'arrivée de l'animal désigné sous le nom d'*homme*. Les végétaux et les animaux auraient reçu une organisation plus parfaite; c'est-à-dire, les plantes odorantes auraient exhalé leurs parfums exquis, le boeuf et le mouton auraient pris de l'embonpoint, le ver à soie aurait fourni sa soie. On doit déplorer ces égarements d'esprit, quoique émanant d'hommes érudits. On a prétendu aussi qu'avec quelques débris de mâchoires on pourrait reconstituer un animal dans son entier; on ne s'est nullement occupé ni de sa robe ni de sa coloration. On a même déterminé le genre d'aliment qui a dû convenir à chaque mâchoire; cependant les singes du Jardin des Plantes, qui ont des mâchoires munies de dents excessivement pointues, sont nourris avec des végétaux. Quelle étrange contradiction scientifique! On a également classé de cette manière les becs d'oiseau, et pourtant, dans ce même Jardin, on voit des perroquets, avec des becs d'oiseau de proie, ne manger que du chènevis. — D'après la statistique des mâchoires humaines, quoique classées comme carnassières, il paraîtrait qu'en France, sur une population de trente-cinq millions d'individus, huit millions seulement mangent de la viande; en Portugal, les paysans en mangent rarement. — Nous ferons même observer, à ce sujet, qu'il est impossible de reconnaître avec exactitude un oiseau empaillé, parce que le bec, l'iris et les jambes ne représentent plus la couleur naturelle, qui constitue une très-grande beauté chez les volatiles. Un grand nombre d'oiseaux mâles changent de robe deux ou trois fois dans l'année, tels que les veuves, les tisserins, et d'autres espèces; mais, à une certaine époque, les mâles et les femelles ont une robe pareille, et celle robe ressemble à celle d'espèces différentes, ce qui rend toute classification incertaine. Les classifications ont été funestes aux sciences naturelles; elles ont nui à tout progrès. Les zoologistes n'ayant jamais porté leur attention sur les analogies de la création, nous pensons que le mal est irréparable.

Les traductions de la Bible hébraïque diffèrent toutes les unes des autres. Les peintres nous ont donné, comme cause du péché originel, une pomme; les Bibles que nous possédons ne font aucune mention de cette pomme. Raphaël a donné au serpent une tête de femme: c'est une liberté poétique qui ne se trouve point dans la Bible. Presque tous les peintres se sont servis du figuier pour couvrir la nudité d'Adam et d'Ève; n'auraient-ils pas emprunté cette idée au Japon, où le figuier est considéré comme un arbre sacré? Non-seulement toute la Genèse de Moïse se trouve exposée dans les légendes indiennes, mais encore ces légendes représentent le dieu Vichnou comme le sauveur du monde. Cette analogie avec la mythologie chrétienne est frappante. L'organe générateur, chez le serpent, est double; c'est le seul avantage qu'il ait sur les autres animaux. Privé naturellement de pieds et de bras, il est classé comme animal rampant. Cette condamnation bibliqne de ramper semble étrange. D'après Moïse, le serpent était le plus fin de tous les animaux que le Seigneur Dieu avait formés sur la terre. Nous ne nous sommes jamais aperçu de cette ruse des reptiles: la plus grande partie de leur vie se passe dans un sommeil profond, et, selon la loi fondamentale de la nature, ils

se nourrissent d'animaux, et à leur tour ils servent de pâture à d'autres animaux (heureuse fraternité!). Voilà toutes les *merveilleuses* harmonies de la création.

É, quere-me parecer, um exemplo único de prosa anfigúrica.

Deixando, porém, estes trechos mais ou menos restritos, para atender, de mais largo, à seqüência dos assuntos tratados na obra, impõe-se idêntica conclusão.

Os assuntos vêm uns atrás dos outros, na mais profunda desordem, ligados por ténues e inconcebíveis fios.

Assim, acontece, por exemplo, que no *Discours synoptique* do vol. III, destinado, como se sabe, a facilitar a compreensão da *Teoria das Semelhanças*, o autor disserta sucessivamente sôbre as seguintes questões pela ordem por que vão indicadas:

Sôbre a moral; a educação do duque de Borgonha; a hereditariedade; a pretensa superioridade do homem; a semelhança do homem e dos quadrúpedes; os jesuítas e o padre Malagrida; a benevolência da natureza; a inteligência dos pretos; as analogias dos habitantes da Etiópia com o cavalo e o carneiro; a mansidão das ovelhas, citando Erasmo; os costumes dos chineses; a côr amarela; a inteligência dos animais.

Fala a seguir das bibliotecas da Europa; do uso do peixe na quaresma; das contradições da legislação; da doutrina dos animais máquinas; da antiguidade da raça negra; da identidade de sorte das pessoas que se parecem; da transmissão do pensamento pelo acto da geração; da importância da escolha das amas; do carácter dos indivíduos que tomaram leite de animais; do poder da imaginação sôbre o feto; do aperfeiçoamento das raças dos animais pelos cruzamentos; da superioridade da mulher sôbre o homem, etc., etc.

III

Se o livro é assim, embora se possa admitir sem custo que contenha, no meio duma enorme barafunda, pontos de vista mais ou menos aceites hoje em biologia, mas que eram sem dúvida avançados para a época em que foi escrito, lembra preguntar:

Que teriam pensado os contemporâneos dos méritos de tal trabalho?

Um sr. Demonville, «autor do pretenso *Vrai Système du monde*, fundado sôbre a Gènese e sôbre a imobilidade da terra», publicou, em vida de Gama Machado, uma brochura contra a *Théorie des Ressemblances*, que enviou ao Instituto de França e a diversas outras sociedades sábias, acusando o comendador de *materialista* e ameaçando-o

com «a mesma sorte que Moisés fez sofrer aos adoradores do bezerro de ouro» (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 157). Gama Machado não ficou assustado, «hoje que os autos da fé passaram de moda, êste epíteto já não é de temer», diz êle filosòficamente (*Théorie des Ressemblances*, vol. II, pág. 158).

Nunca vi êste folheto, nem tenho conhecimento de que se encontre em qualquer biblioteca pública portuguesa. Sei da sua existência pelas referências que lhe faz Gama Machado e ainda por um artigo publicado no *Jornal do Commercio*, n.º 2.326, de 7 de Julho de 1861. Mas, dado o estreito ponto de vista de exclusivismo filosófico em que parece que o autor da brochura se colocou, pouco se poderá concluir da leitura dessa crítica.

Entre Gama Machado e M. Demonville houve uma entrevista que, a julgar pelo relato feito no 2.º vol. da *Théorie des Ressemblances*, págs. 160 e 161, deveria ter sido deliciosa.

«Preguntei a M. Demonville, numa visita que êle me fez, se o estudo do espaço lhe dava conhecimento de qualquer outra coisa além da existência nesse mesmo espaço de planetas, satélites, estrêlas e de alguns cometas que por lá passeiam e ameaçam de nos virar com uma pancada da sua cauda, assim como as baleias que, por êste mesmo meio metem no fundo os barcos que as perseguem; além dum fluído gasoso que sustenta todos estes corpos celestes, e, segundo Herschell, de camadas de estrêlas, sobrepostas umas às outras...

«Pedi a M. Demonville que me dissesse se conhecia ainda mais alguma coisa debaixo da abóbada etérea. Respondeu-me que poderia haver entre as estrêlas um lugar para a sua *residência futura*. Sôbre isto, fiz-lhe observar que êste palácio aéreo poderia contudo incomodar o movimento de translação dos planetas.

«Explorando em seguida com êste sábio o interior da terra, reconhecemos que os geólogos descobriram que ela é formada de camadas concêntricas de minerais, de animais e de vegetais fósseis, e que a vinte e cinco léguas de profundidade, segundo a opinião de êles, o globo terrestre está num estado constante de incandescência. Fiz-lhe, para o interior da terra, a mesma pregunta que lhe tinha feito para o espaço etéreo, relativamente à sua *residência futura*; mas êle não julgou a propósito responder-me sôbre êste ponto.

«Vê-se pois, segundo o resultado da minha conversa com M. Demonville, que os astrónomos se apoderaram do espaço celeste, e os geólogos do globo terrestre; assim a natureza não parece ter reservado nenhum lugar para êste sábio, que atacou a minha *Théorie des Ressemblances*».

Êste M. Demonville não deve ter sido o único crítico que pùblicamente se ocupou dos trabalhos scientíficos do nosso comendador.

No vol. III da *Théorie des Ressemblances*, pág. 57, diz com efeito Gama Machado ter sido a sua obra «analisada por diferentes jornais e por algumas revistas scientíficas», sem no entanto dizer quais elas fôssem nem em que termos o fizeram. Apenas se fala um pouco mais abaixo, na mesma página, dos sufrágios da imprensa francesa, inglesa e italiana.

Discursando no tribunal, M.e Léon Duval [1] afirmou ter «a Revue Britannique, no seu quarto volume (1861, pág. 406) citado M. Machado com respeito», a propósito das suas opiniões sôbre a hereditariedade. Não me foi possível porém até agora folhear tal revista.

Disse mais o mesmo advogado ter na mão «vinte volumes em que M. Machado é apreciado, criticado, censurado e elogiado...» sem no entanto indicar nem os autores, nem os títulos e nem mesmo se se trata de trabalhos de carácter scientífico.

Eram provàvelmente obras francesas, mas, com uma tão vaga indicação, só o acaso poderá guiar quem queira verificar o caso.

Disse ainda o advogado que «a Universidade de Coimbra, a Academia das Sciências e o patriarca de Lisboa, tinham feito um acolhimento honroso» às obras de Gama Machado e que «a Câmara dos pares de Portugal lhe tinha dirigido os seus agradecimentos». Gama Machado fala também destas homenagens da Academia, da Câmara e da Universidade, na citada pág. 57 do vol. III da sua obra.

Ora sôbre estes pontos, bem como sôbre o caso do cardeal Saraiva, consegui reünir algumas informações e saborosas.

No *Diário do Govêrno*, n.º 14, de terça-feira, 17 de Janeiro de 1843, lê-se, no extrato da sessão da Câmara dos dignos pares, de 16 do mesmo mês:

«O sr. secretario Machado disse que tinha a honra de apresentar um exemplar da *Teoria das Similhanças*, que seu autor offerecêra para a bibliotéca da câmara.

«O sr. conde de Lavradio expoz que esse illustre escriptor publicára a sua obra com grandissima despeza, obra cujo merecimento era hoje muito apropriado

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, págs. 323 e 324.

(sic) entre os sabios de Inglaterra e de França; pedia portanto á mesa que lhe escrevesse em nome da camara, agradecendo-lhe este presente e significando-lhe ao mesmo tempo quanto ela o apreciava por vir de uma pessoa tão respeitavel, e que tantos serviços tem prestado ao país. (Apoiados gerais).

«A camara assim o resolveu».

Êste «sr. secretário Machado» vem a ser Policapo José Machado, mais tarde visconde de Benagasil, sobrinho de José Joaquim da Gama Machado, o mesmo que já vimos, depois da morte do comendador, aparecer a alegar, para que fôssem anulados os testamentos, a alienação mental de seu tio.

É êste o nome que, com efeito, se encontra no original da carta da Câmara dos Pares, guardado com outros documentos na Biblioteca da Ajuda, e que é do teor seguinte:

«Camara dos dignos Pares. — Ill.mo e Ex.mo Sr. —Tendo sido presente à Camara dos Pares a offerenda que V. Ex.a lhe diririgio da sua obra intitulada *Theoria das semelhanças* e resolvido que a Mêza fosse encarregada de agradecer em seu nome; tenho a honra por parte da Camara, de tributar a V. Ex.a os devidos agradecimentos e segnificar o apreço com que foi recebida; e bem assim de enviar a V. Ex.a uma copia conforme do extracto da Acta que faz menção d'este assumpto.

«Deos Guarde a V. Ex.a Palacio das Cortes em 25 de Janeiro de 1843. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Conselheiro José Joaquim da Gama Machado. — *Polycarpo José Machado*, Par do Reino e Secretario».

Junto está um pedaço de papel impresso, recortado do *Diário do Govêrno* e contendo o extrato da sessão que atrás foi transcrito. Não sei se será isto a «cópia conforme do extracto da Acta» a que se refere a carta.

Esta homenagem parece ter sensibilizado o comendador a tal ponto que as duas jarras mandadas por êle fazer para ornar o seu gabinete e que deixou em testamento à Universidade de Coimbra, têm umas inscrições comemorativas do facto.

E, como não era ingrato, não se esqueceu de contemplar o sobrinho e o conde de Lavradio, pelo tal testamento de 12 de Maio de 1852, cada um dêles com metade da sua biblioteca.

A Academia Real das Sciências de Lisboa não só agradeceu por mais duma vez, em termos elogiosos, a oferta dos volumes da *Théorie des Ressemblances*, mas chegou mesmo a eleger o seu autor, na sessão da Assembleia de Efectivos de 4 de Fevereiro de 1835, sócio correspondente, depois de ter sido, em 20 de Dezembro de 1834, remetido para a classe o parecer dos srs. Soares Franco e Benevides

sôbre a obra de José Joaquim da Gama Machado, parecer que seria muito interessante ler, mas que infelizmente não se encontrou no Arquivo da Academia.

Gama Machado agradeceu, cheio de desvanecimento, esta honra com uma carta que em seguida se publica juntamente com outros documentos referentes à Academia.

«Ill.mo Snr. — A Academia Real das Sciencias de Lisboa, querendo dar a V. S.ª um testemunho do apreço que fez da sua Obra — *Theorie des Ressemblances* — que V. S.ª teve a bondade de offerecer-lhe, nomeou a V. S.ª seu Correspondente de que tenho a honra de transmittir-lhe o Diploma.

«A Academia espera que V. S.ª continuará a exercitar o seu talento em beneficio das sciencias, e que lhe comunicará o resultado das suas futuras applicações.

«Aproveito com muito gosto esta ocasião para protestar a V. S.ª que sou — De V. S.ª — Muito Att.º e respeitoso V.dor — *Joaquim José da Costa de Macedo*, Secretario Perpetuo da Academia. — Ill.mo Sr. José Joaquim da Gama Machado. — Lisboa 7 de Fevereiro de 1835».

(Extraído de um livro da cópia da correspondência expedida, existente na Academia das Sciências, documento comunicado pelo sr. Ferreira Lima).

«Ill.mo e Ex.mo Senhor. — Tive a honra de receber a carta de V. Ex.ª datada de 12 de Fevr.º, juntam.e com o Diploma de correspondente da Academia Real de Lisboa. Estimo infinito que a minha *Theorie des Ressemblances* tenha obtido a approvação da Academia, cujos suffragios eu tanto prezo e farei todos os meus esforços p.ª continuar a merece-los.

«Peço a V. Ex.ª queira ser o orgão p.ª com a Academia da expressão dos meus sentimentos cheios de gratidão pela honra tão distincta da nomeação de correspondente.

«Tenho quazi concluido hũa explicação nova de toda a Theoria e ahi trago exemplos novos em apoio do meu trabalho; mas hũa ophtalmia no olho esquerdo (quazi cégo) tem-me impedido de trabalhar á noite segundo o meu costume, como ultimamente a mortandade tem-se feito sentir com algũa brutalidade na minha familia e que pode tambem vir batter a fraca porta de hum Individuo de 60 annos de idade, nesse cazo a Academia poderá reclamar o manuscrito, pois tenho rectificado os defeitos do primeiro volume defeitos indispensaveis a hum primeiro ensaio.

«Ao meu Sobrinho remetti hum Exemplar da Theoria p.ª offerecer a V. Ex.ª e muito agradeço a V. Ex.ª pelas expressões lisongeiras com que me honra.

«Estimo infinito ter esta occazião de poder offerecer a V. Ex.ª os protestos da consideração e respeito com que me prezo de ser — De V. Ex.ª — o mais attento ven.or e Creado Obg.mo — *Joze Joaquim da Gama Machado.* — Ill.mo e Ex.mo Senhor Francisco Manoel Trigozo d'Aragão Morato. — Paris 28 Mars 1835. — Quai Voltaire n.º 3».

(Documento do Arquivo da Academia, comunicado pelo sr. Ferreira Lima).

«Ill.mo Snr. — Tive a honra de apresentar á Academia Real das Sciencias de Lisboa o exemplar da 3.ª parte da sua *Theorie des Ressemblances* q̃ V. S.ª lhe enviou. A Academia mandou guardar esta obra na sua Bibliotheca, e encarrega-me de agradecer a V. S.ª a continuação dos seus trabalhos litterarios, em que, com

mui variada erudição, V. S.ª se empenha em desenvolver um assumpto tão curioso, como difficil.

«Satisfazendo a esta incumbencia da Academia, tenho mais uma ocasião de protestar que sou com particular estima — De V. S.ª — Consocio, muito ven.or e ob.º (?) — *Joaquim José da Costa de Macedo,* Secretario Perpetuo da Academia. — Ill.mo Snr. José Joaquim da Gama Machado. — Lisboa, 28 de Março de 1846».

(Documento da Biblioteca da Ajuda, comunicado pelo sr. Ferreira Lima).

Entre os documentos existentes na Biblioteca da Ajuda também se encontra um papel elogioso, firmado pelo Dr. Manuel de Serpa Machado, decano da Faculdade de Direito, chanceler e bibliotecário da Universidade de Coimbra, acusando a recepção dos dois primeiros volumes da *Théorie des Ressemblances*, os únicos que há em Coimbra, papel a que Gama Machado chama *lettre très flatteuse* (*Théorie des Ressemblances,* vol. III, pág. 57).

«Fica lançado no Catalogo respectivo da Bibliotheca da Universidade de Coimbra de ordem do Ex.mo Conde de Terena Reitor da m.ma Universidade a Obra intitulada — Théorie des ressemblances — par le Ch.er J. J. da Gama Machado, Ed. de Paris de 1831 e de 1836 em 2 vol. em f.º, offerta do A. á Bibliotheca da U.de e testemunho Publico da applicação e merecimento Litterario de tão curioso Escriptor, que vivendo em terra extranha não se esquece da sua, enriquecendo esta Bibliotheca com hum Exemplar da sua Obra. E por se haver dezencaminhado huma primeira Quitação passei esta segunda p.ª constar; e vai remettida por intervenção do Ex.mo Sr. Policarpo José Machado, que em tempo competente fez a entrega do referido Exemplar.

«Bibliotheca da Universidade de Coimbra 1.º de Dezembro de 1842.

«O Decano da Faculdade de Direito, Chanceller, e Bibliothecario da Und.e — *Manoel de Serpa Machado*».

Lá aparece o nome de Policarpo José Machado que andava certamente muito interessado na propaganda da obra do tio.

Esperava de futuro qualquer coisa mais do que metade da biblioteca...

Quando viu as suas ilusões desfeitas, zangou-se e lá foi para o tribunal, como vimos.

A carta que o cardial Saraiva escreveu a Gama Machado já foi publicada mais duma vez.

Aparece na defesa, a que já aludimos, que o padre Roquette fez do seu amigo no *Jornal do Commercio,* de 11 de Julho de 1861, servindo de argumento para mostrar ser «destituído de fundamento

o que se avança acêrca da condenação da sua obra [de Gama Machado]... pelo clero francês». Aparece no *Novo Secretario Portuguez* do mesmo Inácio Roquette, no capítulo xx, que trata das «Cartas de offerecimento, e suas respostas» [1]. Aparece no vol. x de *O Instituto*, pág. 115, numa colecção de «Cartas do eminentíssimo Cardial Saraiva D. Fr. Francisco de S. Luís».

O original está na Biblioteca da Ajuda. Reza assim:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — O reconhecimento e a admiração, quando elevados a hum alto gráo, são difficeis de exprimir-se por palavras. Eu o experimento agora, achando-me penetrado d'aquelles dous sentimentos para com V. Ex.a

«De *reconhecimento*, pela obzequiosa lembrança, que V. Ex.a se dignou ter do meu nome para me offerecer hum exemplar da sua excellente obra *Théorie des ressemblances*, e o bello quadro allegorico, de cujas epigraphes quiz V. Ex.a fazer-me a lisongeira e honrosa, postoque não merecida, applicação.

«De *admiração*, por ver desenvolvida por V. Ex.a com tanta arte, clareza, força de discurso e erudição huma doutrina, em grande parte, nova, fecundissima em consequencias moraes e politicas. Confesso a V. Ex.a que ha muito tempo não li huma Obra, que tanto me recreasse, instruisse e illustrasse.

«Bem quizéra eu alargar-me na analyse desta doutrina, mostrando assim a V. Ex.a a gostosa e profunda impressão, que me fez a sua Obra; mas abstenho-me por não metter a fouçe em seara alhêa, e por não roubar a V. Ex.a o tempo, que com tanta Sciencia emprega em suas tão curiosas, como uteis applicações. Limito-me a pedir a V. Ex.a queira aceitar com benevolencia estas breves expressões do meu vivo reconhecimento, e acreditar quanto me foi grata esta primeira e oportuna ocasião de assignar-me com a mais distincta estimação e respeito. — De V. Ex.a — Sincero admirador, e Obrig.mo Servo — *F. Patriarcha Eleito de Lisboa.* — Lisboa 30 de Setembro de 1841».

Gama Machado ficou contentíssimo.

Numa das tais reüniões de domingo à noite da academia dos dicionários «foi — diz Roquette — apresentado pelo sr. Machado, com grande satisfação e alegria, a carta que recebera do cardial patriarca de Lisboa, em ótima linguagem, agradecendo um exemplar da *Theoria das parecenças*, que ele offertara a sua em.a e que se propunha traduzir em bom francês para se publicar com o próximo volume que viesse à luz» [2].

Não realisou Gama Machado êste propósito, mas, como de costume, lá veio mostrar a sua gratidão, deixando por um dos testamentos ao patriarca a sua caixa de rapé, de ouro, «en temoignage de sa vive reconnaissance» [3].

---

[1] J. I. Roquette, *Novo Secretario Portuguez*, 3.ª edição, Paris, 1871, pág. 367.

[2] *Jornal do Commercio*, n.º 2329, de 11 de Julho de 1861.

[3] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 315.

Para bem atingir o significado dumas passagens desta carta, «é de saber que o sr. Gama Machado quando offereceu a sua obra ao emm° prelado, cujo retrato tinha em seu gabinete, fez-lhe applicação da seguinte epigraphe: «*En dehors de l'intelligence routinière, le génie chez l'homme ne trouve pour récompense que les injures, la persécution, le cachot et la mort*» [1].

Esta sentença, que figura entre os *Aphorismes de l'auteur de la Théorie des Ressemblances*, servia de comentário a uma estampa — o tal quadro alegórico de que fala o patriarca — que ilustra o vol. IV da obra de Gama Machado e que aparece reproduzida numa das jarras legadas à Universidade de Coimbra.

É coisa extremamente curiosa, como se pode verificar vendo a fotografia que adiante se publica.

Num mesmo tronco de árvore vêem-se poisados um mocho a comer um rato e uma ave de plumagem escura a devorar outra de brilhantes côres, dizendo as inscrições tanto na jarra como no livro:

«*Aux yeux de la nature, l'intelligence et la beauté n'ont aucune valeur. L'ignorance dévore l'intelligence et la laideur dévore la beauté. Le Hibou, animal inferieur, mange la Souris, animal supérieur, mammifère comme l'homme. L'Engoulevent, au sombre plumage, mange le Manucode, oiseau-dieu, vetu d'une robe veloutée donnant le reflet du rubis et de l'émeraude*».

Segue-se depois a tal história sôbre a recompensa dos homens de génio.

A afirmação, feita na carta pelo cardial Saraiva, de que há muito tempo não lia uma obra que tanto o recreasse, instruísse e deleitasse é que me parece de pasmar, dadas as singulares opiniões do comendador em matéria religiosa.

Sua Eminência provàvelmente não leu nada, viu os bonecos e já não foi pouco.

De facto esta carta é dirigida a um autor que, embora declare não querer causar qualquer dano ao cristianismo, afirma, no entanto, que êle nem sempre tem feito a felicidade do género humano (vol. I, pág. 68), a um autor que escreveu na sua obra passagens como estas:

«É por efeito desta teologia, cuja história está escrita em caracteres de sangue, que apareceram êste fanatismo religioso, estas guerras e estes crimes que há dez séculos vêm desolando a Europa; é dela que nasceram as cruzadas, a Liga, o assassinato de Henrique IV, o modêlo dos réis; as perseguições do sombrio e feroz

[1] *Jornal do Commercio* de 11 de Julho de 1861.

Luís XI; o reinado do cruel Filipe II de Espanha, a sua Inquisição, as perseguições dos Judeus; a *Saint-Berthélemy;* a dominação sanguinária de Maria, rainha de Inglaterra, digna filha de Henrique VIII; e os acontecimentos de Julho no tempo de Carlos X. Quantas ondas de sangue derramadas pelos adoradores dum mesmo deus...» (vol. I, págs. 4 e 5).

«Farei observar que se encontram com freqüência de mais fanáticos religiosos que pensam fazer uma bôa acção, aos olhos do Criador do universo, mergulhando um punhal no coração dum indivíduo que professa uma opinião contrária à sua maneira de vêr. Um dos meus compatriotas, que ilustrou o seu nome e o de seu país pelas suas belas poesias, foi denunciado *pela sua própria mãe*, à Inquisição, como incrédulo. Tendo-se escondido em casa dum amigo, teve a felicidade de poder embarcar para França, e terminou os seus dias miseràvelmente em Paris» (vol. II, pág. 159, nota 1).

«Um pobre desgraçado, que a miséria leva a pedir a bôlsa ou a vida nas estradas, é condenado a morrer num cadafalso; e permitiu-se a homens, desde que levassem uma cruz na mão, fazer a conquista da América, e de a devastar, com o fim de se apoderarem da propriedade de outrem; mas esta espoliação passou por legal, porque foi feita em nome e sob os auspícios da cristandade. Por tôda a parte neste desgraçado país se plantavam cruzes, e sempre de punhal na mão...» (vol. II, págs. 163 e 164).

«Buffon figura no *Dictionnaire des Athées;* verdade seja que se encontra lá em bôa companhia, com Diderot, Voltaire, d'Holbach, d'Alembert, Condorcet, Helvetius, etc.; de resto, estes sábios ateus nunca condenaram os seus semelhantes a ser queimados vivos, como o têm feito tantos indivíduos que se glorificam de crer em Deus» (vol. III, pág. 3).

«... a confissão auricular pode ser considerada como uma calamidade, pois que ela leva o terror aos desgraçados doentes, e causa-lhes muitas vezes a morte. Ainda últimamente três cabeças coroadas, a rainha de Portugal, a rainha dos Belgas e o rei Luís Filipe foram talvez vítimas desta *barberie* religiosa» (vol. IV, pág. 75).

«Os teólogos cristãos criaram o inferno, a-pesar-de o Antigo Testamento não fazer nenhuma menção desta fornalha; contudo ela tornou-se-lhes necessária, porque com efeito a base do cristianismo repousa sôbre o inferno» (vol. IV, pág. 109).

Etc., etc., etc.

Estas homenagens, mesmo as mais expressivas, não podem, de modo algum, ser interpretadas como significando o grande aprêço em que os sábios portugueses do tempo tinham a obra de Gama Machado.

Não deverá haver dúvidas a tal respeito.

As coisas devem-se ter passado pouco mais ou menos assim. O homem era rico, amável, bem relacionado, tinha amigos e parentes em altas situações. Ninguém o queria desgostar, a êle que se desfazia em amabilidades para tôda a gente. A obra tinha um aspecto considerável, grande formato, óptimo papel, elegância tipográfica, magníficas estampas. Tudo isto infunde respeito.

Quem recebia um volume, oferecido pelo autor, folheava-o, admirava as figuras, lia bocado aqui, bocado acolá, achava tudo muito curioso e, se não era do *métier*, ficava pensando que por certo lá estaria a última palavra da sciência.

Os outros, os naturalistas, êsses é de crer que não tomassem muito a sério as descobertas do comendador. Lá uns com os outros, sabe Deus o que diriam; mas, coitados, em público, não diziam nada, calavam-se prudentemente, bem sabiam que, se falassem, ninguém os acreditaria e que se sujeitavam a ser acusados de invejosos.

Assim se criou e sòlidamente se estabeleceu uma reputação que o Parlamento, as Universidades, as Academias e os eruditos consagraram...

E talvez não seja caso único...

A obra de Gama Machado está hoje completamente esquecida. Desconfio mesmo que fui eu a única pessoa que recentemente a leu de fio a pavio. Alguma coisa também havia de fazer um dia, que os outros não tivessem feito...

Ficou porém dêste homem extraordinário, até nossos dias, a recordação da extrema extravagância do seu viver no meio da passarada.

Quem assim o atirou, pode dizer-se, para a história foi, sem dúvida alguma, Champfleury. É devido ao livro *Les excentriques* que Gama Machado ficou vivendo, como um tipo único, na tradição literária.

Falam nêle, por exemplo, Ramalho Ortigão (*As Farpas*, vol. III,

pág. 112, edição de 1887), Ricardo Jorge (*Canhenho dum Vagamundo*, pág. 208), Gomes Leal (*Fim de um Mundo*), etc., etc.

Por sinal que a referência feita ao nosso herói por êste último autor na *Carta a um naturalista*, págs. 306 a 311 do livro citado, é de molde a levar o leitor a uma idea errada sôbre as condições de vida de Gama Machado em Paris.

> Tu, que por ellas tens o paternal cuidado
> do extranho original commendador Machado,
> esse poeta sabio, e esse sabio poeta,
> que vivia em Paris, como outr'ora um Asceta,
> n'uma trapeira azul, radiosa agua furtada,
> que era asylo e hospital de toda a passarada...

Versos que são acompanhados da seguinte nota: «Veja-se a noticia de Champfleury, nos *Excentricos*, sobre o comendador portuguez Gama Machado, o *doutor das aves*. Tornara-se tão benemerito á população alada, pelos serviços prestados, que muitas vezes, atravessando Paris, os transeuntes pasmados assistiam ao espectaculo curioso de verem bandadas de andorinhas e outras aves, seguirem-o, volteando em roda das abas do seu colossal chapeu».

Ora o homem não vivia como um asceta numa trapeira; vivia com luxo e confôrto numa boa casa, tratando-se muito bem.

Em obras scientíficas modernas, só encontrei duas referências.

A primeira, também em grande parte inexacta, no estudo do Dr. Balthazar Osório sôbre *A lenda dos Homens marinhos perante as Sciencias naturaes*, Lisboa, 1920 (separata das *Memorias do Museu Bocage*, 1.º fascículo):

«O Dr. Gama Machado, súbdito brasileiro, que na segunda metade do século XIX se notabilizou em Paris por diversas excentrecidades, a tal ponto que os literatos de seu tempo, nomeadamente Champfleury, e o médico legista Legrand-du-Saul se ocuparam d'elle, e nas suas obras contam as extravagáncias de seu viver e proceder, e ao que elle determinou de extraordinário nos seus numerosos testamentos, e para depois da sua morte se cumprir, escreveu uma obra em que pretendeu justificar a similhança das qualidades de determinados homens e a de determinados animaes, mamiferos, aves, insectos, reptis, pelas semelhanças que encontrou nas respectivas physionomias. Mas não se ficou por aqui o Dr. Gama Machado; tão convicto estava do valor da doutrina por elle inventada e que se prendia inteiramente com as ideas de Porta, Gall, e Lavater que deixou á Academia das Sciências de Paris, certa quantia com o fim de constituir um premio que será atribuido ao autor da melhor «Me-

mória» que lhe for apresentada sobre a doutrina a que elle chamou *Theorie des ressemblances*».

«As semelhanças encontradas por Gama Machado entre homens e animaes, de resto comprovadas largamente na sua obra, poderam uma ou outra vez, ter sido colhidas por outras pessoas, e d'ahi, assim pensamos, a origem de acreditar-se que existem, nos oceânos animaes parecidos com homens e d'ahi a origem, a crença de que existiam homens marinhos».

A outra, a pág. 281 da 2.ª edição do livro de Yves Delage, *L'hérédité et les grands problèmes de la biologie générale* (Paris, 1903), ao tratar da «Correlation entre les caractères transmis»:

«Da Gama Machado (31 à 58) croit avoir observé une certaine conformité entre les caractères psychologiques et la couleur du pigment (cela explique — diz uma nota — la singularité de la fondation qui porte son nom parmi les prix de l'Académie des Sciences); il assure qui si deux frères sont de même taille, de même habitus général et surtout de même nuance de peau et de poil, leurs caractères et leurs gouts sont identiques jusque dans le détail».

IV

A incontestável excentricidade do modo de viver de Gama Machado, a original mania que tinha de coleccionar pássaros raros, a extravagância do livro que escreveu, o elevado número de testamentos contraditórios que deixou, tudo isto justifica evidentemente que tivessem aparecido dúvidas sôbre a integridade das funções mentais do comendador.

Depois da morte de Gama Machado, foi esta questão, como já se disse, debatida no tribunal, onde a levantaram os herdeiros legítimos, os dois sobrinhos do falecido, Visconde de Benagazil e Viscondessa de Rio Sêco, que justamente pediam a anulação de todos os testamentos feitos por seu tio, por emanarem dum indivíduo que afirmavam não ser são de espírito.

E, lendo o livro de Legrand du Saulle, somos levados a convir que o advogado dêles, M.e Sénard, fez com inteligência essa demonstração [1].

Depois de ter dito que o comendador empregava o seu tempo em formidáveis leituras e em tremendos estudos filosóficos e naturais, que o levaram, no ponto de vista filosófico, ao scepticismo absoluto

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, págs. 308 e seguintes.

e à negação sem freio, e no ponto de vista histórico-natural, a reünir uma enorme colecção de pássaros, o advogado afirma:

«Mas não se limitavam a isto os seus sonhos e os seus desejos: o comendador Machado tinha vistas mais ambiciosas. Tinha entrevisto alguma coisa das relações gerais dos seres; julgou-se capaz de procurar fórmulas e descobrir leis. É o objecto da sua grande obra. A pretenção era alta; é um sublime estudo, digno de apaixonar um nobre espírito, esta pesquisa das causas. Mas se eleva os fortes, perturba e perde os espíritos fracos; M. Machado dá mais uma vez a prova disto.

«Aborda as grandes vias da investigação a mais geral e a mais alta; mas a sua inteligência é débil de mais para aí caminhar; perde-se nos detalhes, ou então liga-os entre si por laços impossíveis».

Diz em seguida o advogado que, no decurso da sua obra, Gama Machado cometera deploráveis erros de doutrina, tocando na frenologia apenas para lá encontrar a prova da fatalidade, não admitindo nem a alma nem o livre arbítrio, de onde resultara que as suas noções morais ficaram singularmente obscurecidas.

Trata-se manifestamente dum modo de ver pessoal do advogado, muito discutível, e de que, salvo melhor opinião, nada se poderá concluir que possa ilucidar a questão da insanidade mental do comendador.

E tanto assim é que, logo a seguir, M.e Sénard diz que tais erros, por mais monstruosos que sejam, nunca poderão constituir, considerados como doutrina, prova de loucura.

Evidentemente...

Lá que as concepções de Gama Machado possam, na opinião de alguém, ser consideradas como falsas, pouca importância tem. Mas, diz o advogado e quere-me parecer que com razão, «elas são absurdas; na sua origem e nas suas deduções estão absolutamente fora da razão, do possível e do bom senso».

E disto, que é afinal o que pode ter valor para o caso, há, diz M.e Sénard, no processo, duas ordens de provas — os livros e os testamentos.

Os livros são «uma compilação indigesta e desordenada, girando em tôrno duma idea fixa, que apenas aparece esboçada no primeiro volume, publicado em 1831, mas que se vai precisando e afirmando nos volumes seguintes... Esta idea fixa é a influência das semelhanças de forma e de côr nos sêres vivos e nos diversos órgãos que os constituem.

«Em 1831, êle entrevê algumas relações dêste género entre os elementos íntimos dos sêres pelo seu aspecto exterior... Em breve

a idea caminha; mistura-se com tôda a sorte de dados confusos, desfigurados, mal compreendidos, que encontrou em Gall, em Lavater, em Porta, é o bastante para que M. Machado imagine ter descoberto uma lei nova; depois, avançando a idade, à medida que o pensamento se fatiga, entre o primeiro volume, que publicou aos 56 anos, e o quarto, que dava à luz aos 83 anos, consuma-se completamente a ruína do juízo e a decadência da razão».

E o advogado leu ao tribunal algumas passagens da obra e mostrou várias estampas, o que provocou grande hilaridade no auditório.

Continuando, M.e Sénard afirma que «estes erros derivam ùnicamente de concepções loucas e delirantes».

Com efeito, «se M. Machado nega a alma e afirma o mais completo materialismo... não é por razões tiradas seja da impossibilidade de conceber o dualismo do espírito e da matéria, seja da semelhança da inteligência no homem e nos animais, seja duma confusão muitas vezes feita entre o pensamento e os órgãos que o servem.

«Não. M. Machado não se importa com nada disto, não se embaraça com nenhum raciocínio. O que êle descobriu e o que lhe dá a chave de tôdas as coisas, é isto: umas ovas de bacalhau e um cérebro humano têm ambos a mesma forma e a mesma côr.

«É um traço de luz. Manda-os desenhar e colorir um e outro. Contempla-os, descansa, *il a touché le port.* A conclusão que tira está reproduzida em dez passagens do seu livro: o cérebro humano não é senão uma massa de ovas, o pensamento não é senão um sémen organizado, sem consciência e sem responsabilidade...

«Vêem ao pé dêste muro duas tartarugas que se estendem para procurar nas primeiras pedras algumas ervinhas a seu gôsto? Vêem mais acima um lagarto que trepa e que está quási a chegar ao cimo? M. Machado diz que o lagarto e a tartaruga devem seguir o mesmo caminho. E de repente descobre que, nestes animais tão pouco parecidos, a cabeça tem uma certa relação de forma. Olha ainda; não há dúvida, as cabeças parecem-se, as tartarugas não iam para a erva, eram fatalmente arrastadas a trepar.

. . . . . .

«É esta observação que faz de M. Machado o inimigo mais decidido do livre arbítrio e que o leva a tratá-lo e a classificá-lo assim (tômo III, pág. 16): «Livre arbítrio: quimera scientífica, gerada com probabilidade numa casa de saúde».

. . . . . .

. . . . . .

«Digam-me, senhores, há alguém no mundo que se atreva a apli-

car a tais coisas as designações de paradoxos, de erros, de extravagâncias?

«É a razão que, partindo dum ponto de vista falso, chega a uma dedução falsa? é a inteligência que se deixa arrastar, o juízo que se desvia e que afirma um êrro?

«Ou não é, para tôdas as consciências, a ausência total da razão, da inteligência, do senso, a concepção absurda, desordenada, delirante, dum insensato?

«E notai, senhores, que tudo isto não é a questão dum momento, a expressão duma fantasia que se apagará para dar lugar a outra.

«Não, é uma idea fixa: é a idea de tôda a vida; é a base constante, invariável, de todos os raciocínios, de tôdas as resoluções, de todos os juízos de M. Machado.

. . . . . .

«Pode conceber-se que se produzam num homem perturbações, desordens, aberrações, e que no meio de estudos de algum valor um ponto de vista exquisito, extravagante, insensato, o preocupe durante algum tempo, sem que por isso se devam considerar a sua razão e o seu juízo como alterados.

«Mas se uma concepção louca e absurda chega a invadir a inteligência e a tornar-se ao mesmo tempo a preocupação constante de todos os pensamentos e a regra de todos os actos, é preciso reconhecer que existe um estado permanente que constitui a insanidade de espírito».

Esta idea fixa doentia aparece em tôdas as páginas dos numerosos testamentos de Gama Machado em que, diz M.e Sénard, «reina uma constante preocupação da sua louca teoria».

Devemos concordar que, nas passagens transcritas do seu discurso, M.e Sénard fêz com brilho, precisão e elegância, uma interessante descrição dum dêstes delírios sistematizados característicos da doença que hoje se designa com o nome de *paranóia*.

No mesmo sentido claramente se pronunciou também o *avocat impérial* quando diz:

«O que lá aparece [na obra de Gama Machado] em primeiro lugar, é o que constitui a idea fixa, a monomania do autor... um pensamento persistente e falso, que, depois de ter repousado talvez sôbre uma observação materialmente exacta, se torna para aquele que o concebeu um círculo no qual êle se agita com inquietação e esterilidade, uma obsessão, uma fadiga da inteligência que faz apa-

recer a propósito de tudo, sem qualquer laço com o assunto de que o escritor se ocupa, as mesmas coisas e quási as mesmas palavras... [1].

Da mesma opinião é Legrand du Saulle que trata do *Affaire da Gama Machado*, juntamente com o caso Augusto Comte e outros, num capítulo do livro já tanta vez citado, que se intitula *Le délire partiel (monomanie)*, entidade mórbida de que dá a definição seguinte (págs. 265 e seg.): «Designam-se com o nome de monomanias os casos de alienação mental nos quais o delírio é parcial, quere dizer, nos quais as faculdades mentais, manifestamente lesadas num ponto, parecem conservar em todos os outros a integridade do seu funcionamento», dividindo a seguir com Baillarger «as monomanias em dois grupos: 1.º as mónomanias intelectuais; 2.º as monomanias instintivas».

Ora, as primeiras, as monomanias intelectuais, tais como o autor as define, entram certamente no actual conceito, mesmo o mais restrito, da paranóia.

«Há com efeito — diz o autor — uma categoria de doentes em que as perturbações da inteligência são primitivas e predominantes. Uma idea delirante impõe-se ao seu espírito, concentrando-lhe a actividade. Se cometem actos delituosos ou criminais é como conseqüência duma série de raciocínios lògicamente deduzidos desta concepção doentia, que se torna o principal foco da sua actividade psíquica. A perturbação do seu espírito é sôbre-tudo intelectual...».

Há numerosas variedades das quais Legrand du Saulle indica, como sendo as mais freqüentes, os delírios de perseguições e as monomanias religiosas, ambiciosas, eróticas, falando também dos monomaníacos inventores, entre os quais deve ser metido o nosso Gama Machado.

Termina a notícia, que antecede uma série de observações, pelas seguintes expressivas passagens: «Tais são as principais formas de monomania intelectual. Na sua origem são constituídas por uma idea delirante que se impõe ao espírito: pouco a pouco esta idea vai tomando uma importância mais considerável: absorve nela só tôda a actividade psíquica do doente e torna-se a origem de séries complexas de raciocínios, tendo sempre por centro, por foco de irradiação, a idea primitiva delirante».

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato*, pág. 331.

É, sem a menor sombra de dúvida, o que se escreveria hoje sôbre a paranóia.

As razões, que M.e Léon Duval, o advogado mais interessado em provar que Gama Machado não era um louco, apresentou para fazer tal demonstração, são extremamente frágeis.

Resumem-se em dizer que, até ao fim duma longa vida de quási cem anos, inesperadamente terminada, o comendador comera, bebera e dormira todos os dias regularmente; tivera e merecera amigos; escrevera cinco ou seis cartas por dia cheias de amenidade e graça; administrara os seus bens sem rigor mas sem fraqueza, vivendo sempre em contacto com os homens, com os prazeres e os negócios, estimado, amado, considerado, sem que jámais alguém tivesse levantado a mais ligeira suspeita sôbre a integridade da sua inteligência; e ainda que as opiniões espalhadas pelos quatro volumes da *Théorie des Ressemblances* não são tão erróneas que levem seguramente à conclusão de que o seu autor era um doido, afirmando ter-se «muito imprudentemente taxado de loucura opiniões *très avouables*, e que têm por elas uma clientela de sábios», como o advogado procura demonstrar dizendo ter nas suas mãos vinte volumes em que a obra de Gama Machado é diversamente apreciada — elogiada por uns, reprovada por outros — sem que no entanto ninguém o trate por doido, citando a propósito as homenagens da Universidade de Coimbra, da Câmara dos Pares e do Cardial Saraiva.

«O que seria — pregunta êle — se o comendador tivesse emitido por sua conta alguma temerária hipótese sôbre a geologia, a formação dos continentes e dos mares, a geração espontânea ou pretendida tal, as cidades *lacustres*, que revelam gerações anteriores a Génese?»

«Não serão senão os doidos que agitam estes problemas, a-pesar-da sua incompatibilidade com a Bíblia? Enganam-se, extraviam-se, perdem pé no abismo da dúvida, seja, mas é preciso não invalidar os seus testamentos, nem intredizê-los. Deixai-os passar sem Deus na criação, deixai-os substituir Deus pela maquina eléctrica, mas não ide preguntar a um filósofo o que êle pensa, para julgar os seus interêsses em direito civil. Seria anular a liberdade de consciência e voltar ao tempo em que se invalidava um legado por causa de heresia».

Mas não é disto certamente que se trata. Há o evidente propósito de confundir as coisas, vulgar nos advogados, quando não têm mais razões a apresentar.

Passa depois M.e Léon Duval a apreciar os testamentos, procurando explicar a sua multiplicidade pela forma que já noutro lugar indicámos e, referindo-se especialmente a seguir a algumas cláusulas estranhas relativas aos funerais, escapa-lhe, a propósito da história nossa conhecida dos corvos do Louvre, esta imprudência: «Direi que estas fantasias de naturalista sejam dum gôsto irrepreensível? que as coisas sérias, e a mais séria de tôdas, a morte, *s'accomodent de ce badinage*? Não, sem dúvida, mas tôda a questão está em saber se o comendador era um idiota; e não parece que se consiga tal com a aventura dos corvos».

Não há, mais uma vez se prova, argúcia nem inteligência que possam defender o que não tem defesa.

Muito bem.

Parece-me que não poderá haver dúvida de que Gama Machado era um alienado.

Mas seria um paranóico?

A extravagância da disposição de algumas das estampas da obra, acompanhadas de conceitos sibilinos; os dois retratos que mandou fazer para passar à história, um a mostrar os pássaros a D. Luís, outro a jogar o xadrês com os irmãos siameses; o busto que legou à Universidade de Coimbra [1]; as jarras comemorativas da homenagem da Câmara dos Pares, tudo isto parece vir confirmar tal diagnóstico.

Mas os paranóicos, quando a sua anomalia mental não anda associada a outras entidades mórbidas, escrevem em geral bem, exprimindo as suas ideas com nitidez, num tom convincente e exaltado que muitas vezes chega a parecer brilhante.

E, lendo a obra de Gama Machado, encontram se raciocínios tão frágeis, conclusões tão absurdas, uma tão manifesta perturbação na associação das ideas...

O *avocat impérial* descreve com justeza estas características da obra:

«De factos verdadeiros que pode ter havido, concordo, algum mérito de coleccionador em observar, o autor tira imediatamente as mais absurdas conclusões; direi mais que às vezes êle julga ver, e que é preciso ser insensato para ver o que êle vê.

«Tendes um curioso exemplo na história do «*eperlan*», no ingénuo espanto do observador e na indignação mais ingénua ainda que êle

[1] Veja a 2.ª parte, *O legado à Universidade de Coimbra*.

sente por não poder fazer adoptar na Academia a sua inconcebível ilusão.

«A cada passo se encontra a infantilidade tomada a sério, a aceitação pueril de mil inépcias que correm mundo, nadas apresentados como importantes descobertas, as contradições as mais estranhas entre as ideas da véspera e as do dia seguinte; entre as da página precedente e as da página que se segue.

«Aqui aparece a indicação dum assunto tratado noutro sítio; procura-se no lugar indicado, e não se encontra nada.

«Acolá anuncia-se uma demonstração que não aparece; o pensamento, permitam-me estas imagens vulgares, pára de repente e arripia caminho para a idea fixa, ou descarrila e perde-se nas divagações mais inesperadas. Tudo lhe serve, para isto, de transição. Numerosas frases são absolutamente privadas de sentido, sem que a tipografia possa ser acusada; páginas inteiras são consagradas a anedotas que nenhum laço liga entre si, como no capítulo intitulado: *Le Hasard.* O fundo, a forma são igualmente incoerentes» [1].

O reconhecimento dêstes factos parece-me levar a suspeitar, com tôdas as reservas que sempre deverá haver num diagnóstico retrospectivo, feito à custa de elementos incompletos, nada estando averiguado sôbre a anamnese do doente, que se trata antes dum dêstes casos de deficiência mental moderada, por ventura sem graves defeitos anatómicos ou funcionais — recordo que Gama Machado escreveu no seu epitáfio que era gago — que Tanzi e Lugaro designam com o nome de imbecilidade degenerativa e nos casos mais ligeiros com o de *gracilità intellettuale* [2].

Nestes indivíduos em que a inteligência não é extremamente débil, afastando-se apenas mais ou menos da média dos normais, são vulgares delírios paranóicos sobretudo delírios impessoais dos mais inofensivos [3].

Chamo a atenção para o facto, que julgo importante para justificar esta hipótese, de Gama Machado fazer um uso irregular e incoerente das letras maiúsculas e minúsculas, como nìtidamente se pode verificar no epitáfio que escreveu para o seu túmulo, e como vi nas notas autógrafas do catálogo da colecção de cabeças de gêsso que êle legou à Universidade.

Dizem Tanzi e Lugaro que estes doentes têm um aspecto alegre

---

[1] Legrand du Saulle, *loco citato,* pág. 331.

[2] Tanzi e Lugaro, *Trattato delle malattie mentali,* vol. II, Milano, 1916, pág. 778.

[3] *Idem, ibidem,* pág. 791.

e agradável, «os olhos à flor do rosto, o olhar sereno, a fronte sem rugas, o sorriso difuso na face ligeiramente maravilhada» [1].

Confronte-se esta descrição com o retrato feito por Sequeira.

Mas não devemos esquecer que a associação das várias formas degenerativas é freqüente e que nem sempre são nítidos os limites que separam a paranóia da imbecilidade, todo o paranóico sendo ligeiramente imbecil [2].

Mas, a-pesar-de tudo isto, os conspícuos juízes que constituíam o *tribunal civil de la Seine (deuxième chambre)* decidiram que não tinha sido «articulado nenhum facto preciso de loucura ou demência contra os actos duma tão longa carreira, e que resulta dos documentos produzidos no processo que, durante tôda a vida e até aos seus últimos dias, o comendador não deixou de levar uma vida material regular, de manter com os seus conhecidos, amigos e membros da família, as relações as mais seguidas e de ser tratado por todos como um homem gozando da plenitude da sua razão».

Decidiram mais, entre outras coisas que se omitem, «que se na obra por êle publicada sob o nome de *Théorie des Ressemblances*, professou heresias scientíficas, o que o tribunal não pode ser chamado a apreciar; se tirou do seu sistema e das suas observações conseqüências falsas que o conduziram ao scepticismo, ao materialismo e mesmo ao ateísmo; se êle nem sempre revestiu as suas concepções dum estilo correcto e seguido, não se pode concluir destas diversas circunstâncias senão que o comendador da Gama Machado não era nem um sábio, nem um moralista, nem um literato, mas que se não pode ir mais longe, e decidir que não tinha conservado a capacidade de testar».

Lê-se e fica-se assombrado.

Devemos concordar que nem o próprio Salomão decidiria com tanto acêrto ..

---

[1] Tanzi e Lugaro, *loco citato*, pág. 782.

[2] *Idem, ibidem*, pág. 788.

PARTE SEGUNDA

O legado à Universidade de Coimbra

> Je lègue à l'université de Coïmbre ma collection de têtes pour le système de Gall, plus les deux vases de porcelaine qui ornent mon cabinet, plus mon petit buste, plus le tableau de Galilée et celui de l'Inquisition.
>
> *(Testamento de 12 de Maio de 1852).*

CAPÍTULO I

A colecção de cabeças para o sistema de Gall

I

A remessa para Coimbra dos objectos legados à Universidade foi precedida duma carta dirigida ao Reitor por um dos testamenteiros do falecido comendador Gama Machado, Charles Chevalier, de que vem publicada uma tradução no n.º 10 do vol. x da revista *O Instituto*, correspondente ao mês de Janeiro de 1862, pág. 224:

«Paris 24 de Setembro de 1860. — Ao senhor Reitor da Universidade de Coimbra, Meu Senhor. —Testamenteiro do fallecido senhor Commendador Gama Machado, Conselheiro da legação de Portugal em Paris, com o sr. de St. Antoine, actualmente em viagem, tenho a honra de vos annunciar que, por seu testamento, em data de 12 de maio de 1852, legou à Universidade de Coimbra —1.º a sua collecção de cabeças para o systema de Gall; 2.º dois vasos de porcelana, decorados com assumptos d'historia natural: — 3.º o seu busto allegorico em bronze, por Fratin; — 4.º dois quadros, representando um a Gallileu, e o outro a Inquisição.

A collecção das cabeças é das mais notaveis; é um verdadeiro museu: o numero d'ellas é consideravel. Não ha outra reunião tão completa da applicação do systema de Gall. Encontram-se em quasi todas as cabeças notas scientificas e curiosas, escritas da mão do sr. Gama Machado. Esta collecção é um thesouro, unico, de observações e applicações.

Por um artigo do seu testamento todos os legados devem ser entregues francos de todos os direitos.

Dignae-vos sr., ter a bondade de me indicar o meio que desejaes empregar para tomar posse d'esses objectos.

Amigo intimo do sr. Gama Machado, desde longos annos e occupando-me, eu mesmo, d'historia natural, tive a felicidade de o ajudar nas suas investigações, e de trabalhar com elle na sua sabia e notavel obra: *Theoria das Semelhanças*. Encarregou-me pessoalmente, por seu testamento, de continuar o seu bello trabalho, publicando-o de novo. Sinto-me profundamente tocado d'este signal d'amizade e consideração; e empregarei todos os meus esforços para contribuir para fazer passar á posteridade a memoria e as obras d'um illustre sabio, que Portugal se honra de considerar entre os seus varões mais illustres.

O sr. Gama Machado fez-me uma grande honra encarregando-me de vos remetter este testemunho de adhesão, que guardou sempre para com a sua patria. Venho desempenhar-me d'este nobre dever; e a lembrança conserval-a-hei sempre. Recebei, meu Senhor, a segurança da minha alta consideração.

G. C. Chevalier, testamenteiro do fallecido sr. commendador Gama Machado, 29, quai Voltaire, Paris.

Deve haver um êrro de cópia ou de revisão nesta tradução publicada em *O Instituto*. Efectivamente, tendo Gama Machado falecido em Junho de 1861, ano em que ainda fêz um testamento a 15 de Janeiro, a carta não pode manifestamente ser de 1860, deverá antes ser de 24 de Setembro de 1861, visto ter sido publicada em Janeiro de 1862.

Não consegui encontrar no Arquivo da Universidade o original nem a cópia da resposta do Reitor indicando, como Chevalier pedia, o meio a empregar para tomar posse dos objectos legados, nem qualquer outra correspondência sôbre o caso.

Mas o facto é que os objectos mencionados vieram para Coimbra, onde hoje se encontram dispersos — as cabeças no Instituto de Antropologia, as jarras na sala da aula de Zoologia, o busto no gabinete do director do Teatro Anatómico e os quadros no Museu Machado de Castro.

II

A colecção de cabeças para o sistema de Gall é sem dúvida a parte mais notável do legado feito por Gama Machado à Universidade de Coimbra.

Compunha-se de «duzentas e quatorze cabeças de grandeza natural, modeladas em gêsso, que com outras peças da mesma substancia constituem uma excelente collecção phrenológica. A Faculdade de Medicina, a quem pertenceu esta parte do legado, resolveu que de tão preciosa collecção se fizesse um gabinete para o estudo da phrenologia, e que o gabinete fôsse designado pelo nome de Gama Machado. A falta de casas não permitiu ainda que se pagasse o tributo de gratidão à memoria do legatario» [1].

Tal resolução nunca se cumpriu e as cabeças acabaram por ficar esquecidas, sem estar devidamente resguardadas, numa velha dependência da Faculdade, até que Bernardino Machado, quando professor de Antropologia na Faculdade de Filosofia, as foi buscar para as dispor convenientemente no seu Museu.

---

[1] Mirabeau, *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina*, Coimbra, 1872, pág. 288.

Não admira por isso que se tenham perdido algumas, que haja outras mais ou menos deterioradas, sendo no entanto ainda hoje considerável o número das que se encontram perfeitas.

Em muitas ainda se podem ler, mais ou menos, as «notas scientíficas e curiosas» escritas com a letra de Gama Machado, a que Charles Chevalier se refere na sua carta.

No Instituto de Antropologia, onde, como já disse, actualmente estão estas cabeças, existe também um livro manuscrito, que uma etiqueta colada no interior da capa mostra ter sido comprado em casa de «*Berthé-Royer, Papetier, Rue du Bac n.º 3, à Paris, près le Pont-Royal*», contendo, além de outras coisas, um catálogo bastante confuso da colecção.

Escrito quási todo a tinta, em inglês, com uma letra desconhecida, nem sempre de fácil leitura, tem partes em francês, escritas a lápis pelo próprio Gama Machado, como se pode fàcilmente reconhecer comparando estas passagens com a dedicatória autógrafa dos dois primeiros volumes da *Théorie des Ressemblances*, oferecidos pelo autor à Biblioteca da Universidade de Coimbra; tem além disso muitas emendas e palavras riscadas, cruzes, números, riscos e outros sinais a lápis, de interpretação impossível, tiras de papel, coladas nas fôlhas, com coisas escritas, escondendo notas anteriores, etc., etc., etc.

Tudo, em suma, muito baralhado...

E como se isto não fôsse suficiente para dar ao catálogo manuscrito um aspecto pouco agradável, alguém, mais tarde, com tinta de outra côr, certamente já em Portugal, escreveu no mesmo livro umas traduções portuguesas, nem sempre correctas, dos textos em inglês e em francês.

Foram estas traduções portuguesas copiadas, pela mesma pessoa que as escreveu no livro, para umas fôlhas de papel almasso que encontrei, dobradas, dentro do velho catálogo de Gama Machado.

Eram também estas traduções portuguesas as que estavam numas etiquetas, em mau estado de conservação, coladas em muitas das cabeças.

Foi confrontando isto tudo, indicações do catálogo manuscrito, notas escritas nos próprios gêssos, etiquetas e ainda uns números a negro pintados no mento de muitas das cabeças, que se fêz a identificação da maior parte delas.

Depois fêz-se o novo catálogo que a seguir se publica, conservando-se em inglês ou francês as rúbricas do antigo.

Copiaram-se, sempre que foi possível fazê-lo, as notas escritas pelo próprio Gama Machado nos diversos modelos, quási sempre na

fronte, e outras indicações que se encontraram nas cabeças, salvando-se assim de futuras deteriorações o que ainda hoje é visível.

III

Catálogo da colecção de cabeças para o sistema de Gall

1

Nas fôlhas de guarda do livro antigo encontra-se escrita a lápis, com a letra de Gama Machado, a seguinte lista:

1 Jésus Christ.
2 Jupiter.
3 Pindare.
4 Socrate.
5 Homère.
7 (escrito por cima de um 6) Gladiateur combatant adiante da palavra *Sapho*, que foi riscada.
8 Vénus de Medicis.

Destas cabeças existem apenas as seguintes, fáceis de reconhecer:

1 Jésus Christ. Tem no mento, a preto, o número «*1*».
2 Jupiter. No mento, «*2*» e na fronte, com a letra de Gama Machado, «*Jupiter*».
3 Pindare. No mento, «*3*» e na fronte, «*Pindare*».
4. Socrate. No mento, «*4*».
7. Gladiateur combatant. No mento, «*7*».

2

De páginas 1 a 35 do catálogo manuscrito vai indicada, a duas por página, uma série de cabeças numeradas de 1 a 70, subordinada primitivamente ao título geral de «English heads»; mais tarde foi riscada a palavra «*English*», ficando portanto no título apenas «*Heads*».

Destas cabeças foi possível identificar as seguintes:

N.º 1 Joseph Hume the troublesome M. P. much shrewdness; justice, destructiveness; want of ideality.

No mento tem pintado a negro o numero «*1*»; na fronte, escrito por Gama Machado, «*Joseph Hume, orateur, membre fougueux du*

Parlement»; atrás, junto da base, gravado no gêsso, «*J. Hume Esq. M. P. F. B.*» e a seguinte indicação, que, variando a data, se encontra repetida em muitas outras cabeças: «*Pub.... 1822 — J. Deville 367 Strand London*».

Quando de aqui por diante tal acontecer, para evitar repetições inúteis, será pôsto apenas um «*D*», seguido da data respectiva.

N.º 2 Arthur Aikin small amativeness.

No mento, «*2*»; na fronte, «*Arthu.....*»; atrás, gravado no gêsso, «*A. Aikin Esq. F. L. S. S. S. A.*» e «*D. Nov. 1821*».

N.º 3 Richard Harris engineer; marvellousness large, cautiousness small; he turned field preacher.

No mento, «*3*»; atrás, «*D. Aug. 12 1823*».

N.º 4 C. A. Fulk Esq. M. P. benevolence and religion large.

No mento, «*4*»; na fronte, «*... embre du Parlem... Bienveillance... gion dévot*»; atrás, «*D. Aug. 13 1823*».

N.º 5 Captain Ford of an east India ship; cautiousness justice large; hope small; always in dread of storms.

No mento, «*5*»; na fronte, «*Capt. Ford commandant du vaisseau des Indes (toujours en crainte d'un orage)*», há ainda uma outra palavra que não se entende bem, talvez «*Circonspection*».

N.º 6 Capt. Ross R. N. the traveller.

No mento, «*6*»; na fronte, «*Capt R... voyage de science... 1817*»; na face do lado direito há uma grande inscrição de que só se pode ler o seguinte «*... and treating children with the utmost tenderness and all...*»; atrás, *D. Aug. 2 1823*».

N.º 7 Mr. Milne brass founder in Edinbg. self approbation large; colour wanting though the rest of the ciliary ridge is not defective.

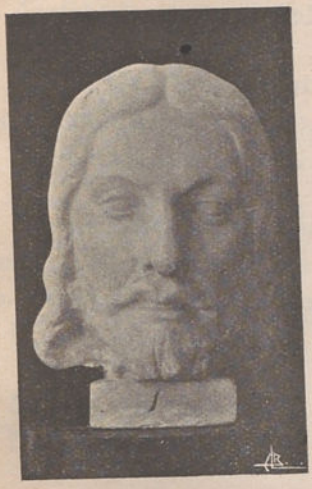
Na fronte, «*Mr. Milne... s found...*»; atrás, «*D. Aug. 14 1823*».

N.º 8 General Maitland general talent good mathematic; small hope.

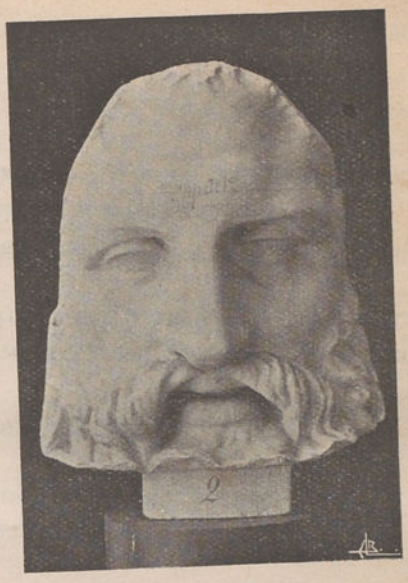
No mento, «*8*»; atrás, «*D. Feb. 12 1823*».

N.º 9 Mr. Smith amativeness very large as also religion & music; had five wives.

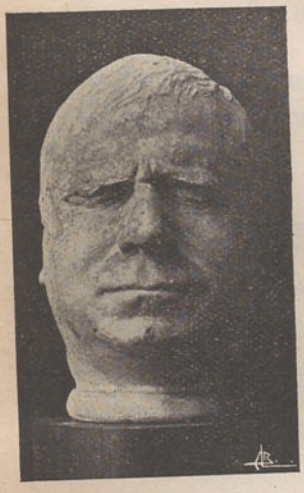
No mento, «*9*»; atrás, «*D. Aug. 15 1823*».



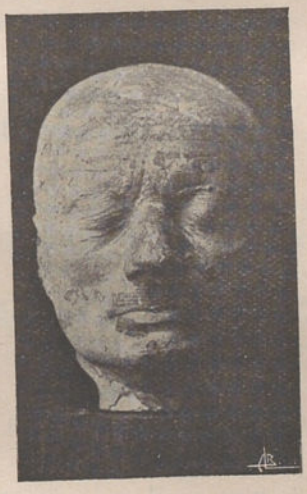
JÉSUS-CHRIST



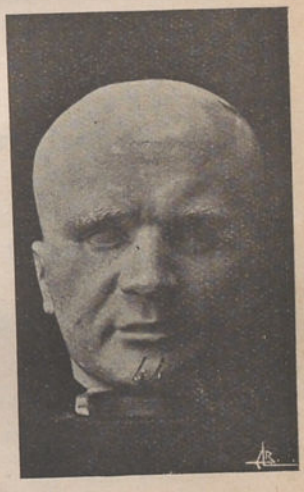
JUPITER



CAPT. ROSS



DR. GALL



FRANÇOIS

ALGUNS EXEMPLARES DA COLECÇÃO DE CABEÇAS PARA O ESTUDO DO SISTEMA DE GALL LEGADA À UNIVERSIDADE DE COIMBRA POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

Cliches do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.











N.º 10 Mr. Shepperson, wrote a pamphlet on painting; large marvellousness.

Atrás, «*D. Ap.ˡ 12 1823*».

N.º 11 Mr. Blake, wrote illustrations of Youngs night thoughts and of the Blairs grave, large marvellousness.

No mento, «*11*»; atrás, «*D. Aug. 1 1823*».

N.º 14 Mr. King, general talent with recitation and imitation; large marvellousness and amativeness; the organ of hunger and thirst suspected in him.

No mento, «*14*»; atrás, «*D. Aug. 1 1823*».

N.º 16 Mr. Chalmers, verbal memory extremely large.

No mento, «*16*»; atrás, «*D. Aug. 4 1823*».

N.º 17 Mr. Bing, engineer; very large marvellousness.

No mento, «*17*»; atrás, «*D. Aug. 4 1823*».

N.º 18 Mr. Hawkins, large marvellousness.

No mento, «*18*»; atrás, «*D. Ap.ˡ 12 1823*».

N.º 20 Mr. Palmer, engineer.

No mento, «*20*»; na fronte, «*Mr. Palmer*»; atrás, «*D. Dec. 10 1822*».

N.º 21 Mr. Forbes, engineer of great talent; verbal and local memories very large.

Na fronte, «*Mr. Forbes*»; atrás, «*D. Aug. 4 1823*».

N.º 23 J. F. Barber Beaumont. The most successful speculator in England, once a journeyman painter, now in possession of £ 30,000 p. an.

No mento, «*23*»; na fronte, «... *Beaumont, l'ouvrier le plus heureux de l'Angleterre; ouvrier peintre jouissant maintenant d'un revenu de 600,000 francs*»; atrás, «*D. Aug. 12 1822*».

N.º 24 Dr. Piddock M. D., general talent; music, particularly sacred music.

No mento, «*24*».

N.º 25 Dr. Gall.

No mento, «*25*»; na fronte, grande inscrição de que só se entende

o seguinte: «... *de Dr. W.. en 1719. . adm... que les facultés de l'esprit ac... dans differentes parties. . quant aux passions il les... le coeur et les viscères a... aux*»; por cima, na região parietal há outra grande inscrição de que se não entende nada; no lado esquerdo do pescoço lê-se o seguinte: «*Gall preserved in spirit of wine the spinal (?) marrows of a man and a calf. Gall made use of these preparations for the purpose of shewing the origin of the nerves which originate (?) in the spinal marrow, and distribute themselves to the skin and to the organs of voluntary motion*»; um pouco mais atrás, já na nuca: «*Collection of Gall, 354 heads &c, 128 heads of quadrupeds, 138 heads of birds*»; no lábio superior está colado um papel impresso parecendo cortado de um jornal que, por estar rasgado aqui e acolá, só deixa ver o que segue: «... *séance du 24 à la chambre des lords... plaint du mauvais état des prisons... plorables effets du système penitentia... actu .. le moral des prisonniers. Il a dit que... derniers se... ent des maisons de correction pir... était en...*»; no lábio inferior outro papel «*Fran... ait de fort bonnes qualités; il était... excellent tourneur en bois, et fab... meilleur cire à cacheter de l'empire*»; atrás, «*D. May 6 1823*».

N.º 26 Mr. Emerson Dowson, amativeness, marvellousness, benevolence large; married three times; spends much money in religious pursuits.

No mento, «*26*»; na fronte, «*Emerson Dowson se ..*»; atrás, «*D. Ap.l 15 1823*».

N.º 27 Mr. Maugham, outlines on character.

No mento, «*27*»; na fronte, «*Maugham auteur...*»; atrás, «*D. Aug. 12 1823*».

N.º 28 Mr. Terry, the actor.

No mento, «*28*»; na fronte, «*T... y ac... r*»; atrás, «*D. Aug. 1 1823*».

N.º 29 Sampson Arnold Mackay, shoemaker poet and astronomer.

No mento, «*29*»; na fronte, «*Sampson Mackay cordonnier poète* (há mais qualquer coisa, escrita a lápis, que se não entende); atrás, «*D. Aug. 1 1823*».

N.º 32 Rev. Mr. Martin, once a watchmaker then a divine;

VERY RELIGIOUS AND MORAL, ACQUISITIVENESS LARGE AND THAT ORGAN WAS INFLAMED AT HIS DEATH WHILE HIS RELIGIOUS ORGANS WERE SOUND.

No mento, «*32*»; na fronte, «*Rev. Mr. Martin... d'horloger... organes de la religion et de la proprieté developés*».

N.º 33 GEORGE BIDDER AIRY, SON OF AN EXCISEMAN, PUT TO TRINITY COLLEGE CAMBRIDGE AND BECAME A GREAT MATHEMATICIAN; VENERATION SMALL.

Na fronte, «*Bi...*»; por baixo da cauda da sobrancelha direita, «*Cacul*»; atrás, «*D. Aug. 11 1823*».

N.º 34 MR. VARLEY, MECANICIAN.

Na fronte, «*Mr. Varley mecanicien*»; atrás, «*D. Aug. 11 1823*».

N.º 35 (primitivamente n.º 36 emendado depois para 35, tendo sido por sua vez o n.º 35 emendado para 36) MR. ACKERMAN, A SPECULATOR; ACQUISITIVENESS LARGE; CAUTIOUSNESS IMMENSE; BENEVOLENCE LARGE.

No mento, «*35*»; na fronte, «*Ackermann, grand speculateur*»; atrás, «*D. May 27 1823*».

N.º 37 MR. DALY, CAUTIOUSNESS VERY LARGE.

No mento, «*37*»; atrás, «*D. Oct. 10 1822*».

N.º 38 CAPT. BAGNOLD, GENERAL TALENT; GONE TO AMERICA INTRUSTED WITH THREE MILLIONS STG.; IMITATION BY CARICATURE; AMATIVENESS LARGE.

No mento, «*38*»; atrás, «*D. Aug. 4 1823*».

N.º 39 CORNELIUS VARLEY, GENERAL TALENT.

No mento, «*39*»; na fronte, «*Cornelius Varley, belle organisation*»; atrás, «*D. Aug. 1 1823*».

N.º 41 CLARA FISHER, ACTRESS AT EIGHT YEARS OLD; SEE PHREN: TRANS:

No mento, «*41*»; na fronte, «*Clara Fisher actrice à l'age de 8 ans*».

N.º 44 FRANÇOIS, THE POETICAL SHOEMAKER; VERY LARGE IDEALITY.

No mento, «*44*»; na fronte, «*François, cordonnier poète*».

N.º 45 Mr. Beclar, professor of medicine in Paris; facts very strong.

No mento, «*45*»; na fronte, «*Beclar professeur à l'École de Médecine*».

N.º 46 Dr. Broussais, a violent revolutionist; the physician who has brought the practice of Sangrado; puts on 200 leeches at a time; destructiveness very large; intellect good.

No mento, «*46*»; na fronte, «*Dr. Broussais*»; por baixo da orelha esquerda, um pouco para trás, está escrito a lápis, com uma letra que não é a de Gama Machado o seguinte: «*Medico tão amigo das sangrias que mandou dar duas num cadaver*».

N.º 47 Mr. Denon, artist antiquarian.

No mento «*47*»; na fronte «*Denon*».

N.º 48 Baron Stassart, a belge, was prefect under Bonaparte; has written fables; justice large, but the rest nearly that of a criminal.

No mento, «*48*»; na fronte, «*Baron Stassard (Belge)*.....; no crâneo há sinais de terem sido limitadas a lápis as áreas das diversas bossas.

N.º 49 Horace Vernet, painter.

No mento, «*49*»; na fronte, «*Vernet*».

N.º 50 Newcomb, musician.

No mento, «*50*»; na fronte, «*Newcomb (musicien)*.

N.º 52 Rolland, a revolutionist, turned deist and even atheist and died a devotee, was a poet.

No mento, «*52*»; na fronte, «*Roland revolutionnaire poète*».

N.º 53 Sestini, one of the most remarkable improvisatoris that has appeared.

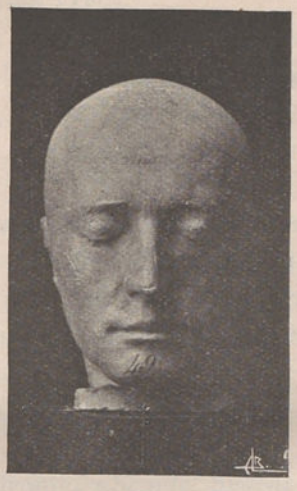
No mento, «*53*»; na fronte, «*Sestini fameux improvisateur*».

N.º 54 Julien, editor of the Revue Encyclopédique, a violent terrorist at age of 18.

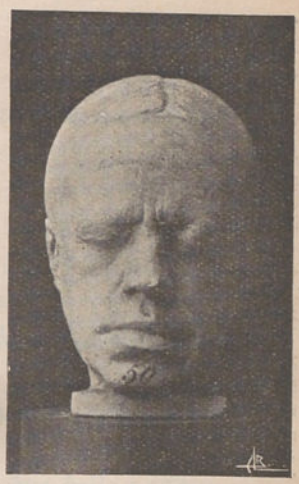
No mento, «*54*»; na fronte, «*Julien... (littérateur)*».



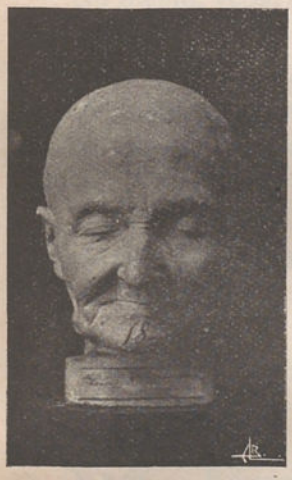
DR. BROUSSAIS



HORACE VERNET



NEWCOMB



MÈRE DE LECOUFFE



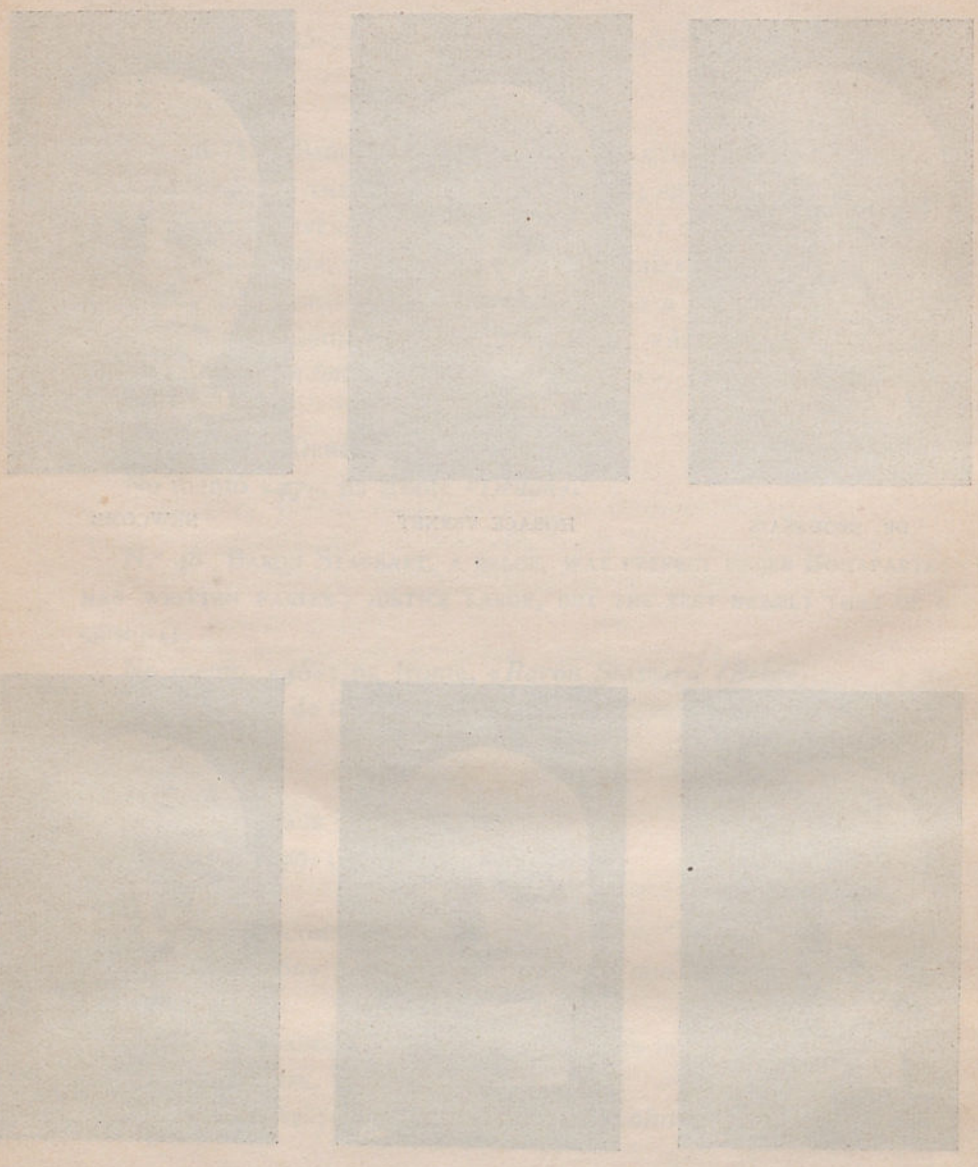
PAPAVOINE



BOUTILLIER

ALGUNS EXEMPLARES DA COLECÇÃO DE CABEÇAS PARA O ESTUDO DO SISTEMA DE GALL LEGADA À UNIVERSIDADE DE COIMBRA POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

Cliches do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.



N.º 55 MAD. CARTER, KILLED HERSELF OUT OF JEALOUSY; ÁPPROBATIVENESS AND CIRCUMSPECTION LARGE.

No mento, «*55*»; na fronte, «*Mad.me Carter s'est tué par jalousie*» e por baixo, a lápis, «*Killed herself out of jealousy*»; na região parietal esquerda, «*Cir...pection large, tendance au suicide d'après Gall*».

N.º 57 M.rs K. A LADY WANTING FIRMNESS; MORAL SENSE VERY LARGE; escrito a lápis, a seguir, letra de Gama Machado: AVANT DE SE DÉCIDER À ACHETER UNE ROBE, ELLE USE UN TRAIN DE ROUES.

No mento, «*57*»; na fronte, «*Mad.me K. organe de la fermeté nul*».

N.º 59 MR. SCARLET, ENGLISH BARRISTER, A REMARKABLY WELL BALANCED HEAD.

No mento, «*59*»; na fronte, «*Scarlet avocat celebre belle organisation*»; no crâneo estão gravadas no gêsso e numeradas as zonas correspondentes aos diversos órgãos da doutrina de Gall.

N.º 60 MR. M.c KENZIE, AMATIVENESS VERY SMALL.

No mento, «*60*»; na fronte, «*M.r M.c Kenzie*».

N.º 61 REV. CHARLES KNOX, A VERY ORIGINAL PREACHER NOT ELOQUENT; HUMOUR, NUMBER, ADHESIVENESS LARGE, AMATIVENESS VVS.

No mento, «*61*»; na fronte, «*Rev. C. Knox a very original preacher*».

N.º 62 GEORGE K., HIS BROTHER.

No mento, «*62*»; na fronte, «*George Knox*».

N.º 63 MR. CHENEVIX.

No mento, «*63*»; na fronte, «*Chene...*».

N.º 66... ROBERTIN (a lápis, letra de Gama Machado, a primeira palavra não se entende).

No mento, «*66*»; na fronte, «*Dr. Rob...*».

N.º 68 FORTIER (ÉTUDIANT EN MÉDECINE), RUSE, AMATIVITÉ, VANITÉ, INSTRUCTION MÉDIOCRE, MOEURS CRAPULEUSES, APTITUDE AUX ARTS MÉCANIQUE; SON PÈRE EST INVENTEUR DE LA MACHINE DONT ON SE SERT SUR NOS PORTS POUR DECHARGER LES BATAUX DE PIERRE (tudo escrito a lápis por Gama Machado).

No mento, «*68*»; na fronte, «*Fortier étudiant en médecine apti-*

tude aux arts mecaniques, son père est inventeur de la machine dont on se sert dans les ports pour decharger les bataux».

N.º 69 SCHWARTZ, DIRECTEUR GÉNÉRAL DU CONTRÔLE DE SUÈDE (a lápis, letra de Gama Machado).

No mento, «*69*»; na fronte, «*Schwartz... ecteur... du contrôle de Suède*».

N.º 70 MANUEL LE DEPUTÉ (primitivamente o n.º 70 foi *Delaplace astronome*, depois estas palavras foram riscadas e foi escrito por cima com a letra de Gama Machado e a lápis *Manuel le deputé*).

No mento, «*70*»; na fronte, «*Manuel deputé...*» e mais qualquer coisa a lápis que não se percebe.

Nesta parte do velho catálogo que pertenceu a Gama Machado mencionavam-se ainda as seguintes 17 cabeças:

N.º 12 MR. M. FORD, BROTHER TO N.º 5, A SOLICITOR, LARGE PHILOGENITURE AND MUSIC.

N.º 13 BENTY GOSSE, BENEVOLENCE & PHILOGENITURE LARGE; WANT OF ACQUISITIVENESS AND OF CAUTIOUSNESS.

N.º 15 HORACE SMITH, AUTHOR OF THE REJECTED ADDRESSES; A VERY WELL BALANCED HEAD.

N.º 19 ROOK CROMPTON ESQ; LARGE RELIGION BENEVOLENCE AND PROPELLENT POWERS; SMALL AMATIVENESS.

N.º 22 MR. TROUGHTON.

N.º 30 MR. GILL, SECRETARY OF THE SOCIETY OF ARTS.

N.º 31 E. F. STRETTON READER, SENIOR WRANGLER AT CAMBRIDGE; GENERAL TALENT.

N.º 36 (primitivamente 35) J. T. COOPER, CHEMIST.

N.º 40 JOHN SPARROW, PUBERTY AT AGE OF THREE YEARS.

N.º 42 DR. GALL.

N.º 43 Dr. Spurzheim.

N.º 51 Demorlannes, a visionary; marvellousness very large.

N.º 56 Lemare, grammarian, a republican; self esteem.

N.º 58 Mr. Underwood, firmness small, justice large and individuality.

N.º 64 (por cima está escrito o número 122). Nome a lápis que não se entende, letra de Gama Machado.

N.º 65 (por cima 37). Também a lápis, letra de Gama Machado, não se entende.

N.º 67 Schlabrendorff (escrito a lápis por Gama Machado).

Ora, como há um grupo de cabeças que não têm indicações que permitam reconhecê-las, é natural supor que lá se encontrem algumas das dezassete que se não poderam identificar, tanto mais que uma tem a marca «*Deville*» que se verifica não aparecer senão nas cabeças desta série.

Reparando melhor, poderá mesmo verificar-se que não há nenhuma com esta marca acima do n.º 41, o que faz perceber a razão porque foi um dia riscada a palavra «*English*» do título da série. A colecção deveria ter começado por um núcleo de cabeças de indivíduos inglêses, comprada em Inglaterra, a que mais tarde se juntaram outras de diversa procedência e reproduzindo indivíduos de várias nacionalidades.

É curioso notar que entre as cabeças desconhecidas se contam as que estão melhor conservadas.

E é precisamente por isso que se não podem identificar...

Eram as mais bonitas, e mão sacrílega, para as fazer brancas, lavou-as com tanta convicção, que fêz desaparecer os números negros pintados no mento e as notas manuscritas da autoria de Gama Machado.

3

Subordinado ao título «Aliénées (femmes)» encontra-se, a pág. 26 do catálogo manuscrito, a nota, lançada a lápis pelo próprio Gama Machado, de duas cabeças de que só se encontrou a n.º 2.

N.º 2 M.me DE XXX, MONOMANIE RELIGIEUSE, SE CROYAIT CURÉ ET OFFICIAIT CHAQUE JOUR, PORTAIT DES HABITS D'HOMME ET MANIFESTAIT L'ORGUEIL EN HAUT DEGRÉ.

No mento, «2»; na fronte, «*Alienée Mad.me de... se croyait curé et officiait chaque jour*».

A outra, a que falta, tem no catálogo a seguinte referência:

THEROIGNE DE MÉRICOUK, FUT SÉCRETAIRE DE ROBESPIERRE, MORUT À LA SALPETRIÈRE EN 1822 OÙ RESTA PENDANT 12 ANNÉES ATTEINTE DE MONOMANIE, FANATISME POLITIQUE.

4

«CRIMINALS». Das cabeças desta série, que compreende 29 números e se estende de pág. 50 a pág. 62 do Catálogo, identificaram-se as seguintes:

N.º 1 WILLIAMS, SUPPOSED MURDERER OF THE MARRS AND WILLIAMSONS, HUNG HIMSELF IN PRISON.

No mento, «*1+*»; na fronte, «*Williams assassina... s'est pendu en prison*».

N.º 2 NICOLSON, THE IRISHMANN WHO FROM A SUDDEN IMPULSE MURDERED HIS MASTERS, THE BONARDS.

No mento, «*2+*»; na fronte, «*..ico.. son...*».

N.º 3 LUSCOMBE, HUNG FOR RAPE AND MURDER, CONFESSED FOUR OTHER MURDERS; NO CLERGYMAN COULD APPROACH HIM, PUT ON THE CLOTHES OF THE MURDERED PERSON AND CRIED THE PAPERS IN THE STREETS CONTAINING THE DESCRIPTION OF THOSE VERY CLOTHES; CIRCUMSPECTION VERY DEFICIENT.

No mento, «3+»; na fronte, «*Luscomb... pendu pour viol et assassinat*».

N.º 4 DR. DODD, HUNG FOR FORGERY; THE LOWER FACULTIES LARGE AND ALSO ACQUISITIVENESS; CIRCUMSPECTION PARTICULARLY DEFICIENT.

No mento, «*5+*»; na fronte, «*Dodd...*».

Nesta cabeça e na seguinte estão manifestamente trocados os números; ao n.º 4 do Catálogo corresponde, no mento, o n.º 5 e vice-versa.

N.º 5 PATCH, MURDERED HIS BEST FRIEND.

No mento, «*4+*»; na fronte, «*Patch... sina son meilleur ami*».

N.º 6 RANDAL. — N.º 7 CROKER, MURDERED A TURNPIKEMAN AND HIS WIFE NEAR AYLESBURY. RANDAL IN WHOM JUSTICE IS STRONG PLEADED GUILTY; CROKER WOULD NOT.

Só existe o n.º 6, que tem no mento «*6+*» e na fronte, «*Ran... assassin, avoua son crime*».

N.º 8 STOFFEL. — N.º 9 KEPPEL, MURDERED AN OLD MRS. RICHARDS NEAR CLAPHAM; SHE WAS STOFFELS AUNT; KEPPEL URGED THE MURDER FOR STOFFEL WISHED ONLY TO ROB HER».

Existem ambas estas cabeças; a primeira tem no mento «*8+*» e na fronte, «*Stoff... sa tante*»; a outra, no mento, «*9+*» e na fronte, «*Keppel cumplice de Stoffel, qui vouloit seulement...*».

N.º 10 JONSON, MURDERED HIS FRIEND IN A DISPUTE ABOUT STOLEN PROPERTY; HE WAS NOT TAKEN FOR THREE YEARS.

No mento «*10+*».

N.º 11 DEAN, MURDERED A CHILD FOR THE EXPRESS PURPOSE OF BEING HUNG.

No mento, «*11+*»; na fronte, «*Dean tua un enfant exprès pour être pendu*».

N.º 13 HAYMANN, REFUSED HIS LIFE RATHER THAN GIVE UP HIS ASSOCIATES.

No mento, «*13+*»; na fronte, «... *ses complices*».

N.º 15 MITCHELL, MURDERED HIS MISTRESS.

No mento, «*15+*»; na fronte, «*Mitchell assassina sa maitresse*».

N.º 17 LECOUFFE, JOURNEYMAN TAYLOR, MURDERED AN OLD WOMAN FOR A MERE TRIFLE; THOUGH NOT BADLY DEVELOPED HE WAS LATTERLY ALMOST AN IDIOT.

No mento, «*17+*»; na fronte, «*Lecouffe garçon tailleur assassina une vieille femme par une bagatelle — ressemblait à sa mère*».

N.º 18 HIS MOTHER AND ACCOMPLICE.

No mento, «*18+*»; na fronte, «*Mère de Lecouffe, complice*».

N.º 19 PAPAVOINE, MURDERED TWO CHILDREN IN THE WOOD OF VINCENNES; PHILOGENITIVENESS LARGE.

No mento, «*19*+»; na fronte, «*Papavoine*.....», e uma grande inscrição de que se não entende nada.

N.º 20 BOUTILLIER, FUT RECONNU AU BAGNE PAR UN PRISONIER ET DENONCÉ COMME L'ASSASSIN DE SA MÈRE.

No mento, «*20*+»; na fronte, «*Boutillier tua sa mère f... au Bagne par... et denoncé comme l'assassin de sa mère*».

N.º 21 FELDMAN, WANTED TO RAVISH HIS OWN DAUGHTER BUT SHE RESISTING, HE KILLED HER.

No mento, «*21*+»; na fronte, «*Feldman wanted to ravish his daughter... resisté a ses désirs*»; no soco tem, gravado no gêsso, «*Feldmann*».

N.º 23 MARTIN DE VERSAILLES, TUE SON PÊRE...; DE PARRICIDE AVEC COMMENCEMENT DE. .», escrito a lápis por Gama Machado, havendo mais palavras que não se percebem.

No mento, «*23*+»; na fronte, «*Martin tua son père*».

N.º 24 AUTUN, emendado depois a lápis por Gama Machado para DAUTUN.

No mento, «*24*+»; na fronte, «*Dautun*».

N.º 25 BUISSON, TAILLEUR DE PIERRE (escrito a lápis, letra de Gama Machado).

No mento, «*25*»; na fronte, «*Buisson, tailleur de pierre*».

N.º 26 ASSELINAU, TUE SON CAMARADE (a lápis, letra de Gama Machado).

No mento, «*26*+»; na fronte, «*Asselinau tue son camarade*».

N.º 27 PLEGNIER. — N.º 28 TOLLERON. — N.º 29 CARBONNEAU, SUPPLICIÉS EN 1815 CONVAINCUS D'AVOIR CONSPIRÉ CONTRE LE GOUVERNEMENT, CETTE ODIEUSE CONDENNATION EST SEULEMENT UNE TRAME DE POLICE.

Falta a cabeça n.º 29; as outras duas têm escrito como de costume, no mento e na fronte, a primeira, «*27*+» e «*Plegnier conspirateur 1815*», e a segunda «*28*»+» e «*Tolleron conspirateur, 1815*».

Além das n.os 7 e 29, já referidas, vêm a faltar ainda as seguintes cabeças desta série:

N.º 12 MARY M.c INNES; SEE PHREN.

N.º 14 THURTELL; SEE PHREN. JOURNAL.

N.º 16 AUTUN, SURGEON IN PARIS, MURDERED HIS BROTHER; INTELLECTUAL FACULTIES GOOD.

N.º 22 CHEVALIER OF LION, KILLED HIS MISTRESS, HIS FIVE WIVES, HIS TWO CHILDREN AND COMMITED SEVENTEEN FORGERIES.

A rúbrica do Catálogo referente a êste indivíduo dizia primitivamente o seguinte: *killed his mistress, two wives one child then stole a child to put in its place; committed seventeen forgeries.* Depois foram riscadas algumas palavras e substituídas por outras de modo a ficar a redacção que primeiro se apresenta.

5

Esta nova série, embora seja encimada pela palavra «MASKS», dando assim a entender que deveria conter apenas simples máscaras e não cabeças completas, tem duma e doutra coisa.

Não entendo por isso a razão do nome.

São ao todo 49 as mencionadas no Catálogo, de pág. 80 a pág. 104, das quais se identificaram as seguintes:

N.º 1 DR. MYERS, BISHOP OF SALISBURY, PREACHER TOO ABSTRUSE IN HIS REASONING.

No mento, «*1*»; houve grande inscrição na fronte, que já se não percebe; tinha o nome numa etiqueta colada.

N.º 2 FRANKLIN.

Existe uma cabeça quebrada tendo no mento o número «*2*»; como existe o número 2 de tôdas as outras séries, julgo provável que se trata da cabeça de Franklin.

N.º 3 WILKES.

No mento, «*3*»; na fronte, «*Wilkes*».

N.º 6 DEMOSTHÈNE (escrito a lápis por Gama Machado adiante do nome *Pope*, que foi riscado).

No mento, «*6*»; na fronte, «*Demosthène*».

N.º 8 HAYDN, FAMOUS MUSICIAN.

No mento, «*8*»; na fronte, «*Haydn*».

N.º 14 MR. PERCEVAL.

Não tem número; o nome estava na etiqueta; na fronte só se lê o seguinte «*P... (par vengeance)*».

N.º 18 COLBURN, THE AMERICAN CALCULATOR.

No mento, «*18*»; na fronte, «*Colburn, americain, fameux calculateur*»; tem além disso um pedaço dum jornal colado na testa com os seguintes dizeres, «*In United Sta..., distinguished when a child, for arithmical calculation. He was born in Vermont, and soon after his remarkable talent was discovered visited Europe. Whilst in this country he visited London, Oxford etc. After his return to Vermont he became a clergyman of the Methodist Episcopal Church, and recently a professor in the Literary Institution of Norwich*».

N.º 22 CURRAN (escrito a lápis por Gama Machado por cima das palavras *Roscoe, historian*, que foram riscadas).

No mento, «*22*»; na fronte, «*Curran orateur celèbre*».

N.º 23 DEAN SWIFT; THE KNOWING FACULTIES ENORMOUS.

No mento, «*23*».

N.º 28 (primitivamente 29, emendado depois) EDWARDS, LANDSCAPE PAINTER.

No mento, «*28*»; na fronte, «*Ed. ard peintre*».

N.º 29 (primitivamente 28) WORDSWORTH, POET; VERY LARGE IDEALITY.

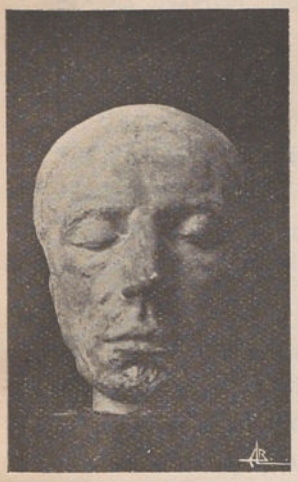
No mento, «*29*»; na fronte, «*Wordsworth poète*».

N.º 30 TORQUATO TASSO.

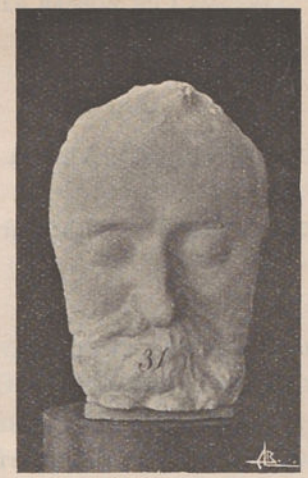
No mento, «*30*»; na fronte, «*Torquato Tasso*».

N.º 31 HENRI 4 OF FRANCE.

No mento, «*31*»; na fronte, «*Henry 4*».



WORDSWORTH



HENRI 4.º OF FRANCE



GENERAL FOY



FEMALE GEORGIAN



AVOCAT TRÈS INTELLIGENT



RAPHAEL

ALGUNS EXEMPLARES DA COLECÇÃO DE CABEÇAS PARA O ESTUDO DO SISTEMA DE GALL LEGADA Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

Cliches do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.













N.º 34 BARISEL, PREMIER BASSON DU CONSERVATOIRE (escrito a lápis por Gama Machado).

No mento, «*34*».

N.º 35 JULIEN, MOULÉ JEUNE À L'ÉPOQUE DE LA RÉVOLUTION (a lápis por Gama Machado).

No mento, «*35*»; na fronte, «*... jeune à l'époque de la Révolution*».

N.º 37 CARTOUCHE, THE FAMOUS FRENCH ROBBER, CUNNING, a seguir, escrito a lápis por Gama Machado: LE PLÀTRE ORIGINAL APPARTIENT À FRAGONARD SCULPTEUR PALAIS BOURBON.

No mento, «*37*»; na fronte, «*Cartouche... voleur*».

N.º 39 MADAME B., VERBALITY (esta palavra foi riscada), EVENTUALITY LARGE; ORDER VERY SMALL, a seguir, a lápis, letra de Gama Machado: MÉMOIRE DES PERSONNES.

No mento, «*39*»; na fronte, «*Madame B peu d'ordre mémoire des personnes*».

N.º 40 CHINESE SERVANT TAKEN BY SOME RUSSIANS TO PARIS; CONSTRUCTIVENESS, LOCALITY, VERBALITY ALL LARGE.

No mento, «*40*»; na fronte, «*Chinese Servante... amenée à Paris par des Russes en 1814*».

N.º 42 CHARLOTTE SCHROUTTE, A MUSICIAN AGED 12 WIT, VERBALITY.

No mento, «*42*»; na fronte, «*Sch... mu... agée de 12 ans*».

N.º 45 PARK VOYAGEUR, escrito a lápis por Gama Machado em substituïção do que primitivamente existia e que foi riscado: IDIOT e BARRAL OF EDINBOURGH, TIME AND NUMBER LARGE, HENCE DATES.

No mento, «*45*»; na fronte, «*Park voyageur*».

N.º 46 FRAZER, BIBLIOTHECAIRE EDINBOURG, escrito a lápis por Gama Machado em substituïção do que primitivamente existia e que foi riscado IDIOT e PARK (NOT MUNGO) LOCALITY.

No mento, «*46*».

N.º 47 DESHAYES, WROTE ON THE LOTTERY.

No mento, «*47*».

N.º 49 General Foy, escrito a lápis com letra de Gama Machado substituindo a palavra Idiot, que foi riscada.

No mento, «*49*»; na fronte, «*General Foy*».

Como se vê, desta série faltam numerosos exemplares; como se tem feito transcrevem as indicações do Catálogo que lhes diziam respeito.

N.º 4 Lord Clansfield.

N.º 5 Sterne.

N.º 7 Recce (?), a forte piano player.

N.º 9 Sir Isaac Newton.

N.º 10 Oliver Cromwell (está riscado).

N.º 11 Fox (escrito a lápis, por Gama Machado, em substituïção de Edmund Burke, que foi riscado).

N.º 12 Cromwell (a lápis, letra de Gama Machado).

N.º 13 Burke (douteux), tudo escrito a lápis, em vez de Charles Fox, que foi riscado, letra de Gama Machado.

N.º 15 Peter Brunel.

N.º 16 Sir Will Herschel.

N.º 17 Wiliams, duplicity.

N.º 19 Frazer, individualy; size.

N.º 20 George Bidder, the Devonshire calculator.

N.º 21 Roscoe, a lápis, letra de Gama Machado, em substituïção de John Philpot Curran, que foi riscado.

N.º 24 Mr. Wilkie, painter.

N.º 25 Haydon, sculptor, very large ideality.

N.º 26 William Pitt.

N.º 27 John Smith, president of the Botanical Society of London (a lápis, letra de Gama Machado).

N.º 32 Voltaire.

N.º 33 Girodet, french painter, gigantic conceptions; large ideality.

N.º 36 Paris, professor of mnemonics.

N.º 38 Mademoiselle V. G., verbality (esta palavra foi riscada); por baixo, a lápis, letra de Gama Machado: ordre, mémoire des nons, peinture, musique.

N.º 41 List (o i foi emendado a lápis para um y), the hungarian boy, a musician.

N.º 43 Carner, witty irish boy, cuts out likenesses humourously.

N.º 44 Calculating boy at S.t Paltin.

N.º 48 Muller, auteur de l'histoire de Suisse (escrito a lápis, por Gama Machado, em substituïção da palavra Idiot, que foi riscada).

6

Na série que vamos agora considerar — série sem título mas que imediatamente se verifica, pelo exame dos exemplares, ser formada de moldagens de crânios e de cérebros — a numeração é muito confusa.

Além dos números indicando a ordem no Catálogo, aparecem outros escritos a lápis, por vezes dois ou mais para o mesmo modêlo, números que são em muitos casos os que aparecem nos gêssos. Vão todos indicados entre parêntesis nas transcrições aqui feitas.

É por isso natural que o estudo desta série fôsse mais difícil, dados os problemas que a identificação levantava.

No entanto pode seguramente afirmar-se terem sido encontrados os exemplares correspondentes às seguintes rúbricas do Catálogo como fàcilmente se poderá verificar atendendo às cópias aqui feitas das indicações encontradas nos próprios gêssos.

N.º 3 and 4 American Indians (12, 13, 97, 108, e 13 e 14 emendados respectivamente para 14 e 15).

Dêstes dois crâneos só existe um tendo na frente a seguinte indicação «*4+*» *Assassin* (esta palavra foi riscada) *Americain (Indien).*

N.º 7, 8 and 9 Mummies (11, 12, 13, 36, 111, 16, 17, 18).

Só existe um, tendo na fronte «*16 Mummies*».

N.º 18 Madelaine Albert, murdered her whole family in order to became heir to the whole property of her parents (17).

Na fronte, «*18+*» *Madelaine Albert... tua toute sa famille pour heriter le tier...*

N.º 19 A Georgian male beautifully proportioned (1).

Na fronte, «*1 Georgie*».

N.º 20 Another Georgian not quile well proportioned (2).

Na fronte, «*2 Georgie*».

N.º 21 Female Georgian very beautiful (3).

Na fronte, «*3 Georgi... belle tête...*».

N.º 25 New Zealand chief, skull long narrow the mediana (palavra riscada que se não lê) crested (8, 6, 11).

Na fronte, «*8 Chef de tribu de la nouvelle Zélande*».

N.º 27 Skull of a Malay; the left lobe was in a state of atrophy; the skull is irregular; the bitemporal diameter is larger than the biparietal; flat behind; small (10, 8).

Na fronte, «*10 Mongol (peuple qui habite une partie de la Chine) Malais*».

N.º 28 Chinese sailor, large flat face; projecting eyes; skull high in the middle (5).

Na fronte, «*5 Chinois matelot*».

N.º 30 Raphael (supposed), amativeness, constructiveness, ideality very large (3).

Na fronte, «*3 L'original se trouve dans le... de l'église de S. Lucque à Rome vis-à-vis son tableau de S. Lucque — Raphaël*».

N.º 31 Dr. Hette, circumspection, perseverance, justice large.
Na fronte, «*4 Hett, médecin très circonspect, ami du Dr. Spurzheim*».

N.º 33 The folle d'enfans who used to steal children amuse them treat them well.
É a moldagem dum cérebro; tem escrito «*3 cerveau de la fille qui volait des enfans*».

Entre os n.os 35 e 36 encontra-se escrito a lápis por Gama Machado:

24, 25 et 26 (êste último número foi riscado) Crétins du bas Vallais.
Só existe o n.º 24, que tem na fronte «*24 Crétin du Vallais*».

N.º 52 & 53 Skull and brain of an ourang-outang.
Não sei se a algum dêstes números do Catálogo corresponderá um pequeno crânio marcado com um *3* e tendo escrito «*Orang-outang*».
Êste crânio mostra uma larga inscrição, de que se entendeu o seguinte: «*Douville (voyage au Congo) en goutant un jour un fruit... ... fit un cri pour..... qu'il ne devo..... Douville donna a son singe le fruit qui le prit et le jeta..... avec colère* (+) *depuis ce jour..... ne voyagait jamais sans ..... et ne goutait aucun fruit ..... de son singe, parfait..... de l'éducation. Le cerveau des singes recouvre le cervelet.....* (+) *ce fruit*».
Parece ser a história que vem contada no vol. IV da *Théorie des Ressemblances*, pág. 47: «Le capitaine Douville rapporte dans ses *Voyages d'Afrique* qu'un singe qui l'accompagnait lui faisait toujours connaitre les fruits non vénémeux des forêts vierges de ce pays, et qu'il n'en faisait usage qu'après que son singe las avait goûtés».
Não se encontraram portanto, além do crânio de um dos «*American Indians*», de dois de «*Mummies*», de um ou dois dos «*Crétins du Bas Vallais*» e do cérebro do «*Ourang-Outang*», já referidos, os exemplares correspondentes aos seguintes números do Catálogo.

N.º 1 Vienna buffoon (1).

N.º 2 Cunning debtor, secretiveness large (2, 16).

N.º 5 and 6 Caribs (117, 10, 9, 12).

N.º 10 KAPITIPOLE, INDIAN CHIEF (6, 269, 5).

N.º 11 LUSCOMBE, ASSASSIN (SEE 51) (84).

N.º 12 SMITH, ASSASSIN(SEE....) (173).

N.º 13 BELLINGHAM, ASSASSIN(SEE....) (15).

N.º 14 HAGGART, ASSASSIN(SEE....) (120).

N.º 15 NESBIT, ASSASSIN (41).

N.º 16 BUCHANAN, ASSASSIN (270).

N.º 17 HUSSEY, ASSASSIN (42).

N.º 22 ANOTHER FEMALE GEORGIAN A LITTLE INFERIOR (4).

N.º 23 HINDOO FROM THE BANKS OF THE GANGES, MALE; SKULL LONG; BIPARIETAL DIAMETER VERY SMALL (5, 6, 7).

N.º 24 FEMALE MUMMY; SKULL LONG; BIPARIETAL DIAMETER THE BROADEST OF THE TRANSVERSE MEASURES (10, 14).

N.º 26 PAPOU; THE BIPARIETAL AND BIMASTOID DIAMETERS NEARLY EQUAL; THE NECK LARGE (9).

N.º 29 CARIB FROM THE ISLAND OF ST VINCENT; FOREHEAD QUITE DEPRESSED; BITEMPORAL DIAMETER VERY LARGE (13, 9, 11).

N.º 32 ELOISA (SUPPOSED), VERY FINE FEMALE ORGANISATION THOUGH INFERIOR FACULTIES LARGE; THE SKULL IS VERY ANALOGOUS TO HER CHARACTER.

N.º 34 HER BRAIN (certamente do n.º 33, *the folle d'enfans*).

N.º 35 (o número está riscado) VIENNA MILLINER (6).

N.º 36, 37, 38, 39, 40 HEADS FOUND IN THE CATACOMBS UNDER PARIS (20, 21, 22, 233, 24, 22, 23, 26).

N.º 41 & 42 SKULL AND BRAIN OF THE MÈRE LECOUFFE.

N.º 43 Lecouffe, her son.

N.º 44 French soldier shot for having murdered his jailor; untameable firmness and self esteem and destructiveness and combativeness very large.

N.º 45 Plinier, a skilful mecanic; a regicide.

N.º 46 Wurmser, Austrian general famed for his love of combats.

N.º 47 & 48 Negroes.

N.º 49 e n.º 50 Estes dois números, que estão escritos no Catálogo, não são seguidos de qualquer indicação.

N.º 51 Polish dwarf.

Como já foi dito, os números entre parêntesis correspondem a uns números escritos a lápis que se encontram no Catálogo.

Convém ainda dizer que na linha imediatamente superior àquela em que se encontram, no velho livro de Gama Machado, os números 1, 3 e 4, 5 e 6, 7, 8 e 9, 10, 11 existem umas palavras riscadas que não foi possível ler.

7

Fica assim completa a revista da parte contendo o Catálogo das cabeças para o estudo do sistema de Gall do velho livro manuscrito que pertenceu a Gama Machado.

Mas há ainda mais cabeças.

Duas são cabeças de estudo com diversas indicações referentes à localização dos diversos órgãos contidos no cérebro segundo os frenologistas.

Seguem marcadas com os n.ºs (1) e (2) que agora se lhes atribuiram.

(1) Esta cabeça, que está quebrada, tem na base a seguinte legenda:

Tête d'étude
pour la Phrénologie
système de l'état actuel de la science
comparé
au Système de Spurzheim

Do lado esquerdo foi levantada a calote craniana, ficando a descoberto as circunvoluções cerebrais em que foram colados uns pequenos bocados de papel com números litografados, dos quais já poucos existem.

Do lado direito, sôbre a calote, foram marcados os limites das zonas ocupadas pelos diversos órgãos cerebrais admitidos pelos frenologistas, sendo os nomes respectivos indicados em pequenas tiras de papel, das quais também já muitas caíram.

A base, de secção quadrada, além da legenda acima transcrita, litografada num bocado de papel que foi colado depois sôbre o gêsso e coberto de verniz, apresenta nas restantes três faces as seguintes inscrições, também em papéis litografados e colados.

Á direita do observador, presumindo a cabeça voltada de face para êle:

«*Outre les 35 facultés reconnues classées et decrites par Spurzhein on trouve dans les ouvrages reçus des Phrénologistes plusieures nouvelles facultés encore peu connues ou seulement indiquées 1.º organe de l'alimentivité, découvert par le Dr. Hoppe de Copenhague 2.º org. de la concentration, Mr. Comber de Londres 3.º org. de l'attachement à vie ou mariage 4.º org. des distances 5.º org. du sens géometrique 6.º org. de la résistance 7.º org. de la biophilie 8.º org. du goût dans les beaux arts, Dr. Vimont de Paris 9.º org. de la tactilité, Dr. Fossati de Paris 10.º org. du mal vouloir Dr. Sarlandière de Paris 11.º org. du décent et du gracieux dans les manières, signalé par Mr. Ottin d'après les idées de Lavater 12.º org. de la respiration 13.º org. de l'équilibration 14.º org. des exonérations mentionnés par Mr. le Dr. Lelut et admit par..... comme des Facultés fondamentales, ou au moins en parties senties et voulues ce qui fait en tout 49.*

Atrás:

«*Pour mettre fin aux plaintes des phrénologistes relatives à la chereté et à l'insuffisance de têtes d'études qui leur a offertes jusqu'à ce jour Mr. Ottin, auteur du précis de Gall et de celui de Lavater s'est decidé à publier un sistème de figures concernant la Phrénologie et la Physionomie, resumant tous les principes nécessaires à l'étude de ces deux sciences, ayant subi une sevère élaboration scientifique et pourvue d'etiquettes propres à écarter toute obscurité comme toute controverse. Il travaille également à un système de pièces d'anatomie générale, resumant tous les principes nécessaires à l'étude de*

l'homme. Paraitront incessament et successivement l'oreille interne et externe sur une très grande échelle, l'oeil et les autres sens. Les principales coupes du cerveau, le coeur avec tous ses vaisseaux &. Le prix des pièces sera de 3 f. 4 f. 5 francs, rarement elles excederont. Il se charge aussi de confectionner les portraits à un prix très doux».

A esquerda:

«Depuis les derniers ouvrages publiées par Gall et Spurzheim le sistème phrénologique a successivement reçu diverses augmentations et modifications qui ont élevé le nombre des organes ou facultés fondamentales de 27 que Gall regardait comme bien constatées et qu'il avait découvertes lui seul, à près de 50 dont on parle aujourd'hui. D'abord Spurzheim reduisit à 26 facultés les 27 admises par Gall avant lui et publiant ensuite plusieures facultés que Gall ne regardait pas encore comme suffisament établies, il ajouta 9 nouvelles facultés qui sont l'habitavité, la conscienciosité, l'esperance, la merveillosité, l'individualité, l'étendue, la pesanteur, l'ordre et le temps et obtint ainsi 35 facultés qu'il publia dans ses observations sur la phrénologie Paris 1818».

(2) É uma cabeça a que falta a parte posterior, tendo também na metade direita da abóbada craniana os limites das zonas correspondentes aos diversos órgãos cerebrais com os respectivos nomes já em parte apagados.

Atrás, na base, lê-se o seguinte:

Très grands	Grand	Moyens	Petits
Destructivité	8 Acquisivité	Constructivité	Amour de la vie
Secretivité	18 Merveillosité	Gaité	Alimentavité
Circonspection	39 Identité	Imitation	Tons
37 Espérance	14 Vénération	28 Calcul	Colori
22 Individualité	Bienvaillance	34 Langage	
30 Éventualité	16 Conscienciosité		
23 Configuration	27 Localité		
24 Étendue	25 Pesanteur		
34 Comparaiso...	29 Ordre		
35 Causalité	31 Temps		

8

Das restantes cabeças, algumas correspondem certamente a uma ou outra das mencionadas no Catálogo e que não foi possível reco-

nhecer, outras, porém, têm indicações suficientes para se poder afirmar que não foram inscritas no livro de Gama Machado. São as seguintes:

— Cabeça tendo no soco, escrito a lápis, «*Poulmann*»;

— Cabeça tendo no soco, a lápis, «*Elisabide*»;

— Cabeça tendo no soco, a lápis, «*Pauline Choisy*»;

— Cabeça tendo no mento, «*3*», na base, «*Ingrerin, monomanie, superstition*» e na fronte, «*Alienée*»;

— Cabeça tendo no mento «*6*» e na base «*Mitaty, monomanie, demonomanie*».

Também há moldagens de crânios nas mesmas condições:

— Crânio tendo na fronte «*2 (Gall) Hongrois très rusé*»;

— Crânio tendo na fronte «*8*» e na órbita esquerda «*frère Jésuite, belle conforma...*»;

— Crânio tendo na fronte «*9 Jésuite dessiné dans Gall, la plus belle conformation*» e na órbita esquerda «*frère jésuite dessiné dans Gall (la plus belle)*;

— Crânio tendo na fronte «*11*» e na órbita esquerda «*mathematicien dont parle (Gall)*»;

— Crânio tendo na fronte «*11 + Plegnier*»;

— Crânio tendo na fronte «*12 Salaba, medecin très orgueilleux, ami de Gall*», indicação que se encontra repetida na órbita esquerda;

— Crânio tendo na fronte «*12 + ... Lepelley*», havendo mais uma grande inscrição que não se lê;

— Crânio tendo na fronte «*14 Midi de l'Afrique, cap de Bonne Esperance, Hottentot*»;

— Crânio tendo na fronte «*15*... (grande inscrição que se não percebe)... *Hottentote*»;

— Crânio tendo na fronte «*17 George Cadoudal*», nome que está repetido na órbita esquerda;

— Crânio tendo na fronte «*18 Woigtlander, mecanicien de Vienne (Gall)*», indicação repetida na órbita;

— Crânio tendo na fronte «*19*» e mais qualquer coisa que se não lê, na órbita esquerda «*Evacadelle, diseuse de bonne aventure*»;

— Crânio tendo na fronte «*19+*» e na órbita esquerda «*Voleur incorrigible agé de 19 ans (Gall)*»;

— Crânio tendo na fronte «*23+ Ulbach, assassin de la bergère d'Ivry*»;

— Crânio tendo na fronte «*27 Calmuk... peuple nomade*» e na órbita esquerda «*Calmuk dessiné dans (Gall)*»;

— Crânio tendo na fronte «*28 Calmuk... peuple...*» e na órbita esquerda «*Autre calmuk dessiné dans (Gall)*»;

— Crânio tendo na fronte «*29 ... d'une hottentote du jardin des plantes*»;

— Crânio assente sôbre uma base onde se vêem os seguintes restos duma grande inscrição «*Fiquet, condanné... mort en...*».

9

Apartadas estas, ficam apenas 28 cabeças inteiras, tendo uma no mento a marca «*Deville, Feb. 25 1823*», e 2 quebradas, tôdas de gêsso do mesmo tipo das que temos encontrado até aqui.

Uma das inteiras tem no mento o número «*10*». Ora êste número, excluída a colecção de moldagens de crânios, falta apenas na série «*Masks*». Parece, pois, que se deveria tratar de «*Oliver Cromwell*», mas êste nome está riscado no Catálogo. Por isso se entendeu prudentemente pôr esta cabeça entre as desconhecidas.

Existem ainda mais duas cabeças maiores, dum tipo completamente diverso: uma de barro, outra pintada a côres, tendo escrito no soco «*Avocat très intelligent*». Esta última cabeça figura na aguarela de pág. 138 do exemplar do vol. III da *Théorie des Ressemblances*, pertencente à Biblioteca da Ajuda, a que nos referimos no começo do capítulo sôbre a obra de Gama Machado. Procurava o autor demonstrar com êste desenho ser o infeliz resultado de «prejuízos que se tornaram hoje hereditários» esta idea de que a inteligência implica a existência duma fronte elevada, comparando a cabeça de forma insólita dêste «advogado muito inteligente» com a dum «idiota morto em Amsterdam» e com as dos índios americanos da tríbu dos «Chinooks à têtes plates» cuja «inteligência é igual à dos povos que nascem com belas frontes».

Há também nove crânios de gesso, desconhecidos: um de qualquer mamífero de grande porte e os restantes humanos, não tendo quatro qualquer sinal e os outros quatro as seguintes indicações insuficientes para decidir se estarão ou não mencionados no Catálogo:

1.º na fronte, «*4*».

2.º na fronte, «*9*... *Ind*...».

3.º na fronte, «*10*» e mais umas coisas a lápis, que não se entendem.

4.º na fronte, «*13 (Indostan) Hindou*...».

Para se saber ao certo quantas foram as cabeças que vieram para Coimbra e portanto, contadas as que actualmente existem, se avaliar quantas faltam, o Catálogo manuscrito que pertenceu a Gama Machado não nos pode servir, pois que por um lado há seguramente, como vimos, alguns modêlos que não são mencionados nesse velho livro, e, por outro lado, nada há que nos garanta que tivessem vindo tôdas as que lá estão inscritas.

Temos a indicação de Mirabeau — «duzentas e quatorze cabeças de grandeza natural, modeladas em gesso, que com outras peças da mesma substancia, constituem uma excellente colecção phrenologica».

Mas isto é também um pouco vago por não se saber exactamente o que sejam as «outras peças da mesma substancia».

Seriam as moldagens de crânios e cérebros?

Nesse caso, como há actualmente 144 cabeças — incluindo neste número duas de gêsso que estão em bocados, uma que é de barro e mais duas com a localização dos diversos órgãos contidos no cérebro segundo as doutrinas dos frenologistas — ter-se-iam perdido 70.

Se as moldagens de cérebros e crânios humanos entram para a conta de Mirabeau, como existem 40, só faltariam 30.

Mas então o que seriam as tais «outras peças da mesma substancia»? Moldagens de crânios de animais de que só encontrei uma?

Vê-se pois que não é fácil avaliar ao certo quantas cabeças desapareceram.

Algumas ter-se-iam partido, outras talvez fôssem roubadas. Informam-me, com efeito, de que havia noutro tempo, em Coimbra, um fabricante de máscaras carnavalescas que se servia para as suas moldagens dalgumas cabeças provenientes desta colecção.

IV

Contém o velho livro de Gama Machado, além do catálogo das cabeças de gêsso, outros apontamentos.

Assim se encontra no fundo das págs. 118, 119, 120 e 121, misturada com as rúbricas do Catálogo, a seguinte notícia, escrita à pena pelo próprio comendador:

En Egypte on circoncit les filles à l'age de 7 ou 8 ans.

Les Hottentot vivent dans la derniere malpropreté et mangent leur arriere faix.

L'allongement des parties sexuelles exterieures ressemblent à certaines fleurs du meme climat les Geranions qui ont des petales superieures plus longues que les inferieures pour les defendre du soleil.

La prostitution est si vulgaire au Japon, quelle semble former le premier besoin de la nature.

Au Thibet les femmes epousent plusieurs maris, le sexe femenin y est plus rare.

Les femmes d'Otahiti (?) tuent leur enfant sans aucun remord de conscience.

A Formose aucune femme ne doit faire d'enfants avant 35 ans, lorsquelles deviennent enceintes les pretresses viennent leur fouler le ventre pour les faire avorter.

A la Nouvelle Hollande lorsque une femme accouche de deux enfants, le plus faible est ecrasé — telle est aussi l'exposition si frequente chez les chinois, et les avortements factices chez les japonaises.

Le malais abuse de sa fille, pretendant que celui qui plante un arbre, a le droit de gouter le premier du fruit.

Les Laponnes sont rarement reglées, la moindre chose ebranle le système nerveux de ces femmes.

La polygamie est generale en Asie.

Au Mongol, les parties sexuelles sont a peine voilées.

Les negresses, les mandingues, deployent une lubricité et des passions inouies a nos climays, elles semblent porter dans leur sein enflammé tous les feux d'Afrique, se divisent les blancs les enivrent pour leur perte, des fureurs de leur amour.

Virando agora o livro às avessas e começando-o a folhear pelo outro lado, encontramos uma nova paginação e novos apontamentos necessàriamente invertidos em relação aos que já vimos.

Nas duas fôlhas de guarda que ficam em face uma da outra, lê-se o seguinte:

Na primeira

VERY LARGE — Amativeness — Philogenitiveness — Combativeness — Destructiveness — Veneration ? — Firmness V V L — Ideality — Individuality — Causality — Comparison.

LARGE — Inhabitiveness ? — Adhesiveness — Secretiveness — Constructiveness — Self esteem — Approbativeness — Benevolence — Moral sense — Gaiety — Size — Power — Colour — Locality — Order — Verbality —

FULL — Imitation — Tune.

MODERATE — Marvellousness — Eventuality — Time —

Na segunda

1	Amativeness	V L	19	Ideality	V L *
2	Philogenitiveness	R L	20	Gaiety	L *
3	Inhabitiveness	L	21	Imitation	F
4	Adhesiveness	L	22	Individuality	V L
5	Combativeness	V L	23	Form	R L
6	Destructiveness	V L	24	Size	L *
7	Secretiveness	L	25	Power	L *
8	Acquisitiveness	R L	26	Colour	L *
9	Constructiveness	L *	27	Locality	L *
10	Self esteem	L	28	Numeration	R L
11	Approbativeness	L	29	Order	L *
12	Cautiousness	R L *	30	Eventuality	M
13	Benevolence	L	31	Time	M
14	Veneration	V L	32	Tune	F
15	Firmness	V V L	33	Verbality	L
16	Moral sense	L *	34	Comparison	V L
17	Hope	R L	35	Causality	V L *
18	Marvellousness	M	36		

All this as estimated by Deville but in my opinion many things are incorrect. Certainly 14 is so and 17, 21, 29, 31.

Tudo isto foi feito a tinta pela mesma pessoa que escreveu o Catálogo.

No cimo de cada uma das colunas da segunda lista aparece mais, escrito a lápis com a letra de Gama Machado:

Amour Physique, amativité,
Amour des Enfants, Philogeniture.

Estas duas listas, como é fácil de verificar, coincidem sensìvelmente.

Apenas na primeira faltam todos os nomes dos órgãos marcados na outra com um R L *(acquisitiveness, cautiousness, hope, form* e *numeration)* com excepção da *philogenitiveness* que aparece no grupo «*very large*».

Além disso «*veneration*» e «*inhabitiveness*» são na primeira lista acompanhados dum ponto de interrogação que não figura na segunda.

Parece, pois, tratar-se de duas variantes do retrato frenológico, se assim se pode dizer, duma mesma pessoa. Tratar-se-ia do próprio comendador José Joaquim da Gama Machado?

Depois, a seguir, em cada uma das 35 primeiras páginas do livro, que estão divididas em duas colunas encimadas respectivamente pelas palavras «Large» e «Small» lê-se pela mesma ordem que na segunda lista das fôlhas de guarda o nome de uma das faculdades correspondentes aos diversos órgãos cerebrais admitidos pelos frenologistas.

Cada uma das colunas tem uma série de nomes de indivíduos, sendo alguns dos que figuram na colecção das cabeças e outros não.

Por parecerem curiosas tais indicações, transcrevem-se em seguida:

Pág. 1.

AMATIVENESS

Large			*Small*		
12 C	Mitchell	vl		Rev. Charles K.	vs
17 C	Dean	vl		Mc Kenzie	vs
14 C	Mc Innes	vl		Hette	vs
	Raphael	l	2	Aiken	v
16 C	Thurtell	vl	19	Crompton	s
40	Sparrow	vvl	32	Rev. Mr Martin	m
9	Smith	vl	26 M	Pitt	m
14	King				
26	Dowson				
38	Bagnold				

Pág. 2.

PHILOGENITIVENESS

Large			*Small*	
	Mrs H.			
	Rev Charles K.	vl		
12	Ford			
13	Gosse	vl		
	Negro skulls			
5',6	Caribs			

Pág. 3.

INHABITIVENESS

Large			*Small*	
26	Pitt		3',4	Americans Indians

Pág. 4.

ADHESIVENESS

Large			*Small*	
	Mrs H			
1 C	Mc Innes			
	Charles K			

Pág. 5.

COMBATIVENESS

5',6	Caribs		32	Martin	m
	Bruce			Hindoos	s
14'	Haggart				
14	Mc Innes	vl			
	Maxwell				
	Wurmser	vl			
	George K	l			

Pág. 6.

DESTRUCTIVENESS

Large			*Small*	
12 C	Mitchell		13	Gosse
14 C	Mc Innes	vl		
	Pallet			
16 C	Thurtell	vl		
15 C	Haymann			
	Bruce	l		
	Gordon			
17'	Hussey			
15'	Nesbit			
13'	Bellingham	vl		

Pág. 7.

SECRETIVENESS

Large	*Small*
Clara Fisher	
Haggart	
Gibson	
Reid	
Anne Ross	
6 M Pope	
Bruce	
Raphael	
La Fontaine	
American Indians	
Cunning debtor	
Hindoos	
14 C Mc Innes	

Pág. 8.

ACQUISITIVENESS

Large	*Small*
Chevalier	13 Gosse vs
36 Ackermann	
11 C Stoffel	

Pág. 9.

CONSTRUCTIVENESS

Large	*Small*
Raphael	
Vienna milliner	
Brunel	
Williams	
Haydon	
Hershell	
Wilkie	
Edwards	
Martin	
Varley	

Pág. 10.

SELF ESTEEM

Large	*Small*
Haggart	Hette
Hindoos	American Indians
Dempsey	
Stassart	
Colbet	

Pág. 11.

APPROBATIVENESS

Large	*Small*
Hette	Haggart
Rev Mr King	Dempsey
Bruce	
C. Fisher	
American Indians	
Mc Innes	

Pág. 12.

CAUTIOUSNESS

Large		*Small*
Bruce		Bellingham
Raphael		Mc Innes
Hette		Negroes
Mummies		Dodd
Hindoos	3	Harris
Capt. Ford	vl 13	Gosse
36 Ackermann		
37 Daly		
55 Mrs Carter		

Pág. 13.

BENEVOLENCE

Large	*Small*
Henri 4	Bruce
Jacob Jervis	Gordon
Good Roman emperors	Bellingham
Raphael	Griffiths
Hette	Bad Roman emperors
4 Fulk	
13 Gosse	
19 Crompton	
26 Dowson	
36 Ackermann	

Pág. 14.

VENERATION

Large	*Small*
Negroes	Spinosa vs
Mc Innes	Hette
Bruce	Airy
Newton	
Milton	
Klopstock	
Raphael	
Kappatipole	
32 Martin	

4 Fulk
9 Smith
3 Harris
10 Shepperson
19 Crompton
26 Dowson
52 Rolland

Pág. 15.

FIRMNESS

Large	*Small*
Thurtell	Mrs K vvs
Bruce	Gibson
Haggart	
American Indians	

Pág. 16.

MORAL SENSE

Large	*Small*
Rotheram	Haggart
Mrs K	Bruce
32 Martin	Gibson
Hette	Mary Street
	Bellingham

Pág. 17.

HOPE

Large	*Small*
Raphael	Hette
Mc Innes	5 Ford
	8 Maitland

Pág. 18.

MARVELLOUSNESS

Large	*Small*
Socrates	
Tasso	
Stilling	
Cromwell	
Chalmers	
Shakespeare	
3 Harris	
4 Fulk	
9 Smith	
10 Shepperson	
11 Blake	
14 King	
17 Bing	
18 Hawkins	
26 Dowson	
51 Demorlannes	

Pág. 19.

IDEALITY

Large		*Small*	
Schiller		Jeffrey	m
Delille	1	Hume	vs
François		Haggart	
Pindar		Mc Innes	
Tasso		Bellingham	
Pope		Gordon	
Voltaire			
Homer			
Chalmers			
Raphael			
Hazzlit			
Wordsworth			
Wilkie			
Burke			
Haydon			
Henri 4			

Pág. 20.

GAIETY

Large		*Small*
Sterne	1	Hume
Henry 4		J. E. Smiths
Swift		Hindoos
Franklin		
Vienna buffon		

Pág. 21.

IMITATION

Large	*Small*
Shakspeare	Jacob Jervis
Voltaire	
Raphael	
41 Fisher	

Pág. 22.

INDIVIDUALITY

Large	*Small*
Sir J. E. Smith	Voltaire
Roscoe	Haydon
Fraser	
Henri 4	
Swift	
Mc Innes	

Pág. 23.

FORM

Large	*Small*
George 3	
Sterne	
Milne	

Pág. 24.

SIZE

Large	*Small*
Brunel	Ferguson
Williams	
Douglas	
7 Milne	

Pág. 25.

MECHANICAL POWER

Large	*Small*
Chalmers	
Brewster	
Sir J. Hall	
Sir G. Mc Kenzie	
Leslie	
Jardine	
Stevenson	
Farish	
Newton	
Mc Lachlone	

Pág. 26.

COLOUR

Large	*Small*
Wilkie	Milne
Haydon	French M D
Douglas	Jeffrey
Williams	Sloane

Pág. 27.

LOCALITY

Large	*Small*
Columbus	
Cooke	
Park	
Newton	
Herschell	
Williams	
Straith	
Douglas	
Ross	
Bagnold	

Pág. 28.

NUMERATION

Large	*Small*
Bidder	French M D
Colbourn	
Humboldt	

Pág. 29.

ORDER

Large	*Small*
French M D	
Humboldt	

Pág. 30.

EVENTUALITY

Large	*Small*

Pág. 31.

TIME

Large	*Small*

Pág. 32.

TUNE

Large	*Small*
Haydon	
Mr Vicar	

Pág. 33.

VERBALITY

Large	*Small*
Sir J E Smith	Fraser
Humboldt	
Voltaire	
16 Chalmers	

Pág. 34.

COMPARISON

Large	*Small*
Raphael	Hindoos
Buffoon	
Roscoe	
Edwards	
Pitt	
Henri 4	
Burke	
Curran	
Hume	



(1)



(2)



(3)

JARRAS LEGADAS Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

(1) Face anterior das duas jarras. (2) Face posterior da primeira. (3) Face posterior da outra.

Clichés do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.







Pág. 35.

CAUSALITY

Large	*Small*
Bacon	Pitt
Locke	Sir J E Smith
Franklin	Hume
Haydon	Charibs
Burke	New Hollanders
Brunel	
Wordsworth	
Wilkie	
Socrates	
Voltaire	

CAPÍTULO II

As jarras, o busto alegórico e os quadros

I

As duas grandes e formosas jarras com curiosíssimas pinturas e legendas alusivas à obra do naturalista, que ornavam o gabinete de Gama Machado, estão perfeitamente conservadas, existindo ainda mesmo as peanhas circulares de madeira com embutidos, tendo um sulco para a redoma, em que assentavam.

Como é vulgar em vasos dêste tipo, são formadas de três peças sobrepostas, ligadas umas às outras por um espigão de ferro, e têm as asas de metal dourado.

Exemplares únicos duma execução técnica perfeitíssima, são dum valor inestimável por terem sido mandadas fazer de propósito pelo comendador.

As figuras pintadas no bojo têm côres variadas e brilhantes, tudo o resto é azul e ouro.

São tão formosas que faz quási pena terem as pinturas assuntos tão extravagantes.

Numa das faces, ambas as jarras têm a mesma pintura, umas flores conhecidas vulgarmente em Portugal pelo nome de *Saüdades* ou *Suspiros roxos dos jardins*, lendo-se por baixo, na base:

Saüdade
Icabieuse protifère
Fleur emblêmatique
en Portugal.

Há aqui manifestamente dois enganos — o nome a escrever era

Scabieuse prolifère e a flor representada é, salvo êrro, a da *Scabiosa atropurpurea L.* e não o da *Scabiosa prolifera.*

Diz Gama Machado no vol. IV da sua obra, pág. 34, que esta flor, emblema duma recordação que não se apaga mais, é considerada em Portugal como a mais bela de tôdas. Recordo ainda que esta flor, com o nome de *fleur de veuve*, vem reproduzida na est. 17 do vol. IV da *Théorie des Ressemblances* com o intuito de mostrar que existe uma ave de África oferecendo em parte da sua plumagem uma perfeita semelhança com ela.

Na outra face a pintura, que é diferente nas duas jarras, reproduz, com as próprias côres, estampas da *Théorie des Ressemblances*, acompanhadas das respectivas legendas em letras de ouro.

Numa delas está a estampa de *Les Similitudes d'origine.*

Em cima lê-se:

Théorie des Ressemblances
Les Similitudes d'origine, tout ce qui vit sort d'un oeuf
Echèlle des êtres naturels d'après Bonnet

Figuram depois dentro dos respectivos ovos:

L'homme classé le premier parmi les mammifères
Sansonnet
Raie torpille
Vipère
Fourmi en état de nymphe — Oeuf de fourmi
Jonquille

No fundo aparece escrito o nome:

Ch.er J. J. da Gama Machado.

Já reproduzimos noutro ponto a curiosa página que, na obra, acompanha esta estampa.

A outra jarra tem aquela estampa do vol. IV, também já nossa conhecida, onde está o mocho que come o rato e o pássaro feio que come o pássaro bonito, a tal de cujas epígrafes Gama Machado fizera aplicação ao cardeal Saraiva.

Tudo o que no livro acompanha a estampa, lá figura na jarra:

Á esquerda:

Aux yeux de la nature, l'intelligence et la beauté n'ont aucune valeur.
L'ignorance dévore l'intelligence et la laideur dévore la beauté.



(1)

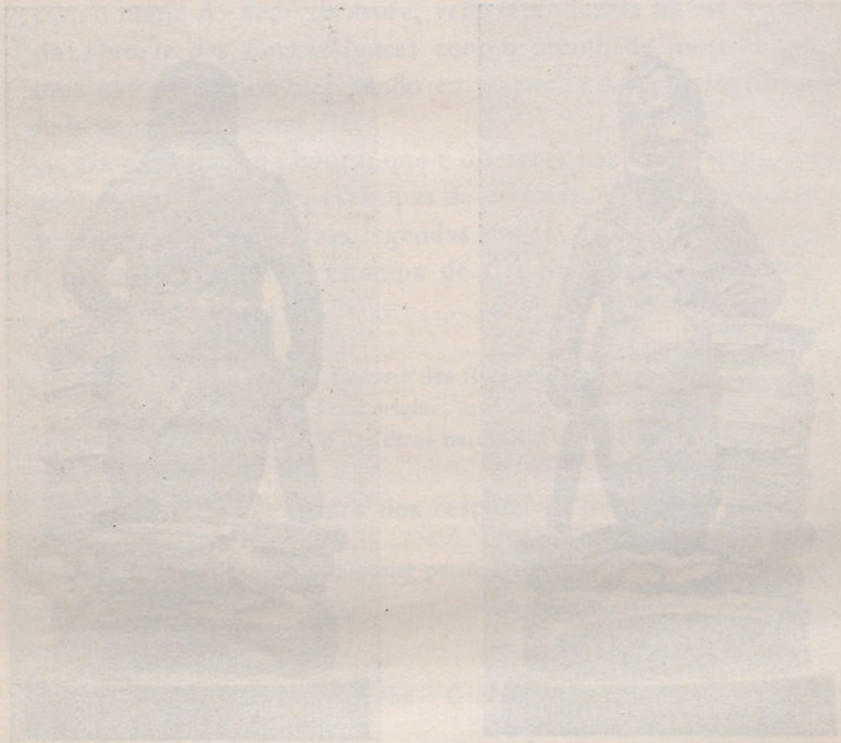


(2)

BUSTO ALEGÓRICO LEGADO Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA
POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

(1) Face anterior. (2) Face posterior.

Clichés do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.



Le Hibou, animal inferieur, mange la Souris, animal supérieur, mammifère comme l'homme.

Á direita:

L'Engoulevent, au sombre plumage, mange la Manucode, oiseau-dieu, vetu d'une sobe veloutée donnant le reflet du rubis et l'émeraude.

Em baixo:

En dehors de l'intelligence routiniére, le génie chez l'homme ne trouve pour récompense que les injures, le persécution, le cachot et la mort.

Na base têm, dêste lado, ambas a mesma inscrição alusiva à homenagem da Câmara dos Pares, que certamente as jarras se destinavam a comemorar, tão grande era a satisfação do comendador:

La chambre des dignes Pairs du royaume de Portugal, séance du 16 janvier 1843, sur une motion de M.eur le Conte de Lavradio a décidé à l'unanimité qu'une lettre serait écrite son nom a M.r le Ch.er da G. M. pour lui faire connaitre combien elle apprécie le curieux ouvrage de la Théorie des Ressemblances etc.

II

O busto alegórico, pequena peça de bronze dourado com uma base de mármore preto, *bibelot* com 23^{cm},5 de altura total, é certamente o mais curioso dos objectos legados à Universidade por Gama Machado.

Está actualmente no gabinete do director do Teatro Anatómico.

Representa o comendador, vestido à moda do tempo, saïndo de dentro de um ôvo com casca como os das galinhas, onde está gravada uma das sentenças queridas do autor — *Tout ce qui vit sort d'un oeuf* (sentença que não é afinal mais do que a tradução francesa do célebre aforismo de Harvey — *Omne vivum ex ovo*), tendo por baixo a palavra *Mammifères* que Gama Machado sem dúvida representa muito bem.

Adiante, em baixo, há cinco pequenos ovos onde se lê respectivamente: *Insectes, Poissons, Oisaux* (sic), *Reptiles, Plantes*, todo o reino orgânico como o autor diz na sua obra.

Em cada uma das mãos ostenta Gama Machado um frasco fechado com a competente rôlha, tendo gravada a palavra *Oeufs*, acompanhada no da mão direita das letras *R. V.* e no da esquerda das letras *B. A.* que não sei o que querem dizer.

Tantos ovos...

Mas «o ôvo embrião universal, é que serve por conseqüência de base ao nosso trabalho scientífico» explica o autor no seu livro, vol. III, pág. 63.

A mão direita assenta sôbre uma pilha de livros cujas lombadas dizem, começando de cima para baixo: *G. Cuvier*, *Lamarck*, *Gall*, *Bonnet*, *Buffon*, *Linné*, *Porta*, *Pline*, *Lucrèce*, *Aristote*.

A esquerda apoia-se sôbre um livro, tendo gravado na pasta «Théorie des Ressemblances par le Chevalier do Gama Machado — 1842» e na lombada «3 — 1842», colocado ao alto sôbre outros dois, deitados, em cujas lombadas se vê respectivamente «2 — 1836» e «1 — 1831».

Foi portanto feito êste busto depois de 1842 e antes de 1858, data da publicação do IV vol. da obra de Gama Machado, que lá não figura ainda.

Examinando agora o busto pelo outro lado, vamos encontrar gravado na base — *Fratin*, nome do autor como se diz na carta que foi transcrita de C. Chevalier, e por cima mais dois livros de que as lombadas informam tratarem do *Incomprehensible* e do *Inexplicable*, prudentemente lançados assim para trás das costas.

Contra estes livros vêem-se duas tartarugas, uma procurando subir, a outra caída, de papo ao ar; pelo ôvo sobe desembaraçado um sardão, tendo ao lado escrito: *Application de la Ressemblance*.

Sabemos o que isto quere dizer. É uma nova representação artística da fenomenal descoberta do autor sôbre o livre arbítrio.

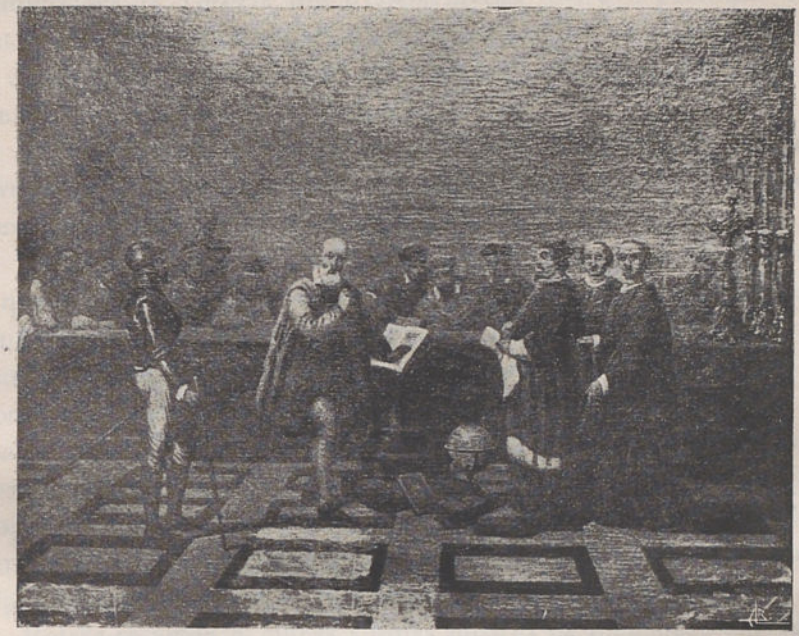
III

Os dois quadros, actualmente no Museu Machado de Castro, são umas pequenas telas sem valor com umas ricas molduras.

O de Galileu, cópia medíocre duma pintura muito conhecida de Robert-Fleury, datando de 1847, *Galilée devant le Saint-Office*, representa o sábio no momento em que se levanta depois de ter, com as mãos sôbre uns Evangelhos, abjurado a sua descoberta, momento em que, segundo a lenda, teria dito, batendo com o pé no chão: «*E pur si muove*».

O da Inquisição, muito enegrecido, provàvelmente também cópia de qualquer quadro para mim desconhecido, representa uma scena de tortura pelo fogo — os carrascos aquecem com uma fogueira as plantas dos pés do paciente imobilisado por um aparelho próprio. No caixilho tem a seguinte espirituosa legenda: *Admirez l'intelligence humaine qu'on dit supérieure à celle des animaux*.

O que dissemos noutro lugar, documentando-o devidamente com



(1)



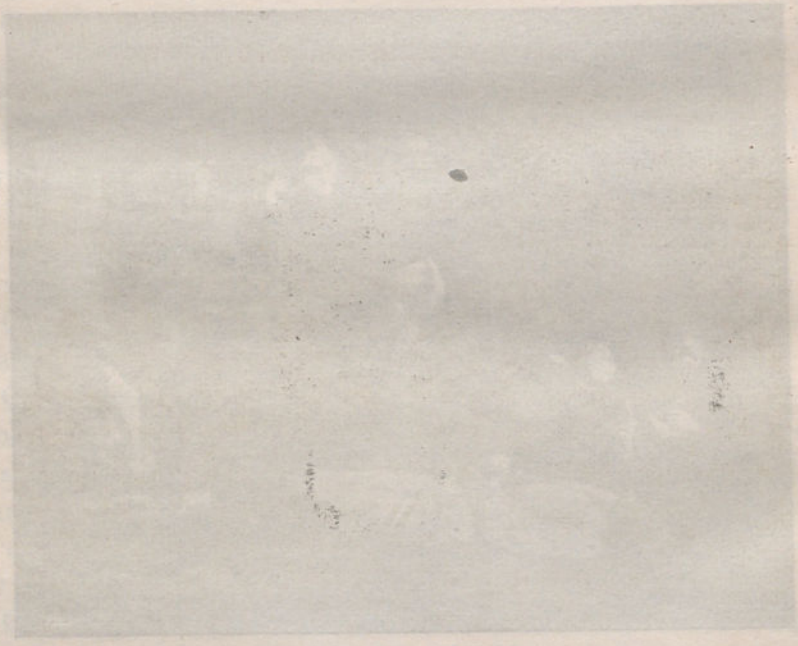
(2)

QUADROS LEGADOS Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA
POR JOSÉ JOAQUIM DA GAMA MACHADO

(1) O de Galileu. (2) O da Inquisição.

Clichés do Instituto de Medicina Legal de Coimbra.





transcrições da *Théorie des Ressemblances*, sôbre o pensamento do autor a respeito da inteligência do homem e dos animais, ajuda-nos a compreender exactamente as intenções de Gama Machado ao mandar pôr no caixilho tal legenda.

As suas opiniões, já referidas também, sôbre matéria religiosa, leva-nos a perceber a estima em que, pelo assunto representado, o comendador deveria ter estas duas pinturas.

Não será necessário insistir. No entanto, para que melhor se veja o que estes dois quadros deveriam representar para o seu possuidor, juntam-se ainda as seguintes transcrições que especialmente se referem a Galileu e à Inquisição — «... a base das crenças cristãs repousa em três princípios: a imobilidade da terra, o instinto nos animais, e, no homem, a inteligência, quere dizer a *razão* com o seu *livre arbítrio*. Galileu foi cruelmente torturado pela inquisição, por ter revelado ao homem o êrro da pretendida imobilidade da terra. Hoje, eleva-se-lhe um monumento em Florença; mas a inquisição desapareceu com as suas fogueiras» (vol. II, pág. 152).

Refere-se ainda a outras vítimas ilustres da Inquisição em vários pontos do livro — a Giordano Bruno que diz ter sido «assassinado judiciàriamente pelo tribunal de Roma, no ano de 1600, como infiel e herético» (vol. II, pág. 160); a Marcel Palingène que «escapou às fogueiras da inquisição durante a sua vida; mas, depois da morte, o seu corpo foi exumado, os seus ossos queimados e reduzidos a cinzas, por ordem dêste tribunal sanguinário» (vol. II, pág. 53), etc.

Refere-se a livros mandados queimar — «Não há muito tempo que a *Origem dos cultos* (de Dupuis) foi queimada pela mão do carrasco, em Buenos-Aires, como muitas obras o tinham sido precedentemente em França; penso que a *Anatomia comparada* (de Cuvier) poderia ter sido também digna desta honra» (vol. II, pág. 118).

Calcula o número de vítimas — «a inquisição desde a sua fundação, aí pelo século catorze, queimou cêrca de cem mil pessoas dos dois sexos, e o dôbro desta gente morreu nas prisões. Avalia-se em três milhões os indivíduos massacrados pelas guerras de religião entre os cristãos, por diferenças de opiniões sôbre passagens da Escritura, que são ainda hoje ininteligíveis...» (vol. II, pág. 158, nota 1).

ALBERTO PESSOA.

Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a antropologia portuguesa

(Conferência realizada na Secção de Sciências Naturais do Congresso Luso-Espanhol (Coimbra) em 18 de Junho de 1925)

As relações apontadas por vários antropologistas entre os caracteres físicos dos antigos habitantes das Canárias e os das actuais populações da região mediterrânica, bem como as induções estabelecidas relativamente à influência que as raças humanas pre-históricas da Europa, e muito particularmente a chamada raça de Cro-Magnon, exerceram na composição étnica da primitiva população das referidas ilhas, interessam sobremaneira a todos os que dedicam a sua atenção ao estudo dos problemas respeitantes às origens étnicas europeias e muito particularmente a nós, habitantes da Península Ibérica.

Por estes motivos, aproveitando a oportunidade de uma missão scientífica ao estrangeiro, na passagem por Paris, efectuei o estudo das importantes colecções de crânios Canários antigos do Museu de História Natural, Sociedade de Antropologia e Laboratório Antropológico da referida cidade.

Observei assim mais de 300 crânios, o que é já um número considerável, e embora me não seja possível apresentar neste momento as conclusões finais dos meus estudos, julgo que alguma coisa de interessante poderei acrescentar ao que já se sabe como resultado das investigações doutros antropólogos.

Como se trata de uma nota preliminar é evidente que as minhas conclusões ficam ainda sujeitas às rectificações que, o estudo mais minucioso e a análise mais completa dos valores estatísticos obtidos, possam impôr.

Feitas estas considerações prévias, indispensáveis para apreciação do meu objectivo e do significado das conclusões que tenho em vista expôr, parece-me também necessário indicar dum modo nítido a

minha opinião relativamente a certos pontos fundamentais em que se baseia a diagnose étnica.

Como se sabe, o problema filogénico é indiscutìvelmente o objectivo fundamental dos estudos histórico-naturais, quando nos colocamos no campo restrito da sciência pura. Admitido o facto da evolução orgânica, as classificações passaram a representar os grupos naturais em posições correspondentes à sua hierarquia morfò-fisiológica e relações filogénicas recíprocas, de tal forma que o problema taxonómico se confunde com o filogénico.

Desta maneira, uma classificação natural representa, em cada momento, a árvore genealógica dos grupos respectivos dispostos segundo a ordem da sua evolução natural.

É pela análise e comparação dos diferentes caracteres que se definem e circunscrevem os grupos naturais, atribuindo a cada carácter um valor dependente da sua importância morfológica ou funcional. Teòricamente seria indispensável o exame comparativo de todos os caracteres dos grupos individuais para podermos efectuar uma classificação natural; todavia o nosso conhecimento dos princípios que se referem à correlação e subordinação dos caracteres, permite simplificar o problema e reduzir a um número relativamente pequeno os caracteres que é indispensável considerar.

É assim, de facto, quando se trata de grupos específicos bem determinados, mas quando a classificação diz respeito a subdivisões da espécie, isto é, a raças ou variedades duma mesma espécie, a solução do problema torna-se mais difícil e complexa pela interferência de certos elementos perturbadores.

Quero-me referir às conhecidas *leis da hereditariedade mendeliana* e às nítidas diferenças hereditárias que existem entre as chamadas *variações flutuantes* e as *mutações*.

É indiscutível que a constituïção dos grupos taxonómicos, e o seu reconhecimento, se torna possível pelo facto dos seus caracteres diferenciais serem hereditários. Mas como a hereditariedade não é mais do que uma certa semelhança orgânica baseada na descendência, sempre que se torne difícil a apreciação do comportamento genético das disposições orgânicas ou funcionais, difícil resulta a determinação das suas origens filéticas.

Por outro lado, a consideração dos chamados *caracteres dominantes* e *caracteres recessivos*, que não podem deixar de entrar em linha de conta quando tratamos de raças ou variedades da mesma espécie, complica consideràvelmente o problema da classificação étnica, em virtude da possibilidade permanente de crusamentos entre indivíduos de procedências diferentes.

Sabido como é, que cada indivíduo, sob o ponto de vista do seu comportamento hereditário, se pode considerar um complexo de caracteres independentes, uns dominantes, outros recessivos, claramente se reconhece que a simples análise dos *caracteres somáticos* é insuficiente para a apreciação da sua verdadeira *natureza genética*. Aquilo que cada indivíduo essencialmente é, o fundo da sua natureza e as potencialidades que encerra, não se pode apreciar pelo simples exame dos seus caracteres aparentes, ou *fenotípicos*. Para conhecermos a sua verdadeira natureza é indispensável a análise do seu comportamento hereditário, isto é, precisamos conhecer a sua *constituïção genotípica*.

Ora, se actualmente muito se tem avançado no que diz respeito ao comportamento hereditário de variadíssimos caracteres tanto de animais como de plantas, no que se refere ao homem, os nossos conhecimentos genéticos respeitantes aos caracteres taxonómicos correntemente empregados nas classificações étnicas, são muito poucos. E quando os nossos estudos se referem a populações extintas as dificuldades são a tal respeito insuperáveis.

Está também averiguado, pelas experiências de Johannsen sôbre os feijoeiros, para não falarmos doutras, que qualquer população, ou grupo de indivíduos representativo duma raça ou variedade, é uma mistura de *linhagens puras*, e que em cada linhagem, cada caracter flutua, dentro de certos limites, em tôrno duma média determinada.

Flutuando cada caracter, nas diferentes linhagens, em tôrno de médias diferentes umas das outras, é-se levado a reconhecer que cada linhagem pura corresponde a uma mutação estabelecida dentro da população considerada, de harmonia com o conceito de De Vries.

Sendo assim, e porque as curvas de flutuação de qualquer caracter comum às diferentes linhagens puras que constituem uma dada população normalmente se sobrepõem numa extensão maior ou menor, torna-se muito difícil pela simples inspecção do aspecto somático de qualquer indivíduo, a diagnose da linhagem pura a que êle de facto pertence.

Finalmente, está averiguado que certos caracteres que num determinado grupo natural representam meras flutuações, sem apreciável valor diagnóstico, noutros grupos de igual categoria taxonómica, correspondem a verdadeiras mutações de importância decisiva.

Isto pôsto, passemos à análise circunstanciada do material estudado, que como dissemos compreende 330 crânios Canários antigos

pertencentes às colecções do Museu de História Natural, da Sociedade de Antropologia e do Laboratório Antropológico de Paris.

Determinámos directamente os elementos indispensáveis para o cálculo dos índices cefálicos horizontal e vertical, alveolar, facial superior de Kollmann, nasal e orbital.

Adoptámos a técnica aprovada no Congresso de Mónaco.

Não determinámos a capacidade do crânio, tendo resolvido fazer a sua apreciação com o auxílio das conhecidas fórmulas de correlação entre as medidas liniares e a capacidade.

Como porém neste momento ainda não temos ultimado êsses cálculos, servimo-nos dos dados fornecidos por Verneau e outros observadores que se tem ocupado destas populações.

Apreciados no conjunto, os antigos habitantes das Canárias apresentam-se, no que se refere aos caracteres cranianos considerados, da seguinte forma:

Canários antigos

Índice cefálico horizontal	75,97	Dolicò-mesocéfalos
Índice cefálico vertical	71,85	Tapinocéfalos
Índice alveolar	94,02	Ortognatas
Índice facial superior	51,40	Leptocameprósopos
Índice nasal	47,53	Leptorrinos
Índice orbital	82,29	Microsemas
Capacidade do crânio	—	Megacéfalos

A capacidade do crânio, segundo os valores médios publicados por Verneau, varia entre 1502 e 1672 centímetros cúbicos, respectivamente para La Palma e Tenerife.

Em resumo: estamos em presença duma população dolicomesocéfala, tapinocéfala, ortognata, leptomesoprósopa, leptorrina, microsema e megacéfala, isto é, duma população de caracteres cefálicos indiscutìvelmente significativos duma alta diferenciação morfológica e duma elevada posição hierárquica, que permitiu a Sergi aproximá-la das populações mediterrânicas, incluindo-a na sua *Estirpe Camítica*, e a Mayer estabelecer o seu confronto com os *Egípcios antigos*.

É também o que à primeira vista se conclui quando fazemos a

comparação dos dados anteriores com os correspondentes aos Portugueses actuais, representados pelos crânios das colecções do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra:

Portugueses actuais

Índice cefálico horizontal	74,25	Dolicocéfalos
Índice cefálico vertical	72,95	Tapino-metriocéfalos
Índice alveolar	94,97	Ortognatas
Índice facial superior	54,27	Leptoprósopos
Índice nasal	46,12	Leptorinos
Índice orbital	85,01	Mesosemas
Capacidade do crânio	1511	Megacéfalos

Semelhante aproximação ainda parece mais justificável quando se confrontam os gráficos representativos das flutuações dêstes caracteres nas populações consideradas (Figs. 1 a 5).

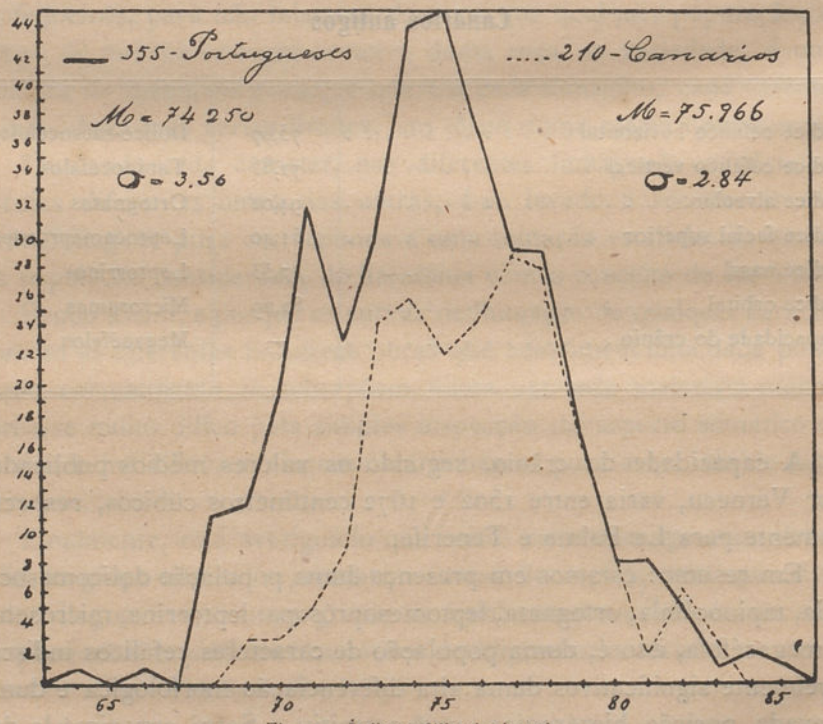


Fig. 1. — Índice cefálico horizonal.

Deixando para ulteriores considerações a apreciação da legitimidade destas aproximações, passemos à análise do modo de compor-

tamento dos diferentes caracteres estudados no que se refere às suas variações nas diferentes ilhas que constituem o arquipélago das Canárias.

É sabido que os diferentes autores estão longe de terem chegado a um acôrdo acêrca do grau de homogeneidade da antiga população

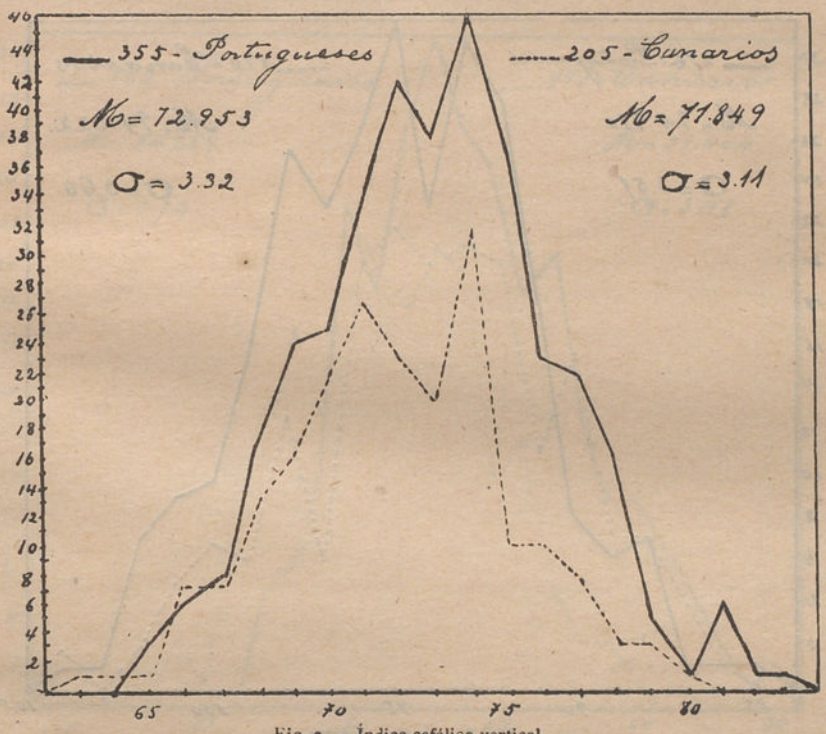


Fig. 2. — Índice cefálico vertical.

destas ilhas, e da identificação dos vários tipos étnicos que entram na sua constituïção.

Assim, ao passo que Verneau reconheceu a existência de:

a) um tipo Guanche, dolicocéfalo, desharmónico, de face larga e baixa, órbitas largas e pouco elevadas, mesorrino, que identifica com a raça prehistórica de Cro-Magnon e localisa particularmente em Tenerife;

b) um tipo Semita, de estatura mediana, dolicocéfalo, de face estreita e alta, cabeça harmónica, distribuído pela Grande Canária, La Palma e Ferro;

c) um tipo, não identificado, mas bem distinto dos outros dois, braquicéfalo, de órbitas altas e nariz largo, principalmente localizado na Gomeira.

Von Luschan e Meyer, admitindo completamente o tipo Guanche de Verneau, afirmam que o tipo dolicoide é camítico e identificam o braquicéfalo com o armenoide.

Vejamos porém os resultados a que nos conduzem as nossas observações.

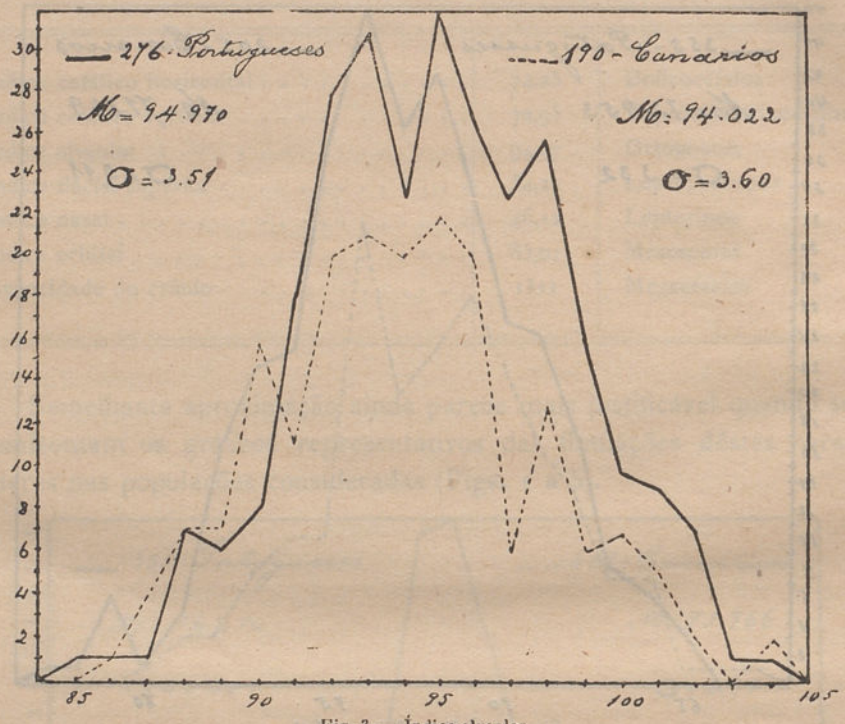


Fig. 3. — Índice alveolar.

O desenvolvimento considerável que nos últimos anos tem atingido o método estatístico, permite efectuar uma análise mais delicada das séries de observações e diagnosticar divergências que a simples comparação das médias tornava impossíveis de reconhecer.

Está suficientemente demonstrado que o valor absoluto da diferença de duas médias nada significa se não estabelecermos a sua comparação com o *desvio padrão* respectivo, pois sómente assim se pode entrar em linha de conta com os factores que implìcitamente regulam a variabilidade dos caracteres e forma da distribuïção dos seus valores dentro do âmbito da oscilação.

Numa distribuïção normal, a amplitude de oscilação dum caracter qualquer é aproximadamente representada pelo tríplo do desvio padrão, e nestas condições, a diferença entre as duas médias não poderá ter significação estatística, se tal diferença não fôr, pelo menos, igual ao tríplo do desvio padrão respectivo.

Quando se trata de caracteres pouco variáveis em populações

homogéneas, e o número dos casos observado é suficientemente elevado, pequenas diferenças entre os valores médios podem ser altamente significativas, nada se podendo afirmar, pelo contrário, quando os caracteres observados são largamente flutuantes e o número de observações não é suficientemente elevado.

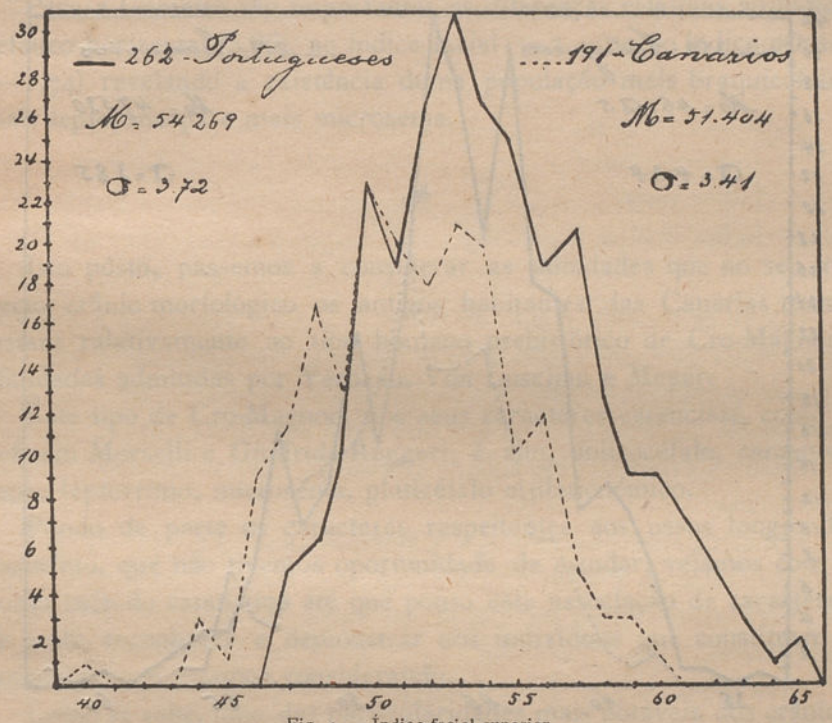


Fig. 4. — Índice facial superior.

Orientados desta maneira, calculámos os valores das *diferenças locais relativas*, para os caracteres estudados, entre as populações das diferentes ilhas do arquipélago, separadamente consideradas, e a população total, obtendo os seguintes resultados:

Diferenças locais relativas

	Tenerife	Ferro	Grande Canária	Gomeira
Índice cefálico horizontal	0,55	— 1,14	— 3,77	5,86
Índice cefálico vertical	— 0,36	0,33	1,03	— 0,88
Índice alveolar	— 0,39	— 2,83	0,68	1,08
Índice facial superior	— 0,86	— 1,72	3,97	— 2,40
Índice nasal	— 2,87	0,85	0,63	0,55
Índice orbital	0,22	1,03	0,60	— 1,74

Por onde se vê claramente:

a) que as populações locais estão longe de se poderem considerar *amostras fortuitas* da população geral estudada; isto é, que no seu conjunto os indivíduos estudados constituem uma população heterogénea pelo que respeita aos caracteres em questão;



Fig. 5. — Índice nasal.

b) que o grau de heterogeneidade é variável para as populações das diferentes ilhas.

Assim de tôdas as ilhas a que se apresenta mais homogénea é a de Tenerife, onde as diferenças locais relativas mostram valores estatìsticamente insignificantes, a não ser a que se refere ao índice nasal (— 2,87).

Quere dizer, a população de Tenerife, relativamente às características gerais da antiga população das Canárias, apresenta-se significativamente mais leptorrima; a média geral para os Canários antigos é 47,53, ao passo que os antigos Guanches têm um índice nasal médio igual a 45,80.

Para a Ilha do Ferro as diferenças mais notáveis dizem respeito aos índices alveolar e facial superior, e são provàvelmente significativas.

Esta população apresenta-se mais ortognata e menos leptopró-

sopa; as respectivas diferenças locais tem os valores — 2,83 e — 1,72.

Para a Grande Canária são muito significativas as diferenças respeitantes ao índice cefálico horizontal (— 3,77) e ao índice facial (3,97), indicando uma população mais dolicocéfala e mais leptoprósopa.

Para a Gomeira são importantes as diferenças relativas ao índice cefálico horizontal (5,86), ao índice facial (— 2,40) e ao índice orbital (— 1,74) revelando a existência duma população mais braquicéfala, mais leptoprósopa e mais microsema.

Isto pôsto, passemos a considerar as afinidades que no seu aspecto crânio morfológico os antigos habitantes das Canárias manifestam relativamente ao tipo humano prehistórico de Cro-Magnon, afinidades admitidas por Verneau, Von Luschan e Meyer.

Êste tipo de Cro-Magnon, nos seus caracteres essenciais, como o definem Morselli e Giuffrida-Ruggeri, é alto, dolicocéfalo, cameprósopo, leptorrimo, microsema, platicéfalo e platicnémico.

Pondo de parte os caracteres respeitantes aos ossos longos do esqueleto, que não tivemos oportunidade de estudar, vejamos com o nosso método estatístico até que ponto esta associação de caracteres se pode reconhecer e demonstrar nos indivíduos que constituem a população que estamos considerando.

Como se sabe, uma das particularidades mais notáveis dos crânios do tipo de Cro-Magnon está na sua acentuada desharmonia crânio-facial, isto é, na associação dum crânio nìtidamente dolicocéfalo com uma face acentuadamente larga e baixa.

Separando, pois, do nosso material, os crânios desharmónicos, e limitando as nossas considerações ao sexo masculino, obtivemos uma série realmente importante, constituída por 32 exemplares, ou sejam aproximadamente 15 %.

Para se apreciar a importância desta percentagem basta dizer que, para os Portugueses actuais, segundo os estudos do meu assistente Dr. Barros e Cunha, a percentagem dos crânios desharmónicos é ligeiramente inferior a 5 %.

Analisando a série desharmónica das Canárias relativamente aos caracteres estudados, obtivemos os seguintes valores médios:

Índice cefálico	73,19
Índice vertical	71,50

Índice alveolar	93
Índice facial	47,94
Índice nasal	49,22
Índice orbital	81,19

Comparando estes valores com os correspondentes à população total, e calculando as diferenças relativas, obtivemos os resultados seguintes:

Índice vertical	— 0,63
Índice alveolar	— 1,72
Índice nasal	— 2,50
Índice orbital	— 1,46

Donde se conclui, pondo de parte os índices cefálico horizontal e facial superior a respeito dos quais fizemos uma selecção prévia, que a nossa população desharmónica manifesta diferenças que são provàvelmente significativas no que se refere aos índices nasal, alveolar e orbital, apresentando-se menos leptorrina, menos prognata e mais microsema.

É interessante observar que é precisamente num dos caracteres mais notáveis do tipo de Cro-Magnon, no valor do índice nasal, que as diferenças da nossa população desharmónica se manifestam mais importantes.

Com efeito, o tipo do Cro Magnon é por todos reconhecido como leptorrino.

Analisando a constituïção individual do grupo desharmónico, é fácil separar os elementos leptorrinos ficando assim constituído um núcleo Cro-Magnonoide que se apresenta interessante.

Êsses crânios, em número de 13, encontram-se distribuídos da seguinte maneira: Tenerife 3, Grande Canária 7, Ilha do Ferro 3.

O que mostra duma maneira insofismável que, se pudermos atribuir ao elemento desharmónico afinidades com o tipo de Cro-Magnon, e explicar essas afinidades por uma razão de ordem filogénica, então teremos de reconhecer que êsse tipo exerceu a sua influência, como seria natural, em tôdas as ilhas, mas com maior intensidade na Grande Canária e não em Tenerife como Verneau supõe.

Voltando agora à apreciação das semelhanças morfológicas entre

os crânios antigos das Canárias e os do tipo mediterrânico actual, que suporemos representado pelos Portugueses, a consideração dos valores das diferenças entre as médias dos diferentes caracteres estudados, fornece-nos o seguinte quadro:

Índice cefálico	— 6,35
Índice vertical	4,01
Índice alveolar	2,83
Índice facial	8,52
Índice nasal	— 4,06
Índice orbital	6,13

O que mostra exuberantemente como a simples consideração dos valores médios nos pode levar a aproximações grosseiras, injustificáveis.

De facto, em todos os caracteres considerados, os valores das diferenças das médias embora pequenos, expressos nos seus desvios padrões, são certamente significativos, mostrando duma maneira indiscutível a posição nìtidamente distinta do grupo Canariano.

Com efeito, muito embora os Portugueses actuais sejam leptomesoprósopos, metriocéfalos, ortognatas, leptorrinos e mesosemas, os antigos habitantes das Canárias são muito menos dolicocéfalos, muito mais tapinocéfalos, mais ortognatas, mais cameprósopos, mais platirrinos e mais microsemas.

Em conclusão:

I) A população primitiva das Canárias apresenta-se como uma população heterogénea, resultante da sobreposição de vários tipos étnicos;

II) É possível reconhecer a existência dum elemento desharmónico, de afinidades Cro Magnonoides, em proporções muito superiores às que actualmente se encontram nas populações mediterrânicas.

III) Ao lado dêsse elemento Cro-Magnonoide existiu indubitàvelmente um outro elemento desharmónico platirrino, como se reconhece pela apreciação da diferença relativa ao índice nasal.

IV) Relativamente à Antropologia Portuguesa, as diferenças locais relativas respeitantes aos caracteres estudados, não permitem no estado actual dos nossos conhecimentos, estabelecer qualquer afinidade genotípica com os antigos habitantes das Canárias.

Sôbre outros caracteres morfológicos, e muito particularmente sôbre alguns dos chamados caracteres descritivos côr da pele, dos olhos e do cabelo, pouco se sabe.

DR. EUSÉBIO TAMAGNINI.
Prof. de Antropologia na Faculdade de Sciências de Coimbra.

Descrição de um crânio Guanche existente no Museu Antropológico de Coimbra

Descrição do crânio

É de um homem velho, e pode constituir um belo exemplar da sub-variedade de Sergi, *Ellipsoides parallelipipedoides canariense.* Com efeito, em norma vertical, o paralelismo dos lados não é tão nítido como no tipo desta sub-variedade representado na *Fig. 48, pág. 74* do livro *Specie e varietá umane*, mas não é inferior ao que se vê na *Fig. 45* da mesma obra, tipo de *parallelipipedoides africum*.



Fig. 1. — Norma facial.

Por outro lado, em norma lateral, apresenta de forma nitidíssima o carácter descrito por Sergi como distintivo da sub-variedade canariense: «*un frontale molto sviluppato in larghezza e in altezza, e cosi che supera il piano orizzontale della volta cranica* (*Op. cit.*, pág. 74-75).

Nota-se ligeira assimetria, tanto na norma vertical como na facial, e na occipital, sendo o crânio mais desenvolvido, tanto na região frontal como na occipital, do lado direito, emquanto pelo contrário a bossa parietal é um pouco mais acentuada do lado esquerdo. O plano sagital sofre um ligeiro desvio da vertical, de modo a fazer com o plano horizontal de Francfort diedros de 91° à direita e 89° à esquerda, aproximadamente; uma vertical levantada do basion cortaria a abóbada a cêrca de 2^{mm} à direita do bregma (Fig. 3).

É muito levemente fenozigo. As suturas da abóbada são pouco complicadas com soldadura quási completa, a sagital obliterada inteiramente desde 3cm atrás do bregma até ao lambda.



Fig. 2. — Norma lateral.

A glabela é saliente, o frontal elevado e com curvatura muito regular; existe uma ligeira depressão post-bregmática, como é freqüente na raça Guanche (VERNEAU, *Mission scientifique dans l'Archipel Canarien*, pág. 590), e um pequeno achatamento parieto-occipital. Parte superior do occipital arredondada, inion pouco saliente, base do occipital bastante aplanada.

Apófises mastoides compridas mas pouco volumosas, arcadas zigomáticas largas, fossas temporais profundas. Ligeiro descolamento das escamas temporais de ambos os lados.

Existe desarmonia crânio-facial: a face é camepróspopa, as órbitas baixas e quadrangulares, a raiz do nariz bastante deprimida, os ossos nasais muito salientes na parte inferior; o nariz é contudo levemente platirrino; abertura nasal ovóide com bordos nítidos e espinha sub-nasal saliente, embora não muito grande.

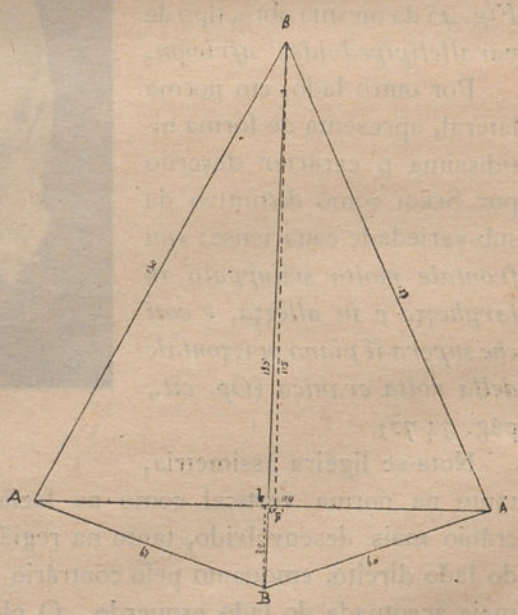


Fig. 3. — Projecção do tetraedro biauriculo-basi-bregmático

Ortognata. A distância naso-alveolar é pequena, estando os alvéolos muito gastos. Não conserva nenhum dente.

Palatino parabólico, um pouco assimétrico. Espinha nasal poste-

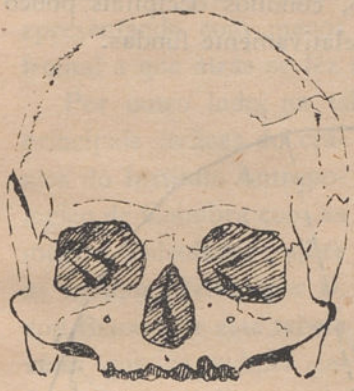


Fig. 2 *a*. — Norma facial.



Fig. 2 *b*. — Norma occipital.

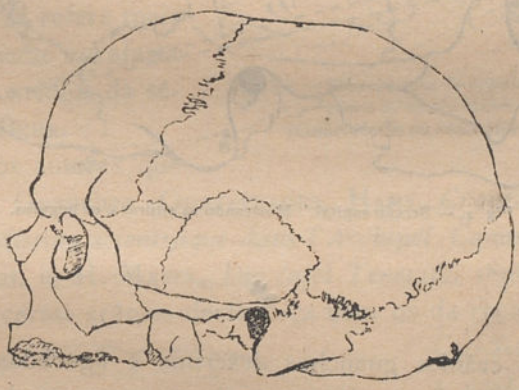


Fig. 2 *c*. — Norma lateral.

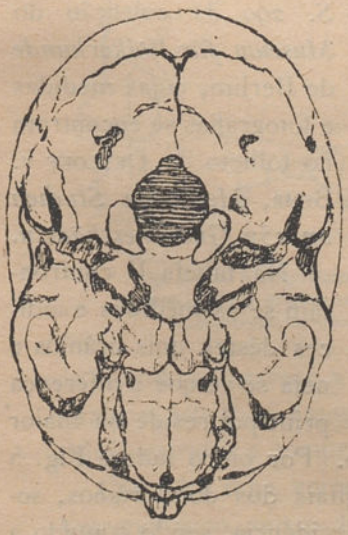


Fig. 2 *d*. — Norma basal.

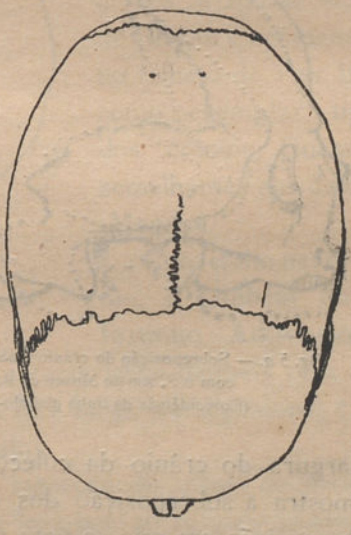


Fig. 2 *e*. — Norma vertical.

rior nítida. Buraco occipital lanceolado, côndilos occipitais pouco salientes. Fossas glenoides estreitas e relativamente fundas.

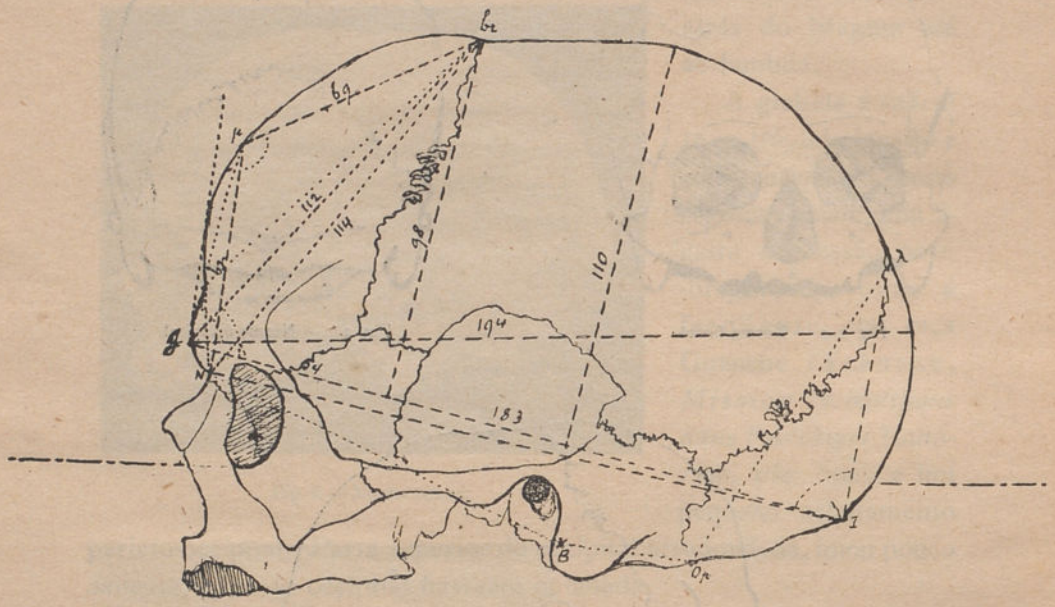


Fig. 4. — Secção sagital. Mostrando as alturas e os ângulos.

Dos vários crânios guanches descritos e figurados até hoje em diversas publicações, aquele que mais se aproxima do exemplar do Instituto de Antropologia de Coimbra é o crânio *S. 290* da colecção do *Museum für Völkerkunde* de Berlim, cujas medidas e fotografias se encontram no folheto de Detloff v. Behr, *Metrische Studien an 152 Guancheschädeln.*

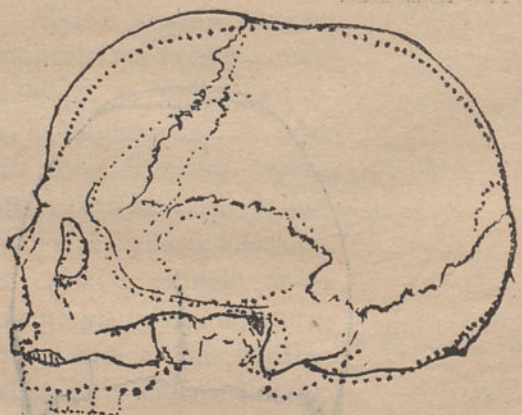


Fig. 5 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche de Coimbra com o S. 290 do Museu de Berlim. (Coincidência da linha glabelo-iniaca).

Na tabela II confrontam-se as medidas e índices dêstes dois crânios e nela se vê que a diferença principal reside na maior largura do crânio da colecção de Berlim. Por outro lado a Fig. 5 mostra a sobreposição dos contornos sagitais dos dois crânios, sobreposição em que se nota uma quási coincidência, sendo contudo a

abóbada do crânio de Berlim ligeiramente mais deprimida, isto é, apresentando com menos nitidês a notável elevação da escama do frontal a que atrás se fêz referência.

Por outro lado, na tabela III, comparam-se a capacidade e os principais índices do crânios do Instituto Antropológico de Coimbra com as medias calculadas sôbre as medidas feitas por D. von Behr; por esta tabela vê-se que os índices cefálico horizontal e vérticò-transverso são aqueles em que o crânio a que êste estudo se refere mais acentuadamente se afasta dos valores médios da série de von Behr.

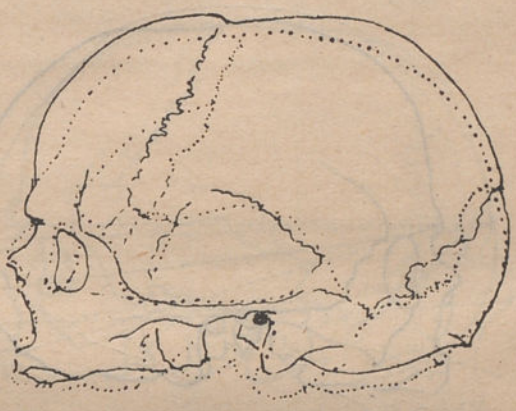


Fig. 5 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche de Coimbra com o S. 290 do Museu de Berlim. (Coincidência do Plano Hor. de Francfort).

Todos os autores que tratam dos Guanches (Quatrefages, Hamy, *Crania Ethnica*, 1873; Verneau, *Mission scientifique dans l'Archipel Canarien*, 1887; Von Luschan, cit. in H. Mayer, *Die Insel Tenerife*, 1896) notam a semelhança de certos crânios desta raça com os da raça pre-histórica de Cro-Magnon, e atribuem a essa semelhança alguma significação etnogénica. Precisamente o crânio *S. 290* do Museu de Berlim é apresentado no folheto de Von Behr como exemplar típico dos crânios Guanches semelhantes aos de Cro-Magnon.

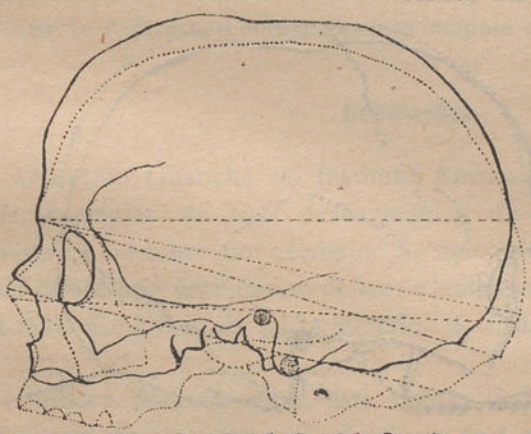


Fig. 6 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche com o de Cro-Magnon em contôrno sagital. (Coincidência da linha glabelo-iniaca).

Com efeito nesse crânio, e também no do Instituto Antropológico de Coimbra, aparece a *desharmonia* característica daquela raça quaternária, isto é, a associação de uma face larga (cameprosopa) e um crânio estreito e comprido (dolicocéfalo).

Contudo, uma comparação mais rigorosa do crânio do Instituto Antropológico com o de Cro-Magnon leva-nos ao reconhecimento de

profundas divergências entre os dois tipos: em primeiro lugar o crânio que estamos estudando é platirrino, ao contrário da acentuada leptorrínia da raça de Cro-Magnon; em segundo lugar a arquitectura dos dois crânios é tão diferente que não há maneira de conseguir uma sobreposição satisfatória dos respectivos contornos sagitais, como se vê da Fig. 6. Fazendo coincidir a linha glabelo-iníaca, a abóbada do crânio de Cro-Magnon fica tôda abaixo da do crânio Guanche, projectando, também para baixo, tanto a base do crânio como a parte maxilar.

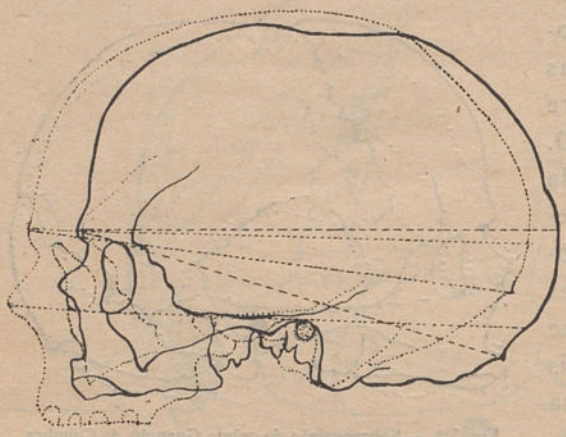


Fig. 6 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche com o de Cro-Magnon em contôrno sagital. (Coincidência do plano horizontal de Francfort).

Se por outro lado fizermos coincidir o plano horizontal de Francfort e o orifício auricular nos dois crânios, revela o Guanche um desenvolvimento maior da região occipital, emquanto o esqueleto facial de Cro-Magnon se projecta para a frente e para baixo.

No estudo publicado há alguns anos sôbre o índice facial nos portugueses, demonstrou-se a existência de um tipo, para o qual propusemos a designação de *Cro-Magnonoide moderno*, desharmónico como o tipo Cro-Magnon verdadeiro, mas com tendências platirrinas. Êste tipo é representado na colecção do Instituto Antropológico de Coimbra por quatro crânios que no referido estudo foram descritos e figurados. Ocorre naturalmente agora perguntar se a desharmonia de certos crânios Guanches, como o nosso, não será mais atribuível à influência de um elemento desharmónico semelhante ao tipo Cro-Magnonoide

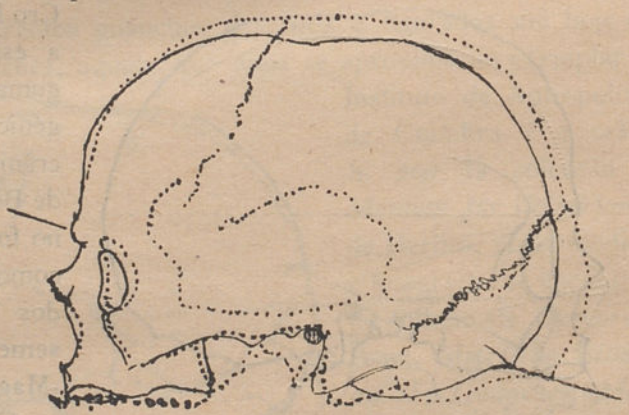


Fig. 7 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche com o Cro-Magnonoide moderno n.º 5o.

moderno da península ibérica, do que a relações étnicas com a raça quaternária francesa.

Efectivamente a Fig. 7 mostra que se obtém de uma maneira bastante satisfatória a sobreposição do contôrno sagital do crânio Guanche com os crânios desharmónicos n.os 501 e 374 da colecção do Instituto Antropológico de Coimbra, ficando o contôrno do Guanche de alguma maneira compreendido entre os dois contornos dos crânios portugueses.

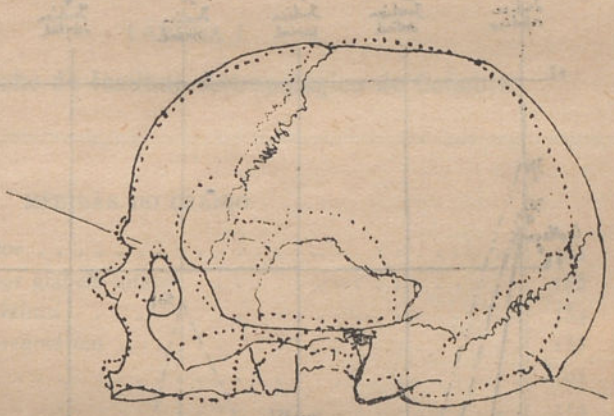


Fig 7 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche com o Cro-Magnonoide moderno n.º 374.

O gráfico da *série de convergência indefinida*, que se obtém tomando por base as medidas do crânio Guanche, e utilizando para cada índice os desvios padrões calculados sôbre a série de Von Behr, mostra também que todos os quatro crânios do tipo Cro-Magnonoide moderno ficam mais próximos do Guanche do que o crânio de Cro-Magnon, no que se refere aos seis índices principais e à capacidade.

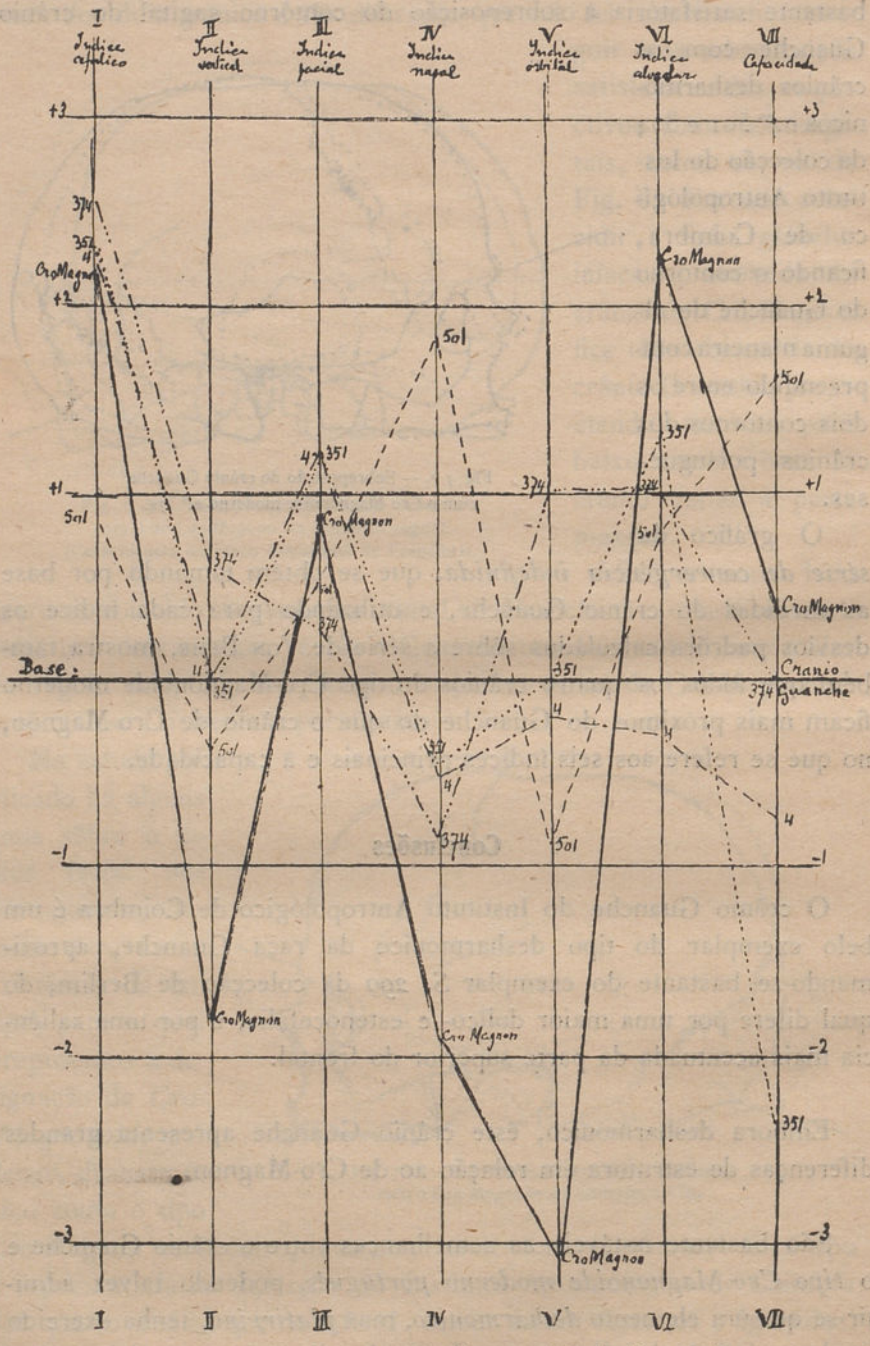
Conclusões

O crânio Guanche do Instituto Antropológico de Coimbra é um belo exemplar do tipo desharmónico da raça Guanche, aproximando-se bastante do exemplar *S. 290* da colecção de Berlim, do qual difere por uma maior dolico- e estenocefalia, e por uma saliência mais acentuada da parte superior do frontal.

Embora desharmónico, êste crânio Guanche apresenta grandes diferenças de estrutura em relação ao de Cro-Magnon.

São bastante notáveis as semelhanças entre o crânio Guanche e o *tipo Cro-Magnonoide moderno português*, podendo talvez admitir-se que um elemento *desharmonico*, mas *platirrino*, tenha exercido qualquer influência sôbre a população das Canárias e também sôbre a da península ibérica.

Gráfico de convergência indefinida dos Crânios portugueses Cromagnonoides modernos
e do Crânio de Cro Magnon com o Crânio Guanche como base



Os desvios padrões são os calculados sôbre as medidas da série masculina
de Von Behr (Guanches)

Esta conclusão é corroborada pela existência, nas colecções de Paris estudadas pelo Dr. Eusébio Tamagnini, de um grupo de crânios das Canárias relativamente numeroso (20 ♂ e 7 ♀ numa população total de 330) desharmónicos e platirrinos.

TABELA I

Crânio Guanche do Instituto Antropológico de Coimbra

MEDIDAS DO CRÂNIO	
Diâmetro ântero-posterior	194
Diâmetro ântero-posterior glabelo-iníaco	183
Diâmetro transversal máximo	134
Diâmetro vertical basi-bregmático	135
Distância basi-nasal	105
Largura bi-auricular	114
Largura bi-mastoide	119
Largura frontal mínima	94
Largura frontal máxima	114
Circunferência horizontal	529
Arco sagital	390
Arco transversal	308
Arco frontal	133
Arco parietal	137
Arco occipital	120
Arco lâmbda-inion	75
Corda frontal	114
Corda parietal	125
Corda occipital	96
Corda lâmbda-inion	70
Corda inion-opistion	44
Arco auriculò-bregmático direito	156
Arco auriculò-bregmático esquerdo	152
Corda auriculò-bregmática direita	130
Corda auriculò-bregmática esquerda	127
Distância do basion à aurícula direita	61
Distância do basion à aurícula esquerda	60
Buraco occipital: comprimento	37
Buraco occipital: largura	30
Altura auriculò-bregmática	115
Capacidade	1550 ^{cm3}
Angulo do bregma	61°
Angulo de curvatura do frontal (B p n)	121°
Angulo do lâmbda	84°
Angulo da inclinação da fronte	98°

MEDIDAS DA FACE	
Distância basi prostiónica	101
Altura facial superior	♀ 58
Largura bi-zigomática	126
Largura bi-orbitária	95
Largura facial superior (fronto-malar)	101
Largura bi-jugal	112
Largura facial de Virchow	95
Órbitas: largura	39.5
Órbitas: altura	30
Distância inter-orbitária	23
Nariz: comprimento	45.5
Nariz: largura	24
Palatino: comprimento	48
Palatino: largura	36
Largura da arcada alveolar	58
Flecha da arcada alveolar	54
Angulo facial de Francfort	85.°5
Angulos do triângulo facial B N Pr.	70°
Angulos do triângulo facial B Pr N	78°
Angulos do triângulo facial Pr B N	32°
Angulo da linha B N com a horizontal	24.°5

ÍNDICES	
Cefálico horizontal	69.07
Cefálico vertical	69.59
Vértic-òtransverso	100.75
Facial superior (Kolmam)	46.03
Orbital	75.95
Nasal	52 75
Índice da posição do bregma	29.5
Índice da altura do calote	60 1
Índice da posição da altura máxima da calote	57.4

TABELA II

Comparação das medidas de dois crânios Guanches

	S. 290 (V. Behr)	Instituto de Coimbra
Capacidade	1490	1550
Comprimento máximo	194	194
Largura máxima	144	134
Altura	133	135
Diâmetro frontal mínimo	100	94
Diâmetro frontal máximo	121	114
Largura bi-zigomática	138	126
Largura maxilar	110	95
Altura facial superior	71	> 58 (?)
Nariz: altura	51	45.5
Nariz: largura	25	24
Nariz: largura máxima dos ossos nasais	11	10
Órbita: largura	40	39.5
Órbita: altura	32	30
Órbita: distância inter-orbitária	—	23
Palatino: largura	44	36
Palatino: comprimento	46	48
Arcada alveolar: largura	66	58
Arcada alveolar: flecha	55	54
Distância basi-prostiónica	99	101
Distância basi-nasal	103	105
Índice cefálico	74.2	69.07
Índice vertical	68.6	69.59
Índice alveolar	96.12	96.19
Índice facial	51 4	46.03 (?)
Índice orbital	80.0	75.95
Índice nasal	49.0	52.75
Índice palatino	95.7	75

TABELA III

Série de crânios medidos por V. Behr		Média	Desvio padrão	Crânio do Instituto Antropológico de Coimbra	Diferenças	
					δ	δ/σ
		cc cc	cc cc	cc		
Capacidade	76 ♂	1502 ± 8	105 ± 5.7	1550	+ 48	+ .457
Índice cefálico	83 ♂	77.58 ± .16	2.14 ± .12	69.07	— 8.51	— 3.98
Índice vertical	76 ♂	76.025 ± .19	2.46 ± .13	69.59	— 1.035	— .42
Índice vérticò-transverso	76 ♂	91.41 ± .25	3.29 ± .18	100.75	+ 9.34	+ 2.84
Índice facial superior . .	55 ♂	52.05 ± .28	3.10 ± .20	46.03	— 6.02	— 1.94
Índice orbital	77 ♂	82.68 ± .37	4.79 ± .26	75.95	— 6.73	— 1.405
Índice nasal	75 ♂	46.33 ± .31	4.00 ± .22	52.75	+ 6.42	+ 1.605

J. G. DE BARROS E CUNHA.

1.º Assistente do Instituto de Antropologia da Faculdade de Sciências da Universidade de Coimbra.

Sôbre alguns caracteres sexuais dos húmeros portugueses [1]

Nos últimos tempos, a osteometria dos óssos longos dos membros tem atraído mais vivamente os antropologos, e os resultados obtidos denunciam-nos o manifesto interêsse prático de semelhantes investigações, não só debaixo do ponto de vista antropozoológico, mas muito especialmente debaixo do ponto de vista das variações étnicas e sexuais.

No nosso trabalho visámos exclusivamente a determinação dos caracteres sexuais do húmero português, e com êsse intuito estudámos as duas séries de húmeros existêntes no *Instituto de Antropologia da Faculdade de Sciências de Coimbra.*

Uma, formada pelos húmeros pertencentes à colecção de 72 esqueletos [2] identificados quanto ao sexo, idade e naturalidade; outra, formada por 1648 húmeros [3] isolados e não identificados, provenientes na sua maior parte da Sé Catedral, Igreja de S. João, Convento de Santa Teresa, Convento de Santa Ana e Colégio de S. Boaventura de Coimbra, Convento de Cristo de Tomar e Convento de Jesus de Lisboa.

Realizado o estudo da colecção identificada e compulsados os valores das medidas efectuadas, resultou conhecer-se que algumas delas têm irrecusavel valor para a diagnose sexual.

Com efeito, verifica-se para alguns caracteres métricos, uma diferenciação quási completa entre os valores obtidos para os húmeros masculinos e femininos, e conseguintemente a existência de

---

[1] Um resumo do presente trabalho com o título *Sôbre um quadro-padrão para a diagnose sexual nos humeros portugueses,* foi apresentado como comunicação, à secção de Sciências Naturais do Congresso Luso-Espanhol realisado em Coimbra em Junho de 1925.

[2] Só utilisámos os húmeros dos 62 esqueletos adultos da colecção.

[3] Devido ao estado de deterioração em que se encontram alguns exemplares desta série, utilizámos, sómente, 1595 humeros, e em muitos destes nem tôdas as medidas se puderam efectuar.

diferenças sexuais bastante acentuadas e estatísticamente significativas entre os respectivos valores médios.

Conhecidos, pois, quais os caracteres utilizaveis na diferenciação sexual dos húmeros portuguêses, procedemos ao estudo da colecção geral e assim organizámos as séries masculina e feminina desta colecção.

E cotejando os resultados obtidos nas duas colecções, colhemos elementos que nos permitiram reconhecer o valor prático dos limites indicados para os caracteres masculinos e femininos com os quais estabeleceramos o quadro-padrão para a diagnose sexual dos húmeros portugueses.

Os quatro índices propostos para o húmero — *robustez*, *diafisário*, *secção da cabeça e epicondilo-troclear* — foram determinados para os exemplares da colecção identificada, mas os resultados obtidos não nos forneceram elementos apreciaveis quanto à sua utilização para a diagnose sexual.

I

Medidas efectuadas e técnica seguida [1]

I) Comprimento máximo. — Determina-se esta medida na prancha osteométrica colocando o ôsso com a face posterior voltada para cima.

A medida é dada pela distância compreendida entre o ponto da cabeça do húmero que se apoia na parede transversal da prancha e o ponto mais saliente do bordo interno da tróclea.

II) Largura da epifise superior. — Determina-se esta medida numa prancha osteométrica provida duma parede longitudinal e duma parede transversal, sendo esta graduada em milímetros.

Efectua-se a medida colocando o ôsso com a face posterior voltada para cima e encostado pela epifise superior às paredes longitudinal e transversal, e pela epifise inferior à parede longitudinal.

A medida é dada pela distância compreendida entre a parede longitudinal e a tangente, paralela a esta parede, que passa pelo ponto mais saliente da epifise superior.

III) Largura epicondiliana (ou largura da epifise inferior). — Procede-se identicamente como na medida anterior, colocando a epifise inferior encostada às paredes longitudinal e transversal, e a epifise superior à parede longitudinal.

---

[1] Dr. Rudolf Martin, *Lehrbuch der Antropologie;* F. Frasseto, *Lizioni di Antropologia,* vol. III.

IV) Diametro máximo no meio da diáfise. — Determina-se esta medida fazendo rolar o ôsso entre os dois ramos duma craveira até se encontrar o maior diâmetro.

V) Diametro mínimo no meio da diáfise. — Procede-se identicamente como na medida anterior.

VI) Circunferencia mínima da diáfise. — Efectua-se esta medida com um fio encerado que nos dá o perímetro da circunferência.

VII) Circunferencia da cabeça. — Procede-se identicamente como na medida anterior, aplicando o fio sôbre o bordo da superfície articular.

VIII) Diametro transverso da cabeça. — Determina-se esta medida com a craveira, aplicando as pontas dos dois ramos nas extremidades do diâmetro transverso da cabeça, precisamente no bordo da superfície articular.

IX) Diametro sagital da cabeça. — Procede-se identicamente como na medida anterior, aplicando a craveira segundo o diâmetro sagital.

X) Largura da superfície tróclear. — Efectua-se esta medida com a craveira, colocando o ôsso verticalmente e com o bordo anterior voltado para o observador, aplicando as pontas da craveira nos bordos da superfície articular, segundo uma linha sensivelmente paralela ao eixo da troclea.

XI) Ângulo condilo-diafisário (ângulo troclear ou ângulo de divergência). — Efectua-se esta medida numa prancha esteométrica provida de goniómetro colocando o ôsso com a face posterior voltada para cima e encostando a troclea à parede vertical da prancha.

Faz-se em seguida coïncidir o ponteiro do goniómetro com o eixo do corpo do húmero e observa-se no transferidor o valor do ângulo agudo formado pela tangente à superfície inferior da troclea com o eixo da diáfise.

XII) Angulo de torção. — Efectua-se esta medida com o paralelógrafo, projectando sôbre um papel duas linhas que representem respectivamente a direcção do eixo da cabeça e a direcção do eixo da troclea. Para isso, servimo-nos de duas agulhas de aço de cêrca de 25 centimetros de comprimento que fixamos com cêra amolecida, uma, na extremidade superior do húmero, segundo a direcção de uma linha que partindo da grande tuberosidade divida ao meio a superfície articular da cabeça, outra, na extremidade inferior, segundo uma linha sensivelmente paralela ao eixo da troclea.

A seguir fixa-se o ôsso verticalmente no esteóforo e projectam-se sôbre um papel, por meio do paralelógrafo, dois pontos afastados de cada uma das agulhas; unem-se os pontos correspondentes a cada

agulha e mede-se com o transferidor o ângulo formado pelas duas linhas assim traçadas.

Indices

$$\textit{Índice de robustez} = \frac{\text{Circunferência mínima da diafise} \times 100}{\text{Comprimento máximo}}.$$

$$\textit{Índice diafisário} = \frac{\text{Diametro mínimo no meio da diafise} \times 100}{\text{Diametro máximo no meio da diafise}}.$$

$$\textit{Índice da secção da cabeça} = \frac{\text{Diametro transverso da cabeça} \times 100}{\text{Diametro sagital da cabeça}}.$$

$$\textit{Índice epicondilo-troclear} = \frac{\text{Largura da superfície troclear} \times 100}{\text{Largura epicondiliana}}.$$

II

Colecção identificada

Notando nos quadros que a seguir apresentamos os valores que obtivemos para os húmeros masculinos e femininos, verifica-se que alguns caracteres estudados apresentam diferenças tão acentuadas e estatísticamente significativas [1] entre os seus valores médios nos dois sexos — *o valor máximo obtido para os húmeros femininos é quási igual ao valor mínimo obtido para os húmeros masculinos* — que desde logo se podem considerar caracteres sexuais de 1.ª ordem.

Estão neste caso e por ordem de sua importância para a diagnose sexual, os seguintes:

Circunferência da cabeça;
Diâmetro transverso da cabeça;
Diâmetro sagital da cabeça;
Largura da epifise superior;
Largura da superfície troclear;
Largura epicondiliana.

E, exceptuando o ângulo condilo-diafisário, o ângulo de torção e os índices determinados, ainda podemos considerar os restantes caracteres estudados como caracteres sexuais subsidiários, porquanto à diferença sexual das médias se pode também atribuir significação estatística, visto essa diferença ser igualmente superior a três vezes o desvio padrão respectivo.

---

[1] Para podermos atribuir significação estatística à diferença entre duas médias é preciso que o valor dessa diferença seja, pelo menos, igual a três vezes o desvio padrão respectivo. Cf. G. Udny Yule, *An Introduction to the Theory of Statistics*, pág. 341. Cit. *in* Dr. Eusébio Tamagnini, *O Fémur Portugues*. Coimbra, 1916.

Comprimento máximo

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos	325.036 ± 2.058	15.84 ± 1.455	361	301
27 ♂ — Esquerdos	320.448 ± 1.918	14.76 ± 1.356	352	291
33 ♀ — Direitos.	297.700 ± 1.395	11.88 ± 0.986	327	278
33 ♀ — Esquerdos	292.608 ± 1.433	12.20 ± 1.013	327	270
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	322.744 ± 1.422	15.48 ± 1.004	361	291
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	295.152 ± 1.433	12.36 ± 0.726	327	270
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	27.592 ± 1.747	2.59 ± 1.235	10.6	

Largura da epifise superior

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	48 889 ± 0.311	2.40 ± 0.220	54	45
27 ♂ — Esquerdos	47.926 ± 0.290	2.24 ± 0.205	53	44
33 ♀ — Direitos.	44.000 ± 0.179	1.53 ± 0.126	48	41
32 ♀ — Esquerdos	43.094 ± 0.181	1.52 ± 0.128	47	40
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	48.408 ± 0 217	2.37 ± 0 153	54	44
65 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	43.554 ± 0.133	1.59 ± 0.094	48	40
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	4.854 ± 0.250	0.37 ± 0.176	13,1	

Largura epicondiliana

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
26 ♂ — Direitos.	60.616 ± 0.427	3.23 ± 0.302	68	55
27 ♂ — Esquerdos	60.593 ± 0.421	3.24 ± 0.297	69	55,5
33 ♀ — Direitos.	53.728 ± 0.320	2.73 ± 0.226	60	49
31 ♀ — Esquerdos	53.484 ± 0.331	2.73 ± 0.233	59	48
53 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	60.604 ± 0.299	3.23 ± 0.211	69	55
64 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	53.610 ± 0.230	2.73 ± 0.162	60	48
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	6.994 ± 0.371	0.55 ± 0.262	12,7	

Diâmetro máximo no meio da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	22.481 ± 0.215	1.66 ± 0.152	26	19,5
27 ♂ — Esquerdos	22.185 ± 0.196	1.51 ± 0.138	25	19
33 ♀ — Direitos.	20.243 ± 0.189	1.61 ± 0.133	25	17
33 ♀ — Esquerdos	19.879 ± 0.170	1.45 ± 0.120	23	17
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	22.333 ± 0.146	1.59 ± 0.103	26	19
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	20.061 ± 0.133	1.61 ± 0.094	25	17
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	2.272 ± 0.196	0.29 ± 0.138	7,8	

Diâmetro mínimo no meio da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	17.593 ± 0.200	1.54 ± 0.141	21	15
27 ♂ — Esquerdos	17.519 ± 0.200	1.54 ± 0.141	21	14,5
33 ♀ — Direitos.	15.576 ± 0.155	1.32 ± 0.109	18	13
33 ♀ — Esquerdos	15.455 ± 0.163	1.39 ± 0.115	18,5	13
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	17.556 ± 0.141	1.54 ± 0.090	21	14,5
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	15.516 ± 0.112	1.36 ± 0.079	18,5	13
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	2.040 ± 0.175	0.26 ± 0.124	7,8	

Circunferência mínima da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	65.926 ± 0.526	4.05 ± 0.372	75	59
27 ♂ — Esquerdos	65.482 ± 0.514	3.96 ± 0.363	73	59
33 ♀ — Direitos.	58.485 ± 0.394	3.36 ± 0.279	67	54
33 ♀ — Esquerdos	57.970 ± 0.384	3.27 ± 0.271	65	53
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	65.704 ± 0.368	4.01 ± 0.260	75	59
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	58.228 ± 0.276	3.33 ± 0.195	67	53
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	7.476 ± 0.459	0.68 ± 0.324	10,9	

Circunferência da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
26 ♂ — Direitos.	141.500 ± 0 850	6.42 ± 0.600	157	130
27 ♂ — Esquerdos	140.520 ± 0.722	5.56 ± 0.510	150	130
30 ♀ — Direitos.	124.166 ± 0.569	4.62 ± 0.402	132	115
32 ♀ — Esquerdos	122.908 ± 0.522	4.38 ± 0.369	130	114
53 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	141.000 ± 0.557	6.02 ± 0.394	157	130
62 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	123.518 ± 0.389	4.54 ± 0.275	132	114
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	17.482 ± 0.681	1.01 ± 0.481	17,3	

Diâmetro transverso da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
26 ♂ — Direitos.	42.230 ± 0.300	2.27 ± 0.212	47,5	38
27 ♂ — Esquerdos	41.852 ± 0.216	1.67 ± 0.153	44,5	39
29 ♀ — Direitos.	37.034 ± 0.165	1.32 ± 0.116	40	33
33 ♀ — Esquerdos	36.667 ± 0.190	1.62 ± 0.134	41	33
53 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	42.037 ± 0.184	1.99 ± 0 130	47,5	38
62 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	36.839 ± 0.128	1.50 ± 0.090	41	33
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	5.198 ± 0.223	0.33 ± 0.157	15,7	

Diâmetro sagital da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	45.222 ± 0.280	2.16 ± 0.198	50	41
27 ♂ — Esquerdos	44.852 ± 0.267	2.06 ± 0.189	49	40,5
30 ♀ — Direitos.	39.700 ± 0.221	1.84 ± 0.156	43	35
33 ♀ — Esquerdos	39.484 ± 0.199	1.70 ± 0.141	43	37
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	45.037 ± 0.193	2.12 ± 0.136	50	40,5
63 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	39.587 ± 0.150	1.77 ± 0.106	43	35
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	5.450 ± 0.242	0.36 ± 0.171	15,1	

Largura da superfície troclear

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
22 ♂ — Direitos.	44.410 ± 0.317	2.21 ± 0.224	48	41
22 ♂ — Esquerdos	43.910 ± 0.321	2.24 ± 0.227	48	40
28 ♀ — Direitos.	38.965 ± 0.209	1.64 ± 0.147	43	36
25 ♀ — Esquerdos	38.580 ± 0.232	1.72 ± 0.164	43	35,5
44 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	44.160 ± 0.227	2.24 ± 0.160	48	40
53 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	38.784 ± 0.156	1.69 ± 0.110	43	35,5
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	5.376 ± 0.276	0.41 ± 0.195	13,1	

Angulo condilo-diafisário

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos.	80.815 ± 0.363	2.80 ± 0.257	88	75
27 ♂ — Esquerdos	82.445 ± 0.407	3.14 ± 0.288	89	76
33 ♀ — Direitos.	81.304 ± 0.341	2.91 ± 0.241	87	75
35 ♀ — Esquerdos	82 629 ± 0.377	3.31 ± 0.266	88	77
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	81.630 ± 0.282	3.08 ± 0.199	89	75
68 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	81.986 ± 0.377	3.19 ± 0.184	88	75
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	0.356 ± 0 377	0.56 ± 0.267	0,6	

Angulo de torção

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
24 ♂ — Direitos.	151.376 ± 1.400	10.17 ± 0.990	163,5	131
25 ♂ — Esquerdos	153.320 ± 1.274	9.45 ± 0.901	170,5	132,5
31 ♀ — Direitos.	156.740 ± 1.206	9.96 ± 0.853	176	138
31 ♀ — Esquerdos	158.096 ± 1.093	9.03 ± 0.773	176	137,5
49 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	152.366 ± 0.948	9.84 ± 0.670	170,5	131
62 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	157.418 ± 0.817	9.54 ± 0.577	176	137,5
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	5.052 ± 1.247	1.85 ± 0.882	2,7	

Verificando-se pelo exame dos quadros antecedentes que, em quási todos os caracteres estudados podemos atribuir significação estatística à diferença sexual das médias [1] visto que o valor dessa diferença é muito superior a três vezes o desvio padrão respectivo, somos autorizados a utilizar os referidos caracteres na diagnose sexual dos humeros.

Além disto, para os caracteres que reputámos de primacial valor sexual, os limites que separam os casos duvidosos — Intersexuados — são muito próximos, devendo especialmente notar-se a circunferência da cabeça onde esses limites são respectivamente 130 e 132 milímetros, apesar da amplitude de variação dêste caracter nos humeros estudados oscilar entre 114 e 157 milímetros.

O gráfico que apresentamos (fig. 1) onde as curvas de variação para os dois sexos se fazem em campos quási independentes, mostra-nos exuberantemente a valiosa importância que tem a circunferência da cabeça para a diagnose sexual dos húmeros.

---

[1] Na apreciação do valor estatístico das diferenças sexuais, considerámos sempre as médias obtidas nas séries formadas pelos húmeros direitos e esquerdos de cada sexo, não só por as diferenças da esquerda para a direita nos diversos caracteres estudados serem muito pequenas, mas ainda e principalmente, por serem tôdas destituídas de significação estatística como se verifica no seguinte quadro:

	♂			♀		
	Diferenças da esquerda para a direita *(d)*	Desvio padrão da diferença (Σ)	d/Σ	Diferença da esquerda para a direita *(d)*	Desvio padrão da diferença (Σ)	d/Σ
Comprimento máximo	4.588	4.16	1.1	5.092	2.96	1.7
Largura da epifise superior	0.963	0.62	1.5	0.906	0.37	2.4
Largura epicondiliana	0.023	0.88	0.02	0.244	0.67	0.3
Diâmetro máximo no meio da diafise	0.296	0.42	0.7	0.364	0.36	1.0
Diâmetro mínimo no meio da diafise	0.074	0.40	0.1	0.121	0.31	0.3
Circunferência mínima da diafise . .	0.444	1.08	0.4	0.515	0.81	0.6
Circunferência da cabeça	0.980	1.64	0.5	1.258	1.14	1.1
Diâmetro transverso da cabeça . . .	0.378	0.53	0.7	0.367	0.36	1.0
Diâmetro sagital da cabeça	0.370	0.56	0.6	0.216	0.43	0.5
Largura da superfície troclear . . .	0.500	0.66	0.7	0.385	0.44	0.8
Angulo condilo-diafisário	— 1.630	0.80	2.0	— 1.325	0.75	1.7
Angulo de torção	— 1.944	2.80	0.6	— 1.356	2.41	0.5
Índice de robustez	— 0.106	0.38	0.2	— 0.250	0.28	0.8
Índice diafisário	— 1.056	1.49	0.7	— 1.030	1.71	0.6
Índice da secção da cabeça	0.198	0.87	0.2	0 288	0.73	0.3
Índice epicondilo-troclear	1.194	0.81	1.4	0.073	0.80	0.1

Quanto aos restantes caracteres sexuais de primeira ordem, embora não se lhes possa atribuir importância igual à que tem a circunferência da cabeça, visto que os limites dos casos duvidosos são mais afastados e as suas variabilidades flutuam entre limites mais

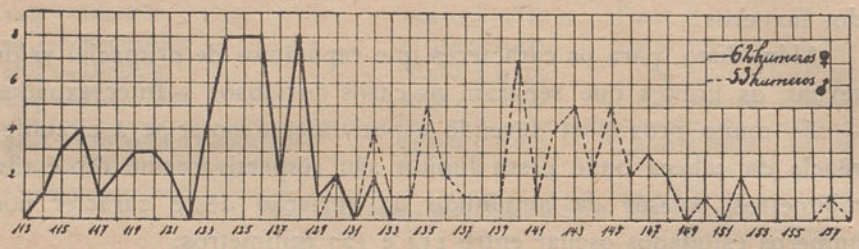


Fig. 1. — Poligonos de variação da circunferência da cabeça.

próximos, é certo porém, que são também de grande valor para a diagnose sexual como se reconhece nos gráficos que apresentamos (fig. 2, 3, 4, 5 e 6) e ainda pelo exame dos valores dos coeficientes

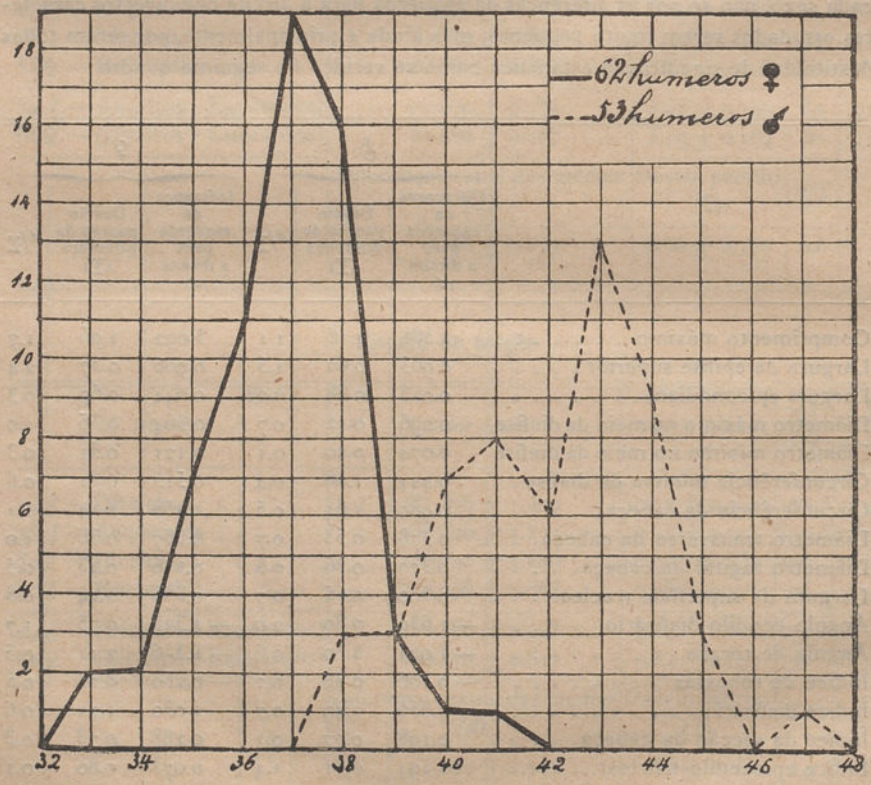


Fig. 2. — Poligonos de variação do diâmetro transverso da cabeça.

de correlação entre a circunferência da cabeça e os referidos caracteres.

Húmeros	Caracter relativo	Coeficiente de correlação
53 ♂	Diametro sagital da cabeça	$r = 0.97 \pm 0.005$
60 ♀	»	$r = 0.89 \pm 0.013$
53 ♂	Largura da epifise superior	$r = 0.88 \pm 0.020$
59 ♀	»	$r = 0.86 \pm 0.020$
53 ♂	Diametro transverso da cabeça	$r = 0.87 \pm 0.020$
60 ♀	»	$r = 0.77 \pm 0.033$
43 ♂	Largura da superfície troclear	$r = 0.68 \pm 0.053$
49 ♀	»	$r = 0.52 \pm 0.067$
53 ♂	Largura epicondiliana	$r = 0.63 \pm 0.053$
58 ♀	»	$r = 0.54 \pm 0.060$

Pelo que se refere aos restantes caracteres com importância sexual, o simples exame dos resultados obtidos mostra-nos que o seu

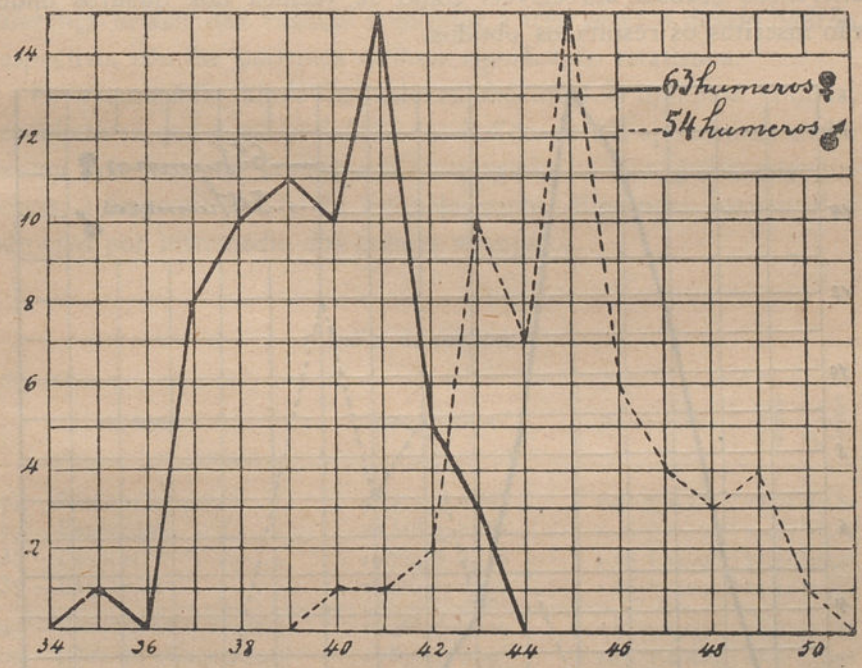


Fig. 3. — Poligonos de variação do diâmetro sagital da cabeça.

valor é muito restrito, podendo apenas ser considerados como caracteres sexuais subsidiários.

Quanto aos índices determinados, semelhantemente ao que sucedeu com os ângulos de torção e condilo-diafisário, não encontrámos

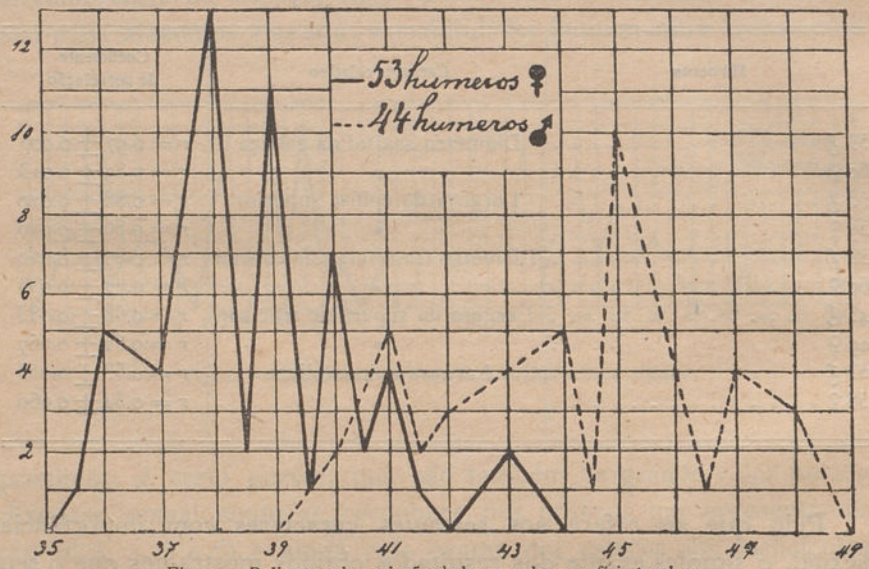


Fig. 4. — Polígonos de variação da largura da superfície troclear.

diferenças sexuais apreciaveis como se verifica nos quadros onde vão inscritos os resultados obtidos.

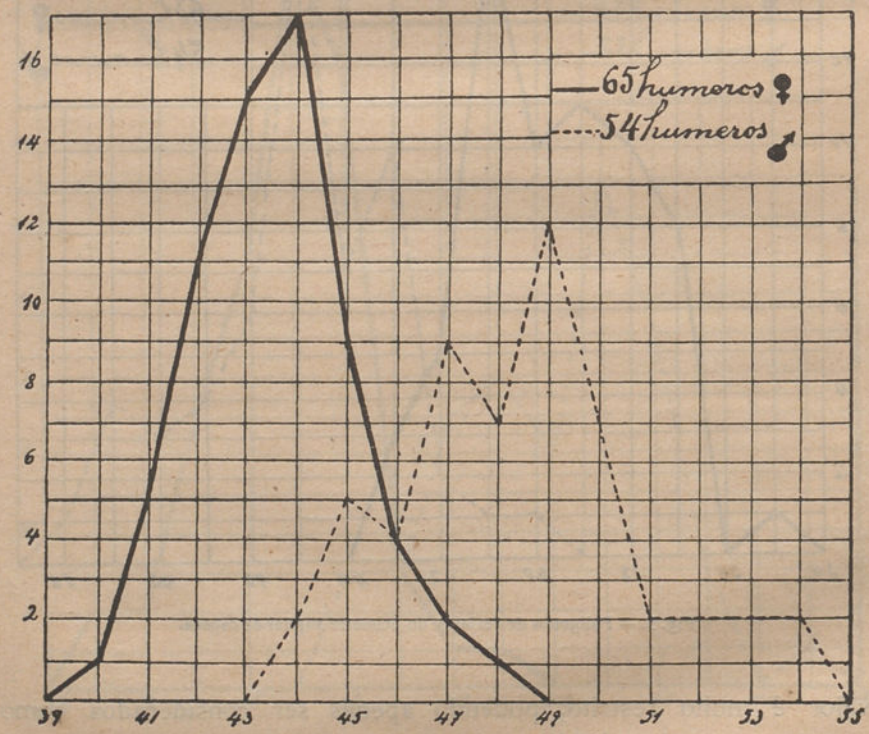


Fig. 5. — Polígonos de variação da largura da epífise superior.

O seu exame mostra-nos que há uma ligeira superioridade a favor dos valores médios dos húmeros masculinos, mas, como a

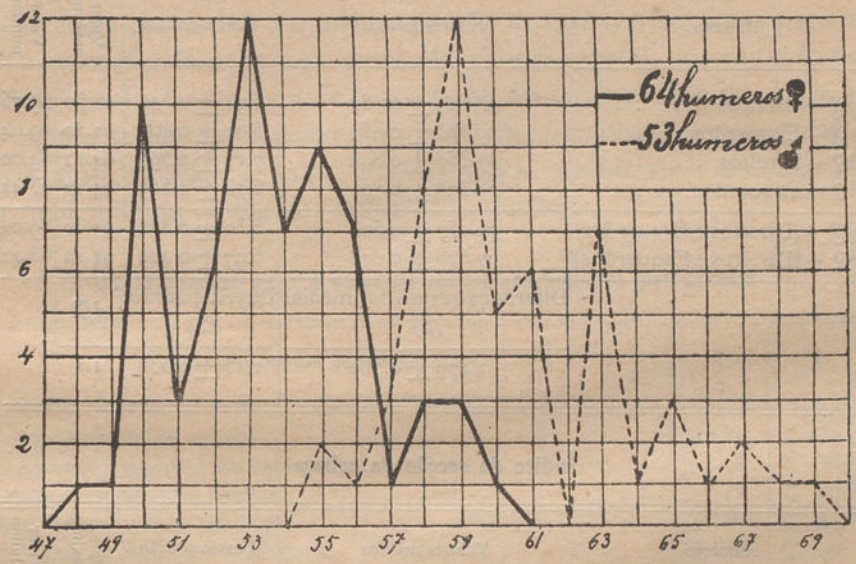


Fig. 6. — Polígonos de variação da largura epicondiliana.

diferença sexual das médias é inferior a três vezes o desvio padrão respectivo, não lhe podemos atribuir significação estatística.

E, examinando ainda os valores máximos e mínimos obtidos, reconhece-se que a variabilidade dos índices se faz apròximadamente dentro dos mesmos limites nos dois sexos, o que igualmente nos revela a impossibilidade de estabelecermos diferenças sexuais nos húmeros por intermédio dos índices apontados.

Índice de robustez

Húmeros	Valores médios	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos	20.412 ± 0.185	1.42 ± 0.131	23.02	17.81
27 ♂ — Esquerdos	20.518 ± 0.182	1.40 ± 0.129	22.68	18.04
33 ♀ — Direitos	19 754 ± 0.138	1.18 ± 0.098	22.71	17.41
33 ♀ — Esquerdos	20.004 ± 0.140	1.19 ± 0.099	22.41	17.43
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	20.465 ± 0.129	1.41 ± 0.091	23.02	17.81
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	19.879 ± 0.098	1.19 ± 0.069	22.71	17.41
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	0.586 ± 0.155	0.23 ± 0.109	2.5	

Índice diafisário

Húmeros	Valores médios	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
27 ♂ — Direitos	78.629 ± 0.767	5.91 ± 0.542	91.30	69.76
27 ♂ — Esquerdos	79.685 ± 0.651	5.01 ± 0.460	91.30	69.04
33 ♀ — Direitos	77.363 ± 0.842	7.17 ± 0.595	94.12	64.00
33 ♀ — Esquerdos	78.393 ± 0.791	6.73 ± 0.559	94.12	63 41
54 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	79.157 ± 0.504	5.30 ± 0.356	91.30	69.04
66 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	77.878 ± 0.578	6.97 ± 0.409	94.12	63.41
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	1.279 ± 0.762	1.13 ± 0.538	1.1	

Índice da secção da cabeça

Húmeros	Valores médios	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
26 ♂ — Direitos	93.596 ± 0.468	3.53 ± 0.330	100.00	86.36
27 ♂ — Esquerdos	93.398 ± 0.358	2.76 ± 0.253	100.00	87.76
29 ♀ — Direitos	93.198 ± 0.409	3.26 ± 0.289	100.00	86.05
33 ♀ — Esquerdos	92.910 ± 0.285	2.43 ± 0.201	100.00	87.50
53 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	93.495 ± 0.302	3.26 ± 0.213	100.00	86.36
62 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	93.044 ± 0.244	2.85 ± 0.172	100.00	86.05
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	0.451 ± 0.384	0.57 ± 0.271	0.7	

Índice epicondilo-troclear

Húmeros	Valores médios	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
22 ♂ — Direitos	73.409 ± 0.419	2.92 ± 0.296	78.69	68.66
21 ♂ — Esquerdos	72.215 ± 0.351	2.39 ± 0.248	76.06	66.67
27 ♀ — Direitos	72.333 ± 0.348	2.68 ± 0.246	77.36	67.92
23 ♀ — Esquerdos	72.260 ± 0.419	2.98 ± 0.296	79.17	67.24
43 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	72.826 ± 0.281	2.74 ± 0.199	78.69	66.67
50 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	72.300 ± 0.268	2.82 ± 0.190	79.17	67.24
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	0.526 ± 0.384	0.57 ± 0.271	0.9	

Revelando-nos, pois, os resultados colhidos no estudo da colecção identificada a existência de bastantes caracteres com incontestavel valor para a diagnose sexual dos húmeros portugueses, organizámos com êsses caracteres um quadro-padrão de que nos servimos para a determinação do sexo nos óssos da colecção geral, inscrevendo-os nêsse quadro segundo a ordem da sua importância relativa para a diagnose sexual e utilizando para cada um, como limites para a diferenciação do sexo, o valor máximo obtido nos húmeros femininos e o valor mínimo obtido nos húmeros masculinos.

Quadro-padrão para a diagnose sexual nos húmeros portugueses

Caracteres sexuais de primeira ordem	♂	♀
Circunferência da cabeça	> 132	< 130
Diâmetro transverso da cabeça	> 41	< 38
Diâmetro sagital da cabeça	> 43	< 40.5
Largura da epifise superior	> 48	< 44
Largura da superfície troclear	> 43	< 40
Largura epicondiliana	> 60	< 55
Caracteres sexuais subsidiários	**♂**	**♀**
Circunferência mínima da diáfise	> 67	< 59
Comprimento máximo	> 327	< 291
Diâmetro mínimo no meio da diáfise	> 18.5	< 14.5
Diâmetro máximo no meio da diáfise	> 25	< 19

III

Colecção geral

Concluido o estudo da colecção identificada e estabelecido o quadro-padrão a empregar na diagnose sexual dos húmeros portugueses, procedemos ao estudo da colecção geral composta de 1595 exemplares, e verificámos que, desta colecção, sòmente 1 % dos exemplares (10 direitos e 6 esquerdos) não foram identificados, devido a tôdas as suas medidas ficarem incluidas dentro dos limites dos casos duvidosos.

Perante êste resultado parece-nos lícito concluir que, o quadro-padrão com que fizemos a determinação do sexo nos húmeros da colecção geral, tem incontestavel valor prático.

Em 63 exemplares da colecção (3.9 %) encontrámos simultânea-

mente caracteres masculinos e femininos, tendo nós atribuído a estes exemplares, o sexo correspondente aos caracteres preponderantes.

Nos quadros que a seguir apresentamos vão inscritos os resultados obtidos nesta colecção, convindo advertir que nos calculos dos valores médios, considerámos para cada húmero os valores de tôdas as medidas indicadas no quadro padrão que o estado de conservação dos exemplares nos permitiu fazer, sendo, portanto, incluidos nas séries, não só os valores das medidas que pelo emprêgo do referido quadro nos definiam o sexo do exemplar, mas ainda os valores de tôdas as outras medidas.

Comprimento máximo

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
565 ♂ — Direitos	320.505 ± 0.401	14.15 ± 0.283	369	281
568 ♂ — Esquerdos	317.745 ± 0.407	14.40 ± 0.288	367	278
185 ♀ — Direitos	292.000 ± 0.684	13.80 ± 0.484	325	261
232 ♀ — Esquerdos	288.095 ± 0.582	13.15 ± 0.411	322	248
1133 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	319.125 ± 0.287	14.35 ± 0.203	369	278
417 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	289.825 ± 0.445	13.50 ± 0.315	325	248
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	29.300 ± 0.526	0.78 ± 0 371	37,5	

Largura da epifise superior

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
551 ♂ — Direitos	50.025 ± 0.063	2.22 ± 0.045	57	44
550 ♂ — Esquerdos	49.567 ± 0.060	2.10 ± 0.042	57	44
180 ♀ — Direitos	43.612 ± 0.096	1.92 ± 0.068	48	39
220 ♀ — Esquerdos	43.437 ± 0.093	2.05 ± 0.065	48	38
1101 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	49.796 ± 0.044	2.18 ± 0.031	57	44
400 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	43.515 ± 0.067	1.99 ± 0.047	48	38
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	6.281 ± 0.074	0.11 ± 0.052	57,1	

Largura epicondiliana

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
550 ♂ — Direitos	61.972 ± 0.093	3.25 ± 0.066	72	55
543 ♂ — Esquerdos	61.486 ± 0.089	3.10 ± 0.063	72	54,5
177 ♀ — Direitos	53.345 ± 0.147	2.91 ± 0.104	60	46
217 ♀ — Esquerdos	52.964 ± 0.143	3.14 ± 0.101	62,5	45
1093 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	61.731 ± 0.064	3.18 ± 0.045	72	54,5
394 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	53.135 ± 0.103	3.05 ± 0.073	62,5	45
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	8.596 ± 0.114	0.17 ± 0.080	50,5	

Diâmetro máximo no meio da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
563 ♂ — Direitos	22.923 ± 0.043	1.52 ± 0.030	29	19
569 ♂ — Esquerdos	22.086 ± 0.049	1.75 ± 0.034	28	18
186 ♀ — Direitos	20.436 ± 0.067	1.37 ± 0 047	26	17
231 ♀ — Esquerdos	19.958 ± 0.067	1.52 ± 0.047	24,5	15,5
1132 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	22.501 ± 0.033	1.69 ± 0.023	29	18
417 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	20.171 ± 0.048	1.47 ± 0.034	26	15,5
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	2.330 ± 0.053	0.08 ± 0.037	29,1	

Diâmetro mínimo no meio da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
565 ♂ — Direitos	18.079 ± 0.039	1.38 ± 0.027	22,5	15
569 ♂ — Esquerdos	17.726 ± 0.040	1.44 ± 0.028	23	14
186 ♀ — Direitos	15.492 ± 0.069	1.41 ± 0.049	21	12
231 ♀ — Esquerdos	15.301 ± 0.060	1.36 ± 0.042	19	12,5
1134 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	17.903 ± 0.028	1.42 ± 0.020	23	14
417 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	15.387 ± 0.045	1.39 ± 0.032	21	12
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	2.516 ± 0.047	0.07 ± 0.033	35,9	

Circunferência mínima da diafise

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
574 ♂ — Direitos	65.990 ± 0.106	3.80 ± 0.075	78	56
578 ♂ — Esquerdos	64.352 ± 0.120	4.30 ± 0.085	85	55
192 ♀ — Direitos	57.506 ± 0.174	3.58 ± 0.123	70	48
231 ♀ — Esquerdos	56.854 ± 0.152	3.44 ± 0.107	65	48
1152 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	65.164 ± 0.082	4.14 ± 0.058	85	55
423 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	57.150 ± 0.115	3.52 ± 0.081	70	48
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	8.014 ± 0.134	0.20 ± 0.094	40,1	

Circunferência da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
469 ♂ — Direitos	142.566 ± 0.188	6.06 ± 0.133	167	130
451 ♂ — Esquerdos.	141.314 ± 0.177	5.58 ± 0.125	159	130
155 ♀ — Direitos	123.434 ± 0.254	4.70 ± 0.180	132	111
191 ♀ — Esquerdos.	122.556 ± 0 248	5.10 ± 0.175	132	110
920 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	141.954 ± 0.130	5.86 ± 0.092	167	130
346 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	122.948 ± 0.179	4.94 ± 0.126	132	110
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	19.006 ± 0.215	0.32 ± 0.152	59,3	

Diâmetro transverso da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
476 ♂ — Direitos	42.912 ± 0.062	2.01 ± 0.043	50	38
465 ♂ — Esquerdos	42.421 ± 0.057	1.84 ± 0.040	47	38
151 ♀ — Direitos	37.109 ± 0.094	1.72 ± 0.066	41	33
192 ♀ — Esquerdos.	36.743 ± 0.078	1.62 ± 0.055	40	32,5
941 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	42.670 ± 0.042	1.94 ± 0 030	50	38
343 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	36.904 ± 0.060	1.67 ± 0.043	41	32,5
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	5.766 ± 0.067	0.10 ± 0.047	57,6	

Diâmetro sagital da cabeça

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
553 ♂ — Direitos	46.168 ± 0.063	2.20 ± 0.044	54	41
557 ♂ — Esquerdos	45.834 ± 0.058	2.05 ± 0.041	53	40,5
178 ♀ — Direitos	39.514 ± 0.091	1.80 ± 0.064	43	34,5
217 ♀ — Esquerdos	39.551 ± 0.085	1.87 ± 0.060	44,5	35
1110 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	46.000 ± 0.043	2.13 ± 0.030	54	40,5
395 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	39 534 ± 0.062	1.84 ± 0.044	44,5	34,5
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	6.466 ± 0.067	0.10 ± 0.047	64,6	

Largura da superfície troclear

Húmeros	Valor médio	Desvio padrão	Valor máximo	Valor mínimo
405 ♂ — Direitos	44.471 ± 0.072	2.17 ± 0.057	52	40
343 ♂ — Esquerdos	44.216 ± 0.056	1.96 ± 0.040	50,5	40
145 ♀ — Direitos	38.245 ± 0.096	1.73 ± 0.068	43	34
151 ♀ — Esquerdos	38.116 ± 0.098	1.80 ± 0.069	42,5	34,5
748 ♂ — (Direitos e Esquerdos)	44.354 ± 0.051	2.08 ± 0.036	52	40
296 ♀ — (Direitos e Esquerdos)	38.180 ± 0.069	1.77 ± 0.049	43	34
	Diferença sexual das médias *(d)*	Desvio padrão (Σ)	*d*/Σ	
	6.174 ± 0.080	0.12 ± 0.056	51,4	

Cotejando êstes resultados com os da colecção identificada, vê-se, pelo que se refere aos valores médios, que estes são aproximadamente iguais, excepto no comprimento máximo, onde a diferença atinge cêrca de 6 milimetros, o que não é estranhável, atendendo à maior variabilidade dêste carácter.

No quadro que se segue, onde reünimos os valores das diferenças entre as médias das colecções geral e identificada, verifica-se que, sòmente, para o comprimento máximo nas séries femininas, e para a largura da epifise superior e diâmetro sagital da cabeça nas séries masculinas, êsses valores ultrapassam ligeiramente o triplo do respectivo desvio padrão.

	♂						♀					
			Colecção identificada		Colecção geral		Colecção identificada		Colecção geral			
	d/Σ	Desvio padrão da diferença (Σ)	Número de exemplares	Diferença das médias (d)	Número de exemplares	Diferença das médias (d)	Número de exemplares	Diferença das médias (d)	Número de exemplares	Diferença das médias (d)	Desvio padrão da diferença (Σ)	d/Σ
Comprimento máximo	1.6	2.14	54	3.619	1133	–	66	5.327	417	–	1.65	3.2
Largura da epifise superior	4.3	0.32	54	–	1101	1.388	65	0.039	400	–	0.21	0.1
Largura epicondiliana	2.5	0.45	53	–	1093	1.127	64	0.475	394	–	0.37	1.2
Diâmetro máximo no meio da diafise	0.8	0.21	54	–	1132	0.168	66	–	417	0.110	0.20	0.5
Diâmetro mínimo no meio da diafise	1.7	0.20	54	–	1134	0.347	66	0.129	417	–	0.17	0.7
Circunferência mínima da diafise	0.9	0.55	54	0.540	1152	–	66	1.078	423	–	0.44	2.4
Circunferência da cabeça	1.1	0.84	53	–	920	0.954	62	0.570	346	–	0.63	0.9
Diâmetro transverso da cabeça	2.3	0.27	53	–	941	0.633	62	–	343	0.065	0.20	0.3
Diâmetro sagital da cabeça	3.3	0.29	54	–	1110	0.963	63	0.053	395	–	0.23	0.2
Largura da superfície troclear	0.5	0.34	44	–	748	0.194	53	0.604	296	–	0.25	2.4

Pelo que diz respeito aos índices de variabilidade ou desvios padrões das médias masculina e feminina das duas colecções, verifica-se pelos números inscritos no quadro junto, que os resultados são sensìvelmente iguais, não obstante o número de exemplares da colecção geral, ser muito mais elevado que o da colecção identificada.

	Desvios padrões							
	Colecção identificada				Colecção geral			
	Número de exemplares	♂	♀	Número de exemplares	Número de exemplares	♂	♀	Número de exemplares
Comprimento máximo	54	15.48	12.36	66	1133	14.35	13.50	417
Largura da epifise superior	54	2.37	1.59	65	1101	2.18	1.99	400
Largura epicondiliana	53	3.23	2.73	64	1093	3.18	3.05	394
Diâmetro máximo no meio da diafise	54	1.59	1.61	66	1132	1.69	1.47	417
Diâmetro mínimo no meio da diafise	54	1.54	1.36	66	1134	1.42	1.39	417
Circunferência mínima da diafise. .	54	4.01	3.33	66	1152	4.14	3.52	423
Circunferência da cabeça	53	6.02	4.54	62	920	5.86	4.94	346
Diâmetro transverso da cabeça . . .	53	1.99	1.50	62	941	1.94	1.67	343
Diâmetro sagital da cabeça	54	2.12	1.77	63	1110	2.13	1.84	395
Largura da superfície troclear. . . .	44	2.24	1.69	53	748	2.08	1.77	296

Por sua vez, dispondo nas duas colecções os diversos caracteres, segundo a ordem decrescente dos valores dos quocientes das diferenças sexuais das médias pelos respectivos desvios padrões, verifica-se que êsses quocientes, de que nos servimos para avaliar da importância estatística das diferenças sexuais encontradas, embora sejam muito mais elevados na colecção geral, devido ao número de exemplares desta colecção ser muito maior, ordenam de idêntica maneira os diversos carácteres em ambas as colecções, com excepção do diâmetro sagital da cabeça que, na colecção geral, ocupa o primeiro lugar, quando, na colecção identificada, lhe corresponde o terceiro.

No quadro junto vão inscritos os valores dêsses quocientes nas duas colecções.

	Diferença sexual das médias *(d)* / Desvio padrão da diferença (Σ)			
	Número de exemplares	Colecção identificada	Colecção geral	Número de exemplares
Circunferência da cabeça	115	17.3	59.3	1266
Diâmetro transverso da cabeça	115	15.7	57.6	1284
Diâmetro sagital da cabeça	117	15.1	64.6	1505
Largura da epifise superior	119	13.1	57.1	1501
Largura da superfície troclear	97	13.1	51.4	1044
Largura epicondiliana	117	12.7	50.5	1487
Circunferência mínima da diafise	120	10.9	40.1	1575
Comprimento máximo	120	10.6	37.5	1550
Diâmetro mínimo no meio da diafise	120	7.8	35.9	1551
Diâmetro máximo no meio da diafise	120	7.8	29.1	1549

Quanto aos valores máximos correspondentes aos húmeros femininos e valores mínimos correspondentes aos húmeros masculinos nas duas colecções, os resultados são ligeiramente discordantes para alguns caracteres, devido ao aparecimento de certos exemplares que apresentam simultâneamente caracteres masculinos e femininos, e nos quais a distinção sexual se fez, atendendo à maior freqüência de caracteres de um dos sexos e também ao seu valor diagnóstico relativo, resultando por isso, ficarem incluídos na série masculina, exemplares em que alguns caracteres apresentam valores inferiores aos indicados como limites mínimos para os húmeros dêsse sexo e, semelhantemente, ficarem incluídos na série feminina, exemplares em que alguns caracteres apresentam valores superiores aos indicados como seus limites máximos.

Os exemplares nestas condições encontram-se distribuídos nas séries, da seguinte forma:

Série ♂ (1154 húmeros) . . . . . 54 exemplares (4.6 %)

Série ♀ (425 húmeros) . . . . . 9 exemplares (2.1 %)

As freqüências e os valores mínimos, dos caracteres femininos encontrados nos ossos da série masculina, são respectivamente:

	Freqüências[1]	Valores mínimos
Circunferência mínima da diáfise	37	55
Comprimento máximo	17	278
Diâmetro máximo no meio da diafise	7	18
Diâmetro mínimo no meio da diafise	1	14
Largura epicondiliana	1	54,5

As freqüências e os valores máximos, dos caracteres masculinos encontrados nos ossos da série feminina, são respectivamente:

	Freqüências[2]	Valores máximos
Circunferência mínima da diafise	2	70
Diâmetro máximo no meio da diafise	1	26
Diâmetro mínimo no meio da diafise	3	21
Largura epicondiliana	4	62,5
Diâmetro sagital da cabeça	1	44,5

Convem todavia frizar que, nos exemplares a que foi atribuído um determinado sexo e que apresentam também caracteres do outro sexo, tais caracteres são, excepto dois — largura epicondiliana e diâmetro sagital da cabeça — dos que considerámos como caracteres sexuais subsidiários.

Porém, como não atribuímos significação ao único caso que apareceu entre os húmeros femininos com o diâmetro sagital da cabeça superior a 43 milímetros, por se tratar de um exemplar com a cabeça excepcionalmente alongada e por isso manifestamente anormal, pode-

[1] Nesta série aparecem 7 exemplares com 2 medidas femininas e 1 exemplar com 3.

[2] Nesta série aparecem 2 exemplares com 2 medidas femininas.

mos concluir que, sòmente nos caracteres sexuais subsidiários e na largura epicondiliana, último em importância dos caracteres sexuais de primeira ordem, os resultados obtidos na colecção geral para o valor máximo feminino e valor mínimo masculino, discordam ligeiramente, e num pequeno número de casos, dos resultados obtidos na colecção identificada.

Vê-se pois, pelo estudo comparativo que acabámos de fazer, que os resultados obtidos na colecção geral, cujas séries masculina e feminina foram organizadas por meio do quadro-padrão que estabelecemos, se sobrepõem sensìvelmente aos resultados obtidos na colecção identificada, a-pezar-de, como já atraz acentuámos, incluirmos para cada exemplar nas séries masculina e feminina da colecção geral, não só os valores métricos que nos revelavam o sexo do exemplar, mas também aqueles que ficavam incluídos dentro dos limites dos casos duvidosos, e que na grande maioria dos exemplares se encontravam com apreciavel freqüência.

CONCLUSÕES

I. — Existem nos húmeros portugueses, para alguns caracteres métricos, diferenças sexuais bastante acentuadas e estatìsticamente significativas.

II. — Na diagnose sexual de 1595 húmeros portugueses, empregando o quadro-padrão que organizámos, sòmente em 16 exemplares (1 %) não foi possível determinar o sexo, em virtude dos valores de tôdas as suas medidas ficarem incluídos dentro dos limites dos casos duvidosos.

III. — Nos húmeros tìpicamente masculinos ou femininos, tôdas as medidas indicadas no quadro-padrão lhes caracterizavam o sexo.

IV. — Nos outros exemplares foi sempre possível determinar-lhes o sexo por meio de alguns dos caracteres considerados.

V. — Nos húmeros que apresentavam simultâneamente caracteres masculinos e femininos, a determinação do sexo fez-se, atendendo à maior freqüência de caracteres de um dos sexos e ainda à sua importância relativa para a diagnose sexual.

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♂

Números	Idades	Comprimento máximo		Largura da epífise superior		Largura epicondiliana		Diâmetro máximo no meio da diáfise		Diâmetro mínimo no meio da diáfise		Circunferência mínima da diáfise	
		Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
1	67	329	320	50	48	61	61	21	21	19	18	65	65
3	60	309	308	47	48	60	63	21	21	16.5	17.5	61	62
8	54	343	340	51	49	65	63.5	26	25	19	19	75	73
11	64	311	311	49.5	49	59	63	25	24	17.5	18	67	70
14	30	301	300	47	44	58	59	20	20	16	15	60	59
18	49	320	320	47	47	59	60	21	21	17	18	62	64
21	67	326	326	52	51	65	65	23	23	21	21	67	68
24	60	306	302	47	46	58	56.5	21	21	17	17	64	62
28	41	311	307	47	47	57	59	23	23	18	18	70	68
31	62	331	327	48	48	59	58	25	24	19	19	72	68
34	65	325	318	50	49	61	61	24	23	17	18.5	67	70
35	54	324	319	50	49	61	63	25	24	19	18	73	70
37	49	361	352	53	52	67	67.5	24	23	17	16.5	67	67
38	39	–	335.5	–	49	–	59	–	21	–	17	–	62
44	46	304	307	46.5	45	59	58.5	22	22.5	20	20.5	70	69
45	21	342	–	49	–	60	–	23.5	–	18.5	–	68	–
46	38	310	308	45	44	60	59.5	22	22	17.5	18	67	67
47	23	348	346	50	48	–	60	22.5	23	18	18	62	64
53	42	304	298	45	45	59	58.5	22	21	17	16	65	63
56	65	318	320	50	49	66	63	24	25	18	18	67	72
60	48	302	291	48	46	58	58	23.5	23	18	19	67	66
61	55	323	326	49.5	49	59	59.5	22	22	17.5	17.5	64	63
64	45	324	318	49	47	57	57.5	21	21	15	16.5	60	61
65	64	351	339	54	53	68	69	23	23.5	20	19	69	70
68	44	330	327	48	47	55	55.5	19.5	19	15.5	15	59	59
70	53	329	321	54	50.5	63	61	23	23	19	18.5	68	65
71	49	314	307	46.5	45	59	58	21.5	21	15	14.5	61	60
72	76	337	332	49.5	50	63	64	21	20	16.5	16	63	61

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♂

Números	Idades	Circunferência da cabeça		Diâmetro transverso da cabeça		Diâmetro sagital da cabeça		Largura da superfície troclear		Angulo côndilo-diafisário		Angulo de torção	
		Direitos	Esquerdos	Dir.itos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
1	67	142	140	44	43	45	45	46.5	44	82	84	152.5	156
3	60	137	140	41	42.5	44	44	45	46	78	84	156	168.5
8	54	147	145	43	42	47	45	48	–	83	84	145	149
11	64	143	143	44	44	45	45	45	45	86	88	132	137.5
14	30	132	132	38	39	42	43	41.5	41	80	82	157	141.5
18	49	135	135	40	40	43	44	41	40	81	80	147	149
21	67	145	147	42	43	48	49	47	47	79	81	–	–
24	60	140	134	43	40	45	43	41	40	81	83	160	147
28	41	140	138	41	42	45	43	–	–	83	84	147	146
31	62	144	142	45	43	45	45	45	44	79	83	–	–
34	65	143	143	43	43	45	45	–	45	81	84	161.5	149.5
35	54	146	144	45	43	46	45.5	48	46	79	79	137.5	157
37	49	152	147	45	44	49	47	46	47	76	76	162.5	168
38	39	–	148	–	43	–	49	–	–	–	76	–	163
44	46	136	136	41.5	40	43	43	45	44.5	83	83	156.5	158
45	21	140	–	41	–	46	–	42	42	77	–	–	–
46	38	132	135	40.5	41	42	43	46	–	80	83	142	156
47	23	–	139	–	40	46	45	–	–	79	83	161	160.5
53	42	130	130	38	39	41	40.5	41	41	75	76	156.5	160
56	65	146	145	43	42	47	47	47	45	79	82	146	153
60	48	135	132	38	40	44	43	–	43	83	83	163.5	158
61	55	145	145	44.5	43	46	45.5	44	–	81	86	148	157.5
64	45	141	140	41	41	46	44	43	43	88	89	162	147
65	64	152	150	44	44	49	48.5	–	48	82	81	163.5	159
68	44	142	140	43	44	44	44	42	41.5	79	80	131	132.5
70	53	157	148	47.5	44.5	50	48	45	45	83	85	138	139
71	49	135	133	41	39.5	43	43	44	43	82	82	146.5	148
72	76	142	143	43	42.5	45.5	46	44	45	83	85	158	170.5

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♀

Números	Idades	Comprimento máximo		Largura da epífise superior		Largura epicondiliana		Diâmetro máximo no meio da diáfise		Diâmetro mínimo no meio da diáfise		Circunferência mínima da diáfise	
		Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
2	30	327	327	46	47	59	59	22	21	17	17	62	61
7	62	295	295	44	44	51	50	20.5	20	15.5	16	58	58
9	48	300	295	45	44	55	54	20	21	18	17.5	60	62
10	21	304	300	43	42	56	55	22	21.5	17	18.5	62	63
13	84	317	310	48	44	54	52	20	19	16	16	60	58
15	78	293	290	45	45	58	56	25	23	16	17	65	65
16	40	310	304	42	41	53	53	19	19	14	14	54	53
17	52	–	290	–	43	–	55	–	21	–	14	–	60
19	62	286	282	43	42	53	52	21	21	17	17	59	60
20	75	292	288	42	42	54	53	21	20	17	18	61	63
23	55	304	296	41	41	53	55	21	22	16	16	60	60
25	87	306	294	45	43	58	56	21	20	14	14	57	56
26	80	295	–	47	–	54	–	23	–	16	–	67	–
27	80	296	288	42	41	50	50	17	17	16	16	54	54
29	80	–	270	–	44	–	55	–	20	–	15	–	57
30	35	312	312	43	43	50	50	22	21	15	15	60	59
32	77	295	290	45	44	60	59	21	20.5	16	16	61	59
36	39	286	285	43	42	55	53	19	19	17	16.5	60	59
39	65	298	291	45	45	53	52	20	19.5	15	16	59	57
40	70	295	293	44	43	57.5	56.5	20	20.5	13	13	54	54
41	–	294	289	42	40	50	48	20	20	16	16	59	59
42	25	288	288	42	41	52	53	20	20	14.5	14	56	55
48	74	287	285	44	44	53	54	20	19	15	15	58	56
51	19	307	–	45	–	52	–	18	–	15	–	55	–
52	38	278	278	44	44	54	54	18	18	14.5	15	54	54
54	38	317	314	44	43	56	55	22	22	17	16	61	60
55	60	296	290	46.5	45.5	55	53.5	22	23	18	17	64	64
57	50	281	277	43	42	50	50	19.5	18	14	13.5	54	53
58	74	283	275	44	43	53	–	20	19	13	13.5	55	54
59	19	306	297	44	–	51	–	18.5	17	14	13.5	54	53
62	55	283	279	44	43	51	50	19	19	16	15	55	55
63	17	295	293	44	43.5	56	58	18	18	15.5	15	57	56
66	63	278	274	44	43	53	52	20	19.5	15	15.5	57	58
67	21	299	295	46	46	55.5	56	20.5	20	17	17.5	60	60
69	30	279	272	43	42	49	50	20	20	16.5	15.5	58	58

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♀

Números	Idades	Circunferência da cabeça		Diâmetro transverso da cabeça		Diâmetro sagital da cabeça		Largura da superfície troclear		Angulo côndilo-diafisário		Angulo de torção	
		Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
2	30	–	130	38	39	43	42	43	43	78	81	152	147
7	62	126	124	37	35	41	40	–	37	87	88	154.5	166.5
9	48	125	125	38	37	40	39.5	38	38	80	81	154.5	158
10	21	123	120	37	35	39	38	39	–	82	84	152.5	153.5
13	84	–	125	–	37	–	40	–	38	–	77	158	150
15	78	126	125	39	38	42	41	41	–	85	88	147	155
16	40	115	115	36	35	38	37	36	36	75	78	165.5	160.5
17	52	125	124	–	37	–	39	40	40	83	86	168	176
19	62	119	119	37	36	38	38	38	38.5	85	88	176	152.5
20	75	–	118	–	34	–	37	38	37	85	88	–	163
23	55	115	116	35	36	35	37	39	39	84	84	154.5	155
25	87	132	–	40	41	42	43	41	–	81	85	138	137.5
26	80	132	–	37	–	43	–	40.5	41.5	84	86	155	–
27	80	116	114	33	33	37	37	38	–	79	79	–	–
29	80	128	125	–	37	–	40	–	39	–	86	–	160
30	35	123	123	37	38	38	38	38	38	79	79	166.5	163.5
32	77	128	126	38	39	40	41	–	–	80	82	–	–
36	39	126	126	38	38	40	41	38.5	–	77	78	145	158
39	65	128	128	38	38	41.5	42	40	40	81	81	146.5	168.5
40	70	125	127	37	38	41	41	39 5	38	79	80	168	160
41	–	118	116	36	35	38	37.5	38	38	82	83	159.5	162
42	25	117	116	35	34.5	37.5	37.5	40	39	79	79	169	162
48	74	126	126	38	38	40	40	41	41	79	80	154.5	166
51	19	–	–	–	–	39.5	–	37	–	81	84	169	–
52	38	124	125	36	36.5	41	41	39	38	79	80	143	152
54	38	128	127	37	37	41.5	41	40	39	80	81	151	159.5
55	60	128	128	37.5	37.5	41.5	42	40.5	40	78	80	164.5	156
57	50	121	119	36.5	35 5	39	38.5	36	36	87	88	156.5	151.5
58	74	126	124	38	37	40	40	38	37	82	82	156	159
59	19	128	124	38	37.5	41	39.5	–	–	77	79	140	139
62	55	120	120	37	36	38	39	–	–	81	81	149	150.5
63	17	124	124	37	37	38.5	39	39	39	83	87	174.5	176
66	63	–	123	–	36	–	39	–	–	83	84	154.5	156
67	21	129	130	38	38.5	41.5	41.5	39	39	84	84	165	172
69	30	124	121	36	36	39	39	36	35.5	84	81	145.5	150

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♂

Números	Idades	Índice de robustez		Índice diafisário		Índice da secção da cabeça		Índice epicôndilo-troclear	
		Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
1	67	19.75	20.31	90.48	85.71	97.78	95.56	76.22	72.13
3	60	19.74	20.12	78.57	83.33	93.18	96.59	75.00	73.02
8	54	21.86	21.47	73.08	76.00	91.49	93.33	73.85	–
11	64	21.54	22.50	70.00	79.17	97.78	97.78	76.27	71.43
14	30	19.93	19.66	80.00	75.00	90.48	90.70	71.55	69.49
18	49	19.37	20.00	80.95	85.71	93.02	90 91	69.49	66.67
21	67	20.55	20.85	91.30	91.30	87.50	87.76	72.31	72.31
24	60	20.91	20.52	80.95	80.95	95.56	93 02	70.69	70.79
28	41	22.50	22.14	78.26	78.26	91.11	97.67	–	–
31	62	21.75	20.79	76.00	79.17	100.00	95.56	76.27	75.86
34	65	20.61	22.01	70.83	80.43	95.56	95.56	–	73.77
35	54	22 53	21.94	76.00	75.00	97.83	94.50	78.69	73.02
37	49	18.55	19.03	70.83	71.73	91.84	93.62	68.66	69.62
38	39	–	18.47	–	80.95	–	87.76	–	–
44	46	23.02	22.47	90.91	91.11	96.51	93.02	76.27	76.06
45	21	19.88	–	78.72	–	89.13	–	70.00	–
46	38	21.61	21.75	79.54	81.82	96.42	95.35	76.67	–
47	23	17.81	18.49	80.00	78.26	–	88.89	–	–
53	42	21.38	21.14	77.27	76.19	92.68	96.29	69.49	70.08
56	65	21.06	22.50	75.00	72.00	91.49	89.36	71.21	71.43
60	48	22.18	22.68	76.59	82.61	86 36	93.02	–	74.14
61	55	19.81	19.32	79.54	79.54	96.73	94.50	74.58	–
64	45	18.51	19.18	71 43	78.57	89.13	93.18	75.44	74.78
65	64	19.65	20.64	86.96	80.85	89.80	90.72	–	69.57
68	44	17.87	18.04	79.48	78.95	97.73	100.00	76.36	74.77
70	53	20.66	20.24	82.61	80.43	95.95	92.70	71.43	73.77
71	49	19 42	19.54	69.76	69.04	95.35	91.86	74.58	74.14
72	76	18.69	18.37	78.57	80.00	94.50	92.39	69.84	70.31

COLECÇÃO IDENTIFICADA

Húmeros portugueses ♀

Números	Idades	Índice de robustez		Índice diafisário		Índice da secção da cabeça		Índice epicôndilo-troclear	
		Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos	Direitos	Esquerdos
2	30	18.96	18.65	77.27	80.95	88.37	92.86	72.88	72.88
7	62	19.66	19.66	75.60	80.00	90.24	87.50	–	74.00
9	48	20.00	21.01	90.00	83.33	95.00	93.67	69.09	70.37
10	21	20.39	21.00	77.27	86.04	94.87	92.11	69.64	–
13	84	18.92	18.70	80.00	84.21	–	92.50	–	73.08
15	78	22.18	22.41	64.00	73.91	92.86	92.68	70.69	–
16	40	17.41	17.43	73.68	73.68	94.74	94.59	67.92	67.92
17	52	–	20.68	–	66.67	–	94.87	–	72.73
19	62	20.62	21.27	80.95	80.95	97.37	94.74	71.70	74.03
20	75	20.89	21.87	80.95	90.00	–	91.89	70.37	69.81
23	55	19.73	20.27	76.19	72.73	100.00	97.30	73.58	70.91
25	87	18.62	19.04	66.67	70.00	95.24	95.35	70.69	–
26	80	22.71	–	69 57	–	86.05	–	75.00	–
27	80	18.24	18.75	94.12	94.12	89.19	89.19	76.00	–
29	80	–	21.11	–	75.00	–	92.50	–	70.91
30	35	19.23	18.91	68.18	71.43	97.37	100.00	76.00	76.00
32	77	20.67	20.34	76.19	78.04	95.00	95.12	–	–
36	39	20.97	20.70	89.47	88.94	95.00	92.68	70.00	–
39	65	19.79	19.58	75.00	82.05	91.56	90.48	75.47	76.92
40	70	18.30	18.43	65.00	63.41	90.24	92.68	68.69	67.25
41	–	20.06	20.41	80.00	80.00	94.74	93.33	76.00	79.17
42	25	19.47	19 09	72.50	70.00	93.33	92.00	76.92	73.58
48	74	20.20	19.64	75.00	78.95	95.00	95.00	77.36	75.93
51	19	17.91	–	83.33	–	–	–	71.15	–
52	38	19.42	19.42	80.55	83.33	87.80	89.02	72.22	70.37
54	38	19.24	19.10	77.27	72.73	89.15	90.24	71.43	70.91
55	60	21.62	22.06	81.82	73.91	90.36	89.28	73.63	74.76
57	50	19.21	19.13	71.79	75.00	93.58	92.20	72.00	72.00
58	74	19.43	19.63	65.00	71.05	95.00	92.50	71.70	–
59	19	17.64	17.84	75.67	79.41	92.68	94.93	–	–
62	55	19.43	19.71	84.21	78.95	97.37	92.31	–	–
63	17	19.32	19.11	86.11	83.33	96.10	94.87	69.64	67.24
66	63	20.50	21.16	75.00	79.48	–	92.31	–	–
67	21	20.06	20.33	82.92	87.50	91.56	92.77	70.27	69.64
69	30	20.78	21.32	82.50	77.50	92.31	92.31	73.47	71.00

COLECÇAO GERAL

Húmeros ♂ direitos

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
3	326	53	62	24	19.5	67	153	44.5	49	48
4	334	52	61	23.5	16.5	67	147	43.5	48	45
5	311	49	59	22	18	–	141	44	44	41.5
6	357	51	69	24.5	20	70	145	43	47	44.5
8	322	48	60	23	17	64	135	42	42	41
9	318	49.5	62.5	21	17	60	141	42	45	43
11	311	48	58.5	23.5	18	68	140	–	44	–
15	327	52.5	63	24	18	70	150	45	48	43.5
16	326	46.5	57	23	17.5	63	136	41	44	41
18	342	48.5	59	23	17	65	139	42	44	43
19	328	52.5	64	23	20	66	–	–	48	43
22	307	50	61	24	18	65	140	41	45.5	43.5
23	299	48.5	58	22	17	64	134	39	43	41
24	316	52	62	22.5	18	67	145	46	46	46
25	302	47.5	58	23	19	68	131	39	42	43
26	335	51.5	62	21.5	16	62	146	42	48	42
27	321	49	62	22	18	64	140	42.5	45	44
28	309	48	59	22	17.5	64	138	42	43	–
29	324	51	64	23	17	68	149	44	46	42
30	305	50	58	22	17	63	141	43	45	41
31	319	53	66	22	19	67	148	43	49	46
32	322	49	62	23	16.5	64	139	40	44.5	41
34	295	48	55	22	16.5	62	135	32.5	45	41
35	317	48	61	19	16.5	58	138	41	44	42
36	331	–	65	26	19	72	–	–	47	–
37	334	48	60.5	26	18	72	141	42	46.5	47
39	305	48.5	–	21	18	61	140	40	44	–
42	326	52	69	24	20	74	–	–	47	–
43	300	50	58	22	18	59	141	42	45.5	44.5
44	298	47	56	23	18	66	138	43	44	–
45	329	49	60	23.5	17.5	69	143	43	46	41.5
46	317	47	56	20	15.5	59	134	38	44.5	–
47	320	49	62	23	17	64	147	43.5	47.5	44.5
48	311	47.5	60	19.5	17	61	134	40	43.5	41
49	344	52	68	24	19.5	73	149	–	49	44
51	346	53	67	23	19.5	70	–	–	51	47

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
53	322	50.5	59.5	25	17.5	70	–	–	49	43
54	325	48.5	61	23	17	67	141	43	45	42.5
55	339	53	62.5	22.5	19.5	70	151	46	49	48
57	293	51	58	20	17	60	–	41	–	41
58	302	48.5	55.5	23	19.5	71	–	–	–	–
59	319.5	52	63	24.5	19	71	150	46	48	45
60	315	49	58	25.5	19.5	70	–	40.5	44	45
61	319	51	61.5	24.5	18	67	145	43	47	46
62	316	53	63	26	20	76	151	45	49	47
63	305	49	61	24	18.5	70	135	40.5	42	45
64	334	50	58	21	18	65	145	45	44.5	44
65	334	55	63	26	19.5	75	160	49.5	53	–
67	348	52	67	23	20.5	69	143	42.5	46.5	47.5
68	323	51	60.5	20.5	15.5	60	143	44	46.5	–
69	323	50	63	25.5	19	69	143	44	45	47
70	333	51	61	21	17	61	145	44	47	43.5
71	309	–	58	21	17	63	–	–	45	–
75	317	50	61	24	18	69	143	43	46.5	43.5
76	309	50	61	22	18.5	64	145	45	46	44
77	333	54	64	22.5	18	68	151	47	49	44
79	311	49	60	22.5	16	64	138	41	44	42.5
80	306	–	61	24	17	68	–	–	46	–
81	328	50	62	23	21	72	–	–	47	44
82	330	47	59	22.5	17.5	65	133	40	42.5	42.5
84	337	48	61	22	17.5	64	–	–	45.5	47
85	324	53	62.5	24	20	69	145	–	47	46
87	329	45	58	21	17	61	132	–	42	41
88	316	49.5	56.5	22	17.5	64	141	42	45	46
90	336	51	61	20	16.5	62	144	41.5	47.5	43
91	291	49	56	22	18	67	136	41.5	43	42
93	329	52	62	24	18	67	–	–	48	44
94	327	52	66.5	22.5	20.5	70	152	47	49	48.5
95	309	46.5	59	25	19	72	133	39.5	42	47
98	315	–	63	22	19	68	134	41.5	42	44
99	315	45	63	23.5	16.5	64	135	42	41	42
100	323	49	61	22	17	65	134	40	42.5	44.5
101	332	53	60	21.5	17	60	–	–	48	43.5
102	328	53	64	23	20	70	144	42.5	49	45.5
103	296	49	58	21.5	17	63	–	–	46	43
104	343	53	62	23.5	18	67	148	44	48.5	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
106	303	47	61	23	17.5	67	135	43.5	43.5	–
108	341	49	63	24	19	164	145	44	46	44.5
109	344	49	60	20	16.5	61	140	41	47	46
110	309	47	57	22	16.5	61	134	–	44	41
112	327	47.5	55	23	18	66	140	42	46	41.5
115	339	52	60	23	17	66	149	44	47.5	42
116	359	51	62.5	23	18.5	72	150	46.5	47.5	46.5
118	314	48	59	22	17.5	64	140	43	44	42.5
119	334.5	50	63	23.5	19.5	72	141	42	45	44
121	306	46	57	23	17	64	134	38	44	41
123	338	50	58.5	20	16.5	60	143	43.5	46	–
125	315.5	51	58	23	19	68	141	41	46	44
126	333	47.5	56	22	18	67	–	–	43	41.5
127	313	47	60	21.5	16.5	64	135	38	44	41
128	317	49	56	21	18.5	63	138	41.5	44	42
129	294	47	61	23	16.5	62	–	41	42	43
130	310	45	60	22	18	64	133	40.5	42	42.5
132	328	50	61	23.5	18	66	141	43	46.5	43
133	298	48	61	25	22	69	140	42	44	–
134	326.5	54.5	59 5	22.5	19	67	–	–	49	46
135	343	54	66	26	19	73	149	42.5	49.5	47
136	306	45	61	24	17	65	139	41.5	44	41
139	349	–	63	24	19	68	–	–	46	44.5
140	329	48	59	21.5	17	65	139	41.5	44	44
141	310	49	59	22	17	61	139	42	45.5	42.5
142	302	48.5	59	22	18	66	137	41.5	44	43
143	333	52	57	25	19	69	149	43.5	49.5	48
144	302	49	60	22 5	18.5	67	137	41	44	44
145	330	54.5	64	25	20	70	152	44.5	50	43.5
146	297	49.5	59	23	17.5	65	136	40	45	–
148	318	49	56	22	17	63	–	–	43	42
149	303	49	60	22	17	66	134	40	44	43.5
151	329	56.5	70	22	18.5	68	–	–	51.5	–
152	322	52	64	24	18	69	143	43	46	46
153	318.5	48.5	62	21	16	60	135	42	43	43
154	307	48.5	59	20	17	60	–	–	44	41.5
157	315	53	65	25	20	74	156	47.5	49	46
159	338	50	64.5	24	18.5	67	145	44	46.5	45
160	325	51	63	25	17.5	71	139	41	45	45.5
161	322	51	65.5	23	18	64	144	42.5	47	45

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
163	308	–	61	20	16	61	–	41.5	–	41.5
164	332	48.5	60	20.5	15.5	59	138	40.5	44	–
165	326	52	61	21.5	16.5	63	147	43	48.5	44
166	311.5	51	64	23.5	21	72	146	42.5	48.5	45
168	306	49	63	22.5	18.5	64	–	41	–	–
169	327.5	53	62.5	25.5	17	68	–	43	47.5	44
171	338	50.5	63.5	24	20	71	150	46.5	47	46
172	314.5	51	65	22	20	67	145	45	46	47
174	323	52	64	24	19	70	145	43	49	47
175	305	51.5	60.5	22	18	63	146	42	49	42.5
178	328	49	60.5	21.5	16.5	61	138	41	45	43
179	341	48	60	23.5	17.5	68	138	41	45	44
180	313	51	64	21	15.5	56	144	44	47	45.5
181	310	49.5	61	22	18	63	140	42	45.5	44.5
183	337	51	63	23	18	67	–	–	46.5	44.5
184	340.5	52.5	59	24	18	65	144	43	48	42
186	329	49.5	59	24	17.5	64	138	42	44.5	42.5
187	304	–	65	24	19	70	–	–	–	–
188	326	48	56	20	15	58	140	41	46	42
189	315	53	64	26	19	75	153	46	49	48
191	316	50	60	21	17.5	62	142	41.5	46.5	–
192	302	51	56.5	22	18	65	141	41.5	46	42.5
193	328.5	50	60.5	24.5	17.5	67	145	44	47	45
194	318	50	63	23	17.5	66	143	42	46	46.5
195	291	–	61	21.5	17	62	–	–	–	44
198	303	49	57.5	22.5	18	66	145	45	45.5	–
199	314	54	66	26	19.5	74	147	43.5	48	48
202	336	54	–	24	19.5	70	148	43	49	49.5
203	324	50.5	62	21	16	61	141	41	47	44
204	335	51	61.5	23.5	20	69	143	43.5	46	46.5
206	325	50	60.5	23	20.5	70	140	40	46	–
207	327	49	62	25	19.5	70	139	43.5	44	47
208	–	51	–	–	–	67	144	43.5	46	–
209	349	52	66	22	18	64	154	47	50	44.5
210	311	49	62.5	24.5	21.5	70	133	40	44	41
211	–	52	67	–	–	66	151	44.5	50	–
212	329	48	59	19	16	56	135	40	43	42
214	311	49	57	21	17.5	61	141	41.5	45	42
215	313	48	–	22.5	15.5	63	137	41.5	44	41
216	313	53.5	58	23.5	18	67	–	–	48.5	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
217	318	52	67	23.5	18	68	–	–	–	44
218	316	50	64.5	20	16.5	61	136	41	44	–
220	309	–	59	19.5	16.5	59	136	41	43	42.5
221	–	53	–	–	–	69	151	47	47	–
223	299	46	62	24	18	68	131	40	42	44.5
224	309	47.5	58	22	18	63	138	42	44	42
225	331	55	65.5	23	19	67	153	46	50.5	45.5
226	332	53	64.5	22.5	18.5	67	149	44.5	49	47
228	–	52	–	–	–	71	–	–	–	–
229	305	–	62	22	18	65	–	41.5	–	43.5
230	313.5	47	58	20.5	15.5	59	137	42	43.5	41
231	328	51	62	23	18.5	67	–	–	46.5	–
233	297	50	57	22.5	15.5	61	141	41	46	41.5
234	369	48.5	63	24.5	19	71	141	41.5	46	44
235	333	52	60.5	22	18	65	144	42	48	–
237	322	47	60.5	25	18	65	133	40	42.5	–
239	312.5	48	63	23.5	17.5	67	135	41	44	46
240	331	49	60	23.5	18	65	141	42.5	45.5	–
241	326	52	61	24 5	18	67	149	44	49	44
242	321	50	59	25	20	73	–	–	46	45
243	315	51	66	23	19	68	141	45	46	47
245	322	48.5	61.5	23	18	65	138	–	44.5	44
246	321.5	51	60	23	18	63	142	43	45.5	45
247	316.5	48	59	20.5	15.5	59	–	41	44.5	43.5
249	313	46	57	23	16.5	63	–	–	44	–
250	321	50	65	22	19	66	139	41.5	45.5	45.5
251	317	48.5	65	23	19	67	–	–	47.5	–
252	324	48	61	24	18.5	69	138	41	44	45
254	306	48	59	23	17	62	134	39.5	44	42
255	331	51	59	21.5	18	60	138	41	46	–
257	336	50	60	22.5	19	66	148	44	48	45
258	317	50	64	22.5	18	66	148	45	47.5	47
259	320	49	60	25	19	68	141	43	45	43
260	336	51	59	25.5	19	68	144	44	46	46
262	322	53	62	24	19	71	144	44	46.5	45
264	318	50	60	22.5	17	65	–	–	46	–
265	308	47	58	22	16	59	136	39	45	42
266	306	47	56	22.5	17	63	137	42	44	41.5
268	293	48.5	57.5	22	18	68	137	41.5	44	–
269	319	49.5	61	20.5	16	59	–	–	45	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
270	323	50	57	21	18.5	65	144	43	47	–
271	308	50	61	23.5	18	66	141	42	46	48
272	323	49	61	24.5	19.5	70	138	42	43	–
274	306	51	63	22	18	64	142	42	46.5	44
275	320	52	60	23	17	64	147	44	47.5	–
278	293	50	61	22.5	19	68	–	43.5	48	–
279	316	49	65.5	20	17	63	136	40	46	44
280	301	48	61	22	17	62	136	40	45	44.5
281	325	50	65	21	18.5	63	145	44	47	42
282	330	53.5	70	22.5	17.5	66	145	42	48	47
283	306	48	64	23	18	63	–	–	45	–
284	339	49	62	20	17	62	142	42.5	46	–
285	328	48	58	20	16	57	–	–	44.5	42.5
286	345	54	62	25.5	20.5	73	152	45	49	47
287	316	48	61	25	17	67	140	42	46	46
288	296	46	59	20	17.5	60	133	41	43.5	43.5
290	314	49	60	22.5	17	63	137	40	45	–
291	310	52	63	22	20	66	144	41	49	47
293	311	–	64	22	21	69	139	42	45	–
297	335	52	67	26	21	67	150	46	47	46.5
300	336	50	68	22.5	19.5	65	145	44	46.5	46.5
301	305	49	64	22	16	61	–	–	46	–
302	320	51.5	66	22	17	64	143	43	47	45
304	291	49.5	62	24	20	69	139	43	44	43
305	323	50	65	24	17.5	67	142	43	46.5	46
306	302	52	59.5	24	20	71	154	46	50.5	45
307	318	49.5	65	22.5	17.5	65	137	–	45 5	–
308	336	52	71	24	18	65	144	43	47.5	–
309	298	49.5	58	22	17	62	141	43	46	43
311	306	49	56	21	16	59	138	41	45	42
314	317	49	64	23	20	69	–	–	46	42
315	358	51.5	61.5	24	20	72	148	45	47	47
316	338	53	65	24	17	67	151	46	49.5	46
317	293	47	62	23.5	16	58	132	39.5	43.5	–
319	–	50	62	–	–	67	145	43	47	–
320	332	55	67.5	27	21	74	158	47	53	48.5
321	312	52	62	22	18	64	146	44	48	41.5
322	333	50.5	65.5	22	17	63	144	45	45.5	45
323	317	51	62.5	22	17.5	64	–	–	47	46
325	–	51	–	–	–	65	147	46	46	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
326	310	50	66	25.5	19	68	140	44	46	–
327	323	48	55.5	23	18	66	136	41	44	–
329	315	47	59	23	18	64	135	40.5	44	41
331	305	46	60.5	22	18	65	139	44	46	–
333	326	47	58	23	19	66	137	42	44	41
336	328	53	65	27	19	72	151	46	49.5	48.5
337	324	48	60	24	19	68	139	42	44	46
338	345	53	63	25	21	67	149	46	48	42.5
340	324	50	65	22	19	65	145	44	47	43
341	306	47	60	22.5	16	64	135	42	42	44
342	332	53	66.5	24.5	19.5	69	153	47.5	49	48
343	348	56	61	26	19	70	156	46	52	46.5
344	324	48	63	23	16.5	59	136	40	43.5	44
345	323	48	58.5	22	17	61	131	41.5	42	43.5
346	309	47.5	57.5	22	16	62	134	41	43	43
347	345	53	63	22	19	68	146	44	48	44
348	306	50	62.5	22	16.5	64	147	43	48.5	44
349	318	52.5	65	24.5	19.5	70	147	45	47.5	46
350	324	50	61	24	21	69	141	42.5	46	47
351	310	50	64	24	19	70	138	42	45	47
353	332	52	65	23	16	60	146	43	48	43
355	310	46.5	59	22	19	64	131	40.5	41	41
356	323	55	65	24	19.5	68	154	46	49.5	46
357	357	52	68	22	19	68	148	44	48	47
361	296	48	65	22	17.5	62	137	42	45	42
363	290	47.5	61.5	22.5	15.5	62	137	41	44	43
365	300	45	59	24	17	62	133	41	44	42.5
366	315	50	61	25	20	69	–	–	44.5	–
367	311	49.5	60	21	18	60	137	41	45.5	44
368	324	53.5	66	25	21	71	151	44	49.5	45
369	327	48	65	24	19	70	–	–	–	45
370	306	48	58	23	19	68	138	43	44	42
371	329	49.5	64	27	21.5	73	143	43.5	46.5	47
372	344	50	63	21	19	65	148	44	46.5	46.5
373	318	50	64	22.5	18	66	147	45	47	46
374	308	49	61	26	18	67	136	40	44	–
375	314	50.5	63.5	25	17.5	69	145	44	47	48.5
376	310	48.5	57.5	21	18	62	138	43	44.5	41
377	324	49	56	23	18	63	132	40	43	43
378	308	49	63	22.5	18	66	144	46	47	48.5

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
381	319	49.5	62	23	18	66	142	45	46	45
382	312	51	70	23.5	18	66	–	–	48	47
383	347	55	71.3	24	19	70	152	46.5	50	48.5
384	–	50	–	–	–	66	144	45.5	45.5	–
385	318	49	–	23	19	66	143	43	47.5	–
386	349	50	59	23	18	64	146	44	48	43
387	337	–	66	23	20	68	–	–	48.5	47
388	313	51.5	60	21	17	61	140	40.5	46	–
389	308	51	66	23	17.5	66	143	41.5	47	44
391	321	54	65	23.5	17	66	155	47	50.5	46
393	309	47	60	19.5	16	59	137	41	45	42.5
394	335	49	63	22	19.5	65	–	44.5	46	–
395	342	51	63	25	18.5	68	147	45	48	45
396	325	53	68	22.5	19	67	152	46	49	49
397	322	49	59	24	18	69	138	41.5	45.5	41.5
398	328	54	65	25	17	69	–	46	49	48.5
399	322	50.5	61	23	19	66	144	45	46.5	43
400	323	52	65	23.5	18.5	67	145	43	48.5	–
401	341	52.5	62	22.5	17	63	153	45	50.5	45
402	324	50	61	24	19.5	66	142	44	45.5	44
403	307	48.5	64.5	22	15.5	60	136	42	44	–
404	317	49	61	22	18	67	140	41.5	46	45
405	317	49	58.5	23.5	18	64	136	41	45	–
406	322	50	67	24	20	70	143	43	46.5	–
407	312	52	62.5	22	18.5	64	147	45	48.5	45
411	313	49	60	24	19	67	141	43	46	43
412	322	46.5	55	24	17	63	132	41.5	43	42
413	297	50	64	24.5	19	67	139	41	45	44.5
414	345	50	63	–	19.5	69	144	42.5	47.5	44
415	348	50	60	23	17.5	63	144	42.5	46.5	–
416	341	50	64.5	25	17.5	68	140	43	46	48
417	327	48	64	23	17.5	65	140	43	45	46.5
418	301	49	60	24	19.5	68	137	40	44	–
419	330	51	64	23.5	18	66	144	44	46	–
423	318	50	64	25	17	67	141	42	46	46.5
424	319	54	67	24	21.5	70	152	47	50	–
426	309	51	64	23	17	69	141	42	47	45
430	309	48	59.5	22	18	63	–	–	44	–
432	331	48	60	23	20	66	140	42	45	42.5
433	328	48	58	22.5	18	65	140	41.5	45	41

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
434	320	49.5	60	24	17	69	141	43	45.5	45
435	319	51.5	62	24	17	66	–	–	50	45
436	327	50	58	23	17	64	141	43	46	44
437	326	52	68	24	17	66	148	45.5	48	47
438	329	52	66	24	18	66	144	42	48	47
441	326	47	66	23	18.5	62	137	43.5	42	43
442	333	52	65	22.5	20	69	148	45	48	–
443	316	47	58	22	18	62	135	42	42	40
444	293	51	61	21.5	18	65	144	44	47	45
445	321	49.5	62	21.5	16	59	145	43	48	–
446	316	52	67	23	19.5	68	143	43	47	47
448	315	55	65	25	19	70	147	44	48	45
450	318	49	64	23	17	62	140	42.5	46	45
452	329	49	57	21	18	64	138	43	44.5	–
453	333	51	68	24	19.5	72	–	–	–	–
454	320	46.5	57	22	17.5	63	138	41	45	41.5
457	340	52	61	24	19.5	68	145	43	49	–
458	332	51.5	65	22	17.5	62	144	43.5	47	46
460	324	50	59	21	17	61	141	42	46	–
461	338	51	64	24	21	73	145	43.5	49	45
463	346	–	–	25	22	75	–	–	48	–
464	354	56	63	22.5	17	64	158	47.5	51	48
465	300	52	65	22.5	18	63	144	42	47.5	45
469	308	50	57	24	18	65	139	42.5	45	–
470	335	51	67	23	17	68	145	43	47.5	47
471	314	47	60	21	17	59	132	–	44	42
472	331	51	66	23	18.5	68	150	44.5	49	45.5
475	293	50	64	24	18.5	68	–	–	–	45.5
477	320	49	56	22	17	63	137	41.5	45	41.5
478	307	49	63.5	22	18	62	139	42	45	42
479	317	50	68	23	22	71	146	–	47	–
480	317	47.5	–	21	15	60	137	42	44	–
481	288	47.5	59	22	16	62	133	40	43.5	41
482	322	49	57.5	22.5	18	63	141	43	45	41
486	318	50	62	21	17	64	135	40	45	44.5
487	325	51	64	25	17.5	70	146	44	46.5	48.5
490	325	51	66	23	20	70	145	43	47	44.5
491	309	50	60	22.5	19	66	138	43	43	42
493	334	49	62	22.5	16.5	65	143	42.5	46.5	44.5
494	329	–	64	24	17	67	–	–	47	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
497	306	50	61	21.5	16	61	143	42	47	–
498	309	53	67	24	19.5	67	150	45	49	48
499	318	49	60	24.5	17	65	140	43	44	41.5
501	322	51.5	60.5	21.5	17	63	–	–	48	–
502	342	49	58.5	21.5	16	61	141	42	46	43
504	326	46.5	56.5	20.5	16	61	138	43	44	41.5
508	302	47	55	22.5	19	69	–	–	45	–
509	323	52	60	25	20	72	148	45	47	44
512	330	50	64	22	18	65	144	42	48	43
515	310	48	–	24	18	67	–	–	44.5	–
517	324	51.5	60	22	19	67	–	–	–	–
519	307	48.5	63.5	23.5	18	67	136	42	43	–
521	307	51	61	22	16.5	63	148	44	47	–
523	311	51.5	58	22	17	57	145	43	48	–
525	367	52	66	25	18.5	69	–	–	46	46
526	341	51	61	23	18	67	147	45.5	48	45
527	306	51	59	20	17	58	–	–	46.5	–
528	330	53	66	21	18.5	65	148	45	47	47
529	315	48.5	60	26	20.5	73	–	–	43.5	46
531	304	46	59	23.5	19	69	134	41	43	44
532	300	50.5	63	24	19	70	–	–	46	–
533	324	–	62	25	18	70	–	–	49	–
534	308	50	58	20	17	61	138	41.5	45	42
535	325	50	63	24	17.5	68	145	45	47	47
539	321	49.5	63	25	18.5	69	141	42	45	47.5
541	320	51	–	–	19	67	143	42	47	41
543	306	51	60	19	17	59	142	42	47.5	–
544	313	51	65	21	18	64	142	43	46	46
546	320	50	–	24	18.5	70	143	42.5	47.5	–
547	336	51	63.5	22	18	64	150	45	49	46
548	319	50	61.5	24	19	68	140	43	45	44
549	337	49	60	24	18	66	144	44	46.5	43
550	325	55	72	26	21	71	159	47	53	52
551	322	46	61.5	23	17	60	131	39.5	42.5	41
554	319	46	64.5	20.5	15.5	60	133	38	43	–
555	325	47	58	23	18.5	68	135	41	42.5	41
556	321	49	56	22	20	67	143	42	47	–
557	300	50	65	22.5	17.5	65	–	–	46	45.5
558	336	50	61	21	17	62	142	43	45	–
559	318	47	61.5	23	17	64	134	41	43	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
560	307	47	63	21	18	65	142	42	47	46
561	330	49.5	64	21	19	69	145	44.5	46	46
562	310	52	63	24	19.5	69	147	44	47.5	46
563	319	49.5	60	22	18.5	64	147	45	47.5	46.5
564	344	52	62	24	18.5	67	150	46	48	–
565	327	49	61	25	20	70	139	42	45	–
568	317	48	63	21	16	60	135	41.5	42.5	43.5
569	323	49	59	21.5	18	63	136	40	45	43
570	329	52	62	22	19	66	143	44.5	45.5	46
571	–	47	–	–	–	62	135	42	43	–
572	308	48	64	23.5	19	68	141	42	45	47
573	339	49	59	24.5	18	67	142	45	43.5	44
574	309	48	61	21	18	63	138	41	45.5	43
575	319	50	60	23	17	63	144	44	47	43
576	309	–	–	21	16.5	61	–	–	44	42.5
577	326	50	61.5	24	19	67	138	40.5	45.5	43
578	356	54	65.5	23	19	67	149	44	49	47
580	334	50	63	23	18	65	–	–	–	45
581	283	46	61	22	18	67	131	39	42.5	44
582	318	52	57	22	17	64	146	43	48	43.5
584	309	44	61	22.5	17	64	130	39	42	–
585	308	46	61.5	21	18	62	135	–	44	–
586	340	48	61	21	18	64	143	45	46	46
587	308	49	60.5	22	17	60	139	42	44	45
588	307	45	64	21	17	59	135	42.5	42.5	43
589	319	51	62	23	18	64	144	43	47	44.5
591	309	52	62	23.5	17	65	143	44	46	–
593	320	47	62	23.5	18	65	139	41	45	44
594	314	–	69.5	23	19	68	–	–	–	–
595	305	50	60	24	18	64	139	40	47	43
596	314	48	64	23.5	18	66	142	–	46	43
597	323	50	65	22	16	62	142	44	46.5	–
599	312	48	59	22	16.5	60	139	42	45	42.5
600	319	52	66	24	20	68	145	43	48	46.5
601	328	49	56.5	21	17.5	63	–	–	45	42
602	312	47	59.5	22	16	64	143	42	46	46
603	337	53	65	22	16	64	153	45	50.5	46.5
606	326	49.5	64	22.5	19	69	143	44	46	44.5
607	306	53	64.5	22	17.5	64	155	44	51	–
610	324	49	62.5	22	18 5	67	142	43	45	45

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
611	312	49.5	68.5	22.5	19	69	148	45.5	46.5	48
612	316	48	62	21	17.5	64	134	41.5	42.5	44.5
613	315	50	62.5	22	18	64	140	41	46	45
614	315	48	56.5	22	18	64	136	40.5	44.5	44
615	316	50	59	22.5	17.5	67	144	43.5	46	41.5
616	325	52	58	23.5	16	64	148	43	49.5	–
617	317	50.5	57	20	18	63	–	–	46	43.5
618	315	52	64.5	24	19	69	146	43	48	46
620	340	56	68.5	23.5	19.5	68	157	47	51	51
621	316	49	62	23	16	64	140	43.5	45	44
622	323	51	65	23	16	63	–	–	46	–
623	–	–	–	–	–	60	–	43.5	45	41
624	323	46.5	62	20	16.5	61	135	41	44	–
626	312	51	61	23	17	63	144	43.5	47.5	45.5
627	310	49	58.5	22.5	19	67	144	45	46	47
628	324	52.5	62	22	18	63	153	48	48.5	47.5
629	362	50	64.5	25	19	72	147	46	47	–
630	343	50	–	22.5	18	68	147	43.5	48	–
632	330	56.5	68	25.5	22	78	167	50	54	–
633	328	53	67	25	18	69	157	47.5	50	47
634	313	51	63	23.5	17	67	145	41	48	46.5
635	330	49	58.5	21	17	62	138	40	46	43
636	326	52	62	21	18	66	149	44	48.5	43
637	304	48	62	21.5	18	66	145	45	45	–
638	317	48.5	63	22	17	63	140	42.5	45	42
639	327	48	65	22	16.5	64	136	41	42.5	–
641	295	49	62.5	23	18	67	140	42	45	–
642	296	47.5	58.5	21.5	15.5	58	136	41.5	43	41
643	328	54	71.5	27	21	78	152	46.5	48.5	48
644	330	52	69	25	18.5	69	146	44.5	46.5	48
645	313	48	65	21.5	16	63	–	40.5	–	–
646	314	51	57	24	19	72	150	45	48.5	44
647	337	56	70	24	19	69	158	45	53	47
648	337	48	58.5	20	15.5	60	–	–	45	42.5
649	321	49	60	22	16.5	66	141	43	46	–
650	309	50.5	64	24	18	67	140	42	44.5	47
651	329	53	62.5	22	19	66	151	46.5	49	–
652	314	49	63	24	18.5	68	145	44	47	–
653	325	50	60	22	17	64	–	–	47	–
654	327	48	–	22	17	61	137	41	45	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
655	321	50	62	23	19	70	147	44	46	46.5
656	320	49.5	65	22	18.5	68	143	42.5	44.5	48
658	305	50	65	22.5	16	63	138	42	46	46
659	312	48.5	58.5	23	18	67	–	–	44	–
661	314	49	66	24	20	69	141	43.5	46	–
662	337	52	59	21	17	60	142	43	46	–
663	309	51	61	23	18.5	70	142	42.5	46	44
665	307	53	66	23.5	20	70	146	44	48	48
666	336	–	59	22	17	65	–	–	45	–
667	337	50	62	22	17	64	–	–	48	45
668	339	48.5	61	23	16	63	–	–	45	–
669	330	52	63	28.5	22.5	76	150	45.5	49	–
670	344	56.5	58	23.5	19	69	160	47	53	–
671	340	49	–	26	19	71	–	–	–	–
672	338	53.5	63.5	24	19.5	71	–	44	50	–
673	324	–	–	23	19.5	68	–	–	46	46
674	342	52	68	23	18	66	152	45	49	48
675	301	–	61	21	19	65	–	–	–	44
676	315	49	58	23	18	65	141	42.5	46	–
677	292	46.5	61	25	17	67	139	42.5	45	–
679	313	49.5	63	22	18	67	145	44	46	44
680	321	50	62	25	20	70	145	45	46	48
682	318	49.5	58	23	18	66	145	44	48	44
683	310	51.5	65	23	18	68	148	44	49	48
685	314	50	–	24	20	71	146	44	47	–
687	317	52	62	23	16	61	141	40.5	48.5	–
688	335	52.5	63	23	19	67	147	44	48	–
689	305	48.5	64	23	17	67	142	43	45.5	45
690	327	49.5	62	25	20	74	146	43	47	48
691	331	51.5	59	24.5	18	66	–	–	47	43
692	334	51	63	24	19	73	146	44	47	46
693	–	–	60	–	–	61	–	42	44.5	–
696	322	49	61	23.5	17	64	139	43	44	44
697	340	51	69	24	20	73	148	45.5	46	–
698	325	52	64	24	18.5	70	150	46	48	47
699	324	53	57	22	17	61	153	45	50.5	–
700	324	50	67	23	17	66	143	43	47	47
702	326	48	59	25	19	75	136	41.5	43.5	–
704	311	49	63	23.5	19.5	70	–	–	–	–
707	322	51	59.5	25	19	68	–	–	47	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
708	317	51	59	23.5	19.5	71	147	45	47.5	–
709	310	54	68	25	19	71	–	–	48.5	48
710	301	48	58	24	19.5	69	133	40.5	43	–
711	326	46.5	58	23.5	18	65	137	41	45	41
713	331	49	62	23	17	64	138	–	45	44
714	313	–	56	22.5	16.5	65	–	–	44	–
715	328	50	62	21	18.5	68	149	46	48	–
717	311	48.5	55	21.5	15	59	140	42	46	43
718	362	52	61.5	22.5	17	67	153	45.5	49	–
719	307	48	62.5	21.5	19.5	67	–	–	–	45
720	308	49	61.5	29	21.5	76	136	–	43	45
721	335	57	64	25	22	74	163	48.5	54	–
723	334	53	65	24	19.5	69	150	46	48	–
724	329	50	65	23.5	18.5	71	146	43	47	45
727	299	49	61	21.5	18	67	141	42	45.5	44
728	309	49	64	24	19	71	150	44.5	47	45
730	324	49	65.5	23	19	69	142	44	45	–
734	317	47	–	22.5	16.5	65	136	41	45	–
735	317	49	64	21	16	63	135	40	44	43
737	307	49	–	23	18	68	–	–	44.5	–
739	300	48	61	23.5	16.5	65	137	40	45	45
740	317	49	60	22	17	61	141	42	45	–
743	317	49	55	22.5	16.5	65	–	41	44.5	42
744	338	50	62.5	23.5	18	67	149	45	47.5	45.5
745	321	49.5	64	24.5	17.5	66	–	43	46.5	43
746	293	46	61	23	17.5	65	–	–	–	–
747	323	49	59.5	21.5	18	65	143	42	46.5	–
748	315	48	56	22.5	17.5	62	137	41.5	44	–
749	303	52	63	24.5	20	72	152	46	49	–
750	303	48	63	23	16	62	–	–	43	–
753	319	48	61	22.5	18	72	142	43	47	43
755	310	–	59.5	22	17.5	64	–	41	43	41.5
756	297	48.5	60	23	18.5	66	138	41	43.5	45
757	330	54.5	62.5	25.5	19.5	74	–	–	–	–
759	300	46	60	24	17	69	133	41	42	–
760	335	50	64	25	19	68	146	43	47.5	–
761	325	52.5	57	26	20	70	151	46	49	46
762	302	47.5	55	22	19	65	139	40.5	44	–
763	345	51	66	24.5	21	75	–	–	48	–
771	325	49.5	59.5	21.5	17.5	64	143	43.5	47.5	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
774	–	47.5	–	–	–	69	–	–	44.5	–
776	349	56.5	–	26.5	20	–	–	46	–	–
780	322	48	56	21	16.5	61	133	39	44	–
783	314	56	67	22	17	63	154	47	50	46
784	300	51.5	62	23	20	68	–	–	48	45
785	329	49	62	21	16	62	–	47	46	42
787	316	–	61.5	27.5	17.5	69	144	44.5	46	44.5
788	324	48.5	62	21.5	18.5	67	144	44	46	42
789	326	52	67	25	19.5	68	150	45	48	48.5
790	321	50	64	22	17	62	148	44	48	45.5
791	357	54	62	24	19	69	145	42.5	48.5	47
793	332	53	68	25	21.5	74	148	–	47	–
794	346	52	66	23	18	70	151	47	49	47
795	308	52	59	22.5	19.5	67	–	42	45	45.5
796	325	48	62	21.5	18.5	66	139	41.5	44.5	44
797	281	47.5	57	22	17	65	–	–	44	40
798	332	53	60.5	21.5	17	63	–	–	47	44.5
799	307	51	67	22	18.5	67	142	43	47	45
800	341	50	58	23	19.5	69	143	43	45	–
801	299	50	60	23	18	69	145	44	46	46.5

COLECÇÃO GERAL

Húmeros ♂ esquerdos

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
1	318	48	56	22	18.5	65	132	40.5	42.5	43.5
2	322	50	63	22	18	64	141	43	45.5	45.5
3	306	48	61.5	20	15.5	57	135	41	44	–
4	284	45	–	21	17.5	62	135	39.5	44	–
5	292	49	60	22	18	65	–	–	47.5	–
6	310	53.5	–	25	21	73	148	44	49	–
7	295	50	61	24	18	68	140	42	45	44
8	312	51.5	57	20	17.5	61	141	42	47	–
9	324	49	58.5	21.5	17	60	139	41.5	44.5	41
10	324	50	65	28	23	85	–	–	48	–
11	337.5	47.5	59	22	18	63	136	41	43	42
12	289	48	64	18.5	15	56	133	40	44	42.5
13	323	–	64.5	23	18.5	68	–	–	49	–
15	323	47.5	55	21	16.5	62	–	–	44.5	–
16	302	46	60.5	20	17.5	61	138	42	45.5	45.5
18	311.5	48	57	21.5	17	62	135	40	44.5	–
20	296.5	49.5	60.5	24.5	18.5	63	141	43	45	44
21	324	52	60.5	22	19	67	141	–	45	45
22	311	46.5	60	21.5	19	63	130	40.5	42	42
24	312.5	49	67	22	17.5	63	139	42	45	46.5
25	333.5	48.5	62.5	24	19.5	69	–	–	45	43.5
27	309	47	59	21	16	60	–	–	44	–
28	320	53.5	64	23	18 5	65	150	45	49	47
29	295	48	60	22	17.5	64	135	40	44	–
30	–	–	–	21	18	64	–	–	44.5	–
31	324	49	59.5	21	19	62	143	44	45	44
32	339	51.5	60	23.5	18.5	67	143	42	47	44
33	308	51.5	63	23.5	18	65	145	44.5	47.5	44
35	314	48.5	58.5	21	16	60	137	40.5	44	43.5
36	–	–	–	26	20	74	–	–	46.5	–
37	324	50	67.5	23.5	19	65	149	44.5	48	44.5
38	314.5	51.5	65	22	19	63	147	44.5	46.5	46
40	325	47	56	21.5	18	64	–	–	44	–
41	342	52	64	24	19	71	147	43	48.5	45.5
42	321	48	62	23.5	19	70	135	41.5	44.5	–
43	299	51.5	59.5	24	19.5	66	–	–	47	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
44	322	48	60.5	23.5	18	67	132	–	42	41
45	313	47	64	20	16	60	130	38.5	41.5	41
47	312	50.5	55	22.5	18	66	144	42.5	46	42
48	317	50	59	21	17	62	140	41.5	47	–
49	348	51	63.5	24.5	18.5	67	145	44	47.5	45
50	319	50	–	21.5	17.5	63	139	42.5	45	–
53	312	46.5	63	22	17.5	64	–	41.5	–	43
55	296	50	61	23	19	67	143	43.5	46.5	44
56	317	49	60.5	23	17	60	141	43	45	–
57	314	52	65	22	17	63	150	45	48.5	45
59	334.5	52	61	22.5	19.5	68	–	–	48.5	46
62	301.5	47	58	21	17.5	64	139	42.5	44	–
63	320	52	64	23.5	18.5	68	–	–	48	46.5
64	316	52.5	66	25.5	20	72	151	46.5	48.5	44.5
66	325.5	48.5	62.5	24.5	19	66	138	–	44	–
67	289	49	59	21.5	19	63	144	44	46.5	–
70	323	49	59	22.5	19	65	142	44	45.5	42
71	322	47.5	64	21.5	17.5	64	133	40	42	44
73	336.5	51	56	22.5	17	64	144	42.5	48	43.5
78	360	51	62	24	17	65	145	45	46	46.5
79	322	47	60	20	16	59	134	41	43.5	43
81	313.5	49	59	22	17	62	139	43	45	41.5
82	307	51	–	21.5	19	66	–	–	47	–
83	332	50	63	21.5	18	63	143	42.5	46.5	45
86	331	50	65	24	16.5	65	145	45.5	45	–
87	314.5	48	65.5	23.5	18.5	63	137	–	44.5	–
88	338	52.5	61	21.5	18.5	65	144	42.5	48	–
90	303	47	57	20	17	62	134	–	43	–
92	314	50	60	23	16	63	145	44	48.5	43.5
93	323	50	64	24	20.5	69	–	–	46	–
94	310	48	58	22.5	17	63	139	42.5	45	–
95	310	46.5	58	23.5	17.5	63	–	–	42	43.5
96	316	50	60	21.5	18	62	–	–	46.5	–
97	324	48	60	23.5	20.5	69	–	–	44.5	45.5
98	326	51	61	22	17.5	64	144	45	46.5	45
100	334	53	63	20	15.5	60	144	43	48	45.5
101	325	48	57	19	15.5	58	136	40	44.5	42
104	306	46	59	20	16.5	60	–	–	44	43
105	332	51	68	22.5	19	67	149	43	49.5	–
107	327	–	62	20	15.5	57	–	–	–	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
108	342	49	60	21	18	62	144	44	46	45.5
112	300	47	60	20.5	15	59	135	42	43	41
114	330	50	62	21	17	62	144	41	47.5	46
115	322	47	57	20	16.5	58	134	38.5	45	41
116	298	51.5	64	22	17	63	144	42.5	47	–
117	327	49	62.5	23.5	19.5	70	144	44	46	–
118	308	51	64	21.5	17	62	–	–	46	44.5
119	294	49	63	20.5	17	61	142	44	45.5	43.5
120	315	49.5	65	22	17	62	142	42	48	–
121	303	–	59	24.5	19	66	–	–	–	45
122	303	48.5	60	22	18	65	136	39	44.5	44
123	309	46	57	21	16	60	136	41	43	42
124	278	48	60	20	16	59	–	–	44	44
125	311	51	59	21	17	60	138	–	45.5	41.5
126	311	47	58	22	15.5	61	140	42	46	46
127	302	49	59	21	17	62	142	43	45	44.5
128	309	46	57	20.5	17	59	136	41	44	41.5
129	308	48	60	21.5	16	61	135	39.5	45	41
130	317	48	58	22	16	62	143	42	46.5	44.5
131	306	49.5	58	19	16.5	59	139	41.5	45.5	44
132	306	49	60	23	18	65	–	–	46.5	44
133	312	49	61	23	17.5	65	138	42	44	44.5
134	337	49.5	60	24	18	66	141	41	46.5	–
135	351	51.5	60	23.5	18	65	148	46	48	44
136	318	50	64.5	22	17.5	62	138	40.5	43.5	–
137	292	49	58.5	22	18	66	139	41.5	46	42.5
138	296	47	57	20	14.5	56	133	40.5	43	–
139	320	47	60	21	17	63	137	42	42.5	–
140	340	46	58.5	21	18	61	140	42	45	–
141	291	50.5	61.5	20	18	59	142	42	46.5	–
144	300	51	62	22	18	63	143	42	46	–
145	324	46	60	22	18	66	131	39	42	44.5
146	311	48	58	22	18	62	140	42	45	44.5
147	319	–	63	21	16	59	–	–	46	–
148	311	46.5	58.5	18.5	16	57	136	41	43.5	–
149	312	49	60.5	19	14.5	55	136	39	46	–
151	322	48	–	21	17	62	138	41	44.5	43.5
153	329	52	60.5	22	20.5	68	145	–	48	45
156	302	50	58	23	17.5	59	140	39.5	47	42.5
157	323	48.5	66	21.5	18.5	65	142	42.5	46.5	44

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diafise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
158	329	50	58.5	20	16.5	57	–	–	44.5	42
159	313	–	58	24.5	18	69	–	–	–	–
160	318	49	59	20.5	18	60	140	41	46.5	44.5
161	318	49.5	60	22	17	63	140	42	45	44.5
163	319.5	50	63.5	24.5	18.5	67	–	–	–	46
164	306	49.5	57	21	17.5	59	139	41	45	42
165	314	51	63	22	18	64	146	43.5	48	47.5
166	331	45	55.5	23	17.5	63	130	39.5	40.5	–
168	315.5	48.5	63.5	21	17.5	63	136	42.5	43.5	–
171	313	51	60	21	17	64	143	41.5	47.5	–
172	337	48	61.5	19	16	58	138	42	45.5	41.5
173	313	52	66.5	23	19.5	66	148	44	48.5	50
177	341	47	59	19	16	59	136	39.5	45	45
178	308	48.5	55.5	20	16.5	59	141	42	46.5	–
179	328	57	70	21.5	18	64	159	46.5	53	49.5
181	331	49	61.5	20	18.5	64	142	43	46	–
182	311	44	61	22	16.5	62	131	41	41.5	42
183	318	48	57	21	16.5	60	140	43	45	43
184	316	47	59	19	14	56	136	40.5	44	–
185	296	47	63	21	17.5	61	134	42	43	45
186	330	49.5	59.5	20	16	60	141	42.5	46	45
188	317	50.5	63	24	17	66	141	43	46	47
192	322	49	62	25	18	70	143	–	46	47
194	321	49.5	61	19	16	59	140	41	45	43.5
196	293	49	55	22	19	68	–	–	43	–
197	304	47	60	20	17	61	135	42	43	–
198	335	53	60	22	17	62	150	45	49	41.5
199	304	50	57.5	18	16	56	142	41	47.5	41
200	325	50	60	19	17	61	138	41	45	43
202	322	51	60.5	19	17	61	145	43	47	43
203	325	51	65	21	16.5	63	144	43	47	46
204	334	51	62	21	18.5	63	143	44	47	45
206	322	50	60	19	16	58	141	42	46	41.5
209	337	50	59	21.5	17	62	142	42	47	–
210	341	52.5	62.5	25	21	75	147	45	47	47
212	335	54	66	26.5	19	71	156	47	51.5	47
214	330	51	59	21.5	18	64	140	41	47.5	43
216	298	49	60.5	20.5	16	60	139	42	46	45
218	314	51	62.5	23	19	66	–	–	49	43
219	329	51.5	61	21.5	16.5	61	–	41.5	–	45

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
222	352	51	66	21	18	65	147	43	48	–
225	342	51	63.5	20.5	17.5	60	–	–	48	47
226	310	49	64	20	17	61	140	40	46	–
227	326	53	66.5	22	18	66	145	43	48	46
228	318	51	64	25	19.5	71	144	43.5	47	46
229	298	48	56	20	15	60	139	42.5	45	42
231	320	54	58	20.5	16	59	148	45	48.5	–
233	325	49.5	62	19	16	59	140	43	45	–
234	307	–	62	19	15	56	–	42	–	43.5
235	294	47	62	23	18	65	133	–	43	42.5
236	316	47	57	21	17	61	134	40	44	41
237	314	52	64	23.5	20	69	146	44	47.5	–
238	321	50	67.5	20	19	62	143	44	46	–
240	317	49	61.5	20.5	18	63	139	42	45.5	43
241	333	49.5	63	21	17.5	62	142	41	48	43.5
242	302	48	61	22	15	60	136	40	45	–
243	334	46	60	23.5	17.5	67	132	40	42.5	44.5
245	319	49.5	60	23	18	63	141	42	46	43.5
246	326	54	59	22	18.5	64	150	44	49	–
250	326	46	58	21	17	59	130	40	42	43.5
251	320	51	64	21	17	61	–	–	46.5	42
252	317	48	57	22	18	63	143	44	47	42
253	324	52	62	23	17	64	150	45	49	46
254	319	50	62	24	19	68	147	45	48	47
255	324	51	64	23.5	18.5	67	144	43	46.5	46.5
256	336	50	61	23	17.5	63	144	44	47	44
259	317	45.5	56	19	15	58	131	39	44	41
260	312	48	63	21.5	16	61	135	41 5	43	43
263	295	47	58	20	18	60	135	40.5	44	43.5
264	321	50	63	22.5	17	64	144	44.5	47	47
265	328	49.5	63	22	16.5	62	138	40	44.5	43
266	308	47.5	58.5	22.5	17	61	130	39	42	43.5
267	305	49	60	20.5	16	59	135	40	44	–
268	315	50	62	23	19	67	145	43	47	43.5
269	330	50	61	19.5	15	57	144	42.5	47	42.5
270	337	48	60	21	16.5	62	139	41	45	43
271	310	51	60	22.5	17	65	–	–	45	42
272	307	47	60	20.5	15	57	–	–	45.5	–
273	334	50	58	20	16	59	141	41 5	46	–
274	321	47	64	24.5	18	68	138	42	45	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
275	297	48.5	62	23	18	66	134	40	44	42
278	321	50	60	22	18.5	61	143	43	46	–
279	323	49	62	21	16	60	137	40.5	45	43.5
280	305	48	59	23	18.5	64	–	–	45	–
281	301	46	59	20	18	61	–	–	44	–
282	330	50	63	22	18.5	65	–	–	45	45
284	327	–	–	22.5	19	66	–	–	45	–
285	315	51	64.5	26	20	72	–	44.5	–	47
286	339	53	66	26	20	73	149	45	47.5	46
289	315	52	66	25.5	22	71	–	43.5	46	–
290	320	49	62	23.5	20	69	142	44	46.5	45
291	304	51	64	19.5	17	61	142	43	46	44
292	289	48	59	24	17.5	66	135	41.5	43.5	–
293	315	47	62	20.5	15.5	59	136	43	42.5	43
295	318	52	64	19	16	59	143	42.5	47	–
296	327	47	57	21	18	64	136	41.5	44	41
297	342	55	66.5	24	20	69	154	46.5	51	47
298	343	50	62	22.5	19.5	62	146	45	47	–
299	304	47	62	22.5	17	64	133	40.5	42.5	45
301	286	47.5	58.5	20.5	17	62	136	41.5	43.5	42.5
302	307	50	60	24.5	16.5	68	143	43	46.5	43.5
303	340	53	65.5	23	20	64	147	43	48.5	–
305	294	49	62	23	18	67	137	41	45	42.5
306	312	48	61	20	16.5	58	138	41.5	45	44
307	312	49	63	22.5	19	66	141	42.5	47	–
308	334	49	59	19	17	60	138	41.5	43.5	40.5
310	289	47	61	23	19	66	133	41	42	42
312	325	47	57	22.5	18	65	138	42.5	45	41
316	325	49	60	21	17.5	60	–	–	43.5	–
317	314	49	57	20	16	60	139	42	45	42.5
319	327	52	63	24.5	16.5	66	143	43	47	43.5
320	324	50	63	22.5	19	66	–	–	45	–
323	315	48	60.5	22	18	64	138	43	44	43
325	312	52	62	22	18	62	–	–	48.5	–
326	321	50	63	25	19.5	71	147	44	47	44.5
328	318	51	63	26	19	69	144	44	46	47
329	317	50	72	22	18	66	142	43	46.5	–
331	295	46	64	25	17.5	68	132	39.5	43	45
332	342	53	61.5	23	19	67	–	–	49	43
335	315	49	55	21	18	62	136	41	45	41

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
337	319	46.5	55.5	20.5	16	59	137	42.5	44	41
339	329	52	62	23	18.5	66	149	45	49	48.5
340	310	50	61.5	21	16	59	–	–	45.5	43.5
343	323	50.5	60	21.5	15	64	145	43	48	44
344	–	49	–	–	–	68	138	42	44.5	–
345	301	49	61	19.5	17.5	60	–	–	46	43
347	323	51	61	23	20	70	–	–	46	45
348	322	49	–	19.5	15	57	141	42	46	–
349	324	54	65	23	19.5	68	148	44.5	48	46
350	354	49.5	63	20	17.5	60	–	–	46	44.5
351	349	53	62	21.5	18	63	154	47	49	46
353	300	49	62	22	18	63	139	41	46	46
354	337	50	64.5	22	18	64	146	43.5	47.5	–
355	305	53	67	22.5	18.5	67	151	44	49	49
357	314	49.5	62	26	20	72	143	44	46	44.5
359	328	48	–	21.5	16.5	60	137	42	45	–
365	313	50	61	23	17	62	144	43	47	43
368	312	51	67	22	20	67	144	43	46.5	47
369	333	48.5	60.5	21	18.5	60	–	–	46	–
370	326	48.5	60.5	23	20	69	142	42	46	44
373	300	47	59	23.5	18.5	67	134	41	43.5	45
374	329	52	–	21	16	61	147	43	48	–
377	320	–	61	21	17	61	–	40	–	42
378	315	50	60.5	24	18	63	141	41.5	46.5	46.5
380	332	48.5	58.5	22	17.5	64	–	–	45	43
381	333	48	63	21.5	17	59	139	42	46	44
382	327	50	61	20.5	16.5	60	–	–	47	–
384	332	51.5	62	22.5	18	67	146	42.5	48	46
385	325	48	68	20	17.5	60	139	42	45	45
386	317	49	60	23.5	20	66	138	42	44.5	–
387	346	55	–	21.5	16.5	63	158	47	51	–
388	319	48	61	21	15.5	60	141	44	45.5	43.5
391	333	55	63.5	22.5	18	64	156	46	51.5	46.5
392	314	50	60	24	20	67	137	40.5	45	43.5
393	323	47	64.5	22	16.5	62	141	42	45	43
397	336	49	61	24	19.5	69	137	41	45	43.5
398	–	52.5	–	–	–	68	–	–	47	–
399	303	–	63	23.5	17	66	–	39	–	40.5
400	–	53.5	–	–	–	66	–	43.5	49.5	–
401	341	49	63	23	17	65	138	40.5	46	46.5

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
403	320	52	65	21	18	64	145	43	46.5	47
404	319	53	66	25	21	71	148	44	49	46.5
405	310	51	62	23	19	69	–	–	47	–
406	310	50	58	22.5	17.5	63	139	42	46	43
407	302	49	60	20	17	61	135	41	44	–
408	311	51	68	23.5	16.5	64	149	46	48.5	47
409	326	53	59	22	19	65	–	46	–	–
411	308	49	57.5	23	19.5	67	189	42	46	–
412	–	48	–	–	–	59	137	42	44.5	–
413	317	49	60	20	16	59	–	–	44	–
416	329	52.5	65	23.5	18	63	145	44	48	45.5
418	303	48.5	63	21.5	18	61	142	42.5	46	42
419	327	47	61	25	18	67	130	41	41	43.5
420	344	50	60	23.5	18	64	144	43	47	45
421	318	53	62	23.5	18	70	145	44	48	45
422	335	50.5	60	20	17.5	61	142	42.5	46.5	45
423	332	52	63	23	17	66	148	45	46.5	46
424	316	50	60	22	19	65	139	41.5	46	42
425	299	46	57	22	16	61	135	42	43	–
426	299	49	55	21	17	60	139	42	46	42
430	298	49	58	20	16.5	60	133	38	45	41.5
431	307	47.5	65	20	17	61	133	39	44	44
435	324	47	56	19	17.5	59	–	–	45	–
436	307	49.5	65	19	16	56	138	42	45	45
438	321	50	64	22.5	17	64	148	43	48	44
439	308	51	65	21	18	64	144	42	48	48
442	327	52	65	21.5	17.5	62	145	43	48	–
443	326	50	59	20	17	59	139	41	46.5	43
444	306	48.5	61	21	18	62	138	42	45	43
447	309	50	61	22	18	65	139	41	46	44
448	–	48.5	60	–	–	67	–	–	45	–
450	327	49	62	24	17	65	145	44	47	44
451	340	48	57	19	15.5	59	138	42	45	40
452	315	–	66	22	17.5	63	–	–	46	–
453	327	50	60	21	18.5	66	145	43	47	45
454	327	51	63	24	17.5	67	148	44	48	46
455	339	51	66	23	20	66	145	44	47	43
456	324	55	69.5	26	20	69	159	46	52	–
457	320	51	64.5	23	19	69	151	46	48	46
458	323	48.5	60	23.5	18.5	67	138	41.5	45	45

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
461	337	51.5	66	20	17	62	–	–	48	–
462	323	52	66	25	18	69	150	46	49	46
463	348	49.5	67	26	19.5	70	140	42	46	46.5
464	308	48.5	58.5	22.5	17	66	137	42	44.5	–
465	328	52	65	20	17	63	148	45	48	–
466	306	52	61	21	20	67	144	41	49	46
467	364	54	65	25	19	70	159	47	52	–
468	311	–	63	22	17	63	–	42	–	–
469	335	51	65	23	20	69	148	46	46	–
470	313	51.5	62	24	18.5	69	147	44.5	48.5	46
471	312	46	62	22	18	65	137	41	44	–
472	300	51	64	21.5	18	65	136	40	45	42.5
474	302	48.5	59.5	23	18	66	138	42	44	–
475	309	50	67	22	18	67	144	44	44	44.5
476	367	48	64	24	18	71	138	42	45	44
477	306	49	60.5	22	17	63	139	41.5	47	–
478	307	48	67.5	22.5	19	68	141	43	45	–
479	303	49.5	58	21	16	59	134	39	45.5	41
480	320	48	62	23	16.5	66	138	42	45	44
482	307	47	58	24	20	63	135	40	44	–
483	315	50	62	23	18.5	69	144	43	48	46
484	318	–	61	21.5	16	57	–	–	45	–
485	332	52	–	22	18.5	66	–	–	48	–
486	340	52	64	23	17	63	146	44	48.5	46
488	300	49	62	21.5	20	64	–	–	45	–
489	316	49	56	21	17.5	62	138	41.5	45	44
490	325	49	61.5	23	16.5	65	137	41	45	–
491	317	51.5	64	24.5	19.5	71	142	43.5	46	47
492	304	47	60	22	18.5	60	132	38	44	41.5
493	305	–	59	23.5	17	66	–	–	45	–
494	329	50	62	23	18	69	142	43	46	46
495	324	51	63	21	17	62	144	43.5	47	45
496	308	51	63	23	19.5	66	–	41	45.5	–
497	309	47	60	18	16	57	135	38	45	41
498	351	50	60	23	18	67	146	44	47.5	–
499	316	50	60	20	16	59	–	41	46	–
500	295	50	61	24	17	66	142	44	47	–
501	303	48	61	21	17	63	135	39	44	46
502	319	46	65	25	20	64	135	42.5	42	–
503	344	55.5	66	26	19	73	–	46.5	–	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
504	311	48	63	21.5	16	63	–	–	45	43
505	324	47.5	–	20	18	63	137	41.5	45	–
506	330	–	64	22	17.5	65	149	44	49	–
507	320	50	58	22	17.5	63	141	42.5	46	–
508	318	50	58	19	17	61	142	42	46.5	42.5
510	350	48.5	60	19	16.5	59	143	42	47	–
512	314	–	–	23	19	66	–	–	43	–
513	304	46	58	21	17.5	61	132	41.5	42	41.5
515	316	45.5	58	19	15	56	136	42	43.5	42
517	314	48	66	23.5	18	69	144	43	46	–
518	314	51	68	22.5	18	65	138	42	44	–
519	301	49.5	57	18	15	55	–	–	45.5	–
520	314	48	61	22	18	65	139	42	45	–
521	330	50	–	23	19	67	145	45.5	47	–
522	336	51.5	63	23	18.5	70	149	44	48	46.5
523	326	50	65	23.5	19	70	138	41	41	45
524	325	49	58	20	16	60	–	–	45.5	42.5
527	302	48	63.5	23	18	65	139	43	42.5	45
530	330	51	64	22	17.5	60	–	–	48.5	–
531	315	52	66	22.5	19	65	147	44.5	48	44.5
532	309	49	59	21.5	20	64	139	43	43.5	–
535	307	50	64	20.5	16	59	–	–	46.5	45
538	314	52	65	23.5	19	67	145	44	47	45
539	312	51	63	22	18	67	145	45	47	47
540	307	53	65	22.5	17	62	144	42	47	45
545	315	48	63	22.5	18	66	136	41	44	44
547	317	51	66	23	20	66	143	42	48	46
548	321	50.5	68	22	20	66	146	45	48	–
549	297	50	65	22.5	18.5	64	–	–	43	–
550	328	48	59	20	16	58	136	41.5	44	42
551	304	54	66	21	17.5	62	152	44	50	46
552	303	50.5	59	23	19.5	71	148	44	49	46
553	316	49	61	23.5	19	69	138	42	44.5	45
554	–	–	–	–	–	58	141	42	47	–
555	315	50	64	21.5	18.5	66	144	42.5	47	44
557	319	51	65.5	24	19	69	146	45	47	–
558	315	48	61	22.5	18	70	135	41	43	45
559	304	48	66	24	19	70	138	42.5	44	46
561	323	52.5	59.5	23	17	64	148	42	49.5	45
562	338	–	63	22.5	16.5	64	–	–	48	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
568	307	46.5	54.5	19	16.5	60	135	41	43	–
570	322	–	64.5	26	20	73	150	45	48	–
572	334	50	63	23	18	18	145	43.5	47	13.5
574	350	50.5	64	24	20	68	–	–	46	–
576	307	47	58	21	17	62	131	41.5	42	41
577	313	49	60	22	18	64	146	45	47	44
578	314	50.5	58	18.5	15	56	–	41.5	47.5	42
579	309	49.5	58	23.5	15.5	63	136	41	44	41.5
580	320	49.5	61.5	22	18.5	66	–	42	–	45
581	341	48	63	22.5	20	65	–	–	45	44.5
582	306	45.5	58	23	18	62	138	42	43	–
584	314	49	59	21	17	61	137	41	45	45.5
585	295	48	62	20	17	62	138	42	44.5	–
586	290	51	58	19.5	17.5	60	141	41	47	–
587	295	47.5	60	22	16.5	62	137	41	43.5	–
588	316	50	64	23	17.5	67	146	43	48	–
589	313	47.5	59	20.5	15.5	60	137	40.5	44	44.5
590	333	50	–	20	17.5	63	140	42	46	–
591	345	54	66	21	18	66	153	46.5	48.5	46.5
593	331	50	61	21	15	60	144	42	47	43.5
595	317	50	60.5	21	16	63	140	42	46	–
596	319	48	63	24	16.5	69	138	40	44	43.5
597	327	47.5	61	24.5	18.5	68	–	42.5	43	–
598	303	50	61	21.5	16	64	144	44	46	44
599	320	47.5	65	23.5	20	69	–	–	–	–
600	311	50	60	19.5	17	61	140	41	46	43.5
601	322	51	66	27.5	23	78	147	43	46.5	–
603	302	47.5	64	20	15.5	59	136	41	44	–
604	308	48	55	21.5	17.5	63	137	41.5	44	41
605	334	51	67	24	20	71	146	45	46	46
606	335	48	61.5	22	18	63	138	41	43.5	–
607	339	53	65	24	19	72	148	43	48.5	46.5
608	300	47.5	62	20.5	16	59	–	41.5	44.5	–
609	319	51	62.5	23	17	66	149	45	47	45
610	314	48	55	22	19	65	143	43	46	42
611	325	51	64	21.5	17	65	140	41	46	–
613	311	49	63	19.5	16	61	134	41	43	41.5
614	316	48	59	23	16	67	140	43	45	45
615	328	51	62	20.5	18	61	151	45	49	46
616	312	48	58	20	16	61	141	42	46	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
618	317	48	62	22.5	19	69	–	–	46	43.5
619	302	49	56	21	16	60	138	41	45	41
620	342	49.5	65	21.5	17	65	142	41.5	47	–
621	342	56	62	23	18.5	68	156	46	51	47
622	325	52	65	24.5	19	68	147	42	47.5	47
623	281	49	56	18.5	16	59	136	41	44	41
624	348	51.5	62.5	23	19.5	72	147	43.5	47	45.5
627	318	53	–	22	19	66	–	–	49.5	–
628	301	49	61.5	21	16	62	144	43	47	44
629	305	51	64	22	19	69	–	44.5	49	–
630	315	51	62	21	16	63	147	45	47	45
631	308	51	57	21	17.5	63	147	43.5	48	42
632	312	46	57	22	14.5	61	133	39	43	–
633	320	50	58.5	24.5	18	70	–	–	45	42
634	330	56	70	22.5	19.5	70	–	–	52	47
635	349	50	57.5	21.5	19	65	149	44	47	–
636	303	48	63	22	16	62	141	41.5	46	–
637	305	52	60	23	20	67	148	43	47	44
638	337	56	69	23	19	69	–	–	50.5	50.5
639	310	47	56	22	17	60	136	42	43	–
642	310	49.5	57	22.5	18	63	143	41	48	44
643	327	48	57	20	17	59	141	42	46	42
644	314	50	60	22	18	65	143	43	46	43.5
645	311	52	67	26	19	75	147	43.5	48	48
646	320	50	64.5	19.5	17	62	146	45	46	44.5
647	307	45	61	22	16.5	62	133	40	43	42
648	285	48	59.5	21	18	61	135	40	44	42.5
650	303	50	63	22.5	17	66	142	43.5	46	–
651	313	49	59	27	19	70	140	41.5	45	44
652	309	49	59	22	17	65	141	43	45	43
653	324	–	62	23	18	67	–	44	–	43
654	335	49.5	60	19	16.5	60	–	–	46.5	–
657	299	–	60	24	20	70	139	42	44	–
660	324	–	–	23	16	65	–	–	45	–
661	312	49	57	21.5	17.5	65	143	43	45	46
662	307	50.5	61	23	17.5	65	142	42.5	46	44
663	324	51	–	23	20	70	149	44	47.5	–
664	305	48	59	22.5	17.5	65	139	40	46	42
665	296	46.5	–	23.5	20	71	–	–	43	–
666	303	48	59	21.5	19	65	134	39	43.5	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
667	317	50.5	60	24	16	65	143	43	46.5	47
668	323	50	70	24	22	75	144	44	45.5	46.5
670	330	51	60	20	16.5	62	144	43.5	47.5	46
671	311	51	62	23	16	59	142	39	48	–
672	303	49	62	23	19	68	–	–	46	48
673	326	51	61	22	19	67	146	44	46	–
674	311	49	62.5	22.5	18.5	70	145	43	47	44
677	338	53	68	26	20	75	152	46.5	49	50
678	317	47	63	21	16.5	61	–	–	44	–
680	322	53	63	24.5	21	75	155	46.5	50	46
682	338	52	66	23.5	19	71	–	43	–	–
683	317	48	59	22	17	68	140	41	46	47
684	315	48.5	62	21.5	16	62	139	41.5	45	43.5
687	317	49	61	24	19.5	68	144	43	46	47
690	350	52	68	22	18	68	–	–	48	–
692	314	48	57	21	16	63	138	40	44.5	–
695	314	49	62	22	17	65	144	43	45	–
696	305	48	60	22.5	16.5	65	–	–	45	43.5
697	306	49	57	21	15	55	140	42	46	42
699	324	50	57	22	17	63	140	43	45	42
700	323	48	64	22	17	64	138	41.5	44	44
701	323	48	64	21	17	62	134	41	41.5	–
702	312	52	65	22	17	66	149	45	49	46
703	312	51.5	64	21	19.5	65	146	42	49	44
705	309	47	59	19	16	60	–	–	45.5	–
706	335	51	61.5	21	16	62	147	43	47	–
707	296	48	58	23	19	66	133	39	43.5	–
709	334	52	69	25	18	67	153	46	49	–
710	303	47	65	25.5	18.5	70	145	45	45	–
713	305	50	61	22	17.5	66	145	42	47.5	–
715	309	48	59	22	16	63	137	40.5	44	42
716	318	–	–	25.5	21.5	75	–	–	46	–
717	300	52	63	23	18.5	68	–	–	49	–
720	320	51.5	62.5	20	16	60	–	–	47	–
726	296	46.5	63	22	18	67	–	–	43	48
730	329	51	66	24	17.5	72	–	–	46	–
733	302	50	60	22	18	62	–	–	46	–
734	315	49	63	21	18	64	146	43.5	46	–
735	300	48	61	21	16	63	136	41	42	–
737	–	49	61.5	–	–	63	135	40	43	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
738	313	46.5	60	20.5	17	64	133	40	43	–
739	313	52	63	23	18	67	145	42	48	–
740	322	47.5	57.5	24	19	70	135	40	42	44
741	294	48.5	58	23	18	65	–	–	44	–
742	296	–	60	22.5	17.5	69	–	–	43.5	–
744	–	48	62	–	–	66	–	–	–	–
746	325	49	61	24	18.5	70	145	44	46	44
747	308	49	59	22	17	64	–	–	45	41
751	319	49.5	60	22	16.5	68	–	–	46	48
752	309	–	64.5	25	19.5	74	–	–	46	–
753	333	48.5	61	27.5	23	84	137	40	43.5	–
755	314	49	62	21	17	63	–	–	44	42
756	283	47	58	24	17	66	134	41.5	42	–
757	322	49	–	24	21	74	146	44	46	–
759	313	48	62	24.5	19	70	–	–	45	–
764	327	50	62.5	23.5	18	67	–	–	45	–
766	348	51	67	28	21	78	150	45	49	–
767	314	48	60	21.5	18	66	–	40.5	45	–
772	320	51.5	63	24.5	19	70	–	–	49	–
774	316	50	62	22	19	65	142	41.5	47	–
775	307	49	67	23.5	19	67	136	39	45	–
779	314	51	61	21	16.5	64	148	44	47	–
780	279	46	59	22	16.5	61	134	40	43	–
781	321	51	65	23.5	18.5	70	144	42	48	44.5
783	288	46.5	60	21.5	17	63	138	40.5	44	–
785	296	45.5	–	20.5	18	61	134	39.5	43	–
786	303	50	66	23	20	71	148	45.5	46	48
788	304	–	55	22	16	62	–	–	43.5	–
789	291	45	60	23.5	18.5	67	–	–	41.5	–
790	332	49.5	60	23	17	67	140	42	45	46.5
791	298	47.5	63	21	19	68	–	40	42	–
793	324	53	61.5	22	17.5	67	152	45	50.5	–
794	296	48	62	21	17	63	138	40.5	45	44
795	337	49	–	24.5	19.5	73	–	42	–	–
796	291	47	–	20	18.5	62	135	41	42	–
800	317	49	60	21.5	18	62	136	40.5	44	46
804	311	54	59	21	18	63	–	45	–	45
807	351	55	–	26	20	75	–	47	–	–
811	315	47	56.5	24.5	19	73	130	39	41.5	42.5
821	310	49	62	25.5	16	66	139	43	44	43

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
822	324	51	66.5	25	22	75	149	45	47	45
823	362	53.5	71.5	24	18	71	152	46	49	48
824	339	52	65.5	22	18	67	150	46	48	–
826	313	46	–	20	16	59	137	42	44	–
827	334	50.5	–	20	17	62	144	43	46	–
828	322	46	60	20	17	61	135	41	42	41
829	343	54	64	22	18	66	150	45	50	44
830	304	53.5	66	22	16	62	145	44	47	45
831	321	47	63	23	18	64	132	41	41	–
832	326	51	66.5	23	17	67	146	–	46.5	46
833	318	48.5	63	21	16	61	142	42	46	44
834	320	–	64	22	18	69	–	–	44	–
835	329	51	61	19.5	17	60	145	44	46	–
836	322	51	56	22	17	62	149	46	50	–
837	329	52	65	23	19	70	149	45	48	46.5
838	327	46	59	20	16.5	60	140	–	44.5	41.5
839	295	51.5	62	22.5	19	67	150	46	48.5	–
840	316	47	55	19	16	59	135	40	44	–
841	324	49	59	20	16.5	60	139	41	45.5	42
844	354	54.5	61.5	23	18	67	149	43	49	–
845	323	48.5	62	21	18	63	142	43	46	–
847	304	48	–	–	–	66	136	40.5	44	45

COLECÇÃO GERAL

Húmeros ♀ direitos

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
1	306	41.5	55	20	14	55	124	37	39	37.5
2	293	47	57	20	17	61	131	–	43	39
10	265	43	52.5	20	13.5	52	117	33	38	36
12	281	44	49	21	14	58	120	36	38.5	38
13	281	42	49	18	13.5	51	–	–	36.5	36
14	283	41	52	19.5	17	57	116	36	36.5	37
17	323	45	55.5	21.5	17	61	129	39	42	41
20	296	41	50	20	14.5	56	116	35	36	–
21	314	44	58	21	17	59	126	38	38.5	39
33	278	43	51	21	14.5	58	120	35	38	37
38	278	44.5	52	19	16	55	124	38	39.5	36
40	303	45	52	19.5	14	54	127	39.5	39.5	36
41	285	44	53	21	14	58	126	38.5	39.5	37.5
50	301	43.5	55.5	20	13.5	55	–	–	40	36.5
52	278	41	50	21.5	15.5	58	114	36	36	34
56	285	47	55	22	17	61	128	37	43	–
73	274	41.5	49.5	17	13	51	115	33	38	35
78	292	48	59.5	20.5	16	60	–	37.5	42.5	41
83	293	45	57	22	16	62	–	–	41	39
86	290	44	52	20.5	15.5	56	120	35.5	39	–
89	294	40	51	19	14	54	114	35	34.5	37
92	–	45	–	21	15	58	131	39	42.5	–
96	312	44	53	21.5	15	61	125	37	40.5	37
97	318	41.5	51.5	22	15.5	60	121	36	38.5	36
105	299.5	43	48.5	21.5	14.5	62	126	39	39.5	36
107	286.5	44.5	58	24.5	21	70	123	36	40	41.5
111	298.5	44	50.5	26	18	69	124	38.5	40	38.5
113	313.5	43	58	20.5	16.5	58	125	36.5	40	38.5
114	292	–	53	22.5	17.5	64	–	–	–	–
117	290	45	53.5	22	18	64	–	–	–	40.5
120	287	43	50	20.5	14	56	119	36	38	34.5
122	313	44	54	23	17.5	63	125	38	40	39
124	291	42	52.5	20	14.5	55	122	39	38	40
131	306	45	54	19.5	16	58	126	37.5	39.5	38.5
137	305	45	53.5	19	15.5	56	125	38	39	40
138	287	44	53	21	15.5	60	122	37	38	39

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
150	309	44.5	52	19.5	17	59	127	38	41.5	40
155	281.5	44	52.5	20	14	54	121	35	40	38
156	279	45	54	21.5	17.5	60	125	38	40.5	39.5
158	297	45	52.5	19	14	56	124	37	41	38.5
162	308.5	47.5	51.5	22	15	58	132	39.5	43	–
167	292	44	49	17.5	12.5	48	118	35	38	36
170	288	45	53	20.5	16	59	124	37.5	40	38.5
173	271	42	51.5	19.5	14	52	–	–	38.5	38
176	295	43.5	58.5	20	17.5	60	125	36.5	40	41
177	276	41	50	18.5	12.5	52	114	34	36	37
182	276.5	44.5	54.5	20	14.5	55	123	37.5	40	40.5
185	298	47	59.5	22.5	17	61	129	39.5	41.5	39
190	311	47.5	57	20.5	16.5	62	128	38.5	41	41
196	320	45	57	21	18	61	–	–	40	38
197	291	43	52.5	21	15.5	58	123	36.5	40.5	37.5
200	294.5	47	57,5	23	16	62	129	37.5	42.5	39.5
201	279	41	52	19.5	14	53	114	33	38	37
213	280.5	41	50	20	15.5	56	117	36	37	37
219	281	43.5	52.5	22	15.5	58	123	36.5	41	37.5
222	276	45	51	20	16	58	121	35	39.5	39
244	287	47	57	21	16.5	60	131	39	42.5	43
248	282.5	44	52	21	13.5	54	121	–	40	38.5
253	285	44	56	22	16	55	127	38	40	38.5
256	261	42	51	19	15	55	118	34.5	39	37
161	308	43	53	19.5	14	55	128	40	40.5	38.5
263	307	44	51	21	15.5	56	125	39	39.5	37.5
267	297	47	56	21	15.5	57	129	39.5	41	38
273	299	43	57	22.5	15	60	–	–	39.5	–
276	298	42	51	20.5	15	58	122	38	38	38
277	287	43	51	20.5	17	57	121	38	38.5	37
289	311	46	58	21	17	64	129	39.5	42	41.5
292	283	45.5	50.5	22	18	63	130	40	40	40
294	298	46	55	19.5	15	55	127	37	42	39
295	268	42	50	18	14	51	–	–	37.5	–
296	316	46	53	22	15	60	130	41	41	38
298	297	45	54	22.5	16	61	131	40	43	40
299	277	43	55	21	16	61	116	35	–	39
303	309	46	57	21.5	18.5	62	128	40	41	41
310	272	41	54	20	15	51	121	36	39	38
312	296	42	50	20	16	56	117	36	37	36

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
313	299	46	57.5	20	16.5	58	–	–	–	
318	293	41	52	19.5	15	55	120	37	38	37
324	293	–	60	21	17	61	127	39	39	–
328	277	–	51.5	21.5	14	54	–	–	–	–
330	307	44	55	22	16	58	125	–	–	39
335	280	44.5	55	20	16	58	126	38	41.5	39.5
339	307	44	57	22	16	60	126	38	40	39
352	313	46	50	19.5	17	56	128	39	41	39
358	311	46	59	21	15.5	56	130	40	41.5	40.5
359	288	45	–	20	16	59	123	37	39.5	–
360	302	42	49	22	15	57	120	36	39.5	38
362	290	39	49	19	15	54	116	35.5	37	37.5
364	299	42.5	–	20	14	56	–	–	37.5	–
379	325	43	57.5	23	18	63	123	37	39	38
380	285	43.5	54	21	14.5	57	119	35.5	38	37
390	–	44	–	–	–	57	123	36	39.5	–
392	301	43	50	20	15	54	125	37.5	41	38
408	261	41	56	21	15	57	–	36	38.5	38
409	305	43	57	22	18	63	120	38	37	39
420	289	–	52	20	15	58	125	38	40	39.5
421	283	–	55	22	16.5	62	–	–	–	40.5
422	322	46	57	20	16	54	131	40	42	40
425	309	47	–	20	18.5	60	129	40	41.5	–
427	273	43	51.5	20	15	56	120	35.5	39.5	37
428	273	43	50	20	16	55	117	34	38	37
429	304	40	54	19	15.5	56	111	34	36	–
431	287	42	51.5	19.5	13	51	122	37	38	37
439	295	44	52.5	22	17	59	120	37	38	38
440	302	45	51	20	15.5	57	125	38	40.5	38
447	288	47	56	19.5	16.5	58	126	37	41	40
449	268	40	51	19.5	15	56	113	36	36	35.5
451	284	42	55	20	14.5	56	118	35	39	38
455	292	45.5	54	23.5	19	65	124	39	38.5	40
456	283	45	56	20.5	15	57	131	39	43	39
459	285	48	54	19	14	57	131	40	42.5	39.5
462	–	42	–	–	–	55	117	36	37	–
466	300	44	53	21	15	58	–	–	41	–
467	312	46	54	21	15.5	60	129	–	42	–
468	291	41	48	19	14	54	–	34.5	38	35.5
473	297	43	54	18.5	14	51	124	37.5	40	37

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
474	278	43	55	22	15	59	118	35	38	39
476	291	44	55	19.5	14	55	124	–	40	–
483	295	41	57	21.5	17	59	116	35	38	40
484	294	44	54	22	16.5	65	126	39	40	38
485	297	43.5	56	21	16	58	122	37	38.5	39
488	265	44	51	19	15	53	122	37	39	–
489	321	43	56	21	15.5	60	128	39	41	37
492	302	40	52.5	19	14	56	115	36	36	37
495	298	44	57	20	16	59	122	36	40	–
496	297	42	53	21	15	59	–	35	–	–
500	297	48	–	18	14.5	52	130	–	42.5	–
503	288	43	53	19	14.5	54	121	35.5	40	38
505	289	42	55	20	15	57	121	36	39	38
507	305	47	58	20	16	58	–	–	–	41
510	310	42.5	52	19	15	55	124	38	40	39
511	300	46	57	23	18	62	129	39	42	42.5
513	308	44	57	20	15	57	123	37	39.5	39
514	291	43	51	19.5	15.5	58	–	–	–	38
516	306	44	–	22.5	17	61	121	37	39	–
518	268	–	46	18.5	12	49	–	–	36	35
520	314	46.5	54	20.5	15	56	130	38.5	42	–
522	279	42	48.5	21	16	60	120	37.5	38	–
524	298	42	54	19	14	54	121	36	38.5	39
530	296	43	51.5	19	13.5	54	121	37	39	37.5
536	291	41	55	20 5	15.5	58	115	35	37	–
537	285	43	51.5	19	15.5	56	120	36	39	39.5
538	272	41	50.5	21	15	58	115	35	36	36
540	289	43	51	18	13.5	51	121	37	39	38
542	302	44	52	18	14	51	126	40	40	–
545	304	–	59	20	16	58	–	–	–	42
553	291	42.5	57.5	21	15	60	126	38	40	–
567	276	42	53	20	16	58	122	37	40	–
579	307	46	54 5	21	17	58	129	37	42	41
583	293	42	50	19.5	14.5	53	118	36	38	35.5
590	303	44	56	19	15	55	125	36	41.5	38.5
592	285	43	55	20.5	16	57	121	35	39	38
598	276	44	52	18	14.5	51	123	37	39	37
604	304	45	54.5	19	17	59	128	39	42	–
605	302	44	56	18.5	16	56	123	37.5	39	39
609	291	45	55.5	20	16	59	129	38.5	40	39

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
625	289	43	47	21	14.5	58	123	37	39.5	36
631	264	45.5	53	20.5	15	58	–	–	42	40
640	291	45.5	56	21	17	60	126	38.5	40	40
660	283	45	51	20	16	62	–	–	41.5	–
664	270	42.5	55	20.5	15.5	60	123	37	40	37.5
678	280	–	49.5	19.5	15.5	56	–	–	–	38.5
681	305	44.5	55	20	16.5	57	127	39	40	38.5
684	303	40	50	20	15.5	61	117	35.5	37	37
695	288	–	56	22.5	18.5	63	–	–	–	40
701	296	–	53	20	16	60	–	–	43	–
703	289	43	49	19.5	15	56	–	–	38	35
705	276	43	47	21	15	57	117	33	38	36
706	288	44	59	23	15	61	127	39	40.5	–
712	281	41	50	19	13	51	122	37	39	36
716	287	40	50	20	16	59	119	37	37	–
722	298	45	54	23	15.5	62	131	39.5	40	–
725	276	40	50.5	20	14	58	115	35	36	35
726	294	43	–	19	16	59	126	38	41	–
731	286	46	–	22	18	63	129	39.5	41	41.5
732	270	41	51	20	15	59	119	37	37	37
733	292	–	52	20.5	14.5	57	–	–	41	37
736	282	43	53.5	20	15.5	57	124	37.5	39	–
738	274	41	50.5	20	13	57	–	–	–	35
741	287	41	53	19.5	13	54	–	–	39	–
742	–	45	–	–	–	56	123	36	41	–
751	288	44.5	55.5	21	17	62	127	–	40	–
752	275	43	47	19.5	14	55	121	36	40	–
765	267	42	52	19.5	15	55	–	–	38	39
766	316	41	52	20.5	14	54	118	–	38	35.5
769	–	42.5	–	–	–	57	–	–	38.5	–
770	304	45	52	21	16.5	60	127	37	42	38.5
773	–	41	–	–	–	51	–	–	39	–
775	–	44	–	–	–	54	–	–	39	–
777	297	42	55	19	15	56	123	36	40	39
782	296	–	–	20	16	58	–	–	38	–
786	293	44.5	57	21	17.5	63	–	–	41.5	39.5

COLECÇÃO GERAL

Húmeros ♀ esquerdos

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
14	295	43.5	52.5	19.5	14.5	54	119	34.5	39.5	38
17	312	45.5	57	22.5	16	65	129	40	41	40.5
19	276	44	54	21.5	15	56	118	35	38	39
23	283	42	49	20.5	15	57	126	39	40	–
26	287	43	50	20.5	15.5	59	122	36	39	37.5
34	268	39	51	19	15	56	113	34	36	36
39	275.5	43	48.5	20.5	15	58	118	36	38	37
46	298	43	52	18.5	14	54	123	37	39.5	36.5
51	309.5	46	56	18	14	53	131	40	42	38
52	310	46.5	57	21.5	15	58	131	40	42	37.5
54	281.4	44	52	19.5	16.5	56	–	–	39	36.5
58	297	46	51	19	16	57	131	–	43	–
60	286	42	49	19	15	52	116	36	37.5	36
61	290	45	56	20	15	57	128	38	41	39
65	289	43	48	20	13	55	124	37.5	39.5	–
68	286	41	48	18	14	53	116	34	38	35
69	297	46	53.5	19	15	55	123	37.5	39.5	39
72	291	42.5	51	22	16	58	117	36	37.5	37.5
74	290.5	46	57	22	16.5	59	125	36.5	41	39
75	291	43.5	51	20	16	56	123	36.5	40	–
76	299	–	–	19	15	55	–	–	39	–
77	297	47.5	54	20.5	16.5	60	–	–	42	39
80	296	43	54	20	17.5	62	–	37	–	–
84	294	45	53.5	21.5	14 5	60	127	37	42.5	38
89	293	40	50	19	16	55	115	35	36.5	36
91	276	45	52.5	20	16.5	57	–	–	41	38
106	279	43	–	20	13	51	–	–	39	–
109	291	44	50.5	19	13.5	54	125	37	39.5	37
110	268	42	49	19.5	15	55	116	34.5	38	37
113	291	44	57	19	16	59	–	–	39	–
142	297	43	47	19.5	15	56	126	37	41.5	–
150	305	44	53	20.5	16.5	58	127	37.5	40.5	–
152	301	41	48.5	19.5	15	54	122	38	38	–
154	266	41	49	20	15	57	112	34	36	35
155	278	41	51.5	18	16	55	–	–	36.5	–
162	295	46	55	19.5	15	53	129	39.5	41	40.5

Números	Comprimento máximo	Largura da epifise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diafise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
167	299	44	62.5	20	16.5	57	128	–	40.5	40.5
169	282	43	54	21	16	60	117	35.5	37.5	37
170	297	42	48	20	15	55	123	36	40	38
174	289	45	60	22	16.5	62	126	38	40	39
175	311	46	61.5	21	16.5	61	127	37	41.5	–
176	274	44	51	19	14	52	123	36.5	39.5	–
180	286	40	52	19	15	55	113	34	35.5	36
187	280	42	46	16	13	48	117	35.5	38	–
189	248	40	46.5	19.5	16	56	111	33	37	36
190	294	44	54	24.5	18.5	–	–	–	39.5	–
191	284	45	56	19	16.5	57	–	–	41	40
193	280	43	51	18.5	16	54	119	35.5	38.5	40
205	304	46	55	20.5	15	58	127	38	40	40
207	291	48	53	21	16	60	132	38.5	42.5	40
208	286	46	53	22	16	58	125	37.5	42	41
211	300	45	53	20.5	15	59	129	–	41	–
213	294	44	53.5	22	16.5	61	126	38.5	41	38.5
215	299	41	56.5	22	16	59	121	36.5	39	38
217	274	40	50	20.5	15	58	112	35	35	35
220	287	–	52	21	17	57	–	–	–	40
223	282	42	50.5	19	13	51	120	35	38	36
224	286	45	50	19	14.5	54	127	38	42	36
230	293	43	47.5	22	15	61	124	38	40	36
232	300	41	51	18.5	14.5	54	115	35	36	38
239	296	43	52	19	15	55	120	36.5	39	36.5
244	293	48	55	20	16	59	131	38	44.5	38.5
247	296	41	–	17	14	50	122	37	38	–
248	279	44	51	19	16	58	126	36	40	37.5
249	292	43	56	20	17	60	122	36	40	39
257	289	44	53	21.5	16	59	128	38	41	39
258	287	45	51	20.5	14	55	122	36	39	–
261	275	40	50	19	16	58	116	37	36	36
262	290	40	49	19.5	14	54	116	34	37	37
276	286	41	51	19	14	52	120	36	39	37.5
277	301	44	55	18.5	15	53	125	37.5	41	38.5
283	276	42	51	19	15	53	121	37	38	–
287	300	45	54.5	21.5	16	58	126	38	41	–
288	284	46	56	20.5	17	59	126	37	41.5	40
294	307	45	60	20.5	17	60	124	37.5	40	42
300	278	43	51	21.5	17	60	–	–	39	35.5

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
304	289	42	48	17	12.5	48	117	35	37.5	–
309	295	46	56	22	16	60	125	37.5	40.5	38.5
311	304	44	57	21.5	17	61	123	37.5	39.5	–
313	273	43.5	51	20	14.5	56	120	35	38.5	38
314	285	47	55	21	17	60	127	39	41.5	39
315	301	45	54	19.5	15.5	57	124	37	40	38
318	289	45	59	21	17.5	61	128	39.5	41	41
321	306	47	55	22	18	61	128	38	42	40
322	286	45	53.5	21.5	16.5	60	124	37	40	40
324	294	46.5	56	18	15.5	55	130	40	42	38
327	290	47	61	20	15	56	130	38.5	43	40.5
330	279	45	58.5	22	18	63	126	37.5	41	42
333	271	43.5	54	20.5	18	60	121	37	39.5	38
334	297	43.5	50	20.5	14	56	117	34.5	38.5	–
336	301	45	52	19	14	52	127	40	40	37
338	284	42	49	20.5	16	58	119	36	38	36
341	272	42	49	19.5	14	54	–	35.5	–	–
342	274	42	52	18	15	54	118	36	38	–
346	264	42	54	21	16	58	118	37	38	38
352	294	40	53.5	21	16	57	117	34	38.5	38
356	285	44.5	52	21	17	61	125	37	41.5	40
358	268	42	49	20	16	56	120	37	39.5	37
360	309	47.5	58	20	17	58	131	39.5	–	41.5
361	278	43	50	18	13	51	115	33	38	34.5
362	282	44	51	20	14	56	121	36	40	–
363	316	45	56	19	15	54	129	39.5	42	40
364	275	41.5	50	18	13.5	51	115	34	37	–
366	289	40	51	18.5	14	53	112	34.5	36.5	38
367	302	43	56	22	15	60	–	–	–	39
371	315	42	54	22	15	61	121	36.5	39	–
372	275	41	48.5	19	15	54	116	36	37	36
375	302	41	55	22	18	64	120	37	38	37
376	295	44	53	20.5	16	60	127	38.5	40	37
379	273	41	–	22	15	58	–	–	–	–
383	276	41	49.5	20.5	16	57	117	36	38	36
389	295	44	54	21.5	19	63	125	39	39	40
390	–	40	–	–	–	55	110	34	35	–
394	311	44.5	57.5	23	18	65	120	35.5	40	–
395	289	44	55	20	16.5	59	125	37	41	–
396	280	42	47.5	16	13.5	52	116	36	38	–

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
402	304	44	52	21	15	59	129	40	40	37
410	288	41	51	18.5	15.5	54	118	35	38.5	–
414	299	44	50	21	16	57	125	39	39	38.5
415	282	43	50	18.5	14	54	118	35	38	37.5
417	304	45	51.5	19	17	57	124	37.5	40	39
427	287	46.5	57	20	16	56	129	39	42.5	42.5
428	312	45	59	21	17	55	129	39	42	38
429	302	45	59	23	16	64	125	38	40	42
432	302	42	52.5	18	14	53	124	39	40	37
433	319	46	57	18	14	52	–	–	–	–
434	288	44	55	21	14.5	54	125	38	41	40
437	303	47	55	22	16	58	130	37.5	43	39
441	271	46	54	22.5	17.5	64	126	39	39.5	38
445	299	47	56	17	15.5	53	–	–	43	–
446	280	45	55	19.5	16	58	123	37	40	40
449	279	44	53	21.5	14	57	123	38	39	38
459	287	45	55	19.5	13	54	123	38	39	38
460	275	41	–	19	14	50	–	–	38	37
487	289	46.5	60	20	15.5	58	129	38	42	40.5
509	266	42	52	20.5	14.5	58	119	36	38	37.5
511	297	–	–	24	16	62	–	–	39	38
514	282	40	–	19.5	13	54	115	34	38	–
516	286	43	55	21	17	60	–	37	–	–
525	288	43	51	20	16	57	122	36	40	37.5
526	295	45	56	20.5	16.5	59	129	39	42	–
529	297	48	53	21.5	15	59	–	–	–	39.5
533	277	43	52	21	15	57	121	36.5	40	37
534	284	43	51	18	14	54	119	36	38.5	37
536	290	42	54	20	15	59	121	37.5	38.5	–
537	284	41	58	18.5	15	52	–	–	41	39
541	278	47	54	19	14	56	130	39.5	43	–
543	291	44.5	56	20	17	61	125	38	40	38
544	302	44	51	19	16	58	122	36	40	38
546	265	–	–	18.5	14.5	51	–	36.5	38	39
556	294	42	57	20.5	16	56	–	–	38	–
560	302	44	55	19	15	58	–	–	38.5	–
563	282	42.5	54	20	15	57	121	35.5	40	37
565	266	42	50	20	16	57	121	36.5	39	36
567	298	45	52	19.5	16.5	57	131	39	43	–
569	283	45	54	19.5	14	54	123	38	40	39.5

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
571	284	42.5	50.5	17	14	52	119	36	38	37.5
573	291	41	49	18.5	13.5	55	113	34	36	35
575	270	42	51	21.5	15	58	–	–	–	–
583	290	45	55	21	16	58	126	38	41	40
592	282	42	51	18	13	53	116	34.5	37	38
594	291	42	–	21	14	58	123	38	38	–
602	307	43	56	19	14	58	123	38	40	39
612	299	44	61	20.5	15.5	59	124	38.5	40	–
617	319	45	58	21	15.5	60	129	38.5	41.5	42.5
625	291	–	–	15.5	14.5	51	–	–	42	–
640	291	44	51.5	18	14	53	124	35.5	41	36
641	280	–	54	20	17.5	62	–	–	–	–
649	290	43	55	18.5	17	60	124	37	40.5	41
655	274	40	50	18.5	13	52	114	–	–	36
658	291	45	55	22.5	17	62	126	38.5	40.5	39
675	272	39	51	16	13.5	51	114	35	35	35
676	302	43	54	20	14	56	125	37	40	38
679	288	43	53	21	16	62	124	37	39.5	37.5
681	272	–	50	20	15	57	–	–	–	38
685	274	40	49	19	13.5	53	118	34	38	36
686	273	41.5	45	19	13	51	118	35.5	37.5	35
688	267	–	52	17	14.5	52	120	35	40	–
689	282	41	55	22	15	56	125	37.5	39.5	39
691	320	42	54.5	22	17	62	122	36	39	–
693	286	43	55	19	15	55	124	37	40	38
694	286	44	52	19	12.5	52	123	37	39	–
698	272	45	54.5	23	16.5	62	126	–	42	40
704	309	43	57	20	16	59	126	37	41	40
708	303	39	50	20	14	60	114	35	36	35
711	296	43	53	18.5	14	53	–	36	40	37
712	282	42	52	22	14.5	60	119	35	38.5	–
714	271	40	50	20	13	53	118	36	37	–
718	278	43	50	21	15.5	60	123	36.5	40	36
719	290	44	54	20	14	58	125	36	41	–
721	277	42	54	20	16	56	119	36	38	37.5
722	263	43	50	18	14.5	53	119	35	39	36.5
723	258	–	50	18	14	54	–	–	37.5	–
724	295	44	54	20.5	17	58	126	38	40.5	–
725	272	46	59	19	17	61	131	39	43	42
727	287	38	50.5	19	14	56	110	32.5	36	36

Números	Comprimento máximo	Largura da epífise superior	Largura epicondiliana	Diâmetro máximo no meio da diáfise	Diâmetro mínimo no meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise	Circunferência da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da superfície troclear
728	286	45	54	19.5	16	59	130	39	43	–
729	281	42	51	17.5	14.5	52	123	35.5	40.5	36
731	287	41	50	18	14	51	117	35	37	–
732	301	43.5	54	21	16	58	128	38	40	–
736	278	41	51.5	19	14.5	55	119	35	38	37
743	291	41	54	20.5	16.5	63	120	36	37.5	38
748	268	41	–	18	14.5	55	–	–	38	–
749	276	44	53	19	14	55	–	36.5	–	39
750	284	42	51	19.5	16	59	121	35	40	38
754	281	–	48.5	19	15	57	122	36	40	–
758	277	–	53	21	16	59	126	37	41	–
760	295	46	57	21	18	64	–	36	42	42
761	294	42	51	20	15	58	114	34	37	–
762	298	41	59	18.5	15	55	126	37.5	41	–
763	269	–	48	21.5	15	54	–	–	38	–
765	262	43	52.5	21	14	59	–	–	–	–
768	274	41	50	18.5	13	53	115	34	36	35
769	284	44	55.5	23	17	63	124	37	39	38.5
770	298	40	52	23	17	64	118	36	37	–
771	295	44	53	23	14	56	121	37	40	–
773	290	43	55	21	16	61	123	36	41	–
776	288	44	54.5	–	–	–	128	37.5	40.5	39
777	261	41.5	53	20	15	56	–	–	38	–
778	276	44.5	–	18	15	57	125	–	40	–
784	277	42	51	22	15	59	–	–	38	–
787	288	43	51.5	19.5	16.5	60	–	–	39	–
797	270	45	53.5	19	15	55	123	36.5	40	–
798	300	45	51.5	21	15.5	60	125	36	41	37
799	304	47	54.5	19	15	57	130	39	41	40
801	261	–	–	18.5	13	55	–	–	–	–
802	290	44	51	19	15	57	127	37	40	38.5
806	285	44	51.5	20	13.5	57	126	37	40.5	–
808	279	44	–	21	14	56	126	38	40	–
810	289	45	51	21	17.5	60	–	–	43	39.5
813	322	48	54	21	15.5	62	128	37	43	–
818	274	45.5	–	20	17	58	–	–	42	–
825	317	48	55.5	18.5	14.5	56	131	40	42.5	–

ANTONIO ARMANDO THEMIDO.

Alocução

PROFERIDA NO ACTO SOLENE DA ABERTURA DA UNIVERSIDADE
EM 14 de OUTUBRO DE 1923

Minhas Senhoras.
Meus Senhores.
Ilustres Professores.
Prezados Académicos.

O *Estatuto Universitario* determina que os trabalhos escolares sejam inaugurados, solenemente, no princípio de cada ano lectivo, em sessão presidida pelo Reitor, fazendo a oração inaugural um professor eleito, por turno, pelas diferentes Faculdades e Escolas.

Antes de mais nada, quero exprimir aqui o meu profundo sentimento por não haver cumprido êste preceito do nosso *Estatuto* o ano passado, em virtude de eu ter estado ausente no estrangeiro, em serviço público, no dia em que esta celebração devia ter lugar. Sòmente por êste motivo de fôrça maior é que deixei de promover essa celebração, porque estas festas académicas mereceram sempre a minha mais alta simpatia e agrado.

Cabe-me, pois, hoje a honra de presidir, pela primeira vez, a esta sessão solene, na minha qualidade de Reitor, o que faço com a mais íntima satisfação.

Compete ao Sr. Doutor Pacheco de Amorim pronunciar hoje a oração inaugural; mas antes de S. Ex.cia se desempenhar dêsse honroso encargo, seja-me permitido fazer umas ligeiras considerações acêrca da vida universitária, que eu tenho obrigação de acompanhar com zêlo e dedicação, pois para tal fim me foi confiado o supremo govêrno desta antiga e gloriosa Universidade.

As Universidades desempenharam sempre uma alta função na evolução dos povos cultos, e jàmais os governos deixaram de apelar

para o seu concurso nos momentos mais graves da vida das nações.

Nas crises sociais e políticas como nos momentos mais solenes da vida dos povos, todos os governos lançam os olhos para as Universidades no propósito de aproveitar os seus esforços e labores na solução dos problemas de maior importância.

E é lógico que assim suceda, porque nas Universidades, de qualquer país, devem estar concentrados os seus melhores valores intelectuais e morais, que por sua própria natureza devem influir, constantemente, no destino dos povos, de que êles são os seus mais altos expoentes.

Por outro lado, é também nas Universidades que deve encontrar-se a mocidade mais inteligente e culta do país, e por isso todos os reformadores recorrem às Universidades, não só para aproveitarem as luzes dos seus mestres, mas também para que nelas se preparem, convenientemente, os homens do futuro, que terão de aplicar as reformas, fazendo-as viver ou morrer pela competência ou incompetência com que as executarem.

É isto mesmo que se observa através de todos os tempos. Embora as Universidades se contituíssem na Idade-Média com o nome de Estudos Gerais, pela espontânea associação dos mestres e dos estudantes, é certo que ràpidamente adquiriram uma grande reputação e influência pela sciência que derramaram, e conquistaram, pouco a pouco, privilégios e imunidades, tornando-se poderosas e indispensáveis, a-pesar-de viverem quási independentes dos Estados.

Os estadistas da Revolução Francesa tratavam de organizar a Universidade em novas bases scientíficas precisamente para satisfazer as necessidades que a nova ordem de coisas exigia. E Napoleão dispensou também às Universidades uma grande atenção, reconhecendo que a sua obra ficaria reduzida, se tivesse a oposição dos centros universitários.

Na Alemanha sucedeu a mesma coisa, depois das invasões napoleónicas. As guerras tinham-na reduzido às mais apertadas circunstâncias. Era necessário um grande esfôrço para arrancar o povo alemão do estado de ruína em que se encontrava. Os seus governantes tiveram o bom senso de apelar logo para os seus homens mais eminentes nas sciências e nas letras e com êles fundaram a célebre Universidade de Berlim, com Fichte e Humboldt à frente, que tanto contribuíu para o ressurgimento daquela nação. E ainda

depois da guerra de 70, os alemães, reconhecendo o papel supremo que as Universidades desempenham na vida dos povos, concentraram nas províncias conquistadas a Universidade de Strasbourg com tudo o que tinham de melhor, convencidos, de que a acção exercida pelos seus homens de sciência na sociedade, em que exercem a suá actividade mental, é mais fecunda e proveitosa do que tôdas as conquistas realizadas pela fôrça e violência das armas.

E a França, depois da grande guerra, em que reivindicou as duas províncias perdidas em 70, está a seguir a mesma política, reünindo na Universidade de Strasbourg os seus homens mais eminentes nas sciências e nas letras, a fim de melhor assegurar o seu prestígio e a sua influência nas províncias readquiridas, quebrando dêste modo tôdas as resistências que o domínio alemão por ventura tivesse criado.

Finalmente a transformação maravilhosa realizada no Japão deve-se, sobretudo, à acção das suas Universidades, que exerceram a mais alta influência nos destinos dêsse povo, que assombrou o mundo com o rápido desenvolvimento que atingiu em todos os ramos da actividade humana.

Em Portugal observa-se o mesmo fenómeno. Nos momentos mais graves da nossa nacionalidade, os governos e os reformadores de todos os tempos lançaram a sua atenção para a Universidade, reconhecendo que sem a sua colaboração dificilmente se poderia tirar proveito e utilidade de qualquer reforma, por mais profícua que esta fôsse. Foi por isso mesmo que D. João I, D. Manuel e D. João III concederam a esta Universidade particular atenção, reformando-a de harmonia com as necessidades políticas do tempo. E o Marquês de Pombal, depois das profundas reformas, que introduziu em todos os ramos da administração pública, que tamanho renome lhe deram como um dos maiores estadistas de todos os tempos, acudiu pressurosamente à nossa Universidade, dotando-a com uma reforma profunda nos seus métodos e processos de ensino, que ainda hoje constitui um monumento de saber, que enaltece a memória de todos aqueles que colaboraram em obra scientífica de tanta magnitude.

O grande e imortal estadista reconheceu quanto seria improfícua a sua obra genial, se não tivesse continuadores, e que estes continuadores deveriam formar-se no culto dos novos princípios e das novas doutrinas, quebrando e rompendo com o espírito de rotina, que poderia subsistir, comprometendo as transformações que o seu

génio introduzira em todos os departamentos da administração pública e em todos os domínios da vida social e económica da Nação.

Durante o Constitucionalismo seguiu-se o mesmo critério, modificando-se os estudos universitários de conformidade com as necessidades do novo regímen.

Proclamada a República em 1910, logo o Govêrno Provisório lançou os seus olhos para o ensino superior, criando as Universidades de Lisboa e Pôrto, que ficaram como a de Coimbra sujeitas ao novo Estatuto de 1911. Novas e profundas alterações foram introduzidas no ensino universitário, que o Estatuto de 1918 veio completar no sentido de conceder às Universidades uma mais ampla autonomia e liberdade pedagógica.

Em conclusão: em todos os povos civilizados se observa o mesmo fenómeno: o ensino superior exerce a mais larga influência na vida das nações, e isso mesmo é reconhecido por todos os estadistas e reformadores que consideram a colaboração das Universidades indispensável para que se possa tirar a devida utilidade e proveito de qualquer reforma de ordem política ou social. Pode até mesmo afirmar-se que as Universidades dão a justa medida do progresso e civilização de qualquer povo. À decadência das Universidades corresponde sempre a decadência da nação. É a experiência que o demonstra de uma maneira precisa e rigorosa.

❧

¿Mas sendo tamanha a influência das Universidades na vida dos povos cultos, qual deverá ser a sua organização para melhor corresponder aos seus fins?

É fácil de compreender que os tipos de organização universitária variam conforme os tempos e as circunstâncias. Como instituïções sociais não são imutáveis; pelo contrário, variam e modificam-se de conformidade com o fim que se tenha em vista.

Assim é que as Universidades modernas têm uma finalidade diversa da que tinham as que se constituíram na Idade-Média. Nesse tempo as Universidades resultaram da associação espontânea dos mestres e dos estudantes para mais fàcilmente se agruparem um certo número de homens eminentes nas sciências e nas letras, fazendo os mestres a lição ou leitura das obras mais notáveis, comentando as suas leituras na presença dos seus ouvintes. Estas leituras comentadas eram de uma grande utilidade, porque antes da invenção e descoberta da imprensa não era fácil adquirir êsses livros que serviam de texto nos Estudos Gerais; além de que era também difícil

conhecer o que havia no mundo em matéria literária e scientífica por causa da falta de comunicações entre os povos.

Com a descoberta da imprensa as Universidades foram transformando a sua finalidade, de modo a tornarem os seus fins muito mais complexos e delicados. O professor universitário teve de arcar com maiores responsabilidades, porque para exercer a sua função, devidamente, não bastava ler e comentar os textos; era preciso que êle, por sua vez, concorresse com a sua quota parte para o progresso das sciências e desenvolvimento de todos os conhecimentos humanos. O ensino superior tornou-se pessoal, competindo ao professor ensinar aos seus alunos a sciência adquirida, verificando e ensinando a verificar os fenómenos; mas além disso compete-lhe criar sciência nova e a sua acção deve estender-se a tôdas as classes por meio da extensão universitária.

Actualmente existem dois tipos ou modalidades universitárias, que convém distinguir. A Universidade Inglêsa, que mantém ainda hoje as características próprias da sua origem. Gozam estas Universidades de privilégios e imunidades medievais e procuram sobretudo desenvolver a personalidade dos seus alunos, conservando-lhes os caracteres mais nobres da sua raça.

O tipo da Universidade alemã, criado nos princípios do século XIX, é mais completo. Além de ministrar aos seus alunos os conhecimentos indispensáveis para o exercício das profissões liberais, é uma corporação de sábios, que trabalha com grande independência e liberdade nos seus labores de descobrir e investigar novos conhecimentos, de colaboração com os seus alunos. A principal preocupação desta corporação scientífica consiste em preparar novos investigadores, que, saíndo das Universidades, sejam capazes de continuar a trabalhar em novas investigações scientíficas.

¿Em qual dêstes tipos devemos incluir a Universidade portuguesa? Segundo os Estatutos de 1911 e 1918, as nossas Universidades procuram aproximar-se do tipo da Universidade moderna, satisfazendo a três fins principais: transmitir aos seus alunos a sciência adquirida, com o propósito de os preparar para o exercício das profissões liberais; criar sciência nova por meio de investigações scientíficas, realizadas por mestres e estudantes; finalmente, exercer a sua acção fora das Universidades, influindo na cultura geral da nação por meio da extensão universitária, estudando com método e ordem os grandes e máximos problemas nacionais, como se expressa o Estatuto de 1911.

¿Mas estará a Universidade portuguesa a desempenhar completamente estas funções de alta cultura que os seus Estatutos lhe assinalaram? Infelizmente, não. ¡Por emquanto as nossas Universidades são consideradas, antes de tudo, meras escolas profissionais! A nossa gente, mesmo os nossos homens cultos entendem que as Universidades cumprem inteiramente a sua missão, desde que habilitem os seus alunos para o exercício das respectivas profissões ao completarem o seu curso. Nada mais se exige! No entretanto, não é esta a função principal das Universidades. É certo que elas devem ministrar aos seus alunos, que se destinam às profissões liberais, os conhecimentos indispensáveis para o exercício das suas profissões. Mas não é bastante.

É necessário, além disso, que os estudantes adquiram o hábito de estudar, por si, os problemas mais complicados dos ramos scientíficos em que se vieram especializar. É preciso que conheçam os processos de investigar scientìficamente, para se tornarem outros tantos investigadores, capazes de concorrer com o seu trabalho para o progresso das sciências.

Debaixo dêste ponto de vista as nossas Universidades deixam bastante a desejar, embora os progressos realizados nos dêem a esperança, bem fundada, de que as nossas Universidades alcançarão em breve a sua perfeita finalidade, desde que o govêrno lhes forneça os meios indispensáveis para isso.

De tôdas as reformas introduzidas nos Estatutos de 1911 e 1918 a mais notável foi a do ensino livre nas nossas Universidades. É o princípio de que no ensino superior deve haver liberdade de ensinar e de aprender. Nada mais justo e racional.

As Universidades devem ser freqüentadas sòmente por aqueles que por vontade própria queiram estudar. Mas a aplicação dêste princípio está dando lugar, entre nós, a abusos lamentáveis, que convém corrigir, sob pena das mais graves conseqüências para o bem da nação.

É certo que o ensino superior deve ser livre; mas com a condição de que às Universidades devem chegar ùnicamente aqueles que, sendo dotados de faculdades excepcionais, não careçam de qualquer coacção para se aplicarem ao estudo.

De facto, só o ensino primário deve ser obrigatório, porque não se deverá permitir a nenhum cidadão a ignorância dos conhecimentos reputados indispensáveis para o exercício das profissões mais modestas. Pela escola primária devem passar todos, ricos e pobres, para adquirirem os conhecimentos mais elementares e mais precisos ao homem de qualquer condição.

Compreende-se, fàcilmente, que estes conhecimentos sejam cada vez mais complexos e completos, e é por isso que a escola primária se levanta progressivamente, porque assim o exige a cultura essencial que todos devem ter para melhor servirem os seus interêsses e os da sociedade de que fazem parte.

Na instrução primária devem ficar os menos inteligentes, que serão distribuídos pelas várias profissões, para cujo exercício não são necessários conhecimentos de ordem superior.

Mas no meio desta multidão que passa pela escola primária há sempre uma *élite*, um escol que tem mais largas aspirações intelectuais, que deve ser aproveitado para o exercício de mais altas profissões.

São estes alunos, seleccionados na escola primária, que devem transitar para o ensino secundário, onde receberão uma cultura geral que lhes permita entrar nas Universidades.

Pode suceder que entre estes alunos apareçam alguns que não tenham meios para freqüentar estes estudos. Em tais casos compete ao Estado fornecer-lhes os recursos indispensáveis por meio das Bôlsas de Estudo, que para êste fim deverão ser largamente dotadas.

Nos cursos secundários nova selecção deverá ser feita, de modo que às Universidades passarão, apenas, aqueles que revelarem notáveis aptidões para os altos estudos universitários. Todos os outros serão aproveitados noutras profissões, que não careçam, para o seu exercício, de conhecimentos superiores aos que se adquirem nos Liceus.

Se isto se passasse assim, claro está que os alunos que chegassem às Universidades não careceriam de qualquer coacção para o estudo; pelo contrário, teriam grande prazer em freqüentar as aulas, os gabinetes, laboratórios, institutos, museus e bibliotecas, colaborando com os seus mestres na aquisição de novos conhecimentos.

Mas não é assim. Na escola primária ficam muitos estudantes que deveriam continuar, não o podendo fazer por falta de meios, ao passo que aos Liceus e às Universidades chegam outros que nunca

lá deviam ter entrado, pela sua falta de amor ao estudo ou por falharem intelectualmente. No entretanto, com protecções e empenhos, não são poucos os que freqüentam os estudos secundários e superiores, embora não tenham disposição alguma para semelhantes estudos, para os quais Deus não os fadou.

É em meu parecer êste o principal motivo da falta de freqüência nas aulas, que, nalgumas Faculdades, é verdadeiramente alarmante.

¿Quais os remédios para êste estado de coisas? ¿Acabar com os cursos livres, tornando-os obrigatórios? Não me parece que sòmente com esta medida se possa dominar o mal que ameaça o nosso ensino pelo abandôno em que os alunos deixam as aulas. Antes me convenço da necessidade de acudir a esta situação grave, seleccionando a mocidade que tenha de freqüentar as Universidades. Na minha opinião, ao sétimo ano dos Liceu devem chegar os alunos que tiverem dado, nos anos anteriores, provas seguras de aplicação e talento, e a sua habilitação deve fazer-se, exclusivamente, nos Liceus centrais, junto das Universidades, sendo os júris de saída constituídos, na sua maioria, por professores universitários.

Só assim os júris dariam garantias de que os alunos aprovados teriam as habilitações necessárias para compreenderem o ensino superior, que as Universidades devem ministrar. Dêste modo os professores universitários não se poderiam queixar da falta de preparação dos seus alunos, como ora sucede, e não admira que assim seja, porque dos alunos matriculados nas Universidades, de 30 a 40 por cento aparecem aprovados com a média de 10 valores, conforme eu tenho verificado!

Na nossa Faculdade de Direito, onde o mal é maior por não serem obrigatórios os exercícios e trabalhos práticos, tentou-se na nova reforma remediar a falta de freqüência, criando um regímen mixto com curso livre e obrigatório. Não sei até que ponto êste sistema poderá corrigir o mal apontado, tanto mais que a questão não está em obrigar à freqüência; o que se pretende é levantar o nível do ensino. ¿Conseguir-se há por êste meio? Vamos a ver o que a experiência dará...

Seja como fôr. Cumpre-nos estudar as causas do mal para lhe aplicar o remédio conveniente. A crise no ensino é evidente e grave e a cura não se obterá sem remover as causas que determinaram o estado em que se encontram as Universidades. Quere-me parecer que no dia em que as Universidades possam desempenhar, conve-

nientemente, as suas altas funções de educar e instruir o escol da mocidade portuguesa, a crise política e social em que nos debatemos será vencida e dominada. O nosso mal resulta sobretudo da falta de dirigentes competentes, e isso provém principalmente da preparação deficiente com que saem das Escolas Superiores os homens a quem são depois entregues os destinos do País. É preciso criar nos estudantes o hábito do estudo e o amor do trabalho; é necessário formar-lhes o carácter e o espírito, dando-lhes o exemplo do cumprimento do dever.

As responsabilidades dos mestres, na hora presente, são tremendas, e a mocidade universitária, a quem, muito especialmente, me dirijo neste momento, não as tem menores, porque serão os nossos homens de àmanhã, em cujas mãos hão-de repousar os destinos da nossa querida Pátria.

O momento é de sacrifícios. Unamo-nos todos — mestres e estudantes — e do nosso esfôrço intelectual e honesto há-de resultar a nossa salvação.

DR. ANTÓNIO LUÍS GOMES.

Discurso

PRONUNCIADO NA ABERTURA SOLENE DA UNIVERSIDADE,
EM 1 DE DEZEMBRO DE 1925

Senhor Ministro da Instrução.
Senhores Professores e Estudantes.
Minhas Senhoras.
Meus Senhores.

Com o dia de hoje, de grande regosijo para a alma de todos os Portugueses, coincide neste ano a abertura solene da Universidade. É êste dia assim duplamente festivo; somam-se alegrias de sentimento da Pátria com alegrias de consciência pelo trabalho honestamente realizado e de esperança pelo que se há-de venturosamente realizar.

Para mim, de um modo especial, êste dia me é muito grato. Há seis meses, quási precisamente, que tomei posse, nesta sala, do cargo em que hoje me encontro investido. Nestes seis meses não houve um momento em que, na verdade, não procurasse exceder-me no cumprimento dos meus deveres como Reitor; e se assim sucedeu, por um lado, e me ficou a respectiva satisfação na consciência, pelo outro tive a felicidade de ver coroados não só os meus esforços como todos os demais que à Universidade foram oportunamente votados.

Houve de facto, nestes seis meses transcorridos, no respeitante à Universidade, uma série de acontecimentos que não podem deixar de ser lembrados pela sua distinta importância e que, além de contribuírem para o seu bom nome e merecida reputação, devem ainda tomar-se como uma contribuïção sua notável para o progresso e prosperidade da nossa Pátria. Refiro-me, em primeiro lugar, seguindo a ordem cronológica, ao segundo Congresso em Portugal das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Sciências, realizado em Junho, no seio e sob o patrocínio da Universidade. Todos conhecem o brilho que o revestiu, a segurança, por assim dizer rítmica, em que decorreram as competentes sessões de trabalho, sole-

nidades, festejos, de forma a poderem a Universidade e a Comissão executiva do Congresso, presidida pelo distintíssimo Professor Dr. Costa Lôbo, orgulhar-se dêsse certâmen de trabalhadores da sciência, e considerá-lo uma legítima coroa de glória da Universidade em cujo corpo docente se constituíu a referida Comissão executiva. O govêrno já em parte sancionou êste modo de ver — que é o de todos, — emitindo duas portarias de louvor, uma à Universidade, a outra à aludida Comissão, testemunhos que hão-de ficar junto de outros numerosos quer de natureza oficial, quer particular, quer pública (mas não oficial), por exemplo, entre êsses últimos, as referências tão elogiosas ao Congresso em muitas revistas scientíficas e literárias estrangeiras e nacionais. Hoje, daqui, volto a saüdar, a enviar as saüdações da Universidade aos srs. congressistas, aos representantes das sociedades scientíficas e literárias nacionais e estrangeiras e aos srs. delegados dos govêrnos da Espanha, Brasil, França e Alemanha.

Um outro acontecimento de notável importância, que deve ser também gratíssimo a esta Universidade e que a mim me sensibiliza de um modo particular, foi a viagem ao Brasil, em Agôsto e Setembro, da Tuna Académica de Coimbra. Todos conhecem como pude auxiliar esta iniciativa tão simpática, assumindo e integrando em mim, calorosamente, os votos dos académicos, votos que nos meios oficiais e extra-oficiais, incluindo a própria Universidade, só tinham um reflexo fraco, hesitante, disperso e fugidio. Assumi-os e integrei-os em mim, em nome da Universidade. E todos sabem como essa iniciativa, em sua realização, teve o êxito mais brilhante. No abraço fraternal que os estudantes levavam de nós aos Portugueses do Brasil e aos Brasileiros, uma emoção comovedora nasceu e se derramou fazendo-se penetrante e profunda. Em Lisboa, um velho e cultíssimo estadista do antigo regímen dizia-me que a digressão ao Brasil dos estudantes de Coimbra e Lisboa (também a dêstes últimos auxiliei ao mesmo tempo com entusiasmo, pôsto indirectamente), que aquela digressão, repito, tinha sido a melhor embaixada que Portugal enviara ao Brasil.

Está presidindo a esta sessão o sr. Dr. Camoesas, ministro da Instrução Pública, que é digno, em vista da referida viagem, do nosso agradecimento, pois também, na medida do que lhe foi possível — não era ministro a êsse tempo — se interessou por ela. E, não podendo agora recordar outros nomes, nesta breve menção, não deverei todavia deixar de pôr em realce os dos srs. Presidente e Regente da Tuna Académica, o quintanista de medicina Jacob Pinto Correia e o Dr. Manuel da Câmara Leite, os quais tão distintamente organizaram a viagem e nela exerceram as respectivas atribuïções.

Pelo mês de Agôsto realizaram-se, na Faculdade de Letras, cursos de férias para nacionais e estrangeiros, sob a direcção e por especial iniciativa do sr. Director da Faculdade, Dr. Mendes dos Remédios; e também aí se inauguraram, em sessão solene decorrida na Sala em que nos encontramos, o Instituto Alemão e a Semana Espanhola. Foram estes, igualmente, acontecimentos de um relêvo notável na vida universitária portuguesa, pois em Universidades e Escolas portuguesas não se tivera até então uma semelhante iniciativa, e a maneira como esta pôde ser levada a seu têrmo é digna dos melhores elogios. Bem haja a Faculdade de Letras, o seu Director, os professores que colaboraram no empreendimento, e o sr. Ministro da Instrução, aqui presente, um dos primeiros inspiradores dos cursos de férias; bem hajam pelo que assim se tornaram úteis à Universidade e à Pátria. Portarias de louvor à Faculdade de Letras, ao seu Director e colaboradores, cujos nomes eram especificados, as quais tive a honra de propor ao sr. Ministro, assinalam não só o aplauso do govêrno ao referido empreendimento como também, modestamente, a minha intervenção nêle, — além de haver presidido à sessão inaugural do Instituto Alemão e da Semana Espanhola, — intervenção que, se não foi maior, é porque felizmente não se tornou assim necessária.

Em 11 de Setembro foi dado a lume o decreto n.º 11.065, de criação do Curso de Agricultura Geral no Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, da Faculdade de Sciências. Êste Curso de Agricultura Geral planeado e solicitado pelo muito distinto professor de Botânica da Universidade, Dr. Luís Wittnich Carriço, deve-se em sua promulgação ao sr. Dr. Tôrres Garcia, ao tempo Ministro da Agricultura. Foi esta iniciativa precedida de outras pretenções e solicitações, às quais procurei prestar dedicadamente o meu auxílio, mas que não chegaram a obter sanção superior, por dificuldades pelo menos momentâneas. O sr. Dr. Tôrres Garcia não se limitou àquela promulgação, mas ainda pôde conseguir, da verba consignada no Orçamento do Ministério da Agricultura com o objectivo de Fomento Agrícola, 50.000$00 que logo foram entregues ao Instituto Botânico da elevada direcção do sr. Dr. Carriço. O Curso de Agricultura Geral está hoje em pleno funcionamento, tendo sido a sua primeira conferência realizada pelo sr. Director da Escola Nacional de Agricultura, de Coimbra, o Professor José Joaquim de Almeida, em um dos dias do mês findo, sob a presidência do actual Ministro da Agricultura, sr. Dr. Gaspar de Lemos. A essa conferência outras se seguiram e vão seguindo do mesmo sapiente professor.

Além dêstes acontecimentos de mor importância na vida da Uni-

versidade e com um reflexo que será sensível na prosperidade da nossa terra, não devo esquecer bastantes outros, ainda seguramente estimáveis e importando em maior ou menor latitude. Refiro-me à organização dos fundos de estágio de professores e assistentes no estrangeiro, à regulamentação particular da Faculdade de Medicina (decreto n.º 1.085), ao estatuïmento de uma Associação de Sobrevivência dos Funcionários da Universidade; à representação da Universidade no Congresso Anti-Tuberculoso de La Toja, em Espanha (pelo Professor e distinto tisiólogo Dr. Fausto Lopo de Carvalho), no Congresso de Astronomia de Cambridge, em Inglaterra (pelo emérito Professor Dr. Costa Lôbo), em que os ditos representantes da Universidade foram galhardamente recebidos, e as suas contribuïções altamente apreciadas; às conferências, na Sala em que estamos, da sr.ª D. Emília Bernal, poetisa cubana, e do Marquês de Jácome Correia, sôbre, respectivamente, a história cubana e o descobrimento dos Açores; e à sessão do recital de poesias portuguesas e da língua espanhola, de D. Emília Bernal.

Perdoem-me se alguma coisa omiti, desde que não fale de actos ou factos que não chegaram a ser talvez muito do domínio público, mas que têm valor ou influência na vida universitária, assim como a realização de contratos de pessoal universitário (¡um dêles estava há três anos sem provimento!) nomeações, licenças, prorrogações de contratos, equiparações de categorias de funcionários (por exemplo, a dos chefes de secção de secretaria), ultimação de processos e seu expediente, pagamentos em atraso, levantamento de fundos em atraso, etc. E também não posso deixar de mencionar, já contudo de um ponto de vista diferente, as relações da Universidade com as Universidades e outras instituïções estrangeiras, e com as nacionais, relações que procurei se fizessem sempre mais extensas.

Um assunto bastantemente tratado nestes seis meses e bem merecendo a mais especial menção, é o económico relativo à Universidade. Como todos conhecem, a Universidade estava sob a perentória ameaça de uma restrição não pequena nas suas verbas dotais, em conseqüência do parecer n.º 865 *(b)*, de 5 de Março dêste ano, da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados. Pouco depois de tomar posse dêste meu cargo, logo comecei dedicando-me a esta questão que verdadeiramente importava não só no respeitante ao ponto de vista pròpriamente económico, mas também pelo lado do prestígio moral da Universidade, — desde que se pudesse entender serem razoáveis certas alegações da referida Comissão de Finanças. Devo declarar que encontrei no ao tempo Ministro da Instrução, sr. Dr. Eduardo dos Santos Silva, o mais decidido apoio à minha

interferência, tendo êle concordado comigo, rasgada e lealìssimamente, na forma não só de a Universidade não ser prejudicada, mas até de ser ainda beneficiada, pois se por um lado lhe eram diminuídas, ou se concordava lhe fôssem diminuídas algumas verbas (julgadas de menor interêsse), pelo outro diferentes somas eram alteradas ou acrescentadas, e a Universidade receberia ainda naturalmente mais do que se temia perdesse. Quanto ao prestígio moral da Universidade, não se disseram palavras, não se fizeram solicitações que não procurassem impedir, aliás muito justamente, que êle fôsse melindrado; e quando o aludido parecer da Comissão começou a ser discutido, é também do conhecimento geral que dois senhores Deputados que logo falaram, um dos quais o distinto parlamentar sr. Cunha Leal, meu antecessor nesta reitoria, tomaram espontâneamente a defesa da Universidade, e estou muito certo assim continuaria a suceder, com outros srs. Deputados, por seu movimento espontâneo ou então convencidos da justiça que lhes assistia porque lha havíamos mostrado, se se tivesse prolongado a discussão do referido parecer e respectivo orçamento. Sabem todos que esta discussão apenas realmente se iniciou, tendo sucessos políticos de momento abreviado os trabalhos parlamentares. É certo contudo que o Ministro que sucedeu ao sr. Dr. Santos Silva, o sr. Dr. João Camoesas, aqui presente,—e digo-o com muita satisfação,—adoptou no assunto em litígio a maneira de pensar do sr. Dr. Santos Silva, e estou convencido de que se a discussão tivesse prosseguido, as alterações orçamentais a introduzir respeitando à Universidade, seriam as que os srs. Ministros se dispunham a propor competentemente. É com o mais vivo prazer que lhes manifesto, na presente ocasião, o meu reconhecimento.

Mas o que do ponto de vista económico pôde mostrar-se como benefício realizado e inapreciável, foi o decreto com fôrça de lei, n.º 11.192, promulgado em fins de Outubro último, e pelo qual se abria para a Universidade um crédito extraordinário de 1.000.000$00, para construção, ampliação e aperfeiçoamento das suas instalações, e aquisição de material, nos diversos institutos e serviços em que estes melhoramentos mais urgentes e necessários se revelavam.

Na consecução dêsse de tal modo relevante donativo, assim feito à Universidade, cuja história, aliás fértil em demonstrações de aprêço dos poderes do Estado, não regista contudo um facto semelhante, foi de capital influência o actual Ministro das Finanças, sr. Dr. Tôrres Garcia, em quem encontrei o mais desvelado propósito de prestar um grande serviço a esta Casa e que levou a sua nobre intenção ao ponto de me dizer: eu desejo prestigiar a Universidade na pessoa de

V. como seu Reitor. Permitam-me, senhores, que aqui revele estas palavras — por mim jàmais serão esquecidas! — pois tenho sobretudo o desejo de pôr em relêvo a generosidade delicada e isenta de quem as pronunciou, e a sua ambição de prestígio para esta Casa.

Escusado será aduzir provas, argumentos ou sequer leves comentários para se poder ponderar quanto o benefício à Universidade, pelo facto do decreto com fôrça de lei n.º 11.192, representa de difícil e grande. Tudo resultaria em demonstração, senão mesquinha, pelo menos supérflua. Mas, na iniciativa daquele decreto, não poderei esquecer, além do sr. Ministro da Instrução e dos outros seus colegas do actual Gabinete, o seu digno Presidente, sr. Dr. Domingos Pereira; todos com uma elevação e uma firmeza que devemos reconhecer e agradecer, ajudaram a que se consumasse.

Eis o que de mais notável em matéria de êxitos e triunfos se tem dado ùltimamente na Universidade e se tem reflectido ou virá a reflectir-se na nossa Pátria.

Aos nomes que pude ir citando e justamente enaltecendo, no decurso desta exposição, aliás sumária, não posso deixar de juntar o do sr. Professor Anselmo Ferraz de Carvalho, Vice-reitor da Universidade; no exercício do seu cargo e em todos os trabalhos que tragam benefício a esta Casa, dedicadamente tem prestado e vai prestando a sua colaboração. Já na Comissão executiva do Congresso de Sciências, como Vice-presidente, e ao lado do seu Presidente e do Secretário, o sr. Dr. Joaquim de Carvalho, emérito Director da Imprensa da Universidade, e dos distintos vogais da Comissão, prestou serviços que se lhe devem justamente reconhecer.

Se tudo isto que me é tão agradável recordar tem tido nesta exposição necessária oportunidade, não deverei também esquecer o que nos causa pena e luto. Refiro-me à morte do Professor da Faculdade de Medicina Dr. Pedro José da Silva Basto, e à da ilustre escritora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos; refiro-me ainda ao falecimento do estudante da Faculdade de Letras, António Braga da Silva Gaio, filho do sr. Secretário Geral da Universidade, Dr. Manuel da Silva Gaio, estudante por todos tão estimado e que deixou entre estudantes e professores saüdosas recordações — além da permanente dor no coração de seus Pais. Aqui registo, e bem sei poder dizê-lo em nome da Universidade, por êsses casos infaustos, o nosso sentimento.

Não posso deixar de aludir agora a algumas aspirações da Universidade. Fá-lo-ei ràpidamente e desde umas que podem considerar-se mais modestas até outras mais levantadas. Estão entre tôdas elas, sem descriminação de classe, a criteriosa equiparação de cate-

gorias de alguns funcionários como o sr. Guarda-mor, os srs. bedéis, os srs. archeiros, certos empregados do Instituto Geofísico, do Observatório Astronómico, da Secretaria e da Biblioteca Geral; o contrato que se desejaria efectuar, pela Faculdade de Sciências, com o sábio matemático Professor Nicolau Kryloff, da Universidade de Kieff; a reorganização da Biblioteca Geral, tesouro cujo valor não é susceptível de computar-se; a reorganização das duas repartições da Secretaria; a extensão universitária segundo as diferentes Faculdades, por exemplo, a de Letras, pelo desenvolvimento da sua Revista, pela criação dos Institutos estrangeiros (como o Alemão, já fundado), pelos cursos de férias e de filologia portuguesa; a ampliação, aperfeiçoamento e reorganização do Arquivo da Universidade, e o alargamento das instalações da Faculdade de Direito e Instituto Jurídico; o aperfeiçoamento de alguns laboratórios como o de Mineralogia, o de Física, o de Anatomia, o de Histologia, os da Faculdade de Farmácia; a remodelação do de Química; o impulso à *Revista da Universidade* e às outras publicações universitárias, como as de Zoologia, Botânica, Mineralogia, Geofísica e Astronomia; a ultimação das obras de construção já começadas ou adiantadas e o incentivo propulsor às que vão começar-se, tal a da Maternidade; emfim, se me é permitida esta ambição, uma reorganização geral da Universidade, de modo que tôdas as partes em seu desenvolvimento próprio e bem lançado contribuam para a harmonia e elevação do conjunto, a unidade universitária, a Universidade, e esta possa ainda tornar-se uma verdadeira *alma-mater* espiritual, assumindo esta qualidade com tôda a segurança, — coração aberto às mais generosas ousadias, mãe pronta a todos os sacrifícios.

Mas isto me leva, para concluir, a um ponto que me propunha tocar desde o início desta modesta alocução. Falei agora de sacrifícios e de generosas ousadias, e falei, em outros momentos, da nossa Pátria. A Universidade deve colocar-se bem dentro de tôdas estas coisas, e ela que é uma das mais antigas do mundo e na era moderna um dos centros intelectuais mais antigos e prestigiosos, tem quási o dever, tem sem dúvida o dever de assumir na nossa terra uma função elevadamente orientadora e dirigente. Que sejam para isso os nossos melhores esforços, a vontade mais resoluta (sem deixar de exercer-se pelos processos mais límpidos), que o êxito, a consecução de semelhante e tão nobre objectivo, dar-se hão necessàriamente.

Está-se debatendo hoje, na consciência dos Portugueses, uma questão importante, a colonial. Ambições se despertaram, tremendas, e acredita-se talvez que a nossa Pátria deixará que passem sôbre

o seu corpo para que se consumem estas ambições. O nosso domínio colonial, assim dito, não deve ser considerado por nós dêste modo, mas sim como a extensão do próprio solo da Pátria. Para termos sôbre êle os mais sagrados direitos, para lhe dedicarmos o mais indissolúvel afecto, basta havermo-lo regado desde séculos com o nosso sangue e fertilizado com os nossos sacrifícios. Se mesmo outra coisa de grande ali não tivéssemos feito, — o que está longe de admitir-se, — aquela seria mais que bastante — para revelar ilegítimas ou perversas as ambições de expoliação e para repeli-las até às mais graves perdas ou os mais dolorosos triunfos.

Tenho orgulho em assim me exprimir dêste lugar, na presença de todos vós, com o prestígio que nos pode conceder êste momento solene. Que a Universidade, especialmente Professores e Estudantes, sintam bem quanto devemos à Pátria e se disponham agora e sempre a mostrar-se como um dos seus mais firmes apoios, guia e orientador dos mais preclaros e seguros.

Praticando dêste modo, todos cumpriremos o nosso dever.

Tenho dito.

DR. HENRIQUE DE VILHENA.

Discurso

PRONUNCIADO NA ABERTURA SOLENE DA UNIVERSIDADE,
EM 16 DE OUTUBRO DE 1926

Ex.mo Senhor Presidente do Govêrno da República:

A Universidade de Coimbra muito se honra em, mais uma vez, receber a visita dos altos representantes da República Portuguesa. E apresenta a V. Ex.a, Senhor Presidente do Govêrno, e ao Ex.mo Ministro da Instrução, com as suas boas vindas, muitos agradecimentos cativados. Se muito folgamos com o facto de serem pessoas tão distintas como V. Ex.as aquelas que neste momento se acham revestidas dessas elevadas qualidades oficiais, é motivo de aumento da nossa satisfação o verificar que o Ex.mo Ministro da Justiça e dos Cultos não se quis esquecer de que é sua também esta velha Casa, onde, a-pesar-de ainda novo, tão brilhàntemente acreditou, de há muito, aqueles méritos que, para desvanecimento nosso, por todos lhe são reconhecidos.

E, desta forma, a representação do Govêrno da República Portuguesa na solenidade da abertura da Universidade de Coimbra apresenta-se-nos sobremodo penhorante e especialmente grata.

Esta velha Universidade, Excelência, pouco mais nova do que a Pátria, vai em sete séculos que a conhece e que aprendeu a amá-la e a servi-la. Porque, através dos tempos, prósperos ou adversos, sempre os antigos Estudos de D. Denis desejaram e procuraram concorrer para o bem de Portugal!

Acompanhando o País nos seus progressos, sofrendo com êle nas suas crises, em tão longa vida, tem a Universidade de Coimbra tido, como aquele, dias de desigual fortuna.

O sistema da autonomia, de que já nos fins do regímen extinto se fizera uma proveitosa experiência, foi verdadeiramente pôsto em prática com o advento da República. E, com esta, com a autonomia concedida e com muito mais largos recursos do que aqueles que até então lhe haviam sido facultados, a nossa Universidade, como as

novas irmãs suas de Lisboa e do Pôrto, pôde marcar dilatados avanços e realizar melhoramentos notáveis, que cada vez mais se vão acentuando.

Mas à República, que tão propícia foi aos organismos universitários, não tem a Universidade de Coimbra faltado com a prestação de uma contribuïção utilíssima, não menor do que aquela que, em tempos, prestara ao velho Estado.

Se é certo que os cuidados e os hábitos do estudo, em geral, antes concorrem para reter no remanso de Coimbra aos seus professores, do que os soliçitam para a agitação da vida pública, não deixa de ser certo também que, para esta, já no tempo da República, tem a Universidade produzido uma importantíssima parcela dos seus melhores valores. Não vem fora de propósito lembrar que, de entre os oito membros do seu primeiro Govêrno, a República veio buscar dois professores dos mais ilustres de Coimbra, teve outros dois condecorados com a máxima graduação académica e, ainda, dos quatro restantes, um foi, com fartos louros, diplomado bacharel por esta Universidade. E a Universidade de Coimbra pode orgulhar-se de que, de sete Chefes do Estado Republicano, dois foram retirados de entre os membros do seu corpo de professores, um doutor, outro licenciado, que desta casa saïram, e outro ainda aquele tão premiado bacharel ao qual acabei de referir-me.

No actual Govêrno, como acontecera no que imediatamente o precedeu, encontra-se uma representação honrosa desta Universidade. E nos mais anteriores governos republicanos, com as suas diversas e sucessivas modalidades, igualmente Mestres e graduados desta Escola sempre procuraram bem servir Portugal e a República.

Com as suas diversas modalidades, eu dizia... Porque, na Universidade, estas também se encontram: nos professores republicanos, como naqueles que antigamente serviram o Portugal monárquico, não há apenas um único modêlo de pensar. E, desde os mais avançados ideais, até ao modo de ver conservador daqueles que julgam êsses ideais desproveitosos, na Universidade de Coimbra cabem tôdas as opiniões que, por caminhos diferentes, só têm por fim servir o Estudo, a Sciência e Portugal. ¡Porque a tolerância mútua e o respeito pela liberdade alheia e pelas opiniões que não são as próprias garantem pacìficamente a todos, da maneira mais eficaz e proveitosa, a mais respeitável e, felizmente, também, a mais incoercível de tôdas as liberdades, que é a do pensamento!

¡E, assim, dentro da concordância unânime, do propósito de cada um e de todos cumprirem com dedicação os seus deveres, a República, à qual a Universidade de Coimbra muito deve, e ainda mais

espera que ficará devendo, aqui tem encontrado e encontrará sempre quem lhe queira e a sirva, com espírito de sacrifício e com uma isenção honrada!

EXCELÊNCIA:

Depois que a autonomia universitária começou a ser praticada, houve um período durante o qual as liberdades concedidas sofreram um cerceamento apreciável. Se me é grato consignar que foi um Professor desta Universidade, o Sr. Doutor Mendes dos Remédios, que, na sua passagem efémera, mas bem aproveitada, pelo Ministério da Instrução, restituiu às Universidades as regalias suprimidas, não me é menos grato notar que ao Exmo Ministro actual se deve a clara consolidação e o fortalecimento da autonomia das Escolas Superiores, que em o novo Estatuto da Instrução Universitária se revelam.

Por êsse facto, pelos seus cuidados e esforços no sentido de melhorar o ensino superior e de atender, na medida do possível, na hora actual, a situação económica do seu professorado, tornada verdadeiramente angustiosa para muitos, o Exmo Ministro bem merece os aplausos e os agradecimentos de todos. E a Universidade de Coimbra sentir-se há feliz se vir utilizada a sua colaboração efectiva, a fim de que o novo Estatuto e as suas leis complementares possam vir a marcar, sôbre a legislação precedente, um assinalado e fecundo esfôrço, para o desenvolvimento do Ensino e das Sciências em Portugal.

Ao ano lectivo findo, Sr. Presidente, a nossa Universidade adquiriu estimáveis elementos para o seu corpo docente; mas essa vantagem não pode fazer-nos esquecer a perda de outros, ¡perda que nos encheu de mágoa e nos cobriu de luto! Quer retirados de há muito da actividade docente, pela doença, como o Dr. Francisco José da Silva Bastos, ou pela idade, como o Dr. Bernardo de Madureira, quer atingidos no pleno auge de um labor honrável para a Universidade, proveitoso para a Sciência e glorificante para Portugal, como a Dr.ª Carolina Michaëlis de Vasconcelos e como o Dr. Luciano Pereira da Silva, todos êsses que morreram foram professores dignos e do mais reconhecido préstimo. ¡Todos foram merecedores de que, neste momento, publiquemos quanto a sua Universidade lhes ficou devendo e quanto dêles ficará guardando uma larga recordação saudosa!

Não foi o ano findo regular no seu desenvolvimento.

No seu início, um prolongamento de exames que atingiu os fins de Dezembro, e, no final, os acontecimentos que levaram ao pertinaz afastamento dos alunos da freqüência e das provas últimas vieram fazer com que pouco proveitoso para os escolares e de pouca satisfação para os mestres possa ter sido êsse passado período. E uma não estimável herança dêle nos fica, sob a forma de uma nova época extraordinária de exames para o ano lectivo que começa, a qual será causa segura de embaraço e de perturbação sensível.

É de todo o ponto conveniente que os srs. estudantes se convençam de que são êles as primeiras e as principais vítimas dum processo defeituoso de mostrar e de fazer valer as suas opiniões; e de que, pelo contrário, antes devem proceder utilizando um princípio que o actual estatuto reproduz dos anteriores e que encontra raízes longínquas no passado. E que se resolvam a participar activamente, por representantes seus, no Govêrno da Universidade a que pertencem e que lhes pertence também.

Brevemente, nos termos da lei, as convocações serão feitas para as eleições respectivas; e é de esperar que os srs. estudantes, acorrendo a elas, escolham quem possa zelar com acêrto e com a necessária constância os interêsses dos alunos. Interêsses, afinal, que são, fundamentalmente, aqueles que os mestres sempre procuraram garantir, mas melhor e mais fàcilmente garantirão ainda, quando haja quem, em forma regular e proveitosa, lhes transmita e com êles ventile os pontos de vista da população discente.

Será, então, o momento de, cuidadosamente, serem tratadas questões que tanto interessam à nossa vida escolar: como a da prática desnorteada de desportos violentos, que convém combater; a da repressão do jôgo no meio universitário que Coimbra é; a melhoria das instalações caseiras dos estudantes, que, actualmente, estão longe, em regra, de ser o que a higiene recomenda; o rejuvenescimento dessa simpática instituïção da Filantrópica Académica, criada por estudantes para estudantes, e que estudantes, de-certo, não quererão deixar morrer... De todos êsses pontos, o Senado Universitário se tem ocupado já; quási sempre por iniciativa tenaz do Sr. Prof. Dr. Henrique Teixeira Bastos, que tem dedicado muito do seu tempo ao estudo das condições sociais e morais da vida do estudante coimbrão. ¡Eu faço os melhores votos para que, emfim, no Senado, venha a encontrar-se quem, de lá, para junto dos novos, leve e faça desen-

volver e florescer em realizações fecundas um pouco do entusiasmo que, para bem daqueles, nos mais velhos se cultiva e carinhosamente mantém!

Se a memória dos nossos mortos foi assinalada, também o deve ser por nós a de mais alguém ainda. Essa será a do português benemérito que, morrendo longe da Pátria, após uma longa vida de aturado labor, deixou à Universidade de Coimbra, como a outras quatro instituïções nacionais dignas do seu interêsse, uma avultada herança. Os melhores cálculos computam, para a Universidade, em cêrca de mil contos a dádiva generosa. De Alexandre de Sá Pinto pouco sabemos ainda, além da notícia dos legados da sua grande fortuna, que assim fez reverter, como devotado patriota, em proveito da sua Terra distante. ¡Mas uma vida de trabalho que leva a um resultado tal, em vez de ser fonte de desperdício ou de satisfação de vaidades, é incontestàvelmente a de um grande, a de um honrado Português!

Agora, apenas, aqui se faz uma singela e grata menção de tão louvável exemplo. Porque a Universidade de Coimbra não deixará, mais tarde, de comemorar especialmente tal facto de condigno modo, como tão justo se torna. E bem poderá acontecer que a própria aplicação que venha a ser feita da herança que recebe de tão grande benemérito, seja, da parte da Universidade, já uma forma e das mais significativas, de lhe memorar o benefício e de lhe honrar o nome.

Tanto mais digno de relêvo é êste facto quanto é certo que não se encontra em Portugal, vulgarmente, repetição do proceder generoso dos numerosos particulares que, nos países estrangeiros, acodem em socorro e auxílio das universidades respectivas. Contudo seria ingratidão o esquecer que, últimamente, mais alguns actos semelhantes houve feliz ensejo de apontar. Assim, a contribuïção de duzentos contos que, acedendo a solicitação do antigo Reitor desta Universidade Sr. Capitão Francisco Pinto da Cunha Leal, várias firmas de Lisboa ofereceram no penúltimo ano lectivo; e a dádiva de dois mil escudos (que por ser mais modesta não deixa de ter alto significado também) com que a Comissão de Iniciativa e Turismo de Coimbra concorreu no ano findo para subsidiar o Curso de Férias da nossa Faculdade de Letras, curso que, uma vez mais, deu tão brilhantes resultados.

E, deixando o que diz respeito a iniciativas particulares ou de organismos locais, não pode ficar sem nota especial e agradecida a concessão de mil contos à Universidade de Coimbra, feita neste

mesmo ano que acabou, sendo Ministro das Finanças o Sr. Dr. António Alberto Tôrres Garcia e Reitor desta Universidade o Sr. Dr. Henrique de Vilhena. Não foi êste o único acontecimento feliz do tempo da Reitoria do ilustre Professor: porque, para mais não citar, o terceiro Congresso Luso-Espanhol para o avanço das Sciências, a primeira reünião dos Dias Médicos Portugueses e o Congresso dos Mutilados da Guerra, que na Universidade se realizaram com tanto brilho, tiveram dêle o melhor incentivo e nêle encontraram o mais largo acolhimento.

Mas os referidos benefícios excepcionais, que tão gratamente aqui lembramos, não podem dispensar uma contribuïção habitual e directa do Estado, para o prosseguimento das obras e dos grandes empreendimentos em marcha. E, bem perto de nós, o edifício da Faculdade de Letras, mais longe o edifício do Instituto de Antropologia, mais distante ainda, a Maternidade, e, de muitos, para exemplo, só aponto estes, são destinos bem escolhidos para os benefícios do Estado.

Lamentamos, Senhor Presidente, que a tirania da escassez do tempo não permita a VV. Ex.as uma minuciosa visita a tôdas as instalações universitárias em dia de funcionamento útil. Porque, se VV. Ex.as vêem hoje a Universidade de Coimbra praticando tradicionais costumes e usando de velhas fórmulas, então a veriam, nos seus laboratórios, institutos, clínicas e bibliotecas, trabalhando nas mais actuais e adiantadas normas. E, assim, poderiam VV. Ex.as verificar que o amor que a velha Universidade mantém à tradição não lhe impede nem, de maneira alguma, dificulta o seu rápido andar nos mais modernos caminhos da sciência.

Êste velho, mas sempre rejuvenescido Instituto, é digno da Nação e do interêsse que a República lhe tem votado. Os Govêrnos de-certo o reconhecem e continuarão prestando à Universidade tradicional a carinhosa assistência que lhe é devida. E eu, em nome dela, tenho a honra de saüdar na pessoa de V. Ex.a a República Portuguesa, cujos destinos, que V. Ex.a serve com o seu espírito rectilíneo de soldado português e que eu desejo grandes, actualmente estão confiados, Senhor General, às suas mãos leais!

DR. FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO.

Discurso

LIDO NA SESSÃO INAUGURAL
DO I CONGRESSO NACIONAL DOS MUTILADOS
E INVÁLIDOS PORTUGUESES DA GRANDE GUERRA
EM 17 DE JANEIRO DE 1926

Senhor Representante do Senhor Presidente da República.
Senhor Presidente da Comissão Organizadora do Congresso.
Senhores Congressistas.

Nesta sessão inaugural do I Congresso Nacional dos Mutilados e Inválidos Portugueses da Grande Guerra, tenho o dever, a satisfação e a honra de, em nome da Universidade, saüdar Vossas Excelências e apresentar-lhes as boas vindas a êste Instituto scientifico.

A Universidade de Coimbra foi escolhida pela Comissão Organizadora do Congresso para que nela se realizasse esta Assembleia e nela decorressem os seus trabalhos. A Universidade corresponde a uma tão magna dilecção dando aos Srs. Congressistas e ao Congresso uma hospitalidade que deseja calorosíssima, e, acima desta hospitalidade, dando-lhes todo o seu apoio moral, desejando que seja tomado como a actual expressão de alguns dos seus mais puros ideais.

A Universidade aceitará que a vossa causa seja por uma outra ou por outras entidades colectivas tão sentida quando por ela é sentida, mas não pode crer que alguma tenha de vossa causa, direito e lei um sentimento mais intenso do que ela mesma nutre.

A Universidade registará esta Assembleia entre os acontecimentos importantes da sua história. Impressiona-a a significação dêste acto pois sabe o que deve à Pátria e como tem o dever de tributar-se em relação a tôdas as grandes iniciativas de Bem.

Eu vos cumprimento pois, Srs. Congressistas, em nome da Universidade, e saüdo carinhosamente os Mutilados e Inválidos Portugueses da Guerra.

Cumprimento também o Sr. General Sá Cardoso que preside a

esta sessão, e rogo-lhe se digne transmitir ao Senhor Presidente da República, o qual está aqui representando, as homenagens respeitosas da Universidade.

(Em seguida falei do Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, cuja dedicação pelos Mutilados da Guerra ninguém excedeu, cujo nome deveria ficar ligado à lembrança daquela sessão, e pedi que todos repetissem comigo: Viva a memória de Aurélio da Costa Ferreira!)

DR. HENRIQUE DE VILHENA.

Discurso

LIDO NA INAUGURAÇÃO DA LÁPIDE
VOTADA AOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
QUE MORRERAM NA GRANDE GUERRA
— 18 de JANEIRO DE 1926 —

Senhor Representante do Senhor Presidente da República.
Senhores Professores.
Senhores Estudantes.
Senhores Congressistas.

¡O dia de hoje ficará sendo uma data memorável para a Universidade! Inaugura-se uma lápide em saüdosa homenagem aos estudantes da Universidade que morreram na Grande Guerra. Pode dizer-se isto assim, com esta crua simplicidade, e diz-se logo uma coisa natural, necessária, singela, mas enorme. Diz-se que alguns dos filhos desta Universidade, alguns dos seus estudantes se bateram pela sua Pátria e morreram; que cumpriram o seu dever e morreram cumprindo-o. ¡Não há nada mais simples e, ao mesmo tempo, nada tão belo!

Esta lápide, não longe da qual um dia se deverá colocar aquela em que se gravem os nomes dêsses rapazes de dever e honra, fica atestando o seu heroísmo preclaro e desataviado, fica testemunhando-o como se fôsse uma lágrima dos nossos corações que se tivesse empedernido e restasse para além dos anos e os anos, através os séculos, emquanto durar esta Casa, esta Universidade...

E falo assim, meus senhores, sabendo bem que neste momento perguntais, em vossas almas, com a descrença e o scepticismo da época:

¿¡E esta nossa terra, êste nosso mesmo Portugal durarão?!

Sim, hão-de durar, perdurar, eu lhes respondo com a convicção mais firme, e precisamente porque hão-de sempre ter nos seus filhos quem os defenda, quem por êles se entregue e se sacrifique — ¡sublime e todavia singelo sacrifício! — como o fizeram os nossos estudantes vitimados, e tantos, tantos, tantos outros, uma cohorte nobilíssima!

MEUS SENHORES:

Na vida de agora, para sermos prestáveis e prestimosos à nossa terra, precisamos de exercer a actividade de um trabalho constante, que será também o mais possível desinteressado pessoalmente, e, nesse labor diário, tantas vezes as dores morais e as emoções suaves ficam esquecidas...; avançamos de cabeça sobranceira, o gesto desembaraçado, e, não raro, nesse hábito, parecemos frios, secos, duros. Mas chegamos a um momento como êste e não há que fazer senão parar, inclinarmos a fronte cheios de comoção, na lembrança saüdosa e respeitosa dos nossos irmãos que morreram — ¡tão novos! — ¡no cumprimento do seu dever! Estamos num dêsses momentos, e eu e todos nós inclinamos as frontes e meditamos, saüdosos e comovidos, nesses rapazes que morreram cumprindo o seu dever.

Que êste momento de compunção, meus senhores, nos encha todavia de energias, e que estas sejam postas ao serviço da Pátria. É a melhor homenagem que podemos prestar à memória daqueles que lhe deram a sua vida. ¡Que as nossas saüdades, a nossa dor, se transformem sempre, sempre, na fonte mais pura das mais nobres dedicações!

Disse.

DR. HENRIQUE DE VILHENA.

Discurso

LIDO PELO DIRECTOR DA FACULDADE DE MEDICINA
NA INAUGURAÇÃO DA MESMA LÁPIDE

Senhor General Representante de S. Ex.cia
o Senhor Presidente da República.
Senhor Reitor.
Senhores Professores e Estudantes.
Senhores Combatentes da Grande Guerra.
Meus Senhores:

¡A Universidade de Coimbra, por iniciativa do seu digno Reitor, hoje presta uma homenagem, propositadamente singela mas cheia de comovida sinceridade, à memória dos seus filhos espirituais que, em campos de batalha de terras distantes, sacrificrram, no altar da Pátria, a sua juventude em flor!

¡Esta homenagem não é nem podia ser, apenas por si só, o pagamento da nossa grande dívida, pelo exemplo excelso que êsses mortos queridos a nós deram e pela glória que, êles, à velha Universidade facultaram!

Não é, não deve ser mais, esta homenagem, do que o reconhecimento público da existência dessa dívida. ¡Porque a Universidade tem a consciência plena de só a longo praso, continuadamente e pelos tempos além, poder ir amortizando dívida tão grande! ¡E, para isso, cada um de nós terá de ir dando, sempre, as provas de que saberia, em tão nobres exemplos, colher o incentivo, se êle fôsse necessário, para um procedimento digno de quem teve a honra de nascer em Portugal!

Quando tanta lama se levanta, a enturvar cada vez mais o charco de ignomínia onde chafurdam tantos. Quando, nesse charco, sossobram vilmente imerecidas reputações de brio e de honra, e, até, por vezes (mais triste, ainda, é dizê-lo) diistinguem as côres superficiais de um patriotismo fingido, de alguns que só por engano da natureza poderam, num dia nefasto, nascer no solo bemdito desta Pátria. ¡Nesta época, Senhores, que vamos atravessando, é bem

preciso que se evoquem e se exaltem as figuras grandes, do passado e do presente, do velho, do glorioso Portugal!

¡Bemdita seja, pois, a memória dêsses que morreram a servir a Pátria! ¡E bemditos os vossos nomes, de vós Senhores Mutilados, que pela Pátria destes a saüde e parte também da vossa vida!

¡Será sempre pouco todo o preito que testemunhemos a quem soube mostrar, à juventude e aos velhos, que é necessário conservar, vivo e desperto, fôgo sagrado e sempre mais ardente, o amor pela Terra em que nascemos e que aos nossos filhos havemos de legar como dos nossos maiores a recebemos: independente, gloriosa e livre!

Dos estudantes da Universidade, bastantes lá foram, à guerra, oferecer a sua mocidade sàdia, cheia de esperança e forte. ¡Foram muitos; e não vieram todos! ¡E, daqueles que vieram, alguns haviam deixado por lá, muito da sua saúde, do seu vigor, das suas justas esperanças num futuro mais próspero do que aquele que, infelizmente, agora se prevê que será o dêles!

¡Nós, os que, por termos sido seus mestres, não tivemos a honra de ir à guerra, nem por isso deixamos de apreciar bem quão grande foi o sacrifício seu e especialmente o de aqueles que não mais voltaram! ¡É bem grande e austera a lição que recebemos dessas crianças, de quem tivemos a honra de ser mestres e de cuja memória temos, agora, a honra maior de nos confessar discípulos!

¡Nunca mais do que a propósito de tão belo exemplo se deverá reconhecer a verdade da frase de que «os mortos mandam»!

¡E eu lembrar-me hei perduràvelmente e nenhum de nós, por certo, jamais se poderá esquecer de que a sua vida e deram Êles — êsses moços gentis! — para que não, morresse a Pátria, para que sempre Ela mais se engrandeça, para que, sempre, glorioso e altivo,

VIVA PORTUGAL!

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO.

O Dr. Luciano António Pereira da Silva

NOTAS BIOGRÁFICAS

Luciano António Pereira da Silva, nascido em Caminha em 21 de Novembro de 1864, matriculou-se na Universidade de Coimbra em 15 de Outubro de 1879, contando portanto 15 anos incompletos.

Cursou durante quatro anos seguidos a Faculdade de Matemática, tendo-se bacharelado em 13 de Junho de 1883, com as seguintes classificações:

1.º accessit em cálculo infinitesimal, mecânica racional e geometria descritiva; *accessit sem gradação* em física (1.ª parte) e física (2.ª parte); *distinção sem gradação* em química inorgânica; *3.ª distinção* em botânica.

Quando em 26 de Julho de 1882 o Conselho da Faculdade de Matemática procedeu, em conformidade com a portaria do Ministério do Reino de 3 de Agôsto de 1853, à classificação numérica dos alunos que, tendo concluído o 3.º ano, podiam dar ingresso na Escola do Exército como candidatos às armas especiais, foi Luciano António Pereira da Silva classificado na 1.ª classe, em 2.º logar.

Por isso, uma vez obtido o grau de bacharel, matriculou-se na Escola do Exército em 1883-1884, como alferes aluno.

Findo o curso de engenharia militar e promovido a tenente, voltou a matricular-se na Universidade de Coimbra, freqüentando em 1886-1887 o 5.º ano da Faculdade de Matemática, que abrangia então a mecânica celeste, a física matemática e a mineralogia e geologia.

Concluíu a sua formatura em 16 de Junho de 1887 com um prémio e a informação final de M. B. 18.

Animado por esta informação, resolveu apresentar-se aos actos grandes da Faculdade de Matemática.

Fêz exame de licenciado em 9 de Janeiro de 1888 e acto de conclusões magnas em 29 e 30 de Outubro do mesmo ano, mantendo num e noutro a informação de 18 valores.

Doutorou-se em 13 de Janeiro de 1889.

Concorrendo a seguir a uma vaga de lente substituto, foi o te-

nente de engenharia Luciano António Pereira da Silva despachado lente substituto de Matemática por decreto de 25 de Abril de 1889, tomando posse 5 dias depois, a 30.

Tendo falecido em 14 de Janeiro de 1893 o Dr. José Joaquim Pereira Falcão, director e 1.º astrónomo do Observatório Astronómico da Universidade, originou êste falecimento uma vaga no quadro dos astrónomos, indo o Dr. Luciano ocupar o lugar de 3.º astrónomo, para que foi nomeado por decreto de 13 de Julho de 1893 (posse em 25 do mesmo mês e ano).

Foi despachado lente catedrático por decreto de 9 de Janeiro de 1902, tomando posse 7 dias depois, a 16. Foi colocado na cadeira de cálculo diferencial e integral.

Pelo falecimento em 1904 (2 de Agôsto) do Dr. Rocha Peixoto, catedrático de mecânica celeste e 1.º astrónomo, foi o Dr. Luciano transferido para esta cadeira, sendo nomeado também 2.º astrónomo.

A partir de Março de 1913, acumulou com o serviço da sua Faculdade o de professor da Escola Normal Superior, onde regeu as cadeiras de metodologia das sciências matemáticas e história da pedagogia. Nomeado director desta escola por decreto de 20 de Novembro de 1915, exerceu êste lugar até à extinção da mesma (decreto de 22 de Outubro de 1924).

Restaurada a Escola por decreto de 7 de Fevereiro de 1925, recusou-se a continuar na sua direcção, não obstante as instâncias dos colegas, tendo sido nomeado director o Dr. Eusébio Tamagnini (decreto de 14 de Março de 1925).

Quási ininterruptamente até ao seu falecimento exerceu o Dr. Luciano o magistério. Há a descontar apenas, no triénio de 1901-1903, os meses em que funcionou o Parlamento, onde tomou assento como deputado [1], e ainda o ano decorrido de 20 de Janeiro de 1909 a 20 de Janeiro de 1910, em que exerceu as funções de Governador civil de Coimbra [2].

Durante cêrca de 13 anos regeu o Dr. Luciano, como substituto, várias cadeiras da sua Faculdade, principalmente álgebra superior e mecânica celeste. Regeu álgebra superior, em substituïção do Dr. Souto Rodrigues, desde os fins do ano lectivo de 1890-1891

---

[1] Foi publicado em folheto (Lisboa, 1903) o seu discurso sôbre instrução secundária, proferido em sessão de 13 de Janeiro de 1903.

[2] Nomeado por despacho de 14 de Janeiro de 1909, tomando posse a 20. Exonerado por despacho de 20 de Janeiro de 1910.

até o encerramento das aulas no ano lectivo de 1891-1892; e regeu ainda uma das turmas em que passou a ser desdobrada a mesma cadeira nos períodos seguintes: desde 28 de Fevereiro de 1898 até ao fim de Dezembro de 1899, 1 dia em Janeiro de 1900, desde Março dêste ano (3 dias) até Dezembro imediato e de 13 de Novembro de 1901 a 17 de Janeiro do ano seguinte.

Em Março de 1893 (4 dias) e em Maio do mesmo ano regeu a cadeira de mecânica celeste, no impedimento do Dr. Rocha Peixoto; e regeu-a regularmente desde Outubro de 1893 até Outubro de 1897, por ter durante êste período aquele professor passado a servir, em comissão, no Obsertório Astronómico da Tapada.

Regeu ainda transitòriamente, como substituto, as seguintes cadeiras:

física matemática, em Abril de 1893;

geometria descritiva, em 30 de Maio de 1893;

cálculo, em Outubro (23 a 29), em Novembro e em Dezembro (2 dias) de 1897; em Janeiro (8 dias), e Fevereiro (5 dias) de 1898; em Janeiro, Fevereiro e em Março (11 dias) de 1900;

astronomia, em Junho de 1901 (3 dias).

Como catedrático de cálculo, regeu esta cadeira em 18 de Janeiro de 1902 e desde 19 de Maio do mesmo ano até à abertura das côrtes em Janeiro de 1903.

Encerradas as côrtes em Maio, e terminada a legislatura, passou o Dr. Luciano a reger regularmente cálculo até ser transferido no começo de 1904-1905 para a cadeira de mecânica celeste, vaga pelo falecimento do Dr. Rocha Peixoto em 2 de Agôsto de 1904. Nela se fixou definitivamente.

Publicou o Dr. Luciano os seguintes trabalhos académicos:

Dissertação inaugural «Pressões desenvolvidas no interior dos líquidos em movimento» Coimbra, 1888; *dissertação de concurso* «Equilíbrio astatico» (Coimbra, 1889).

Em 1913 (1913–1915) começou a publicar na *Revista da Universidade* o trabalho que lhe deu mais renome *A Astronomia dos Lusíadas*, saído depois em *Separata*.

Escreveu ainda na *Revista da Universidade:*

«O livro do Sr. J. Bensaúde—*L'astronomie naütique au Portugal*

à l'époque des grandes découvertes — apreciado pelo Sr. L. Gallois» (1914).

«*Os dois doutores Pedros Nunes*» (1913-1914).

É notável a sua colaboração na *História da Colonização portuguesa no Brasil*, onde escreveu os capítulos 1.º e 4.º do 1.º volume, respectivamente *A arte de navegar dos portugueses desde o Infante a D. João de Castro* e *Duarte Pacheco Pereira, precursor de Cabral*.

Foi colaborador assíduo da *Lusitânia;* do *Jornal das Sciências Matemáticas, Físicas e Natnrais; Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa* e do *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.

Colaborou acidentalmente na *Águia*, na *Revista de História*, no *Arquivo de História e Bibliografia* e na *Ilustração*.

Penas autorizadas farão a análise dos seus escritos, reveladores de grande talento investigador e notável senso crítico. A *Astronomia dos Lusíadas* marca uma nova fase na actividade scientífica do Dr. Luciano, tornando-se a astronomia náutica na época das grandes descobertas a preocupação dominante do seu espírito.

Foram os seus trabalhos neste campo restrito que deram o maior relêvo ao seu nome, tanto no país, como no estrangeiro, sobretudo na Espanha, na Alemanha, no Brasil e na Argentina.

Mas não podem deixar-se no olvido os eminentes dotes de professor do Dr. Luciano, que tinha a arte de tornar atraentes todos os assuntos que na cátedra versava.

O homem completava o professor.

Quer no convívio académico com os colegas ou os discípulos, quer no trato social, a sua afabilidade natural, a sua bonomia inalterável, a sua conversação constantemente polvilhada de humor, faziam dêle um autêntico *charmeur*. De resto, amava ternamente os seus livros, o seu *home* de celibatário, a sua querida Caminha, onde possuía uma velha casa, de ares lavados e rasgados horizontes, que era todo o seu enlêvo, e cujo recheio êle ia acrescentando dia a dia com desvêlo.

Últimamente acariciava a idea de em breve, reformado como general, poder acabar tranqüilamente os seus dias, na risonha vila minhota onde nascera, entre livros queridos e paredes amigas.

Era um feliz, cheio de saúde, de planos de trabalho, de alegria de viver. Dêle se pode dizer com verdade, à maneira francesa: *il goûtait le bonheur*.

Entretanto vagueava livremente em Caminha o doido perigoso que em 15 de Agôsto último o feriu mortalmente.

¡Três dias depois, às 3 horas da tarde de 18, morria o Dr. Luciano!

Grande perda sofreu a Nação. Irreparável é a sofrida pela Universidade de Coimbra.

Do país e do estrangeiro afluíram cartas e telegramas de condolências à Faculdade de Sciências. Do eminente professor de Göttingen, Dr. Hermann Wagner — o decano dos geógrafos alemães — recebeu esta Faculdade a seguinte carta, que merece registo especial:

Göttingen, 15 Sept. 1926. An die Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Sehr geehrte Herren!

Soeben hörte ich durch Dr. Hümmerich in München die mich überaus betrübende Nachricht vom Tode des ausgezeichneten Forschers, Professor Luciano Antonio Pereira da Silva.

Es drängt mich der Facultät, deren Zierde er large Iahre gewesen ist, ein Wort aufrichtigster Teilnahme über den schweren Verlust, den sie durch diesen Tod erlitten hat, auszusprecheu.

Ich selbst betrauere diese unerwartete Kunde in hohem Grade. Denn mit ihm vereinigte mich das Interesse an der Entwicklung der Nautik im Zeitalter der Entdeckungen, welche professor Pereira in meisterhafter Weise zu fördern gewusst hat. Ich vendanke ihm daher reiche Belehrung und hoffte, seit ich mit ihm in persönliche Beziehung gekommen bin, durch ihn noch über so manche Punkte aus jenen dunklen Zeiten aufgeklärt zu werden.

Wenn heute die grossen Verdienste, welche sich Portugal im frühen Zeitalter der Entdeckungen besonders auf dem Gebiete der wissenschaftlichen Nautik erworben hat, in heller Licht gerückt sind, auch in den Augen der anderen Nationen, so verdankt dieses Ihr Vaterland zu nicht geringem Teil Ihrem verstorbenen Kollegen. Ich selbst werde Luciano Pereira da Silva ein dankbares Andenken bis an mein Lebensende bewahren!

Professor Dr. Hermann Wagner, Professor emeritus der Geographie an der Universität Göttingen [1].

---

[1] Tradução:

Göttingen, 15 de Setembro de 1926. À Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Ex.mos Srs. — Com o maior pesar acabo de saber pelo Dr. Hümmerich, de Munich, que faleceu o distinto investigador professor Luciano António Pereira da Silva.

Não posso deixar de dirigir à Faculdade, cujo ornamento êle foi por tantos anos, a expressão mais sincera das minhas condolências pela grave perda que com esta morte sofreu. É que muito me magoa esta inesperada notícia: ligava-nos o inte-

O nome do Dr. Luciano será sempre relembrado com saüdade pelos discípulos, pelos colegas, pelos numerosíssimos amigos, que não poderão esquecer fàcilmente o brilho do seu espírito ricamente facetado e o seu coração de oiro do melhor quilate. Mas os seus últimos trabalhos, a partir da *Astronomia dos Lusíadas,* perdurarão na literatura portuguesa como um monumento de patriotismo construtivo, todo feito de inteligência e de saber.

Amava o seu país, o velho Portugal das descobertas, friamente, lògicamente, com o amor do matemático por um elegante e laborioso teorema da sua lavra.

Rareiam estes altos patriotas num país de meridionais impulsivos como o nosso.

Por isso, sem vislumbre de exagêro, a morte do Dr. Luciano foi verdadeiramente uma perda nacional.

Oxalá venha a frutificar o seu exemplo!

Coimbra, Outubro de 1926.

H. TEIXEIRA BASTOS.

---

rêsse comum pelo desenvolvimento da náutica na época dos descobrimentos, a cujo estudo êle soube dar impulso duma maneira magistral. Devo-lhe nesta matéria copiosa informação; e, tendo-me relacionado com êle, esperava ser ainda esclarecido sôbre muitos pontos obscuros daquele período.

Se Portugal bem merece pelos seus grandes serviços nos primeiros tempos das descobertas — sobretudo pelo que respeita à náutica scientífica — se hoje, até aos olhos das outras nações, estão êles bem patentes, deve-o o vosso país em grande parte ao vosso falecido colega.

De Luciano Pereira da Silva conservarei grata memória até ao fim da minha vida.

Prof. Dr. Hermann Wagner, prof. jubilado de geografia na Universidade de Göttingen.

Índice alfabético dos assuntos

Pág.

Amato Lusitano — Correcções e aditamentos, pelo Prof. Maximiano Lemos:
—— Amato Lusitano nos Países Baixos 1
—— Amato Lusitano em Ferrara 12
—— Amato Lusitano em Veneza 26

Dez casos de anomalias útero-vaginais [Laboratório do serviço do Prof. Gentil (Lisboa), Instituto de histologia e embriologia (Coimbra)], pelo Prof. Geraldino Brites 39

Studien zum «Roteiro» der Entdeckungsfart Vascos da Gama 1497–1499, pelo Dr. Franz Hümmerich:
Vorbemerkung 53
—— I. Das Wörter-und Phrasenverzeichnis aus dem Malayalam 56
—— II. Der Jude Gaspar da India und der geographisch-kommerzielle Anhang des «Roteiro» 85
1. Der geographisch-kommerzielle Anhang des «Roteiro» und die Frage des Gewährsmannes 85
2. Der Jude Gaspar da Gama 93
—— III. Verfasser und Echtheit des «Roteiro». «Roteiro» oder Entdeckungsbericht der «Lendas da India»? 138
1. Die Entwicklung des quellenkritischen Problems . . . . »
2. Die Vermutungen über den Verfasser des «Roteiro» . . 142
3. Der Verfasser des «Roteiro» Gewährsmann Valentin Ferdinands? 152
4. Die Echtheit des «Roteiro» 188
5. «Roteiro» oder Entdeckungsbericht der «Lendas da India»? 224
—— Aus der Valentin-Ferdinand-Handschrift der Bayerischen Staatsbibliothek in München 284

J. J. da Gama Machado, pelo Prof. Alberto Pessoa:
== Prefácio 299
== Parte Primeira — O homem e a obra 305
—— I. A maneira de viver . . . . . »
—— II. A teoria das semelhanças 316
—— III. Os testamentos 352
—— IV. O valor da obra e o estado mental do autor 388
== Parte Segunda — O legado à Universidade de Coimbra 416
—— I. A colecção de cabeças para o sistema de Gall . . . . . »
—— II. As jarras, o busto alegórico e os quadros 455

Pág.

Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a antropologia portuguesa [(Conferência realizada na Secção de Sciências Naturais do Congresso Luso-Espanhol (Coimbra) em 18 de Junho de 1925)], pelo Prof. Eusébio Tamagnini 460

Descrição de um crânio Guanche existente no Museu Antropológico de Coimbra, pelo 1.º Assistente J. G. de Barros e Cunha 473

Sôbre alguns caracteres sexuais dos húmeros portugueses, pelo 2.º Assistente António Temido 485

Alocução proferida no acto solene da abertura da Universidade, em 14 de Outubro de 1923, pelo Dr. António Luís Gomes 556

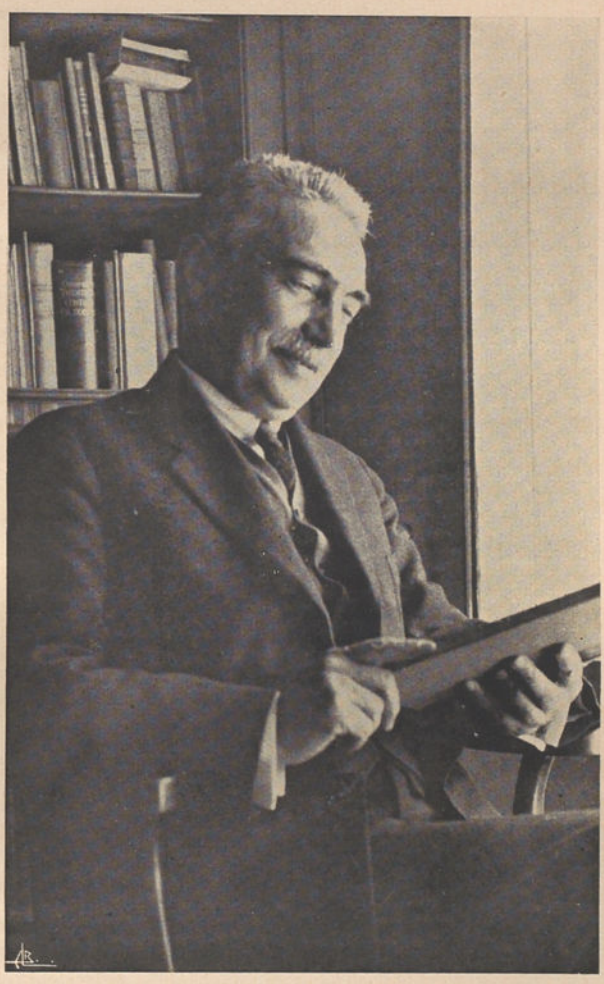
Discurso pronunciado na abertura solene da Universidade, em 1 de Dezembro de 1925, pelo Prof. Henrique de Vilhena 565

Discurso pronunciado na abertura solene da Universidade, em 16 de Outubro de 1926, pelo Prof. Henrique de Vilhena 573

Discurso lido na inauguração da lápide votada aos estudantes da Universidade que morreram na grande guerra — 18 de Janeiro de 1926 —, pelo Prof. Henrique de Vilhena 581

Discurso lido pelo Director da Faculdade de Medicina na inauguração da mesma lápide, pelo Prof. Fernando de Almeida Ribeiro 583

O Dr. Luciano António Pereira da Silva — Notas biográficas, pelo Prof. H. Teixeira Bastos 592



DR. LUCIANO PEREIRA DA SILVA

Índice alfabético dos autores

Pág.

Alberto Pessoa (Prof. Dr.):
J. J. da Gama Machado 299

António Luís Gomes (Dr.):
Alocução proferida no acto solene da abertura da Universidade, em 14 de Outubro de 1923 556

António Temido (Dr.):
Sôbre alguns caracteres sexuais dos húmeros portugueses 485

Eusébio Tamagnini (Prof. Dr):
Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a antropologia portuguesa (Conferência realizada na Secção de Sciências Naturais do Congresso Luso-Espanhol (Coimbra) em 18 de Junho de 1925 . . . 460

Fernando de Almeida Ribeiro (Prof. Dr.):
Discurso lido pelo Director da Faculdade de Medicina na inauguração da lápide votada aos estudantes da Universidade que morreram na grande guerra — 18 de Janeiro de 1926 — 583

Franz Hümmerich (Dr.):
Studien zum «Roteiro» der Entdeckungsfart Vascos da Gama 1497-1499 53

Geraldino Brites (Prof. Dr.):
Dez casos de anomalias útero-vaginais 39

H. Teixeira Bastos (Prof. Dr.):
O Dr. Luciano António Pereira da Silva (Notas biográficas) 592

Henrique de Vilhena (Prof. Dr.):
Discurso pronunciado na abertura solene da Universidade, em 1 de Dezembro de 1925 565
Discurso pronunciado na abertura solene da Universidade, em 16 de Outubro de 1926 573
Discurso lido na inauguração da lápide votada aos estudantes da Universidade que morreram na grande guerra — 18 de Janeiro de 1926 — . . 581

Pág.

J. J. de Barros e Cunha (Dr.):
Descrição de um crânio Guanche existente no Museu Antropológico de Coimbra 473

Maximiano Lemos (Prof. Dr.):
Amato Lusitano — Correcções e aditamentos 1

Índice das estampas

Pág.

Gravuras dos Dez casos de anomalias útero-vaginais:

—— Esquema 1 41
—— Esquema 2 42
—— Esquema 3 43
—— Esquema 4 44
—— Esquema 5 46
—— Esquema 6 47
—— Esquema 7 48
—— Esquemas 8 e 9 51
—— Estampa I (fig. 1-2) 52
—— Estampa II (fig. 3-4) . . . . . »
—— Estamda III (fig. 5-6) . . . . . »
—— Estampa IV (fig. 7) . . . . . »
—— Estampa V (fig. 8) . . . . . »

Gravuras do Studien zum «Roteiro» der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama 1497-1499:

—— Estampa I. — Lichtdruck der erstein seite des anhangs zum «*Roteiro*» mit vokabelu in der sprache von Calecut 56
—— Estampa II. — Lichtdruck der zweiten seite des anhangs zum *Roteiro* »

Gravuras de J. J. da Gama Machado:

—— Estampa I. — Fig. 1. Gama Machado mostrando as suas aves favoritas a D. Luís; Fig. 2. Gama Machado jogando o xadrês com os irmãos siamêses 308
—— Estampa II. — Fig. 1. A tartaruga e o lagarto; Fig. 2. Ovas de bacalhau (órgão da vida); Fig. 3. Cérebro humano (órgão do pensamento) 332
—— Estampa III. — Retrato de Gama Machado 368
—— Estampa IV. — Projecto do túmulo mandado construir no cemitério do Père-Lachaise por José Joaquim da Gama Machado e do caixão de mogno «à Damier» que se relaciona com os trabalhos do autor sôbre as sciências naturais 380
—— Estampa V. — Alguns exemplares da colecção de cabeças para o estudo do sistema de Gaal legada à Universidade de Coimbra por José Joaquim da Gama Machado: Fig. 1. Jésus-Christ; Fig. 2. Jupiter; Fig. 3. Capt. Ross; Fig. 4. Dr. Gall; Fig. 5. François 420
—— Estampa VI. — Fig. 1. Dr. Broussais; Fig. 2. Horace Vernet; Fig. 3.

Pág.

Nevcomb; Fig. 4. Mère de Lecouffe; Fig. 5. Papavoine; Fig. 6. Boutillier 424
—— Estampa VII. — Fig. 1. Wordsworth; Fig. 2. Henri 4.º of France; Fig. 3. General Foy; Fig. 4. Female Georgian; Fig. 5. Avocat très intelligent; Fig. 6. Raphael. 437
—— Estampa VIII: — Jarras legadas à Universidade de Coimbra por José Joaquim da Gama Machado 454
—— Estampa IX: — Busto alegórico legado à Universidade de Coimbra por José Joaquim da Gama Machado. 456
—— Estampa X. — Quadros legados à Universidade de Coimbra por José Joaquim da Gama Machado: Fig. 1. O de Galileu; Fig. 2. O da Inquisição. 458

Gravuras d'Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a antropologia portuguesa:
—— Fig. 1. — Índice cefálico horizontal 464
—— Fig. 2. — Índice cefálico vertical 465
—— Fig. 3. — Índice alveolar. 466
—— Fig. 4. — Índice facial superior 467
—— Fig. 5. — Índice nasal 468

Gravuras da Descrição de um crânio Guanche existente no Museu Antropológico de Coimbra:
—— Fig. 1. — Norma facial. 473
—— Fig. 2. — Norma lateral 474
—— Fig. 3. — Projecção do tetraedro biaurículo-basi-bregmático . . . . . »
—— Fig. 2 *a*. — Norma facial. 475
—— Fig. 2 *b*. — Norma occipital . . . . . »
—— Fig. 2 *c*. — Norma lateral . . . . . »
—— Fig. 2 *d*. — Norma basal. . . . . »
—— Fig. 2 *e*. — Norma vertical. . . . . »
—— Fig. 4. — Secção sagital. Mostrando as alturas e os ângulos 476
—— Fig. 5 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche de Coimbra com o S. 290 do Museu de Berlim. (Coincidência da linha glabelo-iníaca) . . . »
—— Fig. 5 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche de Coimbra com o S. 290 do Museu de Berlim. (Coincidência do Plano Hor. de Francfort) 477
—— Fig. 6 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche com o de Cro-Magnon em contôrno sagital. (Coincidência da linha glabelo-iníaca) . . . »
—— Fig. 6 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche com o de Cro-Magnon em contôrno sagital. (Coincidência do plano horizontal de Francfort) 478
—— Fig. 7 *a*. — Sobreposição do crânio Guanche com o Cro-Magnonoide moderno n.º 50 . . . . . »
—— Fig. 7 *b*. — Sobreposição do crânio Guanche com o Cro-Magnonoide moderno n.º 374 479
—— Gráfico de convergência indefinida dos Crânios portugueses Cromagnonoides modernos e do Crânio de Cro-Magnon com o Crânio Guanche como base 480

Pág.

Gravuras do artigo Sôbre alguns caracteres sexuais dos húmeros portugueses:

—— Fig. 1. — Polígonos de variação da circunferência da cabeça 494

—— Fig. 2. — Polígonos de variação do diâmetro transverso da cabeça. . »

—— Fig. 3. — Polígonos de variação do diâmetro sagital da cabeça . . . 495

—— Fig. 4. — Polígonos de variação da largura da superfície troclear. . . 496

—— Fig. 5. — Polígonos de variação da largura da epifise superior . . . . »

—— Fig. 6. — Polígonos de variação da largura epicondiliana. 497

Retrato do Dr. Luciano António Pereira da Silva. 592

39

Centro ciência viva
SÓMULO DE CARVALHO

